

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO do n.º 49 — Janeiro, 1920

O Momento	REDACÇÃO	3
A Arte religiosa no Brasil	M. MORAES DE ANDRADE	5
Magoa que rala	LIMA BARRETO (conclu- são)	13
Versos	CARVALHO ARANHA	21
Coisas de Espanha	MARTIM FRANCISCO	25
Do archivo de Ubaldino do Amaral	{ CARTAS DE SALVADOR DE MENDONÇA E PRUDEN- TE DE MORAES	34
Paiz de Ouro e Esmeralda	J. A. NOGUEIRA	38
A philosophia de J. Ingenieros	H. GEENEN	44
Na bacia do Prata	ALÍPIO DE M. RIBEIRO	50
Academia de Letras	ARTIUR MOTTA	55
Bibliographia	REDACÇÃO	71
Resenha do mez — (<i>A magia da musica — Um Guarany de geringonça — Tortas e farelos — A quina — O Livro</i>)		80

S. Paulo

1920

Rio

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director: MONTEIRO LOBATO.

Secretario: ALARICO F. CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: José Maria Bello.

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.

Paraná: Seraphim França, Curitiba.

Amazonas: João Baptista de Faria e Souza, Manaus.

Rio Grande do Norte: Henrique Castriciano, Natal.

Parahyba: Alcides Bezerra, Parahyba.

ASSIGNATURAS

Anno 15\$000

Numero avulso 1\$500

Assignatura sob registro no correio: mais 2\$400 por anno.

As assignaturas começam em qualquer tempo e terminam
sempre em junho ou dezembro.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 — SÃO PAULO

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Central



BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes, Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO
LARGO DA MISERICORDIA, 4



ETABLISSEMENTS

:: Société

Anonyme

au Capital de 4.500.000 fracs. ———

Block

**FAZENDAS
E TECIDOS**

RIO DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega

S. PAULO - Rua Libero Badaró N. 14

—— PARIS - 26, Cité de Trévisé ——

Officinas e Garage Modelo

A. DIAS CARNEIRO



UNICO IMPORTADOR DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

Grande stock de accessorios para
automoveis.

**DEPOSITO PERMANENTE DOS
PNEUMATICOS "FISK"**

**Mechanica — Pintura — Sellaria
Carrosserie — Vulcanisação —
Electricidade.**

**Executa-se qualquer encommenda com
rapidez**

TELEPHONES CENTRAL
ESCRITORIO N. 3479
GARAGE N. 411
CAIXA POSTAL N. 534
ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38

AV. SÃO JOÃO Ns. 18 e 20

São Paulo

CANTO LIBERO BADARO'



The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz:

4, Moorgate Street-LONDRES.

Filial em S. Paulo: RUA S. BENTO, 44.

Capital Subscrito £ 2.000.000

Capital Realisado £ 1.000.000

Fundo de Reserva £ 1.000.000

SUCCURSAES : - Manchester,
Bahia, Rio de Janeiro, Porto
Alegre, Montevidéo, Rosario
de Santa Fé e Buenos Aires.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se de compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação de cobrança de letras de cambio. coupons o obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

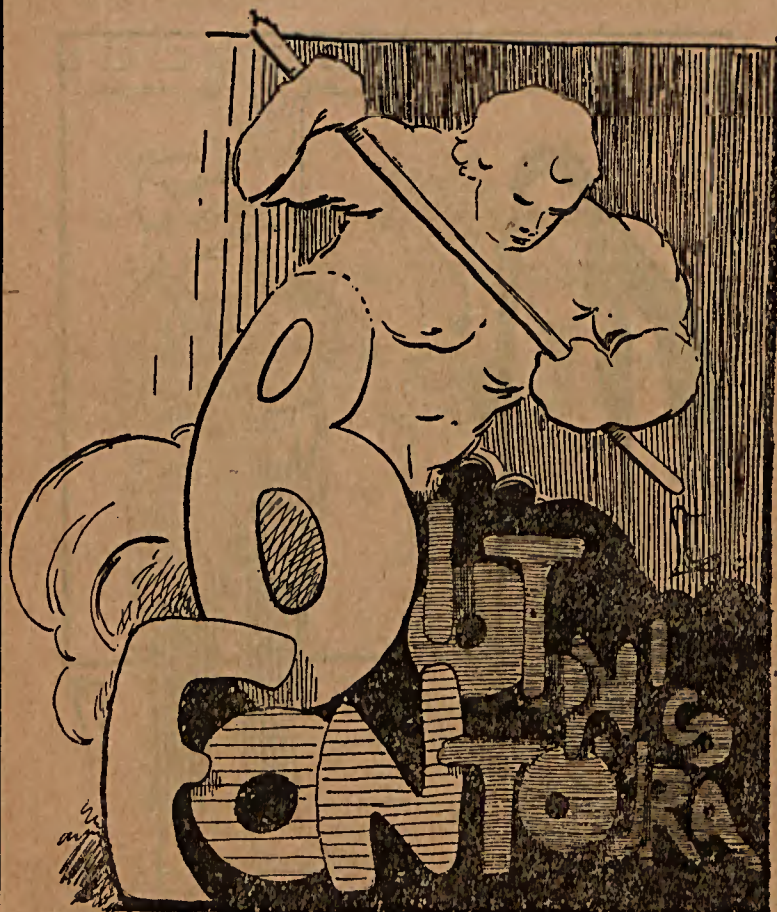
RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA
CORRENTE E A PRAZO FIXO, ABO-
NANDO JUROS CUJAS TAXAS PODEM
SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.



1º VELHO — Parece que hoje é o ultimo dia da minha vida. “Usei tudo” e nada me curou.

2º VELHO — “Usei tudo” — Não. Eu sou muito mais velho do que tú, fui tuberculoso, curei-me e devo toda esta saude e vigor ao Vinho Iodo Phosphatado de Werneck, o grande especifico contra anemia, lymphatismo, escrophulose e depauperamento geral.

COMO VENUS SAHIU DAS ONDAS,
O VIGOR SAHE DO "BIOTONICO"



Eminentes medicos affirmam quo o **BIOTONICO** é o mais completo fortificante. Exerce acção benéfica sobre todos os órgãos, produzindo sensação de bem estar, de vida, de saúde.

O BIOTONICO cura todas as fórmulas de anemia.

Cura a fraqueza muscular. Cura fraqueza nervosa. Augmenta a força e a resistência. Torna as mulheres bellas e os homens viris. Infunde novo vigor aos organismos gastos ou enfraquecidos por molestias, por excesso ou por qualquer outra cousa.

E' notavel sua acção nos organismos ameaçados pela tuberculose.

WILSON SONS & CO., LTD.

Rua B. Paranapiacaba, 10
S. PAULO

CAIXA POSTAL, 523 — ENDEREÇO TELEGR.: "ANGLICUS"

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão
com desvios particulares no Braz e na Moóca.

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . .	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater	Mataborrão
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres . .	Chá da Índia
Read Bros. Ltd., Londres	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburg	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne	Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne .	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull	Preservativo de Madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres . . .	Dynamite
Gotham Co. Ltd., Nottingham	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia .	Ferro em barra e em chapas

UNICOS DEPOSITARIOS DE

SAL LEGITIMO EXTRANGEIRO PARA GADO MARCA
"LUZENTE". SUPERIOR POLVORA PARA CAÇA MARCA
"VEADO", EM CARTUCHOS E EM LATAS. ANIL "AZU-
LALVO", O MELHOR ANIL DA PRAÇA.

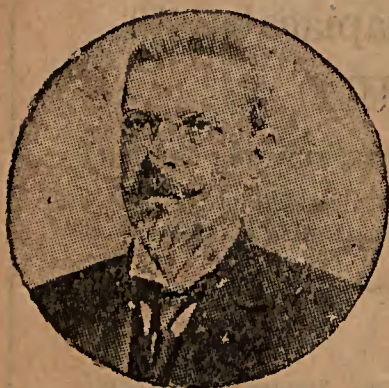
IMPORTADORES DE

FERRAGENS EM GERAL, TINTAS E OLEOS, MATERIAES
PARA FUNDIÇÕES E FABRICAS, DROGAS E PRODUCTOS
CHIMICOS PARA INDUSTRIAS, LOUÇA SANITARIA, ETC.

O Vinho Reconstituente

Recommendado e preferido por
eminentes clinicos brasileiros.

Silva Araujo



"de preparados analogos, nenhum a meu ver, lhe é superior e poucos o igualam, sejam nacionaes ou estrangeiros; a todos, porém o prefiro sem hesitação, pela efficacia e pelo meticoloso cuidado de seu preparo ao par do sabor agradável ao paladar de todos os doentes convalescentes".

Prof. ROCHA FARIA.



"excellente preparado que é empregado com a maxima confiança e sempre com efficacia nos casos adequados".

Prof MIGUEL COUTO.



"é um preparado que merece a minha inteira confiança".

Prof. MIGUEL PEREIRA.



"excellente tonico nervino e hematogéinico applicavel a todos os casos de debilidade geral e de qualquer molestia infectuosa.

Prof. A. AUSTREGESILO.

TUBERCULOSE

INAPPETENCIA

ANEMIA

ESCROPHULOSE.

RACHITISMO

XAROPE DE LIMÃO BRAVO

CURA:
TOSSE, ASTHMA,
COQUELUCHE ETC.



SOC. DE PROD. CHIMICOS
L. QUEIROZ S. PAULO

PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

—◆—
Casa franceza de

L. GRUMBACH & CIA.

—◆—
Rua de São Bento N.º 89 e 91

SÃO PAULO

UNESP Biblioteca - Assis

Class.:

0R050

Tombo/Tit:

1084

REVISTA DO BRASIL

VOLUME XIII

JANEIRO - ABRIL DE 1920

ANNO V



S. PAULO - RIO

BRASIL

20302



REVISTA DO
BRASIL



O MOMENTO

DIRECTOR: MONTEIRO LOBATO

SECRETARIO: ALARICO F. CAIUBY



REVISTA DO BRASIL

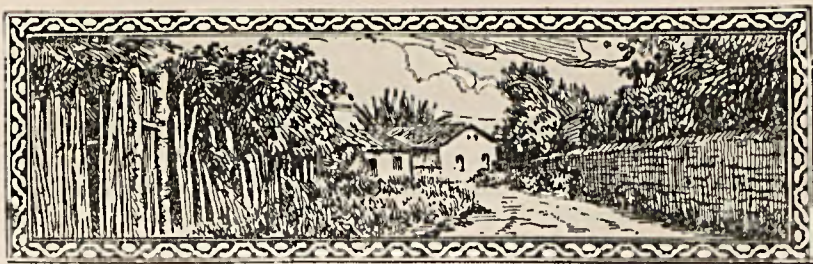
O MOMENTO

Por pregar mais uma vez aos povos desta sua terra a nova era da emancipação á canga dos governismos que a desgovernam, deixou de novo Ruy Barbosa os affazeres seus, de advogado e a calma e o conforto da residencia no Rio de Janeiro, levando para o interior da Bahia o ariete da sua palavra abaladora. Conseguiria o apostolo o seu fim immediato? Malograr-se-ia? Não nos importa isso, que só aos bahianos, directamente, pode interessar o caso concreto das eleições para escolha de um governador ao seu Estado. O que interessa a todos os demais brasileiros, tanto quanto áquelles, é que á evangelisação pelo mestre, seguiu-se um effeito inconcusso, a provar que não foi o esforço vão, nem baldado o sacrificio.

Durante essas eleições e depois dellas, houve na Bahia, da Capital a muitos dos mais reduzidos villarejos, lucta cruenta em derredor das urnas, traduzidas, na sinceridade e irrepressão do impeto dos votantes, em conflictos sangrentos, mortiferos tiro-teios, pugilatos memoraveis. Terá sobrepairado á refrega a esquiua e sempre renomeada — verdade das urnas? Ainda aqui, essa é circumstancia de somenos consideração. Nem tudo se consegue ao primeiro arranque, e muito é já que tenha havido alguém que o desse. E que a arremettida tenha brotado á vóz de Ruy

Barbosa, facto é de lhe justificar a persistencia e a fé com que de ha tanto vem clamando ás orelhas moucas dos accommodaticios brasileiros — fakires da corrupção. Já a Bahia estremece e actúa ante a palavra de um homem. Se tal acção resultou em uma ou outra morte de homem ou ferimento, ou agravo de qualquer natureza, não é isso sobremaneira lamentavel, que antes é de preferir-se a mashorca, ao marasmo. Pobres tabaréus do sertão, ou coactos civis do littoral, de nenhuma outra forma se poderia, com a ineducação encyclopedica nacional, externar-se a sua determinação de alfim agitar-se por alguma coisa. O que, ao invéz, taes refregas estão a referir é que, pelo menos no interior da Bahia se abriga um pouco daquella impavidez irrefreavel, a que se deve o perdurar no outro hemispherio, autonomo por fas ou por nefas, um grande pedaço da apetitosa nação mexicana.

Para seguro deste Mexico sul-americano, é bem que se conservem, no interior de alguns estados privilegiados, as sementes daquella casta de gente que tem a salutar irreflexão para desfechar uma trabucada sobre um adversario. Benemeritos bahianos, para quem uma simples eleição é negocio de puxar faca!



A ARTE RELIGIOSA NO BRASIL

(Conferencia realizada na Congregação da I. C. de Santa Ephigenia).

TRIUMPHO EUCHARISTICO DE 1733

Já nas ultimas tardinhas de Abril percorriam a cidade varios mascararas, mettidos em véstias de phantasiosa gentileza, annunciando ao povo, entre chufas e jocosidades, a approximação do grande acontecimento... Não só em Ouro Preto, mas nas ruas baixas de Antonio Dias e mesmo nos alcantis de Padre Faria de nada mais se occupava a gente que de commentar os festejos que se realizariam com a trasladação do Santissimo Sacramento da capella da S.^a do Rosario para a matriz nova de Ouro Preto. A cada pôr-de-sol, apeando-se das cadeirinhas importadas de França, vivazes damas gentis, instruidas pelo engenheiro Pedro Gomes Chaves, ou por João Francino de Oliveira — o arrematador da empreitada — visitavam as vastas dependencias do edificio. A 3 de Maio, duas bandeiras sahiram á contemplação do povo, indo postar-se uma ás portas da capella, outra no adro da matriz. Traziam ambas a custodia do Sacramento pintada em uma das suas faces, emquanto que á outra destacavam-se no damasco vermelho as imagens, numa da Senhora do Rosario, noutra da Senhora do Pilar, padroeira da futura igreja. Um dia de Ascenção benzeu o templo, commissionedo pelo vigario dr. Francisco da Silva e Almeida, o padre Felix Simões, assistido pelo vario clero, então abundante naquellas paragens de expontanea e fervorosa crença. As dansas, a mascarada galharda, as musicas, as luminárias continuaram o prologo da cerimonia até o dealbar do dia 24 de Maio de 1733. Na ante-manhan já ninguem mais dormia em Villa Rica. Desde o sr. D. André de Mello e Castro, conde das Galvêas, até o mais infimo escravo, todos se aprestavam para

o cortejo singular. Os senhores vestiam sobre as casacas de cabaia ou velludo os balandraus das suas irmandades e partiam para a capella; mas as damas deixavam-se ainda ficar, ante os largos espelhos de bisel de Veneza, ensaiando a mesura mais fina, o sorriso mais alado, mordicando a polpa do labio, avivando a furto o rosado das faces polidas com o peccadilho do carmin. As mucamas iam buscar no fundo das arcas os seus belbutes, os seus chailes, e as arrecadas e cordões de ouro fino.

Tinham-se as ruas tomado de pedestres e homens de cavallo, recém-chegados da Villa do Ribeirão do Carmo e outros districtos proximos; e então nas cercanias da capella do Rosario nem mais um moleque introsca se poderia metter. Do interior della sahiam, de mistura com as rafadas de incenso e luz os sons da musica a dois côros, de grato ouvir. Em nicho de talha caprichosa collocara-se a Senhora tendo no braço, em lugar de Jesus, o Divino Sacramento. Por fim cessaram os sons: surgiu no pulpito a figura illuminada do reverendo dr. José de Andrade e Moraes que, em "doutissimo sermão", finalizou esta primeira parte da solemnidade. Desfilou o prestito.

Por todas as ruas onde tinha de passar, galhardetes, bandeirolas, saraças e colchas polychromas de druguete ou seda pendiam das rótulas abertas e dos balcões esculpidos de jacarandá. Cinco arcos elevados erguiam a chinezice do seu estylo pelas ruas do itinerario: o maior, o mais custoso era todo de cêra, e o sol vinha nelle pousar os raios mansos, dando-lhe uma transparencia milagrosa. Por baixo, suave, avançava a procissão. Começava-a uma dansa militar de christãos e turcos, ao todo 32 figuras, commandados por um alferes e um imperador. Estes eram conduzidos em 2 carros de "excellente pintura", onde tambem iam musicos cantando e tocando. Vinha depois um grupo de romeiros dansando em calma compostura, a que se seguia uma outra dansa de musicos, engalanados de ouro e prata. Apareciam então 2 carros: o primeiro levava uma serpente, o segundo fechado em abóbada vinha-lhe empós. Num momento a abóbada bipartiu-se e della saltou um cavalleiro, forte no gesto, heroico na postura; indo, em patente symbolismo, montar a cabeça do bicho.

A multidão jubilou. Os olhos esbugalhavam-se para gosar: quereriam seguir aquelle quadro commovente, mas era preciso vêr o que de novo se apresentava. Passavam 4 homens "vestidos á tragica", representando os 4 ventos, montando cavallos fagosissimos. "O vento Oeste trazia na cabeça uma caraminhola de tisso branco, coberta de peças de prata, ouro e diamantes, cingida de uma peluta branca, matizada de nuvens



pardas, rematada posteriormente em um laço de fita de prata, côr de rosa, coberto de uma joia de diamantes; ao alto de um cocar de plumas brancas, cingido de arminhos: o peito coberto de plumas brancas, umas levantadas, outras baixas; todas miúdas; guarnecido de renda de prata: o capillar da seda branca de flôres verdes e côr de rosa, guarnecido de franjas de prata; os borzeguins cobertos de pennas; nas costas duas azas e um letreiro do seu nome; na mão esquerda uma trombeta de que pendia um estandarte de cambráia transparente, bordado a mão, guarnecido de laços de fita de prata, côr de rosa e côr de fogo. Era-lhe o cavallo castanho escuro, mosqueado de branco: a sella de velludo côr de ouro, bordada de prata; as crinas de franja de prata, passamanes de ouro, fita côr de rosa sobre chamalote branco, tudo crespo no peitoral, rabicho; e ainda de muitos laços de varia fitaria". Os outros ventos, com as côres que lhes competiam, igualavam o vento Oeste em brilho e bizarría. Continuava a figura da Fama, riquíssima, na posição da Joanna D'Arc de Frémiet, empunhando á destra alçada uma haste macissa de prata, rematada em cruz, donde se desdobrava um estandarte, trazendo pintadas a arca do testamento, a custodia e as letras de ouro "Eucharistia in Traslatione Victrix". Serviam-na criadagem a pé e Mercurio, distribuindo ao povo "elegantísimos poemas em elogio da solemnidade". Succedia-lhe o Ouro Preto, precedida pelo seu pagem, por 8 negros emboccando charamellas e por um clarim, vestido á castelhana, em roxo e ouro. Ladeavam Ouro Preto, cujo cavallo trazia as crinas semeadas de diamantes, duas outras personagens representando os morros em que se apoia a villa, acompanhadas de servos a pé.

Não terminava ainda a procissão. Todos os olhos estavam presos nella. Os proprios fidalgotes casquilhos, solteirões aventureiros do Reino que mais se tinham apresentado á festa para ensaiar as novas casacas de setim macau, ostentar os haveres nos brilhantes grossos do collete ou divisar gratamente nos balcões, sob as coifas filigranadas de ouro, o estimulante dum rostinho amado, perdiam-se na contemplação do espectáculo.

Após o Ouro Preto caminhavam os 7 planetas, uns de carro, outros a cavallo. Transcreverei apenas um delles para que avalieis o quanto abaixo desta solemnidade ficam os casamentos dos contos de fadas. O Sol...

"Coroava-lhe a cabeça de luzes uma cabelleira de fio de ouro; vestia de tisso côr de fogo; o peito todo coberto de diamantes unidos a varios labores de ouro: do mesmo peito lhe sahia um circulo de raios com artificiosa e brilhante fabrica

de ouro e pedraria; nas costas brilhava a mesma preciosidade com semelhante adorno: em uma das mangas do mesmo tisso vestia sobre o campo de ouro alternada luz de diamantes; no fraldão vestia também de luz tremula e successiva, em franjas de canotilhos de ouro; calçava borzeguins côr de fogo e nestes também de luz porque em debuchos de canotilho de ouro prendia a luz de muitos crystaes, levava na mão uma harpa de pintura em campo de ouro. Vinha em um cavallo de côr castanho: fazia-lhe os jaezes uma rêde de cordões de ouro, que eram prisões de luz, guarnecidos todos de crystaes finos; eram as crinas todas de galões de ouro; os arreios cobertos do mesmo com varia ordem de crystaes; sahia-lhe da frente uma ponta de unicornio; tremulava na cabeça um martinete de plumas brancas e côr de fogo, nascidas de um montão de pedraria. Vinham ás estribeiras 6 pagens..."!!! Tão deslumbrantes seguiam que as senhoras com seus leques de pluma e os nobres com seus púnhos de renda, faziam pantalhas para proteger a vista acostumada ao rutilar macio do Sol das Minas...

Depois que Saturno com a sua brilhante fouce de prata fechou a série dos planetas, vinha a ultima figura, vestida á tragica, da proissão. Representava a matriz nova e trazia um escudo em que se pintara, sobre campo de ouro, o templo e o latinorio "Hœc est domus Domini feriniter edificata".

Succediam-lhe as irmandades da villa, precedidas por um gaiteiro que, diz o chronista, "por singular fabrica do instrumento e bôa agilidade da arte fazia uma agradável consonancia". A irmandade dos pardos da capella do Senhor S. José trazia o andor do seu padroeiro. A irmandade da S.^a do Rosario dos Pretos, numa interminavel fila de opas de seda branca, trazia tres andores: S.^{to} Antonio Calatagirona, S. Benedicto e a S.^a do Rosario. A Irmandade de S.^{to} Antonio de Lisboa, cujos balandraus de chamalote occultavam casacas longuissimas, calções presos por fivellas de esmeraldas, folhos rendados de camisas de cambraia e petulantes espadins, mostrava mais tres andores: S.^{to} Antonio de Lisboa, S. Vicente Ferreira e o prestimoso S. Gonçalo do Amarante, "Casamenteiro das velhas".

A Irmandade das almas, em chamalote verde, levando o andor de S. Miguel... Desmanchava então a monotonia das associações farto numero de camaristas e moradores notaveis da villa, conduzindo, num carro, o padroeiro da camara, S. Sebastião. Notavam-se entre elles Domingos Moreira de Sá, João Gonçalves Baptista, Martinho Vieira e o desbocado Domingos de Abreu Lisboa. Reatava depois a Irmandade do Rosario dos Brancos, trazendo o andor em talha da sua padroeira.

A Irmandade da S.^a da Conceição, com sen andor; a Irmandade da S.^a do Pilar com seu orago; e, finalmente, a Irmandade do Divino Sacramento, ladeando o numeroso clero das parochias de Ouro Preto, Antonio Dias e das vizinhanças, levando S. Pedro em andor de prata e ouro. Quatro anjos appareciam em seguida, num rythmo descansadamente celestial, deixando cahir de largas bandeijas lavradas, toda a flora da terra. Recamavam o chão para a passagem do Santissimo Sacramento, levado pelo padre dr. Francisco da Silva e Almeida, sob pálio carmesim com franjas de ouro e varas macissas de prata. O alto successor de D. Lourenço de Almeida acompanhava-O, secundado por toda a nobreza "militar e litteraria" das Minas. O conde das Galvêas deixara por instantes a preocupação em que vivia com o extravio continuado de ouro das casas de Fundação, para mostrar affabilidade nas maneiras, descuido no gesto, alegrias no olhar. E fechava o mais esplendente cortejo que nunca se realisou nestas Americas, tropa innumera de soldados, de que se destacava, pelo donaire e primor, uma companhia de Dragões do sr. D. João V, monarcha nobilissimo desta Ofir.

A POMPA NAS FESTIVIDADES RELIGIOSAS

A igreja catholica mostrou em todas as épocas um especial conhecimento da alma humana. O fausto, a pompa das suas festividades deriva em grande parte da sua maneira abalisada de manejar os homens. As luminarias, a reverberação dos ouros, a innocencia dos incensos, a lingua, por todos deletreada dos sons, com ser um argumento concorde com a fragilidade da criatura nas suas exaltações ao Creador, predispõem, elevam, commovem a turba; e preparam a communhão de todos os seres para o unisono da adoração. Muito embora por vezes o seu luxo tenha attingido um excesso condemnavel, e tenha porventura sido a origem das liberdades, da dissolução, da decadencia de algumas épocas de doloroso evocar, ninguem será capaz de controverter a necessidade desse fausto para a celebração das festividades religiosas.

Do Brasil portuguez, a imponencia de certas festas é lendaria. Os colonos, enriquecendo á sombra aurigera das farturas da terra, abusando do seu prestigio de reinois para congraçar haveres ao olho indifferentemente cego da magestade d'além-mar, como que para resgate do sem-numero das suas falcatrúas, era prodigo de doações á igreja. As heranças accumulavam-se em ouro, e largas datas de chão: e as capellas

suspendiam-se donairosas, alindadas pela ajuda das artes; os Te Deums reboavam pelas naves; os sermões traziam a lembrança da altura áquellas gentes tão apegadas ao pó. As referencias a estas solemnidades, feitas pelos viajantes que naquellas épocas passaram pelo Brasil concordam todas sobre esse brilho, não obstante estarem quasi sempre enfeitadas pela maior ou menor imaginação dos autores. Difficil é, a quem não vive na porfia das traças de bibliothecas, descobrir onde a verdade nesse labyrintho de recontos. Martins — para quem vai a nossa gratidão — refere-se á pompa liturgica dos bahianos com um espanto ingenuo e sincero. No vernaculo do dr. Manuel Pirajá da Silva, diz elle: “O prestito sumptuoso de numerosas irmandades de todas as côres, querendo á porfia sobresahir na preciosidade das suas capas, bandeiras e insignias, alas successivas de beneditinos, franciscanos, agostinhos, carmelitas calçados e descalços, mendicantes de Jerusalem, capuchinhos, freiras e penitentes escondidos no seu capuz, além disso as tropas portuguezas de linha com todo o porte marcial e as milicias da capital, de apparencia modesta, a gravidade e altivez dos padres europeus e todo o esplendor da antiga egreja romana, em meio do barulho selvagem de negros exóticos, isto é, meio pagãos, cercados do bulicio dos mulatos irrequietos, formam um quadro da vida dos mais grandiosos que o viajante pôde encontrar”. Pouco antes conta elle que, instado por um sachristão pardo, fôra assistir a uma festa na egreja da Conceição da Praia. A’ entrada viu paredes cobertas de “fileiras de gravuras multicores sobre cobre, inglezas e francezas. Causou-nos — continúa elle — muita extranheza ver ahi: Leda com o cysne junto a um quadro do marechal Blücher; a entrada triumphal dos alliados em Pariz junto á Ressurreição do Senhor; os retratos de um grande monarcha ao lado do Amor e Folia e uma taberna hollandeza, cópia da obra de Ostade”. O enigmatico boreal, mr. de la Barbinais Le Gentil, Frégier, e tantos outros, concordam todos sobre o esplendor dos festejos catholicos em S. Salvador. E não só lá, mas no Recife, e, com a mudança do habitaculo dos vice-reis, no Rio de Janeiro, depois de 1762, nas Minas Geraes, com os solitarios do Tijuco e o ouro dos ribeirões e das minas, as commemorações religiosas tiveram uma gala hoje apenas presentida. O que foi a nossa procissão eucharistica, de tão commovida lembrança para os paulistanos, senão uma esqualida saudade junto do Triumpho Eucharistico de 1733? Partiram-se esses tempos bons de solemnidade e fulgor dos festivais! A religião entristeceu-se, como já se entristecêra a arte christã, após a Contra-Reforma, criando os typos das

Virgens doloridas, dos Christos em convulsão, das Magdalenas penitentes — arte aterrorizante e funebre que a esthesia apologetica do seculo 4.º, o apogêu do gothico e a arte amabilissima do inicio da Renascença desconhecera. Relaxou-se o culto externo, dispersaram-se as tradições — ultimos écos de um castigo dos ceus para as demasias dos catholicos dessas famigeradas épocas do nosso passado. A dissolução, o depauperamento derribou-nos do fastigio a que nos tinhamos elevado, praticando as virtudes dô claustro, observando o roteiro dos asceteiros; e só de ha poucos lustros a clerezia novamente purificada e forte busca por onde recommear.

A INFLUENCIA DO SENSIVEL

Uma das causas — e não a menos forte — do deperecimento das forças catholicas é sem duvida o quasi nullo interesse dado em nossos dias pelos que commandam as nossas facções á influencia do sensivel na parte espiritual do homem. A igreja não se deprecia nem deshonra com utilizar-se de meios que a propria natureza lhe proporciona para mostrar aos homens o caminho de Jerusalem. Aliás, desde longes tempos ella agiu assim, tendo sempre se auxiliado das bellas-artes para educar e edificar. Toda a symbolica do gothico repousa sobre essa norma de acção. Não seria pois inutil que hoje cuidassemos um pouco mais das artes christãs e que a igreja continuasse a se servir dellas: pois como as lettras guardam o evangelho para as intelligencias, ellas o demonstam para os corações.

“O espirito do homem, diz o apologista Weiss, está tão estreitamente unido á natureza sensivel que, apesar da sua sublimidade, não póde evitar uma certa dependencia para com ella.” A arte sendo, como sublinhava recentemente o sr. Licinio Cardoso na sua “Philosophia Positiva da Arte”, um meio de expressão natural do homem, está habituada por isso mesmo a se fazer comprehendida universalmente e a agir directamente na genese e na formação dos espiritos.

Já os gregos mandavam ensinar a musica á infancia, entre os desportos da arena, pretendendo com ella gravar na argila dos espiritos infantis os sentimentos de ordem e de rectidão e dar-lhes um character firme e elevado. Por isso Platão a define: “a arte que regulando as vozes, transmite-se á alma e inspira-lhe o gosto da virtude”. No Memorial dos Ritos, o hi-ki dos chinezes, ha o seguinte curioso julgamento: “...Conhecer os sons, mas não saber as arias, é proprio dos passaros e dos brutos; conhecer as arias, mas não saber a musica, é



proprio do vulgo; só ao sabio é reservado comprehender a musica. E' por isso que se estudam os sons para saber as arias, as arias para saber a musica, e a musica para governar".

No seculo 12, Suger mandava gravar nas portas de S. Denis: "O espirito bronco conhece a verdade graças ás figuras materiaes; elle estava como que submerso, mas vê esta luz e resurge". Uma das bellas obras dos tempos modernos, e que não é mais que uma dilatação do criterio pedagogico dos hellenos, consiste em introduzir a arte na escola... Esse afan, nascido na Allemanha, já desenvolvido em muitos paizes cultos e com recommendavel carinho na Belgica e nos Estados Unidos, pretende educar a criança dispondo-a num ambiente mais favoravel, desenvolvendo nella, pelo trato quotidiano das artes, a idéa alevantada do Bello, e consequentemente do Bem e da Verdade. Poderia ainda parolar algum tempo sobre a concordancia que patentearam a respeito desse influxo do sensível até as mais exoticas religiões, não fôra demonstrar uma erudição de pechisbeque, — pois nem esta me cabe! Todos esses credos estão encorporados ao territorio dos men-sarios e dos livros de vulgarização, para onde vós envio si tivédes, mais uma hora como esta por malbaratar.

O conhecimento e o goso da Arte não é apenas justificavel: é necessario ao homem; assumindo ella assim não só a apparencia de um luxo, como a caracteriza Reinach, senão de um factor moralizante, actuando sobre o espirito, e capaz de educar e de elevar. Mas — e é triste dizel-o — a Igreja cada vez se afasta mais do convivio das artes; e, quando dellas se approxima, tal é a disparidade dos seus actos, tal a pouca comprehensão das forças que ellas resumem, que pouco alcança ou nada.

(*Continúa*).

M. MORAES DE ANDRADE.



MAGOA QUE RALA

(CONCLUSÃO)

O dr. Mattos Garção era quem conduzia o inquerito; mas esse moço, feito delegado de policia, por empenhos de politicos do interior e sendo elle mesmo de S. Sebastião de Passa Quatro, peccava por inteiro desconhecimento do Rio de Janeiro, de fórma que, apesar de ter alguma intelligencia, andou dando por paus e por pedras, cégo, tonto, numa descontinuidade de esforços de causar riso e pena.

Houve até uma diligencia que inspirada por elle, parecia encaminhal-o para a descoberta do assassino da pequena Graüben Hunderbrok; mas que elle não a soube aproveitar. Tendo observado que muitos desses emigrantes expontaneos chegam ao Rio de Janeiro, com passagem por Puenos Ayres, conseguui obter da policia argentina informações a respeito da allemãsinha assassinada. De lá, noticiaram que ella estivera naquella cidade do Prata, havia já quatro annos, quando, tendo vinte e tres de idade, viera de França, de Paris, acompanhando uma familia rica argentina, como criada. Mezes depois, poucos, quatro, se tanto, despedira-se bruscamente e subitamente embarcara para a Guanabara. Era o que informaram as pessoas da familia Avendaña, com a qual aportara em Buenos Ayres.

Um casal de allemães, cujo marido tinha um emprego secundario nas officinas da cervejaria Brahma, sem ser solicitado, depôz perante o delegado. O que havia de importante, no depoimento delles, era que Graüben tinha na sua companhia um filho de quatro annos, a que déra a luz, alguns mezes após a sua chegada de Buenos Ayres. O exame medico-legal tinha já indicado essa maternidade que ella parecia querer occultar.

O punhal foi bem examinado; mas apesar de parecer a todos uma arma de luxo e antiga, cabo de prata lavrada, guarda de aço com arabescos tauxiados e a tal inscripção sybillina — “SOY YO!”, na lamina tambem tauxiada de arabescos, nenhum dos armeiros, chamados para quesitos, se animavam a dizel-o authentico, hesitavam na determinação de sua procedencia, uns queriam-na toledana, outros italiana das primei-

ras armas da Renascença e alguns mesmo chegaram a pensar em uma imitação, para engazopar os colleccionadores *rastas* da America do Sul. A bainha não foi encontrada; a adaga estava immaculada de sangue, pois a morte se déra por estrangulamento, tendo o assassino simplesmente esganado a rapariga com ambas as mãos.

La assim o inquerito, cançando todos: delegado, escrivão, commissarios, guardas, agentes, policias de farda, "encostados", jornalistas e o publico; e já o dr. Mattos, de S. Sebastião de Passa Quatro, se resolvera a fechar a semana "hespanhola" e inaugurar a "germanica" com a detenção de uma porção de allemães, quando a 22 de Junho, isto dias depois do assassinato, surge na Delegacia um rapaz de vinte e poucos annos de idade, bôa apparencia que se accusa como autor do homicidio do Jardim.

Chamava-se elle Lourenço da Motta Orestes e era empregado nos Telegraphos, em um modesto lugar, sendo muito estimado pelos chefes, superiores e collegas, pela sua reserva, sua assiduidade e obediencia. Fôra, antes, empregado no commercio, onde seu pai era tambem muito estimado e considerado, pela sua honestidade e rigor no cumprimento das suas obrigações. Tinha este um grande "bazar" muito apregoado, pelas bandas do Estacio de Sá, onde commerciava com toda a lisura, não tendo por isso grande fortuna, empregando quasi toda a renda da loja nas suas despezas de familia.

Lourenço, ao entardecer daquelle humido dia de Junho de * * *, chegou á Delegacia e disse precisar falar ao Delegado sobre o assassinato da allemãsinha. Estava já a autoridade muito enfarada com o caso e demorou razoavelmente em recebê-lo. Devido á insistencia do rapaz, veio a ser ouvido duas horas depois de sua chegada. Logo que se approximou do dr. Mattos, disse-lhe sem mais detença que confessava ser elle o matador de Graüben. O joven bacharel de S. Sebastião de Passa Quatro estremeceu na ampla cadeira, levantou-se como se fosse impellido por uma móla, e, acompanhando a fala com um olhar desvairado, perguntou ao rapaz, para quem tinha a mão direita estendida, apontando-o dramaticamente, com o dedo indicador:

— Foste tu, então?

— Fui, doutor; disse o rapaz serenamente.

Tocou o delegado a campainha, chamou os seus auxiliares, aos quaes disse em tom de grande satisfação:

— Está allí (*apontou*) quem matou a allemã no Jardim.

Todos exclamaram a um só tempo:

— Este!

O delegado, de novo apontando para o rapaz, confirmou:

— Sim; é este!

Perguntou em seguida ao Lourenço:

— Não foste tu?

— Fui, doutor.



Determinou, então, o Dr. Mattos Garção que o mettessem no xadrez; que o vigiassem bem e não deixassem conversar com ninguém. Logo que o rapaz se encaminhou para a prisão da Delegacia, onde estavam os xadrezes, ordenou ao promptidão que telegraphasse ao chefe, aos auxiliares, á Associação de Imprensa, a todos os jornaes, convidando todos para assistir a confissão do criminoso.

Com tal noticia, a cidade teve um contentamento de allivio; e alguns curiosos de vêr o assassino e talvez ouvir-lhe a confissão que a nova estampada á porta dos jornaes tinha feito encaminharem-se para o posto policial longinquo, tiveram que esperar até quasi ás 11 horas da noite o momento de serem satisfeitos e delle saíram, nas immediações da madrugada.

O chefe e os policias graúdos chegaram ás nove horas, os reporters dos principaes jornaes pouco depois, mas faltava o do O ARAUTO DO Povo um jornal ainda novo, mas de grande venda, que chegou pelas proximidades das onze horas e foi esperado devido ás ordens do chefe, pois O ARAUTO fazia-lhe uma opposição céga e queria elle provar á sua redacção o quanto eram infundados os seus artigos.

Tendo chegado, afinal, o reporter, seguido de photographo como alguns outros, o criminoso foi introduzido. Antes, tinham os jornalistas tirado aspectos da "meza", com chefe de policia, auxiliares, delegados, escrivão, sentados, e, de pé, ás costas destes, inspectores, guardas, policias, etc.

O moço entrou e puzeram-no em uma cadeira proxima ao delegado districtal que esperou, para tomar por termo a confissão, que os photographos *batessem* a chapa á luz da explosão do magnesio.

No começo, correu tudo em ordem e o accusado, com voz firme, articulando distinctamente palavra por palavra, disse o seu nome, a sua filiação, ter vinte cinco annos de idade, etc., etc. Narrou como se dera o crime. Tendo, todos os annos, quando podia gozar ferias, ahi pelo mez de Junho, o habito de vir passar os quinze dias dellas, em casa de seu amigo Leopoldo Martins Barroca, nos arredores da praia do Pinto, da lagôa Rodrigo de Freitas, viera como de costume naquelle anno. Gostava de passal-os ahi, pois, em a sua familia, até os quatorze annos, antes de estabelecer-se seu pai, ao deixar de ser feitor do Jardim, elle residira naquellas redondezas das quaes guardava as mais suaves recordações. Naquelle dia, 14 de Junho de * * *, o do assassinato, tendo almoçado com a mulher e os filhos do seu amigo, sem elle, pois o fazia mais cedo para não perder o seu ponto no Arsenal de Marinha, onde era escrevente, saiu e foi ler o "Jornal do Commercio", na venda do seu Eduardo, que ficava justamente na praia, fazendo esquina com a rua do Páo, em que estava a casa do seu hospedeiro amigo.

Lera a folha vagarosamente e dera-lhe vontade de ir ao Jardim passeiar. Assim fizera e, vagando pelas alamedas, naquelle dia de semana, silenciosas e desertas, encontrara com aquella allemã que, só agora, pela leitura dos jornaes, soube chamar-se Graüben. Travara, a proposito não



se lembra de que, conversa com ella. Ria-se muito a moça, com um riso estreito e de pouca duração, com proposito ou não, e pareceu-lhe, por diversos gestos, ter-se ella apaixonado por elle. Em um dado momento, quiz beijal-a, ella o repelliu, mas continuou a conversar com elle como se nada tivesse havido, no seu mão portuguez.

Chegando a um lugar mais sombrio, repetiu a tentativa de abraçal-a e beijal-a e repetiu com mais força e decisão. Ella, a allemã, se enfureceu e arrancou não sabia de que dobra do vestido, o punhal que foi encontrado, tentando feril-o. Foi por esse tempo que, desvairado pela luxuria, pelo despeito, pelo medo — tudo isto misturado e multiplicado levou-o a agarrar a rapariga pelo pescoço, com ambas as mãos, cheio de frenesi apertou-o loucamente, cegamente e, quando poude reflectir, viu que ella estava morta. Vendo-a assim, occultou o cadaver em uma moita e saiu muito naturalmente, ahi pelas tres horas da tarde. Foi para a casa de que era hospede e, ao dia seguinte, no nocturno, embarcava para S. Paulo, onde estivera até á vespera daquelle dia 22.

Essa parte principal do depoimento correu bem, mas logo que o accusado deu por finda a accusação que fazia a si mesmo, todos começaram a interrogal-o, quasi a um só tempo — chefe, delegados, commissarios, jornalistas, homens do povo e até poicias.

Apezar da barafunda, a todos respondia com calma e precisão, mesmo porque, em geral, as perguntas eram as mais idiotas possiveis ou não tinham relação alguma com o torpe crime do Jardim Botânico.

No dia seguinte, os jornaes, pejados de retratos e outras gravuras, traziam longas noticias, com os commentarios do costume e alguns elogiavam o chefe, outros calavam-se a tal respeito; mas, todos eram accordes em taxar de revoltante o criminoso, typo verdadeiramente lombrosiano, pelas feições e pela cynica calma dos delinquentes natos.

A não ser a calma, não havia nada de verdade nisso. O rapaz era bem parecido e conformado de corpo e rosto, mais alto que baixo, branco sem jaça, robusto mais do que a media; e tinha um olhar agudo, por vezes agudissimo, mas sempre meigo e triste, onde havia muito de vago e de melancolia.

No dia seguinte, começaram a interrogar as pessoas alludidas na confissão pelo criminoso. Dous guardas do Jardim reconheceram-no; um, porém, dizia que o vira entrar na vespera do crime, no dia de Santo Antonio; entretanto, o outro jurava que elle estivera no Jardim, a 14, por signal que o avistara, nas proximidades do chafariz, quando ia o visitante dobrar a alameda á esquerda e perpendicular á principal da entrada.

Este depoimento, se bem que fosse confirmado, mais tarde e em acareação com o protagonista da tragedia, estava em contradicção com muitos outros. D. Zilda, a mulher do amigo em cuja casa Lourenço estivera hospedado, depôz dizendo que, no dia do crime, o seu hospede lhe chegara á casa, ahi pelas tres horas e pelos fundos, pois era seu habito,





H. Bernardelli.

BANDEIRANTES



Aurelio Zimmermann.

MUSICO DE ESTRADA

depois de ler o "Jornal" na venda, descer a praia, embrenhar-se na restinga, chupar cambuim, pitangas, fructas de cardo, pexerica, qualquer fructa sylvestre e voltar para a casa pelos fundos que davam para a restinga do Leblon. Perguntada se era costume d'elle ir ao "Jardim", disse que sim, parecendo-lhe até que, no dia de Santo Antonio, lá fora.

O proprietario da venda, o sr. Eduardo Silveira, mais ou menos confirmou o depoimento de D. Zilda. Disse que, deixando o Sr. Lourenço de ler o "Commercio", pelas duas horas, o vira descer a praia, como era do seu habito, procurar um atalho que levava á restinga; e não acreditava que tivesse ido ao "Jardim", naquelle dia, por aquellas horas, pois estava sem collarinho nem gravata, não se entrando, como é sabido, naquelle logradouro publico sem esses complementos do vestuario.

O marido de D. Zilda, o amigo de Lourenço, pouco sabia, mas asseverava que elle fôra ao "Jardim" em 13, dia de Santo Antonio, pois, tendo ficado em casa para remendar uma cerca e concertar o gallinheiro, o vira sair completamente vestido, convidando-o, a elle, depoente, a acompanhal-o, o que não fez, e com isso desculpou-se, por ter de executar aquelles servicinhos caseiros.

Reinquerido, á vista do depoimento do vendeiro, a respeito de como tinha podido entrar no "Jardim", sem collarinho, nem gravata, explicou Lourenço que obtivera esses dous objectos no caminho de Jorge Turco, nas Tres-Vendas, e os collocara no pescoço, nos fundos do botequim do canto da estrada de D. Castorina.

Jorge Turco, convidado a depôr, affirmou nunca ter vendido um alfinete ao rapaz, que conhecia, entretanto, por lhe passar pela porta do negocio em companhia do seu Leopoldo da rua do Páo, um dos seus bons freguezes e a mulher tambem.

O dono do botequim dissera que, de facto, um dia destes da semana passada, tinha consentido que elle fosse aos fundos do seu negocio, mas não sabia ao certo o dia e não podia garantir que, para lá entrasse sem collarinho e gravata. Com elles, sahiu; disso, tinha memoria.

Apezar de toda essa confusão de depoimentos que resultava em mostrar não ter elle coparticipação nem ser autor do crime, Lourenço continuava a affirmar com a mais convincente das firmezas que era autor do assassinato; que fôra só elle quem matara a allemã; que merecia castigo e ajuntava detalhes elucidativos da sua luta com a allemã que dizia ter morto, nas condições do seu primitivo depoimento.

Vindo a saber-se que os dias que medeiarã entre o do crime e o da confissão, não estivera elle em S. Paulo, mas, na barra da Guaratiba, em casa de uns antigos serviçães de seu pae, muito chegados á familia, sendo elle até padrinho de um dos filhos delles — vindo a saber-se disso, explicava a falsidade, do seu primeiro depoimento nessa parte, como tendo por fito não querer comprometter aquelles pobres pretos aos quaes muito estimava e amava.

Toda a sua confissão ia assim se desmoronando com as informações

que traziam as pessoas conceituadas no seu meio peculiar, e indicadas tacita ou explicitamente nos depoimentos do acusado, as quaes procuradas para elucidar os passos dados por elle naquelle sinistro pomeridio de 14 de Junho de...., vinham todas ellas mostrar a inverosimilhança de suas affirmações, fazendo-o claramente innocente. Não se sabia o que pensar de tão exquisito caso...

O pai, como informante, depoz longamente sobre o character e os hábitos do filho. O seu depoimento foi tocante e longo. Era um velho portuguez forte e firme, com um olhar ladino, mas bondoso, inspirando toda a sua pessoa, rectidão, energia e franqueza. Contou elle que, desde uns cinco ou seis annos para cá, o genio do seu filho se transformára. Até aos vinte annos, era alegre, até folgazão, gostava de regatas, de festas, de vestuario e atavios. Logo, aos dezeseis annos, pedira-lhe que o empregasse, porque não tinha propensão para os estudos. Elle, pois, se entristecera, porquanto o julgava, como todos os seus mestres, intelligente e applicado. Fazendo-lhe a vontade, apezar de isso desgostal-o e tambem á mulher, empregara-o em uma casa commercial, por atacado, onde fez carreira, sendo de anno para anno augmentado de vencimentos. Deu em morar fóra da casa paterna, sob o pretexto de ficar mais perto do club de regatas de que era socio, e não precisar acordar-se tão cedo para comparecer aos "ensaios". Não se oppôz, já por julgal-o ajuizado, já por apreciar o seu desenvolvimento physico e o ar de saude que ia ganhando.

Aos dezenove annos para os vinte, sem explicação alguma (ahi a sua voz tremeu), soube que o seu filho tinha abandonado o emprego e fugira não sabia para onde. Fôra ao patrão, pagou-lhe uns pequenos adiantamentos que fizera a casa ao rapaz e, quasi dois annos depois, veiu a saber que o filho estava na maior miseria em S. Paulo, exercendo os duros e humildes officios de varredor e carregador de uma venda de arrabalde. A instancias de sua mulher, partiu para aquella capital, trouxe-o e, um anno inteiro, Lourenço lhe ficou em casa, trocando raras palavras com elle e os irmãos, só se expandindo mais longamente com a mãe. Não atinava com a magoa do filho e tremia que se inatasse. Vivia a ler livros de religião e espiritas, cujos titulos elle, o pai, não sabia repetir. Não queria ver jornaes, nem revistas. Seus cuidados com a integridade mental do filho eram grandes, tanto mais que, varias vezes, lhe dissera a mulher que, quasi sempre, quando ia ao quarto do filho, o encontrava a chorar ou com a physionomia de quem tinha acabado de fazer isso. Por intermedio della, sempre lhe fornecia dinheiro, para as suas pequenas necessidades; e, longe de empregal-o comsigo, seu filho dava a maior parte aos criados de casa, ás crianças da vizinhança, só reservando uma pequena e diminuta quantia para a compra de cigarros ordinariissimos e phosphoros. Quizera-o mandar para a Europa, e elle não quiz, dizendo á mãe que tinha medo do Oceano. Preferia que lhe

arranjassem um pequeno emprego público modesto; com as suas relações, conseguira elle, o pai, obter; e, desde que o exercia, parecia ter melhorado de estado de espirito. Quanto ao crime, não sabia nada; mas não julgava seu filho capaz de tanta maldade, antes o suppunha louco, com a mania do martyrio e, em tempo, havia requerido o competente exame de sanidade mental.

A parte do depoimento do pai que alludia á fuga do filho para São Paulo, impressionou o reporter d'O ARAUTO, que, daqui e dalli, veio a saber e publicou o motivo della. Elle abalára para lá, devido a ter dado um desfalque na casa em que era empregado, no valor de dois ou tres contos, que foram pagos pelo pai.

A policia que estava já disposta a não acreditar na sua confissão, á vista de tal precedente, voltou á carga, encerrou o inquerito e remetteu-o ao juiz competente. As contradicções e incongruencias entre a confissão do réo e os depoimentos de testemunhas e informantes continuaram a encher de mysterio o caso.

O juiz summariante ficou completamente atrapalhado, doido até, com tal crime e tal criminoso. Não havia uma hypothese a fazer, quasi todos os depoimentos levavam á convicção de que a confissão de Lourenço era falsa; elle, porém, confessava com tanta firmeza! Que havia de pensar? Quem sabe se elle não queria depistar a policia, mas com que interesse? Os seus amigos do peito eram poucos e todos elles podiam dar numerosas testemunhas como tinham passado todo o dia 14, quasi todo, nas suas repartições. Por dinheiro? Era absurdo.

O advogado, chamado pelo pai, disse-lhe logo:

— Aceito, mas o meu maior adversario é seu filho... Não cessa de confessar que foi elle e justificar mais ou menos bem os desmentidos ás suas affirmações. Olhe como se sahiu daquella *potóca* de S. Paulo... Perfeitamente aceitavel... E' o diabol Mas... aceitol

O advogado, em desespero de causa, pediu exame de sanidade mental para o seu cliente. O juiz com muito contentamento deferiu o pedido. Lourenço foi para o Hospicio, onde esteve internado dois mezes. Da commissão, fazia parte o dr. Juliano Moreira que empregou todo o seu saber e toda a sua quente sympathia, para decifrar aquelle angustioso enigma psychologico.

Observado cuidadosamente, virado o seu espirito pelo avesso, interrogado dessa e daquella fórma, escrevendo e falando, Lourenço não revelou qualquer perturbação de mente nas suas faculdades mentaes. Era o homem commum, o medio, sem nenhuma degenerescencia ou psychose, inferior ou superior, accentuada.

Foi pronunciado; mas, antes que entrasse em jury, uma pequena revista lembrou um caso muito semelhante acontecido na Allemanha, em Essen, e contado em um livro do sr. Hugo Fridlaender e resumido, no "Le Temps" por Th. de Wyzewa. Tratava-se de um tal Alfred Land que, tendo praticado uma pequena falcatrua em ponto domestico, se



sentiu tão angustiado, tão cheio de magoa, de ralação íntima a lhe pedir expiação da falta, que não trepidou em accusar-se como autor de um assassinato mysterioso, o qual elle estava materialmente impossibilitado de executar.

Citando Wyzewa, o autor do artigo dizia que, em Lourenço, a consciencia de ter deshonrado o seu nome, de ter commettido um crime vil e covarde, de ter injuriado, maculado a honra dos paes e da familia, era o que o roia interiormente, o desasocegava, o ralava dia e noite, silenciosamente, sem que elle avaliasse bem a tensão desse estado d'alma, até o dia em que a noticia do assassinato da pequena allemã, num recanto afastado do "Jardim Botanico", suggeriu-lhe a idéa de resgatar o seu erro de rapazola com uma condemnação por assassinato.

Levava-o ao jury uma especie de necessidade de resgatar a sua falta de um modo "heroico, romanesco e mystico" da honestidade; uma premente determinação de expiação do seu crime de furto, determinação que invadira aos poucos, insidiosamente, a sua vontade, no silencio de suas meditações e nas horas angustiosas do remorso e do arrependimento.

Ninguém aqui, como aquelle juiz de instrução do "Crime e Castigo", se abalança a ler as pequenas revistas de rapazes, para estar a par da psychologia morbida dos criminosos cerebraes e inexplicaveis; e, por isso, muito naturalmente, não houve quem interpretasse de modo plausivel a attitude daquelle rapaz que parecia desejar a volupia de uma condemnação por crime hediondo e execrando.

Foi a jury e não foi difficil absolvel-o. Ninguém acreditava na sua criminalidade, nem o promotor, nem jurados, nem juiz, ninguém! Quando, porém, o juiz, á vista das respostas do jury, mandou-o pôr em liberdade, se por *al* não estivesse preso, conforme a linguagem forense, Lourenço se levantou, pediu *venia* ao juiz, e, perante este e os jurados, protestou contra a sua absolvição, nos seguintes termos:

— Sr. juiz e senhores jurados, eu protesto contra a minha absolvição que é iniqua e injusta, em face da minha consciencia. Sou um criminoso, ninguém melhor do que eu pôde affirmar-o; quero soffrer, para resgatar-me e poder, então, viver outra vez com alegria e satisfação, no convívio dos meus semelhantes. Nenhuma justiça, nenhum homem tem o direito de se oppôr a esse meu sincero desejo... Protesto. portanto!

Sentou-se; mas, o promotor não appellou.

LIMA BARRETO.





VISÃO DAS HORAS

A Meus Pais

I

*A nossa vida tem dois curtos dias;
E quando
Surge a manhan, cantando,
Conduz, n'aza gentil, as alegrias:
— São pipilos, gorgeios e ternuras
Que andam pelo arvoredos,
Cujos ramos se agitam e, em segredo,
Ouvir parecem amôrosas juras.
São os raios do sol, haurindo á relva
As gottinhas do orvalho,
Deixando, em cada folha, em cada galho,
Oblatas para o campo e para a selva.
A luz, que alaga tudo e os ares banha,
Leva, sorrindo,
Do valle ao seio lindo
Os castissimos beijos da montanha.
E no horizonte calmo,
Clarinante e alto, o dia
Em arroubos de psalmo,
Vai saturar de aromas, de harmonia
A alma viril do crente
E até
O espirito irreverente
Do homem,
Sem Fé,
A quem as duvidas consomem,
Girogirando, aos boléus,*

*Em constantes torvelinhos,
Porque não sabe os caminhos,
Nem da terra nem dos céus.*

II

*Na valsa velocissima das horas,
Rolam os crepusculos tristonhos
Do dia azul, que trouxe nas sonoras
Harpas do alvorecer, nossos fagueiros sonhos.
Tomba outro dia mais da vida breve,
Tão triste e sem conforto,
Que a luz do sol tem o livor de um morto
E as suas flammas a algidez da neve!
Assim as vemos nós, porque são méstas
As horas que vivemos na desgraça.
— Só tu, Felicidade, a côr emprestas
A' hora subtil que sôa, á outra que passa.
Não fulge, para o olhar do desditoso,
Manhan risonha e bella.
E' que elle tem das lagrimas o gôso,
Se é gôso o pranto
Que o coração calcina, emquanto
Se abre, no céu, da luz a viva umbella.
Destino inconsequente,
Que pões, de lado a lado,
A Alegria, minuto do Presente
E a Dôr tambem, minuto do Passado!
Bem puderam, traçando as tuas teias,
Prender-nos, de tal sorte,
Que fossem aurilavradas as cadeias
De uma alegria: — a Vida,
De uma tristeza: — a Morte!
Vem de ti a esperança fementida
Que, ainda assim, altas lições encerra:
— São irmãos Jubilo e Dôr,
Nasceram do pó da terra
E morrem do nosso amor!*

DOLORES

*Dolores... Por que Dolores?
A seda da tua fala
Não guarda as penas; exhala
Subtil perfume de flores.*

*A alegria de viver,
Quando te ouvimos, parece
Que em teu rosto resplandesce.
É o canto do alvorecer.*

*Dolores, forjam cadeias,
Quando tu passas, sorrindo,
Num gesto de lábios, lindo,
Os feitiços que semeias.*

*Se Leticia te chamasses,
Mais acertado seria,
Pois trazes a luz do dia
Nas rosas das duas faces.*

*Dolores, quando nos fitas,
Teus olhos fulgem de amor;
Delles não sei bem a côr,
Sim as graças infinitas.*

*Vel-os, tremulo de susto,
Tendo da lagrima o encanto,
Fôra perder, por teu pranto,
Dos céus o paramo augusto.*

*Dolores, quando andas, penso,
Vendo-te, á rua, passar
Que tens descido do altar...
Cercam-te nuvens de incenso!*

*Taque, taque, nas calçadas,
Teus sapatinhos travessos
Vão arredando tropeços:
— Corações, almas penadas.*



*Dolores... Por que Dolores?
Uma ironia parece
Que assim te chamem! Vê bem!
Muda o teu nome, criança!
E que elle recorde a prece
Das coisas, se irrompe o dia,
Dos seres, se a noite desce,
Enchendo as serras, além...
Ah, se tu fôras Maria,
Se tu fôras Esperança...
Não te entristeças, porém,
Pela exquisita lembrança:*

*— Não serás mais, que Dolores;
Serás tu só! E's Alguem!
Bem haja Deus que ás mais flores,
Da aurora no rosicler,
Deu a irmanzinha querida,
Cheia de viço e perfume,
Que, passando pela vida,
Os sonhos do céu resume,
E é, simplesmente, mulher!*

CARVALHO ARANHA.





COIZAS DE ESPANHA

(1915)

(Do meu diário).

Chegando — Outubro, 9 e 10.

.....

— Dez horas da noite. Para o trem. Acaba Portugal; começam as Espanhas.

Ideal a aduana da fronteira! Cuidadosamente retiradas as bagagens para uma sala em penumbra, cada passageiro fica naturalmente ao lado das que lhe pertencem. Tezo, fardadíssimo, olhadura energica, ordena o funcionario chefe que o serviço comece. Cada subalterno traça com a destra, a gis, um risco azulado nas malas mais proximas, e com a sinistra recebe uma peseta. Ninguem fala. Ninguem reclama. Decorrem nove minutos. Carregadores recollam as bagagens nos respectivos carros. Ouve-se um apito: é o signal de partida. Segue o trem.

— Madrugada. Delicado, um empregadinho communica aos passageiros de primeira classe estarem elles em Atocha. E, durante centena de metros, o comboio vai e vem, vem e vai, tornando depois a ir e vir para ir e vir outra vez.

Mas Atocha? Não me é extranho este nome, nem ao numero das tolices humanas. Falha-me a data precisa; tenho, porém, certeza de que, não muito longe da Renascença, houve a seita dos *atochinistas*, gente cuja occupação era acreditar na egualdade de todos os peccados. Gente de cerebração uniforme.

Essa mania da uniformidade, caminho curto para a sandiocracia, diverge da natureza que nunca se repete, e estraga o individuo porque o paraliza. Dahi, talvez, o tal qual absentismo de Atocha na marcha da civilização e dos trens. Atocha parou. Eu sigo para Madrid.

Installado, etc.

— Luxuoso e affavel, é o *Palace Hotel* um curso pratico de rapina. Recado pelo telephone inclue duas gorgetas: a quem o leva e a quem traz a resposta. Lavar as mãos no refeitório é proporcionar tres gorgetas: á mocinha que fiscaliza o lavatorio, á velhinha que apparece trazendo o chapéu, e ao criado que restitue a bengala. Beber á meza um calice de vinho significa pagamento, no dia seguinte, duma garrafa inteira.

Mas é tudo aqui tão delicado! Tão boavontade! Não ha hezitações na entrega dos trocos. A campainha electrica, o ascensor, a lavadeira e a famulagem não desconhecem o carinho e a cortezia. Tudo tem, no *Palace Hotel* exactidão e promptidão; tudo menos caras bonitas: que ninguem as uza aqui, parece.

Estou, porém, bem installado, bem alimentado, bem explorado. E' o que me basta.

?

— Que faço em Espanha? Atravesso-a. Meu rumo é a França. Espanha me apenas descaminha para evitar torpedamentos na Biscaia.

Quero ver, quero entender a Grande Guerra. Hei de estudar o maior açougue que o cristianismo estabeleceu no occidente euraziano. Campo vasto para cogitações! Retire de Aristoteles: a memoria applica-se ao passado, a sensação ao presente, a conjectura ao futuro.

Porque não esperar que as sementes sociologicas, ora atiradas aos fundos sulcos da Historia, nos tragam, a pospello das fallencias governamentaes, o rechasso do ottomano para o altoriente, a reindependencia do Egipto, a nacionalização da Irlanda, a restituição de Gibraltar? Porque imprever os corollarios da aviação supprimindo distancias e valorizando terrenos? E a utilidade do submarino desprezando tempestades e diminuindo naufragios? Porque não sonhar, na paz definitiva, o decrescimento das oligarchias ladras e o crescimento da autonomia individual?

E que conjecturar do Brazil no problema politico ora em jogo violento? E de S. Paulo?

.

S. Paulo é um eito. Em S. Paulo o governo não tem lei e o povo não tem vergonha. Seu passado está esquecido, seu presente está podre, seu futuro está commerciado. Esgravatam-no missões estrangeiras. A administração compra a imprensa, aluga



juizes e vende nomeações. No estado hodierno da moralidade universal, S. Paulo é um escandalo permanente.

S. Paulo não conhece legitimidade eleitoral. Não conhece verdade orçamentaria. Não conhece prestação de contas. Allí a mentira não deprime. Enriquecer nos cofres publicos é cazo habitual. Tramoia praticada é tramoia liquidada. Programma? A irresponsabilidade. Norma? A abolição do escrupulo.

Para que recordar coizas tristes? S. Paulo é um eito... Fiquemos em Espanha.

.

Madrid.

— Domingo. Tarde linda. Nem sol, nem chuva. Nem calor, nem frio. Movimento, muito movimento, principalmente nas cercanias da *Puerta del Sol*, para onde convergem todas as ruas, largas e limpas, que succederam ás da *Mantua Carpentorum* da antiquissima dominação romana.

— Num grupo de automoveis: peço cocheiro perito e mentirozo. O preferido justifica a escolha: tres horas de carreira sem uma tentativa de catastrophe! Fala-me de Maura e Romanones como de companheiros de quarto. Quando lhe pergunto por Donoso Cortés, fallecido no anno em que nasci, responde-me com indifferença: — Não o vejo ha nove mezes.

Adoravel automedonte! Ordeno-lhe pressa e estatuas. Obedeça-me.

Perfeito!

— *Está em crise o ministerio espanhol*: dêsse telegramma, que eu e o publico lemos em todos os jornaes sete vezes por semana, apreciei hoje uma parodia artistica. Está em crise a estatua do marechal Martinez de Campos, o mais moderno e espanhol dos monumentos espanhóes modernos.

Martinez é a politica espanhola desde 1874. Elle é, ainda, o arremedo da Espanha de nossos dias. Estudou-lhe a vida o acreditado genio de Beulliure, trasladando-a para a praça publica num primor de similhaça.

Grande, mesmo no bronze, o militar, morto, continúa a mexer-se para todos os lados; dois passos do observador lhe mudam completamente acção e feições. Mas é isso mesmo. Foi assim o militarista politico. Sua estatua é um flagrante de crise.

O cavallo, esse, incomprehensivel de pescoço, com a cauda rachada, com uma das pernas denunciando caimbras, reclama a

prezença urgente do veterinario. Notavel quadrupede ! Fortissimo. Enfermo sob o pezo do irrequieto soldado, pinoteia a valer ! No o soffream, e é capaz de, no disparo, invadir a posteridade e adjacencias, onde o esperam Pegazo, Bucephalo, Incitatus, Pasacas e outros cujas patas

se vão da lei da morte libertando.

Referem-se a morticinios de Cuba algumas phrazes que illustram o pedestal. Perfeito ! Perfeitos: o cavallo, o heróe e o artista.

Coizas de Espanha.

Mais coizas.

— Ruinzinha a estatua de Calderon; regular a de Cervantes, minha conhecida de reproduções; contra os mexericos partidarios, tranquilla e sobria a de Emilio Castelar; mais que acceitavel a Colombo, obediente a retrato que ignoro.

Do monumento a Campoamor vem a suspeita de que a obra de arte esteja acima da quazi mediocridade do motivo.

Pouco me demorei no famoso *Retiro*, que os madrilenos fingem preferir ao *Bosque de Bolonha*. A historica *Praça de Alcalá*, encontrei-a a deixei-a no mesmo logar em que a deixaram e encontraram, em 1868, Topete e Salmeron, quando dalli enviaram á caridoza e bandalhissima Izabel II o mandado de despejo.

Queixo-me do cair da noite por me haver privado de bem reparar na celebrada estatua de Velasquez; devo-lhe, porém, e muito agradeço, obzequioza compensação: dispensou-me de observar o monumento ao insalubre Affonso XII. Apenas o reparei inacabado. Cumpre conserva-lo assim.

Travei inutil conhecimento com as paredes excessivas do *Banco Espanhol* e do *Palacio Real*. Não achei o rio Manzanares; dizem que morreu de sede.

E foi assim que, aos 10 de Outubro de 1915, eu e Madrid começamos as nossas relações.

.

Academia de Bellas-artes — Outubro, 11.

— Vasta construcção; escadarias de marmore; salas espaçozas. Ha muito que ver; ver e pensar, que para ambos os verbos não faltam incentivos de regular conjugação. Entra-se em arte desde a entrada.



Pára-se á porta deante de *Affonso o Sabio*: gesto de quem raciocina, maneira de quem estuda. Ainda á porta: scena humana, interessante, mas simplesmente humana: *Nestor defendido pelo filho*; athletico, Antiloco lembra o *David* de Miguel Angelo; o pai, a personificação da prudencia nas rhapsodias hellenicis, afastado o medo, guarda no olhar um mixto mediatario de confiança e de receio.

— Subi. Na *Descida da Cruz*, de Valduino, Christo não desceria si fosse consultado. Bem elle sabia que o esperavam em baixo más companhias; a de Nicodemo, a menos intoleravel, tem a phisionomia constrangida de quem vai á policia depôr debaixo de vara. Perto, porém, nas *Dos Niñas*, Tantardi, o napolitano, alcança despacho favoravel quando requer admiração pela placidez, pela simplicidade igual á do flamengo Mieris, pela innocencia com que tornou inesquecivel sua criação e seu nome. Fica-se defronte dessa tela com vontade de... ficar.

Favoravelmente prevenido, busquei essa equilibração de bello e horrivel na qual Vera, mais uma vez, se distancia da vulgaridade. Aterrorizam na Numancia, assombram, o espanto dos legionarios e a numantina bebendo o veneno; compunge o desespero rezignado dos vencidos. Superiores, porém, lhe são, para quem como eu desprezia angustias: o *Pai*, de Vicente Lopez, attitude irreprehensivel de velho, harmoniozo de idéa e de rugas; e *Os Poetas*, de Antonio Esquivel, quadro que me revelou o dezejado perfil de Hartzenbuch, e que me fez desconfiar ser Espronceda um Zorilla com o queixo raspado.

— Na *Morte de Seneca* mudou Manoel Dominguez para a barriga o seio do philozopho; caprichou, porém, nas demais figuras, e brilhantemente na do escravo amigo, cuja zangada tristeza constitue uma intenção original. Na *Morte de S. Lourenço*, Vera, por indesculpavel esquecimento, curou as queimaduras desse honrado thezoureiro que, por não entregar ao tiranno o dinheiro dos pobres, morreu frito, e nesse estado, ha já dezoito seculos, attende aos chamados da Historia e da Legenda.

— Brazileiramente tratado, concede-me o porteiro minutos além da hora regimental do fechamento. Emprego-os elogiando a *Hebe*. Canovas é sempre Canovas: faz o que quer do marmore: fa-lo transparente, esgrovinha-o, apaixona-o. Incluiu-o a Academia na arte moderna do seculo XVIII Hum! Uma confusão a discutir.

.....

— Recolho-me fatigado. Pensei demais. Em frente ao *Palace Hotel* passa um enterro pobre. Acompanhamento de sete pessoas,

chorosas todas. Nem um chapéu corteja o minguado prestito. Aquelle anonimo teve na morte a continuação da vida. O mesmo em toda parte ! sempre a canção espanhola :

Quem não tem bens da fortuna
Melhor fôra não nascer
Pois que lhe falta a columna
Em que se firma o poder.

— Anoitece. Duvidoza, inferior á do Rio de Janeiro, a illuminação de Madrid. Abundante a agua, bem canalizada, bem distribuida, porém não egual á de Santos. Um banho, aqui, não é procedimento dezuzado.

Outubro, 12.

— Acorda-se tarde. Almoça-se tarde. Tarde se janta. Aqui tudo tarda. Não me servia esta cidade para viver; para morrer sim.

— Manhã bonita. Sol brilhante. Ceu azul.

No atapetado salão de leitura entretenho-me com os jornaes do dia, uma chicara de café razoavel, um almirante reformado (dono de boas letras e dum titulo nobiliarchico) e um jornalista, genero fluminense: merito franzino, algumas subvenções e poucos leitores.

Alastra a conversação. Mais costumando ouvir que falar, ponho perguntas complexas na attenção desse par de espanhóes, e na minha lhes recebo a dupla verbozidade. Rezultado: fico sabedor das cauzas pelas quaes está em crize o ministerio espanhol. Mas sabedor inteirado, e não á fula-fula, como me deixara a estatua de Martinez de Campos.

Alta Política.

Brigam, nas terras de Sancho Pansa, tres partidos conservadores e dois partidos liberaes, sommando inevitadamente cinco partidos, adversarios todos elles de el-rei Affonso XIII. Discutem, nestas paragens, dois partidos socialistas, indifferentes a fórmias de governo, servente um do nihilismo slavo por intermedio de agitadores de Barcelona, arregimentado eleitoralmente o outro nos maiores centros de população. Existem ainda, em exercicio de actividade febril, um partido militar e outro clerical, fanaticos ambos pelo rei, que é pacifista e livre pensador.

Tem cada partido sua imprensa, seus clubs, seu directorio na capital, seu eleitorado vacillante, e temporariamente seu chefe,

cujo projecto semestral é organizar um ministerio de concentraçãõ, onde entrem todos os partidos e, elle organizador, seja o unico a mandar.

Cada partido só lê os jornaes do seu partido, mas em orthographia phonetica para não perder tempo. O rei, porém, quando não tem á mão jornaes francezes, lê todos os de Madrid, inclusivè *El Motin*, meu velho amigo.

Eis porque, sendo cada espanhol uma crize ambulante, está em crize o ministerio espanhol.

No Museu do Prado.

— *Hei de voltar*: é o que pensa e diz quem sáe do *Museu do Prado*. Cem vezes que dalli a gente saia, tantas dirá: hei de voltar.

Quatro horas de vizita. Conto-as entre as mais felizes de minha vida. Horas intellectualmente decorridas em salas atope-tadas de arte. Dellas nem um minuto perdido. Capitalizei impres-sões. Passo-as para o meu diário, ao acazo das reminiscencias.

— Num mesmo instante, no relance dum mesmo olhar, vi, querendo e não podendo cotejar pormenores, a *Gloria*, de Ticiano, e o *Peccado Original*, de Rubens, plagiadamente melho-rado este sob licção daquella.

Aproveitando proximidade de télas, considerei a fixidez de Corregio nesse "*Noli me tangere* cujo colorido inebria pela sua-vidade; fixidez que a critica artistica anda a preferir á do pro-prio Ticiano: aquelles dois rostos desconhecidos (322 e 378) mais se demoram no nosso applauso do que os indicadissimos retratos de Carlos V e Felippe II, a despeito da veracidade com que o mestre reproduziu a bocca irregular do primeiro e o olhar negramente antipathico do seu successor.

Ticiano ainda, embora Ticiano macrobio: no *Sebastiano Ve-niero* deve-lhe o doge almirante a eternizaçãõ da corajoza sere-nidade com que agira nas prolongadas peripecias de Lepanto e nas suas intrigadas consequencias.

Patria e pedantismo.

— Instigado pela curiozidade de estudante escrevedor, mas il-ludido pelo *Guide de Madrid*, livreco que immediatamente remo-vi para uma italiana que me estava esguelhando, procurei sob o numero 694 o *Dezembarque de D. Fradique de Toledo em S. Salvador*, de F. Castello (?); encontrei, após pesquisas, numero

885, o *Dezembarque em S. Salvador, de Mayno* (?), tela enorme, leal ao facto, boa, especialmente no primeiro plano, denotando probabilidades de haver o artista visitado a Bahia do XVII seculo.

Quando ao certo? O marquez de Valdueça, d. Fradique de Toledo Osorio, o *capitão de maior fama que naquelle tempo tinha a nação castelhana*, escreveu o pompozo Rocha Pitta noventa e nove annos mais tarde, desembarcou em 1.º de Maio de 1625, tendo chegado em 28 de Março com sessenta e seis náus, doze mil homens e mil e quinhentas peças, cada uma das quaes tinha mais valor do que todas as datas e todos os numeros que me enxertam de inutilidade o tempo e a cabeça.

— Intentando tapar uma das portas da entrada, o busto do gordo Goya dalli está ordenando que o adorem. Dezobedeço. Sou pouco propenso a submissões:

Livre nasci, vivi, e livre espero
Encerrar-me na fria sepultura,

e por isso, não só tomo a liberdade de implicar com a *Sacra Familia*, que o menino Jesús é o primeiro a offender num exercicio de phiziologia, mas, dispondo dum saldo de birras, distendo-as a uma tela, proxima, que permittiu a Van-Weider attribuir a Eva o uzo e o abuzo de pernas finas.

— Velasquez... Mas este é maravilhoso! As sete figuras embriagadas dos *Borrachos* (seis, aliás: uma está quazi toda escondida), diferentes todas, e todas uniformes no alcoolismo, perdoam a Noé todo o mal que sua invenção fez á humanidade em geral e aos inglezes em particular. Pintando os *Borrachos* escripturou Velasquez o saldo de contas entre a uva e o homem.

Atrapalhado.

— Pergunta-me, vizitante companheiro, si na fidelidade ás minucias, si na reprodução dos accessorios, foi Velasquez superior a Rembrant, ou distanciado de Van-Dick. Que sei para responder? Apenas sei ver.

Vejo que na *Rainha Artemiza*, no braço da imaginada heroina, a renda da roupa chega a perturbar a vista. Vejo que a *Condessa de Oxford* está convidando a que lhe contemos os fios de cabelo. Um pouco adiante, no *Muzico*, já estou vendo em Van-



Dick um outro artista. Tem outro feitio. Varia sem descer. Vejo-o sonhador, ideologo quazi. Não insiste nas mesmas cores. Não se repete de fórma, embora mude de thema.

O proprio Rubens, com a fecundidade de sua imaginação, continuou na *Anna d'Austria* as mãos de *Maria de Médicis*, e deu a ambas as rainhas a mesma côr, a mesma roupa e a mesma testa.

.

— De Juan Juanes, e mais os seus seis quadros, vivacissimos, da *Vida de S. Estevão*, e de Petrus Christus, autor daquellas singularissimas lendas incrustadas em madeira, a verdade é que jamais eu ouvira falar. Desculpavel: morei tanto tempo em Itape-tinga !

.

— Ribera ? Recordava-lhe os quadros, de allusões literarias lidas, não já sei onde, ha talvez meio seculo. Enxergava-os pela primeira vez; que nem em cartões postaes as lobrigara. Grandes e grandiozos em seu dominio claro-escuro !

Colossal o *Prometheu* ! Mais imponente que bonita a *Sibilla*. Ribera dá impressão de novidade, mas novidade dominadora, imperioza. Refiro-me ao artista, não ao arteiro, está visto.

— E basta. Cancei. Retardatario, sento-me ao lado de cara que, varias vezes e em varias salas, eu notava sem preocupação. Era um guia, disse-m'o; guia competente, provou-m'o apontando para o quadro n. 504.

Rapido, levanto-me. Escancaro o olhar.

Ella! Ella!

Aquelles olhos estão rindo. Aquella bocca é unica. Não pode ser uma copia aquelle mundo de sentimentos. A tela é evidentemente original.

Tres vezes repetiu Lionardo da Vinci o retrato da Gioconda; dos quatro exemplares um me está fitando.

Prodigio ! Approximo-me devagar, vou-me approximando, olhar no olhar, pupilla na pupilla. Sinto uma commoção indefinivel, apaixonada sem luxuria, dezejada sem dezejos.

.

O *Museu do Prado*... Hei-de voltar, hei-de voltar.

(*Continúa*).

MARTIM FRANCISCO.



DO ARCHIVO DE UBALDINO DO AMARAL

Cartas de Salvador de Mendonça e Prudente de Moraes

São Paulo, 15 de maio de 1869

Meu padrinho e amigo.

Recebi a carta que V. por este ultimo correio escreveu-me e ao José Severino. Espero que a esta hora esteja livre da discomoda situação de se vêr á espera do resultado das cabalas do governo e do hydrophobo Catão burlesco, o grande Sayão Lobaço. Temos aqui confiança de que V. estará hoje com assento no Senado. Pôde calcular a anciedade com que esperamos o vapor que sae d'aquí amanhã. A não ser a inconveniencia de tornar publico o telegramma, já teriamos mandado saber telegraphicamente do resultado da votação do parecer que apurou sua eleição.

De saude vamos todos bem, e desejo que o mesmo succeda a todos os seus.

A assembléa provincial que aqui está funcionando, tem brilhado; não ha dia, no qual dia ella não escove á casca do coco e areia o Itaúna. O proprio Carrão deixou de ser magico um dia, e ante-hontem proferiu um discurso de mestre; tomou calor, sahiu da coneha e deu as duas mãos. Houve com isto dois proveitos, principalmente: ganhamos nós com a entrada dessa ovelha tresmalhada (e que ovelha!) para o apriseo, cessando assim, toda a dissidencia entre os membros do directorio daqui, e ainda mais ganhou elle que se pôz em dia de rahabilitação para com a provincia ande estava já ha annos desprestigiado.

O programma do partido, que da Côte recebi, foi aqui acceto com satisfação, no estudo e discussão das reformas apresentadas; S. Paulo pedirá, porém, os presidentes de provincia electivos, e damos ampla margem para a eleição directa; mas tudo isto disciplinadamente.

O Elias está cada vez mel'hor: está nos facultando documentos contra o Itaúna e seu corrilho, e si apanha costa quentes ahí pelo Rio, desmonta o pessoal interino do Mendes. Sem nada promettermos, vamos

tirando delle o que podemos, além da vantagem de vêl-os dilacerarem-se na provincia. A primeira, porém, que nos fizer, damos-lhe de riço.

Faça-me V. o favor de dizer ao Octaviano que pelo primeiro correio lhe remetterei documentos sobre a questão Tomás Bandeira, de Taubaté, isto é, os meus requerimentos indeferidos pelo Taúna, quando pedi certidão da resposta por elle dada a Bandeira sobre a entrada na casa do cidadão para recrutar, e as certidões não só da consulta a Bandeira como da resposta do Itauna, que agora me mandou passar o Elias, o que será de excellente effeito na Côrte. O Octaviano mandou pedir os meus dois primeiros requerimentos ao Itauna.

Para V., eu e o José remetteremos outras certidões que estamõs pedindo, e tenho esperanza de enviar ordem ao Fernando José Vicente, expedida pelo Itaúna, determinando que algemasse e amarrasse os recrutados e designados tres ou quatro dias, depois de mandar apparatusamente publicar a celebre circular quebra-algemas, prohibindo-as expressamente.

Si a monção continuar tambem o Lacernias terá certidões para boa eseovação do Itaúna e melhor edificação do anno de S. Christovam. Ha para todos, si não mudar a direcção das "aragens", de que falou o correspondente do "Jornal do Commercio", daqui

Sei que a assemblea provincial vai responsabilisar o Itaúna perante o Senado e, por isso, trabalhamos afim de reunir a melhor somma de documentos.

E' quanto lhe posso hoje noticiar. Fala-se tambem na vinda do conselheiro Campos Mello para presidente desta provincia! Será erivel? Ainda ha pouco tomava elle parte, na Limeira, na installação da sociedade Democratica Constitucional. E corre como eousa mandada pelo Itaúna em carta ao Gabriel Coutinho.

Por hoje, adeus. Muitas saudades nossas a todos os seus etc.

SALVADOR

São Paulo, 5 de novembro de 1868

Meu padrinho e amigo.

O que em primeiro logar lhe devo dizer é que, mais uma vez lhe agradeço tantos e tantos obsequios com que me penhoraram ahí. Guardo esse mimo como um incentivo mais de trabalho e esforço de minha parte, para saber corresponder á intenção cordial com que V. julgou que já agora o merecia. Mas esse esforço é consolador quando quando se tem em mira aleançar a felicidade domestica, de que o seio de sua familia me acaba de dar exemplo. Ainda uma vez obrigado.

Entreguei pessoalmente, as suas cartas; por este correio lhe mando o folheto da questão da estrada de ferro.

Conversei, largamente, com José Bonifacio sobre assumpto politico; elle e os mais vão tratar com afinco da organisação do directorio e

circulos do partido, tendo-me manifestado a sua satisfação por ser V. o encarregado desta provincia.

Ha aqui realmente animação; creio principalmente que pela razão que V. deu ao Antonio Carlos — a da chefança do azorrague, — muito bem nos tem feito este Itaúna! O mais é que vem a proposito o especifico da organização, pois, medroso e reprecendido pelas tropelias, trata elle, agora de empregar em larga escala o meio de corrupção. E' provavel que assim diminuam as defecções. Ainda hoje me deram a lamentavel noticia de que o Silveirinha é um dos que estão privando com o laçao!

Por carta que lhe hei de escrever pelo proximo vapor, e que irá por mão particular, hei de informa-lo de objecto de interesse.

O "Ipiranga" continua a ter affluencia de assignantes. Amanhan estou de ponto, e depois de amanha, terei pelas costas o meu 4.º anno.

Seu etc.

SALVADOR.

Amigo e senhor conselheiro:

Constituição, 27 de Julho de 1868

Dirijo-me a V. Ex.ª ainda sob a dolorosa impressão e profunda magua que me causaram a noticia da retirada do ministerio Zacarias e a ascensão dos conservadores vermelhos ao poder.

Essa noticia, inspirada por liberaes e conservadores, foi reccebida com geral espanto nesta provincia. Por muito tempo parccceu-me um sonho — esse golpe mortal dado no systema representativo, esse verdadeiro escandalo — com que em um paiz da America a vontade de um principe vale mais do que a grande maioria da nação! E a nossa forma de governo — é o representativo — é o governo do povo pelo povo?!

Isto é uma irrisão:—verdadeira affronta atirada á face de uma grande nação! Neste andar, onde iremos parar meu conselheiro? Quanto sangue vai derramar-se só porque o sr. d. Pedro Junior assim o quer? — E' demais — : isto causa verdadeira indignação.

A attitudo com que a camara recebeu o novo ministerio encheu de satisfação a todos os liberaes — os discursos de V. Ex.ª, de José Bonifacio e Nabuco, são lidos e relidos, com verdadeiro entusiasmo. Ainda bem: — não está tudo perdido. Veremos se será possível converter, á força, em minoria, a grande e real maioria da nação.

E o scnado nada decidiu sobre a sua entrada; ha perigo de ser annullada a eleição? Si annullarem será mais uma demora de mezes ou annos —: mas V. Ex.ª ha-de entrar para o senado — ninguem tem mais direito a uma cadeira alli que V. Ex.ª.

Este vapor leva para a Relação dois autos de recursos—interpostos pelos conservadores daqui—(representados pelo Dr. Francisco da Costa Carvalho) das decisões do conselho municipal de recursos de votantes. Os recursos são remetidos ex-officio ao secretario da Relação pelo Juiz Municipal — e vão já muito tarde.

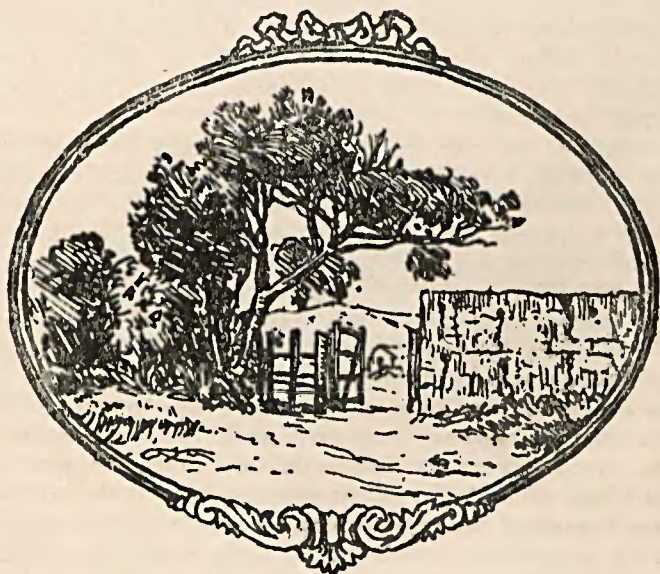
Peço a sua valiosa intervenção para que sejam esses recursos distribuídos a desembargadores liberaes—e que seja negado provimento a ambos ou que a decisão se demore de modo que, a ser favoravel, não aproveite aos cascos para a eleição de setembro. E' isto de grande conveniencia aos liberaes daqui a quem V. Ex.^o prestará mais este relevante serviço.

Desculpe o incommodo, mas tenha paciencia.

Aqui esperamos alguma edição de A. J. Henriques, para fazer e ganhar eleições a ferro e fogo—embora mate muitos paulistas. A reacção vai ser terrivel.

Neste canto da Provincia de S. Paulo, continuará V. Ex.^o a ter um admirador etc.

PRUDENTE JOSE' DE MORAES E BARROS





PAIZ DE OURO E ESMERALDA

XXIII

Durante esse tempo, na Confeitaria Fasoli, Angelo aguardava tremendo a volta do amigo. Não ha descrever a natureza da agitação que o possuía. Era juntamente esperança, dor, ansiedade, alegria e exaltação. Intercadencias de deslumbramento e de terror, de agonia e de gloria. Era tudo. A's vezes subia á superficie e dominava-o sentimento de confiança, quasi certeza, de exito. Outras, porém, era um negro desalento, uma lassidão horrorosa que o invadia e aniquilava. Dir-se-ia uma onda lethal que lhe viesse arrebatár toda a energia, atirando-lhe para um lado, a troixe-moixe, a alma exausta, dilacerada e inerte.

A multidão na rua crescia de momento para momento. Crescia o ruido, o estrepito, a algazarra. A sala regorgitava de gente. Senhoras ricamente vestidas riam e chalreavam, tomando refrescos. Cavalheiros loquazes, sobraçando pastas, discutiam com animação. Aquí, alli, rostos felizes e rubicundos de allemães em torno de grandes canecas espumantes de cerveja faziam pensar em uma humanidade á parte, indifferente e alheia a tudo o que não fosse o vivissimo trinado a que se entregavam ao mesmo tempo que saboreavam abundantes e demoradas libações. Trincolejavam louças e vidros, taralhavam machinismos nas proximidades. E no meio desse barulho ensurdecedor, no fundo da sala, a um angulo, agonizava a alma solitaria do pobre namorado.

Passou-se meia hora, uma, duas horas e o Luz não apparecia! Já o movimento attingia ao auge e ameaçava declinar, com a retirada progressiva dos que iam jantar ás casas, e nem sombra do amigo. Angelo estava immensamente abatido: Tinha os olhos encovados e sublinhados de rôxo. Depois, almoçára mal, todo absorvido que desde cêdo andava pela

violenta commoção, — de sorte que á angustia moral da anciosa expectação se juntava a debilidade do corpo falto do alimento habitual.

Mas o Luz chegou — tarde, muito depois das tres — mas afinal chegou. Vinha tão amarello e doentio, que, ao assomar junto aos teutos corados e gazeantes que occupavam uma das primeiras mesas proximas á entrada, poderia ter realmente dado a impressão de que elles ao cabo não andavam muito fóra da verdade em se julgarem os melhores exemplares humanos do mundo.

— Demorei muito? perguntou com mal simulada expressão de indiferença e calma.

— Sente-se aqui, disse Angelo em voz sumida, indicando uma cadeira, ao seu lado.

Luz sentou-se. Tirou o chapéo, passou a mão pela cabeça e respirou forte, como que para libertar-se de grande fadiga.

Ao invéz de interrogar, o italiano parecia querer auxilial-o no seu proposito de demorar a revelação. Dir-se-ia que tambem se esforçava por fazer recuar o momento decisivo.

— Pensei que você não viesse mais, gracejou heroicamente, com riso contrafeito. No fundo aquella demora elle a interpretára por bom presagio.

— Oh! não deixava de vir... Sabe que sou seu amigo, e os amigos são para as occasiões...

Aquella effusão sentimental por parte do Luz não impressionou bem a Angelo. Era mau signal. Percebia-lhe o embaraço.

— Esteve com o coronel? perguntou afinal.

— Estive... — Aqui passou novamente a mão pela cabeça com gesto de quem diz coisa sem grande importancia. — Falei com o homem...

Olhou de soslaio para Angelo. Este, porém, estava aparentemente tão calmo, que julgou poder dizer-lhe toda a verdade.

— Você quer saber uma cousa, Angelo... Estes nossos fidalgos de uma figa são a gente mais tola do mundo... Quer um conselho de amigo? Faça por esquecer esse namoro...

E tornou a observal-o de través. Não lhe notou todavia nenhuma alteração assustadora. "Não é paixão violenta", pensou. "O melhor é arrancar a erva má pela raiz".

— Esqueça isso... Você é um moço de valor, bem installado na vida... Póde aspirar a muito mais... Nem todos felizmente têm a prosapia estúpida de certas familias...

— Então a coisa é impossível? perguntou Angelo com simplicidade que não deixou de espantar um pouco ao bacharel.

— Impossível, não digo. Mas difficil, bastante difficil... E' conselho de amigo... Acho melhor você tratar de esquecer

essa criança... Porque afinal é uma criança... Você é ainda tão moço... Verdade, acho uma loucura pensar em assumir tão cedo responsabilidade de família, perder a liberdade, criar filharada... Eu por mim preferia ser fuzilado a casar-me...

— Mas o coronel não lhe disse o motivo da recusa? atalhou Angelo com a mesma calma do começo.

— Disse-me apenas que, apesar de reconhecer as suas optimas qualidades, era absolutamente contrario a esse casamento, dando-me claramente a entender que no seu modo de pensar não entrava nenhuma razão de desdouro para você... Mas devo ser franco e leal... Achei-o inabalavel. No seu caso, eu mandava ao diabo essa idéa... E' conselho de amigo...

Luz ia continuar, mas notou que Angelo estava de uma lividez cadaverica, verdadeiramente impressionante. Alarmou-se. Tentou modificar o que dissera:

— Que é isso, Angelo! Afinal não está perdida a esperança... Foi uma opinião minha... Você sabe que em grande numero de casamentos ha dessas opposições... Não é caso de desesperar...

Angelo não disse palavra. Vastas manchas roxas espalhavam-se-lhe pelo rosto e o pescoço.

— Olhe, vamos para casa...

— Não é nada...

— Vamos...

E tomando-o pelo braço fel-o sahir. Era tal a alteração de sua physionomia, que varias pessoas, á sua passagem, o fitavam com surpresa.

Luz levou-o até o largo da Misericordia, a poucos passos da Confeitaria.

— Um automovel... Depressa...

Approximou-se um carro numa barulhenta trepidação.

— Prompto, disse o "chauffeur", abrindo a portinhola.

Entraram. O auto partiu em desfilada, e lá se foi, com insistente, estridoroso buzinar da sereia.

XXIV

Esse dia, ao cerrar da noite, Strauss, fumando pacatamente o seu cachimbo, explicava a Leonardo, que o ouvia com uns olhos mui redondos e attentos, qual o methodo de cura exigido pelo estado de saude de Angelo.

— Comprehende-se, dizia com satisfeita bonhomia, que actualmente ha uma superexcitação dos centros nervosos cerebraes onde



se estabeleceram as reminiscencias relativas á mulher que o preoccupa... O movimento de aspiração amorosa está sendo violentamente perturbado pelo de outros centros onde se passa o phenomeno inhibitorio resultante da decepção que teve. Dahi procedem phenomenos secundarios — tristeza, falta de appetite, convulsões... As consequencias dessa inibição reflectem-se naturalmente nas funções organicas, especialmente nas cerebraes e cerebro-espinaes, produzindo-se anomalias na vida de nutrição, ou na vida de relação e psychica... O homem não é dotado de livre arbitrio. A pathologia prova com factos a verdade desta affirmação, visto como, já o disse Fechner, todos os factos mentaes estão sujeitos ás leis universaes da causalidade, da conservação e da transformação de energias. E', pois, necessario moderar, no caso que nos interessa, a acção de alguns centros nervosos, estimulando ao mesmo tempo a de outros, de maneira a provocar modificações da sensibilidade, que, apesar de seu rigoroso determinismo, darão a illusão de serem simples effeitos da vontade... Um dos artificios mais efficazes seria a suggestão... Mas o exito depende do methodo adoptado... O methodo, o methodo é tudo...

Leonardo, com exemplarissima paciencia e gravidade, acompanhava-lhe a singular prelecção medico-philosophica, perguntando-se a si mesmo em que todo aquelle aranzel poderia aproveitar a seu pobre irmão. Parecia-lhe que a escôva com que *frau* Mathilde tivera a idéa de mandar esfregar os pés e as mãos ao doente fôra um remedio muito mais presente e util do que tão sabia dissertação. Elle, o Luz e a boa matrona haviam-n'ó posto tranquillo, sem nenhuma necessidade de recorrerem á alta sciencia do allemão, que aliás não se achava em casa á hora do maior susto.

Ficára, porém, por fazer o mais difficil, senão impossivel — curar aquella alma brutalmente ferida em todos os seus sonhos e esperanças. Depois de um accesso de pranto, que não deixou de o alliviar um pouco, recahira Angelo em negro abatimento. Assim estivera mudo e inconsolavel até o entenebrececer. Havia breves momentos que adormecêra, de tão prostrado que estava. Só então o bacharel se retirára, accusando-se a si mesmo de grande inhabilidade no desempenho de sua incumbencia.

Quanto a Leonardo, não sabia que fazer para consolar ao irmão. Violento e impulsivo, tinha experimentado ganas de ir estrangular todos os Vieiras do mundo, em holocausto aos opprimidos e desherdados em cujo numero já contava a Angelo, que, a seu vêr, não passava de victima da organização social vigente — organização ultra-iniqua, por não permittir as expeditas uniões *em livre graça*. Era tal a sua indignação, que interrompeu as profundas considerações nevropathicas do doutor, para exclamar com impeto:

— E' extraordinario! Meu irmão ama uma *donna*... A *donna* tambem ama meu irmão... E no entanto não podem ligar-se um ao outro, porque um velho teimoso — *un gran bestione!* — não quer dar o seu *assenso!* E ainda se diz que não temos razão de protestar contra a actual ordem de cousas... Bella sociedade, *per-bacco!*

Doutor Strauss fitou-o com uns longes de surpresa. Cruzou as pernas. Meditou instantes. Depois entrou calmamente a explicar o que pensava a respeito. A seu juizo, as razões das cousas mais insignificantes eram muito mais profundas do que se pensava á primeira vista. Não se tratava no caso de um simples capricho paterno, nem tão pouco de uma consequencia da má organização social. Nada disso. A recusa do coronel era um acto de resistencia de uma raça que não queria dissolver-se. Eram forças ethnicas que se affirmavam atravez do apparente orgulho de familia, tradições que luctavam por se perpetuar, um passado, uma historia, uma nacionalidade incipiente que se defendiam contra a ameaça de desapparecimento... Era a eterna lucta, o eterno conflicto de forças, o desejo de dominação inherente a todos os seres e a todas as cousas... Vieira, repellindo a entrada de um estrangeiro para o seio da familia, oppondo-se á mistura de seu sangue com o de outras raças, fazia o mesmo que um professor seu conhecido e de Angelo, o qual defendia a pureza da lingua, repugnando á adopção de neologismos e julgando um crime imperdoavel o dar fóros de cidade a um vocabulo francez, italiano ou allemão... Ambos representavam inconscientemente forças superiores e capazes de resistencia até certo ponto efficaz contra a progressiva e fatal absorpção dos povos mais fracos pelos mais fortes... A vida das nações, como a dos individuos, era guerra implacavel, guerra encarniçada, guerra sob todos os aspectos e em todos os meios. Era o conflicto eterno, o eterno drama da Força multiforme e universal...

XXV

Aqui soou violentamente a campainha do portão.

Strauss, guardando socegradamente o cachimbo, olhou para a porta que dizia para a cozinha. Era um appêllo silencioso, que a laboriosa *frau* sentiu com certeza atravez das parêdes, pois não tardou a apparecer, como por encanto, para ir ver quem tocava.

Momentos depois rompia pela porta a dentro a Joanninha, criada da familia Vieira. Chegava espavorida, os olhos mais espantados que nunca.

— Descance um pouco, disse *frau* Mathilde, indicando-lhe um assento.



A sempre apavorada creatura explicou então ao que vinha. O coronel partia com a familia para a fazenda em Campinas, e Maria Luiza a tinha encarregado de entregar uma carta a Angelo.

Leonardo, mal percebeu o que a rapariga dizia á matrona alleman, teve impetos de abraçar a pobre desherdada que se abalançára a vir sósinha, áquella hora, trazer consôlo, esperança e alegria ao seu desventurado irmão. Pediu a carta. A moça olhou-o desconfiada. A senhora lhe recommendára que entregasse em mão propria.

— E' a mesma cousa, explicou *frau* Mathilde com um sorriso maternal. Póde entregar a este, Joanninha. E' irmão delle...

Ella obedeceu, sempre olhos espavoridos para tudo e para todos.

Strauss, como se estivera a cem leguas de distancia, meditava só os deuses poderiam dizer em que cousas altissimas.

Dahi a instantes, Angelo, despertando de um pesadelo infernal, lia com indescrível commoção, o seguinte bilhete de Maria Luiza:

Angelo

Meu pae leva-nos amanhã para a fazenda em Campinas. Tenho que obedecer-lhe. Mas não penses nem um instante que eu seja capaz de esquecer-te. Tenhamos confiança. Elle se abrandará e ainda havemos de ser muito felizes. Não te esqueças da tua desolada

Maria Luiza.

(*Continúa*)

J. ANTONIO NOGUEIRA.





A PHILOSOPHIA DE JOSÉ INGENIEROS

III

Conceito da metaphysica nas obras de José Ingenieros e de Raymundo de Farias Brito

“Quando duas pessoas conversam e a que escuta não entende palavra do que a outra diz e quando esta, por sua vez, não se comprehende bem a si mesma, ellas estão fazendo *metaphysica*.”

E’ de Voltaire esta definição sarcastica e resume a opinião de todos os scepticos de seculo XVIII.

Herdou-lhe o chavão Augusto Comte, diz Sylvio Romero, e “por se alastrar entre nós a doutrina desse pensador, espalhou-se no nosso meio culto a ogerisa á metaphysica” — como no nosso meio rural a opilação, poderíamos acrescentar. Não se limitou aliás ao Brasil, na segunda metade do seculo findo, o desprezo pela metaphysica, por esta parte da disciplina philosophica que investiga as causas supremas, os primeiros principios de tudo quanto existe, ou que, pelo menos, se affronta com os problemas que transcendem os limites positivos das sciencias particulares.

Quem, nessa quadra, se atrevesse a taes especulações, julgadas esteis, era tido como verdadeiro nephelibata, homem do mundo da lua.

Já no alvor da renascença philosophica apontára Bacon na sua obra magistral: *INSTAURATIO OMNIUM SCIENTARUM* um novo alvo: não a posse egoistica da verdade, senão a melhoria das condições da vida humana, como expõe admiravelmente Macaulay no paralelo que gizou entre a philosophia de Platão e a de Lord Verulam.

O positivismo completou a obra baconiana, atendo-se exclusivamente ás realidades accessíveis e tangíveis, assim como ás leis que presidem as modificações.

O positivismo “*estreitou dest’arte, o horizonte humano* — como diz Eurico de Góes — *circumdando-o de uma arbitraria muralha tartara*”.

Da bemfazeja curiosidade humana, entretanto, dessa fonte profusa de todo o saber, brotou uma corrente em sentido contrario, a qual se vae tornando cada vez mais caudalosa.

Audáciosa nos seus commettimentos, na expressão de Horacio, não quiz a raça de Japeto renunciar a esse apanagio só seu, de fixar os olhos no proprio sol da verdade, incorrendo embora no perigo da cegueira.

Não se quiz privar do intenso prazer que ha na pesquisa da verdade, mais intenso para Maeterlinck do que o de alcançal-a.

Não ha negar: em numero sempre crescente inscrevem-se espiritos de escól sob a bandeira dos que pregaram a revolta contra a abdicação mental preconizada pelo positivismo.

Emquanto atrevidos Icaros alçam-se ás nuvens munidos de azas que não mais temem os raios de Helio, attingindo alturas que se nos afiguravam inacessiveis, surgem verdadeiros Icaros do pensamento que se julgam capazes de se librar nas mais altas esferas da intelligencia humana.

"Partout la métaphysique est florissante et nous assistons á un renouveau des préoccupations idéales de l'intelligence" escreve Dwelshausers no seu recente livro: *L'Inconscient*".

E não parece de todo casual essa coincidencia.

O grande surto da intelligencia humana, assignalada pelo apparecimento de Aristoteles que Dante apelidou: "Il maestro de coloro che sanno" fazendo-se a um tempo o echo e o precursor de muitos seculos, coincide com a abertura ao Occidente das immensas planicies do Oriente, em seguida ás conquistas de seu discipulo Alexandre.

E quando os discipulos atrevidos do infante Dom Henrique, desprezando velhos roteiros, singravam por mares nunca dantes navegados, descortinando novas ilhas e novos continentes, pensadores originaes como Bacon, Descartes, Spinoza e Leibnitz rasgavam elles tambem, os seculares roteiros impostos á mente humana pela escolastica, enveredando por novas sendas philosophicas.

Parece que o espirito humano sente um crescer de forças ao dilatarem-se á sua frente os horizontes e os campos de acção.

Já dissemos que um representante do renascimento metaphysico no Brasil, foi entre muitos que não nos cabe aqui enumerar, Raymundo de Farias Brito e, na Argentina, o illustre José Ingenieros.

A identidade das preocupações intellectuaes, a comunidade do enthusiasmo pela solução dos mais abstrusos problemas metaphysicos, andam de par, nesses dois representantes da philosophia na America do Sul, mas com tantas e tão fundas divergencias doutrinaes que, sendo nosso intuito nestas paginas despretentiosas estudar a obra philosophica de Ingenieros, pareceu-nos azado e proficuo comparar os methodos e as licções dos dois mestres, não nos abtendo da nossa opinião pessoal quando dissentirmos de um ou de outro.

Antes de debuxar as divergencias que ha nas doutrinas dos dois autores, convém realçar-lhes os pontos de contacto.

Ambos se consagram á reconstrucção da metaphysica

Vem a pique assignalar desde já o ardente intento expresso a miudo, tanto por Farias Brito como por Ingenieros, de trabalhar á maneira positiva na reconstrucção do carcomido pardieiro da metaphysica.

O philosopho brasileiro verbera com aspreza a debandada da carneirada philosophica, factio que determinou o descredito em que cahiu a metaphysica.

"Basta de demolições, escreve elle, é necessario reconstruir. E' necessario dar treguas á anarchia intellectual e repôr o homem em posse de si por meio de uma sã philosophia".

Do seu lado proclama Ingenieros: "Só não crê na metaphysica quem lhe não alcança a incessante renovação". E ainda: "Não se occupa em embalsamar cadaveres quem sente em si vigor sufficiente para gerar filhos".

Dá a entender o philosopho argentino n'essa phrase a um tempo imaginosa e precisa, que não pretende reproduzir theorias alheias apenas, senão reconstruir o edificio inteiro da metaphysica com material novo.

Ambos põem mira na verdade

Tanto Farias Brito como Ingenieros empenham na ardua tarefa todas as forças vivas da sua intelligencia, com o nobre fito de alcançar a verdade.

"Minha obra pode não ser uma obra de sciencia, mas é uma obra de consciencia", lê-se na "*Base Physica do Espirito*" de Farias Brito. Como ainda no mesmo livro: "O que me impulsiona é, na proporção de toda a contensão de que sou capaz, um esforço apaixonado pela verdade".

Ingenieros não é menos explicito.

"Nenhum motivo extranho ao desejo de investigar a verdade deve obstar ao aperfeiçoamento das hypotheses que aspiram solver os problemas metaphysicos."

Nessa conformidade consagra um capitulo ao seu livro, "*Proposiciones relativas al Porvenir de la Filosofia*" á censura da hypocrisia dos philosophos que se deixam levar por interesses politicos, sociaes e religiosos, alheios ao desejo de investigar a verdade. A theoria das "verdades perigosas" merece-lhe violenta repulsa, affirmando que a crise da metaphysica foi "provocada pelos philosophos que se resignaram a subordinal-a á moral, como antigamente outros a subordinavam á religião."

Não lhe escapou ao latego nem Augusto Comte, nem Kant, nem Spencer e nem Haeckel, que para tantos, erradamente aliás, passa por ser o grande pontifice do materialismo. A todos esses inculpa Ingenieros de "accommodarem suas doutrinas ás crenças de seus contemporaneos,



inbuidos de longos seculos de deismo e de espiritalismo e de pôem a mira, não na verdade, senão nos principios basicos da sociedade actual, a unica que se lhes afigura possível."

Nesse particular Farias Brito lhe cahiria, sem duvida, em desagrado, Porque, na verdade, não nos poupa o philosopho cearense lamurias a respeito "da perturbação e agitação que ameaçam a civilisação em consequencia dos paradoxos do pensamento moderno, que faz invasão na consciencia da multidão e subverte as camadas inferiores da sociedade."

Para Farias Brito, o materialismo e o positivismo são "doutrinas de demolição e de morte, cuja falsidade se prova pelo *perigo social* que são suas consequencias".

Nesta ladeira Farias Brito chega a suspeitar dos philosophos que não rezam pela cartilha do espiritalismo e do idealismo, acoimando-os de, "avidos de paradoxos e de escandalo, deixarem-se levar, não pelo amor á verdade, mas pela ancia de innovar."

Crêmos que ambos exageram em materia de suspeita, e ambos se nos afiguram ralmente sedentos de verdade, não lhe temendo as consequencias. Como a tantos outros pensadores, a elles se dirige a severa reflexão de Remy de Gourmont: "O que ha de terrivel na Verdade é que quem a procura, a encontra."

Nem um nem outro jamais acceitariam, menos ainda propalariam doutrinas que se lhes não antolhassem *sub specie veri*. Dos seus livros ambos podem dizer com Montaigne: "Ce livre est un livre de bonne foy."

Os dois autores regentam o methodo ontologico

Proseguindo na exposição das semelhanças que se nos deparam na obra dos nossos autores, após esta digressão que nos faz entrevêr divergencias de maior monta, vemos que elles proscrevem terminantemente o uso do methodo ontologico nas investigações metaphysicas.

Consiste este methodo em partir de uma idéa geral para della, progressivamente, deduzir o conceito da realidade em nós e fóra de nós.

Desse methodo, diz Farias Brito "que é perigosissimo podendo levar ás mais desastradas consequencias, além de que não garante a legitimidade das conclusões uma vez que o ponto de partida é incerto, arbitrario mesmo."

Ingenieros, por sua vez, dá a entender claramente quanto é avesso ao methodo ontologico quando compara os apparatusos systemas dos metaphysicos, que o empregam, "as novellas de cavallaria", que esperam o seu Cervantes.

Igual reprovação lhe merecem os methodos mystico e o dialetico. Quer o primeiro que se resolvam problemas metaphysicos graças á revelação que receberiam homens privilegiados. Vê-se logo que o autor argentino não pretende gastar boa cera com tão máo defunto. Contenta-se em dizer que nenhum philosopho no futuro poderá recorrer a elle.

Ao ontologico equipara o methodo intuicionista adoptado por Bergson e seus numerosos discipulos. Para lhe aquilatar o pouco valor, diz Ingenieros, é bastante attentar na reduzida confiança que nelle parecem depositar os proprios philosophos que o apregoaram. Recorrem elles constantemente ao methodo positivo, incorporando más noções scientificas ás suas dissertações. Em abono dessa affirmação, cita Bergson, "cuja sciencia biologica assombra as damas elegantes que lhe formam o auditorio e fazem rir aos especialistas."

Prova mais uma vez essa citação, feita acinte, que Ingenieros não é do grupo dos leitores de Bergson *suffocados de admiração*, embora não lhe compartilhem as idéas, e são numerosos, a crêr em W. James, que Farias Brito cita no teor que lá vae.

No mesmo veridicto condemnatorio, envolve Ingenieros o methodo dialectico, que a seu vêr se deveria chamar "*verbalístico*" e que os racionalistas herdaram dos escolasticos. "Inspira-se no humanismo que ensina, não a pensar, senão a bem discorrer sobre o que os outros pensaram, arte que se torna mais refinada á medida que cresce a difficuldade de mentir.

Goethe alludira a este methodo no seguinte trecho de Fausto:

Logo depois, tratar da metaphysica!
 Com ella buscarás sondar a fundo
 O que no humano cerebro não cabe.
 Mas, ou lá caiba ou não, nunca nos falta
 Para uma pressa, um termo altisonante!!
 O palavrorio é tudo — com palavras
 Esgrime-se contra ou pró nas magnas theses.

A este methodo substituem, tanto José Ingenieros como Farias Brito, o methodo scientifico que se baseia na observação e na experimentação coadjuvados pelo emprego da hypothese. Farias Brito se soccorre especialmente do methodo introspectivo — talvez com algum exagero como em outro logar ventilaremos.

Ambos se estribam nos dados das sciencias

Os dois philosophos que cotejamos consideram as sciencias como o fundamento imprescindivel de suas theorias metaphysicas. A philosophia, que para ambos propriamente se resume na metaphysica, é para elles, como para Kant, a totalidade das sciencias. Ingenieros diz em suas "Proposiciones": "Creio que sem solida cultura experimental é tão vão o empenho em comprehender os problemas que ultrapassam as sciencias, como o seria cobrir um edificio cujo alicerce ainda não está lançado." E ainda: "Comprehendo que é mais facil falar mal das sciencias que estudal-as, mas a ignorancia dos dados experimentaes não

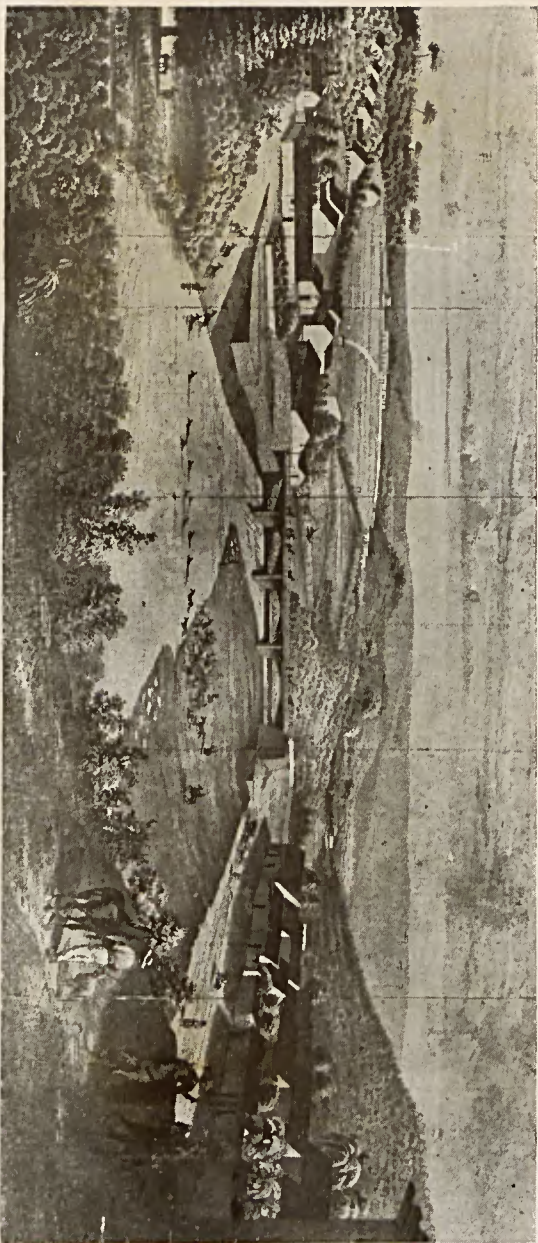




Gravura antiga.

Desenho de Debret.

PRETOS CAÇADORES



Gravura antiga.

Vista de Sorocaba (de uma lithographia)

me parece que seja uma condição methodologica para a construcção de legitimas hypotheses extra-experimentaes. Não é independentemente da experiencia, mas partindo della, que se elaborarão no porvir as hypotheses metaphysicas."

Acceita Farias Brito a mesma opinião. "A metaphysica suppõe a sciencia e a têm por base. Ella é a intuição que se tem do mundo olhando do alto da montanha da sciencia." Poderíamos ainda deduzir mais textos.

Não ha negar todavia — o autor brasileiro se mostra um tanto vacillante.

Aqui vae uma contradicção tirada da mesma obra paginas adeante; "Meu espirito não se formou á luz dos laboratorios, mas nos embates da vida."

Ha mais: No *Mundo Interior*, sua ultima obra publicada, sentençaia: "Querer fazer philosophia com experiencia de laboratorio não é somente cegueira, é insensatez, porque essas só se podem applicar a factos elementares, jamais ao mundo considerado em sua totalidade, e tal é, precisamente, o objecto da philosophia." Não admira após tal opposição comsigo mesmo, facto este que se repete mais vezes em Farias Brito, ter-lhe chamado o critico abalizado, que é João Ribeiro, "philosopho incoherente."

O minimum metaphysico contido no positivismo não satisfaz aos nossos autores

O critico positivista tem por vã toda a indagação a respeito das noções absolutas, da origem, do destino do universo, das causas ultimas dos phenomenos, para se cingir exclusivamente ao estudo das suas leis.

A redução dessas leis das sciencias a algumas leis geraes constitue como que o minimum metaphysico do positivismo. Nota Farias Brito que deu Augusto Comte a esse magro residuo da metaphysica o nome de "Philosophia primeira", o mesmo que lhe dera Aristoteles e lembra que o termo *metaphysica* proveio do facto casual de ter Andronico de Rhodes collocado após os tratados de physica os trabalhos em que o mestre se occupa do sêr em geral. (Suppôr que provém do assumpto que ultrapassa á Physica, no sentido de *sciencia natural*, como Ingenieros parece que o faz, seria erro.)

Farias Brito declara a miudo que lhe não agrada esta restricção exagerada do campo metaphysico, e nisto concorda com Ingenieros para quem os positivistas reduzem a metaphysica a uma epistemologia, ou sciencias das sciencias.

Aqui ficam nestes topicos, indicados apenas — já que a feição desta revista não comporta mais prolixidade — os pontos de contacto que descobrimos entre os dois philosophos sul-americanos. No proximo artigo accentuaremos suas divergencias.



NA BACIA DO PRATA

(Fragmento) (1)

28 de Agosto — Sahimos para Jacobina. José Rosa nos precedia para ir mais devagar; atravessamos Caceres e cahimos na estrada larga da linha telegraphica. Para o Norte e para o Sul tudo plano, apenas ondulado; á nossa frente a serra do Quilombo, azul-escura, tendo um córte vertical um pouquinho á esquerda da direcção que seguimos; — escáras longitudinaes descobrem-lhe as camadas de calcareo. A estrada é secca, plana, larga; ás vezes pisamos sobre canga pura, já desagregada, ás vezes sobre areia, onde ha crystaes de quartzo microscopicos — parecem diamantes. Ahi, n'essa areia vermelha, fina, inpalpavel deparo com os funis das larvas de *Myrmeleos*; em Matto-Grosso ellas são chamadas “Furões”.

No Brasil, os *Myrmeleos* ou Formigaleões são conhecidos pelas figuras que reproduzem *Myrmeleo formicarius* da Europa. Entretanto diversas são as especies brasileiras. Das suas larvas pouco se sabe; duas ou tres conhecidas e não identificadas com as respectivas *imagos*.

O Museu Nacional possui uma pequena serie completa, tendo todas as phases da metamorphose representadas. São porém procedentes do Morro da Vigia, no Leme, donde transportei as larvas para creal-as em casa. Pertencem á outra especie.

Cousa curiosa a vida d'esses animalculos! Eloquentes testemunho em favor da theoria da evoluçãol

Carnivoras, mas inteiramente tardigradas, antes do estado de imago, têm um modo de nutrição antagonico com o da locomoção. Este foi, entretanto, supprido pela astucia; e a larva prepara armadilhas, de que ella é uma das partes componentes e nas quaes vem cahir as suas victimas.

Uma larva de *Myrmeleo*, chega mais ou menos a um centimetro de

(1) Os primeiros artigos desta narrativa foram publicados na *Kosmos*, a contar do n.º 9 do anno V.

comprimento; o seu corpo é curto, um tanto curvo, aguçado para os dous extremos, como um grão de trigo; um de seus pares de patas é mais longo do que os outros e aberto quasi em angulo recto com o corpo; a cabeça é muito pequena e movel, tendo por órgãos oraes um par de maxillas e mandibulas, transformadas em longos braços ôcos de uma tenaz, com os quaes a larva segura o insecto apanhado, sugando-o ao mesmo tempo, sem muito incommodo.

Lógo que começa a mover-se, procura fazer a sua esparrella; caminha então de diante para traz, descrevendo uma espira completa, de fóra para dentro; á proporção que retrograda um passo, lança para fóra, servindo-se da cabeça como de uma pá, a terra que sobre esta cahe; quando chega ao centro da espira, está cavado um funil de cerca de 5 centímetros no maior diametro, por 3 de altura. Então a larva está immersa nas paredes do funil, junto do fundo, onde apenas os braços da tenaz aberta, apparecem á espera da desejada presa.

A terra que fica na rampa do funil é tão secca e tão fina que cahe á menor trepidação; por isso, qualquer pequeno insecto que, incauto, passe pelos bordos d'esse fôssó, cahe por elle abaixo. Se róla d'uma vez, está logo seguro; se consegue deter-se no meio da quéda, a larva lhe atira uma, outra e mais outra pá de terra, até dar com o desventurado entre as maxillas. Está perdido; a larva o mergulha na terra para que morra mais depressa e não a fatigue lutando e, depois, suga.

Quando despida de fluidos a prêsa esteja secca, o *Myrmeleo*, com um vigoroso movimento de cabeça, lança o cadaver a quasi um palmo da borda do fôssó cujas paredes elle de novo prepara.

Assim vive essa curiosa creatura até que, chegada a epocha da transformação em chrysalida, desfaça de vez o funil onde se nutria e, ahí mesmo immersa n'essa propria terra, fie um casulo espherico, donde, mais tarde, sahirá uma graciosa *Libellula*, de azas transparentes e elegante corpo.

Perguntarão: Como poderá respirar, n'essa terra tão fina, a larva do *Myrmeleo*? Mui simplesmente: As aberturas do aparelho respiratorio (os estigmas) são providas de um facho de cerdas que as mantem sempre desimpedidas; e as larvas respiram o ar que passa pelo meio das camadas de areia. Mais complicados são os phenomenos da excreção. E' certo que elles concorreriam para que, a cada momento, a larva tivesse que desmoronar as paredes do seu funil, infeccional-o ou humedecel-o de forma a não poder usal-o. Pois bem, esses phenomenos não se dão com as larvas dos *Myrmeleos*, onde as aberturas excretosas são obliteradas — o phenomeno se dá só no insecto perfeito; a larva apenas accumula nutrição.

Além d'esse factó notavel que se realisa n'um periodo d'algumas semanas, não menos notavel é a mutação por essa larva offerecida na forma, relativamente aos seus parentcs.

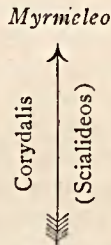
Com effeito, estamos tão habituados a ver, na metamorphose dos



insectos, grande disparidade de semelhança da larva para com a chrysalida e o insecto perfeito que isso passa por commum; mas, no caso presente, a larva de um representa bem aproximadamente a imago de um proximo alliado; este, por sua vez, differe enormemente da imago da larva em questão. Compare-se um *Corydalis* com um *Myrmeleo* e nenhuma semelhança apparente será encontrada; supponha-se, ao contrario, a larva de um *Myrmeleo* possuidôra d'um par de azas tectiformes e compare-se então ao *Corydalis* — essa differença se transformará em semelhança palpavel.

Ora, todas as larvas dos Nevropteros são carnivoras; as dos Myrmeleonideos, são as que têm as curiosas tenazes sugadoras, cuja forma está tão bem reproduzida em *Corydalis*. As larvas d'estes, têm as maxillas dispostas para a trituração; por tanto deve-se presumir que *Corydalis* esteja mais proximo dos Nevropteros de larvas trituradoras, do que de Myrmeleo; e estes sejam decorrentes de *Corydalis*.

Mais claramente teriamos o seguinte schema:



Nevropteros de larvas trituradoras

Tal hypothese provada por estudo mais demorado, viria confirmar, ainda uma vez, o principio biogenetico de Fritz-Müller e, alem disso que *Corydalis* é uma forma transitoria, fadada á extincção mais proxima, do que qualquer outro representante do seu grupo.

E na realidade, d'esta curiosissima forma, são conhecidas apenas as especies americanas do Norte e do Sul (2) as quaes (pelo menos a brasileira) podem ser consideradas como raras.

* * *

Mas, prosigamos o nosso caminho. Gralhas azues, escuras, gritam alegremente, cá e lá; a paisagem, entretanto, mantem-se uniforme. Deixamos, ás vezes a linha, para seguirmos pela estrada de rodagem igualmente plana e boa.

Que cousa facil viajar, na secca, em Matto-Grosso! As estradas são planas, limpas quasi que naturalmente. E os carreiros mudam-n'a a seu talante. Ha uma difficuldade aqui? Passa-se pela direita ou pela esquerda — e por ahi será a nova passagem. Para que perder tempo

(1) Especie de prefeito.

em concertar um caminho esburacado, quando é mais facil cortar 2 ou 3 páos do cerrado? E as vezes nem isso. Nas aguas não se dará, por certo, o mesmo.

Chegamos, afinal ao Facão—primeiro pouso — uma fazenda de canna de assucar, cujos donos nos receberam com muita bondade. Ao chegar vi que, d'uma porta entreaberta, havia um curioso nos espreitando; procurei reconhecê-lo; retirou-se o observador, não sem deixar perceber um solidéo roxo e uma batina preta.

Um bispo! N'aquellas alturas?!

Havia de saber o que era aquillo.

* * *

Aproveitei ainda o resto da tarde para tarrafeiar nas aguas do riacho, de que a fazenda tem o nome. Ao volver á casa, lauta mesa nos esperava.

N'um dos extremos estavam o bispo, dous frades franciscanos e o intendente (1) de Caceres, no outro, os meus dous companheiros e eu. Nenhuma apresentação precedera ao convite para a mesa, foi como se estivessemos a bordo...

Não durou, comtudo, por muito a separação das duas ródas, o bispo nos dirigiu a palavra: D'onde vinhamos, quem eramos, o que faziamos. Entabolamos animada conversa. Contento se mostrou elle, mineiro, de encontrar alli tres mineiros! “Ora vejam só, exclamou, disseram-me que os senhores erám allemães!...” “E são patricios e bem patricios!” “Mas então os senhores vem a pé de S. Luiz? ! E vão por ahí a pé? !” “Eu quando soube de tal disse logo — mas esses homens são uns martyres da sciencia...”

Explicamos a difficuldade de obter animaes. “Aqui em Matto-Grosso é sempre assim,olveu elle, o senhor sabe, a peste de cadeiras faz estragos enormes e luta-se com as maiores difficuldades para se obter um cavallo — o mesmo eu já experimentei. Ah! a nossa Minas!...”

D. Cyrillo nos prendeu a attenção por muito tempo com a sua amena e agradável palestra. Foi para nós uma pagina de civilização n'aquelle meio rustico.

A' noite mesmo, veio elle nos dar a honra de sua visita. “Venho visital-os”, disse; e nos apresentou o superior dos Franciscanos de S. Luiz e um outro frade que o acompanhava: “Dous francezes distinctos, nuito illustres”. Declinou o nome dos apresentados e... nos poz em serios embaraços... O nosso quarto era terreo e tinha por mobilia — um enormissimo côcho cheio de feijão recoberto de areia, um tronco (*Caveant consules!*) e tres esteios, onde deveriamos armar as nossas rédes... se não tivessesmos trazido camas de campanha, as quaes ainda estavam nos respectivos saccos.

Deveras constrangido, vi-o palestrar, de pé, sobre assumptos diversos, sempre com amenidade e distincção; percebia-se-lhe uma grande nostalgia de Minas.

D. Cyrillo, Bispo de Cuyabá, estava de visita a Caceres e aproveitava



o ensejo, para estender o seu manto religioso pelas circumvisinhanças da cidade. Era isso que o trazia ao Facão.

29 de Agosto — Sahimos ás onze horas. De manhã retribuimos a visita de D. Cyrillo, almoçamos, agradecemos ao Snr. Pedro Alexandrino, proprietario do Facão, o acolhimento generoso e seguimos em rumo da Jacobina. O dr. Cicero queixava-se de que eu lhe havia feito perder o dia — “Não tinha tempo de fazer o levantamento geologico que desejava, pois sahiramos muito tarde”.

Com effeito, o culpado fôra eu que me detivera em apanhar uma paca, a primeira paca mtogrossense que Nini, a minha Fox-Terrier, foi retirar do esconderijo, nas margens do Facão.

Ao vel-a, D. Cyrillo revelára as suas inclinações venatorias.

“Gosto muito, muito de caçar...”

Mas, a zanga do geologo durou pouco; em breve lá estava elle de bussola e caderneta em punho. Menos gostei eu do acompanhamento cerimonioso do intendente de Caceres que nos seguio até fóra da fazenda e foi a causa de eu não apanhar um esplendido granivoro que atravessára a estrada.

Andamos durante todo o dia. Hoehne enchia a pasta de plantas, deixando ouvir exclamações significativas de vez em quando. Quanto a mim, decididamente perdêra a sorte com o intendente.

A' noitinha, avistamos um cannavial, depois uma torre de igreja e por fim uma casa branca, de contornos mal definidos, no lusco-fusco d'um valle ensombrado por essa hora crepuscular. Era Jacobina.

Chegamos, enfim. O cansaço nos emmudecera; os nossos passos não resoavam no pó do caminho; tudo era sombrio e escuro. Um zum-zum de vózes partindo do andar superior da casa, significava que nos haviam visto. A minha vontade era de sentar-me na calçada; fui entretanto convidado a subir ao primeiro andar.

Fomos conduzidos a uma varanda — a mesmissima de que falla Florence, o auxiliar de Langsdorff. Lá estava a mesa de páo circumdada de bancos seculares. A madeira das portas e dos forros, sem tinta, estava denegrada pelo tempo; e rendas caprichosas de teia de aranha recobriam as paredes

Ahi nos recebeu o proprietario: “Não repareis, disse elle, recebi ha pouco esta fazenda e estou começando a trabalhar n'ella, por onde devo, isto é, pela lavoura; endireitada esta cuidarei da casa, que é *este palacio que ahi tendes*”.

E nos encaminhou para a mesa; chegáramos em boa hora. Fomos, em seguida para o *nosso aposento* no primeiro andar; uma ampla sala de tecto negro e soalho de tijólos. Rescendia á velhice, mas éra um esplendido commodo com 3 janellas para o terreiro. Ahi armamos as nossas camas.

(Continúa)

ALIPIO DE MIRANDA RIBEIRO.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



BERNARDO GUIMARÃES

Patrono da cadeira n. 5 — Nasceu na cidade de Ouro Preto (Estado de Minas Geraes), a 15 de Agosto de 1825 e falleceu no dia 9 de Março de 1884, na mesma cidade.

(Felicio Buarque indica o fallecimento a 10 de Março).

Bibliographia

- 1 CANTOS DA SOLIDÃO, S. Paulo, Typ. Liberal, 1852.
- 2 POESIAS — (Cantos da Solidão — Inspirações da tarde — Poemas diversas — Evocações — A' beira do Botafogo) 3.ª edição — 328 pgs. — Rio, H. Garnier, 1865.
- 3 O ERMITÃO DE MUQUEM, romance — 216 pags. Rio, H. Garnier — 1.ª edição 1865.
- 4 LENDAS E ROMANCES, novellas — 245 pgs. (nova edição) Rio, H. Garnier, 1.ª edição 1871.
- 5 O GARIMPEIRO, romance, 247 pgs. Rio, H. Garnier, 1.ª edição 1872.
- 6 HISTORIAS DA PROVINCIA DE MINAS GERAES, novellas, 263 pgs. — Rio, H. Garnier — 1.ª edição 1872.
- 7 O SEMINARISTA — romance, 294 pgs. Rio, H. Garnier — 1.ª edição 1872.

8 O INDIO AFFONSO, romance — A' morte de Gonçalves Dias, poemeto — 144 pgs. Rio, H. Garnier — 1.ª edição 1873.

9 A ESCRAVA ISAURA, romance (nova edição) 276 pgs. Rio, H. Garnier — 1.ª edição 1875.

10 NOVAS POESIAS — 202 pgs. Rio, B. L. Garnier, 1876.

11 MAURICIO OU OS PAULISTAS EM SÃO JOÃO D'EL REY — romance, 2 vols. — 338 — 340 pgs. — Rio, B. L. Garnier. — 1877.

12 ROSAURA, a engeitada — romance — 572 pgs. — Rio, B. L. Garnier — 1883.

13 FOLHAS DE OUTOMNO, poesias — 258 pgs. — Rio, B. L. Garnier — 1883.

14 A ILHA MALDICTA — O PÃO DE OURO — romances — 314 pgs. — Rio H. Garnier — 1879.

15 O BANDIDO DO RIO DAS MORTES, romance — 207 pgs. — Bello Horizonte, Imprensa Official Est. Minas — 1904.

16 A VOZ DO PAGE', drama (inedito).

17 OS DOUS RECRUTAS, drama (inedito).

Edições princeps: — Cantos da Solidão — S. Paulo, Typ. Liberal, 1852; 2.ª edição em 1858 (Rio), 3.ª edição em 1865 com o titulo de Poesias.

Collaborou em o *Bom Senso, Ensaios litterarios de S. Paulo, Actualidade* (onde escreveu o juizo critico sobre as "Inspirações do claustro" de Junqueira Freire). *Jornal do Commercio — Revista Brasileira* (2.ª phase): A Camões — 1880.

Encontram-se seus retratos em *Littérature Brésilienne* de Victor Orban, no *Almanack Alves* e na *Revista Illustrada* de Angelo Agostini.

Fontes para o estudo critico

Sylvio Romero — Estudos de litteratura contemporanea, pgs. 71.

Historia da Litteratura Brasileira, II pg. 230.

Livro do Centenario — L pg. 52.

e João Ribeiro — Compendio de litteratura brasileira, pagina 209.

José Verissimo — Estudos de litteratura brasileira — vol. II pg. 253.

Historia da litteratura brasileira, pgs. 287 e 312.

Julio Barbuda — Litteratura brasileira, pgs. 349.

Vaz Pinto Coelho — Poesias e romances do Dr. Bernardo Guimarães.

Padre João Pio — Prefacio do "Bandido do rio das Mortes".

Affonso Gelso — Prefacio do "Bandido do rio das Mortes".

Alvaro Guerra — A' mocidade brasileira.

Victor Orban — Littérature brésilienne, pag. 120.

Sacramento Blake — Diccionario bibliographico.

Eugenio Werneck — Anthologia brasileira, pag. 33.

Almeida Nogueira — Tradições e reminiscencias — 2.ª serie pg. 168.

- J. P. Xavier da Veiga* — Ephemerides mineiras.
Felicio Buarque — Almanack Alves de 1917, pag. 179.
Macedo Soares — Ensaios litterarios, pag. 386.
Valentim Magalhães — Notas á margem.
Fernandes Pinheiro — "Republica" 19-8-1872.
Carlos de Laet — Microcosmo do Jornal do Commercio 16-3-1884.
Ronald de Carvalho — Pequena historia da litteratura brasileira,
 pag. 259.

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

Divergem os biographos sobre o anno do nascimento de Bernardo Joaquim da Silva Guimarães. A julgar, porém, pelo que se reveste de maior autoridade, como o snr. Felicio Buarque, mineiro de Uberaba, elle viu a luz do sol a 15 de Agosto de 1825, na cidade de Ouro Preto, sendo filho legitimo de João Joaquim da Silva Guimarães e D. Constança Guimarães.

Em tenra idade foi residir em Uberaba onde iniciou a educação primaria. A sua instrucção secundaria foi empreendida em Campo Bello e Ouro Preto de onde se transferiu para S. Paulo afim de fazer o curso juridico.

O mesmo biographo acima citado dá curso á seguinte versão: "Diz-se que, durante a revolução mineira de 1842, o estudante fugio do collegio e incorporou-se aos revolucionarios, mas voltou depois arrependido para o lar paterno e continuou os estudos."

Matriculou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo em 1847 e bacharelou-se em 1851.

Durante o curso juridico não se distinguiu como estudante, dedicando-se á litteratura, principalmente á poesia, collaborando em revistas onde se revelou um critico mordaz. Nessa phase fagueira da existencia, o poeta, influenciado pelo modelo de Byron, entregou-se á vida bohemia, juntamente com Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa e outros, cuja saude foi prejudicada pelas extravagancias e estroinices que praticavam. Chegaram a fundar a sociedade Epicurea que tinha por fim realisar os sonhos do autor de D. João. Reuniam-se em varios pontos, de preferencia os arrabaldes, e entregavam-se a toda a sorte de desvarios, chegando, segundo um testemunho invocado pelo escriptor Couto de Magalhães, á loucura de ficarem encerrados durante 15 dias, á luz de candieiros.

Datam dessa época os famosos *bestialogicos* de que Almeida Nogueira reproduz um exemplar. O estudante era expansivo e jovial, de temperamento humoristico e muito palrador.

Reunia em sua casa, ás quartas-feiras, alguns amigos, sendo infallivel a presença de Aureliano Lessa. Preparavam uma ceia *escolastica*, trocavam saúdes e cultivavam o genero do *bestialogico* em que era eximio o poeta mineiro.



Constituíram elle e os seus companheiros predilectos um *triumvirato* e pretenderam publicar em collaboração intima as *Tres Lyras*, mas não realisaram o projecto devido ao prematuro fallecimento do autor das "Noites nas tavernas".

Laureado com o diploma scientifico, na segunda época do anno lectivo de 1851, foi nomeado juiz municipal em Catalão, onde fez o quadriennio.

Depois de entrar na vida pratica, perdeu o genio folgazão, tornou-se taciturno e contemplativo, viveu em isolamento, curtiu as agruras da miseria, deixou crescer a barba, tinha os cabellos compridos, em desalinho, a roupa mal cuidada e o desanimo apoderou-se do seu espirito. Perdurou-lhe o vicio da intemperança, contrahido no tempo academico, para imitar Byron, Musset e Espronceda.

Immiscuindo-se na lucta partidaria, moveu tenaz opposição ao presidente da provincia de Goyaz, hostilizando o juiz de direito que seguia a sua orientação na comarca.

Substituindo o juiz de direito licenciado, convocou uma sessão de jury e absolveu onze réos, sendo a sessão classificada de *jubilêo*. O presidente da provincia demittiu-o do cargo de delegado de policia, a bem do serviço publico, e fez com que o juiz effectivo reassumissem o cargo. Mas os inimigos do dr. Virginio Henrique Costa denunciaram-n'o e o juiz interino pronunciou-o como incurso nos artigos 111 e 120 do Codigo Penal. Soffreu, então, muitas perseguições, um processo crime em que a propria defesa foi considerada como um primor litterario.

E para contrariar a perseguição que lhe movia o presidente, manteve uma correspondencia para o jornal "Actualidade", órgão liberal do Rio, conseguindo a exoneração do presidente da provincia e a remoção do juiz.

Durante a sua permanencia em Catalão, por ahi passou o dr. Couto de Magalhães, seu collega da Academia, para assumir a presidencia da provincia. Quiz hospedar-se em casa do poeta, mas desistiu da idéa, porque o encontrou sem o menor conforto, em uma casa velha, sem mobilia e até sem um copo para dar agua ao amigo.

Deliberou o novo presidente afastar o poeta daquelle ermo, attrahindo-o para a Côrte onde foi confiado a Flavio Farnese, redactor da "Actualidade". Assumiu a direcção litteraria do jornal em 1859 e distinguuiu-se ao lado de Farnese e Lafayette R. Pereira.

Dentre as anedoctas que definem o character extravagante do autor do *Seminarista*, destaca-se uma cuja veracidade é garantida. Estava Bernardo Guimarães em companhia de Ferreira de Menezes e outros, na redacção do *Correio Mercantil*, quando lhe entregaram uma carta. O romancista leu-a, empallideceu e dasatou em pranto. Alguns minutos depois enxugou as lagrimas, pediu papel e encheu tres ou quatro paginas com a sua lettra rasgada e tortuosa. E soluçava enquanto redigia. Ergueu-se pouco tempo depois e convidou os circumstantes: — Vamos ao café!



No botequim do Braguinha, sito ao largo do Rocio, leu o que havia escripto: era a poesia "O meu cavallo" que consta de um dos seus livros, como composta em Minas.

A carta que recebera na redacção do *Correio Mercantil* dava-lhe a triste noticia da morte do seu alazão, em que fizera a viagem de Catalão a Formiga.

Poucos annos depois voltou para Minas (Ouro Preto) onde contrahiu matrimonio com D. Thereza Guimarães, sua prima, virtuosa senhora que para elle foi um anjo tutelar em vida e depois de viuva zelou pela sua reputação, recompondo os originaes do romance "O bandido do rio das Mortes", afim de ser publicado a expensas do Estado. Entregou-se, então, de corpo e alma á poesia e ao romance, vivendo tambem de magisterio.

Leccionou rhetorica e philosophia no Lyceu Mineiro de Ouro Preto e em Queluz lhe foi confiada a cadeira de francez ou de latim.

Foi supprimida a cadeira que lhe concedera o governo provincial, por que o romancista não revelava vocação pelo magisterio, deixando de dar aulas por largo espaço.

A sua estreia litteraria foi em S. Paulo, em 1852, quando se despediu dos companheiros da academia e da vida litteraria. Foram os "Cantos da Solidão", editados pela typographia Liberal de Joaquim Roberto de Azevedo Marques, no Largo da Sé n.º 3, o seu primeiro livro de versos.

A primeira pagina continha uma advertencia ao leitor, dizendo que as producções poeticas eram um adeus da despedida á mocidade academica em geral e particularmente aos que se entretinham no cultivo das bellas letras.

No anno seguinte o "Acayaba", em seu primeiro numero, saudava o apparecimento do livro.

Compõe-se o volume, na edição definitiva de 1865, de cinco partes: — *Cantos da Solidão, Inspirações da tarde, Poesias diversas, Evocações e á Bahia de Botafogo.*

Além desse livro de versos, escreveu: — "Novas Poesias", "Folhas do Outomno", "A morte de Gonçalves Dias", poemeto publicado na *Reforma* em 1869, quando a Camara dos Deputados recusou o auxilio pedido pelo Maranhão para erguer uma estatua ao cantor dos "Tymbiras", e mais tarde appenso ao romance "O indio Affonso". Compoz tambem algumas poesias no estylo picaresco, a que denominou pantagruelicas e bocageanas.

De todos, o melhor livro de poesias é sem duvida o primeiro com que fez a sua brilhante estreia.

A nota predominante do seu estro é a lyrica, como a de quasi todos os poetas brasileiros. O seu lyrismo é simples e expontaneo, subordinado a um estylo singelo, quasi sempre descriptivo. Caracterisa-se o poeta como pintor das scenas do sertão, buscando um fio de tradição na tela de um colorido fresco em que as imagens têm vida.

Mas a sua feição poetica é flexivel, maleavel, amolda-se a varios generos, desde o épico ao humoristico. E' por vezes terno e languido, outras voluptuoso e sensual, em certas passagens é sarcastico e em outras contemplativo. Exemplos se notam de um feitio naturalista (*Ermo*), alguns se destacam como philosophicos (*Devanear do sceptico*), outras como phantasticas (*Orgia dos duendes*); percorre toda a gamma, desle os assumptos sentimentaes e amorosos (*Evocações*) até os themes facetos e joviaes (*Charuto, Saia Balão, Diluvio de papel, Nariz perante os poetas*). Assume até a tendencia mystica e religiosa, como aconteceu no fim da existencia com as "Folhas do Outomno" e apresenta poesias de caracter patriotico (*Estrophes aos voluntarios mineiros e Heroides brasileiros*).

Mas não são impeccaveis os seus processsos estheticos, pois observam-se senões de metrificação, fórmula umas vezes incorrecta, prosaismo em certas composições e falta de energia em algumas descrições.

Viveu sempre no planalto central, em intimo contacto com os sertanejo donde lhe veio a propensão para o assumpto brasileiro, bucolico ou campesino, á maneira de Thomaz Gonzaga de quem recebeu influencia.

Foi companheiro de Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa, José Bonifacio, Felix da Cunha e José de Alencar.

Os poetas que maior influxo exerceram na sua inspiração e na sua esthetica foram Byron, Musset e Lamartine.

Não pagou tributo ao indianismo, embora pertencesse á segunda geração romantica, de que foi um dos ultimos sobreviventes. Manejou muito o verso branco, sem rima.

Tinha o genio do bohemio e participava do delirio ambulatorio de judeu errante, caminhando sempre; mas a feição do desregrado não apparece nos seus versos.

Era um espirito liberal e progressista.

Os seus romances são eminentemente nacionaes, subordinados ao naturalismo tradicionalista, segundo a classificação de Sylvio Romero, explorando o meio sertanejo, na aldeia ou no campo.

No "Ermítão de Muquem", historia da fundação da romaria de Muquem em Goyaz, o autor narra os costumes rudes do sertanejo. Nessa lenda elle desenvolve paysagens que são primores do estylo descriptivo, e apresenta-nos o selvagem brasileiro, na feição natural, sem as roupagens da phantasia.

Nas "Lendas e romances" continua a explorar o mesmo genero e a descrever os costumes da sua provincia, fazendo surgir o typo nacional do sertão e pintando os quadros da vida campesina com vigor de tintas e côres naturaes.

Ainda subordinando ao assumpto regional e estudando a vida dos que exploram o sólo á cata de pedras preciosas, concebeu o "Garimpeiro" em que ao lado da parte descriptiva, nos apresenta caracteres bem estudados.



As "Historias e tradições da provincia de Minas Geraes" abrangem duas novellas e uma lenda, impregnadas de nativismo, tendo a côr local e descrevendo quadros da nossa natureza com carinho de artista. Fazem parte do volume a lenda "A cabeça de Tiradentes" e os contos "A filha do fazendeiro" e "Jupyra" que inspirou uma opera ao nosso maestro Francisco Braga.

Só em "Jupyra", no "Ermitão de Muquem" e no "Indio Affonso" distinguem-se laivos de indianismo já diferenciado e assumindo feições dos typos sertanejos, sem a aureola poetica da phantasia.

No "Seminarista" aborda a these do celibato clerical, como na "Escrava Isaura" immiscue-se nos dramas da escravidão.

"Mauricio ou Os paulistas em São João d'El Rei" é um romance historico que foi continuado na obra posthuma "O bandido do rio das Mortes".

Ainda deixou os romances "Rosaura, a engeitada", "A ilha maldicta" e "O pão de ouro".

Foi um precursor do naturalismo, cultivando a tradição de sua provincia natal, pintando as paysagens brasileiras e estudando os typos sertanejos e costumes regionaes.

Representa, por isso, papel saliente na evolução do romance nacional.

Summario para um estudo completo

O bohemio incorrigivel — Sua estreia litteraria — Vida em penumbra — Attrahido pelo fóco — Sua reputação litteraria no Rio de Janeiro — Regresso á provincia — O poeta sob varias feições — O romancista precursor do naturalismo — A tradição e os costumes regionaes — Os typos sertanejos e as paysagens da vida campesina — Diferenciação do indianismo e integração do matuto — O jornalista e o critico.



RAYMUNDO CORRÊA

Fundador da cadeira n. 5. — Nasceu no Maranhão, a bordo do vapor S. Luiz, na bahia de Moguncia, a 13 de Maio de 1860 e falleceu em Paris a 1 de Setembro de 1911.

Bibliographia

- 1 PRIMEIROS SONHOS, poesias — S. Paulo, 1877, in-8.º.
- 2 SYMPHONIAS — poesias, 198 pags., com introdução de Machado de Assis — Rio, Liv. Faro e Lino — 1883.
- 3 VERSOS E VERSÕES, poesias (1883-1886) — 213-5 pgs. — Rio, Typ. e Lith. Moreira Maximino e Cia. — 1887.
- 4 ALLELUIAS — poesias (1888-1890) — XII-219 pgs. in 8.º, Rio 1891.
- 5 POESIAS (edição portugueza), com traços biographicos de J. de P. Soares Diniz, prologo de João da Camara e nota do autor. (retrato) 224 pags. (3.ª edição) — Lisbôa, Parceria Antonio Maria Pereira-1910. A 1.ª edição é de 1898 e a 2.ª de 1906.

Collaborou em varios jornaes e revistas, desde o tempo de estudante: *A Reacção*, orgam do circulo dos estudantes catholicos, S. Paulo 1877-79; *Constitucional*, orgam conservador de S. Paulo; *Sciencias e Lettras* (1880), em S. Paulo, com Augusto de Lima e outros; na *Comedia* de Valentim Magalhães e no *Bohemio* (1881), ambos em S. Paulo; na *Gazetinha* (1884) de Arthur Azevedo; no *Vassourense*, quando promotor em Vassouras; na *Estação*, jornal de modas; no *Diario Mercantil*, de São Paulo; na *Semana*, de Valentim Magalhães; na *Revista Brasileira* (3.ª phase): Flôr de lotus, pg. 329 do III vol., Musa aldeã (poesia) pag. 28 do tomo XI; em *O Paiz* (Flôr de sangue, impressões do romance de Valentim Magalhães); no *Almanack Garnier* de 1907: O mi-

santhropo (soneto), A' porfia (versos); na *Revista da Academia Brasileira de Letras*: Cartas a Affonso Celso (pag. 59 do n.º XI).

Ultimamente a *Revista do Brasil* (n. 31) publicou duas cartas que elle dirigiu ao poeta Antonio Salles. Escreveu tambem a memoria historica da Faculdade Livre de Direito de Minas Geraes, Ouro Preto 1896 in-8.º.

A reproducção do seu retrato foi feita nas "Poesias", na "Bibliotheca Internacional de Obras Celebres", na "Litteratura Brasileira" de Valentim Magalhães, na "Littérature Brésilienne" de Victor Orban e na "Lyra Popular".

Fontes para o estudo critico

- 1 *Machado de Assis* — Introducção das Symphonias.
- 2 *Luiz Murat* — A Vida Moderna (n. 1, de 10-7-1886).
- 3 *Valentim Magalhães* — Escriutores e escriptos, pag. 43.
- 4 *Ezequiel Freire* — Livro Posthumo, pg. 133.
- 5 *Affonso Celso* — Carta prefacio das "Alleluias".
- 6 *Teixeira Bastos* — Poetas brasileiros, pag. 17.
- 7 *José Verissimo* — Estudos brasileiros, II vol. pag. 175 — Historia da litteratura brasileira, pg. 367.
- 8 *D. João da Camara* — Prologo nas "Poesias".
- 9 *Soares Diniz* — Traços biographicos nas "Poesias".
- 10 *Sacramento Blake* — Diccionario bibliographico.
- 11 *João do Rio* — Momento litterario, pg. 316.
- 12 *Sylvio Romero* — Livro do centenario — I pg. 95.
- 13 *Eugenio Werneck* — Anthologia brasileira, pg. 427.
- 14 *Mario de Alencar* — Lembranças de R. Corrêa — n. 7 da Revista da Academia Brasileira de Letras. — Almanack Garnier de 1914, pg. 239.
- 15 *Lucio de Mendonça* — Raymundo Corrêa, n. 9 da Revista da Academia Brasileira de Letras.
- 16 *Oswaldo Cruz* — Discurso (elogio), n. 11 da Revista da Academia Brasileira de Letras.
- 17 *Afranio Peixoto* — Discurso de recepção, n. 11 da Revista da Academia.
- 18 Cartas no n. 11 da Revista da Academia B. de Letras.
- 19 *Amadeu Amaral* — Conferencias na Sociedade de Cultura Artistica de S. Paulo, vol. 1.º.
- 20 *Pereira de Carvalho* — Os membros da Academia em 1915.
- 21 *Alberto Faria* — Revista Americana, n. 1 anno VII, pag. 18.
- 22 *Jorge Jobim* — Revista Americana n. de Janeiro de 1917, pg. 89.
- 23 *Ronald de Carvalho* — Pequena historia da litteratura brasileira, pg. 291.

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

Nasceu Raymundo da Motta de Azevedo Corrêa a bordo do vapor S. Luiz, na bahia de Monguncia, Estado do Maranhão.

Filho do respeitavel e integro magistrado José da Motta Azevedo Corrêa, foi educado sob os mais severos principios de moral e de religião, chegando a ser um crente fervoroso. Passou parte da infancia e da adolescencia em Cabo Frio e estudou no internato do Collegio Pedro II, onde esteve até 1876.

Em 1877 transferiu-se para S. Paulo, onde fez o curso juridico, juntamente com Silva Jardim, Assis Brasil, Julio de Castilhos, Pedro Lessa, Theophilo Dias, Augusto de Lima, Valentim Magalhães e outros espiritos de escól, graduando-se em 1882, depois de um curso sem brilho, porque foi vadio.

Ao chegar á Paulicêa, com a alma impregnada de crença e o cerebro cultivado sob a disciplina rigida dos principios conservadores, já tangia as cordas da lyra inspirado no romantismo delinquentescente.

Lêra Camões em Cabo Frio, extasiando-se com as estrophes dos "Luziadas", á beira-mar, a contemplar o seu berço em agitação convulsa e ininterrupta.

Os seus autores favoritos na primeira phase, quando se aparelhava para o tirocinio da arte, foram Manuel Bernardes, na prosa, e Bocage, na poesia. Antonio e José Feliciano de Castilho contribuíram para a sua cultura litteraria, emprestando-lhe o apuro da linguagem e o rigor na metrificacão, pois nunca mutilou um verso.

Dos brasileiros, o seu poeta favorito era Casimiro de Abreu que lhe emprestou a feição primitiva dos "Primeiros sonhos", publicados em 1879, quando os seus companheiros de escola e de *republica* repudiavam os processos romanticos e deixavam-se conduzir pela onda de reacção que se operou na arte litteraria.

Sentindo o pejo que causavam as suas ideias atrazadas aos collegas, accrescentou no fim do volume uma nota explicativa: "Reconheço que ha neste meu primeiro trabalho litterario composições ridiculamente contrarias ao espirito da época. Entretanto, sem recorrer á idade de muita inexperiencia e pouco estudo em que, pela maior parte, foram feitas, ha ainda hoje quem as aprecie..."

Desse mesmo livro que não conheço, por estar completamente exgottada a segunda edição, disse Machado de Assis, na introdução das "Symphonias": "... confesso que ha nelle o cheiro romantico da decadencia, e um certo aspecto flacido; mas taes defeitos, a mesma affectação de algumas paginas, a vulgaridade de outras, não suprimem a individualidade do poeta, nem excluem o movimento e a melodia da estrophe. Creio mesmo que algumas composições daquelle livro podiam figurar neste sem dizer do tom, nem quebrar-lhe a unidade."



Convívio dilatado com os revolucionários, propugnadores das ideias novas, abalou-lhe o credo primitivo, como se percebe no symptoma da nota appensa aos "Primeiros sonhos".

O romantico atirou-se á leitura de Th. Gauthier, Lecomte de Lisle, Banville, Sully Prudhome, conservando em primeiro plano o grande Victor Hugo; o espirito político foi destituído das funcções de redactor do *Constitucional*, organo conservador, por se haver manifestado um tanto rebelde; o catholico utilisou-se do diploma de vice-presidente do "Circulo dos estudantes cathólicos" para embrulhar umas framboezas sanguineas, destinadas ao amigo Valentim Magalhães.

O estudante era vadio, de temperamento nervoso, irritadiço, voluvel e agitado como o mar lhe serviu de berço. Perseguiu-o o delirio ambulatorio: mudava todos os mezes de commodo ou de *republica* e raramente dormia na casa em que jantava.

Muito pouco expansivo e de genio concentrado, procurava a solidão, sempre a fumar nervosamente, agitando a perna, em completa abstracção.

Nas aulas sentava-se na primeira fila, no *banco da musica*, segundo a gyria academica, e simulava uma attenção digna de applausos, mas o pensamento vagava na região do sonho, compondo versos que elle escrevia depois.

A primeira impressão por elle causada era desagradavel, pois parecia um triste e era effectivamente um distrahido; mas no fundo mantinha a jovialidade dos simples, das almas bondosas. Confundia-se o seu aspecto grave com o taciturno.

Mario de Alencar refere como elle commentava um trecho de "L'île des Pingouins" ou do "Tartarin", com riso franco e communicativas gargalhadas, e affirma que só ia ao theatro para rir.

Constituia o prototypo da pureza e da bondade, simples e ingenuo, sensível e piedoso.

Aluizio Azevedo e Afranio Peixoto appellidaram-n'o *S. Raymundo*, o que era perfeitamente justificavel, attentas ás qualidades de sua alma isenta de artificios.

Narram os seus contemporaneos o facto succedido em casa de uma rameira em S. Paulo, durante o periodo academico, semelhante ao do conto "Armoire" de Guy de Maupassant. Elle retirou-se sensibilizado pela presença de uma creança, depois de haver pregado um longo sermão á mulher infeliz.

O seu pantheismo expontaneo pode-se resumir na phrase de Eça de Queiroz, em relação a D. Affonso d'"Os Maias": "era dos que se compadecem da sêde de uma planta, e param ás vezes na estrada para não esmagar um bando de formigas em marcha".

Synthetisa esse conceito o caso, referido por varios amigos seus, do sabugueiro que flarescia junto á janella do seu quarto e começou um dia a definhar. Ouviu especialistas pedindo conselhos, irrigou a planta, dispensou-lhe cuidados de enfermeiro, adubando a terra, e, desanimado, lembrou-se

de recorrer á cirurgia. Descobriu a raiz do arbusto e verificou que uma pedra comprimia a parte principal dos tentaculos que sugam o alimento do sólo. Alliviou a raiz, extirpando o corpo extranho e a planta voltou ao viço primitivo.

A Academia de Letras quando elle falleceu, prestou-lhe homenagem adequada ao seu espirito compassivo, á sua alma de Lucrecio, transplantando para o pateo do Syllógô a planta querida do poeta.

Outro exemplo, prendendo-se aos seres inanimados, é citado por Lucio de Mendonça e pelo proprio Valentim.

Conseguiu a muito custo comprar um terno novo e, como os collegas se oppuzessem á estreia do fato sem um chapéo condigno, aguardou a oportunidade. Quando logrou adquiril-o, condoeu-se da sorte do velho amigo e sahiu de casa com a roupa nova e o chapéo usado.

Outras anedoctas ou factos de authentica veracidade podiam ser citados; mas, analysando o homem, passo a relatar os actos do juiz.

Raymundo foi promotor publico em S. João da Barra, onde um chefe politico lhe perguntou, escandalisado e com ar de mysterio, se tinha fundamento a calumnia propalada de ser um poeta o representante da justiça publica. Elle negou, como é de suppôr.

Foi juiz municipal, de orphãos e ausentes em Vassouras onde era companheiro de Lucio de Mendonça, Lucindo Filho e Rodolpho Leite. Exerceu tambem os cargos de juiz municipal em S. Gonçalo do Sapucahy, pretor e juiz da terceira vara cível na Capital Federal.

Como magistrado, julgava com a consciencia, concedendo a absolvição do sacerdote aos que mereciam as penas impostas pelo codigo.

Não se preocupava em fundamentar as sentenças com os principios juridicos; guiava-se pela sua moral humana e compassiva, desprovida de fundamentos philosophicos e isenta de preceitos religiosos. Interpretava as leis com a elasticidade compatível com os sentimentos piedosos, procurando regenerar os homens com as predicas de pastor, restituindo-os á sociedade como elementos uteis e repellindo a conducta inexoravel dos que applicam a lei sob a influencia da justiça rigida e severa, discutida nos tratados de direito criminal e consubstanciada nos artigos laconicos do codigo penal.

"As suas sentenças devem ser por mãos amigas desenterradas dos autos, para comporem um livro, que será um compendio de ethica da justiça" (Mario de Alencar).

Como pretor, funcionava como pastor. Redigia a sentença absolutoria e convidava o réo a ouvir um sermão que se prolongava até explodirem os primeiros signaes de arrependimento.

Recusava systematicamente as custas exaggeradas; segundo os calculos dos escrivães e a praxe dos collegas, limitando-se a receber o que precieitúa a lei. As custas avaliadas em um conto e quinhentos mil réis mensaes, em média, reduziam-se a cento e cincoenta mil réis.



Era pobre, simples e pouco ambicioso. A sua casa era modesta, mas encerrava uma herina e tres almas de anjo, suas companheiras de vida feliz.

Foi um optimista nato, pois a despeito de perder a crença religiosa, continuou a praticar o bem e a julgar com bôa fé.

Tinha poucos amigos, mas devotados: Aluizio Azevedo, Olavo Bilac, Valentim Magalhães, Alberto de Oliveira, Mario de Alencar, Gaspar da Silva, além dos já referidos.

Quando a critica verberou o ataque impiedoso ao romance "Flôr de sangue", elle sahio a campo em defesa do amigo, escrevendo artigos em "O Paiz".

Occupou ainda os cargos de secretario do governo do Estado do Rio, na presidencia do Conselheiro Carlos Affonso; director da secretaria e professor da Escola de Direito de Ouro Preto, durante a presidencia Affonso Penna; professor e director do Gymnasio Fluminense, em Petropolis, no governo Alberto Torres; e addido da legação de Portugal, na presidencia Prudente de Moraes.

Não lia muitos autores, mas conhecia bem os que lia. Seus conhecimentos não eram vastos, mesmo no que concerne ás ramificações do direito. Tinha a predilecção pela botanica e por historia universal.

A "Biblia" era um dos livros que elle mais conhecia.

Os seu poetas predilectos eram Victor Hugo, em destaque, Théophile Gauthier, Th. Banville, Lecomte de Lisle, Catulle Mëndes, Heredia, F. Coppée, Rollinat e outros parnasianos.

Os romancistas de sua afeição, eram sobretudo Anatole France Alphonse Daudet, E. Zola e Eça de Queiroz.

Para elle o jornalismo não constituia um factor de progresso, mas sim um subtrahendo.

Pondo de parte os "Primeiros sonhos", a revelação do seu talento poetico foi tardia e progressiva, mas a sua producção foi limitada, porque o juiz matou o poeta. Estancou-se-lhe a fonte de inspiração desde que começou a julgar no character de magistrado, manifestando certo pejo da nomeada que adquirira na poesia.

Era um lyrico, na verdadeira acepção do vocabulo, e quando á forma um parnasiano, embora nunca sacrificasse a ideia seduzido pelo esmero do estylo, como o praticaram Banville e tantos outros.

Em "Symphonias" (1883) destacam-se: — "Mal secreto" e "Pompas" duas obras primas, "Anoitecer", "No banho", "A avó", "O vinho de Hebe", "Perfis romanticos", "Plena nudez", entre muitas coposições de fino lavor.

Nos "Versos e versões" (1887): "A Horacio Flacco", "O monge", "Saudade", "Soror pallida", "Job" e "Renascimento".

A proposito das traducções de Raymundo Corrêa, que são antes paraphrases do que versões, não me esquivo de transcrever o que explicou Valentim nos "Escriptores e escriptos" (1894):

“Raymundo quasi nada lê; e o pouco que lê é pelas casas dos amigos, nos cafés, nas livrarias, na rua, nos escriptorios das folhas.

Elle chega com o seu andar cadenciado e rapido, fumando, fumando sempre, estende-nos a mão com um monosyllabo, senta-se, olha-nos em silencio, com os seus olhinhos vivos e penetrantes, depois levanta-se, pega no primeiro livro que encontra, abre-o ao acaso e põe-se a lê... De repente fecha-o, solta outro monosyllabo, sorri-se um pouco se nos rimos, toma o chapéo, reacende o cigarro e ahi se vae elle, com uma pressa extraordinaria, a fazer o mesmo em casa de outro amigo.

Escreve como escreviam Gerard de Nerval e Guilherme Azevedo: a um canto da mesa, em silencio, enquanto os outros riem e conversam.

Assim é que se explica o avultado numero de traducções que traz o seu livro, o que fez especie ao illustre autor de “Braz Cubas”: — Em toda parte onde encontra um livro de versos francezes, inglezes, ou hespanhóes e um lapis, elle traduz logo uma das peças do livro, ao acaso, sobre a folha em branco de uma carta. Depois fecha o volume, mette no bolso a traducção e vae-se embora.

O que elle uma vez leu jamais esquece”.

Essa tendencia ás traducções valeu-lhe, mais uma vez, a pécha injusta de plagiario ou pelo menos de inspirar-se na producção alheia.

Quem lhe vibrou o primeiro golpe de accusação tremenda, verdadeiro libello condemnatorio, foi Luiz Murat, em o primeiro numero da “A Vida Moderna”.

O poeta das “Ondas” transcreveu a poesia “Aretino”, publicada em um dos jornaes de 1884 (elle attribúe ser o “Paiz”) e em seguida estampou outra, sem titulo, de Jean de Richepin, extrahida das “Caresses”.

Estou informado por pessoa que me chamou a attenção para o caso, citando o testemunho insuspeito de um contemporaneo, que o trabalho de Raymundo, no original, trazia entre parenthesis o nome do poeta das “Chansons des gueux”; mas por um descuido de composição não foi reproduzida a sub-epigraphe.

E, estribado nesse exemplo isolado, o critico demolidor generalizou, por falsa inducção, a sua these, encontrando plagios por todos os cantos, além dos que a maldecencia já havia increpado aos sonetos “As Pom-pas”, “A avó” e “Poeta”.

Não encontrei em Théophile Gauthier, talvez fosse ligeira a minha pesquisa, o soneto que serviu de modelo a essa admiravel obra d’arte a que todas as selectas e anthologias dão abrigo hospitaleiro e fidalgo.

Não é aqui logar proprio para apurar a veracidade do epitheto severo que encerra muita gravidade. Também não posso apreciar as criticas injustas endereçadas ao poeta, como a de Teixeira Bastos que encontrou defeitos até em "Mal secreto", "O vinho de Hebe" e "Perfis romanticos".

A minha impressão individual é que Raymundo Corrêa divorciou-se completamente dos romanticos, mas não assumiu a feição característica dos parnasianos, tomando-se o exemplo de Banville. Elle curou da fórmula, sem os apuros rebuscados e a preconizada impassibilidade, mas não se isolou da idéa; foi sempre inspirado, commovido e de imaginação vibrante. Si, por vezes, assumiu, a maneira de Sully, calma, reflexão e senso philosophico, na maioria dos casos revelou-se um idealista sentimental e arrebatado. Aliás, a sua feição geral de artista entusiasmado, nervoso, volúvel e de accentuado poder imaginativo, coaduna-se perfeitamente com o seu temperamento agitado e o seu organismo de valetudinário.

Observa-se ainda o sainete de sensualismo comedido, mas accentuadamente artistico, como em Bilac e Luiz Delfino, nos sonetos "Juventude", "No banho", "Plena nudez" e das "Symphonias" e nas poesias "Aspasia", "A Venus de Vienna" dos "Versos e Versões".

O seu livro "Alleluias", publicado aos trinta e um anno de idade, confirma os anteriores e revela um poeta meditativo, pensador, sem os estos da paixão, mais sereno, de arte consummada; encerra produções de fino lavor como "Psyché", "Missa da Resurreição", "Sonho turco" e muitas mais.

As "Poesias" representam a selecção dos seus trabalhos, além de algumas composições mais recentes: "O juramento", "Ave-Maria", "Plenilunio", "Os ciganos" e "Tres estancias".

Aos 51 annos falleceu o poeta que já fôra antes absorvido pelo juiz.

Acommettido de uma enfermidade renal que o fez soffrer muito, resolveu emprehender uma viagem á Europa, acompanhado dos entes caros.

Prohibido de usar excitantes cerebraes, não poude desprezar o fumo e o café, seus companheiros de trabalho, que lhe estimulavam a imaginação.

Depois de percorrer varias cidades, fixou-se em Paris; e, um dia ao regressar de um passeio ao jardim das "Tuilleries", repousou a cabeça sobre o seio da virtuosa esposa e morreu cantando.

Summario para um estudo completo

O HOMEM — Escorço biographico — A sua educação — As ideias e o temperamento — Alma de santo — O juiz.

O ARTISTA — Feição primitiva — Symphonias — Versos e versões — Alleluias — Ultima phase.

ARTHUR MOTTA.





Do Album de A. Norfini

Hindús em Uberaba



ENSAIO DE GLOTTOLOGIA —

*Lino de Moraes Leme — Typ.
Livro Azul, — Campinas, — 1919.*

Não é a grammatica que faz a lingua, mas ao contrario, é a lingua que faz a grammatica. Já Brunot dizia que o professor em face da lingua falada deveria perguntar em cada affirmação que fizesse: “O que eu ensino, o que meu livro ensina corresponde á realidade? minha regra é justa, exacta, ou não passa de uma formula vã?”

O sr. Lino de Moraes Leme é um dos nossos mestres que, felizmente, assim comprehendem dever fazer-se o ensino dos factos da linguagem. A observação do uso, e principalmente a do uso popular, é que pode verdadeiramente demonstrar as leis da evolução linguistica. Ensaaios de glottologia entre nós são ainda raros, pois que é ella ainda uma sciencia nascente. No entretanto dentre os poucos escriptos em portuguez, originalmente, o volume do sr. Lino de Moraes é um dos que honram a nossa cultura. Elaborado para um concurso de inglez, o *Ensaio* versa especialmente sobre questões desse idioma. Mas como a cada passo o autor se eleva a conceitos geraes e ás leis evolutivas da linguagem, está a perce-

ber-se que elle é um dos nossos estudiosos de quem se podem esperar os estudos scientificos de que tanto carece a lingua nacional.

DA ARTE E DO PATRIOTISMO

*— Matheus de Albuquerque —
Brasil Limitada, Lisboa, 1919.*

Em meia duzia de despreoccupados estudos sobre figuras da nossa literatura e da nossa politica, o poeta do *Visionario* se nos revela agora um alto espirito critico, capaz de descobrir aspectos novos, novas facetas por onde se possam aferir as qualidades dignificadoras da arte e do patriotismo. O volume abre com um ensaio sobre Eça, thema que foi, em tempo, obrigatorio para todos os plumitivos. Vem depois um perfil impressionista de Rio Branco, cuja leitura faz bem aos nossos actuaes ardores nacionalistas. E tanto num como noutro, ha pontos de vista ineditos, sem serem extravagantes ou ousados. O que são é sensatos, como bem se pode apreciar por este trecho sobre os candidatos á Academia de Letras, e que merece ser transcripto:

“Pena é que essa maioria de candidatos seja quasi toda composta de rapazes. Rapazes, por muito que

deste livro é o de que a mulher não poderá ser libertada pelo homem: "só a mulher libertada pode libertar o homem." Para isso, o primeiro passo é o combate á ignorancia verdadeiramente lastimavel da mulher brasileira. Como, por que meios, graças ao quê, tudo vem demonstrado claramente neste bello livro, que recomendamos com calor a todas as senhoras que pensam no Brasil.

A TERRA DO CAFÉ — *Jorge Mello* — *Typ. Heitor & Alves, São Paulo, 1919.*

Jorge Mello, o pseudonymo sob o qual escreve o sr. João Pedro de Jesus, é um nome bastante conhecido e acatado nos circulos da agricultura e do commercio do café. De facto, Jorge Mello parece ser um entendido na materia, como o tem demonstrado por uma longa serie de artigos publicados no "Jornal do Commercio", edição de São Paulo, e que agora surgem reunidos neste bello volume de trezentas paginas. *A Terra do Café*, como o proprio A. o confessa, não é uma monographia, mas um conjuncto de estudos economicos vinculados á causa dos interesses da lavoura do Estado de São Paulo, e das suas finanças. Digno de leitura, portanto.

MOLDURAS E VISÕES — *Barbosa Neto* — *Livraria do Globo—Barcellos, Bertaso & C. Porto Alegre — 1919.*

Do valor desta collecção posthuma de versos dá uma justa me-

didada o trecho seguinte, que se lê no estudo da personalidade do poeta, posto no livro, á guisa de prefacio, pelos compiladores, srs. João Pinto da Silva e dr. Renato Barbosa:

"O desenvolvimento das suas qualidades artisticas — digamo-lo, francamente, numa suprema homenagem ao seu poder inicial de criação, — foi por varios motivos prejudicado, sinão paralyzado. Um homem de espirito não vive impunemente a vida tumultuosa que elle viveu, com despreoccupações e excessos romanticos de bohemio. O cerebro, quando não é o de um genio, de um anormal superior, é uma fragil machina cujo rendimento depende da boa conservação, do cuidado, emfim, que se tem com ella. Concorreu, tambem, é claro, para aggravar a situação do poeta, a ausencia da necessidade de exigir muito e cada vez mais de si mesmo; ou, melhor, a falta de todo e qualquer estimulo e a contagiosa inercia peculiares aos meios acanhados, como o é a cidade onde elle arrastou os ultimos nove annos de sua vida, sendo que, para peor, cinco no duplo exercicio dos misteres de promotor publico e de jornalista a contragosto, não raro, em irritantes e tempestuosas discussões de politica local.

De qualquer fórmula, entretanto, este livro posthumo de Barbosa Neto encerra materia sufficiente para, entre os artistas, entre alguns espiritos de elite, salvar do olvido a sua memoria".

Realmente, ao poeta não faltava nem a inspiração, nem uma decidi-

da aptidão para versejar, como se deprehe de da leitura da maior parte das suas produções agora reunidas, por mãos carinhosas, em elegante volume. Leia-se, para exemplo, o soneto:

Tu sim! sublime heróe de tetricos es-
 atravessaste o horror dos circulos mal-
 da humana gente vendo os dolorosos
 numa extranha região de assombros e de

Tua Lyra, espalhando espectros e que-
 faz reboar o clamor da gorja dos precitos;
 e a tragica visão convulsa dos afflictos
 incendeia a penumbra e a magua dos

Por isso, o teu perfil sobrehumano fas-
 esbatido e funereo entre os genios do
 — phantasma do Terror, de apparencia

E váes, contemporaneo encantado do
 levando ao Paraizo o teu sonho profundo,
 por dentro do Pavor fulgurante do In-

Pena é, verdadeiramente, que as apontadas circumstancias tenham obstado á perfeita evolução de um artista que possuia tão promissoras qualidades.

**DISCURSO QUE PRONUNCIOU
 AO SER RECEBIDO NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS** — *Amadeu Amaral* — *Typ. d'“O Estado de S. Paulo”* — 1919.

A candidatura do sr. Amadeu Amaral á vaga de Olavo Bilac na Academia Brasileira, já tivemos ensejo de o dizer, a seu tempo, surgiu como uma cousa logica, sequente, natural, acostumados que já vinham, todos quantos acom-

panham a marcha das letras no Brasil — com a ideia da sua elevação e excellencia como poeta, da sua probidade e valia como escriptor e da inteireza e bondade da sua alma de homem. Com essas qualidades, que ninguem, de boa fé, lhe regatearia e a que se juntava a circumstancia feliz de terem sido o poeta morto e o sobrevivente, amigos dos mais fraternos, durante muitos dos ultimos annos da vida do primeiro, a transferencia era, como de irmão a irmão, sem attrictos, sem chicanas, sem embargos, sem margem para alheios protestos, dependendo a sua effectivação do cumprimento de umas tantas formalidades, apenas pela praxe exigidas. E, realmente, foi assim que o sr. Amadeu Amaral entrou para a Academia, recebendo della a guarda da cadeira que pertencera ao seu irmão de arte.

Não é justo malsinar a praxe, pelas suas exigencias. Dellas resultam muitas vezes cousas boas, uteis e bellas, que de outro modo talvez não tivessem realisação ou a tivessem retardada. Assim, as mesmas praes academicas originaram o discurso que, tomando posse do legado que tão legitimamente lhe era adjudicado, pronunciou o poeta das “Espumas”, a 14 de Novembro do ultimo anno, em sessão solenne presidida pelo sr. Conde Carlos de Laet e tendo por paronympho outro poeta e escriptor valiosissimo, o sr. Carlos Magalhães de Azeredo. Nesse Discurso, em que faz o elogio do cantor da Via-Lactea e que constitue uma das mais bellas orações que porventura tenham sido

proferidas sob a cupula da Academia — admiravel pela proporção das suas partes, pela largueza de linhas, pela precisão e justeza dos contornos, pela harmonia e encadeamento dos periodos e, não menos, pela sinceridade e singeleza do sentimento que o anima, o novo academico soube fazer magistralmente um estudo perfeito da personalidade de Bilac, sem se deter em pormenorisações curiosas e justas, talvez, em estudos de outra natureza e oportunidade, mas descabidos no contexto de uma oração academica— como tambem sem se extraviar em generalisações diffusas nem, por um excessivo distanciar-se delle, perder de vista o vulto do seu glorioso antecessor.

Com effeito, o que caracteriza este notabilissimo trabalho do sr. Amadeu Amaral é a rara associação, que nelle se depara, de um entusiasmo dos mais desimpedidos com um sadio senso de medida, o que, alliado ao immaculado vernaculismo do A., faz da sua leitura um verdadeiro e nobre goso intellectual. Não lhe destacaremos para aqui nenhum trecho, em guisa de amostra. Sobre ser isso mutilação de uma obra que é, de si, inteiriça e indesarticulavel, não póde deixar o Discurso, largamente divulgado em toda a imprensa do paiz e agora editado em elegante volumezinho caprichosamente elaborado — de estar guardado já, carinhosamente, por todos os brasileiros que prezam o culto do idioma e que são tantos, bem como pelos que veneram a memoria de Olavo Bilac e que são todos.

**ORTHOGRAPHIA — DICTADO
— PONTUAÇÃO — CRASE**
— Carlos Góes — Francisco Alves & Comp.^o — Bello Horizonte — 1919.

Destinado aos alumnos dos cursos primario, complementar, normal e secundario, este livrinho do sr. Carlos Góes, que é autor de outras obras congeneres e de não pequeno valor, se recommenda não só aos leitores para os quaes o A. teve em mira offerecel-o, como, indistinctamente, a todos aquelles que dedicam ao estudo do vernaculo alguns momentos do seu lazer.

Sem desdobrar ante o leitor o apparatus costumeiro de longas e fastidiosas considerações eruditas, preliminares e inuteis, sobre os themas que versa, o sr. Góes coordenou uma serie de prestantes e fructuosas lições referentes aos capitulos de mais trabalhosa aprendizagem, da grammatica Portuguesa, enriquecendo-as, para uso escolar, de cerca de 150 dictados, onde cada grupo de factos expostos têm incisivá applicação, e que por certo cooperarão muito para o bom aproveitamento que do seu emprego como livro de classe desejarem colher os professores. Mas, além dos bons fructos que assim ha de produzir o presente trabalho, não menos valiosos delle retirarão quem o tiver como livro de consulta, como uma especie de verbete, sempre prompto a resolver todas as duvidas que não raro occorrem com todos os que têm por officio ou recreação manejar a escripta da lingua portuguesa. Ainda neste caso o seu emprego tratará outras vantagens, me-



diatas mas consideraveis, pela oportunidade que offerece ao leitor de conhecer muitos factos significativos, da linguagem, pelo enunciado de regras indispensaveis e pelas concisas e claras notas, de profundo e seguro grammatico, que o A. appõe ás lições, onde e quando vêm ellas a calhar.

Resta somente que, nas futuras edições, que com certeza ha de ter o livrinho, os editores mudem o systema da composição, fazendo-a com maior variedade de caracteres typographicos, de maneira que a vista do leitor seja melhor auxiliar da intelligencia do que o é com esta primeira impressão.

O MEDICO NO LAR — *Kehl e Monteiro — Weisflog & Irmãos, S. Paulo e Rio — 1919.*

Não são pequenos os embaraços porque passa uma familia, quando um membro della adoce subitamente e o medico tarda a chegar.

Muitas vezes, como de medico e de louco cada um tem um pouco, alvitram-se os mais disparatados remedios, com que muitas vezes ou a molestia é aggravada, ou com uma providencia desacertada muito se faz em prejuizo da therapeutica que convém ao doente. Para obviar estas difficuldades, algumas vezes até fataes, a casa editora Weisflog acaba de lançar o seu Dicionario Popular de Medicina de Urgencia, cuja composição foi confiada a dois distinctos facultativos, os drs. Re-

nato Kehl e Eduardo Monteiro, ambos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e da Academia Paulista de Medicina. O que se pode e o que se deve fazer em caso de accidente ou de molestia repentina, vem aqui resumidamente exposto, numa linguagem accessivel a qualquer, clara e simples. Não ha palavras de mais, como não ha tambem falhas notaveis. Tem-se tudo quanto um livro deste genero poderia conter e os seus conselhos ou preceituações são as ditadas pela mais moderna arte de cura. "O Medico no Lar" é um Chernoviz resumido, destinado a prestar serviços incalculaveis á nossa saúde. E' bem de ver, porém, que este livro não foi absolutamente feito para servir aos charlatães, ou para que se dispense a assistencia medica. A medicina não pode ser applicada num volume de algumas centenas de paginas. Mas a materia nelle contida é um repositorio de conhecimentos utilissimos, indispensaveis em certas emergencias como na de um individuo enfermar em local distante de um centro, em que exista medico. Por isso mesmo o "Medico no Lar" está destinado a uma enorme popularidade e só temos a desejar que no mais breve espaço de tempo elle se encontre por todo o Brasil, espalhado pelas casas mais abastadas como pelas mais pobres. No momento em que se cuida a serio do saneamento do paiz, este livro vem prestar um relevantissimo serviço, que não precisamos encarecer. A edição da casa Weisflog está, como sempre, primorosa.



BRASIL, POTENCIA MUNDIAL

— *Elysio de Carvalho*, "Monitor Mercantil" — Rio — 1919.

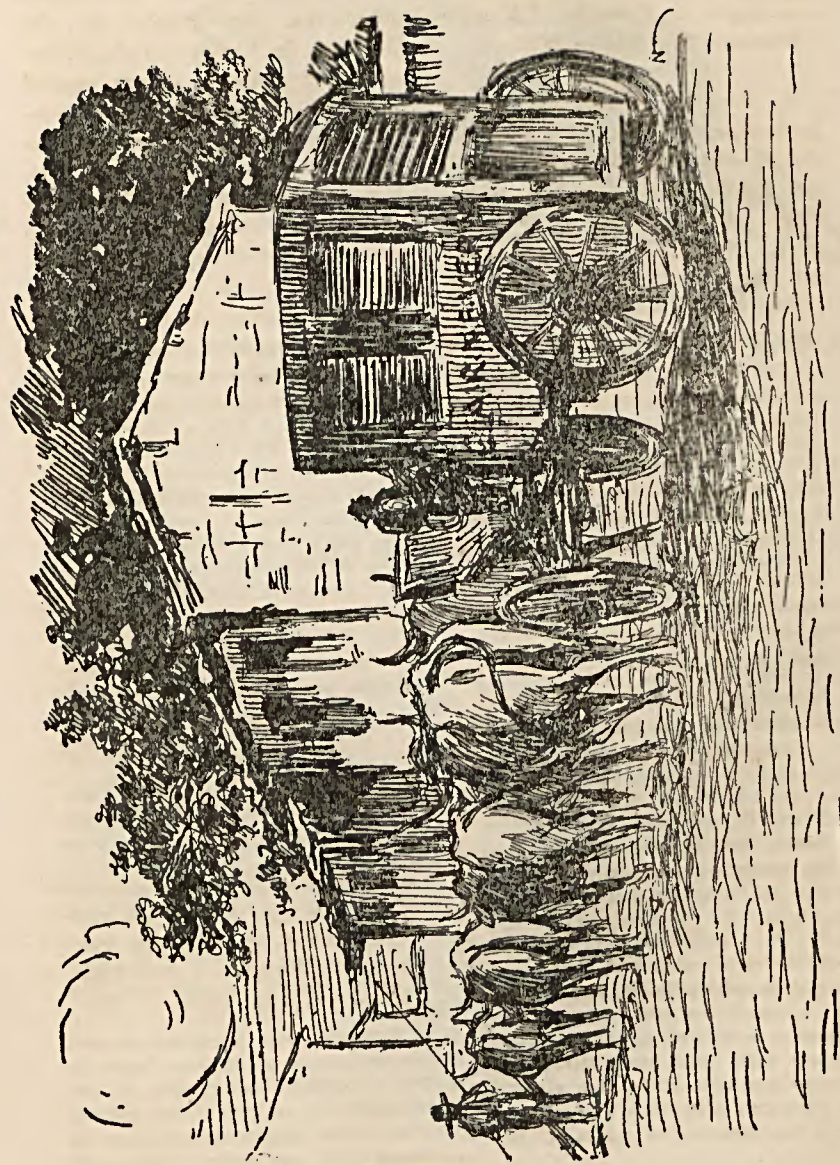
A chave da solução dos nossos problemas economicos e até mesmo dos nossos destinos politicos está no estabelecimento da siderurgia nacional. Hoje é difficil sinão impossivel, conceber-se o progresso de um paiz livre fóra da influencia irresistivel da industria do ferro. São estas as conclusões resumidas a que chegou o A. depois de ter realizado um bem feito inquerito sobre o assumpto. O volume em que elle reúne os pontos capitaes desse inquerito, encerra estudos de um grande interesse para os que tomam a serio os problemas nacionaes, mesmo porque a solução do problema da industria do ferro entre nós é sobremaneira complexa e envolve uma série de questões fundamentaes que devem ser resolvidas de modo a habilitar a produção nacional a competir vantajosamente, em qualidade e em preço, com os productos de origem estrangeira. Em resumo essas condições são quatro: o valor do minerio, o combustivel, a mão de obra e o transporte economico, e della, a mais intrincada é a do combustivel, por nos faltar o carvão de pedra de qualidade adapta-

vel aos altos fornos. Abundando, porém, nas considerações do dr. Gonzaga de Campos, o A. preconiza o emprego do carvão vegetal em maior proporção nos fornos electricos e da energia hydro-electrica para todas as demais operações. Essa providencia parece-lhe porém que deva ser de character transitorio até que se desenvolva mais a industria extractiva do nosso carvão de pedra. Depois de estudar todas as demais questões o volume fecha com um estudo sobre os nossos centros siderurgicos, que é o mais completo que conhecemos.

Recebemos:

Generoso Ponce Filho — A FACULDADE DE DIREITO DE S. PAULO — discursos proferidos na Faculdade de Direito de S. Paulo e na de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro, em 21 de Junho e 19 de Setembro de 1919. Typ. d' "O Estado de S. Paulo". — S. Paulo — 1919.

— ALMANAQUE DO GLOBO PARA 1920 — *Ed. Barcellos, Bertaso & Cia.* — Direcção dos srs. Mansueto Bernardi e João Pinto da Silva — Porto Alegre — 1919.



Do album de A. Norfini

Condução de carne verde em Uberaba



A MAGIA DA MUSICA

.....
Antes de começar o concerto, curioso é observar em torno de si os que o sentimento de uma expectativa commum reúne na mesma sala. Por emquanto, os seus rostos guardam ainda este ar ao mesmo tempo esperto e futil que é como que a mascara habitual de cada um de nós.

Qualquer que seja, porém, a obra inscripta no programma, apenas, no espaço vasio que parecia reservado para si propria, a musica começou por se dilatar lentamente, e já todos estes semblantes se transformam de subito, como se sobre elles agisse uma força occulta e irresistivel. Cada um delles se desinteressa do que o cerca, e por esta indifferença mutua, todos adquirem qualquer coisa de semelhante. O olhar perde a sua agudeza, os rostos, este aspecto de attenção ao mesmo tempo superficial e proxima que tinham na vida corrente; a expressão dos traços como que se afrouxa, e, á medida que o encantamento se torna mais poderoso, sobre estas faces despidas de sua physionomia ordinaria, forma-se uma nova expressão ao mesmo tempo vaga, voluptuosa e soffredora, até o momento em que todos estes semblantes pallidos e, como que adormecidos, não são mais do que outros tanto lotus fluctuantes sobre o lago immenso da musica.

*
* *

Porque será que só esta arte é que exerce sobre os nossos contemporaneos

um tão grande poder? A musica, como se sabe, é a unica arte que não tem os seus maiores mestres muito longe de nós, a unica que tirou toda a sua seiva da idade moderna. Eis o motivo diz-se, porque a ella, nos prendemos mais estreitamente do que ás outras artes. Como, porém, explicar, que não seja ahi, n'este publico que a musica attrahe, que se encontrem de preferencia os seus conhecedores. Forçoso é, pois, buscar n'outra parte a causa da impulsão, que para ella arrasta a maior parte dos nossos contemporaneos. Talvez se pudesse explicar a dominação que a musica estende sobre a alma moderna, pelo facto de ser ella para nós a derradeira arte, a unica que nos não parece ainda decrepita.

As outras dependiam de condições bem diversas, que a nossa civilisação não respeitou. A gloria da pintura estava como que associada a uma maneira de viver e de sentir mais complacente e mais sensual, á riqueza e á variedade dos costumes, á pompa, e á alacridade da antiga vida, á existencia dos reis e dos grandes, unicos capazes de pagar uma obra-prima pelo seu justo preço.

A litteratura tinha necessidade de uma época em que se consentissem longos lazeres a escriptores encarregados de produzir obras tão perfeitas quanto possivel, e dos mesmos vagares precisavam os leitores illustres que deviam julgar estas obras e as collocar em sua classe.

Ao mesmo tempo que a melancolia geral do mundo moderno, e o empobrecimento de seus sentidos, afastavam os homens das festas da pintura, o desenvolvi-

mento das especialidades em que cada um d'elles se occupa, não lhes deixava mais o tempo de se interessar por uma litteratura liberal. Mas estes homens, medicos, engenheiros, sabios, eram, não obstante, seres sensiveis, e é a esta sensibilidade que a musica satisfaz. Sem nenhuma das preparações que exige uma obra litteraria ou dramatica e que a sua impaciencia mesmo já não supporta, elles vão encontrar na musica o eterno drama da humanidade: d'ahi o successo inesgotavel da obra de Beethoven. A todos os que para ella correm avidamente, cançados de sua vida estreita ou de seus trabalhos aridos, a musica lhes offerece logo o seu festim, lhes mata a sede e os embriaga.

No meio de todos estes ouvintes de olhares vagos, que deixam que sobre elles se exerça a magia dos sons, bem poucos são os que seguem, no seu rythmo e no desenvolvimento de suas invenções, uma obra sublime. A maior parte não faz mais do que se abandonar a um encanto incommensuravel. N'esta vaga que os inunda, elles mergulham o seu destino, para vel-o transfigurado um instante. Cada um delles põe, justamente no que a musica tem de mais geral, o que lhe é proprio e mais particularmente lhe interessa. Só a musica permitiria esta illusão: como ella fala para todos, cada um sonha encontrar-se nella, cada um tem o seu templo neste templo immenso.

Alguns, durante a audição, tem os olhos fechados, para que se lhes não surprehenda o seu enlevo, no momento em que a elevação interior assume a sua maior força. E não ha, neste mesmo instante, um só, que não tenha podido subtrahir-se ao que realmente é, para viver somente no que desejaria ser. Entre estas mulheres que parecem retirar, voltar como que para si mesmas, o semblante que ainda ha pouco a todos offereciam, uma, na musica, rompe as suas cadeias, outra, volve ao seu amor. Uma outra não terá mesmo mais saudades nem desejos, e avida talvez da propria morte, se deixa afogar e ser levada pela onda divina.

*
*
*

Tal é o prazer que encontram na musica os homens de hoje: prazer que nada

mais tem de commum com aquelle outro, rebuscado, dramatico ou voluptuoso, que os nossos paes recebiam outróra desta arte. E' um mixto de volupia e de magoa, um abandono de todo o ser, que bem prova, nos que a elle se entregam, o seu pessimismo da vida, a que procuram fugir.

Sem duvida, as mais altas obras musicas, como as das outras artes no mesmo nivel, podem fortalecer a alma e a vontade, e são dignas de servir á educação de um heroe. Mas os que a musica domina e empolga, não são os que se retiram mais fortes da exaltação enganosa, que ella lhes deu. Elles o que nesta arte procuram é menos a musa que a feiticeira; a maga lhes não dá senão uma alegria de vencidos, e quando as ultimas harmonias se calam, e elles levantam as suas palpebras, sobre o seu semblante que recompõem a custo, não se lhes nota a marca de um ardor ou de uma confiança nova, mas somente a recordação dos arroubos de que sahiram, e a triste admiração de já encontrar de novo o seu destino e o seu captivo.

ODILON NESTOR.

(Do *Jornal do Commercio*, do Recife).

UM "GUARANY" EM GERINGONÇA

Queixam-se de que não temos litteratura. Queixam-se de que o pouco que tempos não é conhecido nem estimado como deveria ser. E as razões são obvias. Não temos tido editores que ponham os livros ao alcance do povo, em edições baratas, isto é, de preço razoavel e justo.

Mas enquanto os fazedores de livros no Brasil applicam os seus processos de atrazo, os editores estrangeiros avançam resolutos empenhados na posse dos nossos mercados com os nossos proprios livros. E de que maneira!

Cbega-nos agora ás mãos, por exemplo, um *Guarany* posto em letra de forma pela casa Bietti, de Milano. E' uma brochura de 94 paginas em que a pobre obra de Alencar soffre martyrios nunca imaginados por ninguem. Só estão respeitadas de Alencar o assumpto e a má collocação dos pronomes. O bello romance foi mutilado para um transumpto idiota em

que o enredo é falseado a cada passo, e em que se trocam até os nomes dos personagens. A lingua usada é o caravanchá de um traductor que se mettu a sebo, escrevendo numa lingua de quem não conhecia sequer o vocabulario usual.

De modo que é de um comico irresistivel, para não dizer de uma tristeza enervante, lêr-se alguns dos primores que vêm espalhados pela obra. Pery, á pagina 25, tem "uma olhadela resplandecente e cheia de ira". "Sua olhadura dava receio". Cecilia, por sua vez, arruma-lhe uma "olhadura languida, apaixonada", e "na cara della estava qual inefavel expressão!" Mas "o conversamento esteve interrompido por o grito da coruja", certamente porque a propria coruja sentiu calafrios de horror ao ouvir o juramento de d. Alonso e de d. Goncalves feito com estas palavras:

— "O jurais vós de ser-me sempre fieis?"

— "O juro!"...

E' essa aliás a mesma grammatica usada em todas as outras passagens. Na declaração de Gonzales, apparece isto:

— "Me escuta! Te amo, joven divina!"

— "Cala vill!"

— "Não me fales em maneira tão aspera, tu que és tanto doce". "Acorda que a minha desesperação de amor faz-me *prompto* de todo!"

Prompto devia estar, por certo, o inconsciente que deturpou a esse ponto não só o livro de Alencar como a propria desgraçada lingua em que foi traçado.

Pois bem. E' essa edição do *Guarany*, um dos nossos livros mais typicos, a mais espalhada e mais vendida. Nas estradas de ferro e nas localidades do interior é esse *Guarany* que o povo conhece, é por elle que o povo admira Alencar.

Quem deveria fiscalisar estes delictos? A' Academia certamente não incumbe organizar uma policia litteraria. A reacção contra semelhantes disparates devia ser do proprio povo, si tivéssemos a instrucção hastante...

Mas si tivéssemos a instrucção bastante, certamente a casa Bietti e quejandas não se atreveriam a impingir-nos os nossos proprios livros na geringonça mais despresivel que podem inventar.

Mais uma forma com que somos castigados pela nossa incuria.

TORTAS E FARELOS

Os historiadores em geral explicam a decadencia do Imperio Romano attribuindo-a á degenerescencia das virtudes civicas, á depravação dos costumes, á invasão crescente dos vicios. Os proprios escriptores romanos dos ultimos tempos da grande civilisação latina não hesitavam em apontar para o afrouxamento das obrigações moraes como sendo principal causa da decadencia politica. Um dos seus mais brilhantes oradores exclamava em pleno Senado:

"Fuit, fuit ista quondam in hac republica virtus!"

Resumiu bem nitidamente a opinião geral dos historiadores a ode do nosso inesquecivel patricio. Ferreira Vianna, declamando, quando estudante do 5.º anno, no nosso antigo theatro S. José:

Nessa Roma' tribunicia

Já não existe um Scipião.

Enterrou-se a liberdade

No sepulchro de um Catão.

O nosso joven poeta, orientado na onda commum, exprimia em sonoros versos o modo de pensar dos mais illustres litteratos, que attribuiam a decadencia do Imperio Romano á corrupção dos costumes, sem se darem ao trabalho de indagar qual a causa primordial de uma tal corrupção.

Foi um chimico abalisado, foi Liebig que nos abriu os olhos, desenrolando á nossa vista o commovente quadro historico de todos os passos successivos, que conduziram gradualmente Roma do apogeo da gloria á mais esqualida miseria. A lei agraria dos Gracchos, procurando, com a offerta de lotes de terra gratuitos, engodar os desilludidos da faina rural; o apologo de Menenio Agrippa visando apasiguar a plebe fremente; os comicios da praça publica reclamando em altos brados "panem et circenses"; as ordens implacaveis dos consules, mandando extorquir todo o trigo da Hespanha, denunciavam claramente a desesperadora situação, em que se achava o governo de Roma para conter a furia dos famintos. Nenum ple-

beu pegou na isca dos Gracchos. Sabiam todos de sobra que a manobra era um puro presente de gregos; era publico e notorio que todas as terras do "Latium" estavam completamente exaustas de humus e, portanto, nada mais podiam produzir.

A questão dos humus é uma questão de vida ou de morte. Toda a existencia da Humanidade depende da tenue camada humifera da crosta, aravel da terra. Uma vez esgotada essa camada, não ha mais cultura possivel. E não ha terra, por mais fertil que seja, que por fim não se esgote. Sirva para o nosso governo este elemental theorema agronomico; temos nelle um luminoso pharol premonitorio. Não podemos nos fiar na fertilidade actual quer das nossas terras roxas, quer das nossas terras massapés, quer das nossas terras da Noroeste resultantes da decomposição da rocha sem par de Baurj. Essa fertilidade não pôde ser indefenida: mais tarde ou mais cedo deverá ella desaparecer, se desde já não tomarmos as devidas cautelas para restituir á terra todos os elementos nutritivos, que as repetidas culturas roubaram-lhe.

Foi por falta de chimica agricola que o Imperio Romano cahiu.

Foi em vão que em Roma brilharam as letras; de nada lhe valeram os seus esplendores. As letras são totalmente impotentes, quando divorciadas da sciencia, para enfrentar as difficuldades economicas.

*
*
*

Por mais risonhos e fagueiros que possam apparecer os horizontes do nosso futuro, não podemos deixar de perceber bem claramente o fatidico ponto negro, que se destaca do fundo do quadro.

Nós somos, dizem todos, um paiz essencialmente agricola; em outros termos, toda a nossa riqueza provém da venda dos productos da terra. Pela exportação deixamos sahir para fóra todos os elementos fertilisantes e todos os principios nutritivos, que a nossa terra contém. Cada colheita de café, que mandamos para o estrangeiro, é uma terrivelmente depauperante sangria, que nos rouba annualmente milhares de arrobas de potassa, de cal e de acido phosphorico.

E, agora, que começamos a exportar carne para o exterior vamos nos sujeitar a uma outra colossal sangria, que roubará ás nossas terras o que ellas encerram de mais precioso em azoto.

Não podemos evidentemente deixar de exportar café, carne e outros productos, que as nossas terras nos dão. Mas, não menos evidente é o nosso dever de evitar todos os esforços para reter aqui todos os elementos nutritivos indispensaveis, que podemos obter de outras fontes adventicias, afim de equilibrarmos a receita com a despesa.

Não colhe o argumento que a Allemanha pôde fornecer-nos a potassa em abundancia e que o Chile pôde abastecer-nos de nitrato de soda em vasta escala. Já por vezes tenbo chamado a attenção dos nossos lavradores para o inconveniente, que resulta da applicação dos saes de potassa de Stassfuhr, Allemanha, aos nossos cafezaes. A potassa acha-se nesses saes sob a fórma de chloreto e essa fórma não é acceita pelas plantas senão muito a contra-gosto, podendo mesmo ser-lhes muito prejudicial. Os saes de potassa, que o cafeeiro requer, são o sulfato e, sobretudo, o carbonato. Do mesmo modo, é o nitrato de potassa e não o nitrato de soda, que o cafeeiro mais agradece. E o apice do esplendor da vegetação só será attingido, quando pudermos fornecer aos nossos cafezaes em sufficiente quantidade o phosphato de potassa.

Colbe menos ainda o argumento invocado em nome do pomposo principio economico da liberdade de commercio. Muito acima da liberdade commercial está o direito á vida de cada um de nós, está todo esse grandioso conjunto da existencia social, no meio da qual paira o ideal, que nos manda salvar o maior numero possivel das crianças, que nascem. O que está em jogo aqui é antes de tudo o palpitante interesse da puericultura, é o dever austero dos poderes publicos de tudo fazer para diminuir a mortalidade infantil.

A questão das "Tortas e Farelos" é antes de tudo uma questão de vaccas de leite e a questão das vaccas de leite é indiscutivelmente uma QUESTAO SA-GRADA, na qual se encerra todo o fu-

turo da nossa Patria. Não o percamos de vista: CADA MENINO QUE, HOJE, NASCE, SERA' DAQUI A VINTE ANOS UM IMPERTERRITO SOLDADO, SABERA' EMPUNHAR ALTO E FIRME O ESTANDARTE NACIONAL.

E', portanto, no seio das vaccas de leite e, portanto, na esphera das Tortas e Farelos, que se levanta o principal baluarte em pról da defesa da nossa autonomia.

E' mesquinho, é, extravagante, é insensato invocar o principio da liberdade de commercio, quando a honra da nossa bandeira, a quando a nossa propria vida e a nossa propria liberdade civil estão em jogo impondo a todas as liberdades uma consentanea restricção. As nossas crianças são o "spem gregis"; para essas crianças o leite é a vida; e as nossas vaccas de leite, que lhes garantem a vida, não podem de todo dispensar as Tortas e Farelos. Não é humanamente possível a vida civilisada sem o acompanhamento de inevitaveis restricções. Que são os codigos civis e penaes de todos os paizes civilizados senão collecções de bem accentuadas restricções á liberdade individual? — Que é a moral senão um codigo de vehementes limitações aos impulsos naturaes do egoismo de cada cidadão?

* *

Tudo é relativo ás épocas e ás circumstancias. E, saber para prever, afim de prover, será eternamente uma maxima salutar, que o espirito positivo porá em pratica em qualquer momento historico urgente.

Somos um paiz novo e, nas nossas condições de industrialismo hesitante, muito temos que aprender com os paizes mais velhos.

A economia politica, como sciencia concreta, teve o seu berço na Inglaterra. Foi Adam Smith que rasgou desconhecidos horizontes para lançar as bases do reinado da doutrina da livre permuta. A Inglaterra é a terra classica das liberdades de todo o genero. Não pôde ser mais extensa, nem mais intensa, nem mais fecunda a sua liberdade de commercio. Entretanto, é a propria Inglaterra, que prohibe inexoravelmente a exportação de

varios artigos taes como os trapos, os ossos, os superphosphatos, bem como os seus gigantescos cavallos de uma certa raça especial para o tiro e as cabras de Angorá.

A questão dos trapos é bem de molde a despertar as mais graves e ponderadas reflexões. A' primeira vista, pôde parecer monstruoso aos espiritos superficiaes que os inglezes se mantenham irreductiveis e não admittam discussão, quando se trata da sahida de uma materia prima de apparencia tão pouco attraente. Os homens, que pensam, porém, facilmente comprehendem que o trapo é a materia prima a mais preciosa na fabricação do papel e do mesmo modo é para elles evidente que quanto mais em um paiz abunda o papel, tanto mais esse paiz se expande e se enriquece. A Inglaterra não tem as vastas florestas da America do Norte para convertel-as em papel. O trapo é todo o seu recurso e é esse mesmo trapo de rebarbativo aspecto, colhido nas varreduras do lixo das ruas, que, auxiliado, hoje, pela reluzente e suave caseina do leite, constitue a maravilhosa base de uma das mais enriquecedoras industrias modernas. Tem carradás de razão o commercio inglez para orgulhar-se da belleza do seu papel e não menos razão tem o fisco inglez para comprehender que é do seu maximo interesse deixar pôr em execução a salutar medida prohibitiva.

Os inglezes não se vexam de guardar exclusivamente para si os seus trapos.

Bem levanamente, portanto, andariamos nós se não os imitassemos, quando entre nós se ergue a premente necessidade da retenção de todos os derivados das sementes de algodão, de amendoim e de trigo.

Estamos ainda por demais immaturos nas espheras da industria para podermos deixar correr na pratica, de modo absoluto, a fallaz doutrina do "laissez faire, laissez passer".

Estamos iniciando apenas a cultura das plantas forraginosas; a nossa pecuaria luta ainda com as mais serias difficuldades de alimentação; e, devido á deficiencia de reparadores alimentos, as epidemias estão dizimando em escala assustadora os nossos animaes, especialmente os bovinos e suinos.

As tortas de semente de algodão e de amendoim, bem como o farelo de trigo constituem uma solução verdadeiramente providencial para o problema da alimentação das varias especies do nosso gado.

E' muito superior á da alfafa a riqueza em proteina das sementes de algodão. E' simplesmente esutpenda, inverosimil a superioridade como valor nutritivo desta malvacea sobre as leguminosas. O emprego das tortas ou do fubá das sementes de algodão constitue a alimentação mais concentrada, que se conhece. Com essa alimentação os animacs, especialmente as vaccas leiteiras, recebem amplamente não só a ração de entretimento como ainda a ração de producção do leite, do queijo, da maneiça, da força.

Mas, um outro papel, se não mais importante, pelo menos tão importante e tão grave, está reservado ao emprego das tortas e farelos. Sabem todos que está na ordem do dia a reconstituição dos nossos cafezaes pela applicação dos adubos chimicos e do esterco dos curraes. O exemplo do clarividente e energico campineiro, o coronel Elisiario Penteado, fez surgir por todo o oeste de S. Paulo denodados imitadores. Faz gosto deveras assistir ao espectáculo da faina entusiastica, com que está sendo feita por toda a parte a estrumação dos velhos cafezaes. Zonas, que pareciam exhaustas, revestem-se de vigor juvenil; Campinas, a antiga rainha do Oeste, está vendo voltar o volume das suas colbeitas ao padrão dos mais bellos tempos de outróra; Ribeirão Preto, precavido, escapa á fatal sorte do exaurimento e mantem-se galhardamente na altura da sua antiga fama; a Companhia Ararense de Lacticinios põe em acção um intelligente programma de cooperativa, no qual sobresaé como principal intuito a producção de esterco animal; por toda a parte fazendeiros e administradores estão vivamente empenhados em dotar as suas lavouras com os beneficios de uma meia estabulação, afim de obter o estrume na mais vasta escala. Está definitivamente passado em julgado que a criação de gado, longe de ser um embaraço, é pelo contrario o mais poderoso auxiliar da lavoura de café. Ninguem mais duvida que os cafeeiros morrem, não de velhice, mas, sim, de fome, e ninguem

mais desconhece que o cafeeiro é uma planta insigne devoradora de esterco.

Não é, porém, qualquer esterco que satisfaz a voracidade do cafeeiro. Para a sua plena alimentação é preciso que o esterco seja rico em potassa, cal, acido phosphorico, mas, sobretudo, em azoto.

Se a alimentação do gado fôr pobres desses principios, o esterco, que della provém, não poderá ser senão igualmente pobre. E' erro fatal suppôr que é indifferente alimentar o gado exclusivamente com graminha ou com qualquer outra forragem rica em proteina.

Os dias de hoje não permitem mais hesitações; precisamos com urgencia dar aos nossos cafezaes esterco abundante e rico. E um tal requisito não podendo ser satisfeito senão por meio das TORTAS E FARELOS, devemos contar que o Congresso Estadual saberá cumprir o seu dever, pondo em pratica uma politica economica, conforme o exigem a Sciencia e a Patria.

Dr. L. P. Barretto.

(Do Estado de S. Paulo).

A QUINA

A primeira descripção da "quina verdadeira" vem nas "Memoires de l'Academie des Sciences" em 1738, classificada pelo grande Linneu por descripções e desenhos entre as Pentadrias como *Cinchona Officinalis*, passando depois para a familia botanica das rubiaceas, das mais interessantes, sob o ponto de vista medico e economico. Basta mencionar a quina, a ipecacuanha, o cafeeiro e a garança para demonstrar a importancia dessa familia.

As quinas apresentam muitas especies, originarias de hybridações e adaptações, com maiores ou menos afastamentos das consideradas especies distinctas, algumas ainda mal definidas.

Em geral o genero "*Cinchonae*" é de arvores de médio e grande desenvolvimento, algumas attingindo 30 e mais metros, formando boa fronde.

São plantas tropicaes da America do Sul, não tendo até hoje sido mencionada em um só conjunto todas as localidades onde existem as varias especies, desde a



Venezuela até a Bolívia, em altitudes variáveis de 800 até 2.500 metros, formando grupos de muitas arvores, ou também esparsas.

Não se sabe se os índios que a chamavam de Kina-Kina das paragens onde cresce, usaram da casca como medicamento.

Várias lendas contam maravilhas das quinas.

A mais remota notícia positiva sobre a exportação é a que se encontra na carta do médico Joseph Villerohel, na qual afirma que a primeira importação de cascas de quina na Europa foi feita em 1632. Sabe-se que em 1639 um padre em Alcalá já applicava essa casca em pó como medicamento febrífugo. Grande vulto tomou a fama da quina quando se tornou conhecida a cura da condessa del Chinchon, esposa do vice-rei do Perú, que regressando á Hespanha popularisou o uso dos "povos de la Condessa", distribuindo-os caridosamente pelos moradores das cercanias do seu castello, perto de Alcalá.

Foram os jesuitas, esses grandes observadores, que provavelmente, antes da condessa del Chinchon, remetteram os "povos de los Jesuitas" ao padre de Alcalá; talvez mesmo tenha sido algum delles quem os receitou á vice-rainha quando enferma.

As primeiras denominações que recebeu o maravilhoso medicamento foram: "pós dos jesuitas", "pós da condessa" e "pós do cardeal".

Em honra da maior propagandista das suas virtudes e pela sua posição social é que foi dado o nome de "Cinchona" á primeira planta classificada.

Na pharmacologia da época as plantas amargas eram tidas como febrífugas, sendo provavel que dahi tenham os jesuitas descoberto as virtudes da quinina, alcaloide então desconhecido, contido nas cascas das "quinquinas".

O papa Innocencio X mandou estudar o valor curativo dessas plantas por instancias do cardeal Juan Lugo; é possível que dahi lhe viesse a denominação passageira de "pós do cardeal".

Em Cambridge, um caixeiro de pharmacía, Robert Tabor, preparou, guardando segredo, uma infusão antifebril, cuja base era a quinquina; teve grande voga pelo

anno de 1678, chegando esse charlatão a ser nomeado medico de Carlos II da Inglaterra.

Durante as notaveis obras em Versalhes, no reinado de Luiz XIV, houve grande epidemia de febres e Tabor mudou-se para Pariz com o seu remedio de "pós dos jesuitas", tendo a felicidade de curar, entre outros grandes da época, o principe de Condé, sendo gratificado com grande somma, uma pensão vitalicia e carta de nobreza. O proprio rei Luiz XIV restabeleceu-se das febres com o preparado do "Chevallier de Talbot", como passou a intitular-se, prescripto por d'Aquin, medico de sua majestade.

Em 1679 o segredo de "Talbot", que vendia cada dóse a razão de 400 pistolas (8.640 francos) foi comprado pelo proprio rei que o mandou publicar.

Humboldt cita que certos indigenas americanos prefeririam morrer a tomar da quina. Chiflet, medico particular do grão duque Leopoldo da Austria, governador dos Paizes Baixos, para combater a crescente fama da quina, que não tinha curado o seu augusto amo, servia-se da citação de Humboldt.

Em 1686 já figurava entre os medicamentos officiaes da Pharmacia de Amsterdam e custava 24 florins a libra de cascas.

Pelo facto de não curar todas as febres foi muito combatida, principalmente pelos medicos que viam a quina encurtar certas molestias.

Laveran com os seus estudos definitivos sobre o hematozoario do impaludismo (1880) e as inumeras observações de outros experimentadores vieram provar que os saes de quinina são de um modo geral toxicos para os organismos inferiores, notadamente para os infusorios. Hoje está estabelecido que a acção toxica é fraca nas bacterias e fermentos; muito energica nos infusorios e no hematozoario do impaludismo e nulla nos espóros vegetaes.

Os "cascarilleros" percorreram as florestas, primeiro no Perú e no Equador, em busca das arvores das folbas verdes e vermelhas luzentes; cortavam-nas junto ao chão, depois de macetarem-lhes a casca despegavam-na dos troncos e galhos; mal seccas ao sol, eram cozidas em couros, surrões.



A' Europa chegavam mal acondicionadas, sem nenhuma escolha, muitas vezes apodrecidas.

Os jesuitas nas suas propriedades replantavam as arvores abatidas prevenendo o desaparecimento rapido da preciosa planta, sem que pudessem impedir o barbaro arrasamento que faziam os "casca-rilleros" nos quinaes das florestas longinquas.

Justamente a Hollanda onde foi tão combatida a quina, até por um pamphleto de Chiflet, é que veiu a ter o principal mercado de cascas de quinina. A essa nação deve-se a propagação mundial, em grande escala, do específico do impaludismo. O governo hollandez, prevenendo, como os jesuitas, o desastre proximo, considerando que nenhum particular se abalançaria a arriscar capitaes tentando uma cultura desconhecida e vendo, no caso de successo, um optimo genero para commercio novo, entrou a estudar a possibilidade da transplantação da arvore da quina para as suas colonias asiaticas.

Em 1851 foi adquirida, pelo governo da Hollanda, uma planta de quina, das obtidas em Pariz por Weddell e sob os maiores cuidados remetida para o Jardim Botanico de Buitenzorg, então dirigido por Teysmann que conseguiu, por mergulho, muitos exemplares acclimando na Asia essa preciosidade sul-americana.

Verificou-se, quando as primeiras plantas tinham 14 annos, a sua pobreza em quinina.

Por esse tempo o governo francez tentou, sem successo, plantações na Argelia; não teve a tenacidade do hollandez.

Teimosamente o governo da Hollanda, quando ministro C. F. Pahudd, nova tentativa fez, contratando com o dr. Junghuhn uma expedição á America para, traiçoeiramente, obter mudas e sementes de varias especies com o fim de conseguir arvores ricas em quinina.

Os governos sul-americanos desconfiavam já dos exploradores arribados e não permittiam, em termos, a sahida de sementes e mudas, ciosos do monopolio do procurado medicamento. O dr. Junghuhn não podendo emprehender a viagem contratada encarregou o botanico allemão Hasskarl, de Duesseldorf, seu amigo, dessa missão audaciosa partindo este com o

nome supposto de Muller em 1852. Chegou a Panamá em Janeiro de 1853, seguindo para Lima, onde se demorou varios mezes, para aprender a lingua do paiz e captar a boa vontade dos governantes.

"Travou relações com altos funcionarios da Republica e soube tão bem ganhar-lhes as sympathias, engodando-os de tal fórma, que o presidente Tirado dirigiu a seus subordinados uma circular concitando-os a dar bom acolhimento a don Muller, sabio geographo, que ia estudar a léste do Perú o curso dos rios Perené e Aparimac, encarregando Hasskarl de apresentar um relatorio de suas descobertas. Tão ingenuo quanto o presidente, o ministro dos Cultos deu-lhe recommendação a todos os vigarios na qual rezava ser a viagem do sabio do interesse da religião e do Estado; ainda mais, o ministro das Finanças deu-lhe uma carta de credito até 2.000 pesos." (P. van der Wielen, de onde tiramos muitos dados).

Internou-se don Muller em busca das mudas e sementes da Cinchona, conseguindo 59 plantas e cerca de mil sementes que remetteu para Panamá, onde pereceram as plantas, chegando as sementes á Hollanda.

Foi desvendado o segredo e Hasskarl teve de fugir precipitadamente bem esquecido dos rios que nunca procurou, indo para o Chile de onde, em Março de 1854, voltou para Arequipa, obtendo outra vez pomposas recommendações do novo governo que substituiu o do presidente Tirado depois de uma passagem caudilhada.

Muitos perigos passou e mil difficuldades venceu chegando com 400 mudas e bastantes sementes a Sandia, onde foi novamente descoberto o verdadeiro fim da sua "excursão geographica". Conseguiu chegar a Arequipa com sua bagagem, trazendo as mudas envolvidas em musgo humido e folhas de bananeira, occultas dentro de sacco dos usados no paiz para o transporte de lan.

Apesar da sua assustada sahida de Sandia deixou em poder do seu hospedeiro, o vigario, boa somma para que lhe fossem remetidas mudas e sementes que "casca-rilleros" seus contratados viriam trazer.



Nunca mais teve noticia do vigario — nem do dinheiro.

A pedido de Hasskari o governo hollandez mandou ao Perú a fragata de guerra "Prinz Frederik" para conduzi-lo directamente a Java com o seu contrabando.

O consul inglez ameaçou denuncia-lo, só não o fazendo depois de formal promessa, feita por Hasskari de ceder parte das plantas e das sementes para a Inglaterra.

Não consta que a promessa fosse cumprida.

A 21 de Agosto de 1854 partia a fragata, chegando a Java com 75 plantas vivas das 400, sendo logo plantadas em Tjihodas a 1.500 metros de altitude, onde existia um viveiro de mudas nascidas das sementes que tinham sido remetidas anteriormente, via Panamá.

Foi o inicio da grande cultura da quina em Java, onde hoje existem talvez para mais de 100 milhões de arvores produzindo casca.

Don Muller foi agraciado pelo rei Guilherme III; a Universidade de Greitswald conferiu-lhe o titulo de doutor "honoris causa"; recebeu a grande medalha de ouro da "Societé d'Acclimation de Paris"; muitas sociedades scientificas conferiram-lhe titulo de socio honorario. Morreu o dr. Hasskari em Cleves, em 1894, com 83 annos de idade, rico e celebrisado.

O governo inglez, a instantes pedidos do governador das Indias, hem informado do que se fazia em Java, em 1859 mandou uma missão chefiada por C. R. Markham percorrer o Perú, Equador e a Bolivia com o mesmo programma de "don Muller".

Depois de muitas peripecias conseguiu embarcar quinhentas e muitas plantas, em caixões especiaes, chegando 200 e poucas vivas a Southampton e em Outubro de 1860 aportavam todas mortas ás Indias. As sementes remetidas por um dos companheiros de Markham, chamado Pritchtt nasceram bem e dellas descendem as plantações de "Cinchona micrantha" que existem na Asia.

Outro comparsa dessa missão, Spruce, encontrou no Equador as especies Cinchona-sucirubra, de folhas vermelho luzidio, e "Cinchona-loxa", entrando em

accôrdo com os proprietarios das florestas para só exportar mudas e sementes sem lhes fazer concorrência na exportação da casca, o que foi ingenuamente acceito.

As fortunas que se faziam com a exportação da casca, precisavam ser feitas rapidamente: as arvores de quina que fossem plantadas só no fim de oito annos produziriam quantidade apreciavel de casca...

"Até que os estrangeiros cheguem a colher casca estaremos ricos", diziam os seringueiros, digo "cascarilleros".

Conseguiu boas mudas que bem acondicionadas chegaram, cerca de 500, a Madrasta, apesar das revirações de temperatura durante a longuissima viagem via Southampton.

O governo da Inglaterra não mandou fragata de guerra como fez o hollandez.

Os governos do Perú, Equador e Bolivia accordaram decretar leis severas prohibindo a exportação de mudas e sementes, ainda assim o ultimo membro da missão ingleza — Cross — em 1861 colhia na Serra de Cajanuma uma quantidade avaliada em 100.000 sementes das "Cinchonaloxa" e "Cinchona-Officinalis".

Em 1862 existiam no Jardim de Ootacamud 40.000 mudas dessas variedades.

Começaram então os estudos das variedades que melhor se acclimavam e de maior rendimento, bem como as experiencias de enxertia e dos processos racionais para a extracção da casca.

Foram montados laboratorios onde só se estudava quinologia.

O governo inglez foi menos generoso com Markham e seus companheiros do que o hollandez com Hasskari.

Já nesse tempo pelo Amazonas acima, sem disfarces nem nomes suppostos, colhedores de sementes e mudas de seringueira escolhiam commodamente do melhor e remetiam quantidades á vontade, sem nem terem precisado de recommendações.

Como a quina que desaparecendo na America do Sul prejudicaria todo o mundo, ao mesmo estava condemnada a seringueira do valle do Amazonas.

Foi providencial a iniciativa dos governos hollandez e inglez para com a quina, como foi despreocupado o brasileiro em relação á seringueira.

Em 1860 eram conhecidas cerca de 60



variedades de "cinchonae", sendo que hoje são cultivadas de preferencia a "C. sucirubra" e "C. Ledgeriana", esta achada pelo inglez Ch. Ledger, na Bolivia, tendo vendido em 1865 sementes aos governos da Hollanda, Indias Inglezas e Australia. Em Java começou a ser cultivada nesse anno e está reconhecida como a mais precoce e rendosa.

Cb. Ledger cahindo na miseria, o governo hollandez, como recompensa pelo feliz acaso de ter descoberto a arvore de quina que melhores resultados dá, concedeu-lhe uma pensão de 1.200 florins por anno.

O governo inglez e os das suas colonias nada fizeram por elle; nas Indias cultivava-se a "C. Ledgeriana" tendo as plantações australianas desaparecido, existindo no Indostão duas fabricas que produzem cerca de 80 mil kilos de saes das cascas de quina annualmente para o consumo interno, importando alguma casca e sulfatos brutos.

"Em media as cascas da India dão: sulfato de quinina 4,53 o|o; cinchonidina e cinchonina, em sulfatos tambem 2 o|o; quinidina e outros sulfatos amorpbos de alcaloides 0,4 o|o.

A ilha de Ceylão ainda exporta cascas, pois ahi floresceu a cultura da quina tendo decahido pela preferencia dada á intensiva do cbá amparada por grandes capitalistas londrinos.

A produção mundial de saes de quinina vae a mais de 600.000 kilos annualmente; Java produz a maior parte da casca que a industria cbimico-pharmaceutica consome no mundo.

Os allemães estavam activamente tentando a cultura da quina nas suas colonias da Africa sem recuar diante dos primeiros insuccessos.

Na ilha africana de São Thomé os portuguezes cultivam-na em pequena escala, estando essa cultura em progresso.

A patria das quinas, a America do Sul, produz hoje relativamente pequenissimas quantidades de casca, de qualidade inferior, mal sortida e mal acondicionada.

A borracha já está nesse caminho; por emquanto a "Pará extrafina" é ainda a de melhor qualidade quanto á elasticidade e resistencia, mas já distanciada da borracha da Asia quanto á pureza do pro-

ducto bruto; o clima e o solo do Amazonas têm sido a unica causa de toda a borracha brasileira não perder de todo o seu valor e renome.

As arvores de quina, desde pequenas são perseguidas, por varias pragas; diversas larvas de varios coleopteros, lepidopteros e pelos gafanhotos que nem respeitam o seu amargor.

A quinologia é uma das partes mais importantes e complicadas da cbimico-pharmaceutica e mesmo na therapeutica; o sal de quinina "que melhor effeito produz é aquelle que é melhor tolerado".

Foi pela chimica que se determinou qual a melhor especie para cada zona, qual a idade, época do anno para o descasque parcial ou desraizamento das arvores, o revestimento dos troncos com musgo pelo systema Mac Ivor ou com papel, a adubação do solo nos claros deixados pelo arrancamento geral ou alternado; a conveniencia do preparo "in loco" dos saes brutos; o seccamento ao sol e pelo ar quente, o acondicionamento da casca para longas travessias e armazenamento.

Quasi todos os directores das plantações bollandezas têm sido chimicos secundados por botanicos, entomologistas e arboricultores.

Sementeiras e viveiros com illuminação regulada; transplantação para canteiros protegidos; plantação definitiva; educação das arvores; colheita da semente seleccionada, enxertio experimental; aperfeiçoamento das diversas variedades; bybridações; estudo de plantas isoladas que apresentam caracteres "sui generis"; inimigos e molestias; a composição e recomposição do solo, tudo é estudado scientificamente nunca esquecido o lado pratico.

Casualmente encontramos no "Almanach Commercial Brasileiro", publicado em Junbo de 1918, ter existido na serra de Theresopolis uma plantação de um quinal feita na Barreira do Soberbo em 1868, noticia esta extrahida do "O Brasil". "Suas riquezas naturaes, suas industrias" (1907); realmente existiu, foram plantadas cerca de 12.000 arvores das quaes poucas restam poupadas pelos machados dos lenhadores como fez ultimamente verificar o actual director do Serviço Sani-



tario de S. Paulo, dr. Arthur Neiva, constatando tambem, nos laboratorios do Butantan, que a quantidade de quinina que as cascas contém é minima.

De onde terão vindo as mudas ou as sementes? A que variedade pertencerão esses sobreviventes?

E' curioso que em plena guerra do Paraguay fosse posto em pratica esse empredimento, talvez pelos enormes estragos que o impaludismo causava nas nossas tropas, matando muitos e inutilizando ainda maior numero; vidas e vigor então preciosos.

Sua majestade o sr. d. Pedro II, muito se interessou por essa tentativa, indagando amiudadamente do desenvolvimento desse primeiro quinal.

A causa do abandono dessa plantaçao é desconhecida; com a terminação da guerra o impaludismo cabiu no olvido; continuou a matar e a depauperar.

No Brasil nenhuma outra cultura de "quina verdadeira" nos é conhecida a não ser a que vae abaixo mencionada.

Degeneraria a quina de Therezopolis pelo clima, composição do solo, passagem a novo estado selvagem differente do primitivo?

A variedade é provavel que seja a principal causa da pobreza em quinina como tambem o solo e quiçá a época e o modo por que foi tirada a casca para o exame, detalhe este de grande importancia.

De uma carta (4-6-1919) do nosso illustrado e tenaz patricio sr. Julio Eduardo da Silva Araujo em resposta a um pedido de informações sobre os quinaes de Barreira do Soberbo, extrahimos:

"Conseguí transplantar para a minha fazenda em Therezopolis, diversos exemplares de quina do Soberbo. Essas mudas, que foram retiradas em pequenissimo porte, já estão com cerca de 2 metros de altura e submettidas a cuidados convenientes de cultura, com o que espero algo melhorar as respectivas condições da especie, pois penso que a sua degenerescencia deve-se principalmente ao abandono em que foram os individuos deixados. Por emquanto nada posso dizer quanto ao producto resultante, tratando de um tentamen de minha parte.

Com a transplantação que fiz, a quina

suhiu de cerca de 300 metros, perto de 900 metros.

Com isso nada soffreu, apresentando-se viçosa e promissora. Foi plantada a sombra de arvores maiores e transplantada, quando cbegaram a cerca de um metro, para logar descampado e soalheiro. A terra fertil ou fertilisada lhe é propria; a adubaçao phosphatada convem-lhe muito e, de agora em diante, vou me dedicar ás enxertias de umas arvores nas outras."

No cemiterio da cidade de Piracicaba existiu ou existe ainda uma arvore de quina da qual foram tiradas mudas que foram plantadas no parque da Escola Agricola Luiz de Queiroz. Não sabemos se ainda lá existem.

Que as arvores de quina desenvolvem-se nas nossas serras temos as provas. Barancas humidas de terrenos permeaveis onde no estado natural melhor crescem, de regular altitude e com temperatura moderada existem em muitas de nossas montanhas, em varios Estados; resta o meio pratico para uma experiencia audaciosa plantando em centenas de localidades já conhecidas como ricas em quinina, acompanhadas, systematicamente essas plantaçoes por pessoal despreoccupado de vaidades pessoais. Medido em laboratorio o rendimento em quinina e outros alcaloides, laboratorio montado exclusivamente para o estudo da quinologia, seguindo o caminho já trilhado pelos hollandezes. A distribuição de mudas aos milhares a todo aquelle que desejar possuir uma ou mais arvores para ornamento ou para rearborisação. As experiencias dos curiosos auxiliariam a dos profissionais.

Na falta de sacs de quinina os pós, as macerações, as tinturas das cascas prestariam os serviços que antigamente prestaram os "pós da condessa" e a "infusão de Talbot".

O dogmatismo pedante, muitas das vezes a unica defesa do ignorante, dos que não seguem a sabia maxima arabe: "todo aquelle que experimenta, aumenta o saber, o credulo augmenta os erros", e não innova, accrescentamos, certamente, seria derrocado pelas reve lações das analyses feitas em cascas de arvores, de enxertos ou de sementes seleccionadas, crescidas até em baixos. A natureza é rica em



caprichos e não ha calculo positivo nem experiencias parciais que garantam a impossibilidade de se poder conseguir maravilhas com a acclimação e com selecção intelligente. A fabricaço dos varios sães de quinina entre nós só será possivel quando tenhamos no paiz abundancia de casca. Se pretendermos importar a materia prima, ella aqui chegará como as raizes de ipecacuanha: sãem essas raizes de Matto Grosso para o exterior em desajcitados surrões e voltam desemtisadas em bellos pacotes luxuosamente rotulados e a que preçosl Basta conhecer-se por alto o modo por que são classificadas as cascas na Hollanda e como são sortidas, para afugentar da idéa uma industria escrava de materia prima monopolisada por uma nação estrangeira; os sães em hruto viriam tão brutos que a nossa fabricaço de sães de quinina puros seria mais uma industria de residuos. E' logico que nos collocando na dependencia dos monopolisadores da producção das cascas e dos preparados só nos será fornecida materia prima de optima qualidade e hoas condições, emquanto se tratar de inaugurações cinematographaveis, usual e gracioso complemento "exigido" pelos fornecedores de mecanismos e accessorios. Depois, virão as difficuldades, os impecilhos, e continuaremos escravizados á rotineira compra de preparados com dosagens duvidosas, ao preço do dia.

Se chegarmos a produzir excesso de casca não faltarão compradores; ainda ha tanto logar onde a malária impera...

Foi em 1790 que o allemão Christiano Hoffmann descobriu o "acido quinico"; a quinina foi descoberta em 1820 por dois francezes, Pelletier e Caventou, isolando a "cinchonina"; mais tarde Hesse e outros descobriram mais de 20 corpos complexos contidos nas cascas das "quiquinas", nenhum porém equivalendo a quinina como especifico do impaludismo, mas em conjunto tonificantes.

Em Haarlen, na Hollanda, existe no Museu Colonial uma collecção unica no genero, a da quina, onde se vê tudo quanto diz respeito a essa planta.

O primeiro laboratorio onde se preparava em certa quantidade o sulfato de quinina, existiu em Ailly, perto de Amsterdam, em 1823, onde usaram da for-

mula de Pelletier e Caventou, vendendo a onça a 22 florins, o que corresponderia hoje em nossa moeda a menos de 1\$400 por grammam.

Quasi um seculo depois, no paiz mais impaludado do mundo, o grande vizinho da patria das quinas, no 30.º anno da Republica, uma capsula de qualquer duvidoso sal de quinina, com 25 centigrammos, custa em innumeras localidades até mais do que custava a grammam no laboratorio de Ailly!...

"Quaerite, et invenietis". — O. F. (Estado de S. Paulo).

O LIVRO

A uniformisação da orthographia planejada pelo illustre director da Instrucção poz em fóco os nossos livros escolares.

A divergencia de sua orthographia, adoptados como são após passarem pelo cadinho de uma commissão pedagogica, pôde hem dar uma idéa do que seja a sua impressão material que nunca foi submettida ao julgamento da inspecção medica escolar.

Não queremos exemplificar, para não sermos pessoal, mas podemos afirmar que *nenhum* livro de nossas escolas obedece ás regras dictadas pela hygiene, para tornal-os inoffensivos á visào dos alumnos.

Javal na França e Cohn na Allemanha, já de ha muito chamaram attenção para a influencia dos livros escolares sobre o desenvolvimento da myopia nesses paizes.

Depois delles muitos especialistas cuidaram do assumpto sobre o qual estahelceram regras que seriam faccis de serem cumpridas, se não fóra a negligencia de uns e a ganancia da maior parte.

Os editores, se preocupando muito mais com o barateamento das edições que com a visào dos leitores, compete a estes quando não á administração (na parte relativa a livros escolares) fiscalisar a natureza da impressão.

Por isso Javal disse que o desenvolvimento da myopia pela leitura depende menos da quantidade que da qualidade do trabalho.

Esta qualidade se infere do estado, for-

ma e tamanho dos typos, do comprimento das linhas, da densidade de impressão, da espessura, côr e transparência do papel, da côr da tinta, etc.

Os typos estragados fornecem uma impressão má e, portanto, caracteres difficeis de serem lidos.

A fôrma das letras muito influe sobre a percepção visual, preferindo a hygiene as letras *gordas*, e baixas, ás *magras* e altas, o que quer dizer que os caracteres devem ser cheios, embora pequenos, melhor que finos e grandes.

O tamanho dos typos dos livros escolares deve ser o de n. 9 e o que tem cerca de tres e meio millímetros.

A distancia entre uma letra e outra deve ser, segundo Javal, pelo menos igual á que separa os ramos da letra, não devendo haver no espaço de um centimetro mais de sete letras.

O comprimento da linha não deve exceder de 8 centímetros, attribuindo Javal a myopia commum na Allemanha, entre outras cousas, ao desenvolvimento excessivo da linha que Cohn julga poder medir dez centímetros.

Deve-se aconselhar ao individuo a acompanhar, com movimentos da cabeça, a extensão da linha para evitar esforço de accommodação.

A entrelinha não deve ser menor de dois e meio a tres millímetros, sendo o texto tanto mais legivel quanto mais entrelinhado, sendo, infelizmente, a entreli-

nha grande incompativel com a economia.

O papel precisa ser espesso, não transparente, de fôrma a impedir que as letras de uma pagina dêem sombra na outra.

Não deve o papel ser hrilhante, para não produzir reflexo incommodo para a vista, sendo preferivel a côr crême á outra qualquer, inclusive a branca.

Malorewski propoz que se fizesse a impressão em letras brancas sobre fundo negro.

Horner (de Zurich), fez experiencias, concluindo que as letras brancas parecem maiores, mas não podem ser lidas, senão a uma distancia menor.

São estas as principaes regras hygienicas sobre a impressão dos livros, que, por desobedecerem a estes principios, são os responsaveis pela myopia que é uma affecção que pôde dar inicio a graves perturbações oculares, podendo ir até á cegueira.

Um meio pratico de saber se um livro está de accôrdo com a hygiene, é colloca-lo a um metro de uma vela e lè-lo a distancia de 80 centímetros.

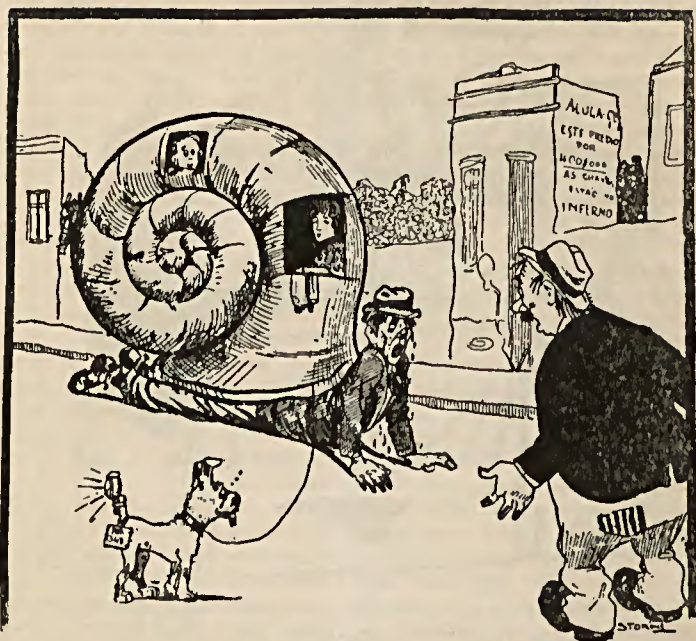
Se as letras forem facilmente distinctas, o livro não é perigoso para a visão.

Como Charles Blanc, que parodiando o ditado, escreveu: "Dize-me o que lês, dir-te-ei quem és", podemos em hygiene avançar: "Dize-me como é impresso o livro que lês, dir-te-ei a vista que tens." — BARBOSA VIANNA (Do *Jornal do Brasil*).



CARICATURAS DO MEZ

O Seraphim não é doido



— Meu pobre Seraphim, você ficou maluco?
— Qual maluco! Resolvi o problema das casas. Agora vou á Prefeitura ver si o Sá Freire me dispensa o imposto predial.

(Storni — D. Quixote — Rio).

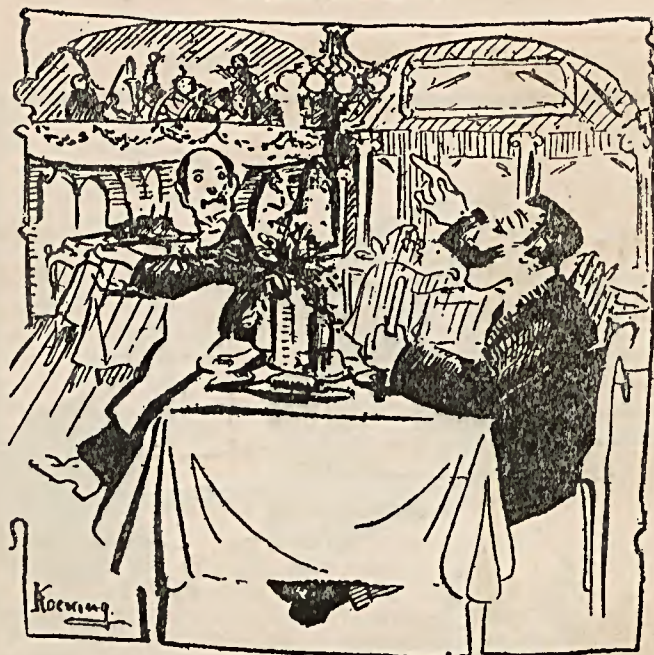
Fim do campeonato



O glorioso triumphador

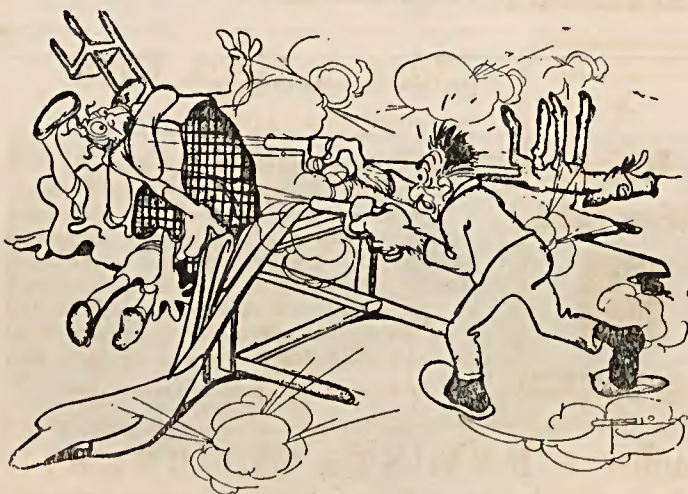
(Voltolino — Pasquino — S. Paulo)

Diner-Concert



— Garçon, diga a esse maestro para tocar mais devagar. Já me engasguei duas vezes por causa desta musica em *prestissimo*.

Sport da moda



Fim de anno. Grande liquidação. Dissolução da firma Brederodes & Cia.

(J. Carlos — Careta — Rio).



Urupês

por MONTEIRO LOBATO

Quinta edição.

(12.º a 16.º milheiros).

EM papel Buffon	3\$000
Encadernado	4\$000
Edição popular	2\$000

Pelo correio mais 500 réis.



Cidades Mortas

por MONTEIRO LOBATO

CONTEM os seguintes contos: Cidades Mortas - Coisas de um diário - Cavallinhos - Noite de S. João - Grammatica viva - Pedro Píchorra - As seis decepções - Cabellos compridos - Um avô - O "Resto de Onça" - Porque Lopes se casou - O caso do Tombo - O fígado indiscreto - O imposto unico - O Plagio - Duas dançarinas - O Luzeiro Agrícola - A "Cruz de Ouro" - O espião, etc.

Preço: 4.000; Encad.: 5.000. Pelo correio mais 500 réis.



Idéas de Géca Tatú

por MONTEIRO LOBATO

CONTEM a seguinte materia: A caricatura no Brasil - A criação do estylo - A questão do estylo - Esthetica official - Ainda o estylo - A paisagem brasileira - Pedro Americo - Almeida Junior - A poesia de Ricardo Gonçalves - A hostephagia - Como se formam lendas - A estatua do patriarcha - Sára, a eterna - Camillo em S. Paulo - O Sacy, etc.

Preço: 4.000; pelo correio 4.500.

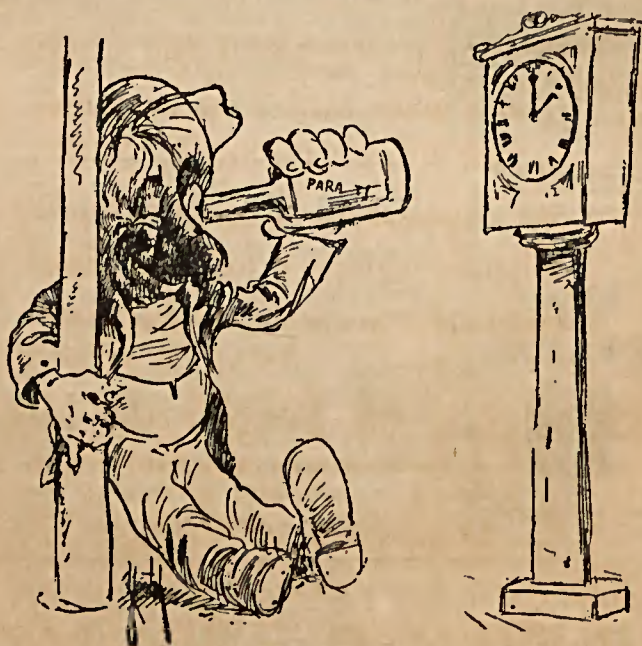
Pedidos á REVISTA DO BRASIL
R. Boa Vista, 52 - Caixa, 2-B - S. PAULO

Salvemos nossos estomagos



Sá Freire (estomagado) — Suspenda! Atire fóra todo o leite!
Apanhei em flagrante a vacca bebendo agua!

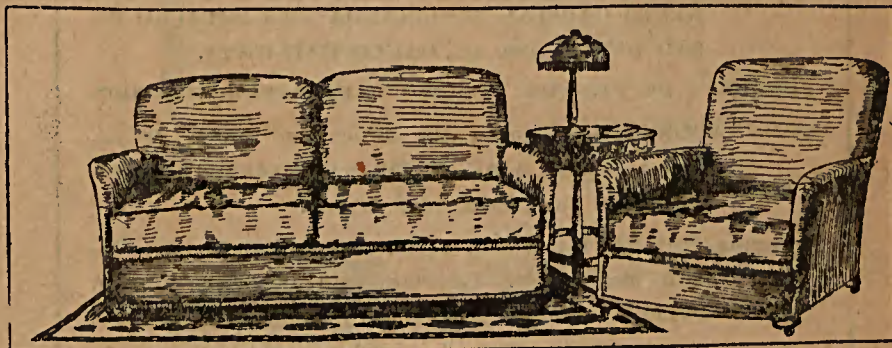
A proibição do alcool depois das 7



O pau d'agua — São duas horas... ainda tenho 5 horas p'ra beber.

MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

MOVEIS DE COURO



Fabricamos estes moveis pelo mesmo systema usado para os sofás e poltronas dos "Clubs" Londrinos. — São empregados couros dos melhores cortumes inglezes e todos os outros materiaes, de primeira qualidade.

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES

R. S. BENTO, esq. R. DIREITA — S. PAULO



PEREIRA IGNACIO & CIA.

Industriaes

FABRICA DE TECIDOS "PAULISTANA" E "LUSITANIA"
NESTA CAPITAL, E "LUCINDA", NA ESTAÇÃO DE
SÃO BERNARDO, (S. PAULO RAILWAY).

VENDORES DE FIOS DE ALGODÃO CRUS E MERCERISADOS.
COMPRADORES de Algodão em caroço em grande escala,
com machinas e AGENCIAS nas seguintes localida-
des todas do Estado de S. Paulo.

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Tieté, Avaré, Itapetininga, Pi-
rajú, Porto Feliz, Conchas, Campo Largo, Boituva,
Pyramboia, Monte Mór, Nova Odessa, Bernardino de
Campos, Bella Vista de Tatuhy.

GRANDES NEGOCIANTES de algodão em rama neste e nos
demais Estados algodoeiros, com Representações e
filiaes em Amazonas, Pará, Pernambuco, Bahia, Rio
de Janeiro, Rio Grande do Sul.

ESCRITORIO GERAL EM S. PAULO:

RUA DE SÃO BENTO N.º 47

TELEPHONES: 1536, 1537, 5296 - CENTRAL
CAIXA POSTAL, 931.

Proprietarios da conhecida "PLATINA"
Agua Mineral

Cognominada a Vichy Brasileira — A melhor Agua de
mesa — Acção Medicinal — A Platina cuja Fonte Cha-
padão, está situada na estação da Prata, é escrupulosa-
mente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbo-
natada sodica como a Vichy e é, como esta agua franceza

Vendida em garrafas escuras.

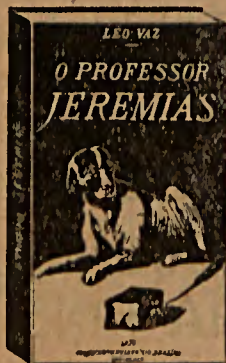


Amor Immortal

por J. A. NOGUEIRA

ROMANCE de maravilhosa belleza e grande visão philosophica, tido pelos criticos com uma das mais perfectas obras primas da litteratura brasileira.

Preço: Encad.: 5.000; Brochado: 4.000.
Pelo correio mais 500 réis.



O Professor Jeremias

por LE'O VAZ

O AUTOR revela-se aqui um fino humorista da familia dos Sternes, Anatoles e Machado de Assis, vindo occupar o lugar deste, vago até agora.

Preço: 3.000; pelo correio: 3.500.



Vida e Morte de Gonzaga de Sá

por LIMA BARRETO

ROMANCE de typos e costumes cariocas, dos mais interessantes e profundos escriptos nos ultimos annos.

Preço: 2.000; pelo correio: 2.300.

LOTERIA DE S. PAULO

Em 20 de Fevereiro

30:000\$000

Por 2\$100

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM
TODA A PARTE

ACIDO URICO - URICEMIA
CYSTITES - BEXIGA-RINS
RHEUMATISMO - CALCULOS
AREIAS - PYELITES - UREMIA

ARTHRITISMO

BI-UROLO

SILVA-ARAÚJO

GRANULADO EFFERVESCENTE Á BASE DE
FOLHAS DE ABACATEIRO. 00

ALMEIDA SILVA & CIA.

Importadores de FERRAGENS, LOUÇAS, TINTAS
e OLEOS

End. Telegr.: "AMSDIAS" - Codigo Ribeiro
Caixa Postal, 840 - Telephone, 1002 Central

RUA GENERAL CARNEIRO, 13 SÃO PAULO

OBRAS DE PHILOSOPHIA DE HENRIQUE GEENEN

COMPENDIO DE PSYCHOLOGIA EXPERIMENTAL. 2.^a
EDIÇÃO. — COMPENDIO DE LOGICA, 5.^a EDIÇÃO.

Obras elogiadas por Pedro Lessa, Franco da Rocha,
Osorio Duque Estrada, e outros homens de
responsabilidade. - Preço: 5\$000.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS.

CASA FREIRE

LOUÇAS, LIVROS E
OBJECTOS DE ARTE.

José da Cunha Freire

RUA DE SÃO BENTO N. 34-B S. PAULO
Caixa Postal, 235 Telephone N. 867

SAUDADE

Optimo livro didactico para creanças e gente grande,
pelo conhecido Prof. Thales C. Andrade. —
Preço, pelo Correio, 3\$300. — Pedidos á RE-
VISTA DO BRASIL — Caixa, 2-B. S. PAULO.



Phosphoros

Segurança

Marca

OS UNICOS QUE



CASA NATHAN

S. Paulo

“TREVO”

SE EXPORTAM.

JOÃO DIERBERGER

FLORICULTURA

SEMENTES. PLANTAS. BOUQUET.
DECORAÇÕES.

ESTABELECIMENTO DE PRIMEIRA ORDEM.

S. PAULO - Caixa Postal, 458. Telephones: Chacara,
Cidade 1006. Loja, Central 511.

LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A.

CHACARA: Alameda Casa Branca, (Avenida
Paulista).

FILIAL: Campinas. Guanabara.

PEÇAM CATALOGOS

Joallerie -- Horlogerie -- Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfévreries - Argent -
Bronzes et Marbres d'Art - Sérvices en
Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

INDICADOR

ADVOGADOS:

Drs. SPENCER VAMPRE' LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travessa da Sé, 6, Telephone cent. 2150.

Drs. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala, 3).

Dr. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica, especialmente das creanças. Res.: Rua Bella Cintra, 139. Cons.: Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

Dr. SALVADOR PEPE — Especialista em molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9, Telephone, 2296.

TABELLIAES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR, RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Tra-

vessa do Commercio, 7 — Telephone, 393.

Dr. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 — Tel. 323 — Res.: Rua Albuquerque Lins, 58. Tel. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal, 174. End. Telg. "Leonidas", São Paulo. Telephone, 626 Central. — Rua Alvares Penteado — São Paulo.

COLLEGIOS:

EXTERNATO DR. LUIZ PEREIRA BARRETO — Admissão aos cursos superiores da Republica para ambos os sexos — Rua Carlos Gomes, 50 — Acacio G. de Paula Ferreira. ephon e4B., n Alvaro Bertlodi

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. — EMILIO ROCCO — Novidades em casemira ingleza — Importação directa. Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 3333 Cidade — S. Paulo.

Livraria Drummond Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura-Revistas-Mappas-Material Escolar.
ED. DRUMMOND & CIA.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPHONE, NORTE 5667 — Endereço Telegr.: "LIVROMOND". — CAIXA POSTAL, 785. RIO DE JANEIRO.

Peçam á "REVISTA DO BRASIL" os Annaes de Eugenia, grosso volume com todos os trabalhos, conferencias e estudos da Sociedade Eugenia de S. Paulo. - Preço: 8\$000, incluido o porte.

LACTIFERO

ESPECIFICO IDEAL DAS MÃES

Preciosa descoberta da Pharmaceutica STAMATO BERGAMO



Marca Registrada

O LEITE MATERNO é o unico e verdadeiro alimento da criança. Qualquer outra alimentação traz perigos alarmantes ás vezes fataes. Se a senhora NÃO TEM LEITE ou tem LEITE FRACO ou de MA' QUALIDADE, use o LACTIFERO, porque além de estimular a secreção das grandulas mammarias produzindo um leite sadio e abundante, exerce tambem um effeito surprehendente quer na saude das mães, quer na dos filhos. Poderoso fortificante, restabelece a circulação e produz uma nova energia vital. Muito útil ainda durante a gravidez, depois do parto e contra o rachitismo das crianças.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias e no deposito geral:
PHARMACIA BERGAMO, Rua Conselheiro Furtado, 111 —
S. Paulo — Telephone, Central, 1108

PEÇAM PROSPECTOS GRATUITOS

Depositarios no Rio de Janeiro:

RODOLPHO HESS — Rua 7 de Setembro N.º 61. —

Importantes certificados que confirmam
o grande valor do LACTIFERO:

Prezadissimos Snrs. STAMATO & BERGAMO

Cidade — Rua Cons. Furtado N.º 111.

Gratissimo fiquei pelos dois frascos de vosso optimo preparado "LACTIFERO", experimentado com resultado surprehendente e felicissimo por minha senhora, a qual, para os outros dois filhos teve que recorrer ao aleitamento mercenarjo e artificial, e agora pela primeira vez pôde ella mesma amamentar o seu terceiro filho.

Rogo-vos enviar-me mais dois frascos para a continuação da cura.

Creio cumprir um acto humanitario recommendando aos meus clientes a vossa preciosa preparação e renovando os sentimentos de meu reconhecimento e com estima sou vosso devotissimo

Dr. FRANCISCO FINOCCHIARO.

S. Paulo, 4 de Agosto de 1918.

AGUA INGLEZA
 TONICA
 FEBRIFUGA E APPERITIVA
GRANADO
 INDICADA NA ANEMIA, DE BILIDADE,
 IMPALUDISMO E CONVALESCENÇAS

EXIJAM A NOSSA MARCA  **RECUSEM AS IMITAÇÕES**



QUINIUM, CARNE,
 LACTO PHOSPHATO DE CAL
 PEPSINA E GLYCERINA.

VINHO RECONSTITUINTE
GRANADO

TONICO e NUTRITIVO
 Na tuberculose,
 anemia, fraqueza,
 neurasthenia, etc.




EXIJAM A NOSSA MARCA

URIDINA O MELHOR DISSOLVENTE do acido urico.
 O MAIS ACTIVO dos antisepticos das vias urina-
 rias.
 Cura RHEUMATISMO, ARTHRI-
 TISMO, GOTTA, AREIAS, CYSTI-
 TES, PYELITIS, OBESIDADE, etc.

Granulado effervescente de Uro-
 pina, Lycetol, Neo-Sidonol e Lithina.

GRANADO & C. — Rua 1.ª de Março, 14, 16 e 18 — Rio de Janeiro

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. -----

São as mais recommendaveis pa-
ra a lavoura, segundo experien-
cias de ha mais de 50 annos no
Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e ac-
cessorios para a lavoura.
Correias - Oleos - Telhas de zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanisado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para
conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galva-
nisado para encamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.
DIRIGIR-SE A

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO



REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO do n.º 50 — Fevereiro, 1920

O Momento	REDACÇÃO	93
A Arte Religiosa no Brasil	M. MORAES DE ANDRADE	95
Tio Euzebio	ALBERTINO MOREIRA	104
Dr. Ricardo G. Dautre	C. MAGALHÃES AZEREDO	111
Paiz de Ouro e Esmeralda	J. ANTONIO NOGUEIRA	116
Coisas de Espanha	MARTIM FRANCISCO	121
Os taboleiros alagoanos	OCTAVIO BRANDÃO	132
Na bacia do Prata	ALIPIO DE MIRANDA RI- BEIRO	137
Versos	THALES DE MELLO	144
O segredo de Mauer	E. ROQUETTE PINTO	147
Academia de Letras	ARTHUR MOTTA	152
Bibliographia	REDACÇÃO	165

RESENHA DO MEZ: Victor Brecheret (*Redacção*) —
O aparelhamento industrial do Brasil (*Plínio Cavalcanti*) — A descoberta da America —
Curiosidades do pé esquerdo — O problema do
Brasil (*J. Maria Bello*) — A nossa dança (*Plá-
cido Barbosa*) — A questão social (*T. de A.*) —
Geada fibrosa (*Alvaro da Silveira*) — A' fidal-
guia nacional (*João do Norie*) 169

Caricaturas do mez e illustrações.

S. Paulo

1920

Rio

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director: MONTEIRO LOBATO.

Secretario: ALARICO F. CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: José Maria Bello.

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.

Paraná: Seraphim França, Coritiba.

Amazonas: João Baptista de Faria e Souza, Manáos.

Rio Grande do Norte: Henrique Castriclano, Natal.

Parahyba: Alcides Bezerra, Parahyba.

ASSIGNATURAS

Anno	15\$000
Numero avulso	1\$500

Assignatura sob registro no correio: mais 2\$400 por anno.
As assignaturas começam em qualquer tempo e terminam
sempre em junho ou dezembro.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 — SÃO PAULO

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Central



BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes, Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO

LARGO DA MISERICORDIA, 4



ETABLISSEMENTS

:: Société

Anonyme

au Capital de 4.500.000 francs. ———

Block

**FAZENDAS
E TECIDOS**

RIO DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega

S. PAULO - Rua Libero Badaró N. 14

—— PARIS - 26, Cité de Trévise ——

Officinas e Garage Modelo

A. DIAS CARNEIRO



UNICO IMPORTADOR DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

Grande stock de accessorios para
automoveis.

**DEPOSITO PERMANENTE DOS
PNEUMATICOS "FISK"**

**Mechanica — Pintura — Sellaria
Carrosserie — Vulcanisação —
Electricidade.**

**Executa-se qualquer encommenda com
rapidez**

TELEPHONES CENTRAL
ESCRITORIO N. 3479
GARAGE N. 411
CAIXA POSTAL N. 534
ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "ALDICAR"

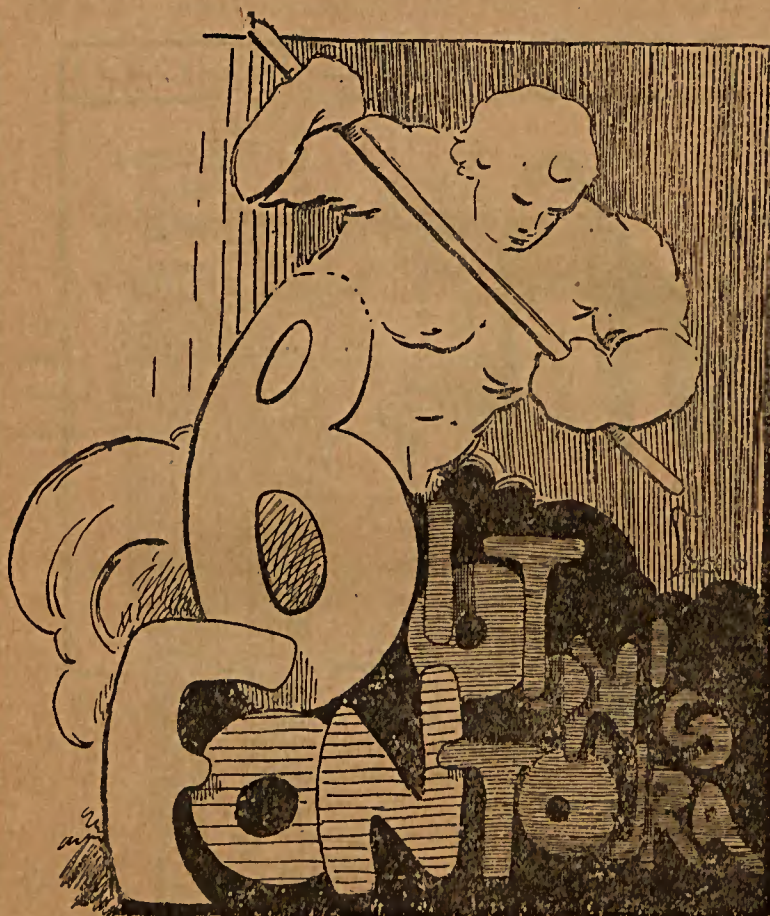
RUA 7 DE ABRIL N. 38
AV. SÃO JOÃO Ns. 18 e 20

São Paulo

CANTO LIBERO BADARO'



**COMO VENUS SAHIU DAS ONDAS,
O VIGOR SAHE DO "BIOTONICO"**



Eminentes medicos affirmam que o **BIOTONICO** é o mais completo fortificante. Exerce acção benéfica sobre todos os órgãos, produzindo sensação de bem estar, de vida, de saúde.

O BIOTONICO cura todas as fórmãs de anemia. Cura a fraqueza muscular. Cura fraqueza nervosa. Augmenta a força e a resistencia. Torna as mulheres bellas e os homens viris. Infunde novo vigor aos organismos gastos ou enfraquecidos por molestias, por excesso ou por qualquer outra cousa.

E' notavel sua acção nos organismos ameaçados pela tuberculose.

WILSON SONS & CO., LTD.

Rua B. Paranapiacaba, 10
S. PAULO

CAIXA POSTAL, 523 — ENDEREÇO TELEGR.: "ANGLICUS"

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão
com desvios particulares no Braz e na Moçca.



AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . .	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater	Mataborrão
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres . .	Chá da India
Read Bros. Ltd., Londres	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburg . . .	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne	Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tync.	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull	Preservativo de Madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres . .	Dynamite
Ghotham Co. Ltd., Nottingham . . .	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia .	Forro em barra e em chapas

UNICOS DEPOSITARIOS DE

SAL LEGITIMO EXTRANGEIRO PARA GADO MARCA
"LUZENTE". SUPERIOR POLVORA PARA CAÇA MARCA
"VEADO", EM CARTUCHOS E EM LATAS. ANIL "AZU-
LALVO", O MELHOR ANIL DA PRAÇA.

IMPORTADORES DE

FERRAGENS EM GERAL, TINTAS E OLEOS, MATERIAES
PARA FUNDIÇÕES E FABRICAS, DROGAS E PRODUCTOS
CHIMICOS PARA INDUSTRIAS, LOUÇA SANITARIA, ETC.



PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

—◆—
Casa franceza de

L. GRUMBACH & CIA.

—◆—
Rua de São Bento N.º 89 e 91

SÃO PAULO



REVISTA DO BRASIL

O MOMENTO

O governo federal convidou o Conselheiro Ruy Barbosa para representar o Brasil no Conselho dos Alliados. Na hypothese de uma recusa a que outro nome poderia o governo recorrer?

— ?...

A pobreza de homens da Republica é nestas occasiões que se patenteia. Fóra Ruy, e Calogeras, a quem falta o predomínio da cultura juridica, a Republica não vê, porque não tem, em redor da sua estrella encabada, nenhum vulto capaz de dar ao paiz, num concerto mundial de estadistas, representação que não péque pelo pifio.

Já em occasiões identicas teve a Republica, para fugir ao ridiculo, de recorrer a figuras remanescentes do Imperio, como Rio Branco e Joaquim Nabuco. E está no dominio publico o fulgor que elles souberam dar á missão, revelando a superioridade da escola monarchica na formatura de homens publicos sobre a escola republicana.

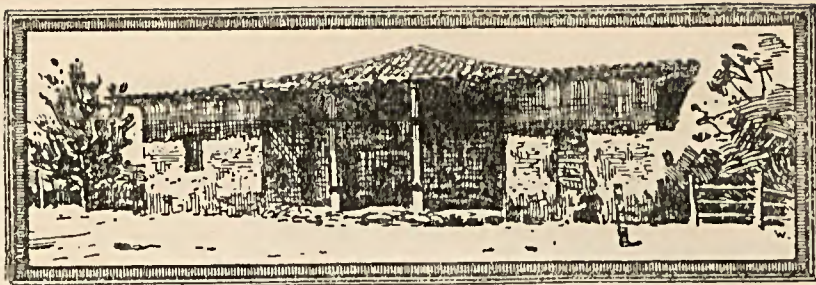
Hoje, posto de lado o expediente de recurso aos monarchicos — que a morte já os levou a quasi todos — condemna-se a Republica ou a brilhar pela ausencia ou, o que é peor, a cair no ridiculo. Porque positivamente cairá no ridiculo se mandar representar-nos no Conselho das Nações qualquer dos eminentissimos paredros do nosso alto republicanismo, o Azeredo, o Hermes, o Seabra, o Camisa Preta...

Chegamos, assim, em trinta annos de escola republicana, a esta mirifica situação: temos um homem só digno e capaz de representar o Brasil numa assembléa mundial — Ruy Barbosa, e esse mesmo, conselheiro do velho regimen! O viveiro republicano, em seis lustros de chôco, de adubagens fartas e regas copiosas, não deu de si coisa seria. Plantas que prenunciavam jequitibás eram apenas carurús...

O paiz possúe, entretanto, um homem capaz de represental-o com dignidade e brilho na mais conspícua reunião de povos. E' um a quem não faltam serviços de espada nem de penna, que tem nome e honestidade. intelligencia e descortino diplomatico. E' um de quem se pôde repetir a phrase de Macaulay relativa á eloquencia de Mirabeau: o difficil é achar o que lhe falta.

Esse "um" é D. Luiz de Bragança e Orléans.

Pelo crime de ser néto de D. Pedro II, o imperador magnanimo a quem devemos cincoenta annos de dignidade na nossa vida como povo, foi banido. Mas cumpriu a pena. Não ha no Codigo Penal brasileiro pena superior a trinta annos. O parricidio prescreve em trinta annos. Ora, de 1889 a 1920 decorrem mais de trinta annos. O grande crime de ser neto de D. Pedro II está prescripto. D. Luiz, cidadão brasileiro, está livre de prestar á sua patria o serviço de que ella ha mistér, e o governo — se tem empenho em não augmentar de mais um a serie dos nossos fiascos internacionaes — está no dever de, caso Ruy a recuse, dar ao mais digno a altissima representação.



A ARTE RELIGIOSA NO BRASIL

POR

M. DE MORAES ANDRADE

(Conclusão)

ARTE CRISTÃ



Quasi que retornamos aos primeiros tempos do christianismo. Nelles poder-se-á dizer que a Egreja foi francamente hostil a todas as obras de arte, pelo menos no tocante á pintura e esculptura das imagens. Até os principios do quarto seculo não ha quasi traço artistico nenhum. S. Clemente de Alexandria, Tertuliano, Origenes mostraram-se contrarios á reproducção das formas humanas na esculptura e na pintura. Repugnava, sem duvida, ao christianismo optar pelos mesmos processos que os pagãos tinham elevado ao apogeu, com as estatuas criselephantinas de Fidias...

Assim quasi que apenas nos sarcophagos, — e na grande maioria destes por symbolos — e nas pinturas das grandes catacumbas romana desde o anno 100 se divisarão os primeiros passos da arte que levantaria mais tarde os saxeos evangelhos de Reims e de Colonia. A arte apologetica desenvolveu-se do quarto seculo até os primordios do estylo Bisantino que vae do anno de 500 até a aurora de 1400. De mãos dadas com este, no Occidente da Europa, caminham o romanico e depois o gothico, até a Renascença e a época da contra-reforma, onde surge o estylo jesuitico, tão insultado, com a accumulção das linhas curvas, dos arrebiques decorativos, mas incontestavelmente bello nas suas lidimas manifestações.

Depois vem a decadencia: A arte religiosa vai-se exaurindo a pouco e pouco, para chegar aos tempos modernos, inerte, cadaver, — a ponto de Mãe exclamar, com visos de verdade: "ha ainda artistas christãos, não existe mais arte christã!" Si pelo estudo da iconographia se poderão caracterisar o espirito, os sentimentos, a consciencia religiosa das épocas diversas; hoje, que se levantam: em Paris a egreja bisantino-romanica! de Montmartre, o gothico

de innumerous templos yankees, e mais particularmente entre nós o rococó-romanico-bisantino, quiçá sessecionista, da igreja de Bello Horizonte, o gothico da N.^a S.^a da Conceição de Botafogo, e da igreja da Copacabana, no Rio, o gothico flammejante da nossa cathedral, o romanico da Consolação e de Santa Ephigenia, o normando de S. Bento, que divisar senão uma parva desorientação e um tresloucamento lamentavel?... Ha ainda artistas christãos, não ha mais arte christã, com normas exactas, com directriz firme e determinada.

Geralmente a nascença dos estylos se origina ou das necessidades caracteristicas de cada povo, pelos materiaes mais accessiveis, pela natureza do solo ou do clima, ou então por um desses fortes movimentos espirituaes que modificam a situação do homem em face da cousa publica, dando-lhe novas necessidades e deveres... Esperava-se que finda a guerra de 1914, em que os povos premidos pela propria grandeza da conflagração achegaram-se mais para Deus, nascesse um movimento accentuadamente religioso... A voz do papa fôra sempre ouvida com acatamento e sympathia, Mercier assumirá proporções propheticas, os exercitos italianos eram abençoados pelos cardeaes; Joffre, Castelnau, Foch eram catholicos praticos sobre quem repousava a esperança dos povos transidos; mas eis que a borrasca termina: e até agora nenhum movimento religioso se accentuou de maior valia. Os chefes alliados em vez de agradecerem a Deus o afastamento do perigo, cream um perigo maior, continuando uma tragedia esquiliana com um armisticio melo-dramatico, genero *grand-guignol*. Quizeram talvez apagar as consequencias do assassinio dum homem, em Seravejo, com a crucificação dum povo, em Versalhes... Talvez duma paz mais christã, duma gratidão mais humana para com a Divindade surgisse outra renascença do espirito e, por consequencia, das artes christãs... Tal não se deu. Continuaremos a patinhar no lamaçal das mesmas inconstancias, afundando-nos cada vez mais nas mesmas perplexidades. A arte christã, no Brasil, repousa em paz nó moimento do passado. E' um fossil, necessitado ainda de classificação, de que pouca gente ouviu falar e ninguem se incommoda. No entanto ella existe — ou melhor, existiu. A mim tomei a tarefa, e apenas essa, de mostrar-vos que se a nossa arte christão não tem uma importancia decisiva nem marca a eclosão dum estylo, ao menos existiu vivida, com alguns traços originaes, e é um thesouro abandonado onde os nossos artistas poderiam ir colher motivos de inspiração. Bastaria para tanto darem-se ao trabalho de separar a ganga onde se recataram as pepitas... Bem podereis imaginar a difficuldade da minha empreitada, lançando-me num terreno em que tudo está por fazer. Apenas se constatarão alguns trabalhos a esse respeito, sem valor definitivo e que respigam, aqui e alem,



algum exemplo da arte religiosa nacional no passado... A incerteza em que me vi, ressumbra das minhas palavras: della tirei, simultaneo, a escusa da minha deficiencia e a humilhação do meu ousio.

AS PRIMEIRAS CAPELLAS

Si me puzesse a discretear sobre a arte christã no Brasil, depois do venturoso 1500, não só quasi nada teria que dizer, como vê-me-ia obrigado a navegar num perfido mar de conjecturas. As primeiras manifestações artisticas, verdadeiramente nossas, apparecem passado bem mais de seculo do descobrimento.

As capellas que se destinavam ao culto semelhavam habitações de particulares, sem caracterisação quasi nenhuma. Encimava-as uma cruz: era a designação da piedade e do consolo; algumas vezes num andaime, ao lado, ou num frontão liso, cantava um sino: era o appello ás almas esquecidas de Deus no continuado alarme em que viviam pela bruteza dos aborigenes e pelas investidas da natureza hostil. Taes capellas podiam ser graciosas, eram meigas, eram puras, não continham porém a preocupação do Bello architectonico.

Não basta haver construcção para que haja architectura. Nem todos os constructores são architectos. O mestre de obras, o empreiteiro é a vermina feraz, polluindo e corrompendo a arte que Lucilio de Tarra irmanava á musica, e que é uma symphonia corporificada — a architectura!

Quanto aos santeiros e pintores anonymos — antes dos reaes progressos da esculptura bahiana, que Manuel Querino data com razão nos principios do seculo XVIII — produziram o que até hoje ainda engendram, com alguma excepção, e de que Euclides dá uma formidavel representação, quando diz de Canudos: “santos mal acabados, imagens de linhas duras... em traços incisivos de manipansos: Santos Antonios proteiformes, africanizados, de aspecto bronco de fetiches, Marias Santissimas feias como megeras”.

A igreja primitiva, branquissima, emoldurada na verdura sombria das collinas, tem apenas uma belleza romantica e enternecida.

Ella apparece por todo o Brasil onde haja uma sociedade de humanos em meia-civilização. Realçam-na geralmente aquellas lindas lendas suavissimas que Arinos sabia tão bem contar... S. Paulo as tem piedosas e recolhidas; muitas já, neste enlevo ficticio de progresso, de que tanto nos arrependemos mais tarde, não são mais que ruinaría.

Já em 1714, diz Frei Agostinho de Santa Maria, existiam, em S. Paulo, 42 capellas ou egrejas, unicamente sob a invocação da mãe de Deus!

O INFLUXO PORTUGUEZ — O BARROCO

Todas essas igrejas, assim como os templos de maior porte, edificados mais tarde, obedecem a uma certa ordem de typos architectonicos que, tendo-se vulgarizado por todo o Brasil, tomaram uma feição fortemente accentuada, donde muito bem se poderia originar um estylo nacional. O jesuitico, o plateresco, o rococó — que mais não são que um só estylo com minimas variantes, provenientes dos paizes onde assim se denominou o estylo barroco, — ahi domina, porém mais simples, mais pobre, menos pedantesco.

Os Felippes tinham trazido para Portugal, onde o manuelino imperava com a casa de Viseu, o cathecismo architectonico da Renascença, em 1580. Tinham apparecido antes varias manifestações esporadicas do estylo miguel-angesco — como a igreja de N.^a S.^a da Graça de Evora nas proximidades de 1525.

Mas o manuelino abafara as fanfarras do novo estylo, muito embora fossem ellas regidas por um artista como o Sansovino.

Com a ascensão de Felippe II de Hespanha, partidario do Renascimento, ao throno de Portugal, recebeu o manuelino o golpe de misericordia, já enfraquecido que estava pelos excessos do seu sonho de transplantar para a fachada das cathedraes o meticuloso labor dos ostensorios. O riquissimo claustro de Tomar, conhecido com o nome de claustro dos Felippes, considera-o Dieulafoy como o primeiro monumento portuguez que comporta as ordens de columnas sobrepostas.

A sé nova de Coimbra, do ultimo quartel do seculo da descoberta traz o tecto de caixotões — disposição italiana que tanto se generalisaria na colonia nascente. Mas já com a fachada da igreja dos Carmelitas, do Porto, 1628, uma nova modificação se apresenta. “As ordens classicas, os frisos em triglypho reinam ainda; mas os frontões se quebram, as linhas curvam-se, uma phantasia toda manuelina de novo se introduz na composição”. . . Esse era o gosto que melhormente se propagaria entre nós. Pudesse eu mostrar-vos agora uma reproducção dessa igreja, bem como da do Carmo que lhe está contigua e reconhecerieis as feições, e principalmente os elementos decorativos das nossas igrejas brasileiras — digo das igrejas brasileiras, não das extranhas e exoticas transplantadas para o nosso meio, flôres enfermças de estufa, sem outro odôr que o da exquisitice, perturbando a alma catholica nacional.

Como já declarámos os typos portuguezes trazidos para a nossa terra, ainda pobre e sem facilidades de operarios e material, simplificaram-se. Os primeiros padrões são de interesse artistico. Seguimos como verdadeira a classificação dada pelo sr. Ricardo Severo, na sua notavel conferencia sobre a “Arte tradicional no Brasil”.



As capellas de Monserrate, da Fortaleza da Barra, a igreja da Conceição de Itanhaem, a igreja do Collegio, a igreja de Santo Antonio em Santos, a nossa antiga matriz. . . As outras capitancias tambem possuem exemplares dessa architectura. Citamos unicamente S. Paulo, porque só tornaremos a falar nelle quando aflorarmos o problema moderno da architectura religiosa. Ao passo que os outros centros da nossa civilisação attingiam rapidamente um prestigioso esplendor, S. Paulo conservava-se mal vestido, pouco progredia em fausto, mas fazia o Brasil integrar-se, dando largos sertões á faixa littoranea, preparando o seu fastigio para um futuro mais remoto e quem sabe? mais duradouro.

‘Dessas edificações primitivas um bem nos adveio: deram-nos um fanal, fixaram um estylo, propalaram-lhe a regra; foram simultaneamente exemplo e tradição, incentivo e saudade.

Desenvolvida em rápida escala, a architectura religiosa ilhou-se em tres centros principaes: Bahia (a que tambem se ajuntará Pernambuco), Rio de Janeiro e Minas. Embora desrespeitando algum tanto a ordem chronologica das construcções, falaremos de cada um desses centros em separado. Todos elles nos apresentam typos notabilissimos.

Na Bahia, o Barroco attinge uma expressão menos sincera, a construcção é mais erudita; no Rio de Janeiro a preocupação artistica exterior diminue ao passo que a decoração interna attinge ao delirio, produzindo a obra-prima do entalhe que é a igreja de S. Francisco da Penitencia; em Minas, vamos deparar a suprema glorificação da linha curva, o estylo mais caracteristico, duma originalidade excellente. Tres esculptores dominam nesses tres centros: Chagas, o Cabra, na Bahia; mestre Valentim, no Rio de Janeiro; Antonio Francisco Lisbôa nas Minas Geraes.

BAHIA

O nosso primeiro centro de civilisação foi a Bahia, unida á policiada Pernambuco de Duarte Coelho. A população, ahí, adensara-se mais devido á maior facilidade de communicação com a Metropole, a ser S. Salvador a residencia dos governadores geraes e ainda pela riqueza facil auferida dos engenhos. Uma sociedade hecterogenea, vivaz, ardente, religiosa no seu intimo, paga nos seus excessos, corria das touradas e das serenatas lasquescentes para o gozo dos sermões gongóricos e a visão beata dos Te-Deuns. “O bahiano quer entrar no céu com alardo e fanfarra” diz um autor. . .

A religiosidade, resultante da ignorancia da população, á qual a persistencia dos jesuitas e a garridice bamba dos sermões não conseguia desbastar não só alternava com a fé, mas quasi sempre a



sobrepujava. Para uma só praça de touros contava a capital nos fins do seculo dezeseis "62 egrejas, capellas e ermidas".

Mas na cidade baixa entre a maruja, os vendeiros, os escravos, os mestiços campeava um sensualismo infrene, animalizando a gente ignara num perpetuo despudor. Os ricos, os senhores de engenho, a flor da fidalguia encobertava com a hypocrisia das boas maneiras o seu não menor desejo de amar. Conta Frézier, citado por Oliveira Lima, terem sido trucidadas pelos maridos num só anno mais de 30 mulheres. Claro é que excepções, e talvez muitas havia; mas a visão geral era a d'uma kermesse de amores livres. O proprio clero, enfraquecido na pompa exhaustiva dos festivaes, apresentava maculas deploraveis, ainda que produzisse florões magnificos de ascetismo e fé. Entre os conventos de freiras — alguns apresentando uma existencia intangivel, como o da Lapa e o da Soledade — celebrizava-se pela inobservancia da regra o de Santa Clara. Em 1729 publicava Mr. de la Barbinais o seu livro de viagens, em que dava conta do estado em que viviam as freirinhas do famigerado recolhimento. E o arcebispo da Bahia, D. Frei Manoel de Santa Ignez, trinta e cinco annos mais tarde escrevia a sua colorida e realistica pastoral em que ao mesmo tempo castigava o luxo e as liberdades dessas recolhidas nobres e deixava, indecentemente, uma chronica insuspeita do viver do convento. Nesse meio irregular, gastador e sinceramente religioso, a Igreja abrigou e fez florir uma planta de arte que tem para nós o vago odor duma saudade e o alto beneficio de ser nossa. Os imaginarios e os entalhadores principalmente, formaram no seculo 18 toda uma escola de abundante florescencia, attingindo o seu apogeu com Chagas e apontando o seu declinio com Domingos Ferreira Baião. Mas antes delles já alguns templos magnificos se tinham levantado, com especialidade na parte alta da cidade, coroados a elevação gentil do Reconcavo com abundantes cumieiras e frontões caprichosos. A todos ultrapassava o Collegio e Igreja dos Jesuitas, monumental, ostentando a grandeza giganteia do seu porte, desagradavelmente encimado pelas mirradas torres lateraes e pelo frontão deselegante. Fundado o Collegio por D. Sebastião, na previsão regia passada a 7 de Novembro de 1564, depois de varias modificações conseguiu apresentar a riqueza que ainda conserva, collocando-se na primeira plana entre os templos da America pela imponencia. Domingos Rebello escreve sobre elle: "é edificio grande e suntuoso, todo de pedra marmore fina por dentro e o frontespicio egualmente; magnifica sacristia com muitos paineis todos de moldura de tartaruga; assim como muitos frontaes dos altares da igreja... E' templo grandissimo, mostrando muito gosto e preceito na sua architectura". Martius qualifica-o de edificio mais imponente da cidade e maior templo do Brasil. Sem

duvida a parte mais notavel da construcção é a celebrada sachristia, que Froger diz ser "uma das mais magnificas do mundo". O seu tecto em jacarandá é um formosissimo exemplar, á moda italiana, em caixões rectos. A's paredes, nos lugares em que não se erguem os deliciosos altares ou os armarios de finas madeiras, vêem-se embutidos de tartaruga e marfim, trazidos das Indias Orientaes. Adornam-nas ainda, junto ao tecto, a famosa colleção de dezeseis quadros, historiando a vida da Virgem. Ninguem lhes sabe o autor. Embora orientados pelo ideal de miniaturistas dos flamengos, Manoel Querino discute com cristallinas razões essa procedencia e imputa-os, já mais fracamente, ao monge bahiano Frei Eusebio da Soledade, irmão de Gregorio de Mattos. Outra obra de nota é a Igreja do Convento de S. Francisco, trabalho incrível de ourivesaria em pedra e madeira — deixai-me passar a incongruencia — curioso padrão do plateresco no Brasil. O architecto foi talvez um entalhador, como muito bem commenta o sr. Ricardo Severo, e imaginou transplantar para a fachada a mesma obra de talha que se realizaria no interior. Da propria Hespanha, onde o plateresco levantou obras dum valor muito maior, não sabemos de edificio onde nem um meio metro quadrado de fachada deixasse de se recamar de ornatos irregulares, contorcionados, fantasticos. O frontespicio de S. Francisco é um sonho mouro, uma obsessão desvairada de luxo e orgulho. Ser-me-ia impossivel enumerar neste meu trabalho todos os templos dignos de menção que ha pelo Brasil; faria uma fastienta nomenclatura: que me baste por agora citar o convento do Carmo, cuja sachristia tem um tecto perfeito em caixotões curvos, producto magnifico que orgulharia qualquer paiz; a igreja da Conceição da Praia, delicioso modelo renascença, cujo architecto tinha uma intuição pouco commum da differença de planos na fachada; S. Pedro, hoje demolida, com o seu severo portal, e o lindo remate das suas torres; a igreja do Carmo de Cachoeira; ainda a do Carmo em ruinas, e a da Penha, com a original disposição das suas torres trazeiras no Recife; e, para não mais cansar, a igreja da Misericordia, em Olinda, graciosissima, com uma só torre lateral e o harmonioso frontão barroco.

Quanto aos esculptores e pintores, aufere-se dos dois livros de Manoel Querino, "As artes na Bahia" e "Artistas bahianos", que um largo periodo final do seculo 18 e principios da seguinte centuria constituem uma legitima época de arte em que não poucos artistas foram verdadeiros criadores de escola. Em meio aos raros estagnicolas da arte nacional esse periodo toma grandes proporções pela sua data e pelo numero de nomes de valor que o realçam. Das tres figuras primaciais que, como disse, dominam a arte da Bahia, Rio e Minas, a nortista seria Chagas, o Cabra.

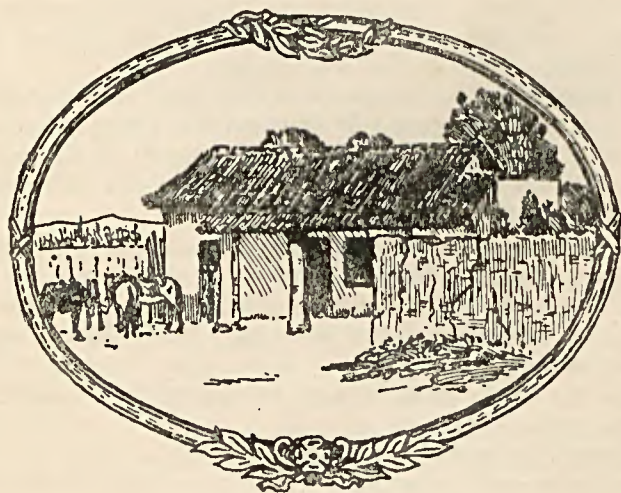


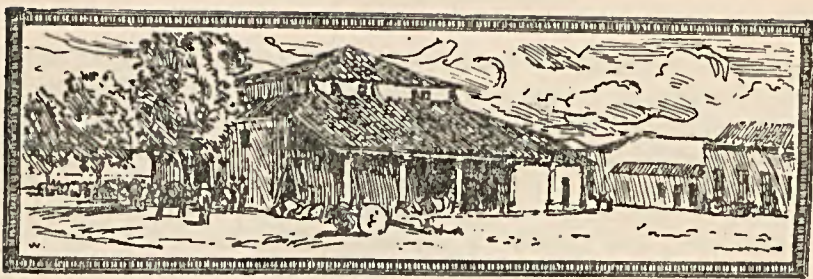
Distinguo-o assim não só pelo valor das obras que produziu e a abundancia dellas, mas principalmente porque Chagas constitui o ponto de partida da eminencia da arte bahiana. Comtudo si o Aleijadinho em Minas e Mestre Valentim no Rio reinam sem rivaes, Chagas, o Cabra, vê surgir pela vida adiante uma legião de emulos. O pobre santeiro morreu louco, depois de espalhar pela sua terra grande copia de imagens. Recusando-se a reproduzir um admirado Jesus, que esculpira nos braços d'uma Virgem, reproducção essa que seria levada para Portugal, uma continua série de desgostos e mesmo a prisão dahi oriundos deram-lhe como suprema paga das obras que criára, a loucura. Entre os seus mais citados trabalhos contam-se, além da imagem causadora do seu mal, um Senhor da Redempção e o famoso Jesus dos Passos que está em Santa Catharina. Elevam-se ainda, dentre a chusma de nomes menores, dois grandes: Manoel Ignacio da Costa e Domingos Pereira Baião. Do primeiro é celebre com justiça o S. Pedro de Alcantara, dramatica imagem de monge que mais parece fugida das telas de Zurbaran. O santo está de pé, abraçando-se a uma cruz. Em postura contemplativa, olha os ceus, reflectindo nos olhos calmos o beatifico espectaculo da Eternidade. Os panejamentos cahem-lhe pesada e ingenuamente tratados, mas o aspecto soffredor das mãos e dos pés, os hombros accusados com audacia sob o burel e a expressão ao mesmo tempo feliz e dolorida do rosto são obra de verdadeiro artista. Baião, o Tiépolo da esculptura bahiana (no sentido de ser grande e assinalar um declínio), é tambem autor de grandissimo numero de imagens, com a circumstancia especial de estarem espalhadas por varios Estados do Brasil. Desconheço reproducção de obras suas.

Na pintura tambem tres grandes nomes resaltam na meia-tinta dos decoradores. São elles: José Joaquim da Rocha, José Theophilo de Jesus e Joaquim Franco Velasco. Claro está que a respeito de arte na Bahia falo de outiva ou por leituras. Não tive occasião de visitar o Reconcavo formoso; accresce ainda á minha deficiencia serem as photographias que possuo muito imperfeitas, e, relativamente á pintura, occultam a côr, que é a vida do quadro. Desses tres artistas um ha que parece distinguir-se pela sua genialidade fogosa, é Franco Velasco. As suas obras accusam um vigor excepcional; e a sua factura larga e impetuosa, arrojadissima para o seu tempo, denuncia um genio virgem, não desenvolvido pela fecunda lição dos grandes mestres. Não descobrimos copia do tecto da Capella do Bomfim, que, para M. Querino, basta para celebrar um artista; mas os paineis de S. Francisco são, na sua concepção impetuosa, admiraveis de vida e de eloquencia: Franco Velasco é o Delacroix da pintura nacional. José Joaquim da Rocha, o primeiro na ordem chronologica, recebeu con-

selhos em Portugal. A sua pintura é mais bem ordenada, ha mais conhecimento de composição, é mais scientifica emfim; falta-lhe o entusiasmo de Velasco, falta-lhe a uncção de Theophilo. Este, embora tendo frequentado a escola dos mestres de Lisboa, volta para a patria sem a frieza academica do seu antecessor. E' um puro e um innocente. O seu desenho tem quasi a ingenuidade dos primitivos e elle espalha na physionomia dos seus santos um quê de angelical d'uma serenidade sem par. Si Velasco é Delacroix, Theophilo de Jesus é Fra Angelico, — naturalmente descontadas as proporções. O primeiro é comparavel ao mestre francez pelo vigor, o ultimo ao freire florentino pela pureza da intenção.

Como vêdes, todos os artistas de vulto dessas épocas, um destino unico tiveram: concorrer para o esplendor do culto de Deus-Vivo. A quasi totalidade dessas obras de arte antigas, a Egreja é que as guarda e conserva. O historiador assevera: "E' na egreja modesta como no sumptuoso templo que se encontram a rica obra de talha, o formoso painel, a esculptura grandiosa". E, concluimos, não só por ser a Egreja uma sociedade muito forte no tempo é que assim o fez, mas, com mais verdade, por ser do seu papel della constituir-se em vestal das coisas boas e das coisas bellas. Na escuridão meditativa da edade-média, em que foi tão accusada de obscurantismo, ella conservou, com uma clarividencia singela nesse tempo, como o trigo jacente nos escombros de Pompea que seculos depois produziu, a semente das sciencias e das artes que na terra propicia do Renascimento falhou, abriu-se em flores, para cobrir-se afinal da gloria da frutificação.





TIO EUZEBIO

POR

ALBERTINO MOREIRA

São coisas velhas, passadas, dos tempos em que vivia a minha avó materna a povoar-me o espirito de suaves narrativas, umas de amor, outras de aventurosas peripecias, todas cheias de mansidão para que não perturbassem o meu cerebrozinho de creança.

Tinha eu feito a minha primeira communhão, já meio taludo, ali pelos doze annos; brincava ainda com papagaios de papel e carretéis vazios; jogos de “pique será” ás ave-marias e, antes do banho e da benção dos papeaes, ouvia da minha avó lindas historias sempre começadas pelo classico “Era uma vez”... De todas a que mais me agradava era a de um tal D. Anil, em que apparecia um cavallo encantado, de cujos ossos surgia, ao cabo, magicamente, um castello com os seus parques e pradarias em torno. Phantasias de embasbacar com que eu, principescamente, adormecia.

Certa noite, porém, o repertorio de historietas innocentes exgotou-se, e a madrinha, então, para me distrahir, falou do tio Euzebio, irmão della, meu tio avô, portanto.

Tio Euzebio era um velhusco meio grave, meio bonacheirão, branco de cabello, ar sensato de photographia antiga. Visitava-nos diariamente; vinha ali pelo meio-dia, de bengala, passo vagaroso. Entrava com um alvoroçado “Ora muito bom dia”. E sentava-se sem gemer, segurando os rins.

— Vae-se vivendo como Deus é servido — respondia ás perguntas sobre sua saúde.

A madrinha encetava com elle uma conversa em surdina e eu, abeirando-me dos dois, sorrateiramente, surripiava a bengala e sahia ás cavallitas para o pateo.

A’ hora de sahida chamavam-me; Tio Euzebio fazia-me festas e ia-se depois do:

— Benção, Ti Ozebio!

— Deus te abençoe, menino.

*

* *

Naquella noite foi o tio avô o assumpto preferido. Creio que perguntara, em começo, se elle fora sempre assim, um velhinho, de cabelleira branca e gestos macios. Avózinha sorriu, e a historia dimanou serena, daquelles labios que a velhice purificara.

Sei que vou tirar toda a singela belleza da narrativa estirando-a aqui.

*

* *

O meu Tio Euzebio fôra criação de estima daquelle alferes Lucio, da Bagagem, no tempo em que o posto de alferes valia pelo de dois coronelões de hoje em dia.

Esse alferes Lucio era collecter e regente da Corporação musical Sta. Cecilia. Senhor sizudo de vasta escravatura a moirejar na lavoura de canna, e outras. Não era mau demais para os servos essa respeitosa antiqualha da minha familia. Ruim, perverso, endemoniado mesmo era no ensino da Arte de Euterpe. Nesse particular, desgraçado de quem lhe cahisse nas unhas.

Ora, o Tio Euzebio, intelligencia agarrada de nascença, padeceu com elle.

Exemplo duma horazinha de tortura musicada:

— Attenção, menino! Entóe o dó!

E o Tio Euzebio, tremulo:

— Dóóó...

— Para cima, animal! Assim: dóóóóóó!

E lá vae á orelha do meu tio num empuxão de arrancal-a.

O dó, então, sahia agudissimo, fôra demais da escala. E outra vez, o mestre, furioso, chammejante:

— P'ra baixo, burro, pr'a baixo! Dóóóóó...

E lá vem, agora, a orelha, elasticamente espichada pescoço abaixo.

Um martyrio aquelle methodo de ensino.

Tio Euzebio, tão depressa mudou de fala, fugiu de casa. Anoi-teceu e não amanheceu. Houve reboliços, tristezas na familia; procura daqui, indaga d'acolá. Nada. Afinal, por meio de resposos, descobriram que o Tio Euzebio estava vivo não sei onde. Socegaram então. O tempo foi passando.

Chegou a Festa da N. S. da Abbadia; veio o Natal e só no começo do anno seguinte foi que Tio Euzebio deu signal de si. Escreveu ao alferes Lucio. Pedia perdão da loucura feita; dizia que

estava a trabalhar de carapina; falava de esperanças no futuro; nalgum cobrezinho que já ajuntára; implorava benção, etc.

O alferes Lucio mandou a benção e o perdão.

Um anno transcorreu mais. Pela quaresma novas noticias do tio. Que ia indo muito bem, já com o pézinho de vida. Novo pedido de benção para que Deus o ajudasse, saudades, e tal.

Outro anno que findou. Agora era a rumorosa festa do Martyr S. Sebastião. O alferes Lucio, como festeiro e regente da banda, arquejava de attribuições de todo tamanho. Em casa, ia uma azoicante trabalhadeira; doçaria a fazer, comadrismo a postos, gente entrando e sahindo, e "olha isso, e olha aquillo".

Na sala eram os estrompantes ensaios da "Corporação", num retinir até velha madrugada.

Fogos de vistas foram encommendados de Uberaba porque o Luizinho, fogueteiro da terra, andava de ha tempos num embromina com uma tal Genoveva que não havia meio de arrancar d'elle nem busca-pé ao menos. Coisas bonitas viriam de lá: tres molequinhos a socar num pilão, e uma garça de fogo no bico a correr num fio de arame; além disso, chuveiros, gira-giras e não sei que mais.

Fôra convidado um padre para deitar sermões de arromba, e talvez viesse mesmo o sr. Bispo.

Por isso estava a roceirama a chegar, a chegar com os seus carros toldados, as suas trouxas de roupa e os seus jacás de gallinha.

Dias bons aquelles. Havia sambas e cateretês nas rabeiras dos carros e ganinchos de viola pelas barracas.

Vespera da festa. Castello armado no meio do largo com sabaquás rodeando. Villarejo em movimento; gente a entrar, a desembocar na praça de todas as bandas. Assim. Uma poeirinha fina pairava pelos ares. A quando e quando um foguete experto riscava o espaço e pipocava longe. A meninada desguaritava, doida, no macegal das hortas em procura do canudo de barbante.

O sino começava alegremente, a badalar...

*

* *

Foi nessa hora que o Tio Euzebio veio descendo o largo, cabisbaixo, a modos que surdo, arcado em cima dum burro e a puxar pela redea um cavallo de silhão. Veio descendo. Era uma esbatida mancha de tristeza e infelicidade a passar funebrememente sob o claro esplendor da tarde festiva.

Parou á porta do alferes. Apeiou, desalentado, sem vislumbres nenhuns de boa vida.



— Quê isto, Ozebio? Você por aqui, Ozebio! Ora, o seu Ozebio, gente!

Não sei quem correu de dentro, num alvoroço feliz, para soltar um foguete, mas, ao vêr tamanho desapontamento em torno do recém-apeiado, deteve o fogacho, perdeu o entusiasmo.

Veiu o alferes Lucio. Abraços. Todos, curiosos, em apertado circulo, crivam Euzebio de perguntas:

— Mas, Ozebio, quê isso?! Quê isso Ozebio?!

E o Tio Euzebio que desembuxa, afinal:

— Ia muito bem lá onde estava — começou em tom choramigas — tinha o seu quê de seu; crédito, consideração. Vae daí — fazia isso bem seus quatro mezes — chegaram lá uns homens com uma carta do alferes Lucio a rezar assim: — “Ozebio, casa com a irmã do portador desta. E’ boa moça, muito prendada. Faça-me este gosto, Ozebio.” Até, querem vêr, olha aqui a carta!

E o alferes, gago:

— Mas, isso é maroteira, Ozebio! Você logo não viu então? Isso é maroteira, e da grossa. Ora que sempre hai cada coisa neste mundo!

— T’ahi a carta — continuou Tio Euzebio. Eu, para fazer-lhe a vontade, casei com o demonio de tal moça...

Pasmo no grupo:

— E a muié, Ozebio? Cadê a muié?

— Ficou lá, gemeu o pobre. Ficou depois de ter comido tudo quanto eu possuia de meu. Aquillo não era mulher com quem se casasse. Era uma, com perdão da palavra... Um soluço, porém, lhe tapou a bocca.

Os do grupo:

— Ora, já se viu só. Mas que coisa, gente.

E o alferes Lucio a passejar de um lado para outro, rabona ao vento:

— Forte coisa, senhor; forte coisa, senhor!

O Tio Euzebio, de queixo lacrimejante, estendeu o beijo desventurado para os animaes:

— T’ali — disse — tudo quanto arrecadei de tres annos de serviço. E lagrimas difficeis, duras de escorrer, pingavam ralas dos seus olhos.

Mas, daí a pouco, os sinos que redobram alacremenente para a novena.

Forma-se na frente da casa a banda de musica, e rompe, após, num dobrado forte com uma rabada grande de manguarões palermas e uma molecada miúda saltitando em roda.

Foguete ariscos riscam os ares calmos das ave-marias. Todos demandam. Só tio Euzebio ficou com a sua tristeza e os seus

animaes por desarrear. Mas, á noite teve estomago para assistir ao queimar do castello.

No dia seguinte, missa cantada, procissão, poeira, estréas de vestidos, muita fita de côr, muito penduricalho vivo, gritando pelo sarapantado de tons em garridas blusas de chimango e em catitas saias de babados. Tio Euzebio não foi a cousa nenhuma; passou o dia todo chupando lima debaixo duma versuda limeira lá para os fundos do quintal.

Festa acabada, musicos... a cavallo rumo dos seus penates.

A roceirama cahiu no mundo; a carraria desde manhã até á tarde chiou nos chapadões em demanda das bibocas sertanejas.

Na villa, o ramerran. Gente a murchar pelos cantos, a espiolhar-se em mexericos sem importancia no diz-que-diz-que habitual.

Tio Euzebio, esse ficou ainda mais macambuzio, a banzar pelos cantos, a "encher a casa de pernas", no dizer da Dona Silvana, mulher do alferes Lucio.

O alferes levou uma semana estiraçado na rêde, papo para o ar, em gososo descanso.

Assim, nesse insipido e molle gottejar do dia-a-dia correu, afinal, um mez bambo.

Foi quando Tio Euzebio, depois de pensar numa vaga tentativa de suicidio, emprcitou as obras da Cadeia Municipal. Já deixára de ser o caseiro mazorro do começo. A' noite dava a sua voltazinha e recolhia-se cedo.

Na villa, todos, mais ou menos, o estimavam pelas suas pacatas qualidades de individuo cordato e serviçal.

Não sei como principiou um bacorejo de que elle vivia a rondar de má tenção a Gabriella, mulher dum mascate. Notavam aquillo, no inicio, as linguinhas desoccupadas; depois toda a villa.

De facto: Tio Euzebio ardia-se nos fogos duma paixão primeira. Até já serenateava de violão e cavaquinho, elle e um peralvilho da botica. Resultado: — obras publicas em descaminho; despesas gordas no negociante pois que Tio Euzebio era todo botinas rincha-deiras, e chapéo molle-molle, e ares limpos, uma fumacinha de bom tom.

Mas, o demonio do mascate era um agarramento com a mulher; nem um minuto de folga. Só quando estiasse o tempo é que o damnado desoccuparia o rancho. Emquanto isto, o Tio Euzebio pelintrava, ora repimpado em cerelepes cavallícotes bem selados, rebrilhantes de fivelamc de nickel; chilipa ao vento, lençarrão de seda a esvoaçar do pescoço; ora em melifluos descantes ao luar todo a esvahir-se em ais bem ganidos, bem arrancados da "prima" e dos bordões.



ASPECTOS DO REFLORESTAMENTO



(Phot. do Dr. O. Vecchi)

Paisagem tomada do Horto Florestal de Loreto

TYPHO DE MESTIÇA



Desenho da St.ª Ritinha Seabra

Gabriella vivia a dar-se inteira na ternura babosa dos seus olhares quebrados, cheia de quentes promessas e dengues tentadores.

A custo entrou de estiar o tempo; firmou-se, enfim, a estação enxuta.

E por uma clara madrugada foi-se, afinal, o mascate ao fino retinir dos guizos pequeninos e ao largo badalar dos sincerros grandes.

E o Tio Euzebio que penetra, ao clarear do dia, pelos fundos, em casa de Gabriella. Momento de silencio e unico foi aquelle. Um beijo, só, enorme, fundo, desses que roubam a alma — e o meu Tio Euzebio sahii cambaleante, deslumbrado, vencido e victorioso, sem forças para mais nada, mas com um arrojo de espedaçar o mundo, se nisto fizesse gosto a tal Gabriella. O meu tio-avô desejava ter naquelle minuto de encantamento o universo inteiro para botal-o duma só mãozada aos pés daquella mulher. Era o seu primeiro amor.

Ia passando o Ananias, carreiro.

— Ananias, quanto custa a carrada de lenha?

— Doze mércéis, seu Ozebio!

— Traz quatro carros amanhã para esta casa aqui. Toma o dinheiro. Quatro carros, hein?

Adeante. Aqui é a venda do Antonio da Motta:

— Antonio da Motta, leva ali para a Gabriella um alqueire de arroz, outro de feijão. Olha, manda tambem uma sacca de farinha. Já, ouviu? Uma arroba de assucar tambem. O dinheiro? Está aqui. Volta o troco depois.

No negocio do Martinho:

— Desce fazenda, Martinho. Desce mais. Quero um deste; dois daquelle. Homem, pode mesmo medir tres. Peças de algodão, quatro. Para a Gabriella, Martinho. Manda levar já. Pode tirar a conta. Toma aqui por signal.

Sahiu. Delirava ainda o meu Tio. No meio do largo parou reparando muito a casa nova do Militão, pintadinha de fresco, bonita. Envolvia-a tanto com os olhos — não os olhos de carapina, mas os olhos que a Gabriella cegou de amor — que parecia querer o meu tio arrancar-a dali, leval-a tambem como um humilde presente á mulher do mascate.

Caminhou depois atarantado no ar, estupidamente.

Tudo isso por causa de um beijo... Um beijo — e o Tio Euzebio se sentia bem, crescido no espaço, illuminado, a banhar-se em fagueiras brisas de aromas docemente venenosos.

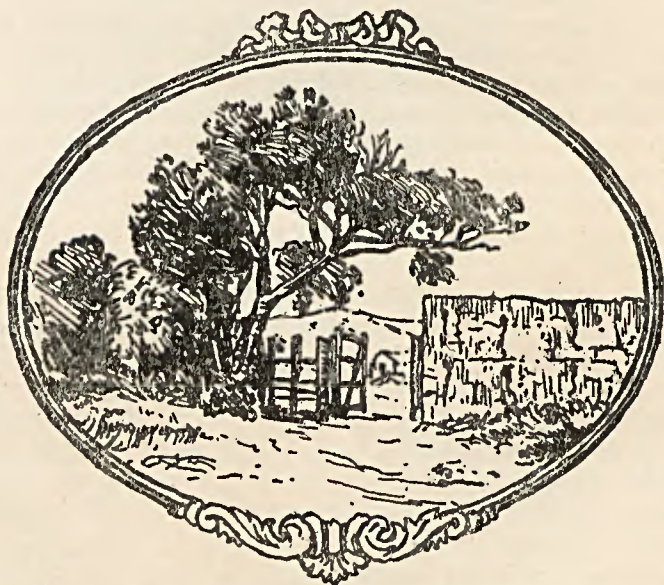
Que de loucuras fez elle por essa mulher! Paralygadas as obras da cadeia; a familia do alferes em freimas de indignação, e no

villarejo a gente a ferver, a cuscuvilhar, a matraquear mesquinhezas de exagerado tomo.

Afinal, o mascate voltou, tomou conta da mulher, e a historia acabou-se chinfrin-chinfrin...

*
* *

Foi esse todo o tributo pago pelo meu tio Euzebio á mocidade folgazona. Depois disso envelheceu, viveu quietamente. Coisas de somenos até a velhice.





DR. RICARDO G. DAUNTRE

POR

C. MAGALHÃES DE AZEREDO

Remota embora e summaria, guardo eu uma recordação pessoal do doutor Ricardo Gambleton Daunt, cujo centenario de nascimento o Estado de São Paulo se presta a celebrar. Era então alumno do collegio de São Luiz em Itú, e, se bem me lembra, dos mais pequenos ainda. Um dia, lá appareceu o velho medico, e andou visitando as diversas areas dos recreios. Chamou-me a attenção sua figura original, propria para gravar-se na imaginação de quem o visse, menino ou adulto. Muito alto, muito magro, cabellos brancos, nariz aquilino e predominante a projectar-se da cara pallida, ossuda, toda rapada, grande cartola de abas largas e rectas, traje preto de sobrecasaca acentuando as arestas do corpo esguio e ascetico — havia nisso o bastante para fazer delle um typo não commum, que não era mais possivel esquecer. Tinha no rosto enrugado, que illuminavam olhos miudos, mas argutos e imperativos, uma expressão de austeridade e bondade unidas. Perguntei quem era. Disseram-me: “O pai do padre Fergus.”

Mais tarde, uma comparação casual contribuiu para avigorar a minha reminiscencia do homem. Elle repetia exactamente o aspecto de Lamartine, nos seus ultimos, attribulados annos, como o representa uma photographia famosa de Nadar. Os mesmos traços, o mesmo vestuario — menos a cartola.

A isso se reduziu o meu conhecimento pessoal do nobre irlandez tornado brasileiro pelo affecto, pela longa residencia, e ainda, como elle o quiz, pelo titulo legal da naturalisação. Do filho, porém, excellente sacerdote, e letrado de sadia cultura, fui amigo, não obstante a differença de idade, desde o meu curso de estudante na capital paulista. Como o pai, tinha elle viajado assás; não só pela Europa, mas — o que é mais raro — por varios paizes da nossa America tambem. Era fino observador, e com os elementos criteriosamente conferidos da propria experiencia, completava, cor-

rigia quando necessario, os fornecidos pela lição dos autores modernos e antigo. Utilisava-os com discernimento no officio de educador, que exercia então, guiando alguns rapazes pelos caminhos das humanidades. Eu não fui desse numero, mas nem por isso deixei de aprender da sua viva voz cousas novas e interessantes. Gostava especialmente de ouvil-o discorrer sobre terras, gentes, e costumes estrangeiros. Iam essas narrativas e opportunas considerações lisongeando, embalando o sonhante desejo de peregrinar pelo mundo, que eu sentia intensissimo na adolescencia, e que ainda não arrefeceu de todo por certas partes delle.

Do pai venerado falava-me o padre Fergus com frequencia. Conheci-lhe assim a biographia, os meritos, e a historia da familia, á qual o bom sacerdote era muito affeçoado. Com quanto de typo differente, não tinha este menos originalidade physica do que o velho medico, originalidade que se estendia a muitos habitos de vida, á maneira de andar e de rir, á pronuncia peculiar de certas letras, sobretudo do *s*, que accentuava extraordinariamente. Assim o tratei e apreciei simples presbytero, como depois prelado, pronotario apostólico. Pequenas excentricidades attestavam nelle, como em outros homens de valor, uma independencia, afinal de contas sympathica, diante da opinião alheia; e permittiam mesclar um sorriso de hilaridade amiga, que elle mesmo de boa vontade partilhava, ao profundo respeito que inspiravam a sua real cultura e o seu coração verdadeiramente angelico. Pois, com todo o seu conhecimento de livros e de alma, conservava uma indulgencia, uma ingenuidade encantadoras. Incapaz de pensar ou praticar o mal, nunca o presumia nos outros, e, se não o podia negar, taes fossem as provas, preferia o papel de advogado ao de juiz, agarrando-se a todas as circumstancias attenuantes. E era consolador verificar essa clemencia espontanea e fundamental num homem que occupou elevadas posições na hierarchia ecclesiástica, entre outras a de vigario geral da diocese de São Paulo, e documentou o seu valor em estimaveis trabalhos.

E' incontestavel que o filho continuou e enriqueceu, ainda que em rumo diverso, a obra intellectual e patriótica iniciada pelo seu digno progenitor. Não ha, pois, demasia em citar, ao lado deste, o herdeiro virtuoso e illustrado de um nome, que já da Irlanda avoenga trazia titulos de tanta gentileza.

Outros escriptores, e alguns de insigne autoridade, dirão, enaltecerão como é devido, os muitos meritos do doutor Ricardo Gambleton Daunt, nesta publicação expressamente destinada a celebrar-os. Eu, associando-me bem de coração á justa e opportuna homenagem, me limitarei a poucas, mas não menos justas e opportunas reflexões.



O doutor Ricardo Gambleton Daunt, tendo deixado muito joven a Irlanda nativa, por que não lhe soffria o espirito vel-a tyrannizada e humilhada, dirigiu-se, após breve estada nas Indias orientaes, para o nosso Brasil. Levava o cabedal do seu engenho, do seu saber, da sua vontade, do seu vigor de corpo e de character. Sem esquecer nem renegar a Irlanda — que tanto não era preciso — sem romper os liames de ternura, de piedade, de solidariedade, que antes delle, e por elle tambem como por si mesmos, seus antepassados haviam contrahido com a ilha generosa e então infeliz, o moço nobre, austero, resolutivo, se fez cidadão da nova patria, aceitando com o integro sentimento das responsabilidades que assumia os deveres da sua nova condição. Para um homem habituado como elle á sociabilidade, ao conforto, aos recursos de toda ordem franqueados pelos grandes centros do velho continente aos senhores das altas classes, a terra brasileira não constituia talvez naquelles tempos o ideal das moradias. Ainda se fôra o Rio, ou a Bahia, ou o Recife! Mas Macahé primeiro, e depois Campinas!... Entretanto, o joven doutor não se estabeleceu ahi com o intento de angariar uma bella fortuna, e, bem recheiada a bolsa, atravessar de novo, e para sempre, o Atlantico.

Não; a sua alma abriu-se toda ao amor da então quasi nascente nacionalidade, cujo maravilhoso futuro a sua clara intelligencia advinhou talvez. Para a vasta empreza da construeção dessa patria vindoura de bastos milhões de homens, decidiu offerrecer quanto tinha, quanto podia, e quanto era, sem a minima restricção mental.

Educado desde adolescente no severo regimen da sciencia, poz a que possuia ao serviço dos compatriotas, e procurou augmental-a de continuo, não só pelo gosto della propria, mas para augmentar-lhe tambem a utilidade civil. Ao lado da sciencia, cultivou a caridade; era um christão em todo o rigor do termo; e sel-o sendo médico é cousa devéras sublime. Tratar com o mesmo zelo, com o mesmo carinho, o corpo que dóe e a alma que soffre, nutrir no espirito a attenção perspicaz que sonda a enfermidade physica para eural-a, e a bondade solícita, que esparge balsamos sobre as feridas moraes, eserever com a mão direita as fórmulas dos remedios que expulsam a febre e a peste, e dar com a esquerda, discreta, escondida, aos doentes pobres o soceorro necessario para compral-os, para comprar o pão abundante e a paz interior, que lhes corroboram a efficaeia, — que elevada e respeitaval missão! Campinas sabe por tradição com que requintes de diligencia e piedade a cumpriu numa existencia bem longa, e sem um desfalecimento nunca, o doutor Ricardo Gambleton Daunt. E ainda alguns dos seus innumerados beneficiados estão vivos para attestal-o.

O batel, errante um dia, do seu destino, fixou-o elle ahi com todas as ancoras que melhor o podiam segurar. Desposou uma



senhora de historica familia brasileira. Fundou o seu lar, não como tenda de beduino nómade, mas como domicilio perpetuo seu e dos seus. Mais; acceitou e egregiamente exerceu cargos de responsabilidade publica, entendendo dever-se, não só como particular ao desempenho das suas obrigações individuaes, mas como cidadão aos interesses da commuidade.

Vemos nelle, em summa, um dos representantes mais caracteristicos daquella classe de estrangeiros, que, com a plena consciencia do valor de tal mudança, deixam de o ser por que apaixonados pela nossa bella terra. Lembra por mais de um aspecto o douto barão de Tautphœns, que eu conheci tambem ainda (foi meu examinador de rhetorica), e que Joaquim Nabuco, seu discipulo, retratou em paginas deliciosas no todo delicioso livro *Minha formação*.

Ora, a taes estrangeiros de origem, brasileiros de adopção, melhores brasileiros que muitos ahi nados e criados, comprehendendo que prodiguemos, não só a nossa hospitalidade, mas o nosso affecto: e que, quando illustres, os coroemos de gloria nacional adequada aos seus meritos.

A hospitalidade é uma das nossas qualidades hereditarias mais preciosas. Será temerario, entre tanto, insinuar que algumas vezes lhe falta o sentimento das nuanças? Eu quizera, no interesse do seu proprio alcance, que ella, perfeita para com todos, não fosse para todos equal. Ou antes, não se trata já de hospitalidade; trata-se de certo entusiasmo meridional, *tropical* (como tenho ouvido cá fóra qualifical-o a pessoas graves e benevolas), que de quando em quando nos arrasta porventura mais longe do que conviria... Eu quizera que taes extremos (então já não seriam excessos), nós os reservassemos para os amigos conhecidos e provados; porque, assim não sendo, são estes que perdem com a banalidade do tratamento.

Está bem que, por exemplo, se ahi apparece um scientista, um literato, de reputação mais ou menos mundial, timbremos em mostrar-nos povo lido e informado, capaz de apreciar-lhes os livros. Mas não lhes demos, de louvores e favores, numa semana ou num dia, o que negamos, durante annos ou lustros, a outros, *nossos*, filhos do mesmo seio materno, e cujo valor não é menor. E um acolhimento que fóra congruo e proporcionado se nos fossem visitar um Pasteur, um Manzoni, um Garrett, um Victor Hugo, um Tolstoi, não o barateemos com visitantes distinctos, sim, insignes até, mas não de tal ou semelhante envergadura. Que elles, nunca habituados nos seus proprios paizes a tantas ovações, descontarão no intimo a parte devida ao citado entusiasmo meridional, *tropical*, e concluirão delle, seja embora erradissimamente, que somos gente subalterna, camadas provincianas, coloniaes... Já fica longe, e presumo que não se repitiria, o episodio dos estudantes, substi-



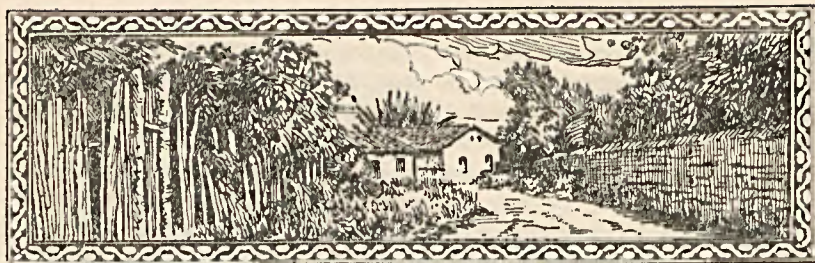
tuindo-se aos cavallos, ou aos muares, da carruagem de Sarah Bernhard, certa noite, depois do espectáculo; episodio que inspirou a Eça de Queiroz uma vaia tão hilariante como merecida. Mas ainda resta muito a corrigir neste capitulo...

E não será descabido, em outros casos, indagar de pessoas altamente graduadas: "De que maneira somos tratados na sua terra? como amigos, ou como indifferentes? com cordialidade, ou com frieza mal encoberta pelas fórmulas convencionaes da cortezia? em que categoria estamos collocados, quanto á consideração e ao prestigio? conhecem-nos e prezam-nos pelo que valemos, ou desdenhosamente se obstinam em ignorar-nos?"

Ha nada que mais desaponte, do que ir um homem ao encontro de outro com o sorriso da sympathia e do honesto jubilo nos labios, e com um sincero abraço já esboçado, e receber em troca um correcto e glacial cumprimento de chapéu?... Não. Antes guardemos, sem prejuizo da polidez e até da gentileza, certa linha pundonorosa de reserva; que nem por isso faltará quem busque e pleiteie a nossa amizade, mesmo porque é uma amizade vantajosa.

Mas galardoemos, sobre tudo e sobre todos, aquelles que esforçadamente sabem conquistal-a, dando pelo menos tanto como recebem, de affecto, de estima, de utilidade intellectual, moral, e social; aquelles que seguiram ou seguem o exemplo memoravel do venerando doutor Ricardo Gambleton Daunt.





PAIZ DE OURO E ESMERALDA

POR

J. ANTONIO NOGUEIRA

XXVI

Consolado com o bilhete de Maria Luiza, Angelo nos dias seguintes não pensou em outra cousa do que em descobrir um meio de escrever-lhe dizendo-lhe essas eternas novidades que o amor sempre tem para communicar á pessoa amada. E depois de esboçar e abandonar, por impraticaveis, numerosos planos, o qual mais louco e disparatado, para illudir a provavel vigilancia do coronel, acabou por acertar com um que realmente offerencia grandes probabilidades de exito. Foi o caso que, tendo ido diversas vezes visitar ao professor Viriato, levado pelo culto que costumam votar os namorados a tudo o que se relaciona com o objecto de seu enlevo, vieira ao cabo de alguns dias a abrir-se com o ancião e, como este mostrára apiedar-se d'elle e vêr com bons olhos a sua pretensão, animára-se a pedir-lhe encarecidamente se encarregasse de fazer chegar ás mãos da ex-discipula a carta que desejava mandar-lhe. Exorára-o com taes mostras de soffrimento, que o velhinho conveio em auxiliar-o.

Havia, porém, uma consideração de summa importancia, e era que não se sabia ao certo se a correspondencia da moça lhe seria entregue directamente. Não haveria perigo de ir parar nas mãos do pae? Como desatar esse nó? Admiravelmente o conseguiu Angelo, e de maneira encantadora para o professor, pois o alvitre lembrado muito lisongeava ao seu incorrigivel enthusiasmo pelo purismo. Viriato enviaria a Maria Luiza um livro classico, de linguagem escorreita e exemplarissima, recommendando-lhe que o lesse logo, a effeito de vêr as surpresas, que nelle iam prevenidas, do mais lidimo falar dos nossos maiores, — o que poderia dizer sem mentira alguma, visto como lhe ficava livre a eleição da obra. E entre duas das primeiras folhas, que seriam colladas pelas margens, se dissi-

A traça, como era de esperar, agradára ao alfarrabista. Não vinha ella como que de mistura com a sua paixão dominante de manter a todo transe a incorruptibilidade da lingua? Decididamente que a idéa fôra lance genial de argucia que só a um amoroso poderia acudir.

— Mas qual será o livro, professor? perguntou Angelo, ansioso por executar o combinado.

Viriato meditou alguns instantes, exclamando repetidas vezes com benevola tolerancia de quem era obrigado a uma creanceice:

— Tá, tá... Vejam o que são estas foscas da mocidade!

E repetia automaticamente, procurando lembrar-se de algum velho autor que servisse para o caso:

— Foscas, foscas... Bonitas foscas...

Era tal a ancia de Angelo por vêr desfeita toda e qualquer diffi-culdade, que, para não demorar a escolha com uma interrupção, fingiu não ignorar o que significavam as taes "foscas, foscas" com que eram complacientemente baptisados os seus fervores de apaixonado. Só mais tarde veio a saber, consultando um velho lexico-grapho, que um escriptor seiscentista de boa chancellia havia empregado a palavra *fosca*, no sentido de illusão, ou esperança enganadora... De sorte que o professor, do cimo dos seus oitenta annos, não fazia mais do que classificar desenganadamente de apparencias illusivas, brincos de creanças, fosquinhas a que se entregavam os seus ricos filhos, como ás vezes lhes chamava, o que a elle Angelo parecia ser o tudo na vida.

— Mas, professor, por favor diga-me já qual o livro que servirá... Vou compral-o neste momento...

O velho fitava-lhe os olhos embaciados, mas risonhos, e, batendo com os nós dos dedos na beirada da mesa atravancada de vetustissimos in-folios, entre os quaes se destacava, com caracteres dourados na lombada, a "Vida de S. Domingos" por Frei Luiz de Sousa, sempre, com ar beatifico:

— Tá... tá... Ora vejam as foscas dos moços... Já lhe digo... Foscas... foscas... Sim, senhor, bonitas foscas...

E enquanto procurava mentalmente a obra mais conveniente, sorria com paternal bondade, como se aquelle modo de romancear o *Vanitas vanitatum* do Ecclesiastes tivesse o condão de o expungir de amargores inuteis.

— Tá... tá... Uma historia curta... de facil lição... que não cause abhorrimto... ao som do paladar de jovens, quaes os seus ricos amigos...

Aqui deu triumphantemente com o revés dos dedos sobre a mesa, a modo de quem quer dizer: eureka! achei!

— Tá... Não podia fazer mais ao nosso intento, snr. Angelo... "Menina e Moça" de Bernadim Ribeiro... E' obra que não tem



parelha assim na policia da linguagem como no sabor e doçura da doutrina... Nem a Historia de Amadis de Gaula, do "bom Vasco de Lobeira, de gran seu", como lá dizia o poeta Ferreira, se lhe pode em san consciencia comparar em ornamento a elegancia no dizer... Ahí está o livro que havemos mistér...

— Obrigado, professor... Vou adquiril-o sem perda de tempo...

E correu a uma livraria e dahi a casa, onde escreveu a mais ardente carta de amor que ainda sahiu da imaginação inflammada de um namorado. E pouco depois, sem perda de tempo, levou a Viriato o lindo volume, em cuja capa mandára gravar artisticamente o nome de Maria Luiza.

XXVII

Estava um dia de sol, como não os ha com frequencia em S. Paulo — sol esplendido, que punha na vida agitada da cidade um vasto flammejamento de ouro.

Angelo, que se dirigia á repartição postal para ahí registrar o livro, onde Viriato puzera affectuosa e paternal dedicatoria, ao approximar-se da esquina da rua Anchieta, olhando distrahidamente para o largo do Palacio, viu Luciano e Pataracchi, que desciam a escada da secretaria da Agricultura. Apressou o passo e entrou no edificio dos Correios, assustado com a perspectiva de ter de ouvir os espectaculosos discursos do patriota.

Quando terminava a expedição do pequenino volume, levantando os olhos, deu com uma dama esbelta, elegante e ricamente trajada, que se dirigia á posta restante. Foi tomado de um estremecimento, pois á primeira vista teve a impressão de vêr a Maria Luiza, tanto se parecia com ella.

— Não está mau o *flirt*, meu caro...

Era o Rochinha, muito fino e bem lançado, em um terno impecavel *dernier cri*, que se approximára rindo jovialmente.

Angelo voltou-se com ligeiro sobresalto. Riu-se e protestou:

— Que idéa! Nem conheço aquella senhora...

— Ora você! Então essas cousas exigem conhecimento prévio? Está-se vendo que é uma *coquette*...

A moça, objecto de taes considerações, sorria imperceptivelmente, ao receber um largo enveloppe azul, que guardava cuidadosamente em linda bolsa de seda e oiro. Depois circulou pela sala um olhar rapido e, abaixando as palpebras longas, palpitantes, sahiu aladamente, com um menear de corpo onde a desenvoltura parecia idealisar-se em rythmos musicaes.

— Ah! Paris! Paris! exclamou Rochinha com um suspiro. Sabe de uma cousa, Angelo? Vou-me embora para a cidade-Luz... Isto aqui é uma cafraria... Já estou com a passagem comprada...

Ando com sêde de civilisação... Paris, meu caro... Paris é a vida!

Aqui surgiu a uma das portas a figura plethorica de Luciano, jungido como sempre ao Sancho-Pataracchi. Surgiu com o carão incendiado, os olhos fuzilantes, o cabelo grenho a espirrar de sob o chapéu côco em tremulas e revoltas melenas.

— O sr. é um patriota, um benemerito da Patria... E' justamente disso que o Brasil precisa, — de homens de acção, de iniciativa e energia...

A voz estentorea chamava a attenção de toda a gente.

— Estou perdido, se aquelle homem dá commigo, disse Angelo ao Rochinha, procurando com os olhos um recanto para onde esgueirar-se.

Mas Luciano já o havia descoberto.

— Oh! tenho a satisfação de vêr o illustre amigo sr. Angelo Orsini!

E avançou com largos gestos oratorios.

— Meu bonissimo amigo, communico-lhe que a propaganda da "Vida Nova" começa a dar copiosos fructos...

Pattaracchi cumprimentou, descobrindo a cabeça plaina e calva semeada de gottas de suor e o seu rosto bochechudo espraizou-se num sorriso meio velhaco, meio estúpido.

— Mas que quer dizer isso? perguntou Angelo constrangido, sem poder occultar um pouco de mau humor.

Rochinha ficára a distancia, desdenhosamente.

— Pois o nosso amigo sr. alferes Pataracchi acaba de fazer um contracto com o governo, que lhe concede vantagens e auxilio para o transporte e introduccão no estado de grande numero de immigrants... Grande obra é essa, meus senhores!... O Brasil do futuro — accrescentou com enfase, para coroar o que dissera com uma imagem rasgadamente pomposa — o Brasil do futuro afigura-se-me elevar-se a olhos vistos como um edificio colossal e maravilhoso, destinado a ir topetar com as estrellas...

E a mão larga e terrosa espalmou-se em direcção ao tecto, como a procurar o céu invisivel.

— *Fra le nuvole*, commentou Pataracchi, piscando velhacamente para Angelo. Era a primeira vez que o vendeiro revelava certa intenção irreverente em relação a Luciano. Mas, notando a expressão de despreso com que o fitára o joven italiano, valeu-se logo de sua phrase costumeira:

— E' justo... E' justo...

Angelo, impaciencado, pretextou negocio urgente e safou-se.

— Esse sujeito se occupará seriamente com essas cousas? perguntou Rochinha, rindo, e indicando Luciano, que lá se ia sempre a discursar de olhos postos na gloria futura da patria.

— E' sincero, absolutamente sincero...

— E aquelle imbecil que o acompanha? tornou o “parisiense”, distrahidamente.

— Aquelle... aquillo — explicou Angelo hesitante — é o que se póde chamar um *immigrantista negociador*...

— Estupendo! *E'patant!* Sabe que mais? Adeus, meu caro... Talvez não nos tornemos a vêr tão cêdo... Fiquem ahi com essa fauna exotica... Eu por mim prefiro *la joie de vivre*... Adeus! Veja se conquista tambem o que você entende por *joie de vivre!* *Au revoir! Et bonne chance!*

Bonita *joie de vivre* era sem duvida a que estava reservada a elle e a seu irmão! E as palavras de despedida do Rochinha lhe acudiram ao espirito como uma ironia sangrenta.

(Continúa)





COISAS DE ESPANHA

POR

MARTIM FRANCISCO

(Conclusão)

Goya — Outubro, 13.

— Voltei. Num quarto de hora adquiri duas verdades: Goya é um genio e eu sou uma besta.

Na sala de Greco, quando vi o *Christo Crucificado*, tive consciencia de minha atrevida inconsciencia artistica. Falta ao martir a ferida no peito? Mas, a mim, o que me falta é poder entender essa magia de cores, essa audacia nas composições, essa variedade de efeitos, procurados e encontrados pelo toureiro, pelo palaciano, namorador, hercules de feira, academico, artista, artista sobretudo, cuja extensão de talento se illimitou em todas as provincias da pintura. Retratista, caricaturista, paizagista..., mas que é que não era esse pincel universal cuja obra reflectia as innumerables occupações de quem o maneirava?

Nesta sala de Greco estão dois Murillos, um Velasquez, diversos Grecos, e Goya os sobrepuja! As bellamente tristes paizagens onde Claudio Lorena tão ao natural adapta o pôr do sol aos episodios biblicos: *Reza de Magdalena*, *Moisés salvo das aguas*, e de Col-lantes a *Visão de Ezequiel* (666), mal interrompem a attração exercida pela indiscutivel superioridade de Goya.

Reagi, porém. Mudei de sala. Pedi ao guarda licença, que me foi boquiabertamente recuzada, para escrever num *busto desconhecido* o nome de Lucio Vero. Conteí triplicata de *Antinous*; afastei-me de *Platões* possiveis e, mais, duma porção de *Euripedes*; vi um meio corpo do glotão *Vitellio*; vi, mais, *Hercules* em quantidade. Extaziei-me deante das *Duas Bacchantes* (42 e 43). Apalpei fragmento duma *Venus de Milo*, reduzida, de dimensões

inferiores ás que admirara no Louvre (95). Não houve, porém, teima viavel: voltei a Goya.

— No *Saturno devorando os filhos*, supprimissem a indicação do artista, e ninguém attribuiria o *Cronos* ao autor dessas Bruxas que me avivavam na memoria os imaginosos monossillabos de Bernardo Guimarães que o Brazil todo repete.

Na *Sopa de Velhos*, nos magistralmente ironicos dezenhos á penna, no *Menino apagando a vela* com um *strepitum ventris*, no gaiatissimo *Burro que fala*: quanta phantazia inesperada, quanto desdem bondozo, quanto equilibrio do sarcasmo com a censura, do conselho com a critica!

E quanto coração no *Cego tocando guitarra!* Quanta alma na *Cabra Cega*, e quanto estudo nos estudos para os tapetes que o *Escorial* encommendára!

Onde, porém, Goya, superior ao proprio Goya, se patenteou inexcédível de sensibilidade, inexcédível de arte, de clemencia, de previzão sociologica até: foi nessa pequena tela o *Operario ferido*. Aquelles tres proletarios, dum a compaixão, doutro a dôr, e do mais forte a dedicação ao padecente: enxerguei-os, e quazi chorei de raiva!

Porque?

— Fôra em Santos, pouco tempo antes. Não havendo concorrido para as más condições das finanças nacionaes, e com a alimentação encarecida pelo papel-moeda, deliberaram muitos operarios pedir augmento de ordenados; e para isso promoveram reuniões e declarações. Durava já uma semana a regularização desse desejo, quando interveiu a policia.

Começou a pancadaria. Grimpuu a ferocidade. A ordem cedeu passo á provocação e ao refle. Por inconstitucional foi arrecadada a mobilia das associações operarias. Inflexiveis na crueldade, diminuíram os carcereiros a alimentação dos prezos.

Funcionavam na comarca dois juizes de direito. Lendo parte de requerimento de *habeas-corpus*, que redigi e entreguei, immediatamente um delles despachou, marcando para quarenta e oito horas mais tarde a respectiva diligencia; identico requerimento me foi, sem despacho, restituído pelo outro magistrado. Estavam ambos com os vencimentos em dia.

Desci, calmo como sempre, as escadas do forum. Na rua, estendida numa calçada, gemendo, com salpicos de sangue no vestido, sorrindo-lhe ao lado um anspeçada que a espancára, chorava uma mulher gravida. Ao marido, carroceiro, enfermo, prezo, tentára levar medicamentos.

.
 O artista, quando completo, pensa e faz pensar.

No *Operario ferido*, Goya pensou a afflicção, a fadiga, a melancolia, o infortunio. Repare-se, porém, no quadro; repare-se bastante, e o *Operario ferido* irrita. Irrita e faz pensar no dia de amanhã.

Glozinhas.

Nas cadeiras do *Theatro Romeu*, diversamente do regulamentado na antiga platéa atheniense, podem abancar-se quantas mulheres pagarem entrada, e delle sahir quantas quizerem. Castanholas e cançonetas, boleros e trocadilhos, requebrados com ou sem intuitos perversos: tudo até onze horas da noite, limitadamente. Depois: chocolate.

— Abolorecem na rua Alcalá antiguidades authenticas e vendedores do mesmo quilate. Preços gabarolas, em começo; benignos, porém, si argumentados com brandura.

— No Mercado. Não é uzo vizita-lo. Peixe e fructas em commum. Infinitas as vagens e as cebolas. Poucas flores. Serviço de bananas feito pelas ilhas Carolinas. Por fazer, do meio dia ás doze horas do dia seguinte, o serviço das vassouras.

— Caros os livros. Bem acondicionadas as livrarias. Polidos, sizudos, parecendo bem encadernados, caixeiros e gerentes. Os livreiros madrilenos, em regra, ignoram os autores sulamericanos do seculo XIX. Estanislau del Campo, Sarmiento, Perez Bonaldo, Jorge Isaac, Lastarria, Alemparte, ainda não rezidem na sua instrucção.

— E' inutil procurar nas pharmacias pilulas de Reuter. Verificado o fracasso de Cayite, diminuiram os espanhões o consumo de productos nortamericanos. O patriotismo, na Iberia, alcançou os laxativos.

— Elogiavel, sem ser admiravel em sua installação, a succursal do *Credit Lyonnais*. Accôrdo da ordem com a actividade. Porque, em S. Paulo, não adoptam os Bancos o sistema, aqui praticado, de a porta da sahida não ser a da entrada?

— Questionando passaporte, fui á legação e ao consulado do Brazil. Apenas um funcionario, E. de Lima Barros, baixo e magro, que me encaminhou para o retratista, permanecia no seu posto; altos e gordos, possivelmente, os auzentes. Gastei uma hora (e nove pezetas) para obter meu retrato. Certo, com o original se gastou menos tempo.

— Cresce a affabilidade do *Palace Hotel*. Reparando que eu costume deitar agua no vinho, o criado já me trouxe, hoje, ao almoço, o Bordeaux com alguma agua. Adivinha-me!

Na Bibliotheca Publica.

— De verdade quatrocentos e alguns mil volumes, porém seiscentos mil de catalogo (contaram-se isso em Portugal), tem esta *Bibliotheca*. Tem, dou testemunho, estantes de ferro numa interminavel serie de andares, limpeza nos compartimentos, documentação historica das melhores, opulencia em manuscriptos.

Silencio relativo. Na sala central de consultas setenta a oitenta pessoas são pouco a pouco attendidas. Nas outras, nas de especialidades, os empregados não podem ser maus pela simples razão de não existirem. Um que o director, quinquagenario bonacheirão, declarou ficar ás minhas ordens, estava provavelmente com uma dor qualquer: retirou-se correndo, e só me reapareceu, alegre, por occasião da despedida.

— O *Manual da Navegação do Rio do Prata* (Boucaraut, 1858), si o quiz, tive de, eu mesmo, desce-lo de prateleira duas vezes mais alta que minha cabeça. Outro *Manual*, o *Hespanhol de Antiguidades*, que contém photographia do mais que celebre *Crucifixo de marfim de Fernando Magno* (1057?), esse, obtive-o sem arredar pé porque o acazo m'o puzera ao alcance da mão.

— Por falta absoluta de quem a procurasse, não appareceu chave para a fechadura que guardava a primeira edição do *D. Quixote*. Pois sim! Lérias! Em 1605 appareceram quazi simultaneamente tres edições do primeiro volume do *D. Quixote*: em Madrid, Listodavía, não perder a opportunidade de ser incommodo, requizitei, boa e Valença. Qual dellas estará aqui debaixo de chave? Para, baldadamente eu já o sabia, documentos de 1631, concernentes á vinda ao Brazil, durante a lucta hollandeza, de João Vicente Sanfelice, conde de Bagnuolo.

— Carrancudo, mudei-me para a secção dos manuscriptos. Agarrei-me aos autographos.

Simpathica, deenhada quazi, a letra de Metastasio. Grande, delgada, não muito calcada no papel, a calligraphia de d. João d'Austria. Ponteaguda, alvoroçada, a do Aretino. Quevedo, Buffon e Lope da Vega me foram intraduziveis de caracter pela letra. Balofa, inchada, porém corredia, a escripta de Gongora.

Da leitura de tantos autographos nem um assumpto interessante me veio. Maçada! Cartas insignificadas, em sua maioria.

El Escorial — Outubro, 15.

— Velha, feia (ha velhas bonitas?) a Estação do Norte. Vagon forrado de brim pardo. Mutismo dos empregados. Tudo e todos tranquillos.

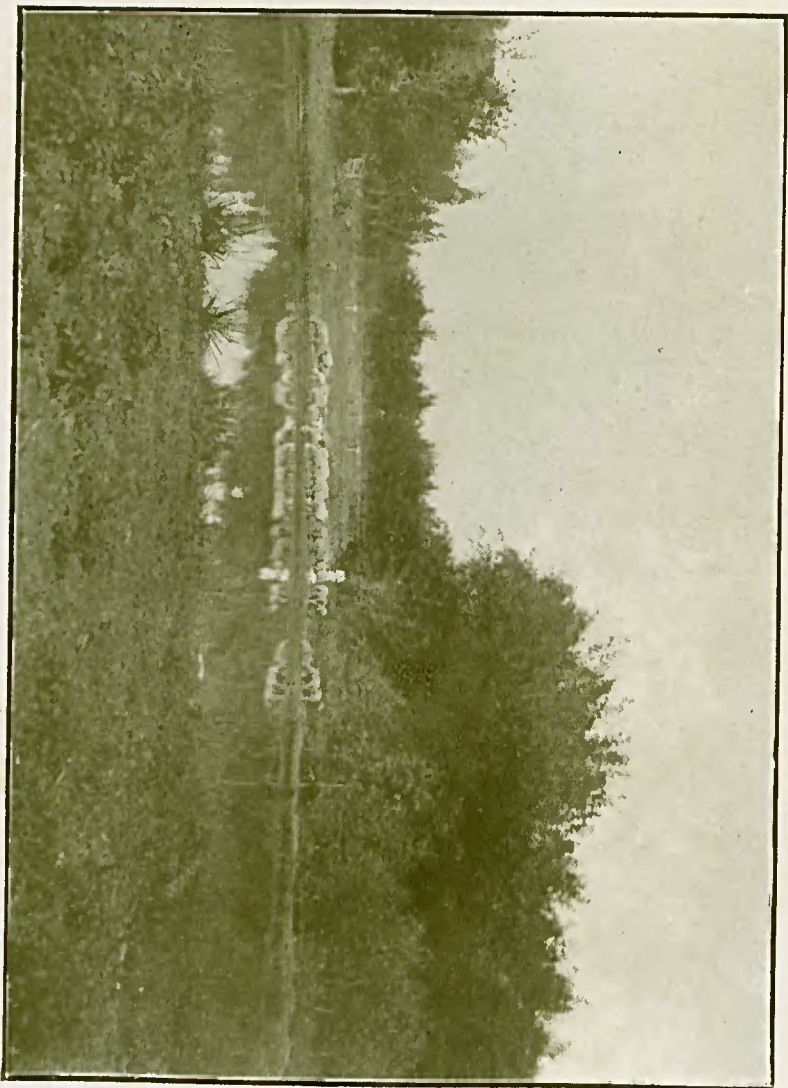
HORTO FLORESTAL DE LORETO



Paisagem de eucalyptos e bambui

(Phot. do Dr. O. Vecchi)

HORTO FLORESTAL DE LORETO



Paisagem

(Phot. do Dr. O. Vecchi)

Este trem não parte?! Obeza, espaçosa, pançuda, adhere-me ás circumvizinhanças uma morena dezenxabida; prima irmã de ba-leia? Mais um motivo para retardamento da viagem, esse volume feminino!

As empresas de viação desconhecem a justiça nos preços. Si mercadoria mais pezada paga maior frete, porque um passageiro magro ha de pagar tanto como um passageiro gordo?

— Partida. Afinal! Instruem-me: tres horas de ida e volta; oitenta kilometros; tres paradas.

Em *Pozenda*, pouco pouzámos, os viajantes. Em *Rozas*, não as encontrei, porém figos seccos. Em *Las Matas*, o descampado é pertinaz. Atravessa-se um tunel, porém: certeza de montanhas. Ei-las. Formam um circulo cujo centro, parece, demandamos. Parada: *El Escorial*. Impressão externa de brutalidade. Sente-se o pezo das edificações.

A Espanha pezou sobre o mundo; o *Escorial* peza sobre a Espanha; a memoria de Felipe II peza sobre o *Escorial*.

Erudição barata.

— Os relevos pompeianos, os bem imitados gobelinos, os quadros dos mestres, tudo, em summa, que devia ser instructivo e aprazivel nesta *grelha de granito* (é-lhe a fórmula: homenagem ao dia 10 de Agosto e competente santo), com quinze portas, mil cento e dez janellas e que tres architectos successivos subordinaram, durante vinte e dois annos de construcção, á hipocondria da ordem dorica, tudo se acha aqui amortecido e sombreado pela figura sinistra do Demonio do Meiodia.

Sete mil quatrocentas e vinte e duas são as reliquias de santos bem conservadas e mostradas... Ora! Não vim biographar o *Escorial*. Trouxe-me a facil intenção de apenas ligar o nome á pessoa. O meu *diario* é meu, meu só. Escrevo unicamente para mim, para a minha leitura, para as minhas saudades. Com o publico já liquidei, ha muito tempo, a minha conta corrente de pouco cazo. Com o *Escorial* nunca tive transacções.

Dentro.

Sentei-me na cadeira que, pela ultima vez, carregou o exorbitante patife para o exorbitante Mosteiro. Vi-lhe o leito donde, politicando com o céu nos estertores da agonia, olhar semividrado buscando a capellinha no quarto proximo, esse quazi parricida acompanhava os meneios do padre nas facecias da missa.

Examinei-lhe a livraria particular, exigua de poucas dezenas de volumes; abri-lhe a primeira edição de *Vitruvio* (1497, Veneza) e

outra, rarissima e commentada de *Lucreccio*, o Deus dos atheus. Fui ao côro; recostei-me na poltrona da qual partiu, ao receber o Demonio a noticia da victoria de Lepanto, ordem immediata para a mais bulhenta de quantas festas Christo mereceu e Mahomet padeceu.

Reappareciam-me cazos historicos; bailavam-me incidentes; vultos e factos me abarrotavam a attenção. As surpresas ora a entristeciam, ora a deslumbravam.

Adeante, adeante.

— Engasguei-me, bebendo agua em torneira do XVI seculo. A' portaria verifiquei a raridade acustica (intenção do architecto ou acazo?) que communica, inteirinhos, todos os cochichos vindos de qualquer angulo do compartimento.

— Valente quando não ha perigo, estive minutos debaixo da abobada que, recalitrante ás reaes ordens, não cahiu embora pareça que vai cahir.

— Intimado pela asthma, dezisti de chegar á cupola da grande mole, cá me deixando por baixo a admirar lampadas mais altas do que eu! Numa dellas soletrei nomes de autor e data: 1571, *João* (esqueci o segundo nome) *de Antuerpia*. Não devia ser muito illuminada a moral desse fabricante de candieiros: insistiu elle em assignalar-se flamengo e prestava-se ao serviço do perseguidor de sua terra. Arranjador da vida.

— Examinei, não se me permitindo a elles subir, os dois carissimos pulpitos, alabastro, jaspe e agatha, mimo de Fernando VII á sacra eloquencia espanhola, que nem por isso ficou menos fastidioza.

— Encurtou-me o entusiasmo o muito comprimento da cara do Christo na forçada combinação do negro e do branco, que aliás é obrigatorio enaltecer porque, em assumptos de arte, quando se trata de Benevenuto Cellini, a bandeira cobre a carga.

Ainda? Ainda.

— Abri um dos duzentos e dezenove livros *Cantoriales del Côro*, pezado de quarenta e seis kilos, caminhando sobre rodas, e transportado diariamente para collaborar nalguma das trinta missas que o *Escorial*, diariamente tambem, não dispensa.

— Encosto-me a uma janellinha. Sobe-me um zum-zum. Ólho. Grupos de frades agostinhos acenantes todos, passeando entre canteiros de verduras muito bem alinhadas, e cada um desses reverendos com o seu livrinho aberto, debatem graves questões theo-



logicas: a unidade da trindade, o misterio da graça, a virgindade das viuvas, etc.

Infelizes retardatarios! Direitos do homem, expansões da liberdade, bussola, imprensa, heliocentrismo: quantas revelações ignoradas por esses premedievaes! Parou-lhes o mundo em Tertuliano e Lactancio. Falam metaphisica dias e dias! Dias: que ás noites tratam do povoamento do solo.

Bem os conheço.

— Da *Annunciação*, de Velasquez, e da *Burra de Balaão* onde, como sempre, Jordaens e o brilho do colorido não se dezentendem, passei a um magnifico almoço, para o qual lealmente contribui com o tempero da fome.

Ter fome e ter o que comer: deve ser assim o Paraizo.

No Pantheon.

— Prata. Marmore. Ouro. Abundancia de riqueza em torno aos mausoleus. Écos multimillenarios da civilização do Nilo: intuitos de eternização.

Como os Pharaós, a tribo de Joanna — a louca imaginava que a Natureza lhe abriria excepção ao *post mortem omnia finiuntur, etiam ipsa*: depois da morte tudo acaba: a propria morte acaba.

Antithese: surge-me, não sei donde, á ilharga um joven cazal. Tinha o marido o terço de minha idade; o terço da de minha mulher teria approximadamente a bonitinha aragoneza com quem recémcazára. Com tanta vida deante de tanta morte, acompanhava o parzinho, nuns gestos de sincero e indelicado espanto, a traducção que eu ia fazendo dos epitaphios latinos.

— Obra prima, o que de mais monumental e opulento hei visto em assumptos funerarios, é a moradia dos ossos do ex-d. João d'Austria. Encima-a o busto do eximio bastardo. Fortes e delicadas ao mesmo tempo, as feições lembram as do conde de Sarzedas (Antonio Luiz Tavora: 6.º governador de S. Paulo: tomou posse em 1732), possivelmente seu consanguineo longinquo.

Reparando.

— De minha precioza existencia tirei um quarto de quarto de hora, e dei-o de presente ao "Cabeça de ferro". Senti-me perante quem foi grande. Assenhorearam-se-me das faculdades o respeito, o enthusiasmo, a veneração: eu estava perto de Emmanuel Filiberto. Eu meditava cogitando a proposito duma das mais eminentes, duma das mais equilibradas organizações da mentalidade, duma das glorias mais legitimas do passado humano.

O "Argos", assim tambem o appellidavam: porque tudo via, porque a tudo attendia o vencedor da batalha e do cerco de St.



Quentin, aos vinte e cinco annos general em chefe do maior exercito, então, arregimentado na Europa, tactico superior, mais que soffrivel estrategista, "similhante ao leão nas proezas" reza-lhe a inscripção memorativa, generoso na victoria, cordato nas concessões ao adversario, e que teria, tomando Paris, mudado para melhor os destinos da politica occidental, si a inveja insidiosa de Felipe II, sobrestando-lhe a marcha, lhe não houvesse interrompido os louros em meio do triumpho!

Bem vividos cincoenta e dois annos! Ninguem os contou mais nobres. Na meninice, a escola da desgraça e as agruras do exilio; na adolescencia, o esplendor da gloria e seu inevitavel cortejo de emulação e de perfidias; depois: o casamento com a belleza honesta, por amor em proveito da politica, a competencia ininterrupta no exercicio do dever, as revelações de estadista na substituição do mercenario pela milicia nacional, no previdente accrescimento de liberdade aos subditos confiantes, no interesse explicito e efficaz pelo desenvolvimento da sciencia: mas foi, indiscutivelmente, um estupendo exemplar de primazia esse consolidador da *Caza de Saboia*, essa individualizada enciclopedia de aptidões que... os compendios e os programmas de ensino no Brazil perfeitamente ignoram, e que, tenho cá minhas duvidas, si não está em Turim onde falleceu, está aqui no Escorial onde gratamente o celebram.

Meditai ainda: si, lá em S. Paulo, onde ha mais professores do que alumnos, ninguem pensa nesse decimo duque de Saboia, que está ha mais de trezentos annos a reclamar reparação historica, que muito é que, lá tambem, cumpram pena de olvido, após uma média de trezentos dias, notabilidades municipaes e notoriedades estaduaes?

.

Malicias.

— Nos *ominosos tempos*, em S. Paulo, cada partido tinha como figuras de proa tres ou quatro titulares dinheirosos, convenientemente ignorantes, que bem se prestavam ás razoaveis chufas da brejeirice popular. A um delles, que gastára contos de réis na erecção de tumulo que mais parecia um reducto, perguntou o mo-tejador conselheiro Rodrigo Silva:

— Sendo o amigo tão pequeno, para que quer uma sepultura tão grande?

Immediatamente, solemne, replicou o fidalgo:

— Saiba vossa excellencia, senhor conselheiro, que esse tumulo é para mim e para a minha familia si Deus nos dér vida e saúde. O conselheiro embatucou.

— Um outro titular, democrata esse, teve inesperado accesso de titulo porque, assignando subscrição de caridade, se enganara nas cifras confundindo trinta com trezentos. Do equívoco rezultou diminuição no apparatus tumular, que lhe foi quazi consecutivo.

— Hoje já não ha, em cidades paulistas, nem mesmo na metropole paulistana, quem, para encher sepultura esvazie a carteira... E si se trata de politico governista que attingiu proporções de coronel, então as despezas de sepultura ficam definitivamente sepultadas nos arcanos da verba secreta. Fallecer constitue, nesse caso, um serviço publico.

A inconsolavel e solvavel familia fica alliviada dos gastos funebres. Quando muito terá de gratificar a publicação, no dia seguinte e no da missa do setimo dia, da lista augmentada e incorrecta das pessoas que forem á egreja, e das que acompanharem o defuncto nessa viagem para a qual ainda ninguem comprou bilhete de ida e volta.

Tolice humana, qual o teu tamanho?

— Sempre que vou a um enterro, occorre-me juncto ad cada- ver este raciocinio precioso:

— Eu a me lembrar delle, e elle completamente esquecido de mim!

Compassivo.

— Pegada á ostentadora *sala dos reis*, está toda de branco a dos infantes, pequeninos fallecidos apezar dos reaes e imperiaes cuidados. Acertada côr!

Alli repouzam os bilhetes brancos da loteria das potestades humanas.

.

Livros.

— Conduzem-me á *Bibliotheca do Mosteiro*. Mal tenho tempo de, no trajecto, olhar para o S. Lourenço, firme lá na ponta do grande edificio; escapa-me, tambem, pela segunda vez, a fachada, a recommendadissima fachada. Paciencia. Compensar-me-ei nos manuscriptos.

.

— Até minha retirada para o nada, pretendo não esquecer o *Apocalipse dado a Felippe II por d. Maria, rainha da Hungria*; nem os dois inimitaveis exemplares de *Virgilio* e da *Biblia* que me foram explicadamente abertos; nem o *Codice Aureo*, velho do



anno de 1039 de nossa éra, e muito menos as esquizitissimas enca-
dernações arabes em fórmula de carteira.

— Pauza. Respiro. Recomeço. Tenho em mãos a *Cosmographia de Ptolomeu*, edição dedicada ao momentaneo papa Alexandre V por Jacobo Angelo, homem que tanto soube de mim quanto delle eu sei. Da *Historia Natural* de Plinio só manuzeio a capa em pergaminho; volta-se todo o meu interessc para a letra dezespe-
rada com que a reverendissima histerica Thereza de Jesús cscre-
veu e subscreveu o *Caminho da Perfeição*.

— No tecto da sala, entre dezenas de retratos, segrego um. Di-
zem-me ser o de Jozé Siquenza, phisionomia perspicaz, frade, pai
da idéa da pintura das outras caras, e primeiro director, que foi,
nesta *Bibliotheca*.

Surpreza.

Donde veio? Ninguem sabe? Ninguem sabe. Ninguem sabe
quem o offereceu a Felipe II. Apenas as sereias nos arcos, e a
patria mais que provavel do seu autor, induzem a suppo-lo de ori-
gem egipciaca.

E' o *Globo de Ptolomeu*! Só esta surpresa me bastaria para
rccompensa da viagem ao *Escorial*. Quanta evocação me traz este
Globo! Como custa o erro a dezarranchar da verdade! A despeito
de Pithagoras e Aristarco, que tanto o precederam, Ptolomeu im-
perou doze seculos! Mas que é uma duzia de seculos nas contas
da eternidade? Quazi nada. Nada. Tanto talvez quanto as duas
vezes doze minutos de que ainda disponho para a *Cacita del
Principe* e a bella rua de castanheiros que a ella me conduz.

Riqueza e Ovelhas.

— Riquezas. Riquezas! Dezoito compartimentos mais que lin-
dos; nelle duzentas e vinte e cinco miniaturas em porcellana, tra-
balhadissimas!

Riquezas! Lampadas de bronze luzentemente bordadas a fogo.
Tectos encantadores, em estilo pompeiano. Portas com incrusta-
ções em ouro. Relevos imitando pinturas; pinturas imitando rele-
vos. Paredes de seda, bordadas á mão. Marfins com tal arte si-
lhuetados que, ao primeiro encontro, atrapalham a vista.

Mas que é a *Cacita*? Porque *del Principe*? Porque e para que
este palacinho encantado e encantador? Ignoramos estas coizas,
eu e o espanhol que toma conta da *Cacita del Principe*.

Inexpugnavel, inteiriça, murada, a estupidez desse empregado.
Rigida sua vacuidade. Irrevogavel sua ignorancia.



Perguntei-lhe quanto ganhava; tentou nos dedos uma somma e não chegou a resultado. Havia quanto tempo se empregara? Que idade tinha? Ignorava, ignorava. Despedi-me perguntando-lhe o nome. Ignorava-o tambem. Que o perdera, respondeu-me.

.....

Ha annos a administração de Matto-Grosso communicou ao ministerio da Guerra se haver perdido o nome duma fortaleza nos limites da Bolivia.

No sul do Brazil é apreciavel a influencia da colonização espanhola.

.....





OS TABOLEIROS ALAGOANOS

POR

OCTAVIO BRANDÃO

O viajante, depois de mergulhar no seio da lagôa, desce á terra, por exemplo na costa do Flechal; encontra um baixio apaulado, onde se emmaranha, primeiro, o mangal verde claro, depois, a sambabaya em bellas touceiras, o aningal ondulante por cima do qual vão voando celeres os negros anuns ou os gaviões mariscados, e o juncal que, ao passar da ventania coincidindo com o bater do sol, toma o aspecto de um mar de ouro e esmeralda e hornblenda e malacacheta, que ondulasse em violentos vagalhões de oceano em furia.

Logo após, á medida que o viajante sae do paul e vae galgando a encosta sob o ouro fluido e o coruscar altissimo e ethereo dos raios sideraes, a vegetação segue em alternativas curiosas: o jasmim borboleta, *hedychium coronarium* var *maximum* das zingiberaceas; um ou outro pé de mutamba, *guazuma ulmifolia* de Lamasck; a canna brava, *gynerium saccharoides* das gramineas; gitiranas rubras e lilazes; alguns coqueiros, *cocos nucifera*, nos terrenos mais seccos, onde a silica do alluvionico areial fulgura em scintillações estellarias; algum perdido pé de mulungá, *crythrina corallodendron*, em cuja ramificação mais alta um casal de arumarás construiu seu ninho...

Depois, o capim assú; o chumbinho, *lantana spinosa* de Linneu, verbenacea de flores rubras e amarellas, e fructos negros como lignito; arvores moribundas tendo gravatás bravos, *bromelia mucilaginea*, parasitando; sapés que já revelam a vizinhança de uma determinada vegetação; a malva branca, emolliente; o malmequer bravo e uns pequenos pés de louro cedro, canzenzes cheios de foliolos e caboatás em quinas, indicando uma flora capeirenta que rampeia a encosta e revela que ahi já houve a floresta virgem, a grandeza orgiaca, a selva gigantesca, a embriaguez dionysiaca.

O viajante vence a custo a encosta, agarrando-se a raizes escurricadas ou a quebradiços garranchos, e ao chegar ao planalto,

varada a capoeira, angularmente, em direcção ao norte, elle defronta um dilatado scenario que, pela emotividade grandiosa, pela expressão geographica, pelo perfil botanico, pela grandiosidade estupenda, pelo silencio mysterioso e religioso, assombra e emmudece a alma do naturalista.

E' o *taboleiro* alagoano.

A região do carrascal — uma vegetação falhada, tolhiça... Um plaino onde o vento campeia, e um deserto onde a solidão se desdobra...

O olhar que, nas lagôas, enfrenta novos e novos anteparos de collinas, de coqueiros, de mangaes, ahi se dilata, ancioso, pelos horizontes, livre, angustiosamente livre.

O' impressão desoladora dos *taboleiros* !

Creio que igual só poderemos ter nas *savanas* infinitas do Mississippi, nos *llanos* longinquos do Orenoco, nos *pampas* immensos do Grão Chaco, da Patagonia e do Rio Grande do Sul, nas *varzeas* amazonicas resultantes de alluviões millenarias, nas *charnecas* das Ardenas, nas *landes* da Gasconha e nas *steppes* moscovitas.

Mas pelo menos alguma cousa dá uma certa vida ás *savanas*: são os bandos numerosos de bisões.

Nos *llanos* tremedalescos dormem nas suas moradas suspensas os guaraunos libertos, e a palmeira leque, a *mauritia flexuosa*, avulta como uma esperança.

Nos *pampas* ha os corceis selvagens, os tuyúyús tristissimos e os cavalleiros fanfarrões.

Na *varzea* do Amazonas existe pelo menos a vegetação espantosa, inundada, alagoada, a *caa ygapé* dos tupis, dando a idéa de uma têla realista na qual um geologo de genio esboçara um trecho do remoto periodo quaternario.

Nas *emxaras* ou *charnecas* e nas *landes* gaulezas, ha rebanhos...

Ao passo que no plaino alagoano, na lhanura dos *taboleiros*, nada existe.

Só a solidão intensa das *steppes* moscovitas ou das *tundras* glaciaes, ou os oceanos de areia da Africa adurente, se lhe equiparam.

E' o deserto dolorosamente desconsolador. Nem um ser humano sequer. A alma do viajante desagrega-se das cousas materiaes, e vòa em largos rebojos pela soledade infinita.

Só a grandiosidade divina das soberbas *cathedraes* gothicas se equipara á soberbia muda e immortal dos *taboleiros* alagoanos.

Dos *rhododendrons* do Spitzberg e da Islandia, á Italia lavada dos soes e salpicada de laranjaes, desde os medronheiros da Bretanha, as olaias de Portugal e a Provença de louras meninas e verdes loureiraeas, até ás alturas do Caucaso e ás minas uralicas,

rarissimos scenarios poder-se-ão comparar aos dos nossos taboleiros.

Anda-se horas e horas por entre aquella mesma paizagem imutavel, desdobrando-se numa uniformidade sem igual.

*

* * *

O taboleiro é a região do sapezal, *anatherum bicorne* das gramineas, entremeadado de pobres mangabeiras, *apocynum hancornia* das apocyneas, ouricurys, *cocos coronata* das palmaceas, cajueiros bravos, *curatella americana* das dilleniaceas, capinzaes, *panicum capillaceum* das gramineas e carrascaes.

Mas algumas vezes o viajante encontra verdadeiros oasis, verdadeiras ilhas de verdura.

São *capões*.

E' o *cáa-apuam* do indigena, o matto redondo, cuja etymologia foi explicada por von Martius.

Se o caminheiro attentar para o capão, encontrará o pau lacre, *vismia*; o murici, *byrsonima chrysophylla* das malpighiaceas; o cabussú, uma leguminosa, e o barbatimão, *mimosa virginalis*, cujas vagens seccas se enroscam de um modo curioso, diminuindo assim a extensão da parte exposta, como quem quer fugir ao sol e revelando portanto a genese do aspecto torturado da paizagem.

O heliotropismo das mattas, este desejo insaciavel de sol, esta busca anciosa de luz, que é tudo no mundo das florestas, ao chegar ás paragens seccas das catingas e dos sertões e taboleiros, transforma-se em heliophobia. No primeiro caso é o amor ao sol; no segundo é o terror á immensa luz helica.

Que differença exquisita !

È então as raizes vão cada vez mais mergulhando na terra sequiosa, afastando-se da superficie e, com ellas, os proprios caules. E' o pavor ao sol. Mas como os fructos não podem evitar o astro, afundando-se no seio da terra, enroscam-se dolorosamente, adquirem um perfil de lutadores exhaustos e assim demoram parados, seccos, escaldados, agoniados...

O capão está para o taboleiro, assim como a clareira está para a floresta; elle é *alguma cousa* no meio do deserto; ella é *cousa alguma* no meio da matta. O primeiro preenche, a segunda des-enche.

*

* * *

O taboleiro alagoano é plano como a planicie flamenga; mas não tem a graça, a alegria luminosa, as casas lindas e os campa-

narios imperiaes, onde velhos carrilhões dão horas sacerdotaes, cheias de unção.

Em troca, é religioso, grandioso, magistral. Enquanto a planície flamenga é no mesmo nível ou mais baixa que o mar, o taboleiro alagoano é muito mais alto que este; sobranceia o oceano. E fronteira-o ás vezes.

Surgiu na geologia com o genio já arvezado.

Atravessou impressionadoramente a historia, açoutando-a com a violencia de seu pampeiro, estremecendo-a com o baquear de suas arvores, e illuminando-a com o clarão dos incendios nos sapezaes infinitos.

Hoje está morto.

Mas precisa renascer, resuscitar.

Seja este meu poema o clarim que ha de reunir os combatentes para a luta contra a natureza bravia dos taboleiros nataes !

Será um combate de dez, cem annos.

Que importa ?

Aquelle que quer fazer uma obra para a eternidade dos seculos, pouco se lhe dá gastar um anno ou cem annos que tenha.

A flora dos taboleiros ainda não se congregou, não se reuniu, não se disciplinou, para vencer o deserto; são vegetaes desunidos, isolados.

Pois precisamos disciplinal-os.

Como ?

Replantando e irrigando ou, pelo menos, açudeando o solo dos taboleiros.

Estão lá, envoltos na pureza estellaria dos horizontes.

A terra é estéril; a vegetação, maninha.

Mas tenho fé que no dia em que o Homem fôr, numa divina peregrinação, visital-a cheio de força e amor ao trabalho, a terra infecunda dos taboleiros ha de germinar em apothéoses floraes, em exuberancias de pagodes hindús, e será tão rica como rica nunca o foi terra alguma, e será tão fecunda como nem mesmo a Chanaan lendaria o foi.

E então se contará a lenda seguinte:

... A terra dos taboleiros era infecunda, mais núa que um rochedo, mais erma que um deserto.

Um dia, porém, veio um Príncipe louro e moço e alvo e rosado e risonho, que passou cavalgando o seu lindo corcel branco.

Seus olhos pareciam dois soes, seu riso parecia uma alvorada. O elmo brilhava como um astro e seu escudo era tão bonito que nem mesmo as sereias da lagôa viram uma cousa igual.

Quando o príncipe ia cantando velhas balladas ao clarão das estrellas, estas começavam a dizer:

— O' principe tão formoso, como nós todás seriamos felizes se fossemos tuas escravas !

E assim era elle, enamorado das estrellas, enamorado das meninas, enamorado do luar.

Mas elle foi galopando pela terra dos taboleiros em fóra.

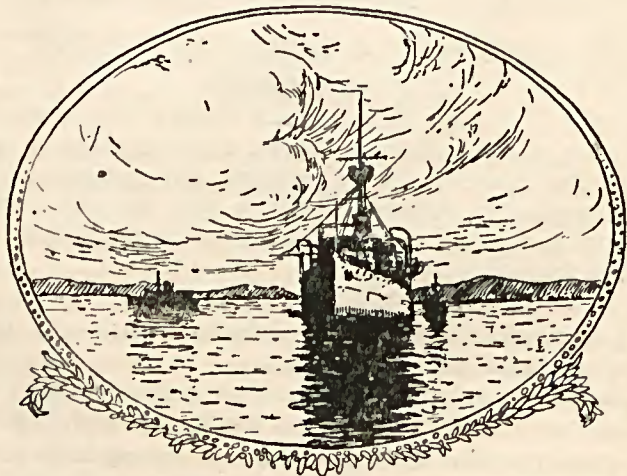
E por onde ia passando, a terra floria, desabotoava-se em floações divinas de pomares, de vinhedos, de casas lindas, de jardins risonhos. Cada maldição se transformava numa benção. Os carrascaes estereis, em laranjaes floridos. E cada mouta de sapé, num rosal entreabrindo as frescas rosas rubras...

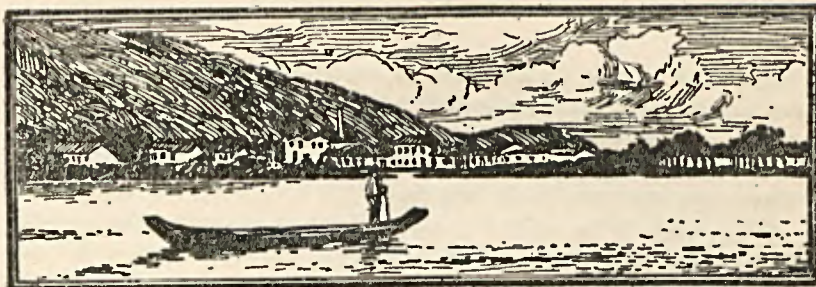
Sabe o leitor quem será esse principe encantado, mysterioso, alvo, luminoso, risonho ?

O Trabalho !

Não creio porém alcançar a epoca em que se dará o resurgimento floral das nossas planuras desertas.

Mas, quando ella chegar, ainda mesmo do Além, se fóra possível, minha alma se desfaria em sorrisos infinitos, em benções divinas para aquelles que transformaram a miseria dos taboleiros numa immensa prece florida á Natureza virginal, num Cantico dos Canticos formidavel, numa immensa oração immortal, eternizadora da Fartura, glorificadora do Idéal, inspiradora do Genio e exaltadora da Belleza...





NA BACIA DO PRATA

POR

ALIPIO DE MIRANDA RIBEIRO

(Conclusão)

30 de Agosto — Alta madrugada um som de busina me acordou; seguiu-se por momentos um ruído de vozes e depois silencio. Não sei porque o meu espirito divagou pelas regiões encantadas dos romances velhos; achei-me no tempo de Orlando, entre castellos e businas; e depois, profundo somno veio apagar todas essas visões que alguns morcegos concorriam para *illustrar* com o seu vôo de duendes.

Dormiamos ainda altas seis horas. Uma porção de cisco nos fez saltar do leito.

E' que varriam em cima a varanda e o cisco passava pelas frestas das taboas, cahindo sobre nós.

Que bons violinos deveriam dar estas taboas, pensei com os meus botões, estão por tal forma ressecadas que se afastaram mais de centimetro umas das outras.

D'ahi a pouco um apito estridente, vozes que se approxmavam e depois passos que galgavam as escadas. Ao mesmo tempo batem á nossa porta. "D. João convida-vos para o café". Gostoso bom dia que nos trouxe o administrador da fazenda o sr. Salomão Alves Correia, um homem baixo, reforçado, de olhos pequeninos, nariz grande e cabeça chata; dir-se-hia um cearense.

Subimos; uma chicara de café, saborosissimo, fumegante, nos esperava. E já gulosamente o sorviamos quando um protesto partio do sr. Hæhne: "Perdão; para mim sem assucar".

Foi um escandalo. Desde D. João até os empregados (naturalmente os que haviam feito tanto barulho em trepar escadas), nenhum daquelles fa-

bricantes de assucar (a fazenda é de canna) queria se convencer de que se pudesse tomar café amargoso. E o pobre Hœhne, muito vermelho, não sabia mais que explicações havia de dar da sua idiosyncrasia.

Sahimos em seguida, cada um para seu lado; antes porém corri os olhos pelas construcções da fazenda.

Quem nella entre, vindo de Caceres, devisa-a de perto, numa estrada marginada por uma cerca de arame farpado e que conduz á ampla porteira com grades de páo a pique. Essa porteira dá accesso a um amplo pateo murado. A' direita, estende-se uma fila de casas baixas, em decadencia, occupadas por colonos (camaradas); depois destas casas e por detraz da ultima ha um curral onde é recolhido o gado pela manhã. Logo á frente uma porta onde se abatem as rêzes de consumo. Por fim vem o angulo cujos appparelhos são muito bons e modernos ainda que o motor seja a antiga rôda dagua A' esquerda, depois da entrada do portão, fica uma igreja, pelo flanco da qual passa um muro que vae encontrar o lado direito do edificio da fazenda, um grande sobrado quadrangular. Tudo isso coberto de telha nacional e, á excepção dos machinismos do engenho, datando de mil setecentos e pouco.

No engenho ha alambiques modernos para o fabrico de aguardente, a par dos fornos para assucar e rapadura.

Bellos cannaviaes circumdavam as construcções pelos lados N. E. e O. Boas mattas ainda existem por detraz destes.

*

* *

A's 9 horas, mal chegavamos com os resultados d'uma excursão preliminar e eramos convidados para o "almocinho". Os empregados eram pela segunda vez chamados a apito.

O "almocinho" não passava dum verdadeiro e completo almoço e D. João, respondendo ás minhas perguntas, informou-me que ao meio dia havia o *verdadeiro almoço* e que ás cinco horas ainda se jantava.

Que boa disposição! — 3 refeições por dia, sem contar os cafés e os caldos de canna de vez em quando. E effectivamente assim foi, com alguma admiração de minha parte, pois não estava habituado aos costumes das fazendas matto-grossenses.

31 de Agosto a 7 de Setembro — D. João da Villa é o nome do nosso amphitryão. O titulo revela um hespanhol de origem. Contudo D. João é hoje brasileiro, coronel da Guarda Nacional; e basta olhar para a sua physionomia para verificar-se nelle um homem de bom coração. A principio socio da primeira casa commercial de Caceres, passou depois á vida de lavoura; e vive inteiramente entregue aos seus labores agricolas.

A sua fazenda de Jacobina foi antiga propriedade da familia Pereira Leite, uma das principaes do estado e que uns louvam e outros maldizem. Certo, porém, é, ter sido grande o seu poderio. Um de seus membros,

João Carlos Leite, não duvidava em se desferrar, dentro do territorio boliviano, dos roubos de gado que ladrões daquellas bandas vinham commetter em terras das suas fazendas; por fim havia mesmo uma *entente* entre o governo boliviano e João Carlos; este entregava áquelle os malfeitores refugiados em Matto-Grosso; aquelle punia os ladrões depredadores de João Carlos.

Outra prova do poderio de João Carlos está no facto d'elle ter dado guarida, contra as disposições do imperio, ao autor da Sabinada, que viveu por muito tempo em Jacobina e ahí morreu, sendo enterrado na egreja da fazenda, donde ha bem pouco mandaram retirar seus ossos.

*
* *

As nossas palestras, durante as tres refeições do dia, davam margem de sobra para nos pôr ao corrente do gráo de desenvolvimento intellectual e moral dos nossos hospedeiros, que observamos com o unico intento de bem conhecer os nossos patricios nesta parte do continente brasileiro.

Estavamos em contacto com homens bons, honestos e de apparencia timida, embora se percebesse nelles essa enfiatura resistente do sertanejo. A intelligencia do brasileiro ahí estava patente; entretanto, apesar disso, deixavam-se levar por contos inverosimeis, dando prova duma ingenuidade de creanças.

Certa vez, o administrador sahio-se com esta:

“Quando os Senhores chegarem á matta da Poaya, hão de verificar se é ou não verdade o que lhes digo. Nas horas do pôr do sol, quando a gente vem voltando cansado para o rancho, ouve o grito dum companheiro. Pára, presta attenção; o grito se repete. Naturalmente dá resposta e vae em procura do companheiro. Chegado ao logar donde provinha o grito não vê nada, mas o grito se repete aqui para direita ou para esquerda; nova caminhada, outra vez o grito noutra logar; por mais que procure nada encontra.

E' o *Pé-de-Garrafa*; o rastro está no chão, tal qual o signal deixado no pó pelo fundo duma garrafa. Se o poayeiro não é bom, está perdido, deu tantas voltas que nunca mais acha sahida. Um conhecido meu encontrou com esse “*Bicho*”. Tem a figura dum homem; é completamente cabelludo e só possui uma unica perna, a qual termina em casco em forma de fundo de garrafa. Eu nunca o vi, entretanto *vi e ouvi os gritos*; e os Senhores que vão á Matta da Poaya, hão de, pelo menos, vêr o rastro como eu”.

Eis ahí uma entidade digna da imaginação dum Hoffmann ou dum Gustavo Doré. Mas antes de tudo a sinceridade do “*conteur*” e a natureza do conto, tão chãmente dado como viridico, comprovam de sobra o que acima ficou dito.

*
* *

Occupemo-nos um pouco dos camaradas: Havia em Jacobina uma cincoentena delles na sua maioria indios chiquitos ou descendentes de indios. Trabalhavam sob tarefas, começando o serviço ás duas da madrugada e acabando ás seis da tarde, por turmas que se substituíam.

O contracto de cada um desses homens, correspondia de mil a dous mil réis por dia; os de dous mil réis tinham casa sómente e os restantes, casa e comida por conta da fazenda.

Os supprimentos eram feitos na propria fazenda.

Comtudo, sendo esse o contracto, succedia que cada um desses empregados representava, nos assentamentos da fazenda, um onus de um a dous contos de réis.

Queixou-se-me disse o proprietario; mas, o administrador declarou que, camarada sem divida, era camarada perdido, pois ir-se-hia embora quando muito bem quizesse.

Vê-se por ahí que o systema é geral. O camarada sempre deverdor; para se retirar duma fazenda para outra, precisa pagar primeiro a sua divida. Esse pagamento é feito pelo novo patrão com quem o camarada continúa sob o mesmo regimen.

O domingo e os feriados são, para essa gente, dias de festa e embriaguez.

A festa é chamada "Cururú" e consiste numa dansa executada ao som de 2 instrumentos muito rudimentares: Um "Cracachá" ou "gauzá" — gômo de bambú entalhado transversalmente e no qual esfregam uma pequena baqueta — é o substituto da matraca ou do chocalho; uma viôla feita do lenho do "Urumbeva" (*Catus candelabrus*) e cujas cordas são tiradas das tripas de ouriço ou coatis; as divisões da palheta dessa viola são repartidas de modo original.

O nome de "Cururú" pertence a um rato (*Ctenomys nattereri*) commum em Matto-Grosso, o qual tem por habito cavar galerias infindas sem outra direcção que as raizes que o animal pretende.

A analogia entre a dansa e o rato vem, pois, da galeria; qual esta ultima, a dansa não tem direcção e só termina quando todo o pessoal esteja em condição de não apreciar o fim da festa.

Em cantjlena monotona com acompanhamento do "cracachá" e da viôla, seguem os dansantes a um de fundo, descrevendo circulos incertos; a um lado do terreiro ou da sala ha um póte de "chicha" ou aguardente; e os dansantes, a cada vólta, fazem uma visita ao referido póte.

Já se veem claramente, as consequencias de tal "cururú". E não raro apparecem rixas serias que obrigam o fazendeiro a intervir no caso — quasi sempre com applicação do tronco.

Uma vez, após um castigo destes, o castigado queixava-se amargamente, lamentando os excessos á que lhe fizera chegar a "chicha".



O DESPERTAR



Escultura de V. Brecheret

EVA



Escultura de V. Brecheret

Houve quem, batendo-lhe no hombro de modo confidencial, lhe perguntasse: "Mas, diga-me cá; que tal é o tronco? O homem endireitou-se olhou em torno de si como que para vêr se havia alguém demais e respondeu: "Ora, meu senhor, o tronco não é nada... os carrapatos é que são ellas!" (Textual).

Referia-se o desgraçado a uma especie de ácaro muito commum no estado e que vive no pó; não se agarra como os verdadeiros carrapatos (Ixodes) — morde e fôge. Existindo, porém em grande quantidade, atormentam por demais a quem não lhes pode fugir.

Por ahí se faz idéa do nível moral dessa gente.

Mas, voltando ao systema das dividas, não se creia o proprietario muito garantido e o unico a lucrar. E' muitissimo commum verem-se camaradas que se prevalecem da facilidade de saccar sobre o futuro e que, depois de se apanharem senhores de grandes sommas procuram por todos os meios serem despedidos. "Ficaremos livres das nossas dividas" diziam elles.

Eu proprio fui testemunha destes factos. E, infelizmente, fallando em sentido geral, não posso elogiar o proletario mattogrossense.

*

* *

Fôra informado da existencia de duas grutas perto de Jacobina. No dia 4 de Setembro fui visitar a mais distante — a do Quilombo.

O Quilombo é um sitio de propriedade da Sr^a. D.^a Rita Pereira Leite, residente em Caceres. Chegados ao Quilombo, eu e o Snr. Hœhne, procuramos o feitor Indalecio e com elle seguimos para a gruta, cuja entrada está a uns 90 metros sobre o caminho que conduz ao sitio e no flanco occidental do morro que passa por deante do mesmo sitio.

A gruta mais parece uma cisterna. Ao prepararmo-nos para a descida, Indalecio declarou não nos acompanhar. De tres cães que eu trouxera, tambem só um *Terrier* desceu connosco.

A inclinação do longo corredor era de 45 grãos, approximadamente. As pedras deslocadas pelas aguas offereciam pouco apoio e os espaços intermediarios, cheios de grossa camada de barro vermelho e excremento de morcego, ameaçavam ruir com o nosso peso. Para caminhar com mais segurança furei o capacete e no furo introduzi a véla que levava. Assim, com esse chapéo mineiro improvisado e as mãos livres, pude illuminar e vencer os obstaculos da descida.

Mais alto do que eu, Hœhne luctava com maiores difficuldades, pois as estalactites ameaçavam-lhe constantemente a cabeça.

A certa altura o fosso se bifurcava dirigindo-se um ramo para a esquerda, enquanto o outro segue em linha recta.

Essa bifurcação se resolve, ulteriormente, com o encontro de um salão e depois de outro mais largo ainda, porém muito mais baixo.

No lado esquerdo do primeiro salão parte outra galeria com ramo N. e que também se bifurca logo adiante. Todos os credôres, bem assim o ultimo compartimento, vão se abaixando e estreitando de modo a, por fim, não mais permittirem a passagem de um corpo humano.

Percorremos todos os meandros dessa gruta, cujo comprimento calculo em 60 metros, se tanto. E', pois, sem importancia. Já pensavamos em voltar quando uma sombra deslocando-se no calcario amarello chamou-me a attenção. Procurei-a e deparei com um bello exemplar de *Phrynus* que em vão tentou escapar-me. O Museu Nacional possui um unico exemplar, sem procedencia, desse pedipalpo; e em tal estado que só sua raridade o mantem nas collecções daquelle estabelecimento; era portanto duplamente valioso o achado.

Phrynus tem o aspecto duma aranha; é coriáceo, liso; tem o primeiro par de patas conformado quasi como o dos Louva-a-Deus e é provjdo de uma valente orla de espinhos e de um aguilhão terminal. O segundo é, ao contrario, filiforme, muito longo e serve como órgão do tacto. De longe o *Phrynus* verifica, por meio dessas patas, a natureza do objecto que pretende reconhecer.

*
* *

Ao chegarmos á entrada estavamos alagados, tal a temperatura do interior da gruta.

Despedimo-nos de Indalecio e seguimos para Jacobina. A' beira dum correjo paramos e, ao beber agua senti ligeiro ardor no ante-braço esquerdo: um circulo violaceo, limitado por uma circumferencia denegrida e tendo o centro também denegrido fez-me estremecer; o seu diametro era de um centimetro; toquei-o — inteiramente sem dôr. Que viria a ser aquillo? Uma pustula maligna? Fôra a idéa do carbunculo que me fizera estremecer. Caminhei apprehensivo para casa, onde o Sr. Salomão, ao ver aquella exquisita macula, disse logo: "Isso é *Tatá*".

Tatá é um nome indigena que significa fôgo. Os matto-grossenses, porém, chamam de *Tatá* a uma abelha do genero *Mellipona*; tem essa abelha outro nome, em portuguez, o qual termina também em *fôgo* e que, naturalistas estrangeiros, ou por malicia, ou por não saberem o que significava, passaram inteiro para o dominio da zoologia.

Mas não ha duvida nenhuma que faz lembrar o fogo, o que sahe do tal bichinho... e o meu susto terminou com uma gargalhada.

No dia 5 fomos á outra gruta, a qual era apontada como tendo servido de refugio ao Dr. Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira.

O seu nome é: "Lóca da Onça". Entra-se por um grande vestibulo funicular, em apparencia completamente fechado, mas no fundo do qual



se encontra uma pequena abertura por onde se desce a uma especie de antecâmara para subir, depois, a um compartimento maior.

Comquanto a inclinação das camadas de calcareo seja a mesma da do Quilombo, já se encontra, aqui, uma superficie menos oblíqua para sólo dos 3 compartimentos.

*

* *

No dia 6 o geologo, que havia ido ás Flechas, chegou a Jacobina. A 7, cheios de gratidão pelo tratamento e auxilio que nos dispensára D. João da Vila, voltamos para Caceres. Aproveitamos ainda o ensejo para adquirirmos montarias em Jacobina e entramos na cidade com outros planos e outras esperanças.





DE
THALES DE MELLO

O ULTIMO PECCADO

*Paro, sem forças, no áspero caminho
Da vida... Envelheci, depressa! e, exausto
Da fadiga, por ultimo holocausto,
Quero-te inteira para o meu carinho.*

*Remoçarei satânico e mesquinho,
No milagre diabólico de Fausto;
E dos teus lábios sorverei, num hausto
De amor, teu beijo que será meu vinho.*

*E cairás nos meus braços, de repente...
Desesperados, meus cinco sentidos
Farão meu corpo cada vez mais quente.*

*E, olhos vitreos e músculos em furia,
Morrerei, entre insultos e rugidos,
Na inconsciência do gozo e da luxúria.*



PORTUGAL

*¶Eram gritos de guerra echoando espaço fóra;
Conquistadoras náus rompendo o largo oceano;
E o lenho do Senhor, que os ánimos vigora,
Na peregrinação pelo solo africano...*

*E, agóra, Portugal? Tudo mudado, agóra.
Apenas te ficou, de tanto ardor insano,
O tom plangente da guitarra e a voz sonora,
Que, no fado, traduz todo o supplicio humano.*

*Em coração diverso os costumes diversos...
Onde a heroica altivez dos teus dias sem calma,
Em Ceuta, Aljubarróta ou Alcácer-Kibir?...*

*E' que sentindo e amando, entre beijos e versos,
Avivas a saudade e fortaleces a alma,
Para o esplendor triumphal das éras que hão de vir!*

AMBIÇÃO

*Na incerteza em que vivo, na illusoria
E dolorosa angustia em que me vejo,
Oscillo, entre o desánimo e o desejo,
Numa vaga esperança de victoria.*

*Amo-te, loucamente. Amo-te! e almejo,
O' namorada e inatingivel Gloria,
Sentir, na minha fronte merencorea,
A divina doçura do teu beijo.*

*Martyriso-me, na íntima tortura
Dos poetas — desespêro que sublimas,
Sonho impossível que me transfigura.*

*E vendo que de mim não te aproximás,
No desconsolo desta vida obscura,
Envelheço, entre lágrimas e rimas...*

AMOR

*Chegas, trêmula vens, quase chorando.
Parto, pálido vou, quase sorrindo.
Desejas-me e procúras-me, chegando.
Adóro-te e bemdigo-te, partindo.*

*Meu duro coração torna-se brando,
Mal te adivinha o corpo esbelto e lindo.
Porque me queres, vives-me buscando...
Porque te quero, vivo-te fugindo...*

*Mas, um dia, um encontro. Frente a frente,
Nós dois: — tu, commovida e enamorada,
Eu, amorosamente afflicto e mudo.*

*E nesse doce idyllio, de repente,
As nossas boccas não nos dizem nada,
Para que os nossos olhos digam tudo.*





O SEGREDO DE MAUER

POR

E. ROQUETTE PINTO

Todos os viajantes que o pequeno vapor levava a bordo, andavam intrigados com a exquísita figura do naturalista Mauer. Nos primeiros dias, elle foi apenas notado, de manhã, quando passava no tombadilho, duro, abanando, seccamente, a cabeça para as senhoras com quem cruzava sua marcha hygienica; e passando, sem um signal de cortezia, pelos senhores.

Aos poucos foi-se formando, na sociedade mexiriqueira de um navio brasileiro repleto, uma athmosphera de surda anti-pathia, que rodeava o pobre russo como nuvem borrascosa. O desagrado de sua presença porejava de todos os lados. As matronas, estiradas em cadeiras de vime, cobertas de agasalho, para affrontar os ventos frios de Julho nas costas meridionaes, armavam muxôxos á passagem de Mauer; as meninas cochichavam e sorriam, olhando acintosamente para os grandes pés do naturalista, cheios de montes e valles que o calçado ainda mais accentuava. As crianças mesmo, que a principio elle acariciava, começaram a fugir do seu afago.

Mauer não se dava por achado. Continuava, como si tivesse um chronometro atarrachado nas circumvoluções cerebraes, religiosamente, astronomicamente, a mesma vida. Parecia não se importar absolutamente com o que lhe faziam, ou antes, com o que deixavam de lhe fazer...

Seus modos, porém, fóra da reserva habitual e da frieza costumeira, eram polidos. Mauer tinha linha. Agradou-me seu comportamento diante da meia-injustiça com que meus patri-cios, sempre amaveis para os insinuantes cavalheiros de industria que por ahi andam a "explorar o Brasil", tratavam aquelle homem sizudo. Procurei-o. Falei-lhe. Entabolamos conversa.

E, em alguns dias, eramos excellentes camaradas. Continuou arredio dos outros passageiros; nunca me fez a menor recrimi-

nação. Confirmou seus dotes de educação. Eu, por minha vez, ganhei excellente palestra. Mauer era adorável conversador. Armazenára muita coisa em longas viajantes, por terras mal conhecidas, entre gente de costumes estranhos e insolitos, Uma noite em que ficámos sós no convez, fumando muito, falando pouco e olhando cheios de saudade o céu e a lua, Mauer contou-me, quasi que expontaneamente, mal eu o animára, o grande segredo de sua vida. Pois não é certo que cada vida tem o seu segredo? E não ha vidas que tem pencas de segredos?

Mauer matára um homem, no interior da Bolivia...

— Matou um homem?

— E' verdade. Matei o pai de meu filho...

— !?

*

* *

— Já lhe disse, continuou o russo, que desde meus dezoito annos levo uma vida erradia. Nasci em Nijni-Novgorod, onde pratiquei na arte de empalhar animaes com um sabio austriaco que lá vivia morrendo de fome... Corri a Siberia, a Mandchuria, a Coréa, colleccionando para o Museu da Universidade de S. Petersburgo... Depois parti para a America. Gastei dois annos na Amazonia e cheguei á Bolivia. A maior parte de minha existencia passei ahi. E a minha estadia nas quebradas da provincia de Munhecas teria sido muito mais longa si não fosse o triste incidente.

Cansado de andar atraz de borboletas e veados, para espetar as primeiras em caixas de madeira mólle e esticar os couros dos outros em varões de ferro, empreguei-me na mineração. O ouro de lavagem era pouco. Mas, como ninguem se dava ao trabalho de o retirar do riacho, ficava todo para mim... O resto da população da villa de Curvas era quasi todo feminino. Curvas é o grande centro populoso da região dos Callayualas, os mais interessantes, para mim, dos actuaes bolivianos... Esses Callayualas não são aimárás nem kechuas; falam lingua propria, individual, e tem costumes caracteristicos. E' gente toda especial. Vive isolada nas montanhas e, por outro lado, merecem bem o nome de "ciganos da America do Sul" com que foram alcunhados. Parece paradoxo, não é verdade? Pois, de facto, não o é.

Emquanto as mulheres não arredam pé de casa, os homens vivem a viajar. Citam-se alguns que têm passado quatro e cinco annos longe dos seus, voltando depois carregados de dinheiro e de coisas. Em geral praticam a medicina. Levam sempre

comsigo uma bolsa enfeitada onde agasalham as drogas do matto, que vendem por bom preço á gente credula de toda parte. Até mesmo em grandes cidades fazem clientela extensa... ou antes, principalmente ahi... Conhece gente mais tola que a gente das cidades?

Os Callayualas sabem coisas terriveis para despertar o amôr, ou para fazer descer aos corações infelizes a tréva benefica do esquecimento... Os que não se fazem medicos ambulantes, praticam outra profissão nomade tambem: são tropeiros, ou antes, guias das tropas que annualmente vão da provincia argentina de Jujuy para os planaltos bolivianos. E quer saber como conseguem fazer caminhar as mulas **chúcaras** pelos desfila-deiros andinos? Veja que gente sabida: tapando os ouvidos das bestas com rolhas de barro e pondo-lhes antólhos... Sem ouvir, quasi sem ver, os bichos ficam segregados do ambiente, não recebem impressões fortes, não escutam as torrentes ribombantes, não vêm os precipicios, não disparam, nem dispersam...

Eu morava em Curvas havia alguns mezes. Acostumei-me depressa á vida do lugar...

Depois, no meio de tanta mulher, a existencia corria sem grandes incidentes, porém meiga e suave...

Entre as indias mais lindas havia uma, intelligente tecelã, com quem fiz excellentes relações. Aos poucos, ou antes, aos muitos, nossa intimidade cresceu sob as vistas do esposo... E quando elle partiu para Jujuy, com a sacola de remedios e bugigangas, entregou-me, de accordo com o velho costume de sua gente, para que eu a protegesse, em todo sentido, a sua interessante esposa... Interessante, digo mal... Não estava... Foi mais tarde...

Dois annos se passaram sem que o meu amigo desse o minimo signal de vida. Nossa existencia corria serena e doce. Chuntála era delicada e meiga, bôa e carinhosa. Suas caricias eram doces como o leite das lhamas...

No fim daquelle tempo, nosso amôr, ainda de accordo com o mesmo costume nacional, abrolhou num lindo rebento. Chuntála foi mãi de um pequerrucho lindo. E eu que passara o tempo a matar os filhotes de tantos bichos encontrados no meu caminho, conheci as alegrias de ser pai...

A criança cresceu viva e alegre. E o indio não voltava. O meu ouro ia tambem augmentando dentro do saquinho de couro onde o guardava.

Ensinava a Chuntála, cujo espirito alerta recebia com soffreguidão tudo o que eu dizia. Adorava meu filho. Mais dois annos se passaram. Nada. O marido certo não voltaria, como

tantos outros — morto no caminho, ou preso pelas delicias ignobeis de alguma cidade grande... Tanto melhor.

O pequeno não me largava. Companheiro do meu trabalho diario nem parecia soffrer das caminhadas, com seus passinhos mal seguros...

Muitas vezes fazia meus projectos de futuro... Mais um anno de espera e então, rico, adorando e adorado, partiria para a Europa, levando o meu romance vivo... A' noite, Sergio dormia no meu collo... Porque não consenti que lhe dessem um nome barbaro... Para mim era Sergio, nome de meu pai... Foi o tempo mais feliz da minha vida!...

— Nesse ponto, Mauer parou de fallar, suspirou profundamente e mergulhou em profunda scisma, olhando fixamente o infinito espaço escuro que se alongava diante de nós, debaixo das estrias do luar.

— E depois? como acabou a historia?

— Depois, disse elle... Um bello dia voltou o indio a Curvas... Chuntála, conforme ás tradições de seus maiores, recebeu o marido com o mesmo carinho que me dispensava... Parecia que eu jamais tinha atravessado sua existencia... Recebeu o marido como si fosse o pai do pequeno...

Abandonou-me no mesmo dia, risonha, agradecendo-me muito o bom tratamento que lhe déra na ausencia do outro...

— Ah! As mulheres...

— As mulheres não têm culpa. A natureza as escolheu para conservar os typos e as tradições...

— Comtudo...

— No dia seguinte tambem elle correu, muito satisfeito, a agradecer-me a maneira por que lhe tinha tomado conta, á esposa amada. Encontrava Chuntála nédia, limpa, bem vestida, educada, e ainda por cima achára no seu lar um lindo filho... Um encanto! Elle, que durante alguns annos suspirara, em vão, por um filho, que já estava desesperançado de vêr em sua casa um riso de criança, quasi chorou de alegria, o animal...

— Quantos Callayhualas existem por ahí, pelas cidades civilisadas?

— O desgraçado dizia-se "pai" do meu adorado filho! "Pai", meu amigo!...

Era a lei. Era o costume secular da tribu... O protector temporario da esposa devia deixar, ao casal, os filhos que nascessem na ausencia do marido...

Exigiu a criança, que não me tinha querido ainda largar. Ella, Chuntála, veio interceder para que lh'o entregasse. Sentia muito desgostar-me, porém, o "pai"... era o outro!

Revoltado, indignado, prompto a levar até á violencia o meu direito áquella criança loura, em cujos traços revi a face carinhosa de minha mãe, recusei... Para encurtar. Uma noite o indio, pé ante pé, chegou á casinha onde eu morava. Saltou uma janella. Espertei, ouvindo o ruido, e vi o seu vulto illuminado pelo luar da meia noite, muito placido. Fazia um frio horrivel. Tomei da minha espingarda, que ficava sempre ao alcance das mãos... Elle se abeirou de mansinho, da esteira do meu filho... Não vi mais nada... Dei ao gatilho... Matei...

Matei o "pai" do meu filho... disse Mauer arregaçando os labios, com os dentes cerrados...

De novo fixou ao longe o olhar duro; parecia estar vendo, na escuridão, plasmarem-se imagens remótas, esgarçadas pelo tempo e pela distancia...



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



OSWALDO CRUZ

Successor de Raymundo Corrêa na cadeira n. 5 de que é patrono Bernardo Guimarães. Nasceu em S. Luiz do Parahytinga, Estado de São Paulo, a 5 de Agosto de 1872 e falleceu no Rio de Janeiro a 11 de Fevereiro de 1917.

Bibliographia

- 1 THESE APRESENTADA À FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO — em 8 de Novembro de 1892 (approvada com distincção) — Dissertação (Cadeira de Hygiene e mesologia) — A vehiculação microbiana pelas aguas — 152 paginas (além das proposições) Rio, Typ. da Papelaria Impressora — 1893.
- 2 UN NOUVEL APPAREIL, POUR LA RÉCOLTE DES EAUX A DIFFÉRENTES PROFONDEURS POUR L'ANALYSE DES MICROBES — Rio, Typ. Leuzinger Filhos — 1893.
- 3 RELATORIO ACERCA DA MOLESTIA REINANTE EM SANTOS EM 1899 — Rio, 1900.
- 4 A VACINAÇÃO ANTI-PESTOSA (trabalho do Instituto Manguinhos) 44 pgs. — Rio, Besnard Frères — 1901.
- 5 CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DOS CULICIDIOS (trabalho do Instituto de Manguinhos) 15 pgs. Rio, Typ. Besnard Frères — 1901.
- 6 DOS ACCIDENTES EM SOROTHERAPIA (trabalho do Instituto de Manguinhos) 65 pgs. Rio, Typ. Besnard Frères — 1902.

7 PESTE — (trabalho do Instituto de Manguinhos) 37 pgs. — Rio, Typ. Besnard Frères — 1906.

8 RELATORIO APRESENTADO AO MINISTRO DR. J. J. SEABRA (Directoria da Saude Publica, anno 1904) — Rio, Imprensa Nacional — 1905.

9 IDEM (anno 1905) — Os relatorios são de 1903 a 1908, mas só possui os referentes aos annos de 1904 e 1906.

10 RELATORIO APRESENTADO AO MINISTRO DR. A. TAVARES DE LYRA (Directoria da Saude Publica — anno 1906) — Rio, Imprensa Nacional 1907.

11 UMA NOVA ESPECIE DO GENERO PSOROPHORA (trabalho do Instituto Manguinhos) 9 pgs. — Rio, Typ. Besnard Frères — 1907.

12 UM NOVO GENERO DA SUB-FAMILIA ANOPHELINÆ (trabalho do Instituto de Manguinhos) 10 pgs. — Rio, typ. Besnard Frères, 1907.

13 PROPHYLAXIA DA FEBRE AMARELLA (memoria apresentada ao 4.º Congresso Medico Latino-Americano) 16 pgs. Rio — Typ. do Jornal do Commercio — 1909.

14 SANEAMENTO DA BACIA DO RIO MADEIRA (Construcção de estradas de ferro em regiões insalubres) — relatorio — Rio, Typ. Jornal do Commercio, 1913.

15 THE SANITATION OF RIO.

16 RELATORIO APRESENTADO À CONVENÇÃO SANITARIA INTERNACIONAL.

17 PROPHYLAXIA OF MALARIA IN CENTRAL AND SOUTHERN BRASIL.

18 MADEIRA-MAMORÉ RAILWAY COMPANY.

19 CONDIÇÕES MEDICO-SANITARIAS DO AMAZONAS.

A sua collaboração em revistas e jornaes é abundante, principalmente nas revistas scientificas nacionaes e estrangeiras. Encontram-se, no *Brasil-Medico*: Um caso de bocio exophthalmologico em individuo do sexo masculino (1891) — Um microbio das aguas putrefactas encontrado nas aguas do abastecimento da nossa cidade (1892) — O acido picrico como reactivo da albumina — As condições hygienicas e o estado sanitario da Gavea-Contribuição para o estudo da microbiologia tropical e Os esgotos da Gavea (1894) — La recherche du sperme par la réaction de Florence; Uma visita á secção de preparo de sôros therapeuticos do Instituto Pasteur de Paris (1898) — Contribuição para o estudo da curva leucocytaria nas infecções e intoxicações (1900) — Contribuição para o estudo dos culicidios no Rio de Janeiro; A vacinação anti-pestosa (1901) — Dos accidentes em sorotherapia (1902).

Annuario Medico-Brasileiro do dr. Carlos Costa: — O bacillo de Koch (Estudo critico da these do dr. José Rocho) (1893); *Archivo di Psy-*

chiatria, Scienze Penale ed Antropologia de Lombroso: Delitti negli animali (1897); *Annales d'Hygiène Publique et Médecine Légale*: La recherche du sperme per la réation de Florence; Études sur la recherche de l'empoisonnement par le gaz d'éclairage; Étude toxicologique de la ricine (1898); *Zeitschrift für Wissenschaftliche Mikroskopie und für Mikroskopische Technik*: Ein einfacher Waschapparat für mikroskopische Zwick (1893); *Archives de Médecine Expérimentale et d'Anatomie Pathologique*: Les alterations histologiques dans l'empoisonnement par la ricine (1899); *Annaes do 4.º Congresso de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro*: Sobre o valor do diagnostico microscopico da peste (1900); *Annaes do 4.º Congresso Medico Latino-Americano*: Prophylaxia da febre amarella; *Imparcial* (n.º 211 de 3 — 9 — 913): Uma questão de hygiene social — "Lepra"; *Revista da Academia Brasileira de Letras*: Elogio de Raymundo Corrêa (n. 11, pagina 103). Encontra-se tambem esse discurso na Revista Americana, numero de Julho-Agosto de 1913, pag. 1.

O seu retrato é facilmente encontrado em revistas, jornaes e em avulsos. Um dos melhores é o que vem no *Brésil contemporain* do dr. P. Rovelly.

Fontes para o estudo critico

- 1 *Afranio Peixoto* — Discurso de recepção, n. 11 da R. da Academia Brasileira de Letras ou em "Poeira da estrada".
- 2 *Ruy Barbosa* — Oswaldo Cruz, conferencia no Theatro Municipal do Rio a 28 de Maio de 1917 — Revista do Brasil n. 19 (Julho 1917).
- 3 *Arthur Neiva* — Discurso pronunciado na S. de Medicina e Cirurgia de S. Paulo (1917) Revista do Brasil n. 15 (Março 1917).
- 4 *Pereira de Carvalho* — Os membros da Academia em 1915, pag. 437.
- 5 *Nestor Victor* — A critica de homem, pag. 311.
- 6 *Aloysio de Castro* — Discurso na Academia (elogio) Revista Americana n. 8, de Maio de 1919.
- 7 *Revista do Brasil*: — A Argentina e O. Cruz — n. 19 (julho 1917).
- 8 *Almanack Garnier* de 1909, pag. 168.
- 9 *O Estado de S. Paulo* de 12 de Fevereiro de 1917 e, em geral, todos os jornaes do Brasil, após a sua morte.
- 10 *Dr. P. Rovelly* — Le Brésil contemporain, ler. vol.
- 11 *Aloysio de Castro* — Ultimas allocuções, pag. 83.

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico.

Suscitou muita discussão o acto da Academia Brasileira de Letras, elegendo o notavel cientista dr. Oswaldo Gonçalves Cruz para a cadeira de Bernardo Guimarães, como successor de Raymundo Corrêa.

Foi o facto largamente discutido pela imprensa, desde a eleição a 11 de Maio de 1912, onde logrou 12 votos contra 10 conferidos a Emilio de Menezes, até á recepção a 26 de Junho de 1913. E da critica acerba salienta-se o artigo de Nestor Victor que foi enfeixado em volume "A critica de hontem".

Operou-se a reacção, surgindo a defesa que póde ser consubstanciada no habil discurso de Afranio Peixoto, ao dar-lhe as boas vindas no dia da posse do novo academico.

Entre os argumentos dos defensores da ideia que não foi, seja dito de passagem, pela primeira vez realisada no recinto do Syllogêo, destacam-se o exemplo da Academia Franceza, o pensamento da homenagem aos mais altos expoentes da nossa cultura em geral, o criterio de muitos escriptores, criticos principalmente, que incluem as obras scientificas e philosophicas entre as que constituem a litteratura de um paiz.

O modo de proceder da Academia Franceza, aliás coherente, por estar de accôrdo com o espirito da organização do Instituto de França, tornou-se tradicional e mereceu entre nós a sympathia e adhesão de Joaquim Nabuco, no discurso inaugural. O Instituto divide-se em cinco classes ou academias: Franceza, das Sciencias, das Inscriptões e Bellas-Lettras, das Sciencias moraes e politicas e das Bellas Artes.

Objecto que a primeira denomina-se Academia Franceza, simplesmente, sem o complemento restrictivo ou adjuncto attributivo. — *de letras*, como succede com a nossa; accrescendo ainda a circumstancia de existir a "Academia de Inscriptões e Bellas Letras". Pode-se assim admittir que, ao lado dos homens representativos da litteratura propriamente dita, estejam glorias nacionaes como Pasteur, D'Alembert, Claude Bernard, Littré, Vicq-d'Azir, Lesseps, J. B. Dumas, Bertrand, Berthelot, Poincaré, Joffre, entre outros. Não é o nosso caso, embora seja Oswaldo Cruz digno e merecedor das mais significativas e honrosas homenagens.

Seria louvavel a ideia de instituirmos outras academias ou corporações que glorifiquem os grandes homens em vida, proporcionando-lhes ensejo de prestarem relevantes serviços á Patria, dentro da orbita das suas especialidades. A congregação heterogenea de poetas e generaes, romancistas e jurisconsultos, historiadores e cientistas, jornalistas e philosophos, determina a falta de methodo no trabalho e confusão de ideias e decisões.

Ninguem se lembrou ainda de incluir na Academia Nacional de Medicina um estadista, um poeta ou um engenheiro, por maior que seja o seu titulo de benemerencia.

Tambem o criterio geralmente seguido pelos allemães que consideram todos os ramos do saber humano, divulgados por escriptos, em lingua vernacula, como fazendo parte integrante da litteratura, não é aceitavel. Esses autores denominam a litteratura, segundo a nossa concepção, de *beltristica*. Foi essa a orientação de Sylvio Romero.

A Academia de Letras devia ser composta exclusivamente de cultores das bellas letras, dividida em tantas secções quantos sejam considerados



os departamentos da litteratura: poesia, romance, theatro, critica etc. Outras corporações seriam destinadas ás sciencias positivas, ás sciencias applicadas, á philosophia, á historia e geographia, ás artes etc.

Semelhante divisão contribuiria fatalmente para dar incremento aos diferentes departamentos da cultura intellectual, permittiria maior estimulo aos homens privados de condecorações e titulos nobiliarchicos e daria ensejo a estudos de character especial, particularisando e aperfeiçoando a acção dos homens de merito real.

Não pretendo com essa digressão menoscabar o valor indiscutivel do brasileiro consagrado pelo Instituto de Manguinhos e pela orientação proficua na Directoria da Saude Publica, os seus mais relevantes meritos, as suas verdadeiras glorias.

Mas cumpre-me volver a attenção para o grande vulto que foi Oswaldo Cruz, mesmo por ser restricto o desenvolvimento da presente noticia.

Filho de D. Amelia Bulhões Cruz e do dr. Bento Gonçalves Cruz que desempenhou as funções de inspector geral de hygiene, nasceu o illustre homem de sciencias em S. Luiz do Parahytinga, (Estado de S. Paulo) a 5 de Agosto de 1872, fallecendo com 45 annos de idade, em pleno vigor de talento e quando podia ainda prestar relevantes e inestimaveis serviços ao Brasil.

Foi educado no Rio de Janeiro onde fez estudos preparatorios e superiores, recebendo o grão de doutor em medicina pela Faculdade do Rio, em 1892, com 20 annos, merecendo a sua these inaugural "A vehiculação microbiana pelas aguas" ser approvada com distincção.

No prefacio da sua primeira obra scientifica explica-nos o autor como lhe surgiu a vocação para os estudos de microbiologia.

Ainda estudante foi ajudante de preparador do laboratorio de hygiene, onde trabalhou até Maio de 1890 com os provectoros e illustrados professores drs. Rocha Faria e Ernesto do Nascimento Silva, passando então para o laboratorio do Instituto Nacional de Hygiene, na qualidade de auxiliar, sempre dedicado aos estudos e ensaios de bacteriologia.

A these do dr. Oswaldo Cruz divide-se em introducção e tres partes. Na introducção elle esboça um estudo critico comparativo dos diversos aparelhos destinados a colher amostras de agua em diversas profundidades e apresenta um por elle imaginado. Mereceu esse invento uma pequena monographia escripta em francez.

As tres partes são: *A agua e os microbios*, *Prophylaxia geral contra a infecção pelas aguas* (onde apresentou um novo typo de filtro domiciliar) e *Exposição dos processos de technica*, finalmente as proposições.

Concluindo o seu curso scientifico dirigiu-se a Pariz onde trabalhou durante 3 annos (1896 a 1899) no Instituto Pasteur, ao lado de Roux, Nibert, Metchnikoff e outros.

Dedicou-se ahí a estudos de toxicologia e a outros de chimica biologica, escrevendo um trabalho sobre os effeitos toxicologicos do ricino, depois



de uma polemica com o especialista allemão Hobert, por elle vencido na discussão scientifica.

Depois de haver collaborado em muitas revistas nacionaes e estrangeiras, como se verifica na relação que organizei, publicou o seu primeiro trabalho de hygiene applicada: "Relatorio acerca da molestia reinante em Santos em 1899", em que expoz a sua acção em face da peste invasora desobrigando-se da incumbencia do Governo.

Em 1901 foi encarregado pela administração Suprema de dirigir o Instituto Sorothéapico do Rio, irrompendo então o seu periodo de gloria.

A sua indicação coube a Emile Roux que, em resposta á consulta, disse: — "Entre o pessoal tecnico que tenho a honra de dirigir, ninguem possúe maior competencia do que o dr. Oswaldo Cruz, cuja capacidade e idoneidade scientificas pessoalmente conheci durante o tempo em que lidou no nosso Instituto."

Conseguiu immediatamente produzir sóros e vaccinas que rivalisaram com os similares do Instituto Pasteur de Pariz e do Instituto de Molestias infecciosas de Berlim, merecendo francos applausos do professor Kolle, na parte concernente á vaccina anti-pestosa.

Publicou nesse anno a monographia "A vaccinação anti-pestosa" onde preferiu o methodo da Commissão allemã enviada á India, aperfeiçoando-o e completando-o, a ponto de constituir uma variante do processo.

No mesmo anno de 1901 abordou no *Instituto de Manguinhos* o estudo dos ciliídios em alguns dos fôcos de impaludismo dos arredores do Rio, caracterizando uma nova especie do genero *Anopheles*.

Emquanto dirigia e trabalhava no *Instituto de Manguinhos*, desempenhava os cargos de director dos *Gabinetes de Bacteriologia e Anatomia pathologica* da Polyclínica Geral do Rio, da de Botafogo e da Associação dos Empregados no Commercio.

No anno immediato escreveu um estudo. "Dos accidentes em sorotherapia" onde expoz as precauções a seguir, afim de attenuar as consequencias da acção preventiva obtida pela applicação dos sóros.

Pertenceu á Academia Nacional de Medicina.

Em Março de 1903 assumiu, a convite do presidente Conselheiro Rodrigues Alves, a direcção do serviço da Saude Publica no Rio de Janeiro, indicado pelo dr. Salles Guerra que antes recebera a offerta do cargo do ministro dr. J. J. Seabra, e comprometteu-se a extinguir a febre amarella no prazo de 3 annos.

Para se apreciar a acção benefica e providencial do reformador da medicina brasileira no combate sem tregoa ao terrivel mal que isolava o Brasil do mundo, seguindo os processos americanos com exito applicados em Cuba, deve-se lêr a bella e erudita apologia, excellente panegyrico, que lhe fez o grande Ruy Barbosa, na conferencia realisada a 28 de Maio de 1917, no Theatro Municipal do Rio.

Elle que já se havia imposto á administração dos competentes na lucha contra a peste indiana, na descoberta dos symptomas do carbunculo que



dizimava o gado bovino, elle que já havia organizado o Instituto de Manguinhos e realiado outras façanhas scientificas, teve de vencer obstaculos de toda a natureza para derribar a muralha chinesa do carrancismo, do espirito de rotina, afim de debelar a terrivel endemia que devastava populações, pelos effeitos energicos da toxina icteroides. Vencendo a resistencia publica, derrocando os obstaculos da administração, subjugando os proprios elementos do governo, jugulando o espirito de seita e sopitando odios e rivalidades dos seus pares, levou a termo glorioso, a sua herculea campanha, conseguindo do inolvidavel Barão do Rio Branco, outro benemerito luctador, o seguinte conceito: "O dr. Oswaldo Cruz foi o diplomata que realisou a maior propaganda do seu paiz".

E um sabio norte-americano rematou: "Se a nação brasileira erguesse ao dr. O. Cruz uma estatua de ouro, não resgataria ainda, senão uma parte minima, o que lhe deve".

Mas não se deteve ahí o seu triumpho; teve de enfrentar outros inimigos, como a variola, a malaria e varias enfermidades infecciosas, e tentou a vaccinação obrigatoria, o que deu ensejo a uma revolta popular.

Os resultados satisfatorios da sua infrene peleja se acham consubstanciados na monographia "Peste", nos relatorios da Directoria da Saude Publica de 1903 a 1908, na memoria apresentada ao 4.º Congresso Medico Latino-Americano, sobre "Prophylaxia da febre amarella" e nos folhetos "Sanitation of Rio" e "Relatorio apresentado á Convenção Sanitaria Internacional".

Afastado do seu posto, por haver concluido a missão que lhe fôra confiada, partiu em 1907, como representante do Brasil no 14.º Congresso de Hygiene, para Berlim, onde logrou excepcional successo, conseguindo uma medalha de ouro offerecida pela imperatriz da Allemanha.

Em 1908 reformou o Instituto de Manguinhos e ergueu o monumento architectonico de estylo manuelino, preparado o estabelecimento scientifico com o aparelhamento indispensavel para o elevar á primeira categoria entre os congeneres no mundo inteiro.

E começou a sua faina de preparar os continuadores da sua obra, congregando os moços laureados em um viveiro de sabios de onde sahiram Rocha Lima, Carlos Chagas, Arthur Neiva, Alcides Godoy, Henrique Aragão, Carneiro de Mendonça, Eduardo Rebello, Gaspar Vianna, Cardozo Fontes, Figueiredo de Vasconcellos, Ezequiel Dias e outros.

Distribuia-lhes trabalhos, formava especialidades, dividia entre elles a leitura das obras e revistas scientificas e estabelecia os principios de emulação.

Foram, então, creadas as "Memorias do Instituto Oswaldo Cruz" onde collaboraram os seus discipulos a quem reservou o mestre o espaço disponivel para os respectivos trabalhos de investigação. Durante esse tempo vivia o sabio no recondito do seu laboratorio, a fazer pesquisas e no labor de descobertas, orientando os discipulos e cuidando com proficiencia da cultura de todos.



Datam desse tempo os seus trabalhos originaes "Uma nova especie do genero *Psorophora*" e "Um novo genero da sub-familia *Anophelinæ*".

O epilogo de sua vida sacrificada pelas lesões do coração e dos rins, consequencia do peso das responsabilidades, dos dissabores e contrariedades e do exgottamento produzido por um labor incessante, foi a intervenção nas regiões amazonicas do Madeira e Mamoré, com o intuito de permittir aos engenheiros brasileiros levar a termo a construcção da importante via ferrea que se tornara um mytho, pelo numero de vidas ceifadas aos que se entregavam com denodo ao trabalho de desbravar o sertão e abrir uma via de communicacção para desengorgitar uma zona prenhe de riquezas naturaes, contribuindo assim para o progresso do Brasil.

Deixou-nos escriptos, compendiando ensinamentos praticos para outras emprezas semelhantes, varios folhetos: "Saneamento da bacia do rio Madeira", "Prophylaxia of Malaria in Central and Southern Brasil", "Madeira-Mamoré Railway Company" e "Condições medico-sanitarias do Amazonas".

Os poemas que lhe abriram as portas da Academia foram o "Instituto Oswaldo Cruz" e a odysséa do exterminio da febre amarella e da prophylaxia de muitas enfermidades. Os seus melhores romances foram a sua vida consagrada á sciencia e a acção do hygienista na região amazonica.

Ao transpôr o limiar da Academia surprehendeu os que profligaram a sua candidatura, pronunciando um discurso em que revelou cultura litteraria e mostrou conhecer a alma de Raymundo Corrêa.

Na peroração da sua formosa, erudita e prestadia conferencia, disse Ruy Barbosa:

"Coube a Oswaldo Cruz a ventura extraordinaria de ser um desses raros eleitos, um desses levitas do sacerdocio consagrado á diminuicção dos padecimentos humanos. Essas creaturas amadas e bemditas, como elle, devem os milagres da sua obra á acção desse deus interior, o *Entheon* do entusiasmo, bella palavra "uma das mais bellas dos nosso idiomas", mas infinitamente menos bella do que o sentimento que traduz a paixão das grandes inspirações, das grandes aspirações, das grandes abnegações, o heroismo do trabalho, da justiça e da verdade".

Tombou o heroe no seu campo de gloria a 11 de Fevereiro de 1917.

Summario para um estudo completo.

Herança de profissão — Os primeiros passos do microbiologista — O seu tirocinio no Instituto Pasteur — O primeiro degráo da gloria — O hygienista e as medidas prophylacticas — O seu valor de scientista — A campanha contra a febre amarella e outros serviços meritorios na Directoria da Saude Publica — O Instituto Oswaldo Cruz — Na região amazonica — O mestre e os continuadores da sua obra — O elogio de Ruy Barbosa — Julgado pela classe medica e pelo estrangeiro.



ALOISIO DE CASTRO

Successor de Oswaldo Cruz na cadeira n. 5. Nasceu no Rio de Janeiro a 14 de Junho de 1881.

Bibliographia

1 DAS DESORDENS DA MARCHA E SEU VALOR CLINICO — these — 232 pgs., Rio, Laemmert & Companhia — 1904.

2 ALLOCUÇÕES ACADEMICAS — discursos — 143 pgs., Rio, F. Briguiet & Cia. — 1911.

3 TRACTADO DE SEMIOTICA NERVOSA (Semiotica das formas exteriores e das desordens motoras — 506 pgs., Rio, F Briguiet & Cia. — 1914.

4 NOVAS ALLOCUÇÕES ACADEMICAS — (discursos) — com retrato — 146 pgs., Rio, Imprensa Nacional — 1915.

5 RELATORIO DO ANNO ESCOLAR DE 1916, apresentado á Congregação da Faculdade de Medicina do Rio — Rio, Imprensa Nacional — 1916. (E' o unico que possui, mas deve ter escripto outros referentes a varios annos escolares).

6 DYSTROPHIA GENITO-GLANDULAR (em coll. com Oscar de Souza) 194 pgs., Rio, Jacintho dos Santos — 1917.

7 ULTIMAS ALLOCUÇÕES ACADEMICAS (discursos) — 131 pgs., Rio, Imprensa Nacional — 1918.

Tem collaborado em varias revistas estrangeiras: *Revue de Neurologie*, *Nouvelle iconographie de la Salpêtrière*, *Neurologisches Centralblatt* e outras. Por sua iniciativa estão sendo publicados, ha tres annos, os *Annaes* da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, de que já appareceram dous volumes, contendo os seguintes trabalhos de sua collaboração: no 1.º volume — *Evolução e aspectos clinicos da diplegia facial*,

pag. 464; no 2.º volume — *O systema dos orgãos para-glandulares*, pag. 396.

Fundou tambem os “Annaes da Policlinica do Rio de Janeiro”.

Encontra-se o seu *Discurso de recepção* na Academia Brasileira de Letras, em o numero 8, de Maio de 1919, da *Revista Americana*.

A reproducção do seu retrato foi feita nas *Novas allocuções academicas*, no *Le Brésil contemporain* do Dr. Rovelly e em varias revistas illustradas.

Fontes para o estudo critico

- 1 Afranio Peixoto, — Discurso na Academia Brasileira de Letras — *Revista Americana* — n. 8, de Maio de 1919.
- 2 Estado de São Paulo — Noticia de sua eleição para a Academia.
- 3 Dr. P. Rovelly — *Le Brésil Contemporain*.

Noticia biographica e subsidio para um estudo critico

O illustre substituto de Oswaldo Cruz, desde muito moço notavel pelo seu talento e erudição, tem o nome paterno perpetuamente ligado á Academia, como o Barão do Rio Branco e os seus collegas Mario de Alencar e Luiz Guimarães.

E' filho do grande medico brasileiro dr. Francisco de Castro, successor do Visconde de Taunay na cathedra Francisco Octaviano.

Nasceu na cidade do Rio e emprehendeu os seus estudos de humanidades no antigo collegio Kopke, recebendo ahí o grão de bacharel em sciencias e letras, e matriculou-se em 1898, com 17 annos, na Faculdade de Medicina do Rio.

No curso medico seguiu a trilha luminosa do pae, o distincto professor considerado como o representante supremo de sua classe, na época em que viveu; foi approvedo com distincção em todas as cadeiras dos seis annos ou series, o que lhe valeu o titulo de laureado, ao doutorar-se em 1903, assim como o premio de viagem á Europa, por ter sido o melhor estudante de sua época.

Versou a sua these, approveda com distincção, sobre a marcha do homem como acto physiologico e o valor diagnostico de suas perturbações. Nella estuda os differentes methodos de exame applicaveis á locomoção normal ou pathologica, seguindo-se as partes referentes á physiologia da marcha e o diagnostico clinico das desordens do andar.

O estudo do movimento do ser humano, transportando-se de um para outro logar, proporciona ensejo a uma monographia em que se estudam as modalidades do andar segundo as perturbações provocadas por certas enfermidades.

O ex-interno de clinica do professor Francisco de Castro (1901) e do



professor Miguel Couto (1902-1903) voltou ao assumpto no "Tractado de semiotica nervosa", onde resumiu o thema no capitulo — Semiotica do andar.

Eleito em 1904 para a Academia Nacional de Medicina, bordou o seu discurso de recipiendario em louvores ao insigne professor Francisco de Castro, rendendo-lhe merecida homenagem. Nessa corporação scientifica proferiu varios discursos que constam das "Allocações academicas" e das "Novas allocações academicas".

Foi assistente da clinica propedeutica do prof. Miguel Couto durante 7 annos e tomou posse do cargo de substituto da 6.ª secção da Faculdade de Medicina, em 31 de Dezembro de 1908, após um brilhante concurso em que foi classificado em 1.º lugar, sendo-lhe offerecido um banquete por seus amigos e collegas.

A 2 de Abril de 1908 assumiu a posse da cadeira de — pathologia medica, substituindo o prof. Almeida Magalhães, e no mesmo anno tomou parte no 4.º Congresso Medico Latino-Americano. Mais tarde foi transferido para a cadeira de clinica medica.

Tomou posse do lugar de director da Faculdade de Medicina do Rio a 2 de Janeiro de 1915, conservando-se até agora nesse posto.

Convidado pela classe medica argentina, foi a Buenos Ayres em 1916 e participou do certamen scientifico, o primeiro Congresso Medico Argentino, por um acto de captivante gentileza dos seus collegas platinos.

Eleito para a Academia Brasileira de Letras, por 25 votos, a 14 de Novembro de 1917, tomou posse em 15 de Abril de 1919, evocando recordações confortantes do pae e tecendo o panegyrico suave de seu antecessor.

Com o "Tractado de semiotica nervosa" completára o "Tractado de clinica propedeutica" do projecto prof. Francisco de Castro do qual appareceram dous volumes. Só foi publicado o primeiro tomo dessa importante obra dedicada a um ramo complicado da clinica medica, onde o autor estuda as affecções nervosas, dividindo o volume em duas partes: semiotica das formas exteriores (do facies, da mão, do pé, do thorax, etc.) e semiotica das perturbações da motilidade (catalepsia, convulsões, espasmos, ticos, choréas, paralyisias, etc.).

A outra obra scientifica, de parceria com Oscar de Souza, é subordinada a um assumpto muito especial, apresentando varios casos de clinica hospitalar.

As mesmas observações feitas relativamente á entrada de Oswaldo Cruz para o Syllogêo applicam-se a Aloysio de Castro, embora se apresente um character distinctivo digno de ponderação, no que concerne á cultura litteraria e ao apuro do estylo.

A despeito do amor inveterado á linguagem dos classicos e do convívio com obras litterarias que lhe emprestaram a illustração reconhecida, a elegancia e pureza de fórma nos seus escriptos, deve-se desejar



a selecção de especialidadss e aptidões, o methodo e propriedade de trabalho, de modo a se conseguir o maximo effeito no desenvolvimento dos ramos varios do saber humano.

E' indiscutivel o merito litterario das allocuções do dr. Aloysio de Castro, é sabido mesmo que elle possúe dotes de eloquencia, sendo considerado como fino e elegante orador. Mas a linguagem castiça e os primores de estylo não são incompativeis com as sciencias, a philosophia, a historia e a politica.

As allocuções do academico não interessam ás bellas letras e subordinam-se todas ao character scientifico, principalmente a assumptos de medicina.

E' preciso convir que a Academia não têm por mera funcção conferir um titulo de gloria aos seus membros. Ella visa o desenvolvimento da lingua e litteratura no Brasil. E ainda que sóbre competencia ao dr. Aloysio de Castro para estudar semelhantes assumptos e discernir com acerto sobre as decisões do cenaculo, será desviado da sua competencia especial e prejudicará assim a obra que o deve preoccupar incessantemente.

Não quero dizer que seriam condemnadas as digressões de um scien-tista no dominio das artes. Julgo até necessaria semelhante divagação, não só com o intuito de proporcionar o indispensavel descanso cerebral, como para conseguir o polimento e o brilho que tanto resaltam as obras escriptas.

Os homens de sciencia ou os philosophos, como um industrial ou um politico, carecem de illustração litteraria e educação artistica e podem mesmo dedicar-se incidentemente a escrever sobre themas extranhos á sua especialidade, accumulando até duas funcções distinctas, a do seu cargo ou profissão e a do seu *dilettantismo* ou entretenimento. Pode ainda cumulativamente, e sem prejuizo de nenhuma, o que só conseguem as organizações privilegiadas, dedicar-se com a mesma intensidade a dous generos oppostos.

E' o caso de José de Alencar, Ruy Barbosa e Afranio Peixoto e tantos outros. Mas é forçoso reconhecer que aos attrahidos pelo fôco da Academia compete dedicação particularisada á litteratura, á obra ideialista, em vez da sciencia ou dos estudos positivos.

O proprio dr. Aloysio rememorou o conceito da perspicacia philosophica de Machado de Assis, com referencia a Francisco de Castro: "Confesso um receio. A sciencia é má vizinha; e a sciencia tem no sr. Francisco de Castro um cultor assiduo e valente. "Com effeito, cedo o poeta olvidou a lyra, absorvido pela curiosidade pesquisadora que desperta a sciencia. O presentimento do autor de "Quincas Borba" transpuz o ambito da conjectura, a phantasia do poeta asphyxiou-se na atmospheria pesada da realidade, foram os versos substituidos pelas receitas do clinico e as prelecções do abalisado professor.



No entanto, a Francisco de Castro, como ao seu illustre filho, sobejavam a cultura litteraria e não faltava a aptidão.

O actual occupante da cadeira Bernardo Guimarães é um espirito affeito na leitura dos classicos, é um devoto no culto do idioma vernaculo. O seu estylo é elegante e sobrio, a sua phrase burilada tem colorido e expressão.

Da leitura dos tres volumes das "Allocuções academicas" se deprehen-
de que o autor é illustrado e erudito.

Afranio Peixoto ao recebê-lo no cenaculo litterario, fez sobressahir o seu amor aos livros lidos e relidos, attingindo a um certo grão de sensualismo pagão.

Tem, portanto, todos os requisitos para penetrar no templo consagrado ao culto das bellas letras. Resta saber se assumirá a feição de um crente fervoroso, de um proselyto praticante, ou permanecerá em attitude espectral, de mera contemplação.

As suas credenciaes foram habilmente sustentadas pelo embaixador, o seu paranymphe no acto da posse, fazendo-o acreditar perante a Academia.

Vocação e competencia não lhe escasseiam; mas não se sabe se o clinico e o professor permitem a partilha do labor, em vigílias ou serões, entre a diversão das leituras e a profissão do medico, como o praticam outros muitos dos seus confrades.

Se assim succeder, desaparecerá a objecção de quem não reconhece incompatibilidades entre advogados, juizes, professores, militares, politicos, engenheiros, diplomatas e funcionarios e a carreira litteraria.

Summario para um estudo completo

Herança de um nome — Tirocinio para manter o legado — Programma realisado — O joven sabio — O professor e o clinico — A cultura litteraria — O orador e o seu estylo — Reparos sobre o criterio dos expoentes da cultura — Não ha incompatibilidades, mas devem existir credenciaes.



FLAMMA E ARGILLA — *Menotti del Picchia* — Casa Edit.
“O-Livro” — S. Paulo — 1920.

A moderna literatura nacional é feita de *plaquettes*. *Plaquettes* de versos, de chronicas, de contos... de estudos de Critica. Romance apparece um ou outro durante o anno. Não é fructa que tente o paladar dos escriptores, que conhecem a vertigem da vida e a carencia de tempo dos leitores... Demais, requer folego longo, e a falta de folego é a causadora das derrotas em todos os ramos da actividade humana... até no foot-ball. Dahi o afastamento.

Ora, este começo de anno parece querer mudar a face das cousas e enveredar por uma nova senda, pois, innominavelmente e sem precedentes na historia literaria destes ultimos vinte annos, ahi estão, entre publicados e annunciados, para mais de seis romances.

Flamma e Argilla é um delles. Firma-o Menotti del Picchia, poeta de nome feito, como o creador de “Juca Mulato” e como uma das mais solidas esperanças de nossa literatura. E’ temperamento origina- lissimo, em que se caldearam, harmoniosamente, todos os estos e tristezas de nosso clima com todos os refinados requintes da cultura italiana.

Flamma e Argilla não é bem um

romance. A rigor são dois, que se-guem linhas paralelas e distinctas. Num dado momento, o primeiro converge para o outro e lhe motiva, moralmente, o desfecho.

Apparecem aqui todos os homens, o Aldo, Paulo Mattoso e o Brenno e suas tres respeitaveis mulheres, a Elza, a Zilda e Wanda. O primeiro e a ultima são figuras apagadas, meras comparsas obrigato-rias que garantem o classico “me-nage á trois”. Os outros quatro é que são os typos protagonistas da obra.

Paulo ama sua esposa Zilda e des-confia que ella não lhe retribue o affecto.

Brenno e Elza amam-se tambem, mas adulteramente, enganando a Aldo e Wanda.

O romance começa no momento em que Paulo Mattoso, convencido de que sua mulher o não ama, e exasperado por uma theoria social toda delle, cuja base é a renuncia, pede o divorcio. Quer deixar a mu-lher livre e fazer-lhe gozar o amor que não encontrou nelle.

Já a esse tempo o idyllio illegal de Brenno e Elza era velho, sem ter, comtudo, arrefecido. Era o mesmo como nos primeiros dias.

Obtido o divorcio, Paulo resolve viajar pela Europa. E’ o meio de fugir á obsessão da mulher que elle

adora e cuja perda, já agora fatal, o allucina.

Mas minutos antes de embarcar, num desvairamento tragico, assassina a esposa.

"E o cadaver sangrento de Zilda atravessou o caminho e amargurou a vida" de Brenno, causando-lhe "a parada da illusão". Foi o choque brutal que lhe trouxe á alma o cansaço e a necessidade de abandonar Elza ainda apaixonada.

Desse simples enredo o autor soube fazer um bello livro, onde muitas scenas são optimamente descriptas e onde muitas passagens empolgam. Não é, decerto, um *capolavoro*, como se diz hoje na gíria dos cinemas. Mas attendendo-se a que foi escripto ha quatro annos e que é, na prosa, o seu livro de estréa, é innegavelmente uma obra digna de menção e de destaque. Agrada e prende.

Seu estylo tem scintillações descriptivas como estas:

"Lindo!

"Era a orgia do verde.

"Elle estava no alto do espigão, firme na sella, dominando todo o horizonte; uma evulsão cataclysmica arregoara as fraldas, de onde as aguas dos rios manavam como de chagas abertas nas carnes do morro; as escarpas escalonavam as montanhas, ora congestionadas de rochas, ora esbarrondadas em cafurnas. Parecia o horizonte um mar titanico e rebelde, fulminado na sua colera, calcinado em vagalhões ameaçadores".

Ou este:

"A cainçada, reteza nas patas, colmilhos rilhantes, acuava e gania e as trompas metallicas e epicas atroavam a baixada. De repente, o

focinho curvo da capivara emergia da agua verde e um tiro explodia secco. A agonia do animal baleado era heroica. Ferido, debatia-se numa furia de conservação, remexendo as aguas, que fervilhavam de bolhas e alvejavam de espuma. Por fim o arpão figava-lhe o ventre e ella morria, deixando na agua esverdinhada, um rasto vermelho de sangue".

Na analyse dos typos masculinos o autor se revela um psychologo in vulgar. Paulo Mattoso e Brenno estão phantaziados com uma elegancia de linhas sobria, sem demasias e sem seccura.

Brenno é um sceptico que sabe esquadrinhar-se e sabe surprehender os flagrantes de sua consciencia duplice. E debatendo-se entre o dever e a tentação, auto-escalpella-se com precisão.

Na visita que Elza faz a Wanda enferma esse contraste está bem frizado e a maldade humana reçuma allí como a humidade de uma talha cheia.

Paulo Mattoso é um visionario, um impulsivo, espalha fatoso em seus sentimentos, que inventou para seu martyrio duas cousas phantasticas: a duvida de que a mulher não o ama e uma theoria pela qual elle, altruisticamente, deve renunciar á posse de Zilda.

"Ha na vida milhares de almas que soffrem porque estão deslocadas — explica Mattoso. São como forças latentes ou melhor seres mutilados que esvasiam uma vida incomprehendida com a finalidade amputada".

Quem as amputou foi um casamento errado, e Paulo quer corrigir o seu erro, sacrificando-se.



A exposição desta doutrina é feita por Menotti del Picchia com brilho. Dá-lhe uns ares tentadores, como quem conhece as subtilezas da logica e conhece as diabólicas chicanas da dialectica.

E força e belleza tem ainda as paginas em que Paulo desde o momento de sua separação definitiva vae de allucinação em allucinação até explodir no desastre fatal, apesar de protestar sempre querer seguir á risca a sua theoria.

Esparsas pelo livro, como notas pittorescas, abundam os incidentes impressionistas de que, propriamente, não depende o enredo do romance. "A festa da colheita", "a florada", a descripção do desbravamento das terras paranaenses, a scena de tio Bento são aguas-fortes de um sabor todo especial.

Das figuras femininas não se pôde dizer o mesmo. Tocamos aqui a parte menos cuidada da obra.

Nenhuma dellas — são tres—tem o relevo necessario e resentem-se desse nosso vicio nacional de intellectualizar demais. Wanda, já ficou dito acima, é um mero ornamento. Zilda pouco apparece e o rotulo de hysterica degrada-lhe o encanto.

Só restaria Elza, typo verdadeiramente interessante, si aqui Menotti del Picchia não tivesse calcado tanto no defeito citado. E' mulher "alta" demais. As provas?

Aqui está uma, á pag. 41:

Elza e Brenno passeavam no pomar de braços dados. A certa altura encontram a herma "representando o cariz jogralesco de Pan, bocca fendida num rictus de malicia e chavelhos pontudos como os

de um cabrito. A sua expressão era tão viva que Elza o olhou com um desapontamento irritado:

"— Que cousa horrivel ! Por que este mostrengo aqui?

"— E' um motivo decorativo para quebrar a nota selvagem do pomar.

"— Devia deixal-o tal qual é. A obra humana sempre encerra alguma cousa maliciosa ou perversa. Nesse esgar ha um mundo de perfidia... A natureza é casta. Achou nalgum ramo ou nalgum fructo uma offensa para a sua susceptibilidade? Pois bem, bastou o artifice tocar com um escopro essa pedra para que a malicia humana se perpetuasse nos sulcos que deixou..."

E' forte, hão de convir...

A primeira parte do cap. X, quando Brenno e Elza discutem a doutrina de Paulo, está tambem toda moldada nesse tom. E é curioso que a mulher leva a palma a Brenno, psychologo, por meio de raciocinios.

Ha alli passagens como esta, á pag. 172:

"Você se engana. O destino não erra nunca. A sua maior belleza está justamente na formidavel maravilha dos contrastes... Essas almas incomprehendidas, amputadas, são necessarias á harmonia do universo, porque a propria imperfeição é imprescindivel á obra perfeita..."

Ou esta, á pag. 173:

"O homem não quer soffrer. Nossa vida, que é um perpetuo sofrimento, não exprime mais, em toda a sua dor, sinão a lucta por um instante de alegria... Na dissimulação ha, pois, mais caridade.

O engano mantem a apparencia; enquanto esta finge a existencia da verdade, o homem não soffre, porque elle não vive da verdade, mas da illusão da verdade”.

Ha mais cousas, mas eu não posso citar o livro todo.

Essas paginas denunciam um analysta audaz, pouco provavel em cerebros femininos, educados á moderna. Si elle existisse, daria á mulher um logar se destaque em nosso meio...

A verdade é que atraz dos discursos, está o espirito multiforme de Menotti del Picchia. Tambem é verdade que elle se salientou entre tantos literatos nacionaes... mas como homem.

Um ultimo reparo. Em a *nota* final do livro, a proposito da semelhança do cap. VII de *Flamma e Argilla* com uma observação psychologica, de Sudermann, em “Capricho de Mulher”, o autor leva a probidade literaria a um ponto que entra o terreno escorregadio do escrupulo. Essa *Nota* é innoxia. Ninguem que acompanhou o surto firme e expontaneo de Menotti del Picchia poderia julgal-o capaz de um plagio.

O elance de uma mentalidade definea, naturalmente. Podem allegar que ha sempre, em todas as colmeas de arte, cerebros maldizentes que vivem a rebuscar coisinhas para denegrir o valor de um homem. Mas isso é um mal fatal e necessario: a maledicencia é a unica originalidade dos mediocres.

E as individualidades devem pairar acima dessas pequenas misérias.

SUD. MENNUCCI.

LITTERATURA CONTEMPORANEA—O SR. JULIO DANTAS

— *Fidelino de Figueiredo*—*Classica Editora* — 3.ª Edição — Lisboa — 1919.

E' este um livrinho que se lê ao mesmo tempo com muito prazer e muito proveito. O A. conhecido e estimado historiador e critico literario, nas 80 paginas desse estudo sobre a personalidade literaria e artistica do sr. Julio Dantas, em linguagem clara e elegante e, sobretudo, com muita probidade e erudição, faz a analyse da obra desse escriptor contemporaneo, conseguindo, admiravelmente, levar ao leitor a convicção de que em tal obra, ao lado de alguma belleza artistica real, abunda abusivamente, constituindo-lhe quasi toda a essencia — um constante acervo de bonitezas artificiosas. Com o mau gosto, que, de mãos dadas á leviandade literaria, actualmente campeia em ambos os paizes de lingua portugueza, levando o publico que lê ou que frequenta theatros, a predilecção pelas levezas literarias de que o sr. Dantas é emerito producer — a divulgação deste trabalho do sr. Fidelino de Figueiredo representaria um precioso elemento de reacção salutar, pois que conseguiria desvendar muitos olhos de boa fé que por aqui e por lá andam ingenuamente offuscados pelo falso brilho das lantejoulas faceiramente agitadas pela soffrega penna do maneiroso poeta, jornalista, escriptor e dramaturgo portuguez contemporaneo.

O trabalho typographico, esmerado, dá optimo aspecto ao livrinho do sr. Figueiredo.





VICTOR BRECHERET

Encontrará o leitor nesta revista duas reproduções de esculturas que merecem uma parada. Paremos juntos, e juntos admiremos tão soberba manifestação da grande arte. Admiremos sem reserva, que isso é arte de verdade, da boa, da grande, da que põe o espectador sério e, se é sensível, commovido. "Despertar" e "Eva" suggerem-nos de chofre grandes obras de grandes esculptores mundiaes. Porque os caracteristicos essenciaes destas — a vida, o movimento, a elegancia da linha, a força da concepção e, sobretudo, esse mysterioso quid que é a alma perturbadora das verdadeiras obras d'arte — são tambem os caracteristicos que individualisam os trabalhos de Brecheret. Victor Brecheret — é este o nome do novo esculptor, paulista de nascimento, extremamente novo ainda, 22 annos apenas — Brecheret como esculptor é um producto do seu proprio esforço.

Fez-se por si, sem a calentura commoda do halito official — máo halito, muitas vezes, conforme é a bocca á qual a inconsciencia do Estado empresta a força divina de formar artistas. Honesto, physicamente solido, moralmente emperrado na convicção de que o artista moderno não pôde ser um micro "eclectisador" de fórmãs revelhas e ha-de crear arrancando-se á tyrannia do autoritarismo classico, Brecheret apresenta-se-nos como a mais seria manifestação de genio esculptural surgida entre nós. Por mal seu, já que é assim, porém, uma coisa só tem

a fazer: as malas, e raspar-se. S. Paulo — já o proclamou Martim Francisco — é um oito. O monumento da Independencia breve dirá se é assim ou não.

O APPARELHAMENTO INDUSTRIAL DO BRASIL

A guerra que acaba de se ferir na Europa com a cooperação de todos os povos do globo, havia fatalmente de ser como todas as outras, mais proveitosa á humanidade do que as theorias mais modernas da economia politica e se bem que, ainda cedo, para verificarmos a influencia extraordinaria que ella operou até nós, podemos entretanto desde já decompor-lhe os resultados, porquanto como toda lição pratica, a sua acção foi decisiva.

O Brasil havia forçosamente de tirar desta pugna os mesmos ensinamentos que se colhe de qualquer desgraça e no vigor da juventude em que ainda se acha os effectos da pavorosa hecatombe lhe foram surpreendentes.

Entre todos, porém, nenhum mais digno da attenção do observador, do que o surto que lograram as industrias do paiz durante os quatro annos de guerra. O espanto foi geral e pouca gente se lembrou, de que nos tropicos a terra tem o poder maravilhoso de fazer milagres, accelerando as idéas dos homens, da mesma fórmula que a seiva dos vegetaes.

Seguindo a tradição em que fomos criados desde a primeira infancia, não procuramos entretanto dar a este appa-

relhecimento industrial a orientação methodica que se impunha, orientando, antes de tudo, as necessidades da terra e o que vimos mais tarde foi a industria manufactureira, garantida por todos os privilegios, offerecer melhores vantagens do que a industria extractiva que sempre foi a maior alavanca do nosso progresso. Ao emvez de garantirmos efficientemente as industrias tradicionaes do paiz e algumas outras, que não dependiam de um aparelhamento complicado como as derivadas do ferro, do carvão e do aço, pretendemos inverter as leis naturaes do meio e sem medir os inconvenientes de tão desastrada politica economica, transformamos o paz essencialmente agricola, numa potencia industrial forçada.

Entretanto, nada mais desolador para quem se detenha na contemplação de taes factos, do que, de um lado, o progresso visivel da industria manufactureira do Brasil e de outro, o abandono em que se acham os principaes productos do seu sólo, a industria extractiva por assim dizer.

Esse desequilibrio se torna tanto mais grave, quando considerarmos o estado actual de certos generos de nossa producção agricola e raciocinamos sobre o atrazo em que permanecemos ainda hoje, relativamente ás cousas que sempre constituiram as fontes mais directas da riqueza nacional.

Agora mesmo, assistimos a agonia da borracha sómente porque não a aparelhamos tecnicamente para concorrer aos mercados com a similar da Malasia.

O assucar e o algodão, as primeiras culturas que os nossos avós nos legaram, se resentem de grandes falhas no seu beneficiamento e se tem sido ultimamente hafejados por preços mais compensadores, é tão sómente porque as consequencias resultantes da guerra o tornaram mais procurado nos mercados consumidores.

O matte condemnado á ruína, porquanto sem ser colhido por processos racionaes nem tão pouco cultivado como na Argentina, continúa victima da ignorancia do hervatero, cuja adaga impiedosa

é tão destruidora como o machado do lenhador.

Os cercaes, hases da nossa alimentação, como o feijão, o milho e o arroz, sómente em 1918 começaram a ser immunisados por processos scientificos e isto porque as principaes remessas feitas para a Europa durante a guerra foram tidas como de qualidade inferior.

O mesmo deu-se com as carnes congeladas, prohibidas officialmente de entrar na Inglaterra, não porque não dispuzessemos de frigorificos modelos, mas sim porque consentimos que criadores ambiciosos e sem interesse pelo futuro dos nossos rehanhos, "sujassem a harriga" da maioria das nossas vaccas, com o sangue do zebú, mão grado os conselhos patrioticos do notavel zootechnista Luiz Pereira Barreto.

A palavra industria entre nós soffreu a restricção mais absoluta, sem termos em vista que no seculo actual os prodigios da chimica-agricola revolucionaram o mundo convertendo a lavoura scientifica na pedra angular do progresso humano.

Tudo que provem afnal da terra ou com ella se relaciona directamente se de todo não condemnados ao abandono, o certo é que relegamos a um plano de inferioridade indiscutivel.

Apenas com excepção e para comporvar a regra geral, existe no Brasil uma industria agricola que se acha bem organizada — a do café — não só porque encontrou a sua Chanaan na terra roxa, como tamhem, pela razão de que, os demais centros productores do resto do gloho são inferiores ao "habitat" brasileiro, em area e civilisação.

Os engenhos de cacáu em sua maioria, não dispõem das machinas modernas de seccagem e deixam ao sol o delicado mister das estufas.

Quanto ao fumo, só conheço os processos de benefical-o usados na Bahia e Minas, porém, como quasi tudo o que é nosso, a nacionalidade o envergonha e elle continua a ser aristocraticamente de Havana...

O trigo, a cevada e o centeio não ferirei, porque se ha muito tamhem introduzidos no paiz, apresentam um de-

envolvimento bastante lento, em relação aos generos padronaes do nosso commercio exterior.

No dominio da pomicultura, ninguem ignora que o Brasil é o noyo paraizo terreal e que foram as sementes das laranjas da Bahia que deram origem aos pomares da California.

Mas, não é preciso ir mais longe. Basta sómente o atrazo em que ainda hoje se encontram a canna de assucar e o algodão, para documentar o contraste frisante da nossa decantada riqueza agricola, pois que modernamente a expressão riqueza não é applicada sómente com relação aos lucros dos individuos, porém num sentido muito mais elevado e é precisamente este, do bem estar collectivo, resultante da excellencia do fabrico e dos methodos aperfeiçoados de obtel-o.

Com relação a taes productos os primeiros que exploramos mechanicamente, basta dizer que as estações experimentaes da Escola e de Campos contam pouco mais de um lustro de existencia e as prensas hydraulicas foram tambem ha pouco installadas nas capitaes das zonas productoras.

As grandes usinas cooperativas nos moldes das Antilhas e os processos scientificos do algodão "Sea Island", têm sido objecto das mais brilhantes conferencias e relatorios, mas "malgre tout", continuamos boje quasi como nos achavamos ha trinta annos atraz.

Sómente uma industria no dominio das extractivas realisou consideraveis progressos no Brasil: a da devastação das mattas que tem no commercio e serragem do pinho sua representante typica.

Desde o Amazonas aos rincões do Con-testado e do Rio Grande do Sul que as florestas, sobre cuja sombra a natureza escondeu os mais opulentos thezouros mineraes, vêm sendo systematicamente devastadas, destruidas e exterminadas por todos os processos.

Seja para supprir o carvão, cujo problema discutimos ha 70 annos, seja para incrementar o commercio de madeiras talvez o mais facil e rendoso do universo ou afinal para obter terra rica de bum

para certas lavouras, o certo é, isso que vemos no Paraná e Espirito Santo principalmente: a derrubada impiedosa sem a precaução economica que todo ser consciente tem por instincto.

Ceguei até aqui, para mostrar que ha evidentemente entre a nossa industria agraria e extractiva de um lado e a manufactureira de outro, um contraste bem accentuado e fatalmente de resultados bem desastrosos para o futuro, se desde já não quizermos disto nos aperceber.

Realmente de que nos valem esta industria illusória da metallurgia, das sedas e tantas outras quando a materia prima é importada do estrangeiro?

Que tenhamos boas fabricas de fiação e tecelagem de algodão de beneficiar e aproveitar tudo o que a natureza nos deu, nada mais logico, porém isso de crearmos industrias decorativas, cuja manutenção depende directamente de favores officiaes e da contingencia em que se viu o consumidor de adquiril-a por causa do estado que tributou em excesso a similar estrangeira, é demais.

Ninguem procure enxergar nestas linhas obstinada mania de dizer mal das nossas cousas.

A minha carreira de publicista, tenho-a norteadado até hoje em linha constructora e se, como agora, sou forçado a taes apreciações, é exclusivamente para bemdizer aquillo que a minha consciencia me garante ser justo. Falo em these. O que tenho visto nesta capital no terreno das iniciativas e dos empreendimentos tem enchido do maior jubilo o meu coração de brasileiro.

Foi sobretudo no recinto pouco cbeio de attractivos da Uzina de Beneficiamento e Immunisação de Productos Agrícolas, que este jubilo natural se converteu no mais sincero enthusiasmo.

Ahi está a industria mais proveitosa e util para o Brasil e particularmente para um centro cerealifero da importancia do Rio Grande do Sul.

Encarecer a importancia de um estabelecimento como este, tão perfeito como os que visitei em S. Paulo e no Rio de Janeiro, principalmente depois do parecer emittido sobre o seu congenere da capital do paiz pela commissão do Instituto Os-

waldo Cruz, seria manifesta nescidade.

Indústrias iguaes a esta que não valem apenas como attestado do nosso progresso, mas cuja função mais importante é favorecer e valorisar o trabalho do maior factor da nossa prosperidade — o trabalhador rural — é que precisamos desenvolver não só para não passarmos pela decepção de vermos os nossos cereaes apodrecerem no porão dos navios, mas antes de tudo, porque o futuro das nações civilisadas está hoje, mais do que nunca, subordinado ao problema vital da alimentação, o que quer dizer absoluta garantia de immunisação dos celheiros.

PLINIO CAVALCANTI

(*"Correio do Povo" — Porto Alegre.*)

A DESCOBERTA DA AMERICA

Um collaborador do "New York Times", o professor Albert F. Porta, encetou ha pouco tempo, nas columnas daquelle jornal, uma série de artigos sensacionaes, a proposito de viagens realisadas por etruscos e romanos através do Oceano Atlantico, entre a Europa e a America.

Dessa série, transcrevemos o ultimo artigo publicado em dezembro proximo passado, o mais importante delles, pelos documentos interessantes que o illustram.

O artigo do professor Albert F. Porta é o que se segue:

"Desde que encetei a recente publicação da minha série de artigos sobre viagens etruscas e romanas através do Oceano Atlantico para o continente americano, varios seculos antes de Colombo, tenho recebido um consideravel numero de inquirições a respeito da exacta natureza dos documentos sobre os quaes, principalmente, muitas das minhas deducções com relação a essa travessias foram baseadas.

Graças á gentileza do Sr. Mariano Rossi, proeminente cidadão de S. José da California, que está de posse dos documentos em questão, acho-me agora habilitado a divulgar a natureza de alguns desses papeis tão importantes para o registro da historia e da archeologia.

Antes de tudo, o Sr. Rossi tem em seu poder o fac-simile de uma carta

agora conservada na bibliotheca do Vaticano, em Roma, escripta no anno de 1439, por um certo Taddeu Visco, chanceller da Côte de Napoles, durante o reinado do rei Jayme e da rainha Joana e dirigido á duqueza de Sessa, uma das criadas graves da rainha.

O ENCONTRO DE UM MANUSCRITO DE PLINIO

Nessa carta o chanceller descreve os resultados de uma busca levada a effeito por elle e Dominicus Docier, capellão da Côte, através da bibliotheca do antigo convento Montecaccino, proximo de Roma, a qual poz a lume, como um ponto de partida, o manuscrito inedito de Caius Plinius Secundus (Plinio, o velho), que pereceu na grande erupção do Vesuvio, que destruiu Pompéa e Herculanium, no anno 79 antes de Christo, reinando Tito, imperador.

O manuscrito de Plinio narra com algum desenvolvimento o bom exito da sua viagem através do Atlantico, até a "Tullia Minor" (ilha dos Açores), e dahi até a "Tullia Maior" (golpho do Mexico), onde encontrou um povo de pura origem Oscan (etruscos), que falava a linguagem etrusca e havia conservado varios dos usos e costumes dos seus antepassados, os quaes, como povo propriamente dito, ha muito bavia desapparecido do seu primitivo "habitat", na Italia Central.

O rei desses etruscos-americanos, disse Plinio em seu manuscrito, chama-se Rosellae, nome composto dos nomes de duas florescentes cidades da Confederação Etrusca 500 annos antes do nascimento de Christo.

UM PRECIOSO MAPPA DE 1422

O rei Ucius, prosegue o manuscrito, recebeu Plinio na cidade, hoje em ruinas, de Uxmal (outro nome etrusco), em Yucatan e narrou ao sabio romano que os seus antepassados tinham aportado na America, aproximadamente 500 annos antes, em uma trireme, tendo fugido através do estreito de Gades (Gilbratar) após a derrota soffrida pela esquadra etrusco-carthagineza em Himera, proxi-



mo de Palermo, na Sicilia, infligida pelo tyranno grego Gelon e suas forças.

Plinio acrescenta ter permanecido varios mezes em Tullia Major, antes de voltar a Roma. Foi uma verdadeira fortuna ter sido a carta do chanceller Visco conservada, porque o manuscripto de Plinio, a que ella se refere, parece ter sido perdido ou destruido. O segundo documento entre os preciosos que o Sr. Rossi possui, — e possivelmente de maior importancia que a carta de Visco — é um mappa rustico, desenhado sobre pergaminho, datado de 1422 e assignado por Dominicus Docier e Taddeu Visco. O mappa indica, ao que parece, um roteiro através do estreito de Gibraltar, dahi aos Açores e pelo golpbo do do Mexico, o qual está quasi correcto embora rudemente delineado. Esse mappa fóra feito 70 annos antes de Colombo ter “descoberto” a America. Um outro mappa feito em 1439 está assignado por Taddeu Visco e Dominicus Colombo, pai do “grande descobridor”.

A’ vista dessas indicações, é absolutamente razoavel suppôr que Colombo, quando se fez á vela do porto de Palos, não ia procurar o caminho das Indias, como popularmente se suppunha, porém estava naquelle momento na posse de um diffinitivo conhecimento do “Novo Mundo” e da maneira de lá chegar.

O documento n. 3 da collecção Rossi, que o possuidor trouxe comsigo da Italia, ha cerca de 29 annos passados, é um pergaminho tambem assignado por Taddeu Visco e Dominicus Docier, no qual são relatados alguns detalhes da viagem de Julius Sabbino, (que se dizia descendente de Julio Cesar), para a America, no anno 70 ou 71 antes de Christo.

ACCUSADO E CONDEMNADO

Sabbino, quando residente na Gallia do Sul, fomentou uma revolução contra o governo romano, que fracassou, e em consequencia foi sentenciado á morte, pelo imperador Vespasiano. Temendo a captura, evadiu-se, prouorando refugio em uma cava ou gruta, donde sahiu mais tarde, disfarçado, para Roma, e ahi supplicou a Plinio usar da sua influencia

junto ao imperador, afim de garantir-lhe a commutação da sentença.

Envez disso, Plinio preparou uma expedição na bahia da Biscaia e despachou Sabbino com algumas centenas de bomens e mulheres (na maioria bascos) afim de fundar uma colonia em Tullia Major, onde representaria a elle Plinio.

Sabbino aportou á região hoje conhecida como boca do rio Sabbino, divisa entre os Estados do Texas e Louisiana, e ahi fundou uma povoação. Explorou tambem a costa do golpbo, a partir desse ponto, até o extremo da Florida, fundando uma outra povoação no logar ainda hoje denominado Porto Romano, na costa sudoeste da Florida.

Uma livre traducção das notas de Visco Docier, sobre esse assumpto, diz o seguinte: Julius Sabbino de Lingoni fez-se á vela, da Gallia, com muita gente e chegou até as Antilhas. Tomou posse dessas terras e ahi reinou como principe e conde. Voltando á Gallia, foi visto pelos guardas romanos e refugiu-se em uma gruta. Preso e conduzido a Roma, foi, graças á influencia de Plinio, perdoado. Tempos depois, porém, não tendo cumprido o contrato feito com Plinio, foi condemnado á morte pelo imperador Flavius Vespasianus.

Genus, filho mais velho de Sabbino, tendo recebido de seu pai um mappa secreto, fez-se ao mar, com uma partida de aventureiros. Nesse anno, parece, as algas marinhas cresceram com muito vigor por detrás das ilbas da Tullia Minor, (Açores), de modo que elle não pôde proseguir nem voltar para a Gallia.

19 de maio de 1439.

Assignado:

Taddeu Visco”

(Da “Gazeta de Noticias” — Rio).

AS CURIOSIDADES DO PE’ ESQUERDO

Diz-se que os homens se apoiam mais sobre o pé esquerdo do que sobre o direito. Quando uma pessoa está distrahida, insensivelmente, sem que disso se aperceba, faz força sobre o pé esquerdo.

Isto seria uma especie de reacção natural do corpo para o equilibrio dos qua-

tro membros: Sendo a mão direita a que mais trabalha, do lado opposto seria o pé a trabalhar mais. Quer dizer que o esforço maximo do homem seguiria a direcção de uma diagonal entre os quatro membros: da direita para a esquerda, e de cima para baixo.

Carlos Magno, tinba um pé que era a setima parte da sua altura, que, segundo consta, era enorme! Victor Hugo affirma que foi esse pé de Carlos Magno que se tornou medida. Quando os antigos diziem que a tal arvore ou a torre da igreja tal é alta tantos "pés", — era ao pé imperial de Carlos Magno que elles se referiam e não a um pé qualquer...

Mas, a qual dos dois pés de Carlos Magno, ao esquerdo ou ao direito? Por que é preciso que se saiba: os dois não são eguaes.

E qual é o maior: o direito ou o esquerdo?

A anatomia attribue, de modo geral, maior volume aos membros direitos. Anomalia creada, sem duvida, pelo facto de trabalharmos mais com a mão desse lado. Por isso se devia dizer, "scientificamente", que o pé direito era o maior.

Mas contra isso se levantam os sapateiros e a observação clinica.

O sr. Costa, da Sapataria Trianon, diz que o pé esquerdo é maior do que o direito.

— Mas como sabe disso?

— Calçando freguezes ha mais de trinta annos, e observando.

— E como explica o senhor esse phenomeno?

E o sr. Costa responde sem vacillar:

— E' que a gente descança mais sobre o pé esquerdo; faz mais coisas com o pé esquerdo. O peso do corpo fatiga mais esse pé. Quando estamos distrahidos, inconscientemente, trabalhamos com o pé esquerdo, e elle fica mais "avantajado".

E o sr. Costa não fala só por elle. E' noção corrente entre os sapateiros de que o pé esquerdo é maior do que o direito.

A observação é antiga.

Quanto ao facto de trabalharmos mais com esse pé, a Sciencia registrou factos de algum valor.

Um juiz foi consultar um dia um grande mestre da medicina franceza, queixando-se de um incommodo na perna direita. O professor, depois de examinal-o, disse:

— Vous jugez trop sur la jambe gauche! — Querendo alludir a que os homens se distraem, trabalhando com o membro inferior esquerdo, insensivelmente.

E, com effeito, aquelle magistrado, seguindo o conselho do medico, repartindo o esforço, igualmente nas duas pernas, sarou, sem tomar remedios!

(*Diario de Pernambuco*).

O PROBLEMA DO BRASIL

O Rio de Janeiro e S. Paulo dão uma impressão falsa do Brasil. Não ha nenhuma relação de equivalencia entre estas duas grandes cidades, comparaveis pelos aspectos do seu conforto e civilização urbanas a qualquer das capitães européas, com o deserto, o atrazo e a tristeza do nosso immenso "hinterland". Creio bem que, salvo a zona cafeeira de S. Paulo, com a sua incomparavel riqueza rural, as colonias do sul, trechos, talvez, do reconcavo bahiano, e da "mata" pernambucana, onde se succedem as usinas de assucar, e da região de cannaviaes de Campos, é o interior do Brasil uma visão dolorosa de abandono e decadencia. Saíndo-se do Rio ou de Nicterooy pela linba da Central ou da Leopoldina, a meia hora dos suburbios, com o seu verniz falso de civilização européa, começa o meio-deserto, o inferno das raças precocemente condemnadas pelas endemias tropicaes, pelo alcool e pelo analfabetismo.

De um lado e doutro da linha ferrea, pelos largos horizontes que a vista abrange, a mesma paizagem desoladora das varzeas alagadiças e pantanosas, de sapesal eterno e mangues infectos ou de morros agrestes, com o seu pasto nativo de capim gordura e as suas "capoeiras" de imhaubas. Raramente, podem repouisar os olbos numa seara qualquer: milbaral que ondula ao vento, mandiocal ou cafe-sal que galga os morros, pequenos feijoas quasi indistinctos em meio das "pragas" selvagens que o ameaçam. A's

vezes, na sombra fresca das arvores, o vulto monstruoso de um zebu, ou ao longe, no fundo da paisagem, a silhueta de uma pobre vacca que o "carrapato" e a "aphthosa" reduziram a pouco mais do que um esqueleto. Aqui, uma velha casa de campo, quasi sempre em ruinas, como a memoria da grandeza passada e que não mais voltará; ali uma triste choupana de sapé, onde mal se abriga das intemperies numerosa familia de "colonos". Mais além, em torno da igreja colonial, sem um toque de arte ou de gosto, algumas casas. E' a estação, a aldeia ou a cidade. Dir-se-ia que se viaja num paiz devastado pela guerra ou pelas pestes, do qual os habitantes validos fugiram todos, abandonando á furia dos inimigos as mulheres, as crianças e os enfermos... Nenhum signal de alegria e de esperança. "Vendas" ignoheis de "cachaca", bazares de "turcos", um bilhar melancolico, onde se matam as boras longas do tedio e da inercia, duas ou tres farmacias, que parecem resumir todo o commercio local... Nos curiosos, que acorrem á estação ou das janellas e das portas das casas contemplam a passagem do trem, difficilmente, descobrireis uma forte figura de homem, tendo ante os vossos olhos a procissão dantesca de anemicos e opilados, de miseraveis que esmolam, de bebados que dormitam á sombra das calçadas e de negros seminus, que vieram trocar a sua quarta de milho pelo litro de aguardente...

Desgraçado Geca Tatu! Esmagado pela natureza, bostil na sua propria exuberancia, abandonado de Deus e dos homens, só conhece da vida as sensações animaes e os aspectos da miseria. Nenhum desejo, nenhuma ambição agita-lhe o coração e eleva-lhe a alma; a ignorancia e, della, a superstição grosseira resumem a alegria dos sentidos no veneno do alcool e as relações do espirito á crença infantil nos feitiços e nas almas penadas. O conforto, a civilização humana estão a cinco seculos de distancia.

Duvidando do testemunho dos proprios sentidos, perguntamos a nós mesmo se esta terra esquecida e esta raça que caminha para o aniquilamento proximo, constituem em verdade o Brasil. Neste

corpo morto, como se explicam a avenida, o Theatro Municipal, "triangulo", de São Paulo, as docas de Santos, toda a fachada urbana do progresso? Onde encontra a sua seiva esta civilização de littoral, com os seus congressos, a sua justiça, as suas academias, toda a entrosagem complicada das modernas sociedades politicas?

Realizamos um prodigio de artificio que se desfará, entretanto, ao primeiro embate serio. Na riqueza deste sólo, na largura desses horizontes, na abundancia dessas aguas, na profundeza dessas matas, é que imagino logica e estavel a grandeza do meu paiz. Tudo mais é illusorio e vão, malfadado fruto de uma politica de urbanismo, que fecba o Brasil nas capitães, nas escolas de doutores e nas repartições do governo, sem saber que contróe na areia, preparando, lenta e seguramente, o derruir do vistoso edificio.

Não ha natureza bostil, nem raças condemnadas. A miseria do sertão brasileiro resulta apenas da incuria ou da cegueira dos dirigentes, que não têm coragem de enfrentar os problemas fundamentais da nossa vida. No dia em que os homens que nos governam poderem esquecer a Avenida, os "meetings" do largo da Carioca e a politicalha daminha pelos campos, o paiz acordará de vez do seu longo somno de morte. Dêem saude e instrução a estes pobres caboclos fatalistas e a esses pobres negros maltrapilhos, aham-lhes estradas, facilitem-lhes credito, integrem-nos no sólo em que nasceram e na propria humanidade, que elles realizarão nas terras quentes do norte e do centro do Brasil o mesmo milagre da America do Norte, da Argentina, da Europa e do oeste paulista. Não subirá um dia, ao Cattete, um homem que tome aos hombros esta obra de construção? Esperei muito no sr. Epitacio Pessoa. Não quero duvidar ainda que a sua clara intelligencia se abrirá em breve á comprehensão perfeita do problema brasileiro, que é simplesmente um problema de educação e produção — isto é, do aproveitamento de todas as nossas forças activas, que residem mais no campo do que na cidade. — JOSE' MARIA BELLO — (D' "O Jornal" — Rio).

A NOSSA DANÇA

Como hygienista e como estheta — a hygiene e a esthetica tem entre si relações muito proximas — sempre me acostumei a ver na dança uma excellente forma de exercicio physico e uma manifestação superior de arte. Ella cultivava a força, suavemente, a flexibilidade, a elegancia, a graça, a gentileza do actor, o sentimento do rhytmo e da harmonia, a ordem, o dominio subjectivo de si mesmo. Ella nos representa a belleza numa de suas manifestações mais impressionantes — a belleza nos movimentos. Dá-nos a modalidade mais graciosa do movimento — o movimento curvilineo. E sem haixeza, sem sordicia, sem brutalidade, excita o instincto sexual, que se não pôde até certo ponto excluir da arte e é uma fonte perenne de sentimentos estheticos.

Aquelles passos cadenciados e medidos, aquelle variar de posições graciosas em que se não percebe o esforço, aquelles giros voluptuosos, a musica, a cór, o perfume, a alegria, o prazer do movimento e da sociedade, tudo nos encanta e embriaga.

Isto é a dança, a dança dos antigos, a dança de hontem.

Mas, a dança não nos revela somente a belleza, nos movimentos e nas sensações: ella nos revela tambem a belleza nos sentimentos.

Diz-nos Guyau que todo movimento representa um sentimento, um estado de consciencia, toda manifestação da vida externa tornando-se a nossos olhos uma manifestação da vida interior; a belleza dos movimentos reside tambem na expressão e augmentará á proporção que elles exprimirem uma vida mais elevada, mais intellectual e mais moral. Por isso, a hygiene e a esthetica não podendo ser hoje dispartidas, uma das regras hygienicas modernas é que a dança deve ser usada como fórmula expressiva de sentimentos e emoções dignas, sem perder do seu valor recreativo e salutar. Regra de hygiene e regra de moral.

Para as meninas e moços, então, a dança é um dos melhores exercicios, principalmente, quando executada ao ar aher-to, o que entre nós não se usa ainda. Essa dança hygienica não a praticamos,

mas dança-se bastante no Rio, em sa-raús e "assustados".

Fui ver o outro dia as danças da nossa alta sociedade. Era um salão commum de hotel, alli estava a nossa melhor gente, a formosura entontecedora das nossas mulheres, a graça mysteriosa das nossas meninas, os trajas ricos, joias caras. O mais, com rara excepção, eram "almofadinhas", de ademanes affectados, roupinhas justas, sem exteriores de força e nobreza, sem idéas e sem emoção. A atmosfera capitosa, mistura de essencias finas e de raposinhos fidalgos, os braços das damas se viam até as axillas, os collos até o umhigo, as costas até a cintura, as pernas até o joelho; e o que não se via, mostrava-o a roupa transparente ou moldando as formas na delgadeza do tecido.

Tocaram as danças. Os pares revoltaram pelo salão. E meus olhos não acreditaram.

Aquillo a nossa dança? E segui os movimentos de um par, de mais outro, de outro mais, observei o conjunto: tornei a reparar, esperei outras variedades de danças, e não acreditava no que via. Aquillo, a nossa dança! Porque eu não via naquelles movimentos senão o mimetismo da cópula, com a maior exactidão que os costumes, o logar e talvez a policia permitiam.

Contou um dos mais agradaveis chronicistas da "Gazeta de Noticias", e eu sei que o facto é verdadeiro, que, assistindo ás danças do "Duque", Clemenceau exclamára: "Comment? Dans mon temps on faisait ça au lit, et encore on éteignait la lumière". Clemenceau diria o mesmo se visse as danças dos nossos salões. A nossa dança de hoje é puramente sexual. Eu sei que o instincto sexual é o primeiro factor de toda a actividade humana, a tal ponto que, eschematicamente, a humanidade pôde ser representada de um lado pelo órgão masculino, do outro pelo órgão feminino. Eu sei que o instincto sexual é fecundo em emoções estheticas. Mas o homem que inventou a moral é que foi obrigado a isso. O animal não precisou de moral, porque em todos os seus actos elle não vae além do que a natureza lhe ensinou. Não precisou de moral, porque era incapaz de inventar as

perversões, de alterar, falsear, ou degradar os actos que pratica por bem dizer automaticamente. Não inventaram danças. A euírosia dança dos lindos passaros que são os "tangará's", não foi inventada; ella é certamente uma manifestação do instincto sexual, mas sempre a mesma, nem deturpada, nem immoralizada, bella, simples e pura. O homem, porém, com a sua intelligencia que o distingue absolutamente dos outros animaes, precisa restringir o seu genio inventivo, os seus exaggeros, a sua tendencia á perversão, mormente no dominio da sexualidade. Si elle não se crea um freio para isso, onde irá parar? Remy de Gourmont diz que a moral é a arte de "vestir os costumes humanos". Será. Mas é necessaria, tanto podemos nos afastar da natureza e da sua simplicidade.

E aquella nossa dança culminava no maxixe, no maxixe "puladinho", no maxixe de "esquentar a barriga" (são os termos usuaes entre os affeioados), no maxixe requintado, molle, langoroso, com extases em paradas, como orgasmos.

Nenbuma manifestação do primeiro caracter da belleza no movimento — a força, velada ou apparente, nenhuma expressão de sentimentos nobres. Era o tango "languido", o tanguista "molto avvicinato alla ballerina, dondolandosi sulla persona, quasi collando la propria ballerina in un sogno, intrecciando le gambe com arte voluttuosa" era o tango "velhaco", de olhares furtivos ao corpo da dama, de apertos e contactos suspeitos; era o tango "libertino"; o "tróte da raposa", o "tróte do peru", o "tróte do urso"...

E o que essas danças querem exprimir?

Dizem os titulos das musicas com que as acompanham; é o "samba", o "ebóro"; "Meu Deus quando?!" "E' assim que eu gostol...", "Não mexa cumigo, seu Honorato!" "Lá vem bestêra!", "Cadê elle?", "Ahi... Juquinba..."

Eis ahi a dança das lindas mulheres do Rio que desejaríamos ver tão perfeitas no moral quanto são seductoras nas fórmas.

Eis ahi a dança das nossas lindas moeinhas, encanto de graça e belleza.

Estamos assistindo á bypertrophia de

um sexualismo decadente em que não ha belleza, porque não ha utilidade, nem arte, nem emoção, nem amor. Mimetiza-se, na dança, a lascivia bruta do negro e do selvagem.

Que o "Duque" symbolise na Europa a dança do Brasil acabamos que é uma vergonha; que a nossa sociedade vá, na dança, além do Duque, vergonha maior.

E a doença se propaga. Matronas que nunca dançaram aprendem o maxixe com pertinacia digna de melbor applicação... "para dançar com os "almofadinhas". E homens de respeito seguem o exemplo feminino.

Pois a mim me parece que as mulheres assim se degradam, esquecendo os seus altos destinos no mundo, os quais não excluem os prazeres da vida; e os homens se "almofadisam"... PLACIDO BARBOSA. — ("A Folha" — Rio).

A QUESTÃO SOCIAL

Sabem todos que o nosso grande mal mental, talvez o maior, é concluir com segurança de premissas incertas. Herdamos de nossos maiores, e, vindo no sangue que nos legou o Mediterraneo, agravou-se pelas mesclas successivas de raças imaginosas e sentimentaes. E' tão intima, em nós, a relação, quasi a confusão, que o raciocinio quasi se annulla perante a sensibilidade. Somos, por isso, amigos das formulas feitas, das generalizações faceis, das conclusões engenbosas e ousadas, do brilho do talento mais que da penetração da intelligencia. Não nos prende, sobretudo, o escrupulo da verdade, da indagação imparcial e da conclusão fria. Como tudo, apresenta esse nosso vesio nacional faces favoraveis e contrarias. Póde ser um bem, pois na vida das nações a força do instincto — o impeto nacional — póde ser precioso nas grandes crises. Mas é, sobretudo, um grande mal. Essa subordinação da intelligencia ao sentimento vicia as idéas, as acções e a propria força de cohesão nacional. Como é possivel pensar bem sem um criterio escrupuloso da verdade? E como é possivel concluir bem sem pensar bem, sem o trabalho preliminar e essencial da analyse, sem preconceitos nem sympathias prévias?

Resente-se o nosso julgamento sobre o bolchevismo desse mal de nossa mentalidade. A maioria, ainda a letrada, julgando sobre telegrammas fantasiosos, por idéas feitas ou interesses ameaçados, conclue que o movimento russo é uma aberração monstruosa da natureza humana, um simples caso de usurpação do poder por aventureiros judeus, uma mera transferência de propriedade, immoral e feroz. Por seu lado, certas minorias exaltadas, julgando talvez por simples opposição ao preconceito da maioria, aceitam cegamente tudo que na Rússia fizeram e fazem os partidarios de Lenine. Estão cegos ou de má fé como os outros. Nenhum dos extremos representa a verdade, e se é um perigoso desvairamento aceitar em bloco o bolchevismo, não deixa de ser uma perigosa illusão julgar que elle passará sem deixar vestígios. O bolchevismo é um veneno, não o póde negar nenhum homem sensato e desapaixonado. Póde ser mortal a um corpo social, como póde até renovar-lhe a saude. Tudo depende da dóse e da fórmula empregada. Todas as grandes revoluções suscitaram os mesmos fanatismos, que o movimento moscovita contemporaneo. Em todas ellas foram vencidas as fórmãs extremadas, para apenas subsistir um rejuvenescimento do corpo social e das idéas politicas. Quando estudarmos a organização dos actuaes senhores da Rússia, veremos que elles já não representam o que de mais extremado existe em materia social. Aos homens, como ás idéas modifica sensivelmente a posse do poder. A opposição irreductivel não é entre regimens ou classes determinadas, senão entre os de cima e os de baixo. E como o governo dos homens ha de sempre suppor a existencia, passageira ou prolongada, de homens de cima e de homens de baixo, vê-se até que ponto é insolúvel a questão social. Todo governo, pelo proprio facto de sua existencia, suscita opposição. E a mais grave das opposições seria a provocada pela inexistencia de governo. Dizia Taine que a peor das Constituições era a falta de Constituição. Discutir o problema social, sem preconceito, portanto, é crer preliminarmente na impossibilidade de uma solução perfeita

da materia. Imperfeitos como são os homens, não se concebe que delles venham fórmulas perfectas. Deve-se apenas procurar o satisfatorio. Para isso, é mister conhecer o que se está passando na Rússia. Ainda são vagas e suspeitas as noticias que de lá nos chegam. Não podemos, portanto, conseguir, desde já, uma conclusão exacta. Devemos, comtudo, estudar imparcialmente o assumpto, clarificando as idéas e preparando a intelligencia para a comprehensão e talvez para a defesa. — T. de A. — D'“O Jornal” — Rio.

GEADA FIBROSA

Observei em minha terceira ascensão á serra do Caparaó uma geada curiosissima, pois é até agora, completamente desconhecida da meteorologia.

Esta geada brota do solo, suspendendo, ás vezes, uma leve camada de terra mais ou menos dessecada, cuja espessura póde alcançar até uns 3 centímetros.

A camada de terra elevada cobre, em muitos casos, completamente a geada.

Como se vê, a geada forma-se no interior da terra e surge, depois, como que brotando, á similhaça do que ocorre com os vegetaes.

Apresenta-se formada de crystaes finissimos, compridos, justapostos parallelamente e normaes á superficie do terreno em que ella se acha. Esse agglomerado de crystaes constitue blocos de varios tamanhos e espessuras, podendo a sua altura attingir até 20 centímetros, maximo que observei.

Os tratados que conheço sobre meteorologia, onde se encontram informações de varias castas de geada, nenhuma referencia fazem a respeito de geada semelhante a esta do Caparaó, que eu denominei “fibrosa”, attendendo ao seu aspecto.

Os crystaes compridos, similhando agulhas, desfazem-se sob a acção dos dedos, em pequenas porções que guardam sempre a mesma fórma de agulhas agglomeradas parallelamente a uma mesma direcção. Não é, portanto, similhante ao gelo essa casta de agua, solidificada.

Essa geada fibrosa dura, ás vezes, dois e mais dias, apesar de ficar exposta á



acção directa dos raios solares, o que bem mostra que, em certos dias, a temperatura, mesmo ao sol, se conserva muito baixa.

Observei-a em um dia claro e absolutamente sem orvalho.

Como se fórma esse curioso meteoro até agora completamente desconhecido dos meteorologistas?

Tentarei dar aqui uma theoria da formação dessa interessante geada.

Esta só apparece nas terras muito humidas. Observei-a em tres logares diferentes — á margem de um corrego, á beira de um rego, e em um logar humido visinho de uma pedreira — logares todos situados em altitudes superiores a 2.000 metros.

A grande proporção dagua na terra em que ella apparece representa, como é claro, papel predominante na formação do meteoro. Este se apresenta ora completamente coberto por leve camada de terra, ora com a parte superior descoberta adherente á superficie do solo, como uma especie de cogumelo que brotasse da terra em sentido normal á superficie. A geada cresce ou brota, portanto em direcções varias que podem ser até visinhas da horizontal ou mes horizontal quando a superficie da terra é quasi ou mesmo vertical.

Como a normal á superficie é o caminho mais curto, parece que esta razão determina a brotação da geada nesse sentido, pelo facto de encontrar nessa direcção, salvo excepções occasionadas por accidentes locaes, menor resistencia.

E' esta a causa do crescimento da geada no sentido perpendicular á superficie da terra em que ella se fórma.

Como os blocos attingem 20 e 30 centimetros de altura e espessura tambem não pequena, é claro que essa geada não se fórma da congelação de agua existente fóra da terra; além disso, o chapéu de terra, com que muitas vezes é ella corôada, mostra que ella se fórma pouco abaixo da superficie da terra e se eleva em seguida.

Estes pontos ficam positivamente estabelecidos e não podem soffrer contestação.

Vejamos agora como pode ser explicada a sua formação propriamente.

Na noite precedente á manhã em que observei a geada fibrosa, a temperatura minima dentro da casa em que pernoitamos foi de 5° e fóra, 2°. O céu, á noite, era absolutamente sem nuvens. Pela manhã, notava-se ausencia completa de orvalho. Estes factos mostravam que, apesar de ter havido condições para uma intensa evaporação, a camada de ar das visinhanças da superficie da terra não se saturara. Era, pois, relativamente secco o ar, cuja saturação pelo vapor dagua estava longe de ser attingida.

Essa intensa evaporação determinou como é claro, o abaixamento da temperatura em uma certa espessura da terra a um ponto tal que a agua ahi contida se congelou em toda essa espessura ou apenas em parte della. Dada a congelação, o augmento do volume do gelo que, sujeito a pressões lateraes, não poude expandirse em largura, obrigou-o a sahir pela unica porta ou valvula á sua disposição — pelos espaços entre os grãos da terra, existentes na parte superior da camada onde se deu a congelação. Deu-se, então, uma coisa parecida com o que se passa nas fieiras — o gelo fiou-se, elevando-se normalmente á superficie da terra. Nessa occasião, o ar existente na agua da camada gelada foi aprisionado e em cada filete de gelo elle occupou justamente a parte central, visto que é esta a posição em que devia mesmo estar, tendo em vista as pressões lateraes que uniformemente se exercem sobre essas particulas de ar. Estas pequeninas bolhas de ar formam, assim, uma fila interrompida e axil em cada filete de gelo.

Nos pontos em que não ha bastante humidade para supprir as perdas por evaporação, a geada não se fórma, e por isso esta se observa apenas nas margens dos correjos e outros logares em que é grande o supprimento dagua á camada mais proxima da superficie do sólo.

Na occasião em que se dá a congelação, a camada de terra resfriada pode estar, pela evaporação, relativamente secca em um pequena espessura a partir da superficie, e nestas condições não se congelará a agua contida nesta ultima; ha-

verá, então, uma separação entre a parte onde a água se congelou e a superior, onde não houve congelação, devendo esta última, como é claro, ser elevada pelo gelo formado na parte inferior.

É este, certamente, um dos aspectos mais curiosos desta geada notável.

A's vezes, mal se percebe que a terra dessecada está mais ou menos fendilhada e como que afogada; mettendo-se abí o pé este enterra-se na geada.

Além da baixa temperatura, vê-se que é preciso, para que se fórme a geada fibrosa, a existencia de uma camada de terra fortemente embebida de humidade e offerecendo lateralmente a necessaria resistencia aos esforços oriundos do augmento de volume da água congelada. Demais, a relativa seccura do ar é tambem uma condição importante, afim de que a evaporação intensa abaixe convenientemente a temperatura da camada de terra em que a água se solidifica.

Na parte superior, a geada fibrosa apresenta uma camada de gelo compacto e de alguns millímetros de espessura, ao passo que na inferior os filetes estão em contacto directo com o sólo. Esta pequena crosta não fibrosa fórma-se, segundo penso, deste modo: Devido a variações de temperatura do ar, a parte superior das fibras de gelo funde-se momentaneamente, e em virtude da baixa temperatura da parte inferior, fibrosa e não fundida, a água de fusão volta, logo em seguida, ao estado solido, devendo apresentar, portanto, a apparencia do gelo commum.

Não tive até hoje conhecimento da existencia desta geada fibrosa em outra qualquer parte. É possível que ella se fórme tambem em varios outros logares mesmo em Minas e que tenha passado despercebida dos observadores.

No Itatiaia, por exemplo, onde a temperatura desce extraordinariamente, chegando mesmo a 6° abaixo de zero, segundo observações já registradas, ninguém me falou coisa alguma a respeito desta fórma de geada.

Na serra do Caparaó ella constitue um phenomeno normal, reproduzido varias vezes durante o anno, na época apropriada á sua occurrencia. *Alvaro Silveira.*

A' FIDALGUA NACIONAL

O Brasil é o paiz das manias. Houve tempo, na vida colonial, em que o grande luxo era ter um filho formado em Coimbra. Depois, com a Independencia e o Imperio, a moda era ser barão ou coronel da Guarda Nacional. A Republica trouxe a mania do positivismo; depois, a dos alferes; por fim, a dos bachareis, que já nascera nos tempos da monarchia, mas nunca chegára a tal apogeu. Ser doutor foi a grande aspiração. Até se arranjaram diplomas a sessenta mil réis. Os aneis de grau, que só o Brasil no mundo inteiro possui, com esmeraldas, rubis, saphiras, topazios, granadas ou turquezas passaram á aspiração de todo o mundo.

Ultimamente, a ancia da formatura diminuiu um pouco e veio substituí-la a mania da fidalguia. Não ha presentemente rapaz elegante neste paiz que se não julgue com direito a titulos e brazões. Já alguns se affirmam príncipes e outros se apregõam duques. Conversam sempre de timbres, de paquifes e de lambrequins. Discutem beraldica e arvores de costado. Sondam genealogia e arranjam meios de se entroncarem nas mais antigas casas de Portugal, de Hespanha, da Hollanda e de França.

Qualquer "almofadinha" na avenida Central exhibe no dedo o seu argolão de ouro pesado, a sua cornalina antiga, com as armas de suas familias gravadas. Nada mais facil no Brasil do que ser fidalgo. Basta procurar na sala dos Veados, no velbo paço da Cintra, o escudo correspondente ao nome de familia portuguez que se usa e estampal-o na memoria do dedo ou na carteira do bolso.

Não ha a menor necessidade de provar por meio do Sanches de Baena ou de qualquer outro especialista na materia, a limpidez da estirpe. Basta o uso do braço para se ser príncipe, duque, conde ou barão, com grandeza nesta Republica, em que os titulos custam mais barato do que na monarchia...

Aqui, destas, primeiras columnas do "Correio Paulistano", venho ajudar a proliferação da fidalguia brasileira. Vou dar a descripção dos brazões das velhas e heroicas familias de Portugal, cujos nomes usamos, mas que não têm mais a

mesma significação histórica, social ou genealógica. Quem usar esses nomes, isto é, todo o mundo, é só copiar o escudo, mandar gravá-lo no anel, no alfinete da gravata ou estampá-lo no papel de cartas: torna-se nobre da noite para o dia. O título fica à sua escolha. Entre os que existem é tomar o que mais lhe agrada pela sonoridade ou por qualquer outro motivo de *sympathia*.

Os Carneiros podem usar em campo ou fundo de góles ou vermelho uma banda azul corticada, isto é, debruada, de ouro, carregada com tres flôres de liz de ouro, entre dois carneiros do mesmo metal.

A linguagem da heraldica é um tanto complicada. Ha nella dois metaes: ouro ou jalne e jalde, e a prata; e as seguintes côres ou esmaltes: góles ou vermelho, blau ou azul, sinopla ou verde, sable ou saibro, que é o preto, e purpura. Nunca se põe metal sobre metal nem esmalte sobre esmalte, mas os primeiros sobre os segundos e vice-versa, nas combinações dos escudos.

Existem mais os veiros e contraveiros, os arminhos e contra-arminhos, que são as pelles.

Os Cunhas brazonam em campo de ouro nove cunhadas azues, tres a tres. Os Pintos, tambem em campo de ouro, uma aguiã vermelha extendida, armada de preto. Os Araujos, em campo de prata, uma aspa azul, com cinco besantes de ouro. Os Oliveiras, em campo de góles, uma oliveira verde firmada em um monte verde. Os Viannas, em campo de ouro, uma aguiã negra, extendida. Os Silvas, em fundo de prata, um leão de góles, rompante, armado de azul. Os Gomes, em fundo de blau, um pelicano de ouro. Os Botelhos, em campo de ouro, quatro bandas de góles. Os Hortas, em campo de ouro, um braço nú com uma chave na mão, sobre uma agua ondeada de blau. Os Cantos, na ponta do escudo vermelho, um canto de prata. Os Castros, seis arruelas azues em fundo de prata.

O mais alto signal de nobreza é o escudo de ouro lizo. Quem o tiver vem da mais grada stirpe. Em Portugal, sómente o usam os Telles. Leonor Telles, a amante de d. Fernando, usava o seu campo de ouro lizo, ao lado das armas de Portugal. Estas tambem figuram no bra-

ção das familias que mais serviços prestaram ao reino. As quinas alternam, no escudo dos Albuquerque, com as cinco flôres de liz em fundo vermelho da familia. Dominam o xadrezado de ouro e góles de tres peças em faixa e cinco em pala, oito de ouro e sete de vermelho, estas carregadas de duas faixas de prata, dos Gamas. Os Soares tinham em campo de góles uma torre de prata carregada com cinco escudos das quinas reaes.

As estrellas são communs na heraldica dos nossos ascendentes do outro lado do Atlantico. Os Barros têm nove de ouro no campo vermelho, entre tres bandas de prata. Os Tavares têm-nas de sete pontas. Os Fonecas, cinco vermelhas de cinco raios em fundo dourado. Os Macedos, cinco de ouro de cinco pontas, em santor ou cruz de Santo André, sobre campo blau. Os Coutinhos, cinco vermelhas de cinco raios, em aspa ou santor, em campo de ouro. Os Freitas, cinco de ouro, de seis pontas, em aspa, em fundo de góles.

A cruz se encontra nas armas dos Pereiras, de ouro, florida, vazia do campo, em fundo vermelho; dos Moreiras, a de Aviz, repetida em nove escudetes de prata, postos em palas sobre campo de góles; dos Teixeira, de ouro, potenceada, vazia do campo, em fundo azul; dos Meirelles, de ouro, florida, em campo encarnado.

Ha brazões de grande simplicidade, os mais bellos, talvez. O dos Rezendes, por exemplo: em fundo de ouro, duas cabras pretas. Os dos Dutras: azul com tres besantes de ouro, em roquete. Os dos Ribeiros: tres faixas verdes em campo de ouro. O campo de arminhos dos Barretos. As quatro palas de góles em fundo de ouro, dos Limas. As tres faixas de ouro sobre vermelho, dos Mascarenbas. O leão de ouro sobre fundo azul, dos Castellos Brancos. As tres faixas rubras, em campo de prata, dos Leitões. O leão purpurino, em fundo prateado, dos Silveiras. A aspa vermelha sobre prata, dos Faros.

Ao lado desses, ha os que exprimem o proprio nome da familia, que vêm em linha recta do totemismo medieval, em que se originou a heraldica: as duas bezerras de ouro andante em campo verde,

dos Bezerras; as cabras, dos Cahraes; os cinco lobos pretos, em aspas sobre prata, dos Lobos; o campo de ouro fretado de corréas vermelhas repassadas, dos Corréas; os cardos verdes floridos, entre dois leões batalhantes, do ouro, em fundo sanguineo, dos Cardosos; os cinco brandões de ouro, accesos, em santor e em fundo azul, dos Brandões; os cinco machados de ouro, em aspa sobre campo de ouro, dos Machados, as seis vieiras ou conchas de ouro, em duas palas sobre vermelho, dos Vieiras; as cinco torres de ouro em aspa, em campo de góles, dos Torres; as seis costas de prata em aspa, no fundo rubro, dos Costas; enfim, a handeira de ouro, franjada de prata, com um leão rompante, de ouro, em campo vermelho, dos Bandeiras.

Como ha cruces, que symbolizam o espirito christão, ha signos da mourisma, que relembram combates contra os conquistadores da peninsula ou os almogavares de Marrocos.

Os crescentes abundam: cinco vermelhos, em aspa, sobre prata, para um ramo dos Pintos, seis tamhem vermelhos sobre outro para os Queirozes; tres de ouro numa handa azul entre dois leões purpureos, batalhantes, em fundo de prata, para os Barbosas. E cinco cabeças de mouros ao natural, em aspa, sobre campo vermelho, para os Amorins.

Não falta tambem quem se não en tronque nas mais altas casas reaes europeas. Quem tiver esses nomes no Brasil pôde desde já se considerar principe... Os Sousas esquarteram as quinas de Portugal com os leões do reino de Leão. Os Lacerdas dividem o seu braço entre os lizes de França, os leões de Leão e a torre de ouro de Castella. Grandes raças!

Nem os vegetaes escaparam á heraldica. No escudo azul dos Lopes ergue-se uma palmeira de ouro com um corvo pousado. No escudo vermelho dos Mattos cresce um pinheiro natural entre dois leões de ouro que se defrontam. No escudo dourado dos Bacellares ha um bacello de vinha, verde, de duas vergontes retorcidas com quatro cachos de purpura.

Aos Nohregas bastaram quatro palas

de góles em fundo rubro; aos Duque-Estradas, uma aguia negra, aberta e coroadada, em campo de ouro; aos Fernandes, em fundo azul, uma torre de ouro com seis bombardas de sua côr; aos Monteiros, tres huzinas de sable com boccaes de ouro e cordões vermelhos, em roquete, sobre prata; aos Rodrigues, cinco flores de liz vermelhas, em santor, sobre ouro; aos Caldeiras, uma banda de prata entre duas flores de liz de ouro, em campo azul.

Outros não se contentaram com tão pouca cousa. Foram a pouco e pouco complicando os seus brazões. Os Regos puzeram tres vieiras de ouro sobre uma handa de prata ondeada de azul. Os Borges collocaram um leão batalbante de ouro, armado de preto, em fundo de góles com uma hordadura azul semeada de aureas flores ou froes de liz. Os Pessanhas carregam com tres lizes de prata a sua banda vermelha dentada em fundo prateado. Os Mellos e os Almeidas intercentaram ao seu campo de bláu, com uma flor de liz de prata, uma orla de ouro dobre cruz e uma bordadura de ouro, seis besantes do mesmo metal. Os Sal danhas coroaram com uma cruz de ouro a sua torre de prata coberta de azul sobre campo vermelho. Os Andrades fizeram duas cabeças de serpe morderm as pontas da sua banda vermelha acoticadas de ouro sobre sinopla. Os Barrosos cintaram os seus leões hatalhantes de prata, cinco, em santor, sobre fundo vermelho, com faixas xadrezadas de ouro e góles. E os Vasconcellos atravessaram o seu campo de saibro com tres faixas veiradas e contraveiradas de sangue e prata.

Outras familias devido a cruzamentos e a feitos, tiveram de encher mais ainda os seus brazões, cuja linguagem hieroglyphica foi, com o tempo, se tornando obscura até ficar indecifrável. Os Rochas tinham em fundo de prata uma aspa vermelha com cinco vieiras de ouro hordadas de azul. Os Salgados brazonavam em sinopla duas torres de prata sobre as quaes, com uma garra em cada uma, abria as azas uma aguia de côr natural; entre as torres um saleiro de ouro. Os Henriques traziam em fundo de prata dois leões de purpura, hatalhantes; na ponta

do escudo um mantelar vermelho em um castello de ouro lavrado de preto.

Mais longe iam os Moraes: escudo partido: em fundo de góles uma torre de prata lavrada de preto, coberta de ouro, sabindo dum rio, rematada com uma bandeira prateada; em campo de prata uma amoreira ao natural. Delles se approximavam os Nogueiras: em campo de ouro uma banda xadrezada de prata e verde, de cinco peças em faixa, com a ordem do meio coberta por uma cotica vermelha.

Gostavam também de complicações os Pacs: de prata, nove lisonjas enxequetadas de azul e rubro; os Mendonças: escudo franxado: 1.º e 3.º triangulos — verdes, em uma banda encarnada coticada de ouro; 2.º e 4.º — dourados, com um S preto; os Martins: escudo cortado: em cima — negro com duas palas de ouro; em baixo — aureo, com 3 flores de liz vermelhas, em contra roquete; os Azevedos: escudo esquartelado: no 1.º e 4.º quartins, em fundo de ouro, uma aguia preta extendida; no 2.º e 3.º, cinco estrellas em aspa com uma bordadura vermelha cheia de aspas de ouro, tudo em fundo azul; e os Guimarães: escudo de prata, fretado de negro, com uma pala de góles e sobre ella um leão de prata com uma espada ensanguentada nas mãos.

Ninguém, no emtanto, se approximou dos Vellozos. estes bateram o *record* da complicação. Em campo vermelho punham um castello de prata de tres torres; sobre cada torre uma flor de liz de ouro; o castello repousando sobre um monte também de prata, com portas, frestas e lumieiras negras; junto ao castello um aqor natural com uma perdz nas unhas. E só!...

Ora, quem é no Brasil que não usa um dos nomes lusitanos contidos nesta longa enumeração? Muito poucos. Portanto, a maioria dos brasileiros é nobre, de grande estirpe e é copiar estes braços no anel ou no sinete e escolher o titulo que lhe convier. Ninguém faça cerimonia.

João do NORTE

(Correio Paulistano — S. Paulo).

DE UNS E DE OUTROS...

O barão Boris Nolde que foi professor na Universidade de Petrogrado e sub-secretario de Estado, sob o governo provisorio russo, escreve ultimamente na "Revue des Deux Mondes" um artigo particularmente interessante sobre o "reino de Lenine". O articulista estuda o bolchevismo não sob o aspecto de uma applicação pura e simples de uma das variantes do socialismo internacional moderno, mas como um pbenomeno eminentemente nacional e local, pertencente a um meio e a um momento historico determinados. Toda a questão está intimamente ligada ao problema agrario que era o ponto fraco da politica tzarista, e Lenine, descobrindo, atravez das varias crises porque vinha passando a vida politica e economica do paiz, os elementos incendiarios que as massas russas occultavam, não fez mais que aproveitar habilmente essas tendencias, e exploral-as, no momento oportuno.

No seu fóro intimo, o camponez julgava o antigo nobre como o depositario injustificado da terra que deveria caber aos pequenos cultivadores. Dest'arte, a ideia da partilha dessas propriedades não constituia uma theoria importada no campo de propagandistas revolucionarios. antes o effeito de um socialismo instinctivo e latente.

Dahi as "jacqueries" que constantemente rebentavam, com incendios, pilbagens e assassinatos, succedendo a periodos do mais absoluto servilismo.

No meio de toda essa confusão, só dois homens souberam tirar um ensino util: e foram o ministro Stolypine que procurou remediar o mal, dando margem ao nascimento de uma pequena burguezia camponeza, reforma aliás que só depois de uma ou duas gerações poderia dar um resultado pratico apreciavel, e Lenine apprehendendo nas sublevações periodicas do camponez uma prova manifesta do estado revolucionario das massas. Parte dabi todo o plano politico do experto judeu que mais tarde bavia de triumphar, aproveitando-se da indecisão, da moleza e da mediocridade do governo de Kerensky.

E' claro, porém, que a fermentação revolucionaria da campanha russa era uma cousa; e outra muito diversa, o movimento operario do Occidente. Esse estado de sedição não existia em paizes onde os operarios eram cidadãos gosando de todos os direitos politicos e dirigidos por chefes patriotas e esclarecidos.

A guerra mundial deu a Lenine a oportunidade de lançar nm programma revolucionario absoluto, convencendo-o de que chegara a hora de começar uma luta de vida e de morte contra a sociedade.

Na propria Russia, ninguem tinba a menor ideia de quem era Lenine e suas idéas, salvo alguns iniciados do bolchevismo e funcionarios do departamento da politica. Mas a verdade é que a "situação revolucionaria" existia de facto e a queda do tzarismo, em seguida ao estado de depressão em que succumbia o povo russo, desmoralisado pelas derrotas da Polonia e da Gallicia, não fez mais que favorecer a ascensão dos elementos radicalistas.

Lenine valeu-se habilmente dos sentimentos derrotistas do exercito, captando as sympathias das tropas, o que lhe proporcionou o golpe de estado de outubro de 1917.

Uma vez no poder, entrou a applicar os dois pontos essenciaes de seu programma: appello ás forças latentes de sedição da massa camponeza e transformação da guerra internacional em uma guerra de classe.

Emquanto o exercito se deslocava inteiramente por uma borriavel "degringolade", os camponezes eram convidados a apoderar-se summuriamente dos bens dos proprietarios, fazendo assim a seu geito uma original reforma agraria.

Sendo o symbolo vivo da abolição completa de todo direito e de toda a disciplina social, Lenine passou a ser o senhor absoluto da situação.

E é dahi que nasceu a Republica dos "Soviets". — A. FERNANDES (*Diario de Pernambuco*).

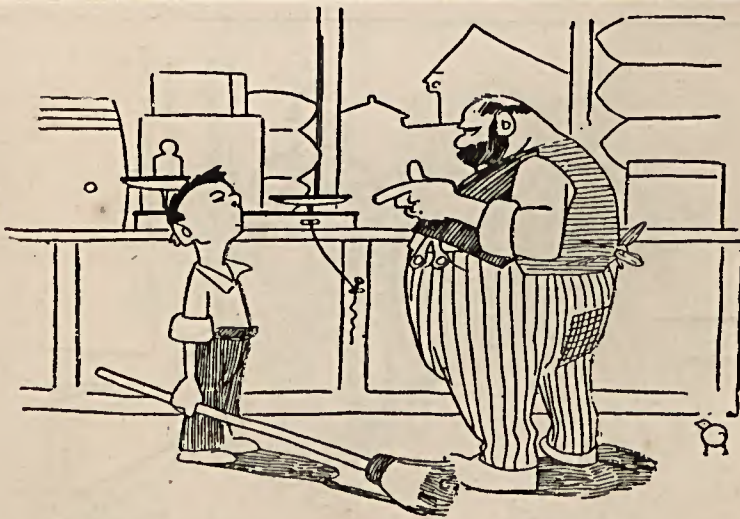


CARICATURAS DO MEZ
SCENA DE FIM DE MEZ



— O senhorio!

Storni (D. Quixote).



O patrão ao caixeirinho — Olha, Manoel, se o cacete do Matoso apparecer por ahi, diga-lhe que não estou; que sahi e não volto mais hoje.

Manoel — Sim, senhor.

P. — Mas olhe, não se ponha por ahi a trabalhar, senão elle vê logo que é mentira.

(D. Quixote).

GATUNO NA DELEGACIA



O delegado — Você tem cúmplices neste serviço?

Pé Leve — Quem? eu, doutor? Eu lá quero saber de compa-
nheiro? o sr. não imagina a falta de honestidade que ha neste
nosso meio!

(D. Quixote).



— Aqui está, minha mulhersinha, uma coisa absurda, em pleno
desacordo com a época que atravessamos.

— Que é?

— Varias casas vasias...

Lorenço (D. Quixote).

A REDUÇÃO DAS TARIFAS



Se se tornasse lei a genial medida do sr. Epitacio, seria esta a unica industria nacional que resistiria.

Calixto (D. Quixote).

QUEM PAGA O PATO



Até lá quantos impostos novos não nos estarão reservados!

Perdigão (D. Quixote).

NA ÉRA DO FEMINISMO



Attentado anarquista? Não. Um camondongo.
Calixto (D. Quixote).

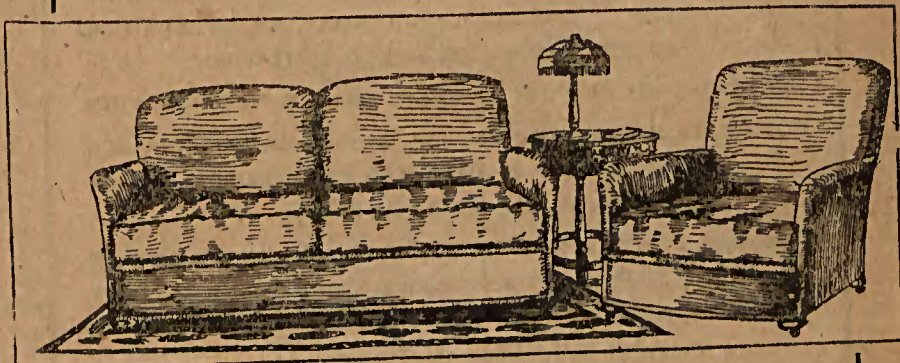
A RATIFICAÇÃO DO TRATADO DE PAZ



Vencedores e vencidos -- nossa bella obra está concluida.
Voltolino (Pasquino Coloniale).

MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

MOVEIS DE COURO



Fabricamos estes moveis pelo mesmo systema usado para os sofás e poltronas dos "Clubs" Londrinos. —

São empregados couros dos melhores cortumes inglezes e todos os outros materiaes, de primeira qualidade.

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES

R. S. BENTO, esq. R. DIREITA — S. PAULO

PEREIRA IGNACIO & CIA.

Industriaes

FABRICA DE TECIDOS "PAULISTANA" E "LUSITANIA"
NESTA CAPITAL, E "LUCINDA", NA ESTAÇÃO DE
SÃO BERNARDO, (S. PAULO RAILWAY).

VENDORES DE FIOS DE ALGODAO CRUS E MERCERISADOS.

COMPRADORES de Algodão em caroço em grande escala,
com machinas e AGENCIAS nas seguintes localida-
des todas do Estado de S. Paulo.

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Tieté, Avaré, Itapetininga, Pi-
rajú, Porto Feliz, Conchas, Campo Largo, Boituva,
Pyramboia, Monte Mór, Nova Odessa, Bernardino de
Campos, Bella Vista de Tatuhy.

GRANDES NEGOCIANTES de algodão em rama neste e nos
demais Estados algodoeiros, com Representações e
filiaes em Amazonas, Pará, Pernambuco, Bahia, Rio
de Janeiro, Rio Grande do Sul.

ESCRITORIO GERAL EM S. PAULO:

RUA DE SÃO BENTO N.º 47

TELEPHONES: 1536, 1537, 5206 - CENTRAL
CAIXA POSTAL, 931.

Proprietarios da conhecida
Agua Mineral

"PLATINA"

Cognominada a Vichy Brasileira — A melhor Agua de
mesa — Acção Medicinal — A Platina cuja Fonte Cha-
padão, está situada na estação da Prata, é escrupulosa-
mente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbo-
natada sodica como a Vichy e é, como esta agua franceza

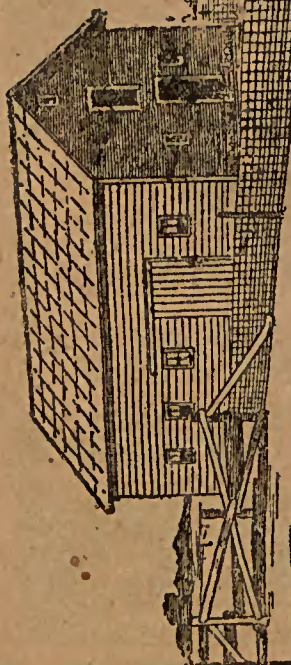
Vendida em garrafas escuras.

Cerca de Tecido "PAGE"

Peçam informações aos fabricantes:

Soc. Industrial e de Automoveis
BOM RETIRO

RUA BARÃO ITAPETINGA, 12 — SÃO PAULO.



LOTERIA DE S. PAULO

Em 12 de Março

100:000\$000

Por 6\$500

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM
TODA A PARTE

Lampadas Electricas

DE FILAMENTÔ METALICO E MEIO WATT, PARA
TODAS AS VOLTAGENS.

Material para installação

Bombas com motores electricos

CASA DODSWORTH — COSTA CAMPOS & MALTA

RUA BOA VISTA, 44.

CAIXA, 962

SÃO PAULO.



ALMEIDA SILVA & CIA.

Importadores de FERRAGENS, LOUÇAS, TINTAS
e OLEOS

End. Telegr.: "AMSDIAS" - Codigo Ribeiro

Caixa Postal, 840 - Telephone, 1002 Central

RUA JOSE' BONIFACIO, 41

SÃO PAULO

OBRAS DE PHILOSOPHIA DE HENRIQUE GEENEN.

COMPENDIO DE PSYCHOLOGIA EXPERIMENTAL. 2.ª

EDIÇÃO. — COMPENDIO DE LOGICA, 5.ª EDIÇÃO.

Obras elogiadas por Pedro Lessa, Franco da Rocha,
Osorio Duque Estrada, e outros homens de
responsabilidade. - Preço: 5\$000.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS.

Combater o Bacillo
de Hansen por
meio das
ampoulas
de

JEANSELMIWA

DE
Silva Araujo

Formula
de Jeanselme

Unico trata-
mento admittido
pela sciencia
para a cura da

Oleo de
chaumoolgra di-
luido, camphora
e gayacol
Em ampoulas de 2 e 5 grammas

LEPRA

SAUDADE

Optimo livro didactico para creanças e gente grande,
pelo conhecido Prof. Thales C. Andrade. —

Preço, pelo Correio, 3\$300. — Pedidos á RE-
VISTA DO BRASIL — Caixa, 2-B. S. PAULO.

JOÃO DIERBERGER

FLORICULTURA

SEMENTES, PLANTAS, BOUQUET,
DECORAÇÕES.

ESTABELECIMENTO DE PRIMEIRA ORDEM.

S. PAULO - Caixa Postal, 458. Telephones: Chacara,
Cidade 1006. Loja, Central 511.

LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A.

CHACARA: Alameda Casa Branca, (Avenida
Paulista).

FILIAL: Campinas. Guanabara.

PEÇAM CATALOGOS

Joaillerie -- Horlogerie -- Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent -
Bronzes et Marbres d'Art - Services en
Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30



INDICADOR

ADVOGADOS:

Drs. SPENCER VAMPRE' SOARES DE ARAUJO, JAYME, NILO e CEZAR DE VASCONCELLOS — Rua Direita, 35, São Paulo — Rua do Rosario, 85, Rio de Janeiro.

Drs. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala, 3).

Dr. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica, especialmente das creanças. Res.: Rua Bella Cintra, 139. Cons.: Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

Dr. SALVADOR PEPE — Especialista em molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9, Telephone, 2296.

TABELLIAES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANÁ, tem o seu cartorio á rua Boa Vista, 58.

CORRETORES:

GABRIEL MALHANO — Corrector official, cambio e titulos — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Telephone, 393.

Dr. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 — Tel. 323 — Res.: Rua Albuquerque Lins, 58. Tel. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal, 174. End. Telg. "Leonidas", São Paulo. Telephone, 626 Central. — Rua Alvares Penteado — São Paulo.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. — EMILIO ROCCO — Novidades em casemira ingleza — Importação directa. Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 3333 Cidade — S. Paulo.

Livraria Drummond

Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura-Revistas-Mappas-Material Escolar.

ED. DRUMMOND & CIA.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPHONE, NORTE 5667 — Endereço Telegr.: "LIVROMOND". — CAIXA POSTAL, 785. RIO DE JANEIRO.

Peçam á "REVISTA DO BRASIL" os Annaes de Eugenia, grosso volume com todos os trabalhos, conferencias e estudos da Sociedade Eugénica de S. Paulo. - Preço: 8\$000, incluido o porte.

DESCONTO DE 20 % AOS ASSIGNANTES E REVENDEDORES.

LACTIFERO

ESPECIFICO IDEAL DAS MÃES

Preciosa descoberta da Pharmaceutica STAMATO BERGAMO



Marca Registrada

O LEITE MATERNO é o unico e verdadeiro alimento da criança. Qualquer outra alimentação traz perigos alarmantes ás vezes fataes. Se a senhora NÃO TEM LEITE ou tem LEITE FRACO ou de MA' QUALIDADE, use o LACTIFERO, porque além de estimular a secreção das grandulas mammarias produzindo um leite sadio e abundante, exerce tambem um effeito surprehendente quer na saude das mães, quer na dos filhos. Poderoso fortificante, restabelece a circulação e produz uma nova energia vital. Muito util ainda durante a gravidez, depois do parto e contra o rachitismo das crianças.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias e no deposito geral:
PHARMACIA BERGAMO, Rua Conselheiro Furtado, 111 —

S. Paulo — Telephone, Central, 1108

PEÇAM PROSPECTOS GRATUITOS

Depositarios no Rio de Janeiro:

RODOLPHO HESS — Rua 7 de Setembro N.º 61. —

Importantes certificados que confirmam
o grande valor do LACTIFERO:

Prezadissimos Snrs. STAMATO & BERGAMO

Cidade — Rua Cons. Furtado N.º 111.

Gratissimo fiquei pelos dois frascos de vosso óptimo preparado "LACTIFERO", experimentado com resultado surprehendente e felicissimo por minha senhora, a qual, para os outros dois filhos teve que recorrer ao aleitamento mercenarjio e artificial, e agora pela primeira vez pôde ella mesma amamentar o seu terceiro filho.


Rogo-vos enviar-me mais dois frascos para a continuação da cura.


Creio cumprir um acto humanitario recommendando aos meus clientes a vossa preciosa preparação e renovando os sentimentos de meu reconhecimento e com estima sou vosso devotissimo

Dr. FRANCISCO FINOCCHIARO.

S. Paulo, 4 de Agosto de 1918.

AGUA INGLEZA
 TONICA
 FEBRIFUGA E APPERITIVA
GRANADO
 INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,
 IMPALUDISMO E CONVALESCENCAS

EXIJAM A NOSSA MARCA  **RECUSEM AS IMITAÇÕES**



QUINIUM, CARNE,
 LACTO PHOSPHATO DE CAL,
 PEPSINA E GLYCERINA.

VINHO RECONSTITUINTE
GRANADO

TONICO E NUTRITIVO
 Na tuberculose,
 anemia, fraqueza,
 neurasthenia, etc.




EXIJAM A NOSSA MARCA

HEMO - KOLA GRANADO

LIQUIDA E GRANULADA

Fórmula do *Dr. Faria Lobato* — Poços de Caldas

TONICO RECONSTITUINTE, VITALISANTE
 ENERGIICO, ANTINEURASTHENICO, ANTIANEMICO.

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. -----

São as mais recómmendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

SECÇÃO DE OBRAS DO ESTADO DE S. PAULO

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO do n.º 51 — Março, 1920

O Momento	REDACÇÃO	189
Educação Republicana	NOÉ DE AZEVEDO	191
O Romance do Chupim	MONTEIRO LOBATO	196
Pagina Relida	C. MAGALHÃES AZEREDO	204
Versos	{ PAULO SETUBAL	212
	{ BASILIO MAGALHÃES	215
	{ MILTON DE ASSIS	217
Afranjo Peixoto	JACKSON DE FIGUEIREDO	218
Paiz de Ouro e Esmeralda	J. A. NOGUEIRA	229
Archipelago de Fernando de Noronha	YVON	235
Calcutta	ED. NAVARRO DE ANDRADE	241
Academia de Letras	ARTHUR MOTTA	248
Autographos	SILVEIRA MARTINS	259
Bibliographia	REDACÇÃO	261
RESENHA DO MEZ: Coisas d'Antanho (<i>Conselheiro Ayres</i>) — A fome universal (<i>Micromegas</i>) — A enguia e os seus habitos (<i>Charles Bay</i>) — Nos dominios de Julio Verne (<i>Charles Mc. Cann</i>) — A ilha de Robiunson — As mulheres sul-americanas (<i>Gilberto Freyre</i>) — Curiosidades postaes (<i>Boch</i>) — A data de hontem (<i>Antonio Torres</i>) — Americanadas — Canhões historicos (<i>L. A. W.</i>)		
Caricaturas do mez		272
Ilustrações — no texto.		282



S. Paulo

1920

Rio

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director: MONTEIRO LOBATO.

Secretario: ALARICO F. CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: José Maria Bello.

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Belo Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.

Paraná: Seraphim França, Curitiba.

Amazonas: João Baptista de Farla e Souza, Manaus.

Rio Grande do Norte: Henrique Castriciano, Natal.

Parahyba: Alcides Bezerra, Parahyba.

ASSIGNATURAS

Anno 15\$000

Numero avulso 1\$500

Assignatura sob registro no correio: mais 2\$400 por anno.

As assignaturas começam em qualquer tempo e terminam
sempre em junho ou dezembro.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 — SÃO PAULO

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Central



BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

TRANSFORMADORES

FIOS ISOLADOS

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ISOLADORES

ELECTRICAS 1/2 WATT

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes, Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO

LARGO DA MISERICORDIA, 4



ETABLISSEMENTS

:: Société

Anonyme

au Capital de 4.500.000 fracs. ———

Bloch

**FAZENDAS
E TECIDOS**

RIO DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega

S. PAULO - Rua Libero Badaró N. 14

—— PARIS - 26, Cité de Trévise ——

Officinas e Garage Modelo

DIAS CARNEIRO & C.



UNICO IMPORTADOR DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

Grande stock de accessorios para
automoveis.

**DEPOSITO PERMANENTE DOS
PNEUMATICOS "FISK"**

**Mechanica — Pintura — Sellaria
Carrosserie — Vulcanisação —
Electricidade.**

**Executa-se qualquer encomenda com
rapidez**

TELEPHONES:

ESCRITORIO Ct. N. 3479

GARAGE Cd. 5411

CAIXA POSTAL N. 534

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38

AV. SÃO JOÃO Ns. 18 e 20

São Paulo

CANTO LIBERO BADARO'

The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz:

4, Moorgate Street-LONDRES.

Filial em S. Paulo: RUA S. BENTO, 44.

Capital Subscripto £ 2.000.000	SUCCURSAES : - Manchester,
Capital Realizado £ 1.000.000	Bahia, Rio de Janeiro, Porto
Fundo de Reserva £ 1.000.000	Alegre, Montevideo, Rosario
	de Santa Fé e Buenos Aires.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se de compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação de cobrança de letras de cambio. coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA CORRENTE E A PRAZO FIXO, ABO-NANDO JUROS CUJAS TAXAS PODEM SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.



1° VELHO — Parece que hoje é o ultimo dia da minha vida. “Usei tudo” e nada me curou.

2° VELHO — “Usei tudo” — Não. Eu sou muito mais velho do que tú, fui tuberculoso, curei-me e devo toda esta saúde e vigor ao Vinho Iodo Phosphatado de Werneck, o grande especifico contra anemia, lymphatismo, escrophulose e depauperamento geral.

COMO VENUS SAHIU DAS ONDAS,
O VIGOR SAHE DO "BIOTONICO"



Eminentes medicos affirmam que o BIOTONICO é o mais completo fortificante. Exerce acção benéfica sobre todos os órgãos, produzindo sensação de bem estar, de vida, de saúde.

O BIOTONICO

Cura todas as fórmulas de anemia. Cura a fraqueza muscular. Cura fraqueza nervosa. Augmenta a força e a resistência; Torna as mulheres bellas e os homens viris. Infunde novo vigor aos organismos gastos ou enfraquecidos por molestias, por excesso ou por qualquer outra cousa.

E' notavel sua acção nos organismos ameaçados pela tuberculose.

WILSON SONS & CO., LTD.

Rua B. Paranapiacaba, 10
S. PAULO

CAIXA POSTAL, 523 — ENDEREÇO TELEGR.: "ANGLICUS"

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão
com desvios particulares no Braz e na Moóca.

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . .	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull	Creollna
T. B. Ford Ltd., Loudwater	Mataborrão
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres . .	Chá da Índia
Read Bros. Ltd., Londres	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburg . . .	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne	Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne.	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull	Preservativo de Madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres . .	Dynamite
Ghotham Co. Ltd., Nottingham . . .	Gesso estuque
P. Virablan & Cie., Marselha	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia .	Ferro em barra e em chapas

UNICOS DEPOSITARIOS DE

SAL LEGITIMO EXTRANGEIRO PARA GADO MARCA
"LUZENTE". SUPERIOR POLVORA PARA CAÇA MARCA
"VEADO", EM CARTUCHOS E EM LATAS. ANIL "AZU-
LALVO", O MELHOR ANIL DA PRAÇA.

IMPORTADORES DE

FERRAGENS EM GERAL, TINTAS E OLEOS, MATERIAES
PARA FUNDIÇÕES E FABRICAS, DROGAS E PRODUCTOS
CHIMICOS PARA INDUSTRIAS, LOUÇA SANITARIA, ETC.



O Vinho Reconstituente

Recomendado e preferido por
eminentes clínicos brasileiros. **Silva Araujo**



"de preparados analogos, nenhum a meu ver, lhe é superior e poucos o igualam, sejam nacionaes ou estrangeiros; a todos, porém o prefiro sem hesitação, pela efficacia e pelo meticoloso cuidado de seu preparo ao par do sabor agradável ao paladar de todos os doentes convalescentes".

Prof. RÓCHA FARIA.



"excellent preparado que é empregado com a maxima confiança e sempre com efficacia nos casos adequados".

Prof MIGUEL COUTO.



"é um preparado que merece a minha inteira confiança".

Prof. MIGUEL PEREIRA.



"excellent tomco nervino e hematogelinico applicavel a todos os casos de debilidade geral e de qualquer molestia infectuosa.

Prof. A. AUSTREGESILO.

TUBERCULOSE
INAPPETENCIA

ANEMIA

RACHITISMO

ESCROPHULOSE.

MACHINAS E ACCESSORIOS

Fabricação e Importação

FABRICAMOS MACHINAS

PARA A LAVOURA E AS INDUSTRIAS, COMO SEJAM :

Machina "Amaral" de beneficiar café, o maior successo da industria meehanica nacional; machinas completas para o beneficio de arroz e de algodão; idem para a fabricação de farinha de mandioca; idem para a fabricação de oleos de mamona; machinas completas para serrarias; ditas para cylindrar sola.

Importamos todas as classes de machinas. Temos sempre em deposito todos os artigos consumidos na lavoura. Os nossos oleos lubrificantes e as nossas corrêas para machinas são os mais praticos e efficientes. Quando o sr. lavrador ou sr. industrial precisarem de alguma cousa, peçam-nos preços e informações, sem compromisso.

Martins Barros & Co. Limitada

CAIXA POSTAL, 6

END. TELEGRAPHICO: "PROGREDIOR"

Rua Lopes de Oliveira N.º 2 a 10

Rua Boa Vista, 46

SÃO PAULO

PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

—◆—
Casa franceza de

L. GRUMBACH & CIA.

—◆—
Rua de São Bento N.º 89 e 91

SÃO PAULO



REVISTA DO BRASIL

O MOMENTO

O nó das supremas angustias constringe todas as gargantas. A doce esperança de resurreição com que nos embalamos até aqui, desde o início da presidência-Epitacio, acaba de ruir com fragor. O presidente da Esperança rendeu-se á charanga. A charanga volta, gargalhante, a estrangular a nação.

O caso é simples. Um Estado cahira, de ha longos annos, nas unhas duma piolheira politica. Amesquinhado, sugado, suffocado, saqueado, estrangulado pelos parasitas, tenta, um por um, todos os remedios legaes.

Recorre á justiça : inutil — a justiça republicana não dá sentença contra os prostibulos.

Recorre á eleição : inutil — a validade da eleição republicana depende do placet dos prostibulos.

Recorre á imprensa : inutil — a voz da Imprensa é abafada pela voz da contra-imprensa alugada aos prostibulos.

Em desespero de causa, recorre ao Supremo Tribunal da consciencia brasileira — Ruy Barbosa. O apostolo das liberdades attende, e não se limita a dar parecer : vae em pessoa, velhinho, encanecido — mas com vinte annos n'alma — vae correr os sertões, e ensinar áquelles povos a força do direito. Prega o Dever. Ensina a Consciencia. Esperta o Brio. Galvanisa a Dignidade Humana que dormia nos peitos rudes. Que quadro! Não ha outro mais bello em toda a nossa historia.

E o espesinhado, retesando os musculos, resurge homem. Abandona lar e filhos, querença e lavoura, e vae, como pôde, a cavallo ou a pé, com as armas que pôde, as armas toscas dos soldados do ideal — a picapáu, a foice, a faca, a peroba, a chuço — vae em levas que crescem pelo caminho, arrastando tudo em sua passagem, de rumo feito á caverna onde Ali-Babá e os quarenta assecclas se ceavam como jovardos.

O país inteiro, fremente de enthusiasmo, acompanha, commovido, o levante sublime. A bastilha dos ácaros cahirá. As piolheiras não resistem aos assomos da dignidade humana em revolta.

Approximam-se os heroes ingenuos. Chegam ás portas da Cova. Ao defrontal-as, porém, que é que lhes surge á frente ?

Os ácaros ? Os inimigos ? Os prostibularios ?

Não. Essas Agulhas-Negras da covardia lá estão nas alcovas palacianas, entrincheirados, batendo o queixo de pavor. Para guardal-os com seus corpos, para defendel-os com seu sangue, para eternisar-lhe o dominio com o seu prestígio, o que os sertanejos em armas encontram é...

... o exercito brasileiro!

E' o cidadão que o Brasil disciplina, militarisa e paga para defendel-o contra o inimigo exterior.

E' o exercito, transfeito em capitão do matto.

E' o exercito, guarda-costas da piolheira.

E' o exercito — nação em armas — contra a Nação, mobilisado contra o Brio da Nação, atirado, como mordança, contra a Vóz da Nação...

Gloriosa campanha ! Deixar os quarteis para descarregar metralhadoras contra um dos mais bellos assomos da Dignidade Humana!...

E o exercito vae...



EDUCAÇÃO REPUBLICANA

POR

NOÉ DE AZEVEDO

A afirmação de que não estávamos ainda preparados para receber o regimen, que em 89 nos arranjaram, é coisa já seduçã. Não obstante os que propalam essa toleima, costumam emitir o seu juizo acompanhado de tantas e tão sisudas elucubrações que essa banalidade toma ares de profunda philosophia. Dizem que as revoluções sociaes não se fazem de subito; que as instituições politicas devem acompanhar o desenvolvimento da nação; que um povo é, sob muitos aspectos, como um homem, e como elle não muda de habitos num dia; que sem a necessaria preparação não podia a nossa gente bem comprehender e avaliar a importancia da reforma, por que faziam-na passar; que, em taes circumstancias, a grande conquista democratica não passou de um "presente de gregos". No bojo do vistoso machinismo politico vinham os inimigos, que deviam explorar e opprimir esta malsinada gente. Lá se abrigavam aquelles que, mais tarde galardoados com o pomposo apellido de republicanos historicos, haviam de ser os chefes das anniquiladoras e despoticas oligarchias. Lá estava, com o nome de autonomia municipal, o germen de um nefasto e immoralissimo regimen feudal. Lá se achavam os que, invocando serviços involvidaveis na propaganda da abolição e da republica, obteriam a mercê de mandar na sua aldeia, como em propria feitoria. Lá se escondia, emfim, todo um exercito de patriotas, que jamais conceberiam essa abstracção anti-natural das doutrinas politicas, que nos pintam a patria como filha de nossos sacrificios, em vez de mãe sollicita, creadora de rubicundos filhos. Era impossivel acreditar-se que aquelle povo "bestificado" de 15 de Novembro poderia impedir que a nova

organisação democratica fosse assim, tão grosseiramente, sophismada. Mais valia termos continuado sob as instituições imperiaes, mais atrazadas, é certo, porém mais conformes aos nossos habitos e á nossa cultura. E' melhor sustentar o jugo de um autocrata bem intencionado e esclarecido, que soffrer os choques dos movimentos revolucionarios e o vacuo asphixiante da desorganização social. E' mais prudente mesmo aturar as arbitrariedades de um tyranno, que atirar-se aos azares das rebelliões, arriscando cahir sob as garras de muitos tyrannetes. As leis devem reflectir o estado intellectual do povo para que são feitas: devem representar fielmente os seus usos e costumes, que são o producto espontaneo da sua cultura.

Na philosophia juridica estes postulados tão repetidos são, que, por axiomas, já muitos os têm.

Não obstante, para mim tenho que só em parte são verdadeiros.

Concordo que quando foi proclamada a republica ainda não estavamos preparados para recebê-la. Mas quem pode asseverar que o estariamos hoje, ou daqui a 50 ou 100 annos, se não ensaiassemos o novo regimen? A França viveu mais de mil annos sob instituições monarchicas. Vieram, ao fim de tantos seculos de escravidão, trazer-lhe a liberdade os mais pugnazes doutrinadores dos tempos anteriores á guerra. Todos sabem que a pregação omnimoda dos empolgantes ideaes humanitarios não n'a deixou mais apta para viver sob as normas egalitarias da democracia, do que haveria deixado o Mexico ou a Algeria.

O povo já estava affeito á constituição monarchica; havia necessariamente de sentir-se mal, collocado em novas condições. Teve que retroceder. Mas a experiencia não foi de todo inutil; ficaram algumas boas reminiscencias, que o levariam a outra tentativa. Assim a terceira republica que, hoje, se acha inteiramente consolidada, assignala o triumpho dos habitos democraticos, que as gentes foram adquirindo com a pratica do novo regimen. Se ella tivesse continuado prudentemente a supportar as velhas instituições, as idéas libertarias se não teriam propagado com tanta rapidez, e era bem provavel que, em lugar dos discursos de Wilson, os francezes estivessem, agora, ouvindo as prosas estolidas de um Luiz XXIV qualquer.

Se ha trinta annos ainda não eramos republicanos, o somos hoje um pouco, e amanhã mais o seremos. Dizem-me que num paiz atrazado, como o nosso, declarar a autonomia municipal era o mesmo que dispersar as forças da collectividade: equivaleu a substituir as mesquinhas pretensões d'aldeia aos altos interesses nacionaes. Para que fosse benefica uma reforma de tanta magnitude, ponderam, era preciso que os habitantes da mais remota



villa sertaneja comprehendessem que fazem parte de uma grande communitade, para cuja manutenção todos têm o dever de cooperar, porque, se a patria depende da cidade, tambem esta não pôde viver sem a protecção daquella.

Esta idéa de solidariedade entre todos os elementos de uma nação é tão simples que o mais embrutecido cerebro pôde aceitá-la. Uma educação nacionalista bem difundida é capaz de levá-la a todos os recantos desta grande terra. Mas nem toda idéa simples é uma idéa-força. Eu me explico. Nós armazenamos no cerebro muitas idéas que, se fossem praticadas, elevariam admiravelmente o nivel da moralidade social; idéas que, postas em acção, transformariam este valle de lagrimas no eden das escripturas; idéas estas de realisação facillima, que, entretanto, nenhuma influencia exercem sobre nossa conducta. Exemplos. Todos nós estamos certos de que, se levassemos mensalmente um pequeno obolo a uma instituição de caridade, não ficaríamos tristes, a todo instante, de vêr tantos mendigos pelas calçadas e pelas estradas. Uma vez ou outra este raciocinio se nos apresenta com tanta viveza que nos dirigimos, com a nossa dadia, ao asylo ou hospital mais proximo. Mas estes actos de beneficencia são factos accidentaes na nossa vida. Entretanto, sempre que um aleijado, ou doente, nos estendem a mão, correspondemos ao cumprimento com a nossa moeda; e, se temos dinheiro trocado e não damos, vem-nos logo um certo descontentamento. Com os inglezes, dizem os autores, dá-se justamente o contrario: não dão esmolos; mas os hospitaes e asylos abundam por toda a parte. Como explicar esta differença de conducta. Parece clara a explicação. Nos primeiros tempos do christianismo a miseria do pobre não commovia o rico. Mas as parabolos, as legendas e tantas outras lições tocantes foram apregoando a idéa piedosa de Jesus, até que, ao fim de muitas gerações, aquelle pensamento de um homem bom se tornou sentimento, impulso, idéa-força de todos os christãos. Para explicar a conducta dos inglezes, basta que lembre o seu egoismo esclarecido.

As idéas, que mais têm agitado a humanidade, nasceram das elucubrações d'alguns espiritos geniaes; ganharam adeptos entusiastas nas classes intellectuaes; mas só depois de uma pregação afanosa e demorada chegaram a empolgar as massas populares. Emquanto os homens mais rudes limitavam-se a comprehendel-as, ellas não tinham existencia real, entre elles, porque o pensamento da multidão não se exterioriza. Só quando as idéas se transformam em sentimentos, impulsos ou forças, conseguem dominar a multidão, que não discursa nem philosopha, mas age. A sua actividade intellectual é insignificante, mas a acção material é formidavel.

Entendo, por isso, que não vale a pena andarem a metter muitas idéas na cabeça do povo, ainda quando sejam muito simples. Elle consegue, muitas vezes, apprehendel-as, mas ficam constituindo uma carga inutil. Mais sensatos seriam os estadistas se seleccionassem entre as mais seductoras doutrinas sociaes alguns preceitos capazes de orientar uma nova moralidade politica. Não quero equiparar a politica ás religiões. Acho que ella precisa formular alguns mandamentos, que servam de molde para a educação dos cidadãos. A politica como sciencia não deve ter dogmas, porque estes são verdades que a revelação deixou crystallizadas como rochas, que se não corrompem nem demudam por mais que as esfole a corrente dos tempos e das theorias novas. Essa immutabilidade de principios torna a religião instituto oppressor, ás vezes, retrogrado, sempre, e objecto fossilifero, quando as sociedades se esclarecem e a sciencia domina. A politica dogmatica seria um instrumento proprio para talhar uma sociedade retrograda e tyrannizada. Mas a religião que se encarcera nos dogmas, propaga-se e conquista mundos pela divulgação e pela pratica dos seus mandamentos ou preceitos. Assim a politica, que não póde, por absurdo, basear-se em dogmas, deve formular preceitos, que sirvam de norma de conducta aos bons cidadãos. Serão esses preceitos as armas da politica militante, da politica chamada arte. Ha a politica sciencia e a politica arte.

A sciencia estuda as forças sociaes, observando a sua direcção historica e pesquisando os seus objectivos. A arte ensina a combinar essas forças em um systema, cuja resultante tomará a direcção scientificamente determinada.

Assim o campo scientifico ficará aberto a quantos sociologos e estadistas o queiram explorar afim de levantar novas hypotheses e constituir doutrinas mais avançadas. E a arte politica não andarà ao léo dos ventos corruptores da immoralidade, favorecendo a ganancia e os instinctos perversos dos aventureiros de toda a sorte: ella encontrará base solida em preceitos que só mudarão se os principios em que assentam soffrerem qualquer mudança, devida a estudos mais ponderados ou a investigações scientificas mais acuradas. E esses preceitos serão, como os mandamentos das religiões, apregoados por toda a parte, através dos tempos para que, ao fim de muitas gerações, consigam incorporar-se á mentalidade de todos os individuos. Só então estará a idéa, nascida de uma investigação scientifica, transformada em sentimento, impulso ou idéa-força, capaz de dirigir os actos dos bons cidadãos, levando-os á pratica fiel e honesta do regimen politico em que vivem.

E não ha melhor pregador de bons mandamentos do que aquelle que os pratica com entusiasmo e devotamento. "Sabeis que



és la mayor de las immoralidades predicar a otros las virtudes que no se practican, segu'n nel risueño consejo de los teólogos: haz lo que digo, no lo que hago" (José Ingenieros).

Se queremos viver numa verdadeira republica, nosso primeiro cuidado deve ser a formação de verdadeiros cidadãos republicanos. E uma perfeita educação republicana só adquire quem nasce, cresce e vive sob um regimen republicano perfeito.

E' possivel que não alcancemos a perfeição, mas ella deve constituir o nosso ideal. Se os nossos estadistas quizerem, por esse meio, conseguiremos não só comprehender, mas applicar tambem as instituições que temos.

Tudo se reduz a um intelligente trabalho de adaptação.

Seria muito engraçado, se, querendo acostumar um homem ao clima das zonas equatoriais, nós o levassemos á Groenlandia, e lá lhe ministrassemos sabias lições sobre a theoria do calor e eruditas narrações de costumes das populações do Sudão.

Pois não é menos comica a philosophia desses respeitaveis senhores que dizem: nós queriamos a republica; mas ella veio cedo de mais; o povo ainda não estava preparado para recebela.

Se não estava, então, menos estaria hoje, se continuasse a soffrer o influxo da organização monarchica. Pouco importaria o alastramento da propaganda republicana. Era bem possivel que, hoje, qualquer fazendeiro do sertão soubesse discorrer, com a proficiencia do Snr. Assis Brasil, sobre a democracia representativa. Mas, todas essas bellas idéas lhe não dariam o mais rudimentar dos habitos republicanos. Diga-se a coisa em forma chan: as suas orações, como as falas dos tribunos arrebatadores, não passariam de conversas fiadas.

Estas considerações foram escriptas para certo político, representante de uma das mais poderosas e funestas oligarchias, que temos a infelicidade de sustentar. Dizia-me elle, o outro dia, mais ou menos isto: "Vocês vivem a gritar que nós demudamos a politica em politicalha; que falsificamos as eleições; que mantemos nos municipios uns como satrapas, mandatarios fieis da nossa vontade; que impedimos a livre manifestação do pensamento e da vontade nacional; e que deturpamos assim o regimen representativo. Mas o que nunca vocês pensaram é que entregar este paiz, sem preparação republicana, ao azar das opiniões variaveis e insensatas das massas, seria o mesmo que encaminhal-o para a mais completa ruina".



O ROMANCE DO CHUPIM

POR

MONTEIRO LOBATO

Ouviamos no cinema a valsa precursora da primeira fita quando penetrou na sala um casal curioso. Ella, feiarrona, na idade em que a natureza começa a recolher uma a uma todas as graças da mocidade. Tirara-lhe já a frescura da pelle e o viço da côr, deixando em troca as sardas e os primeiros pés de gallinha. Tirara-lhe tambem os flexuosos meneios do corpo, a garridice amavel, os tiques todos que, sommados, formam essa teia de sedução feminina onde se enreda o homem para proveito multiplicativo da especie. Quasi gorda, as linhas do rosto entravam a perder-se num empaste balofo. Certa pinta da face, mimo que aos dezoito annos inspiraria sonetos, virára verruga, com um torcicolado fio de cabello no pincar. No nariz amarellecido cavalgava o *pince-nez* classico da professora que se preza.

Em materia de vestuario suas roupas escuriças, mais attentas á commodidade que á elegancia, denunciavam a transição da moda para o "fóra da moda".

Elle, bem mais moço, tinha um ar vexado e submisso de "coisa humana", em singular contraste com o ar de dona da companhia. O curioso do casal residia sobretudo nisso, no ar de cada um, senhoril do lado fraco, servil do lado forte. Inquilino e senhorio; quem manda e quem obedece; quem dá e quem recebe.

Ella falava d'alto, sem volver o rosto.

Elle ouvia de baixo, humilde, attento.

Visivelmente um caso conjugal onde cantava a gallinha e o gallo chocava os pintos.

Meu amigo apontou o homem com o beijo e murmurou:

— Um chupim.

— Chupim? repeti interrogativamente diante da palavra que ouvia pela primeira vez.

— Quer dizer, *marido de professora*. O povo alcunha-os assim, tirando analogias do passarinho preto que vive á custa do tico-tico. Não o conheces?

Lembrei-me da scena tão commum em nossos campos, e puz-me a observar o casal com maior interesse, mormente depois de começada a fita, rellissima salgalhada com o enfadonho adúlterio-sinho francez. Já elles não tiravam os olhos da tela, salvo o marido, que para ouvir melhor algum commentario da esposa não se limitava a dar-lhe ouvidos, dava-lhe olhos tambem.

— Os chupins, proseguiu o meu cicerone, são homens falhos, *ratés* da virilidade — a moral, está claro, que a outra lhes é indispensavel ao bom desempenho do cargo.

— Cargo ?

— Cargo, sim. Elles desempenham o cargo importantissimo de *maridos*. Em troca disso as esposas ganham-lhes a vida, dirigem os negocios do casal, desempenhando todos os papeis attribuidos normalmente aos machos. Taes mulheres apenas fazem aos maridos a concessão suprema de engravidarem por obra delles, já que lhes é impossivel a revogação de certas leis naturaes.

Quando a mulher vae á escola fica o chupim em casa, cocando os filhos, arrumando a sala, ou mexendo a marmellada. Ha sempre para elles uma recommendaçãosinha á hora da sahida para a aula.

— As vidraças da frente estão muito feias. Você, hoje, quando as Moreiras sahirem, passe um panno com gesso. (As Moreiras são as visinhas da frente).

O chupim acostuma-se á submissão e acabam usando em casa as saias velhas da mulher, para economia de calças.

— Pára ahi, homem de Deus ! Do contrario acabas-me contando a historia de um que deu á luz um creanço.

A fita chegára ao fim. Surgiu o gallo vermelho do Pathé, bo-leou o pescoço num có-ri-có-có mudo e sumiu-se para dar lugar ao reaccender das luzes.

A mulher ergueu-se, espannejou-se e sahiu, seguida pelo chupim solícito. Acompanhamol-os de perto, estudando o caso, e na rua, depois que os perdemos de vista, o meu amigo retomou o assumpto.

— Em materia de chupins conheço um caso typico, que segui desde os primordios reveladores da vocação. Havia na minha terra um menino de nome Eduardinho Tavares. Filho de tio e sobrinha nascera sem tára apparente, a não ser uma extrema du-biedade de character, uma timidez de menina — de menina do tempo em que a timidez nas meninas era moda. Especie de creatura intermediaria entre os dois sexos.

Em creança, brincava de boneca de preferencia ás nossas tou-
radas, ao jogo dos "caviunas", ao "pegador". Em meninote, em-
quanto os da sua idade descadeiravam gatos pela rua elle lia Pau-
lo e Virginia á sombra das mangueiras, chorando lagrimas sen-
tidas nos lances lacrimogeneos.

Fomos collegas de escola e lembro-me que um dia appareceu-
nos lá com um papagaio de missanga verde, obra sua.

Eu, estouvadão de marca, ri-me d'aquillo e escangalhei com a
prenda, enquanto o maricas, abrindo uma bocarra de urutáo,
rompia num choro descompassado, como choram mulheres. Irrita-
do, dei-lhe valentes cachações. Não reagiu, acovardou-se, hu-
milhou-se e acabou feito o meu carneirinho. Só procurava a mim
dentre cem companheiros. Acamaradamo-nos dahi para diante o
que não me impediu de o fazer armazem de pancada. Por qual-
quer coisinha uma "cacholeta". Elle ria-se, meigo, e cada vez
mais me rentava. Puz-lhe o appellido de Maricota.

Não se zangou, gostou até, confessando achar mais graça nesse
nome do que no de Eduardo.

Hoje eu estudaria esse typo á luz da sciencia como caso deve-
ras notavel; naquelle tempo feliz de sadia ingenuidade limitava-
me a tirar partido da sua submissão, transformando-o em pete-
ca, em escravo, em coisa de que se põe e dispõe.

Fóra do collegio continuamos camaradas de modo que pude
acompanhal-o por um bom pedaço da vida afóra. Nunca perdeu
a timidez donzellesca. Fugia ás meninas, sobretudo se eram ro-
manticas, ou accentuadamente femininas — o meu genero.

Fez-se misogyno.

Por essas alturas casei-me — casei-me com a moça mais femi-
nina da epocha, uma romantica escapulida a Eschrich, dessas que
tem medo ás baratas e cahem de fanico se um rato corre pela
sala — o meu genero, emfim.

Eduardo permaneceu solteiro, sempre ás sopas do pae até que
este morreu e lhe deixou de herança uns predios, mais uns titu-
los. Sem tino commercial, passaram-lhe a perna, comeram-lhe
casas e apolices e o pobre rapaz, quando abriu os olhos, estava a
nenhum. Recorrendo a mim para um bom conselho de arrumação
de vida, vi que não dava para coisa nenhuma e receitei-lhe
casorio.

— Casa-te. Incapaz de acção como és, tua sahida unica está em
tirar partido da tua qualidade de macho. Casa com moça rica, ou
então com mulher trabalhadeira.

Nada valeu o conselho. Eduardo não tinha geito para reques-
tar uma mão, quer bem annelada, quer muito callejada. Embara-
çava-o a irreductivel timidez.



Mas o diabo as arma. Um bello dia appareceu na terra uma professora nova, mais ou menos ao molde desta de ha pouco. Typo de mulherça mascula, angulosa, ar energico, autoritaria. Gostava de discutir politica, entendia de cavallos, lia jornaes, tinha opiniões sobre a secca do Ceará e o saneamento dos sertões. Apesar de bem conservada. andava perto dos quarenta, não fazendo mysterio disso. Se não casara até então, não é que fosse infensa ao matrimonio — não achara ainda o seu typo d'homem, dizia. Pois não é que o raio da pedagoga vê Eduardo e se engraça d'elle? Examina-o fulminantemente como quem examina um cavallo, mira-o d'alto abaixo, interpella-o, dá-lhe balanço ás idéas e sentimentos, pesa-lhe o valor monetario, pede-lhe, ou antes, toma-lhe a mão, leva-o á igreja e casa-o comsigo.

Foi um relampago tudo aquillo. Em tres tempos namorado, noivado, casado e mettido no gyneceu, Eduardo, quando abriu os olhos, estava chupim para o resto da vida.

D. Zenobia sabia avir-se com a vida. Ganhava-a folgadamente. Além da escola particular que dirigia tinha a premio um pequeno capital que não cessava de crescer, collocado de 4 a 5 % ao mez sob garantias de toda a ordem. Casada, continuou á testa dos negocios; o marido, se apparecia nominalmente nalguma transacção, era pró-forma.

Encaramujado em casa da professora, Eduardinho foi sonegado ao mundo e o mundo acabou esquecendo Eduardinho.

Nunca mais o viram na rua ou nas festas sem ser pelo braço da mulher, na attitude encolhida daquelle chupim do cinema.

Um filho nasceu-lhes nesse entretempo e começa aquí o mais engraçado da comedia. A tantas, D. Zenobia deu de gabar as qualidades artisticas do esposo. Eduardo era um grande talento literario capaz de obras deveras notaveis.

— Voces — dizia ella ás outras professoras do collegio — não sabem que thesouro perderam. Eduardo sahiu-me uma verdadeira revelação. E' dessas creaturas privilegiadas que possuem o dom divino da arte mas que passam ás vezes a vida sem se revelarem a si proprios. Aquelles seus modos, aquella timidez: genio puro, minhas amigas ! Vocês hão de vel-o um dia apparecer como um meteoro, alcançar a gloria, cahir como um bolide dentro da Academia. Está escrevendo um romance que é uma belleza. Lindo, lindo ! . . .

Esse romance levou mezes a compor-se.

Todos os dias, no quarto de hora de folga que reunia as professoras na saleta de espera, D. Zenobia dava noticias da obra.

— Está ficando que dá gosto ! O capitulo acabado esta manhã parece uma coisa do outro mundo !

E desfiou o enredo. Era o caso dum moço loucamente apaixonado por uma donzella de cabellos loiros e olhos azues. A primeira parte do romance ia toda na pintura desse amor, lindo, lindo, como não havia outro. Puro poema em prosa.

E D. Zenobia revirava os olhos, em extase. As outras professoras acabaram por interessar-se a fundo pelo romance de Eduardo — *Nupcias fataes*, o qual virara folhetim vocalizado aos pedacinhos, dia a dia, pela pittoresca D. Zenobia. A noticia correu pela cidade e isso acabou rehabilitando Eduardo da sua fama de *Zé-faz-fôrmas*, *pax-vobis*, e mais pechosos appellidos amariçados de que é fértil o povo. Como a gente se engana! — diziam — parecia uma lesma de pernas, ninguem dava nada por elle e no entanto é um grande romancista...

Como as professoras davam á tréla, o enredo das *Nupcias fataes* corria de bocca em bocca, pela cidade; os lances de effeito eram gabados com citação das melhores tiradas. O "Lyrio", noticiando o anniversario do moço, consagrou-o — festejado homem de letras.

D. Zenobia sabia dosar a narrativa de modo a deixar as professoras suspensas nos lances mais commoventes. Houve um trecho que as pôz pallidas de espanto. Era assim: Lucia fôra pedida pelo rival de Lauro, o galã infeliz. O pae de Lucia e toda a familia querem ocasamento, porque o monstro é riquissimo, tem casa em Paris, hiate de recreio e um titulo de conde promettido pelo Papa. O pobre do Lauro, coitado, para cumulo de desgraça, perdeu aquella demanda da herança e está mais pobre que Job. As cartas em que elle conta isso a Lucia são de chorar!... Todos estão contra o coitado e a favor do monstro. O pae fez uma scena horri-vel!: Antes ver-te morta do que ligada a esse miseravel... poeta!

E a coitadinha, alanceada no mais dolorido do coração, doida, doida de amor, chorava noite e dia encerrada n'uma cella escura.

— Desgraçados! intervem com um nó na garganta a mais compassiva das professoras. Porque não ha de sahir a sorte grande para um desditoso destes? Peça ao seu marido, D. Zenobia, que lhe faça sahir a sorte, sim?

— Não pode. Isso prejudicaria o resto, e, demais, não é esthetico, respondeu preciosamente D. Zenobia.

E assim corria o tempo. O romance era á moda antiga, em varios volumes, systema Rocamble. Já tinha acontecido o diabo. A moça fugira de casa, raptada em noite de tempestade pelo cavalleiro gentil; mas o dinheiro do monstro vencía tudo; foram presos e encarcerados, ella no convento, elle n'um calabouço infecto. Mas quem pode vencer o amor? O cavalleiro conseguiu, illudindo os guardas, abrir um subterraneo que ia ter ao convento

Que obra aquella ! Como as professoras deliraram acompanhando a obra desesperada do homem-toupeira, escavando a terra húmida com as unhas sangrentas ! Afinal, venceu, alcançou o pavimento da cella onde Lucia chorava de amor, conseguiu falar-lhe. Que lance este, quando Lucia comprehende o estranho murmúrio de voz subterranea que a chamava ! Era a redempção final. Tudo combinado para a fuga, um barqueiro os esperaria no lago, á meia noite etc. e tal.

D. Zenobia parava nos trechos mais empolgantes, deixando a assemblea, ora em lagrimas, ora em arroubos de indizível extase. A's vezes, quando estava em seus dias azedos, não adiantava a novella de um só passo, sequer.

— Hoje, descanço. Eduardo está com um pouco de dôr de cabeça e não escreveu uma linha.

As professoras ficavam pensativas.

Afinal, chegou o dia da fuga, ponto culminante da obra. D. Zenobia, perita na arte de armar effeitos, annunciou-o de vespera.

— E' amanhã, o grande dia !

— Mas escapam, D. Zenobia ? — disse uma torturada do romantismo, com a mão no seio, arquejante.

— Não sei...

— Pelo amor de Deus, D. Zenobia ! Eu não posso mais ! Se o monstro ganha a partida mais esta vez, diga, que eu tiro umas ferias e vou para a roça esquecer de vez este maldito romance que já me está deixando hysterica.

— Paciencia, filha. Como eu posso saber o que está na imaginação do artista ?

— Mas peça a elle, peça por nós todas, que não deixe os espiões do monstro descobrirem os fugitivos desta vez. Pelo menos agora. Mais tarde vá, mas agora elles precisam uns mezes de recompensa. Arre, que tambem é demais !...

No dia seguinte D. Zenobia appareceu sorridente. As professoras anciosas, ao vel-a assim, criaram alma nova.

— Então ? disseram, palpitantes.

D. Zenobia fez um muxoxo.

— Esperem lá. A coisa não vae a matar. Eduardo neste momento attinge o ponto culminante, o Itatiaia da obra.

Deixei-o com o olhar em fogo — o fogo da inspiração, os cabellos revoltos, a cabeça febril. E' o momento supremo do *fiat!* Toda a obra depende deste fecho de abobada. Como a solução do caso vem das profundas do subconsciente esthetico, e inda não veio até á hora de eu sahir, pedi-lhe que me communicasse o resultado pelo telefone. Esperemos.

As moças puzeram os olhos no ceo e a mão no peito.

— Meu Deus! disse uma — estou com o coração aos pinotes! Se Lauro é preso, se os emboscados o matam... O monstro é capaz de tudo!

Nisto vibrou a campainha do telefone. D. Zenobia piscou para as amigas estarecidas e foi atender.

Ficaram todas no ar, immoveis, palpitantes, trocando olhares de interrogação. No compartimento visinho D. Zenobia conversa com o grande artista:

— Elle não pára de chorar, Zenobia. Ao meu ver é colica que elle tem. Desde que você sahiu está que é um berro só. Já fiz tudo, dei chá de herva-doce, dei banho quente, nada! Berra que nem um bezerro!

— Você já cantou o Guarany?

— Cantei tudo, o Guarany, o “tutu já lá vem”, “Somos da patria a guarda”... Mas é peor.

— Deu camomilla?

— A camomilla acabou. Quiz mandar a negrinha buscar um pacote na botica mas não achei o dinheiro...

— Lerdo! E aquelles 400 reis que te dei hontem? Não sobrou metade?

— E'... é que... que eu comprei um maço de cigarros...

— Sempre o maldito vicio! Olhe, atraz do espelho, perto da saboneteira azul, está uma pratinha de 500. Mande buscar a camomilla, mas no Ferreira, a do Brandão não presta, é falsificada. Ferva uma pitada numa chicara d'agua e dê ás colherinhas. Dê tambem um clyster de polvilho. Mudou os panninhos?

— Trez vezes, já.

— Verde?

— Verde carregado, como espinafre.

— Bem. Eu hoje volto mais cedo. Faça o que eu disse, e fique com elle na rede. Cante a area da *Mignon*, mas não berre como daquella vez, que assusta o menino. Em surdina, ouviu? Olhe: ponha já as fraldas sujas na barrela. Escute: veja se tem agua no bebedouro dos pintos. A marmellada? Ora bolas! Deixe isso para amanhã. Bom, até logo!

D. Zenobia largou do phone e voltou ás companheiras, que continuavam immoveis, suspensas.

— Estes artistas!... — começou ella dizendo. Que é que voces pensam que Lauro fez?

— Fugiu! disse uma.

— Deixou-se prender, disse outra.

— Suicidou-se, declarou terceira.

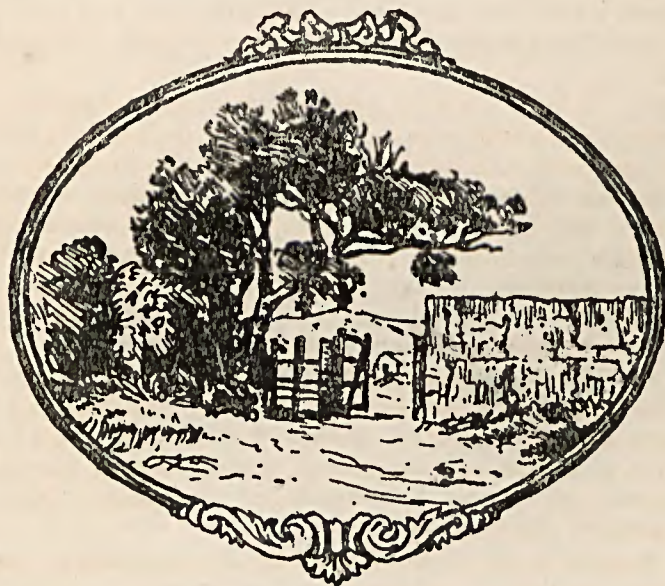
— Ninguem adivinha. Lauro rompeu o pavimento, entrou na cella, e depois de uma grande scena resolveu metter-se frade!!...

Foi um "oh!" geral de desapontamento. De dó dellas, porém, D. Zenobia voltou atrás :

— Estou brincando. Eduardo está hoje com uma dôr de cabeça damnada e eu o aconselhei a descansar um bocadinho. Fica o lance adiado para outro dia.

As romanticas respiraram...

O romance do chupim tem hoje onze annos. Já é menino de escola. Chama-se Lauro e para reabilitação do sexo masculino puxou o caracter da mãe.





PAGINA RELIDA

POR

CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO

(Do livro a sahir — “*Ariadne*”)

Por que me volta aos olhos, hoje, a tua imagem, depois de um hiato escuro de annos e annos ? Deixa que eu te contemple, comovido, e um pouco perplexo. A tua imagem é sempre bela. A tua lembrança é doce.

*
* *

Dona Julia me parece, com bem claros contornos e bem vivo encanto, longe, longe, lá, no termo da infancia, no limiar da adolescencia. Ela foi para minha alma, um pouco para os meus sentidos, a primeira mulher. Era uma senhora já; uma joven senhora. E eu era um menino; tinha a selvageria do collegio, e o vexame físico do crescimento. Ia visital-a nas ferias. Não havia crianças na casa; era propriamente Dona Julia que eu ia visitar.

Estava quase sempre só; o marido prisioneiro da Câmara, do Fôro, dos clientes de que era poderoso patrono, ficava fóra até a noite. Excepto aos domingos; quase nunca ia eu vela aos domingos; não sabia então, e ainda hoje não comprehendo, se nisso repenso, por que, naqueles raros domingos, a casa me agradava muito menos. Sim; digo-o ingenuamente agora: não havia motivo devéras, naquela minha tenra idade; ou seria algum laivo obscuro de precocidade sexual, inocentíssima por que inconciente de todo... ou mero ciume tolo, tão comum nas crianças, quase desde o berço ?

Dona Julia me recebia — não falo mais dos domingos — na sua grande chácara do Flamengo, cujo secular arvoredado fragrante se estendia até o mar, mesclando ao das vagas o

profundo sussurro das suas frondes. Havia lá, junto da velha balaustrada de granito, um caramanchel forrado de heras e madresilvas, que, de tão espessas, mantinham, mesmo nas horas mais luminosas, uma penumbra densa de perfumes; aos d'elas se iam unir os das magnolias, das mangueiras, copiosas na chácara avoenga; e o mar contiguo trazia tambem o tributo das suas acres emanações. Era no caramanchel que eu a encontrava, sósinha, as mais das vezes, com o galgo predileto, dorso de ouro e ventre branco, deitado a seus pés. (Se acaso estava a seu lado alguma amiga, era pungente a minha decepção, e eu não lograva disfarçar-a). Dona Julia, estendida na preguiceira de vime, sôbre coxins de "foulard" japonez, com um livro aberto, ou um recamo começado, nos joelhos... lia? bordava? ou cismava simplesmente?

A sua postura se impregnava de languidez tropical, de dengue genuinamente fluminense... e melhor combinava com a indolencia errante da fantasia, que com qualquer comêço ou esbôco de acto...

Certo, ela abandonava o livro, o recamo, voltava para mim com gesto de infinito donaire a cabeça fina, o rosto muito claro, os olhos muito negros (divino contraste!), e punha-se a conversar, a conversar comigo, horas e horas. Como essa atenção me lisongeava o amor proprio nacente! Não era uma menina, uma mocinha... era uma senhora; e conversava comigo horas e horas! Sentia-me promovido de repente a homem; cimo da minha ambição inconfessada, altura vertiginosa! Entrando naquela atmosfera de simpatia feminina, que nada tinha de materna, pois vinha de amiga tão jovem, o meu espirito criava azas, bailava e brilhava como uma d'aquelas elegantes borboletas iriadas, que zigzagueavam pela grande chacara, adejando aqui, pousando acolá... Devia eu dizer cousas bem engraçadas, por que Dona Julia ria por vezes com gôsto aquelas suas belas risadas joviais e cristalinas, único traço porventura, que ainda nela permanecia de resistente infantilidade.

Passado algum tempo: "Carlinhos..." dizia ela: oh! o meu nome, assim pronunciado por Dona Julia, ainda canta aos meus ouvidos, com capciosa melodia. Quantas pessoas me chamavam então com esse diminutivo! mas que!... não parecia, nem por sombra, a mesma palavra, que na sua boca se tornava pura ambrosia. "Carlinhos — dizia Dona Julia — vai correr pela chácara; não queres? vai apanhar abios e grumixamas; vai brincar com os papagaios; não queres?"

Oh! coqueteria instintiva da mulher! "Não queres?" era todo um poema d'ela, e para um pequeno de doze annos!

Não; eu não queria: o que queria era ficar ali, conversando, e fartando-me de miral-a, com perfeita inocencia, e por isso mesmo sem rebuços. Dona Julia era para mim, por excellencia, a "senhora bonita". Em casa eu ouvia gabos frequentes á sua formosura, na sala entre damas e cavalheiros, na copa e no córadouro entre as mucamas. E a cada novo encontro com ella, eu descobria argumentos novos para consagração da sua glória. Quedava, pois, ali, enlevado, no recolhimento propício do caramanchel, contemplando-a, escutando-a. O galgo, com o infallível tato proprio dos animais domésticos em prezar os amigos de seus amos, distribuia as suas festas entre mim e Dona Julia...

O mar, lá em baixo, entrevisto apenas por entre as cortinas da folhagem, murmurava infinitas cousas, poéticas, deliciosas, e confusas, como as que embalavam, no mesmo instante, o meu coração de criança...

Depois, com o refrescar da tarde, era o passeio lento, lânguido, lado a lado, entre as alas silenciosas da chácara; as magnolias, as mangueiras desprendiam nessa hora, beijadas pela brisa do mar, os seus mais agudos perfumes; nós vagávamos, um tanto aturdidos pelos vapores invisiveis d'aqueles incensos. Parávamos, no jardim, á orla de varios canteiros; ella cortava com finas tesouras, algumas das rosas de luxo que ali se cultivavam, e feixes de cravos, e ramos de fuscias, e galhos de azuleas; e m'os dava a carregar. Os seus dedos alvos e afilados, cintilantes de aneis, se imergiam ageis, buliçosos, entre a verdura fôfa, húmida da rega recente; eu os seguia com os olhos, e levava ufano o doce pêso floreal, gosando nas mãos e no rosto as brandas caricias das pétalas de veludo... O galgo nos acompanhava saltando, com breves latidos festivos quando passava, a roçar preguiçosamente as plantas, alguma borboleta retardataria...

Era, ainda, a merenda — ella e eu, sósinhos, á mesa, ornada das flores pouco antes colhidas, faiscante e sonora de cristais; era a comprida e quase dormente conversa, em tórno ás fruteiras e compoteiras transbordantes. Era uma última paragem, no terraço, embevecido ambos nas cismas pálidas do crepúsculo, ao badalar dos sinos, que numa egreja visinha rezavam o "Angelus"; os papagaios, empoleirados, ao fundo, nas suas guaritas de pau, zargunchavam o ar com os seus gritos estridentes, como blasfemando da harmonia religiosa... E eu partia por fim, já enternecido de saudade, já contando os dias que me separavam da próxima visita...

Uma tarde, Dona Julia não estava no caramanchel sobre a praia. Opaco, plumbeo mormaço sufocava a terra e o mar. Ameaçava chuva; vibrações soturnas, precursoras de tempestade tropical que se armara improvisa, deciam das grossas nuvens reboantes. Relampagueava a espaços.

Fizeram-me entrar para o quarto de "toilette"; não era eu uma criança, e tão familiar na casa? Muito mais fresco do que fóra, se sentia ali, na penumbra das venezianas cerradas, no ambiente pulverisado de finíssima agua de Colonia.

Dona Julia estava sentada em frente ao grande espelho do toucador. Vestia um amplo roupão de seda crua côr de ambar, guarnecido de rendas. O seu busto esbelto, de longa e esguia cintura, dominava erecto os quadris robustos; arqueavam-se-lhe os rins, estufavam-se-lhe os seios nos movimentos de sua "toilette", em quanto os dedos alvos e afilados, cintilantes de anéis, mexiam em objectos mimosos e luzentes colocados sôbre o toucador: pinças e brunidores de prata, pentes e escovas de tartaruga loura, frascos de cristal facetado com tampas de ouro e esmalte.

Os dedos iam e vinham, a conversa enlanguescia, bem que o acolhimento houvesse sido cordial, como sempre. Naquele momento, Dona Julia pensava só em si; contemplava-se, como numa auréola de justa complacencia. O grande espelho era-lhe melhor e mais grato transmissor da sua propria imagem, do que o seriam olhos amantes e amados... não digo os meus, pobre criança!... os do marido, por exemplo. Entre os seus se acentuava, frequente, o vinco da atenção profunda, em quanto os beicinhos se lhe apertavam num muxoxo adoravel, segurando alfinetes ou grampos...

De repente, a um gesto mais rápido e mais alto, as largas mangas do roupão caíram, e os seus braços me apareceram nus até os hombros... Ah! eu nunca vira cousa tão branca! "Biscuit", alabastro, mármore, gardenias, camelias, colos de cisnes, espumas do mar, neblinas da manhan, nuvens do meio dia em ceu azul ferrete... tudo o que na minha memoria se associava á idea de brancura, como esmorecia e desmerecia diante d'aqueles braços! braços perfeitos, raros, nao só na côr mas na fórmula, torneados a primor, largos mas não em demasia junto ás espaldas, adelgaçando-se gradualmente até os cotovelos, continuando ainda mais mimosos até os pulsos tocados apenas na sua neve rutilante por tenues veias aniladas, para terminar nas mãos liriae de palmas levemente roseas, como em duas corolas vivas e maravilhantes...

E eis que, desnastrados por eles, os cabelos de Dona Julia rolaram em ondas tenebrosas sôbre as espaduas, rolaram, de tão longos, até roçarem a fimbria rendada do roupão, e os arabescos variegados do tapete de Smirna. E os seus dedos alvos e afilados, cintilantes de aneis, que eu tantas vezes vira com delícia imergirem-se ageis, buliçosos, na verdura fôfa das plantas, imergiam-se agora, nervosos, enérgicos, naquela opulenta floresta de ébano, sacudiam-na, repartiam-na, davam-lhe sussurros e voos, communicavam-lhe mil vibrações extranhas, desprendiam d'ela essencias tão subtis e capitosas como as de um bosque do Líbano ou de um vergel de Ispahan...

Símiles em atrazo, figuras de reflexo, que não me acudiram então; nem, ao faciñarem-me tão vivos e maravilhantes também eles, vivos sôbre tudo, terrivelmente vivos, aqueles cabelos negros (juraria ainda hoje ter visto jorrar, das suas mórbidas volutas, rápidas faiscas elétricas), me teria acudido a lembrança das serpentes da Gorgona. Oh ! não; tão outros eram, balsámicos e lenientes no fundo sob a superficial procela, que eu quereria sómente envolver-me neles, sonhar dentro d'eles, perder-me naquela selva, naufragar naquele oceano...

Dona Julia virou-se para mim, de súbito: "Carlinhos... estás mudo hoje ? em que pensas ?"

Havia na pergunta uma intenção de ironia ? Nem com a fria experiencia de agora ousaria atribuir-lh'a. Estou certo que Dona Julia nem suspeitava que os encantos da sua intimidade feminina, do que eu via, entrevia, adivinhava, pudessem perturbar, como intensamente perturbaram, os sentidos e a alma de uma criança. Como imaginar nela a perversidade de expôr-me assim ao perigo ? e como imaginaria ela em mim a perversidade de miral-a com olhos de homem ? Não se tratava de perversidade, se quer da perversão, mas da precocidade natural de um temperamento predestinado para a beleza e para o amor.

Para mim é que foi reveladora aquela tarde; reveladora, aliás, não com absoluta clareza; reveladora um tanto sibilina. Deu-me a vertigem do abismo; não a sonda e a lanterna para explorar-lhe os vórtices. Se até então eu pensava, e gostava de pensar, com simpatia, com afeto, na jovem senhora, como num ideal de formosura e gentileza, d'ahi por diante esse pensamento se me transmutou em obsessão doentia, frenesi selvagem e misterioso quebranto, êxtase paradisiaco e mortal. Perto ou longe que eu me achasse d'ela, era-me a sua presença companhia constante; e eu oscilava entre o desejo e o terror, tentando por instantes fugil-a, mas logo, arrependido da minha



audácia, como de um sacrilegio, voltando a buscal-a, a agarral-a, em desatino, com redobrada veemencia. Chegava a esconder-me de todo, a isolar-me na solidão mais intransigente, no fundo do meu quintal ou no desvão de uma janela escura do sótão, para pensar nela á minha vontade, para fartar-me, quasi orgiicamente, d'esse prazer e d'essa dor.

Entre duas visitas a sua casa, arrastavam-se mancos os dias, e oh ! que monótonos, que áridos, que vasios, que estúpidos ! Quando, por fim, devia lá ir, empolgava-me desde manhan um júbilo tão expansivo, tão exclusivo, tão prodigioso, que eu andava ás risadas pela cousa mais futil, ou mesmo pela cousa mais séria, a ponto de escandalisar involuntariamente pessoas graves, que não entendiam ser tratadas com irreverente hilaridade por um rapazinho de doze annos; diante dos seus severos cenhos, colhia-me um medo súbito de que me desvendassem o segrêdo, e o sangue me escaldava as faces, e os olhos se me abaixavam, enfiados. Assim tambem, apenas batia o minuto suspirado, eu me atirava pelas escadas, corria, voava pelas ruas, atropelando a gente, devorando o espaço; mas, tão depressa alcançava o portão da chácara, todo o entusiasmo, todo o valor se me desvaneciam. Extranho temor se apoderava de mim; arrepios me crispavam a epiderme, banhada em gélido suor; o coração me badalava tão violento, que me parecia tel-o ao mesmo tempo no peito e na cabeça... A mão erguida para puxar a corrente da campainha tremia suspensa, em longa hesitação, antes de tocal-a; e quando o som metálico retinia insistente a travez da chácara silenciosa, aferrava-me um impulso louco de fugir, de precipitar-me pelas ruas fóra, até o seio de algum matto inacessivel onde pudesse esconder-me a todos os olhos, especialmente aos de Dona Julia...

Não fugia; ficava; entrava. Mas então, em contraste e em conflito com a volupia de que me inundavam todo a sua vista, a sua voz, o seu gesto, os seus incomparaveis e inefaveis encantos, oprimia-me, torturava-me uma angústia ainda maior, tanto maior por ignorar-lhe eu as origens verdadeiras e a intima essencia. D'onde provinha, a final, e em que consistia a singular influéncia d'aquela mulher ? por que, ausente d'ela, com tal fervor eu a desejava, e quando ahi a tinha, a meu lado, bondosa e acolhedora como sempre, sofria talvez ainda mais ? que ambicionava eu d'ela ? que me faltava d'ela ? A simples idea de posse amorosa estava, por certo, longe do meu espirito: a minha inexperiencia, mesmo téorica, da união dos sexos era ainda completa. Mas, vagamente, confusamente, eu cogitava que sería feliz, oh ! tão feliz, que nada mais poderia desejar,

se ela me acariciasse com os seus finos e alvos dedos, cintilantes de anéis, se ela fechasse em tórno á minha cintura aqueles seus braços de deslumbrante brancura, nus como na tarde fatídica, se me fosse permitido respirar a largos haustos aqueles seus cabelos negros tão opulentos, tão macios, tão fluentes, tão aro- mais...

E compreendia, vagamente, confusamente ainda, o absurdo de um tal anhelto. E de compreendel-o, padecia. E padecendo, não achava mais aquela naturalidade, aquela graça inocente e jocunda, com que antes a interessava, a divertia nas nossas longas palestras de horas e horas. E um pavor, agudissimo, me investia: se ela percebesse! se ela se ofendesse! se ela, muito justamente, se zangasse, e não me quizesse receber mais!

Sentia-me lamentavel, e não ousava impetrar a sua piedade. Peor, muito peor: sentia-me ridículo; e como é pungente, humilhante, a sensação do ridículo para as crianças! infinitamente mais que para os adultos! As palavras me expiravam nos labios, uma expressão envergonhada e birrenta me confrangia a cara, e era-me preciso um esforço ímprobo para recalcar as lágrimas, que, por momentos, me inchavam o coração, e me avermelhavam as pálpebras...

Esse drama infantil, inconfessado, estava exigindo imperiosamente um desenlace. Trouxe-o, banal como havia de ser necessariamente, o termo das férias. Amargos foram os prantos com que eu parti para o collegio distante; mas, a travez d'elles, a minha razão lúcidamente distinguia o epílogo libertador, benéfico, de um romance que se ia tornando perigoso. O tempo foi pouco a pouco abrandando a minha dor, cicatrizando a minha chaga. Não era para a minha idade a luta estrenua com a paixão. Todavia a saudade permaneceu por muitos mezes. Foi o "leitmotiv" do enervamento poético desencadeado pela primeira crise da puberdade. Quantas vezes, no comprido dormitorio do collegio, em quanto, nas duas extensas filas de camas, os companheiros jaziam imersos em plácido sono, a diletta imagem de Dona Julia veio sentar-se á minha cabeceira, na mesma perturbadora attitude em que eu a vira no seu quarto de "toilette"! Eram os seus braços as minhas "noites brancas", sob o ceu tenebroso e faiscante dos seus cabelos...

A voz conhecida e amada me sussurrava, branda, como outr'ora: "Carlinhos..." E ao mesmo tempo eu sentia em minha face o sôpro do seu hálito fresco e recendente. Parecia-me então que ele se transfundisse no oflato, mais amplo, da brisa que colhia perfumes pelas aleas da chácara, e que á meiga palavra, ao meu nome sussurrado de leve, dêsse grave acom-

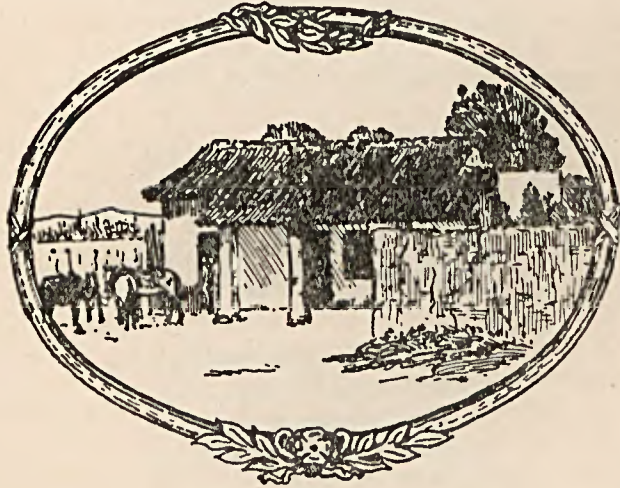


panhamento a sinfonia dolorosa do mar... E chorava, eu só desperto no imenso dormitório; mas chorava docemente. Era uma delícia o fluir das lágrimas lentas e tépidas ao longo do rosto...

*

* *

Mais tarde agradeçi comovido, lendo Homero, a insistencia com que ele chama, á deusa Juno, a dos cândidos braços; e exultei aprendendo, em Catulo, que se fizera uma constelação dos cabelos de Berenice...





SÃO JOÃO

PAULO SETUBAL

(Do livro a sair—*Alma Cabocla*).

*E' noite... O santo famoso,
O doce, o meigo S. João,
Tivera um dia glorioso,
Todo de bulha e de goso,
Que encheu de vida o sertão.*

*Cedo, por entre os clamores,
E os "vivas" do povileu,
Todo enramado de flores,
Um mastro de vivas côres,
Subira em triumpho ao ceu !*

*E agora, emquanto palpita
A clara noite hibernal,
Toda a fazenda se agita,
Nessa alegria infinita
Da festa tradicional.*

*Dentro, com grande aparato,
Brilha, enfeitado, o salão:
Que ha, nessa festa do matto,
Pessôas de fino trato,
Chegadas para o São João...*



*Destaca-se entre essa gente,
A flôr da elite local:
O padre, o juiz, o intendente,
— O proprio doutor Vicente
Que é deputado estadual.*

*E ante o auditorio pasmado,
Que, num enlevo, sorri,
A Isabelhinha Machado
Batuca, sobre o teclado,
Uns trechos do Guarany...*

*E tudo quanto assassina,
Recebe immensa ovação:
Todos, quando ella termina,
Põem-se a exclamar: "Que menina !
Dá gosto... Que vocação !"*

*E ella, entre ingenua e brejeira,
Com ares de se vingar:
"Agora, queira ou não queira,
Seu Saturnino Pereira
Ha de tambem recitar."*

*Surge, á força, o Saturnino...
Rugem palmas em redor !
E' um typo, esgalgado e fino,
Que sabe, desde menino,
Dizer Castro Alves decór.*

*Na sala, muda e tranquilla,
Retumbam os versos seus:
E elle, o letrado da villa,
Ao som da velha Dalila,
Diz: "Foi desgraça, meu Deus..."*

*E após ouvir a estupenda
Flammancia do seu fallar,
No amplo salão da fazenda,
Os velhos jogos de prenda
Reclamam o seu lugar.*



*Começa então a berlinda...
Risos. Cochichos. Zum-zum.
— De pé, donairosa e linda,
Pergunta a D. Florinda
Os dotes de cada um:*

*Porque razão, seu Martinho,
Foi á berlinda a Lêlê?
— “Porque olha muito ao visinho”.
“Porque é má”; “porque é um anjinho”;
“Porque é vaidosa”; “porquê...”*

*E todo o mundo, á porfia,
Requinta na indiscreção...
E emquanto, ingenua e sadia,
Essa camponesa alegria
Faz palpitar o salão,*

*Lá fora, alegre e gabola,
Num terreiro de café,
Ao rude som da viola,
A caboclada rebóla
Num tremendo bate-pé!*

*A filha do Zé-Moreira
É o mimo deste São João:
A' luz da rubra fogueira,
Requebra a guapa trigueira
Ao lado do Chico Peão.*

*Candoca, a noiva do Jango,
Baíla num passo taful;
É a flor, que, neste fandango,
Tem labios côr de morango,
Vestido de chita azul.*

*E no tumulto se nóta,
Aos risos dos que lá estão,
Nho Lau, de esporas e bota,
Dansando junto a nha Cóta,
Viuva do Conceição...*



*E á voz do pinho que chora,
Por sob a paz do luar,
Fremindo vae, noite afóra,
Essa alegria sonora
Da caboclada a bailar !*

*E do salão, que inda brilha
Num faiscante esplendor,
Chegam os sons da quadrilha,
Que alguém ao piano dedilha
Com indomavel furor.*

*E no sarau campesino,
Nessa festa alegre e chã,
Ruge a voz do Saturnino,
Que grita, esgalgado e fino:
“Balancez ! Tour ! En avant...”*

AJURICABA

BASILIO MAGALHÃES

*Desde quando Maciel Parente acaudilhara
Possante expedição, que, por mezes e mezes,
A indiada amazonense extinguiu ou tomara,
Odiava Ajuricaba os crúeis portuguezes.*

*E odiava-os com razão sobeja. Ah ! quantas vezes
Uma colligação geral não planejava,
— Entre tupís e gês e aruaks montanhezes, —
Contra o invasor da sua immensa terra cara !*

*Certo dia, no Hiúá, remontando a corrente
Do Negro, a conquistar a selvicola gente,
Entrara uma legião de lusitanos máus.*

*Mas, reunindo a cabilda indomita e altaneira,
Coagira á retirada a barbara “bandeira”
Ajuricaba, o chefe amado dos manáus.*



*Ajuricaba amava a formosa Corema,
Tanto quanto esta amava o forte Ajuricaba,
Que a ia ver além da malóca, na extrema
Do Hiá, onde o poder dos seus manáus se acaba.*

*E o branco, que de leal sempre se orgulha e gaba,
Porque do índio revél muito e muito se tema,
— Para render, emfim, o audaz morubixaba,
Recorre ao mais traíçoeiro e infando estratagema.*

*Perto do tejuçar de Corema, um vil bando
De lusos se occultou por alta noite, e, quando
Da amante estremecida, após campos e váus,*

*O beijo resorvia em prolongado espasmo,
Viú-se, subito, preso, entre colera e pasmo,
Ajuricaba, o chefe amado dos manáus.*

*Peiado aos rijos nós de solida corrente,
Algemado aos quadrís de celere canôa,
Ajuricaba desce o rio tristemente,
Emquanto o portuguez a victoria apregôa.*

*A' bellicosa tribu e á linda amante vôa
O pensamento do índio, e impreca, de repente,
Que o soltem, promettendo, em jura que alto echôa,
Não fugir, nem mais ver a sua terra e gente...*

*E, livre dos grilhões que lhe tiram os lusos
(Logo após, de erro tal repesos e confusos),
Alli, na conjuncção, que é liquefeito cháos,*

*Do Negro e Solimões, cae e desaparece,
— Mas seu celebre nome, esse ninguem o esquece, —
Ajuricaba, o chefe amado dos manáus.*

A PESCADORA

MILTON DE ASSIS

*Todas as tardes, quando, contente,
A' pescaria vaes a cantar,
Minha alma triste vontade sente,
Vontade sente de soluçar.*

*As grandes maguas por mim sentidas
São mais profundas do que as do mar,
E ha muito tempo que ás escondidas,
A's escondidas vivo a chorar.*

*Cala essa bocca, linda morena,
Cala essa bocca, não cantes mais;
Tua alma canta, minha alma pena,
Porém não deixam de ser iguaes.*

*Teus labios finos são duas rosas
Muito vermelhas... Que bello par!
Teus olhos meigos são languorosas
Duas nascidas para chorar.*

*O' pescadora de olhar maguado,
O' pescadora que vaes pescar,
Sem ser ao menos teu namorado.
Vivo somente para te amar.*

Sergipe



AFRANIO PEIXOTO

POR
JACKSON DE FIGUEIREDO

I

Afranio Peixoto foi durante muito tempo para mim uma especie de fascinação contraditoria: tive-lhe sympathia porque, graças a Deus, sympathiso todo esforço intellectual legitimo; olhei-o com desconfiança por diversos motivos. Um destes foi a lenda que o apresentava como detractor de Farias Brito.

Desfel-a Mario de Alencar deante de mim e a Farias Brito mostrei a sem razão de qualquer queixa. Mostrei devéras, não com insinuações que só vingam quando são más, e o que é certo é que a Afranio offereceu Farias Brito um exemplar de seu ultimo livro e de Afranio recebeu palavras de carinho e admiração.

O trecho em que Afranio Peixoto, no seu discurso de recepção na Academia de Letras, se refere ao Concurso de Logica em que, no Gymnasio Pedro II, foram contendores Farias Brito — victorioso — e Euclides da Cunha — vencido — é o seguinte:

“Tentou — fala de Euclides da Cunha — tentou o magisterio concorrendo a uma cadeira de logica no Gymnasio Nacional: vieram-lhe então no encalço todas as mediocridades que elle tinha o dom perigoso de açular. Parecia não haver logar para elle, onde tanta gente andava indevidamente. Comtudo, e isso é digno de ser assignalado, ao contrario, do que seria de esperar, veio-lhe a justiça da escolha” (1).

Se acaso fôra meu o elogio a Euclides da Cunha, nem seria preciso logar em que o louvor fosse obrigatorio, para que tivesse sido muito mais enthusiastico, menos vacillante, do que foi o de Afranio Peixoto, no momento em que tomava posse da cadeira

(1) Afranio Peixoto — *A pocira da estrada* — 24.

da Academia, que pertencera ao autor d'*Os Sertões*. Assim, falo com absoluta insuspeição. Admiro Euclides da Cunha como admiro o Brasil — semi-barbaro e gigantesco, rude nas suas linhas geraes, mas brilhante, deslumbrador, ás vezes, a este sol glorioso da America. A verdade, porem, é que só a paixão do momento poderia levar Afranio Peixoto á affirmação infundada de que fôra obra de justiça a que dera a Euclides da Cunha as palmas da victoria... conquistada por Farias Brito, ante os que ajuisaram do pleito, ali, onde o autor da *Finalidade do Mundo* se apresentara quasi desconhecido de todos, vindo do extremo norte da Republica, pobre, tendo feito o sacrificio de quase tudo quanto possuia, e, ousando dar tal passo, sem contar, ao menos, com o mais leve bafejo de protecção official.

Bem sabe Afranio Peixoto que este não era, de modo algum, o caso de Euclides da Cunha, pois, alem de ser no Rio, o escriptor victorioso que era, se alguem teve ali, naquelle encontro memoravel, alem do talento e da cultura, forças outras que combatessem a seu favor, foi, diga-se verdade, foi o autor d'*Os Sertões*, e só estas lhe valeram bem mais, por fim, do que a Farias Brito o esforço com que venceu todas as desconfianças, todas as más vontades, todas as difficuldades do grande meio intellectual que ousava olhar de frente, pela primeira vez.

Até ahi a injustiça praticada por Afranio Peixoto.

Entre esta, porem, e a de ter collocado Farias Brito entre as mediocridades que sahiram no encalço de quem, como Euclides, tinha o dom perigoso de açulal-as, vae grande differença, e só o animo previnido poderia emprestar tal extensão a uma phrase que só peccou, de facto, pelo vago da generalisação. Mas é evidente que Afranio Peixoto não poderia esperar uma tal interpretação da parte de um publico que fôra presente a todas as peripecias daquella luta, pois é sabido que Farias Brito e Euclides da Cunha mantiveram, até o fim, as mesmas cordeaes relações do primeiro momento, e sabido tambem que os mesmos foram os detractores de ambos, quando a luta sahiu do terreno proprio para o da imprensa.

Fosse como fosse, porem, durante muito tempo, o amigo que fui de Farias Brito e tenho fé em Deus que serei de sua memoria, recebeu de bôa fé a insidia e suffocou a viva sympathia que me inspirava Afranio Peixoto. Erro perdoavel, como perdoavel seria mesmo o de Afranio Peixoto se a injustiça para com o espirito genial e infeliz de Farias Brito tivesse tido de sua parte a extensão que já se lhe quiz dar.

Quem lhe sacudiria a primeira pedra? Eu proprio vi Farias Brito commetter injustiça não pequena... elle que teve alguma cousa de santo a irradiar-lhe continuamente do coração. Não a



applaudi tambem. Condemnei-a mesmo, mas condemnei-a como quem sabe que até a Revelação que a Deus aprouve dar de si mesmo é obscura e difficil aos nossos olhos mortaes. Que se dirá do que vem do coração do homem?



Da leitura meditada que tenho feito de quase tudo quanto ha publicado Afranio Peixoto e até de uma convivencia levada sempre a extremos de franqueza, pela finura de seu tacto, pela minha natural rudez, julgo que tenho da sua intelligencia aquelle conhecimento que dá direito a um juizo, senão verdadeiramente verdadeiro, pelo menos tão verdadeiro quanto o que um homem sincero pôde fazer de outro homem.

Cousa singular, entretanto, é que o que me encanta ao emprehender dar este juizo publicamente, entre contemporaneos, por conseguinte, entre gente suspeita e suspeitosa, é, justamente, repetir-se entre o seu e o meu espirito, se bem agora um pouco modificado, o phenomeno da fascinação que é, por um lado, pura admiração pelo artista, que elle é, por outro, sem deixar de haver tambem admiração, uma quase absoluta discordancia de idéas e sentimentos, em relação a quase todos os problemas da vida em geral, e, sobretudo, em relação ao Brasil. Somos, deante das questões mais graves que atormentam a nacionalidade brasileira. dois julgadores — elle, de alto renome — eu, humilde e desautorizado — dois julgadores, digo, que, amando-se talvez porque sejam tão differentes, se atormentam naquelle mundo de ideaes e doutrinas a que cada um de nós, como tantos outros, leva muito das melhores forças de seu espirito, no desejo de concorrer com um pouco de bem para o futuro do Brasil e, por conseguinte, queira on não o “metequismo” nacional, para o futuro do mundo.



Alguem poderá notar, entretanto, que é Afranio Peixoto creatura em quem será difficil encontrar opiniões extremadas a tal ponto que assim se chocassem com as duras arestas de um espirito como o meu, absolutamente arregimentado numa escola de opiniões cimentadas em dogmas de fé.

ASPECTOS DE S. PAULO



Desenho de Wash Rodrigues

A collina do Palacio

ASPECTOS DE S. PAULO



Desenho de Wash Rodrigues

Vista tomada da Varzea do Carmo

Direi, porem, que é justamente aquella feição amoravel de seu espirito, aquelle blandicioso meio termo em que se compraz, em face da vida, o que mais nos distancia nos dominios do pensamento.

Quando sondo a desordem que vae por este mundo, penso, ás vezes, que o *não* está de facto, no terreno das idéas, mais proximo do *sim*, do que aquelle termo medio em que a sophistica genial do pantheismo moderno baseou toda uma logica digna de si mesma. Assim, do que pude saber por noticias esparsas de imprensa, nada mais triste a meu vêr — máu grado o sorriso e a gentileza da palavra — nada mais triste que a attitude francamente pragmatista adoptada por Afranio Peixoto no Curso de Religião de que se encarregou na Faculdade de Philosophia e Letras, no decorrer de 1919.

O pragmatismo teve isto de util, em certo momento da vida dos povos occidentaes. Foi um movimento da "elite" intellectual que logo se impoz á attenção de todos, porque tivesse conseguido mostrar as falhas do ingenuo materialismo que tudo queria dominar, em nome da sciencia. Dizem os pragmatistas: não devemos desprezar nada do que é o homem e na "totalidade humana" a religião é força a que se não pode negar papel importante. Já Bergson, o metaphysico do pragmatismo, atrelou o seu pensamento, pelo menos de um modo geral, ás formas tradicionais da philosophia, e o pragmatismo poude merecer, como mereceu, a sympathia de alguns pensadores catholicos. No Brasil, porem, não precisavamos nós desta philosophia de transição. Entre nós nunca o materialismo tivera victoria de monta, a não ser no reduzido circulo dos chamados homens de sciencia, incapazes de philosophar e sem influencia sobre a massa popular.

Este materialismo dos homens de sciencia sempre foi o menos prejudicial, porque não impede a actividade util e tem a ingenuidade da fé. Contra as correntes mais largas do agnosticismo que pareciam querer dominar a nossa vida intellectual, surgira, como violenta expressão da nossa revolta, a obra de Farias Brito, já de um ponto de vista muito mais alto que o de Bergson proclamando o valor da metaphysica, reivindicando o espirito e o testemunho da consciencia no conjuncto das forças universaes.

Ora, não é o pragmatismo mais do que uma pequena victoria do individualismo contra si mesmo e, se a sua base é individualismo, é claro que lhe escapa o verdadeiro sentido da religião.

Em verdade, não poderá nunca a religião ser analysada ou historiada por quem encare o dado religioso como um dos muitos de que se compõe a vida humana, no seu aspecto social.

E' ella o laço espirital entre o homem e tudo o mais que não seja o homem, é ella a origem da vida moral, o que quer dizer

a razão de ser da nossa actividade — a base, o fundo noumenico — digamos assim — da nossa vida, em face do qual, tudo o mais, desta mesma vida, é phenomeno.

Mais triste é vêr, porem, que uma alma tão viva como a de Afranio Peixoto, apesar do bom orvalho de luz que lhe veio da idéa — força do pragmatista, — em que, pelo menos, se salva o sentimento religioso — ainda hoje se deixe dominar pela secura do falso philosophismo que forjou com successo, durante tanto tempo, as mais variadas historias da religião, com tanta segurança, em taes dominios, onde não é possivel a experimentação, quanto em outros em que, com esta, andou dialogando, com bathibius e pitecanthropus.

A idéa, por excellencia, do pragmatismo é, como disse, a do aproveitamento utilitario de todas as nossas energias sentimentaes e intellectuaes, e Afranio della não se desviou porque desse da religião esta ou aquella explicação. O pragmatismo é uma especie de corredor de hotel que dá sahida a todas as doutrinas, disse o proprio James... excepto, já se vê, á doutrina catholica. O que admira é que Afranio nem no convivio de uma tal idéa sentisse refflorir em sua alma o sentimento religioso. Porque este, mesmo na mais individualista das suas formas, lhe escapa e eis porque não lhe repugnam companhias realmente indignas da sua intelligencia. O arido pedantismo judaico de um Salomon Reinach, por exemplo, em que a má fé se casa tão bem á certeza de espirito, e certos criticoides modernos, incapazes de dar um só passo, em taes dominios, que não caiam, immediatamente, envolvidos nos erros mais grosseiros, jámais poderá aguçar o senso critico de quem queira entrar essas regiões mysteriosas de nossa historia sobre o planeta.

Porque é preciso dizer com franqueza que não são ali essenciaes cotejamentos de datas e comparações quase sempre felizes, graças ás sombras de que a magestade solemne da ignorancia, que se rotula de liberdade scientifica, ousa tocar as questões mais simples e mais claras.

Ninguem pôde imaginar maior absurdo que o com que se apresentam taes espiritos no scenario das lutas religiosas. Declarados inimigos da metaphysica, por conseguinte da logica, fazendo alguns até gloria desta confissão, não se comprehende como ousem enfrentar problemas de tal transcendencia, como os da religião, os quaes envolvem a natureza metaphysica do homem e ainda supõem mais dilatados dominios á personalidade humana. No circulo em que se move esta mesma personalidade ousam negar os mysterios religiosos, com a só autoridade das suas convicções, estas, ninguem sabe bem baseadas em que, dado que toda especie de mysterio tambem as punje e maltrata, mesmo no terreno



puramente scientifico, da melhor e mais acatada sciencia, materialista ou não.

Falem por mim os proprios sabios.

Eis aqui a palavra de um crente; mas é Pasteur quem fala:

“Que existe alem desta abobada estrellada? Novos ceus estrellados. Seja! E alem? O espirito humano impellido por uma força invencivel, não deixará de perguntar: Que ha para alem? Quer elle parar no espaço ou no tempo? Como o ponto em que pára é sempre uma grandeza finita, somente maior do que todas as precedentes, mal começa a observal-a, logo volta a implacavel questão e sempre, sem lhe ser possivel fazer calar o grito de sua curiosidade. De nada vale responder: para alem ha espaços, tempos, grandezas sem limites. Ninguem comprehenderá taes palavras. *Aquelle que proclama a existencia do infinito* — e ninguem pode escapar a isso — accumula nesta affirmacão mais sobrenatural do que existe nos milagres de todas as religiões; porque a noção de infinito tem este duplo character: impoe-se e é incomprehensivel. Quando esta noção se apodera do entendimento, não ha remedio senão prostrar-se”.

Fale agora o mais endurecido dos materialistas — ouçamos Virchow:

“Ninguem conhece — diz elle — um unico factio positivo que prove que uma massa inorganica mesmo da Sociedade Carbonio & Cia. se tenha transformado em massa organica. Portanto, se não quero crer que houve um creador especial, devo recorrer á geração espontanea; isto é evidente: *tertium non datur*. Quando se diz: — Não admitto a creação e quero uma explicação da origem da vida — apresenta-se uma these; mas com vontade ou sem ella é preciso chegar á segunda: *ergo*, admitto a geração espontanea. Mas desta não temos prova alguma; ninguem viu uma producção espontanea de materia organica; *não são os theologos, mas os sabios que a regeitam*. E' preciso optar entre a geração espontanea e a creação; a fallar com franqueza, nós, os sabios (materialistas) deviamos ter uma pequena preferencia pela geração espontanea. Ah! se apparecesse alguma demonstração... Mas a mim parece-me que temos de esperar muito tempo... com o Bathybius mais uma vez desapareceu a esperança de uma demonstração” (1).

Ora, é a religião condição da Igreja, isto é, da communitade que se julga ao mesmo tempo terrestre e divina, mundana e sobrenatural (2). Allí se adora o mysterio e tambem pelo amor

(1) V. *Apologia Scientifica* de Senderens — trad. port. 106-151.

(2) Alzog — *Hist. da Igreja* I-2 — trad. port.

se o quer penetrar. Por isto jamais o mysterio poderá deprimir o verdadeiro crente, e a religião jamais negará o que mais existe, como faz tantas vezes a sciencia, que assim se nega a si mesma.

Como fazer historia da religião se não se possui sentimento religioso que, unico, poderia esclarecer a propria razão entre as difficuldades com que se ha de deparar, por força? Em terreno bem mais facil de ser abordado, que historia faria de qualquer arte em geral, um individuo desprovido de sentimento artistico?

E ainda que se ouse tentativa desta ordem, como fazel-a relativamente autorisada quando, com a só ajuda da razão, não se fez estudo serio das formas exteriores communs a todas as religiões, e a analyse aprofundada da base logica ou philosophica em que repousam os dogmas? (1)



Pode-se dizer que o homem é o ente essencialmente historico (2) porque é o ente essencialmente religioso — isto é — um ser com finalidade moral, e foi por isto que J. de Muller “reconheceu, depois de muitos esforços, que só o Evangelho podia dar o fio conductor para o estudo da historia universal” (3).

Esta a unidade interior que a historia universal requer, e cuja necessidade já Polybio proclamava. Tire-se á historia, principalmente á historia da religião esta elevada idéa do plano divino, a que o homem está enquadrado — o homem, ser livre, capaz de a si proprio determinar-se e tudo o mais que se fizer será romance fantasista com maior ou menor numero de personagens. (4)

(1) Não se faz mister mais do que lembrar aqui que, sendo, como sou, catholico, accetto a explicação que dá a philosophia da Igreja da existencia de outras religiões, que não só a verdadeira, e, nellas, de muitos pontos de fé semelhantes ou quase identicos aos do Mosaismo, que a revelação de Jesus Christo inundou de nova luz. A não ser nos cinemas, ou romances de datas fabulosas sobre a antiguidade do homem, vão passando de moda, e a Biblia, novamente, vac sendo tida pelo documento de mais valor desta mesma antiguidade. E é assim apezar de, na propria Igreja, desde Sto. Agostinho, reconhecer-se que ha nella signaes de recomposições artificiaes e systematicas (V. *Apologia Scientifica* de Senderens — 307) e negar-se o valor e até a existencia da chronologia biblica (obr. cit. cap. XIX). O ponto de vista em que se colloca o verdadeiro catholico é o seguinte: “O judaismo preparava a humanidade de um modo directo e positivo para a vinda do Messias; o paganismo fazia o mesmo de modo indirecto e negativo. Este havia chegado, no imperio romano, ao apogeo de seu desenvolvimento interior e exterior” (H. Bruck — *Manuel de l'Historie de l'Eglise* I-21 — trad. franc.)

(2) Alzog — Obr. cit. I — 6.

(3) Alzog — Obr. cit. I — 6.

(4) Já Cícero assim entendia: “As idéas fundamentaes derivam de uma Lei suprema anterior aos Codigos e ás Cidades, e destinada a todos os seculos” V. *Hist. des croyances* I — pag. I.

Afranio Peixoto neste seu curso fez o que fazem todos os sociólogos sem fé: deu mostras de conhecer todas as tentativas de explicação do phenomeno religioso — de Stacio ou Petronio a Spencer ou Durckheim e, por fim, lá deixou escorregar tambem uma applicação propria da doutrina dos tropismos....

Das explicações que a religião dá de si mesma, de como nasceu, nada. Mesmo porque, se entrasse tal circulo, das duas, uma: ou teria que mostrar conhecimento seguro da dogmatica de todas as religiões ou teria que lhe negar valor em relação á vida mental do homem religioso, o que implicaria, é claro, a sua propria vida moral. Ora, não é a primeira daquellas obrigações materia facil de ser resolvida, sem grande saber da vida interior das religiões, no que ella tem de mais mysterioso e é, a cada hora, motivo de espanto, e até de dilaceramento para todos os que ousam aprofundar os enigmas de que se reveste o porque de nossa singular attitude em face do universo. Tambem o que Afranio desejou, e pensa ter conseguido, foi não ferir nenhum dos crentes que o ouviram, maximé áquelles do culto a que o ligam tantos laços de coração e o que de mais delicado da sua esthesia.

Julgou-se Afranio capaz de imparcialidade e como garantia desta procurou demonsttar que entre sciencia e religião não ha antagonismo, sendo ambas methods de sensação e comprehensão do mundo: uma partindo do relativo para o absoluto, outra vindo do absoluto para o relativo.

Não viu Afranio Peixoto, porem, que já nesta definição lançava duro remoque áquella das duas que se dá como fundada na Revelação, e a quem repugna a idéa de methodo, isto é, de perfectibilidade alcançada com esforço puramente humano.

Sem o querer reponta em tal definição o materialista... Eis a verdade.

Imparcialidade a estas alturas é, de facto, impossivel e isto mesmo teve que confessar Strauss que, a principio, tão longe levou a pretensão de possuil-a. "Não ha ninguem completamente imparcial — diz com razão Hettinger (1) — especialmente numa questão que domina e envolve o homem inteiro, rege e forma todos os seus pensamentos, dá uma direcção a toda a sua existencia e para toda a vida é de importancia maxima, como nenhum outro assumpto".

A demais força é confessar que quem ousa vestir a vida da formula geral — evolução — é tambem um hierarchisador da mesma vida. Fossem dois methods religião e sciencia e a um delles — é evidente — caberia legitima superioridade. O que é

(1) Hettinger — *Apologia do Christianismo*, trad. port. I — 27.



verdade, porem, é que nos dominios bem mais vastos da religião, cabe a sciencia, que lhe é subordinada, cabe aquillo que era para Farias Brito, por exemplo, toda a religião, isto é, o governo mais natural a que o homem se deve sujeitar — pois ali não se comprehende senão um dos caracteristicos da religião, uma das suas manifestações objectivas — cabem todas as formas da vida social que lhe reflectem a luz vinda do alto.

Para affirmar o contrario seria mister demonstrar o illogismo da Revelação e isto é difficil.

De que os homens não foram crescendo em religiosidade até á organização dos grandes systemas religiosos que dominam ou fazem a historia do mundo, ainda não é preciso acrescentar mais provas ás seis formuladas pelo velho Bergier, principalmente ás 3.^a, 4.^a e 5.^a, todas resumidas neste simples raciocinio: “A historia nos ensina que o homem não foi, primitivamente, tão estúpido, nem, posteriormente tão illustrado, como o supõem os philosophos. Accrescentemos que se o genero humano houvera sido creado no estado de brutalidade e barbarie, em que se acharam alguns individuos por espaço de muitos seculos, nelle houvera continuado, quiza, na actualidade, ainda assim se achasse. Para saber o que ha de certo sobre este ponto, recorreremos á historia, aos monumentos, ás tradições populares, e não a raciocinios e conjecturas” (1). Siga-se-lhe o methodo a tal altura e ver-se-á, em toda a parte, que os testemunhos da passagem de um homem mais perfeito, de que todos nós somos filhos decahidos, em maior ou menor gráu de miseria, são patentes, obrigando já a que meditassem sobre tão fortes indicios sabios como Martius e Humboldt, philosophos como Renouvier, Secretan, Farias Brito. (2)

(1) Bergier — *Tratado historico y dogmatico de la verdadera religion* — 1—6 trad. hesp.

(2) As palavras de Humboldt são tão eloquentes que devo aqui registral-as: “Estas antiquissimas tradições do genero humano — diz elle — que encontramos espalhadas, semelhantes aos restos de um grande naufragio em toda a superficie da terra, inspiram o maior interesse ao philosophico investigador da historia da humanidade: em toda a parte apresentam a fôrma e caracteres de semelhança, que nos excitam á admiración, as tradições cosmogonicas de todos os povos.

Assim numerosas linguas que parecem pertencer a ramos isolados e distinctos da familia humana, nos transmittem os mesmos factos. A essencia dos acontecimentos sobre as gerações extinctas e o renovamento da natureza não soffrem alteração; mas cada um dos povos lhe transmitta o seu colorido particular; Quer nos grandes continentes, quer nas pequenas ilhas do Oceano Pacifico existe sempre um monte mais elevado, onde se refugiaram os restos do genero humano, que poderam escapar á catastrophe. Quem estuda attentamente as antiguidades mexicanas dos tempos que precederam o descobrimento do mundo novo, e conhece o interior das florestas do Orenoco, a pequenez e disseminação dos estabelecimentos europeus em relação com as tribus indigenas independentes, mal pôde attribuir as notadas semelhanças á influencia dos missionarios, e do Christianismo ás tradições nacionaes”.

O proprio Kant, a seu modo, explicou o estado actual do homem: “Uma propensão corrompida germinou no homem; é inutil dar disto uma demonstração formal, já que uma multidão infinda de exemplos frisantes está patente a nossos olhos





Não compreendeu Afranio Peixoto que, sobre a movediça base pragmatista, em que os princípios são mesmo negações mais ou menos disfarçadas de todos os princípios, não cimentada por conseguinte, uma tal base, com a forte liga de uma logica sem descontinuidade, todo pensamento, mesmo o bom, em qualquer ordem em que fructifique, é fructo malsão, incapaz de alimentar aquelles a que se destina.

No seu caso as adivinhações da arte são como um contraveneno ao scepticismo que se assenhoreou de sua alma — uma das mais vivas que tenho conhecido — com encantos realmente poderosos.

Mas até onde a arte pôde amparar um espirito, uma consciencia?

E' o que veremos, após a analyse da acção deste mesmo espirito, quando, armado de outras forças, tem procurado surpreender a realidade e reduzi-la a pensamento, a verdades, que teem tambem a sua belleza. A Platão ou a Plotino ha quem attribua a definição, senão verdadeira, pelo menos, formósa, de que o bello é o esplendor da verdade. O artista que sempre foi e é Afranio Peixoto não regeitou encontrar em outros dominios, que não os da pura esthesia, a verdadeira belleza — e se fez homem de sciencia.

pela experiencia e pelos factos dos homens" — V. Hettinger — *Apologia do Christianismo* — III — 232 e 22, v.

Desta critica historica, chamada scientifica, a que se filia Afranio Peixoto, disse hem Döllinger: "Uns deixar-se-hão conduzir com intima satisfação pelos escriptores que atrapalham as memorias do passado, lisongeam ao demonio malicioso sempre de emhoscada ao peito do homem, attribuindo aos factos mais grandiosos motivos impuros e causas ridiculas, e especialmente envolvem as questões religiosas por meio de voluntaria alteração dos factos, com imagens arbitrarias e a exhibição do que é universal e humano. Outros pelo inverso, por virtude do seu sentimento profundamente moral e amor da verdade demonstrada, recusam sua fé e confiança a taes historiadores, com acertado dom de adivinhação; e onde mesmo lhes não seja dado reconhecer as origens, presentirão estas indignas traças, e penetrarão muitas vezes a verdade, ou, pelo menos se approximarão della através da nuvem d'uma artificiosa alteração. A exposição que havemos feito nos conduz á conclusão que todos os conhecimentos teem o seu fundamento na moral, ou no dominio da moral; se isto assim não fóra os homens de talento e os sabios levariam grande vantagem aos pobres e illustrados até no conhecimento do bem e do mal. Mas não é assim por uma justa e sabia lei, que o homem não pôde metter na sua cabeça aquillo que o seu coração não sabe: e quando o homem obdura a sua vontade, tambem contra a vontade se obdura a sua intelligencia" (V. Hettinger — *Obr. cit.* I — 27, 8). A taes palavras pôde acrescentar estas outras do proprio Hettinger: "Porque o homem nada comprehende, quando pretende saber tudo e até o que é impossivel saber-se e quando o sobrenatural lhe foge á percepção desespera e desanima-se facilmente até de conseguir conhecer aquillo que está nos limites da sua esfera intellectual" *Obr. cit.* I — 43.

Será esta a explicação mais fiel do seu enorme labor no nosso cenário científico? Póde ser e eu o affirmaria não fosse o temor de susceptibilidade que não são só riqueza de artistas, mas também de grammaticos e até de sabios.

O facto é que Afranio Peixoto é também autoridade, entre nós, em diversas ordens do conhecimento científico, e dado o seu scepticismo — de origem, aliás, puramente científica, e, por conseguinte, a meu ver, dada a falha que lhe é propria de principios capazes de lhe fornecerem uma firme orientação, em meio de tantos e tão complexos problemas, sigamol-o atravez o labyrintho das idéas.

(*Continúa*)





PAIZ DE OURO E ESMERALDA

POR

J. A. NOGUEIRA

XXVIII

Já ia quasi em oito horas da noite quando Angelo obteve, na repartição central da policia, permissão para fallar com Leonardo.

O delegado de plantão, áquella noite, era um sujeitinho meudo, muito amavel, que não poz nenhuma difficuldade em mandal-o acompanhar por um guarda até a prisão. Esta era em baixo, nas trazeiras do predio, e a sombria escada, mal alluminada, que a ella conduzia, dava a impressão de levar a um subterraneo dos ominosos tempos da Santa Inquisição.

— E' aqui, *seu* doutor, disse a final o soldado, parando no escuro, deante de uma grade, que o encarregado das chaves não tardou a abrir.

— Vossa senhoria póde entrar...

A principio Angelo não distinguui nada. Deu alguns passos para dentro, sem ver a ninguém. Era um aposento humido, paredes nuas, com uma pequena aberta guarnecida de barras de ferro, no fundo, ao alto, dando para o necroterio.

Com o ruido que fizeram, Leonardo, que estava recostado num enxergão, unica alfaia que lá havia, levantou-se extremunhado.

— Quem é? perguntou.

— Sou eu, Leonardo... Sou o Angelo...

Abraçaram-se sem palavras, tomados ambos de grande commoção. Foi necessario um esforço para romperem o doloroso silencio.

— Olha, Léo... E' preciso que saias daqui hoje mesmo. Conta-me o que houve ao certo, que não socego enquanto não deslindar essa infamia de que estás sendo victima... Ou quizeste, meu pobre irmão, realisar o teu sonho de amor livre, ou cousa que o valha... Vamos, abre-te commigo... Sê franco...

— Oh! Angelo! exclamou elle com tão vehemente e sincero tom de sentimento, que o outro se corrigiu vivamente, apertando-lhe as mãos com força:

— Perdão, meu caro! Foi uma leve duvida, que já passou... Como foi isso então? Dize-me tudo...

Aqui os guardas afastaram-se discretamente e Leonardo entrou a relatar o que se passára. Tinha ido, como de costume, jantar em casa de Gina. Esta, que ficára a sós com elle na sala, mostrava-se singularmente nervosa e preocupada com alguma cousa. Observára com estranheza que por diversas vezes ella se approximára a modo de se deixar abraçar e beijar. Ria, mas de um riso agitado, sem nenhuma espontaneidade... De repente abre-se a porta da rua e apparece a mãe descabellada, a clamar que eram umas desgraçadas, que tinha só aquella filha, que tivessem piedade dellas... Seguiam-n'a agentes de policia. Houve escandalo. Foram conduzidos á presença do delegado... Assistira a tudo como que num estupor. Custava-lhe a crer na armadilha infame habilmente urdida pelas duas mulheres, de collaboração talvez com algum miseravel digno de fôrca... Defendêra-se entretanto com firmeza, certo de que toda a intriga cahiria por terra. Qual não foi, porém a sua estupefação, a sua humilhação e desespero, quando o concurso da medicina legal poz fôra de duvida a atroz realidade! Nem uma punhalada em pleno coração! Eram todos os seus sonhos que se mudavam em lama!

Leonardo fallava com os olhos fulgurantes de colera, ao reviver a scena horrivel.

— Figura-te que fizeram vir á sala mãe e filha... Eu estava aniquillado de dor, de vergonha e de espanto... Parecia-me impossivel que aquellas duas mulheres, que eu protegi, como sabes, tivessem a coragem de accusar-me falsamente, alli, em minha presença... Pensei que ao menos Gina, tão nova ainda, não fosse capaz de tamanha infamia...

— E' verdade... Causa pasmo! exclamou Angelo tremendo de indignação.

Era impressionante a agitação do pobre moço. Os cabellos, raros e empastados, na grande cabeça disforme, davam-lhe um aspecto desolador.

— Pois até ella, Angelo! O delegado perguntou-lhe se me reconhecia como o seu seductor... Nisto ella teve um accesso de pranto... Então a autoridade, um tal dr. Mendonça, dirigiu-se a mim espectacularmente, perguntando-me se não estava disposto a reparar o acto criminoso, de que fôra victima aquella "infeliz menina, miseravel e orphã de pae"... Foram as suas palavras... Repliquei que sentia profundamente—e sabes se eu fallava verdade! — a desgraça da pobre *ragazza*, a quem tinha dedicado

immensa afeição; mas que não era o autor de sua deshonra... *Per tuti ii dii!* Eu estava como louco, desvairado de dor...

E dizendo isto, levou as mãos, num gesto de desespero, ás farripas em desordem.

— Acalma-te, Leonardo, obtemperou Angelo em voz tremula. Ainda has de ter a felicidade que mereces...

— Mas ouve o mais extraordinario... Quando neguei a minha responsabilidade no caso, Gina, que se havia conservado chorando, de cabeça baixa, ao lado da mãe, que por sua vez esfregava os olhos com o avental... que comedia infame!... Gina virou-se então para mim como uma fera... Até agora não comprehendo nada, Angelo! Virou-se para mim — *Dio Santo!* — e gritou-me com furor que tinha sido eu quem a perdêra... Disse-me isso com uma raiva incrível... A desgraçada parecia odiar-me sinceramente naquelle momento... Ainda vejo o olhor de furia que ella me lançou... Era capaz de enganar a todos os juizes do mundo... Senti que me odiava, como se realmente eu fosse um miseravel... Não comprehendo porque assim procedeu... Teria ella enlouquecido!...

E apertava com desespero a enorme cabeça entre as mãos angulosas.

Angelo quedou pensativo alguns instantes. Fazia esforços por mostrar-se calmo, a fim de não aggravar-lhe ainda mais os sofrimentos.

— Não é nada, meu caro... Tem paciencia... Esquece essa rapariga indigna... Quanto ao mais, tudo ha de se arranjar... Vou sem perda de tempo fallar com um advogado... Não podes continuar preso... Essa prisão é uma inqualificavel arbitrariedade...

Leonardo, pela primeira vez, chorava deante do irmão. Re-bentavam-lhe lagrimas irreprimiveis. E o aspecto daquelle gigante desengonçado e infeliz apertou de tal forma o coração a Angelo, que não se pode conter. Voltou o rosto para a escada a modo de observar alguma cousa, para que Leonardo não lhe visse os olhos rasos de agua. Não sabia que dizer para o consolar, pois sentia que, apesar de toda a infame machinação e no meio de todas as coleras e invectivas, o grande sonho de amor, tanto tempo alimentado, ainda não morrera inteiramente — agonizava pertinaz, agarrando-se a quê? — a uma cousa vaga e insignificante, na esperança talvez de que a revelação subita de um mysterio viesse rehabilitar a imagem de amada... A sinceridade da colera ou do odio com que a moça o calumniara ficara-lhe no espirito como um signal estranho, indicativo de algum enigma salvador... Bem dentro nos refolhos obscuros de sua alma prendia-se a essa esperança, cuja natureza elle proprio não poderia

explicar. Que significaria aquelle furor por parte de Gina? Porque o odiaria ella?

Estas perguntas, pelo facto mesmo de não terem resposta, pareciam-lhe portas abertas a todos os impossiveis... E o seu sonho agonisava dolorosamente.

Sentiu-o Angelo e quedou perplexo, sem saber ao certo como proceder deante de tão profundo e nobre padecimento. Advertiu de si para consigo que a raiva manifestada pela rapariga não tinha sido mais do que uma arma, um meio de lucta, um modo de tornar viavel a infamia, e nada mais. Estava claro. A sangue frio certo se trahiria, desfalleceria durante a acareação. Um impulso nervoso dera-lhe alento para levar ao cabo todo o plano infernal.

Pobre Leonardo! exclamou interiormente, guardando-se, porém, de communicar-lhe as suas reflexões. Sabia bem qual a grandeza do desmoronamento que se dava naquella alma boa e generosa, e cuidou de o consolar do unico modo proficuo na occasião, isto é, fallando-lhe dos passos que ia dar para o libertar, indignando-se contra a prepotencia da autoridade que illegalmente o detinha preso, mostrando-se apaixonado, mas fugindo sempre de tocar o ponto sensivel e vulneravel daquelle coração arrazado.

—Olha, Leo... disse com carinho. Não suspeitas quem tenha sido o verdadeiro seductor?

Leonardo levou a mão aos olhos, meditando. Depois observou em voz rouca:

— Só se foi algum companheiro de trabalho na chapelaria... Porque não sei de nenhum outro homem que frequentasse a casa... Eu era o unico... As apparencias são realmente contra mim... Além das horas que ella passava no emprego, pouco sahia de casa... Não tinham relações intimas com os vizinhos... De repente, como quem só então começava a descobrir com precisão as pequeninas circumstancias que rodeavam a vida das duas mulheres, exclamou:

— Espera... Afórao emprego, sahia ás vezes a fazer compras... Mas as compras eram quasi todas feitas por minha conta na venda do Lorenzo Pataracchi... Lá não havia nenehum caixeiro, que eu saiba...

— E não suspeitas do proprio Pataracchi? indagou Angelo. Mas, não obstante a angustia do momento, ambos riram-se a tal idéa, tão picaresca lhes pareceu.

— Depois Pataracchi, ha cerca de um mez fechou a sua casa de negocio...

— E' verdade... Disse-me que fez um contracto com o governo...



— Anda mettido em altos negocios... Ouvi dizer que obteve da municipalidade que lhe desapropriasse uma casa e terreno que não valiam vinte contos por mais de duzentos... Parece que a metade dessa importancia ficou com os intermediarios... Mas ainda assim... São os fructos do nosso regimen social... Emquanto os operarios suam sangue para ganharem uma miseria, os velhacos da peor especie enriquecem, tratam directamente com os governos... *Ecco!*

Esta digressão, que já ia raiando pelo terreno das idéas libertarias, foi um derivativo que alliviou um pouco a dolorosa oppressão de ambos os irmãos.

— Bem, meu caro, atalhou Angelo. Deixo-te mais confor-mado... Não podemos perder um instante... Quero ver se hoje mesmo ainda te faço sahir deste horror... Tem coragem... Vou procurar um advogado... Adeus...

XXIX

Dahi a instante um automovel voava para a rua Aurora, onde residia o advogado Polycarpo Feitosa, a quem Angelo já tinha por diversas vezes recorrido com exito. Derreado de cansaço e de emoção o joven italiano ia confusamente vendo o desfilar vertiginoso das casas e luminarias, devaneando em si que tudo aquillo bem podia não passar de um pesadelo.

— 39, *seu* doutor? Deve ser aqui, gritou o *chauffeur*, apontando para uma linda casa apalaçada.

Era alli mesmo. Lá estava a placa, junto ao portão. Angelo desceu, mandando que o esperasse. Ainda havia luzes no interior do predio. Passava de nove horas, poucos minutos. Tocou e foi logo recebido.

Polycarpo Feitosa não era homem para rodeios. Pequenino, esperto, o nariz em fôrma de garra e uns olhitos brilhantes de rato a verumarem o espaço em todas as direcções, mal que foi inteirado do caso, sentenciou:

— Tem logar o *habeas-corpus*, não ha duvida. Mas, pelo que me diz, o sr. quer andar mais depressa que a lei...

— Quería que meu irmão fosse posto em liberdade hoje mesmo...

— Qual é o delegado a quem está affecto o inquerito?

— É' um tal dr. Mendonça...

— O Mendonça! Ora veja só... Logo o Mendonça!

E parecia muito contrariado.

— Mas que é que ha? acudiu o moço assustado. Acha que esse delegado porá difficaldade?

— Dificuldade, diz o senhor? E' quasi impossivel... Está o diabo... Infelizmente o rapaz é bobo... Toma a serio demais o seu papel de autoridade... E' capaz de já ter requerido prisão preventiva...

Emquanto fallava agitava na cabeça o gorro, com que se defendia dos golpes de vento, e fazia dançar os pequeninos olhos pontudos e luminosos.

— Mas não tem nada... O sr. conhece o dr. Pinto da Silva, medico e politico residente lá no seu bairro? E' deputado federal...

— Conheço... Dou-me com elle...

— Dá-se?

Aquí o homemzinho levantou-se de um impeto, extendendo a mão a Angelo:

— Olhe, meu amigo... Não perca tempo... Vá ao Pinto da Silva... O Mendonça é escravo d'elle, não lhe digo mais...

— Mas, doutor...

— Não perca tempo... Vá ao Pinto da Silva... Desculpe-me de não o acompanhar até a porta. Tenho medo de apanhar uma friagem... Sou muito doente...

— Uma palavra ainda, doutor... Se eu não conseguir...

— Ora se consegue!... Tão certo como dois e dois serem quatro... Fique sabendo que a justiça dos tribunaes é incerta e demorada, ao passo que essa ao que o sr. vae recorrer não falha, porque assenta, não na lei, mas na omnipotencia da politica... Ao Pinto, meu caro, ao Pinto sem perda de tempo...

(*Continúa*)





ARCHIPELAGO DE FERNANDO DE NORONHA

NOTICIA HISTORICA POR YVON

“fernã de lronha” é o nome do descobridor e primeiro donatario do archipelago de Fernando de Noronha, tal como o escrevia El Rei D. Manuel em 1504. O documento em que esse rei o tornára donatario desse archipelago, segundo Varnhagen, (Diario da armada de Martin Affonso de Souza — pag. 62.) é do seguinte teôr:

“Dom Manuel per grana de Deus rei de portugall e allgarves daquem e dalem mar em africa senhor de guinee e da conquista navegaçam comercio detiopia arabia persya e da India.

A quantos esta nossa carta vyrem fazemos saber que avendo nos Respeito aos serviços que fernã de lronha cavaleiro de nossa casa nos tem feitos e esperamos ao diante dele receber e querendo lhe por isso fazer graça e merce Temos por bem e nos praz que vindo se a povoar em allgum tempo a nossa ilha de sam Joam que ele ora novamente achou e descobrio 50 leguas alamar de nossa terra de Santa Cruz lhe darmos e fazermos merce etc....
...dada a nossa cidade de lixboa a desesseis dias de Janeiro francisco de matos a fez ano do nascimento de nosso Senhor Jesus Christo de mil quinhentos quatro.”

Os autores que tratam do assumpto em causa, em geral dão significação pejorativa ao trecho — “que ele ora novamente achou e descobrio” — para ridicularisarem fernã de lronha e negarem ter sido elle o descobridor desse archipelago: parece-me haver nisso erro de julgamento consequente talvez de excesso de malicia.

Parece absurdo suppor-se que D. Manuel tivesse empregado a expressão em causa com a significação que se lhe quer attribuir, num documento cujo fim evidente era exaltar serviços prestados e estimular serviços a prestar. O que parece claro é que elle quiz dizer que fernã de lronha tinha estado novamente, isto é,

tinha estado segunda vez na ilha de sam Joam, já por elle achada e descoberta.

E dadas as difficuldades da navegação de então, não seria demais usar de tal expressão, pois ir novamente a uma ilha em tal situação bem se poderia chamar descobril-a de novo.

Ao meu espirito não resta, pois, a menor duvida sobre esse ponto: fernam de lronha foi o descobridor da ilha de sam Joam, ou o que é o mesmo — Fernando de Noronha foi o descobridor do archipelago que hoje tem o seu nome.

Não se pôde fixar com precisão a data desse descobrimento; no emtanto é evidente que ella está comprehendida entré os annos de 1500 e 1503.

A doação dessa ilha foi confirmada a 2.º de Maio de 1559, por D. Sebastião, em favor de um neto do primeiro donatario, e ainda a 8 de Janeiro de 1693, por D. Pedro II, em favor de João Pereira Pestana, trisneto do primeiro donatario.

E' este o ultimo documento regio em que esse archipelago apparece desligado da capitania de Pernambuco e constituindo como que um feudo dos descendentes do seu descobridor; pois uma carta regia desse mesmo rei Pedro II, implicitamente o annexava á capitania de Pernambuco em 7 de Set. de 1696, annexação essa que se tornou explicita nos termos da carta regia de 24 de Set. de 1700.

Durante esse longo periodo de cerca de 150 annos, esse archipelago não foi mais que uma especie de titulo de grandeza para o seu descobridor e respectiva descendencia, que nunca se occuparam delle, nem mesmo quando por duas vezes occupado pelos hollandezes em 1629 e 1635

No emtanto parece que essa terra bem merecia de seus senhores; pelo menos é o que se deve inferir da descripção que della fez o missionario capuchinho francez Abbeville, que fez parte da expedição franceza que conquistou o Maranhão.

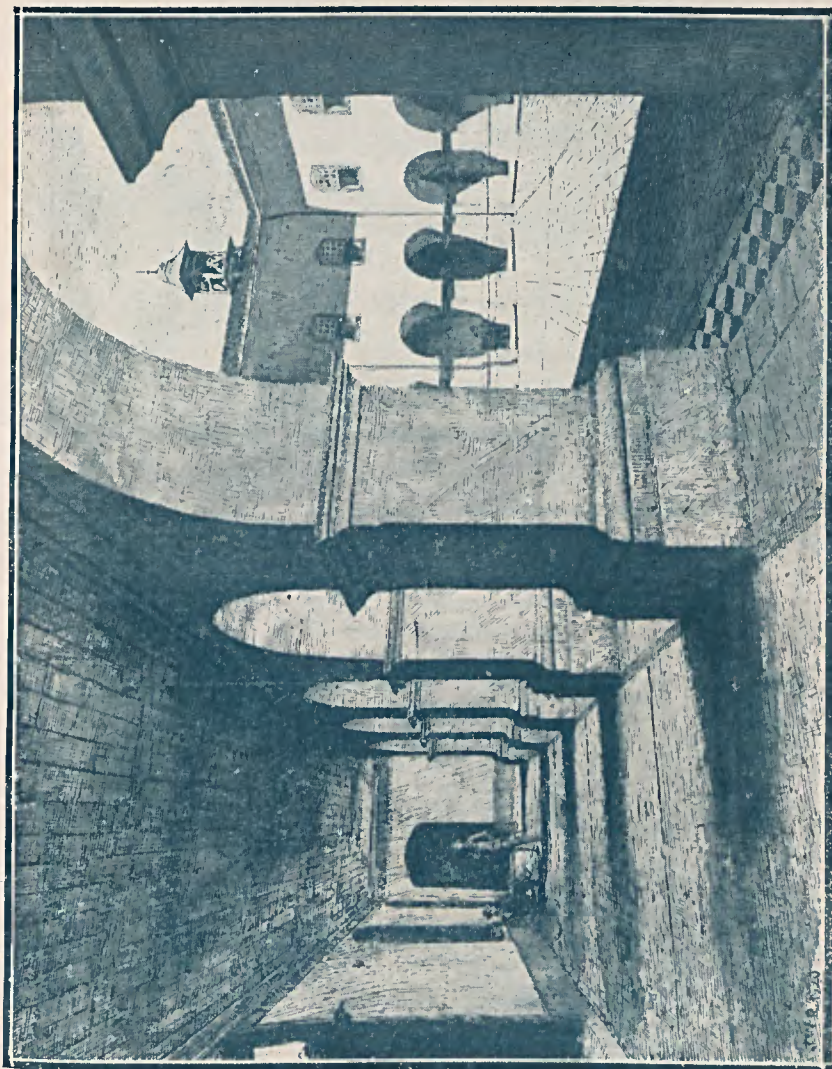
Escreveu esse missionario: "No dia 26 de Jul. de 1612 ancoramos de frente da ilha. Tem esta ilha 5 a 6 leguas de circumferencia; é bonita e agradável e uma das melhores terras, si assim se pôde dizer, muito vigorosa, extremamente fertil, capaz de produzir tudo quanto seja util.

Demoramo-nos ahi 15 dias para refrescarmos e beber agua fresca.

Encontramos melões, girimuns, batatas, ervilhas verdes e outros fructos excellentes, muito milho e algodão, bois, cabras bravias, gallinhas triviaes, porém maiores que as da França, sobre tudo grande quantidade de passaros de diversas especies desconhecidas e em numero infinito o que muito nos agradeou por se-



ACADEMIA DE S. PAULO



(Desenho de W. Rodrigues)

Pátio interno.

SANTOS ANTIGO



A praia do Consulado em 1889.

(Quadro de B. Calixto)



Porto do Consulado em 1888.

(Quadro de B. Calixto)

rem bons para comer e de facil caçada, pois podiam ser mortos no vôo ou sobre as arvores a varadas e a cacetadas, e até á mão em seus ninhos.

A maior parte delles poem ovos sobre hervas ou mesmo na terra e não se retiram desses logares embora sejam empurrados a ponta-pés, sem duvida com receio de se esmagar os ovos.

Parece incrível a quantidade de passaros ahi existente e eu mesmo não acreditaria si não visse.

Entre as arvores mais notaveis da ilha ha uma muito bonita e agradável, que tem as folhas verdes e muito parecidas com as do loureiro; si por acaso tocardes essas folhas com as mãos, e depois coçardes os olhos, sentireis logo tão forte dôr por tres ou quatro horas a ponto de perderdes a vista. Junto a esta arvore se encontra ordinariamente outra qualidade ahi posta por antidoto por bondade divina, tendo as folhas a propriedade de tirar a dôr, e restituir a vista apenas esfregardes com ellas os olhos, e como vi acontecer num individuo de nossa companhia.

Habita a ilha um portuguez em companhia de 17 a 18 indios homens, mulheres e creanças todos escravos e para aqui desterrados pelos moradores de Pernambuco.

Baptisados a maior parte delles, casamos dois, depois de havermos plantado a cruz no meio de uma capella, que preparamos para a celebração da santa missa.

Estes pobres indios bem como o portuguez, receberam dos senhores de Rasily e de Ravardierre tantas finezas que, sabendo de nosso projecto de ir plantar no Maranhão a fé e a crença do verdadeiro Deus, para o que levavamos quatro padres capuchinhos, pediram-nos com instancia para tiral-os desse logar e leval-os connosco. De muito boa vontade foi satisfeito o seu pedido com alegria delles, e consolação de todos os seus parentes e amigos residentes no Maranhão.

Depois de demorarmo-nos 15 dias na ilha de Fernando de Noronha partimos no Domingo, 8 de Julho, ás 6 horas da tarde, trazendo connosco os ditos indios e o portuguez."

Como vemos da narrativa acima, essa terra era digna de um melhor senhor, e ficára, com a retirada dessas 19 pessoas que lá viviam, completamente abandonada. Não admira pois que tivesse ella sido occupada com a maior facilidade em 1629 pelo almirante hollandez Carmeliszoon, commandante dos navios "Otter" e "Hawick", que della só foi expulso pelo capitão Calaza em Janeiro de 1630, por ordem de Mathias de Albuquerque.

Em 1635 porém foi ella novamente occupada pelo mesmo almirante, que nella fez desembarcar tropas de Hollanda. Esta segunda occupação durou até 1654, anno em que foi ella entregue



ao mestre de campo Francisco Figueirôa, como consequencia da Capitulação assignada pelos hollandezes em Recife, a 26 de Janeiro desse anno

Esses factos, accrescidos ainda de duas cartas regias, de 7 de Set. de 1696 e de 24 de Set. de 1700, ambas providenciando no sentido de ser esse archipelago povoado e fortificado, não foram sufficientes para o conseguir. Permaneceu elle assim abandonado até que em 1736 foi occupado pela Companhia Franceza das Indias Orientaes, que mudou-lhe o nome para Isle Delphine.

Só então o governo de Lisboa providenciou com energia no sentido de expulsar delle os francezes e em seguida povoal-o e fortifical-o.

Sua reconquista foi realisada pelo tenente coronel J. Lobo de Lacerda, a quem o capitão Lesquelin, commandante dos francezes que o occupavam, o entregou sem resistencia alguma em Oct. de 1737.

Póde dizer-se que data dahi a verdadeira occupação desse archipelago pelo governo de Lisboa, com a construcção dos fortes dos Remedios, Santo Antonio e Conceição, e com o inicio do povoamento e da cultura de seu solo.

Um novo projecto de conquista por parte dos francezes, abortou antes mesmo de ter inicio de execução, em virtude de medidas tomadas pelo governo de Lisboa. O archipelago passou de facto a fazer parte da capitania de Pernambuco, da qual em theoria já fazia parte desde 1696, como vimos acima; sua administração passou a ser feita por commandantes militares, sob a directa jurisdicção dos governadores dessa capitania.

Em 1817 o governo revolucionario de Pernambuco mandou o capitão Falcão de Lacerda ao archipelago com o fim de desmantelar as fortificações e trazer consigo todo o pessoal que lá estivesse. Elle assim o fez, mas ao regressar com o pessoal, os navios em que vinham foram obrigados a arribar á bahia da Trahição, na costa da Parahyba, que se achava já em poder dos realistas em cujas mãos cahiram, perdendo-se assim todo o archivo do archipelago.

Proclamada a nossa independencia, continuou o mesmo systema administrativo, porém sob a jurisdicção do ministro da guerra.

Fernando de Noronha foi o ultimo territorio brasileiro a ter noticia da nossa emancipação, pois cerca de um anno depois de proclamada nossa independencia ainda se içava a bandeira portugueza em seus fortes.

Em 1877 houve uma modificação no regimen administrativo do archipelago, que passou a ser administrado por directores sob



a jurisdição directa do ministro da justiça, até 14 de Fev. de 1891, data em que, por imposição do ministro da justiça de então, sr. barão de Lucena, (Proclamada a republica, convidado para ministro da justiça, o barão de Lucena, declarou o benemerito pernambucano ao chefe do governo que accitaria, com uma condição: voltar Fernando de Noronha ao dominio de Pernambuco — Archipelago de F. de Noronha, Mario Melo, 1916, Recife.) o governo da republica baixou um decreto em cujo artigo primeiro se escreveu: "O territorio do archipelago de Fernando de Noronha continua a pertencer ao estado de Pernambuco."

Foi assim o archipelago transformado em presidio estadual de Pernambuco, e é administrado por directores nomeados pelo governo desse Estado.

Durante todas essas phases de sua vida historica, Fernando de Noronha tem sido sempre presidio: presidio para os moradores de Recife que para lá desterravam criminosos, mesmo antes de pertencer o archipelago á capitania de Pernambuco; presidio geral a partir de 1737, e creio que até mesmo para os criminosos do reino de Angola a partir de 1755, até á proclamação de nossa independencia; (Pelo menos é o que se deve inferir do facto de terem os cofres desse reino concorrido com 4 contos annuaes para as despezas do presidio, desde 1755 até á proclamação de nossa independencia.) presidio militar e degredo para moedeiros falsos até 1877, presidio para criminosos de crimes communs e degredo para moedeiros falsos, contrabandistas, e até mesmo para capoeiras, até 1891, ainda hoje é presidio para os criminosos do estado de Pernambuco.

Julgo não dever omittir nesta noticia historica, que o felizardo Americo Vespucio, a quem o destino cumprimentou com o chapéu de Colombo, passou pelo archipelago de Fernando de Noronha em 1503, em sua terceira viagem ao Brasil.

Isso se deve concluir da narrativa feita por elle ao Gonfaloneiro de Veneza, datada de Lisboa, a 4 de Set. de 1504.

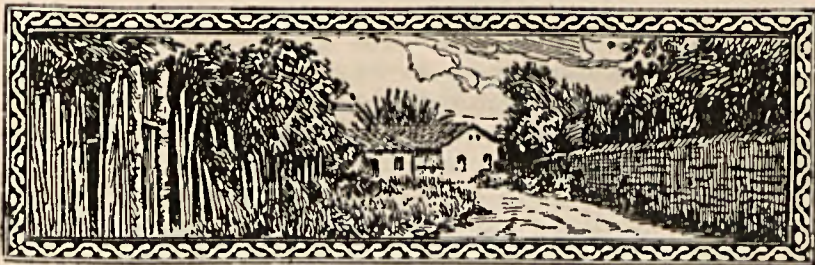
Escreveu elle: "E partindo daqui (altura de Serra Leôa) pelo S. O., quando teriamos andado bem trezentas leguas pela immensidade deste mar, estando já além da linha equinoxial para o S 3.º, descobriu-se uma terra de que então podiamos estar 22 leguas, o que nos serviu de maravilha, achando que era uma ilha no meio do mar, extremamente alta e notavel por não ter mais de duas leguas, e uma de largo e nunca foi habitada por gente alguma. O capitão-mór me mandou com minha náu áquella ilha, em procura de algum surgidouro onde pudessem ancorar todos os navios. E achei nella um bello porto onde seguramente podiam ancorar todas as náus. Esta ilha é deshabitada, tem aguas doces



e correntes, infinitas arvores e innumeraveis aves maritimas e terrestres tão simples que se deixam apanhar á mão, e assim caçamos tantas que carregamos um batel dellas. Não vimos outros animaes sinão ratos muito grandes, lagartas com duas caudas e algumas serpentes”.

E assim, com essas duas descrições, de Abbeville e de Vespuccio, poderemos fazer uma ideia approximada do que foram essas ilhas e do proveito que ellas tiraram de dezeseite quartos de seculo de civilisação em nossas mãos





CALCUTTA

POR

ED. NAVARRO DE ANDRADE

(Do livro no prelo: "*A' volta do mundo*").

Creio que me cabe o dever de explicar aqui a razão por que digo e escrevo Calcutta e não Calcuttá, como o faz a grande maioria de meus patricios. A capital de Bengala, antiga capital da India, tirou o seu nome de Kalighat, localidade situada á margem do Tolly Nullah, mais ou menos nas proximidades do actual jardim zoologico da cidade. Em Kalighat existe um templo em honra de Kali, mulher de Shiva. Diz a lenda que, quando o seu corpo foi cortado em bocados por ordem dos deuses, um dos seus dedos cahiu no logar em que se levantou depois o templo, ainda hoje visitado por milhares de peregrinos de todas as partes da India, e onde se realizam grandes festas no mez de outubro. Quem pronunciar este nome, á ingleza, verá que, pela simples substituição do g por c, se obtem a exacta pronuncia da majestosa cidade indiana. Não sei como justificarão a irritante mania de dizer Calcuttá, a não ser que, ainda uma vez, se desculpem com a pronuncia franceza, que estropia atrozmente tudo e cuja imitação nos torna ainda mais macacos do que somos.

A Calcutta caberia, de pleno direito e justiça, o titulo de cidade de marmore e granito, impropriamente dado a Lisboa. Calcutta é a cidade grandiosa, de monumentos e palacios, pôdre de rica. A sua população, de mais de milhão e meio, tem representantes de todos os credos existentes e por existir, inventados e por inventar. O seu commercio é importantissimo, o

seu porto figura entre os de maior movimento do mundo, e as suas 250 fabricas empregam diariamente mais de 300.000 operarios. Para se calcular a importancia deste colosso será bastante dizer-se que o valor da exportação annual pelo seu porto era, antes da guerra, superior á do Brasil inteiro !

A cidade é enorme e a sua parte central é verdadeiramente grandiosa. No centro, no coração de Calcutta, está a formosa Esplanada, ou Maidan, immensa praça trapezoidal, de cerca de duas milhas de comprimento por $\frac{3}{4}$ de milha na parte mais estreita e uma milha e um quarto na mais larga. Isto representa uma área superior a 500 hectares, o que é quasi fantastico no coração de uma cidade como Calcutta em que o terreno se vende a peso de ouro. Que seria Calcutta, com o seu clima infernal, sem este formidavel respiradouro, sem este gigantesco pulmão ? ! Em Maidan ha de tudo: jardins, prado de corridas, monumentos e... grandes pastagens em que pastam diariamente mais de trezentas cabeças de gado e, coisa singular, sem que isto em nada prejudique a esthetica da cidade.

Os edificios publicos são verdadeiros palacios, destacando-se pela sua belleza a Secretaria de Agricultura, a um dos lados de Dalhousie Square, praça em cujo centro ha um lindissimo lago de margens ajardinadas e onde tambem se erguem os grandiosos edificios dos Correios e Telegraphos; o Supremo Tribunal, inspirado no paço municipal de Ypres; o Palacio do Governo, o Museu Imperial, o Museu Economico, o edificio de Army and Navy, a Faculdade de Medicina Tropical e dezenas mais de construcções monumentaes, de impecavel architectura.

Infelizmente, toda esta sumptuosidade é estragada pelo mais nefando dos climas, pelo calor mais insupportavel que se possa imaginar. Estive em Calcutta dois mezes, dois longuissimos mezes, com pequenas soluções de continuidade, e não me lembro de ter alli passado um unico dia em que me fosse possivel achar toleravel, sequer, a temperatura. Devo confessar que estive alli exactamente na peor epocha do anno e que todo o mundo me asseveravá ser realmente deliciosa a sua temperatura nos mezes de dezembro a janeiro. Seja como fôr, uma conclusão positivissima eu tirei de tudo isto: A mim nunca mais, por dinheiro nenhum, me tornam a apanhar nas margens do Ganges.

Em Calcutta, hospedei-me no "Great Eastern Hotel", que passa por ser o melhor da terra, posição que muitos attribuem ao "Gran Hotel". O que é verdade é que nenhum dos dois é de primeira ordem e que, se num a comida é má, no outro os quar-



tos são pessos. Não deixa de impressionar mal a quem viaja pelo Oriente e se habituou a hotéis magníficos, luxuosos mesmo, a sua falta em Calcutta e mesmo em quasi toda a Índia Inglesa.

O meu maior tormento nestas paragens foi sempre a questão da comida, perfeitamente intragavel com a serie infinita de condimentos que lhe deitam. A mim soube-me tudo sempre a côco, canella e noz moscada, com accentuada predominancia desta ultima droga. Devo, porém, confessar que em poucos lugares tenho comido carne tão boa, tenra e macia como na Índia, apesar de ser aqui a terra do zebú.

Calcutta, á noite, é uma das cidades mais aborrecidas e enfadonhas do mundo. Não ha theatros que prestem e creio que não é sómente por causa de ser má a epocha do anno; custame a crêr que artistas de valor se venham metter neste verdadeiro inferno. Ha meia duzia de casas de cinematographo, em que nunca puz os pés, não só porque é genero de divertimento que deixei de apreciar desde que foi invadido pelas mais asnaticas historias romanticas que a falta de engenho tem criado, mas tambem porque para me arriscar a morrer assado não me parecia necessario sahir das ruas.

Janta-se muito tarde em todo o Oriente e depois desta refeição o unico passatempo é a ingestão de trinta mil drogas alcoolizadasissimas. Eu adopto e adoptei toda a minha vida um systema exactamente opposto ao dos inglezes e americanos: só bebo ás refeições. Elles, não, passam as tardes e as noites a beber como verdadeiros odres e, ás comidas, ingerem aguas mineraes.

Nestes climas eu não bebo absolutamente nada que tenha alcool e não vejo razão senão para me felicitar de ter sempre assim procedido.

Um dos meus primeiros cuidados ao chegar a Calcutta foi descobrir um criado para me servir como tal e de interprete nas minhas excursões por Bengala a dentro. O inglez aqui serve os estrangeiros, mas para os naturaes do paiz é indispensavel o conhecimento das suas linguas e dialectos. Como, porém, por dois mezes não me valia a pena estar a quebrar mais uma vez a cabeça, tratei de arranjar um criado falando o inglez, systema aqui adoptado por todos os forasteiros e que me foi aconselhado. Serviu-me, primeiramente, um mahometano de uma figa, Kallós de nome, que me vi forçado a despedir pelas suas multiplas exigencias religiosas. Substitui-o vantajosamente por um sympathico hindu, que dava pelo suave nome de Kaliparchad, que depois me acompanhou a Burma.

O tal Kallós, devido á sua religião, recusava-se a carregar qualquer embrulho, por menor que fôsse, o que me obrigava a estar sempre á procura de carregadores, apesar de acompanhado de meu criado. A sua própria trouxinha de roupa não a carregava elle nas viagens que juntos fizemos. Vinguei-me obrigando-o a transportar sempre, mal sahiamos de qualquer povoado, a minha machina photographica. Despedi-o por occasião de um pic-nic que a colonia brasileira fez no Jardim Botanico de Calcutta, em que se recusou a pôr á mesa a travessa com um leitão á nossa moda.

O outro criado, o hindu, era uma verdadeira preciosidade. Vivia sorridente e satisfeito e sempre desejoso de me prestar um serviço. Quando eu nada tinha que lhe dar a fazer, descansava engraxando-me as botinas, coisa que fazia dezenas de vezes por dia. Confesso que nunca na minha vida as trouxe tão lustrosas. Era esperto como um rato, mas feio como um macaco. Quiz trazel-o commigo, mas as autoridades inglezas não m'o permittiram.

O meu primeiro criado, o mahometano, seguindo os preceitos da sua religião, era incapaz de tocar em comida feita por outra pessoa que não fôsse da sua seita. Muitas vezes, nas nossas excursões pelo interior de Bengala, para visitar culturas de juta, chegámos ás horas de refeições longe de qualquer povoado. Andavamos muitos kilometros, geralmente, antes de encontrar qualquer casa onde nos fôsse possível arranjar uns ovos fritos, ou quentes, meio simples de evitar a immundicie natural daquella gente. Pois o sr. meu criado, apesar de saber que tão cedo não encontraríamos outro recurso, recusava-se terminantemente a comer, coisa que, devido a essa sua teimosia, só lhe foi possível, muitas vezes, fazer ás nove ou dez da noite, depois de um dia inteiro de marcha, sob um sol de fritar linguças.

O odio que os mahometanos votam aos hindus chega a passar os limites do toleravel. Creio bem que, neste ponto, os outros nada lhes ficam a dever. Estou plenamente convencido de que, no dia em que desaparecesse da India a autoridade britannica, comiam-se uns aos outros com uma voracidade e rapidez verdadeiramente assombrosa.

De todas as seitas da India a mais sympathica é, sem duvida, a dos Parsis, que formam uma grande parte da população de Surat e Bombaim. São geralmente cultos, muito finos e procuram por todos os meios adaptar-se aos usos e costumes europeus. Soffreram atrozmente pela perseguição dos mahometanos, o povo mais intolerante e intoleravel do mundo, de



que só se viram livres com a occupação ingleza. Adoram o fogo sagrado e, em vez de enterrar ou queimar os seus mortos, expõem-n'os nas celebres Torres do Silencio para serem devorados pelos abutres.

O lado antipathico do Hinduismo está na sua divisão em castas, preconceito insistentemente defendido pelos seus'padres como meio de lhes assegurar a sua especial supremacia. Os hindus acreditam na metempsychose e dizem haver nada menos de 8.400.000 differentes especies de animaes para as quaes podem as suas almas transmigrar. Para elles o mais sagrado de todos os animaes é a vacca, a que é tudo permittido na India. Para taes bichos, a entrada é franca em todos os templos e uma das coisas que mais chocam o estrangeiro que nelles penetra é a quantidade de vaccas que alli se encontram, a ponto de transformal-os, como tive ensejo de vêr em Benares, em verdadeiras vaccarias. Estas cidadãs passeiam pelas ruas das principaes cidades com uma liberdade que em muitas terras não é permittida á gente branca. Muitissimas vezes, vi os automoveis em que viajava, ou passeava, mudarem de rumo sómente para não perturbar o repouso de vaccas esparramadas no meio das ruas. Andam pelos passeios e calçadas, muito satisfeitas da vida, e não poucas vezes deitam a lingua a hortaliças e outro comestiveis expostos á porta de varios armazens. Creio até que os seus proprietarios devem ficar impando de satisfação deante de tão distincta preferencia.

O hindu supporta descomposturas, máus tratos e até pancada sem se alterar, mas é capaz de lynchar quem se atreva a tocar com a ponta de uma vara numa vacca. É o caso de dizer que, na India, não se bate numa vacca nem mesmo com uma flôr.

O hindu não mata animal nenhum, se exceptuarmos os cabritos que degollam aos milhares, em outubro, no tempo de Kalighat. Fui assistir a este sacrificio e vim de lá horrorizado com tanto sangue e tanta porcaria. A festa realiza-se a 14 de outubro e é conhecida pelo "Sacrificio dos cabritos", mas eu verifiquei que, como taes, passaram muitos bodes sacudidos e cabras velhas. A operação é simplissima: prendem entre duas barras de madeira, parallelas, a cabeça do paciente, um hindu segura-lhe as pernas, estica-as, enquanto o carrasco, de um certo golpe de foice, lhe corta o pescoço. Logo que se dá a decapitação, os assistentes, hindus, embebem os dedos no sangue e com elles fazem signaes cabalisticos na testa. Os outros caprinos que estão á espera da vez parece que desconfiam do negocio, porque abrem um berreiro ensurdecador e que



ainda mais desagradavel torna a scena. Lembrei-me da Russia bolsheviki.

Além dos hindus, tambem os jains não matam animal nenhum e isso dá em resultado haver uma bicharada desenfreada na India ardentissima, a começar pelos mosquitos. A proposito, contaram-me uma historia que eu levei á conta de "blague", mas em que passei a acreditar piamente, depois que conheci a força deste povo. Os percevejos são animaes que se encontram com extraordinaria frequencia em toda a India e os hindus ricos, embora não os queiram matar, não deixam de ser por elles perseguidos, chupados e atormentados. Para melhor conciliarem os preceitos religiosos com as commodidades do corpo, alugam a um tanto por dia uns desgraçados que, durante algumas horas, vão dormir nas suas camas, de modo a alimentar convenientemente os galantes insectos e fazer que deixem, assim, de incomodar os seus donos. Mostrei ao narrador que mais simples seria limpar as camas, tirando-lhes os percevejos, ao que o homem me retrucou, muito sériamente, que isso equivaleria a matal-os, privando-os dos meios de subsistencia.

Por estas e outras é que a vida se torna intoleravel neste paiz a qualquer cidadão civilizado. No pouco tempo em que por alli andei garanto que dei cabo de milhares de bichos e que fiz todos os esforços para contribuir, na medida do possivel, para a diminuição da fauna gangetica. Bicho que me passasse ao alcance, tinha a liquidação garantida.

Eu desconfio que a bicharada sabe dos preceitos religiosos deste pessoal, porque é de um atrevimento, de uma ousadia só mesmo acreditaveis onde a religião lhe garanta aquillo que em muitos paizes tirou a milhares de seres humanos. Do que não ha duvida é da mansidão de animaes que estamos habituados a vêr ferozes, fugidios ou desconfiados. E parece que entre elles não ha esse negocio de castas, porque se dão admiravelmente. Em Mymensingh, tive ensejo de vêr banquetear-se fraternalmente num cabrito morto tres abutres, cinco corvos, um perú e um cão !

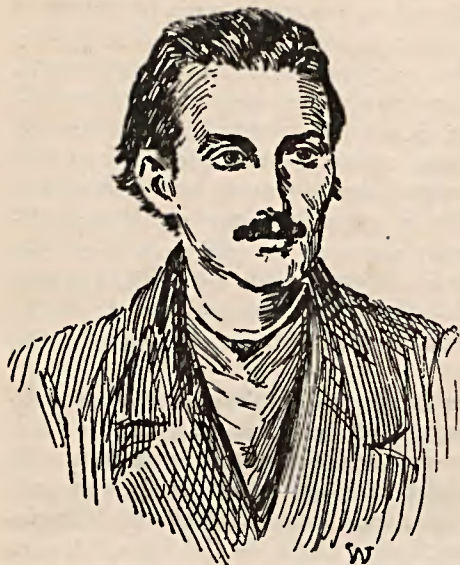
Em Calcutta, um dos espectaculos mais curiosos, ao cahir da tarde, é a chegada ás arvores de Maidan de milhares de gralhas e pacós, com uma chiada medonha e pondo em risco, com as suas dejecções, a alvura das roupas que ostentam cá por baixo damas e cavalheiros, entretidos nos seus passeios de automovel. As gralhas eram credoras da minha profunda antipathia desde que não me deram repouso em Ceylão. Os pacós, a que os inglezes chamam "flyng-foxes", os hindus, "bádus" e os javanezes, "kalongs", apesar da sua fealdade, não me são



desagradáveis. Vi-os, ha annos, pela primeira vez, em Java e, depois, em Sumatra e Ceylão. Pude observal-os melhor, porém, em Bengala, onde são extremamente mansos e se deixam approximar sem receio. São morcegos gigantescos, que chegam a ter metro e meio de envergadura de azas, essencialmente frugivoros e que vivem nas florestas, passando o dia pendurados a grandes arvores, de cabeça para baixo. A primeira vez que os vi, sobre uma enorme paineira, em Java, deram-me a impressão de grandes frutos. O meu amigo Cramer deu um tiro em direcção da copa da arvore e, immediatamente, começaram os pacós a desprender-se dos seus ramos e deixando-a completamente despida. Fazem estragos consideraveis nos pomares e em todas as arvores fructiferas, parecendo ter especial predilecção pelas mangueiras, razão por que os indigenas lhes dão caça. Dizem que a sua carne é saborosa e que em muitas partes do Oriente é apreciada. Diz-se tambem que gostam muito do succo de certas palmeiras, com que se embriagam como gente grande.

Tendo disposto tudo para iniciar as minhas excursões pelo interior da provincia de Bengala, em visita ás culturas de juta, fui á Agencia Cook munir-me dos competentes bilhetes de estrada de ferro e vapor. Avisaram-me, então, de que as passagens só me seriam entregues mediante a exhibição do "Registration certificate and permit" da Policia de Calcutta. A esta me dirigi e, depois de uma espera de muitas horas, foi-me concedida a necessaria licença para viajar até Dacca. Fiz vêr ao funcionario indiano que a minha excursão, além daquela cidade, comprehendia Mymensingh e Serajgang, ao que me respondeu que sómente podia dar-me autorização até o primeiro ponto de parada, devendo eu alli procurar novamente a policia para a obtenção da licença necessaria para proseguir a minha viagem até o segundo ponto e assim successivamente. Fiz-lhe vêr que toda a minha excursão duraria, no maximo, de dez a doze dias, mas que, com todas essas exigencias, eu seria forçado a prolongal-a excessivamente, pelo tempo que me fariam perder em todos os logares a visitar, a calcular pelo que se déra em Calcutta. A nada o bruto se moveu.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



CASIMIRO DE ABREU

Patrono da cadeira n.º 6. Nasceu em Barra de São João, Estado do Rio de Janeiro, a 4 de Janeiro de 1837 e falleceu no mesmo municipio, na fazenda de Indayassú, a 18 de Outubro de 1860, sendo sepultado no cemiterio da Barra de São João, onde se ergue o seu modesto tumulo.

Bibliographia

CANÇÕES DO EXILIO — Lisboa, 1854 — in-8.º (Segundo Sacramento Blake).

2 CAMÕES E O JÁO — scena dramatica, representada no Theatro D. Fernando em 18 de Janeiro de 1856, Lisboa, Typ. Panorama, 23 pags., in-4.º port. — 1856.

3 AS PRIMAVERAS — poesias, 260 pgs. (1.ª edição) — Rio, Typ. de Paula Brito — 1859.

4 OBRAS COMPLETAS de C. de A, com introdução: Primaveras (Canções do exilio, Brasilianas, Canticos de amor, Poesias diversas, Livro negro) — Scena dramatica (Camões e o Jáo) — Obras em prosa (A virgem loura e Camillo, memorias de uma viagem) — 376 pgs. — 17.ª edição, Rio, H. Garnier.

A 2.ª edição das "Primaveras" é de 1866 (Porto, Typ. do Jornal do Porto); a 3.ª é de 1867 (Lisbôa, Typ. do Pancrama). E' o livro de versos que talvez conte maior numero de edições.

Casimiro de Abreu collaborou na *Ilustração Luso-Brasileira* (1856) na *Revista Popular* e no *Almanack de Lembranças* de A. Magno de Castilho. Encontra-se a reprodução do seu retrato na *Revista Popular* tomo XVI (gravado em aço por F. Delannoy, por iniciativa do sr. B. L. Garnier que o cedeu para a edição do Porto e naturalmente o aproveitou em alguma das numerosas edições que fez), na edição de Lisbôa (lithographia), na *Lyra Popular*, na *Littérature Brésillienne* de V. Orban e em varias publicações.

Fontes para o estudo critico

- 1 Justiniano José da Rocha — Juízo critico nas Obras completas (reprodução do artigo publicado no *Brasil*, de 14 de Outubro de 1859).
- 2 Fernandes Pinheiro — Idem, idem (reprodução da Revista Popular, tomo IV, pag. 91).
- 3 Pedro Luiz — Idem, idem (10-2-1870) reproduzido na integra na edição da Livraria Chardron.
- 4 J. M. Velho da Silva — Idem, idem (da Revista Popular — tomo VIII, pag. 222).
- 5 Ernesto Cibrão — Idem, idem.
- 6 Reynaldo Carlos Montóro — Idem, idem (da Revista Popular, tomo XVI, pagina 351 — 1862).
- 7 Maciel do Amaral — Idem, idem (26-10-1864).
- 8 Ramalho Ortigão — Idem, idem (da edição do Porto).
- 9 Pinheiro Chagas — Idem, idem (da edição de Lisboa)
- 10 J. Norberto de Souza — Noticia sobre o autor e suas obras (na edição Garnier).
- 11 Teixeira de Mello — Gazeta Litteraria I-124, Rio, 1884.
- 12 Sylvio Romero — Historia da Litteratura Brasileira, II pag. 314.
Livro do Centenario, I pag. 55.
- 13 J. Manoel de Macedo — Anno biographico, I pag. 13.
- 14 José Verissimo — Estudos da Litteratura brasileira, II pag. 47.
Historia da Litteratura Brasileira, pag. 307.
- 15 Julio Barbuda — Litteratura brasileira, pag. 330.
- 16 C. Castello Branco — Cancioneiro alegre II, pag. 145.
- 17 Sacramento Black — Diccionario bibliographico.
- 18 Victor Orban — Littérature brésilienne, pag. 73.
- 19 Eugenio Werneck — Anthologia brasileira, pag. 469.
- 20 Goulart de Andrade — Conferencia proferida na S. de Cultura Artistica de S. Paulo.
- 21 Ronald de Carvalho — Pequena Historia da litteratura brasileira, pagina 232.

Notícia biographica e subsidios para um estudo critico.

A morte prematura, aos 23 annos e meio de idade, impediu que attingisse o espirito do poeta á perfeição.

Como Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Dutra e Mello, Macedo Junior e outros poetas brasileiros, cedo arrebatados do mundo, não poude Casimiro de Abreu legar á litteratura brasileira a obra compativel com o seu talento e a decidida vocação poetica que revelou.

Alem da precocidade da inspiração, pôde-se dizer espontanea, apresentou outro caso de analogia com Millevoye, foi um poeta contrariado.

Era filho de José Joaquim Marques de Abreu, negociante portuguez, e de D. Luiza Joaquina das Neves, de nacionalidade brasileira.

Nasceu Casimiro José Marques de Abreu na villa da Barra de São João, em uma choupana abrigada por uma velha e frondosa figueira, á margem do pequeno rio que desce de um contraforte da Serra dos Orgãos e desagua no oceano Atlantico.

Iniciou a sua educação primaria em Cabo Frio, dos 6 aos 9 annos. Com esta idade seu pae o conduziu para Nova Friburgo onde foi confiado ao professor inglez João Henrique Freese que mantinha um internato nessa pittoresca cidade. O velho educador recebeu especial recomendação de preparar o menino para a carreira commercial.

Aos 15 annos, a despeito da precaução paterna, escreveu os primeiros versos, inspirados na saudade que lhe amargurára o coração, ao pensar nos folgedos da irmãsita, quando o crepusculo traz á natureza a melancolia nostalgica.

Perpetrou o primeiro crime no Collegio, escrevendo "Ave Maria".

"Era um conto simples e natural como o dos passarinhos, e para possuil-o hoje eu déra em troca este volume inutil, que nem conserva ao menos o sabor virginal d'aquelles preludios!" diz elle no prologo das "Primaveras", dirigindo-se a Francisco Octaviano.

Em "A virgem loura", paginas do coração, descreve as primicias do seu amor vehemente pela terna e mysteriosa Poesia.

Tambem na adolescencia amou gentil menina, a quem dedicou versos.

Contrariado por taes manifestações do espirito romantico, o seu pae arrebatou-o do collegio, apezar dos rogos e protestos do estudante c contra a vontade dos professores que lhe dispensavam amizade e confiavam no seu futuro. Levou-o para o Rio onde o deixou trabalhar no escriptorio de sua casa commercial.

"Foi n'um dia... lembro-me perfeitamente, foi n'um dia de Setembro.

Abafando o grito de lamento da minha vocação contrariada, fui sentar-me á carteira de um escriptorio e embrenhei-me no mundo dos algarismos. Abracei a vida commercial, vida prosaica que absorve todas as faculdades num unico pensamento, — o dinheiro —, e que, se não debilita o corpo, pelo menos enfraquece e mata a intelligencia."

Começou o supplicio do poeta desventurado e veio-lhe a tristeza a empanar os lampejos d'alma. Era continuamente vigiado, sentia-se privado do convivio dos livros, mas conseguia illudir a vigilancia, escrevendo pelas horas caladas da noite e lendo obras poeticas e de critica litteraria.

A primeira vocação manifestou-se para o desenho, attestado do seu poder imaginativo, o que despertou os afagos maternos, sempre dispensado ás sobejas provas do talento do infante.

Presentida a desobediencia, o honrado negociante, com a força da autoridade paterna, arrebatou-o do sonho, contrariou-lhe a vocação e decidiu que fosse o rapaz proseguir na carreira commercial, longe da patria e da familia, em Portugal.

A 13 de Novembro de 1853 embarcou elle no vapor Olinda e transpoz a barra da bahia do Guanabara, com destino a Lisboa.

Narra o poeta no prologo de "Camões e o Jão", a viagem triste e a longa permanencia na capital do reino lusitano, torturado pelas saudades, soffrendo os tormentos da nostalgia.

No fim de dous annos sentiu-se enfermo e, não lhe sendo licito contrariar a vontade paterna, procurou reconstituir a saude avariada nas margens do Minho e do Douro. "Nas ribas pittorescas do Douro ou nas varzeas do Tejo, tive saudades do meu ninho das florestas e cantei; a nostalgia apagava-me a vida e as veigas risonhas do Minho não tinham a belleza magestosa dos sertões", disse elle ainda no prologo das "Primaveras".

Já havia escripto as "Canções do exilio" e em 1856 fez reprcsentar no Theatro D. Fernando, pelos actores Braz Martins e Santos, a scena dramatica "Camões e o Jão".

Chegando ao conhecimento da familia a noticia de sua terrivel molcstia, a tuberculose pulmonar, conseguiu a intervenção materna a revogação das ordens severas do pae e elle regressou á patria, chegando ao Rio no dia 11 de Julho de 1857, depois de quasi 4 annos de exilio.

Dirigiu-se immediatamente para a fazenda de Indayassu' onde costumava passar as ferias e teve o desgosto de encontrar morta a virgem que lhe despertára o coração.

Um mez depois, para satisfazer a vontade paterna, voltou á vida commercial onde se deteve ainda, por espaço de dous annos.

As noites, passava-as em casa do dr. Caetano Filgueiras, em companhia dos poetas Macedo Junior, Gonçalves Braga e Machado de Assis, inteiramente esquecido da monotonia do escriptorio onde lidava com o *razão* e o *diario*.

Viu, um a um, morrerem os seus amigos: o joven autor das "Açuernas", o poeta das "Tentativas" e Affonso Messeder.

Só a 13 de Junho de 1858 conseguiu a liberdade almejada, por haver progredido, de um modo assustador, a tuberculose, ceifadora de vidas primaveris.

Reconciliou-se com o pae austero que, antes de exhalar o ultimo suspiro, ouviu os versos do filho, exultou de alegria pelos elogios dispensados ao poeta das "Primaveras" e abençoou-o.

Frequentava, então, a Petalogica de Paula Brito e gozava a companhia de uma pleiade de escriptores.

Sentindo aggravar-se a enfermidade, dirigiu-se com sua extremosa mãe para Friburgo, a 24 de Julho de 1860. No dia 18 de Agosto do mesmo anno, circulou na cidade do Rio de Janeiro a noticia do seu fallecimento.

Quasi todos os jornaes publicaram sentidos necrologios e teceram-lhe elogios merecidos, até que surgiu a contestação assignada por Paula Brito, nove dias depois, no *Jornal do Commercio*.

Recrudescendo a molestia, deixou Friburgo a 3 de Outubro e falleceu na fazenda de Indayassu', cercado de entes caros e tendo o seu volume de versos á cabeceira, no dia 18 do mesmo mez, respondendo a uma exhortação materna com a phrase: — Pois é a morte tão temivel? —

Reynaldo Carlos Montóro descreveu os ultimos momentos do poeta, reproduzindo os dialogos entretidos com sua mãe e narrando o desespero dos circumstantes.

Foi sepultado no cemiterio da Barra de S. João, proximo do tumulo do romancista Manuel Antonio de Almeida.

Pertenceu Casimiro de Abreu á denominada geração romantica, com o titulo de "poeta do amor e da saudade", assim como Alvares de Azevedo foi cognominado o "poeta da duvida".

A sua obra capital é o volume das "Primaveras", dividido em quatro partes: "Canção do exilio", "Cantos de amor", "Poesias diversas" e "Livro negro" ou "Poesias elegiacas".

Nas edições posthumas foram reunidos ao livro editado por Paula Brito a scena dramatica já mencionada e os trabalhos em prosa: "A virgem loura" e "Camilla, memorias de uma viagem" (fragmento).

Sente-se a espontaneidade de inspiração do poeta; as suas producções reflectem candura de sentimento, emoção sincera e simplicidade nos processos. Decorre a tristeza nos seus versos não só do caracter essencial dos lyricos brasileiros, a partir de Gonzaga, como do seu temperamento e de sua existencia impregnada de contrariedades.

Evoca patria e familia no exilio, recorda-se da infancia despreocupada e da primeira mulher que amou, em quasi todo o livro, principalmente nas "Canções do exilio", "Saudades", "Meu lar", "Minha mãe", "Rosa Murcha", "Jurity" e "Meus oito annos".

É um engano admittir que tivesse o poeta um alaúde onde só cantava threnos e elegias. A musa tambem lhe proporcionou inspiração para os cantos alegres, emprestando-lhe feição humoristica e incutindo-lhe a volupia caracteristica do amor objectivo. Basta mencionar "Juramento" e "Amor e medo" para comprovar tal asserção.

Goulart de Andrade dedicou-lhe um estudo carinhoso, de extrema sympathia, em que salientou modalidades distinctas, subordinadas a sentimentos oppostos, no estro do autor das "Primaveras". E Olavo Bilac

demonstrou não ser a tristeza peculiar aos poetas brasileiros, nem delles a nota exclusiva.

Organisação poetica ingenita, soffreu uma serie de revezes, desde a adolescencia: teve os estudos interrompidos, contrariada a vocação, sopitado o primeiro amor, imposta uma carreira contraria á sua indole e, para cumulo dos castigos que inconscientemente o pae lhe infligiu, teve o exilio prolongado, distante da terra natal que elle soube amar.

Era, portanto, fatal a expansão de sentimentos nostalgicos e de farta dóse de melancolia nos seus trabalhos intellectuaes.

A sua obra, repassada de lyrismo suave e simples, foi a que maior numero de edições logrou no Brasil, exceptuada a "Marília de Dirceu".

Tinha o poeta affinidade com Lamartine, o seu mestre favorito, a par de Gonçalves Dias e Thomaz Gonzaga. Era tambem admirador de Chateaubriand e lia com indizível carinho os poetas portuguezes.

Distinguiram-se como seus companheiros e amigos Machado de Assis, Macedo Junior, Affonso Messeder, Faustino Novaes, Paula Brito, Teixeira de Mello, Gonçalves Braga e alguns outros.

A sua produção não é tão lida pela geração de hoje, como o foi em outros tempos, principalmente pelas moças e por todos os namorados, não só porque evoluiu o character da poesia, como tambem porque os recitativos dos declamadores e as modinhas ao som do violão exerceram a influencia dos realejos sobre as operas e operetas de accentuada popularidade. Mas a sua poesia sentimental e íntima ha de perdurar na litteratura brasileira, como attestado do bello talento de Casimiro de Abreu. Apresenta defeitos de fórma e de concepção; notam-se falhas de metrificacão, pobreza de rimas e vulgaridade algumas vezes; mas a despeito dos senões, predominam as qualidades que tornam o bardo querido dos que têm, como elle, a alma simples e sem refolhos.

Como Alvares de Azevedo, teve o presentimento da morte prematura e, cercado de entes caros, viu extinguir-se o ultimo sopro de vida, no torrão natal, a 18 de Outubro de 1860.

Summario para um estudo completo

A infancia — Educação — Vocação contrariada — No commercio — Em Portugal — Regresso ao Brasil — A obra poetica — Nostalgia e tristeza — Outras notas predominantes — Os fragmentos em prosa — A scena dramatica — Seus contemporaneos e a critica — Epilogo de uma existencia infeliz.



**JOSÉ ALEXANDRE
TEIXEIRA DE MELLO**

Fundador da cadeira n. 6. — Nasceu na cidade de Campos (Estado do Rio de Janeiro) a 28 de Agosto de 1833 e falleceu a 10 de Abril de 1907.

Bibliographia

- 1 SOMBRAS E SONHOS — poesias, X—213 pgs. — Rio 1858.
- 2 THESE DE DOUTORANDO (Hospioios de expostos) — 85 pgs. (incluindo as proposições) — Rio, Typ. Universal de Laemmert — 1859.
- 3 DISCURSO MAÇONICO — 7 pags. Rio, 1858.
- 4 ESTUDOS DA LINGUA MATERNA — serie de artigos publicados no *Monitor Campista* e na *Lux* de Campos, 1874 (não foram editados em volume).
- 5 MYOSOTIS — poesias — 112 pags. — Rio, 1877.
- 6 EPHEMERIDES NACIONAES — 3 vols.: 436, 330, 110 (indice) — Rio, Typ. da Gazeta de Noticias, 1881 (Foram publicados na *Gazeta de Noticias*).
- 7 LIMITES DO BRASIL COM A CONFEDERAÇÃO ARGENTINA — memoria — acompanhada de um mappa — 278 pags. — Rio, Typ. Nacional, 1883.
- 8 CAMPOS DOS GOYTACAZES EM 1881 — memoria — 183 pgs. 1886. Foi escripta para a exposição de historia da Bibliotheca Nacional, em 1881, com o titulo "Descripção historico-topographica do municipio dos Campos de Goytacazes, comarca do mesmo nome, provincia do Rio de Janeiro". Foi mais tarde lida no Instituto Historico e publicada no tomo 49.º, parte 2.ª, pags. 5 a 181 da revista trimensal. A edição do livro constou apenas de 50 exemplares. (Possúo a separata da Rev. do Instituto Historico).

9 SUBSIDIOS EXISTENTES NA BIBLIOTHECA NACIONAL PARA O ESTUDO DA QUESTÃO DE LIMITES DO BRASIL PELO OYAPOCK (1876) — 58 pgs., Rio Typ. Leuzinger 1895.

10 RELATORIO DA BIBLIOTHECA NACIONAL (1895), apresentado ao ministro Dr. Antonio Gonçalves Ferreira — 32 ps. Rio, Typ. Leuzinger, 1897.

11 RELATORIO DA BIBLIOTHECA NACIONAL (1896), apresentado ao ministro dr. Amaro Cavalcanti — 27 pgs. Rio, Typ. Leuzinger — 1897.

12 RELATORIO DA BIBLIOTHECA NACIONAL (1897), apresentado ao ministro dr. Amaro Cavalcanti — 32 pgs. — Rio, Typ. Leuzinger — 1899.

13 RELATORIO DA BIBLIOTHECA NACIONAL, (1898) apresentado ao ministro dr. Epitacio Pessôa — 45 pgs. — Rio Typ. Leuzinger — 1900.

14 RELATORIO DA BIBLIOTHECA NACIONAL (1899), apresentado ao ministro dr. Epitacio Pessôa — 43 pgs. Typ. Leuzinger — 1900

15 TRAÇOS BIOGRAPHICOS DE LITTERATOS E ESTADISTAS CHILENOS, no livro *Chile e Brasil*, de 210 pgs. — Rio, Typ. Editor Dias da Silva Junior — 1889.

16 CLAUDIO MANOEL DA COSTA — (estudo) extrahido dos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio*, tomo I, pags. 373, tomo II, pags. 209 a 246, tomo III pags. 310 a 323.

17 LAURINDO J. DA S. RABELLO (estudo) extrahido dos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio*, tomo III, pags. 355 a 384.

18 CATALOGO POR ORDEM CHRONOLOGICA DAS BIBLIAS EXISTENTES NA BIBLIOTHECA NACIONAL — no tomo 17.º dos respectivos *Annaes*. — 337 pags. Imprensa Nacional — 1893.

19 CARTAS DO PADRE ANTONIO BLAIQUEZ, corrigidas por T de Mello — Rio, 1886.

20 POESIAS, edição definitiva — 285 pgs., prefacio de Sylvio Romero — Liège Typ. F. Brimbois — 1914.

Collaborou no *Monitor Campista*, na *Alvorada Campista*, n' *O Paiz*, n' *O Cruzeiro* e na *Regeneração*, periodicos de Campos; no *Academico* (1855-56) dos estudantes da Faculdade de Medicina; no *Correio Mercantil* onde foi publicado 1-12-1859) o discurso que pronunciou na cerimonia de colação do gráu na F. de Medicina, em 29—11—1859; na *Lux*; foi redactor dos *Annaes da Academia Philosophica* (1858), da *Gazeta Litterariã* (1883—84); escreveu na *Revista Brasileira* (2.ª phase): A Luiz de Camões (poesia); na *Revista Popular*; na *Revista do Instituto Historico Brasileiro*, onde, além do trabalho mencionado, publicou o "Relatorio dos trabalhos annuaes de 1889 a 1890" e as biographias do dr. Joaquim Caetano da Silva, do Barão de Villa Franca e do Conselheiro J. Bernardino Baptista Pereira de Almeida. Na *Revista do Brasil* (n. 31) encontra-se a

carta que escreveu a Antonio Salles (Alguns autographos). Fez-se a re-produção do seu retrato nas "Poesias completas", na "Littérature brésilienne" de V. Orban e no "Almanack Garnier" de 1909.

Fontes para o estudo critico

- 1 *Sylvio Romero* — Historia da Litteratura Brasileira, tomo II, pag. 303.
- " " — Livro do Centenario I, pg. 73.
- " " — Quadro synthetico da evolução dos generos.
- " " — Evolução do lyrismo brasileiro.
- " " — Prefacio das "Poesias" de Teixeira de Mello.
- " " e João Ribeiro — Compendio de litteratura brasileira, pg. 224.
- 2 *José Verissimo* — Historia da Litteratura Brasileira, pg. 312.
- 3 *Julio Barbuda* — Litteratura Brasileira, pag. 414.
- 4 *Innocencio da Silva* — Diccionario bibliographico, vol. 4.º, pg. 216.
- 5 *Sacramento Blake* — Diccionario bibliographico, vol. 4.º, pg. 271.
- 6 *Eugenio Werneck* — Anthologia brasileira, pag. 467.
- 7 *Pereira de Carvalho* — Os membros da Academia Brasileira de Letras em 1915.
- 8 *Antonio Salles* — Os nossos academicos — Revista Brasileira (3.ª phase) tomo 10.º, pag. 141.
- 9 *Almanack Garnier* de 1919, pag. 384.

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

Como quasi todos os brasileiros que se dedicam á carreira litteraria, estreiou José Alexandre Teixeira de Mello, aos 25 annos de idade, com um volume de versos.

Começou, porém, a poetar dous annos antes, a julgar pelas datas das poesias contidas no livro "Sombras e sonhos", editado em 1858.

Filho legitimo de José Alexandre Teixeira de Mello e D. Eugenia Maria da Conceição Torres, nasceu na cidade de Campos dos Goytacazes, fez o curso de humanidades no Seminario S. José e estudou na Faculdade de Melicina do Rio de Janeiro, onde defendeu these em 25 de Novembro de 1859.

Versou a sua dissertação sobre os hospícios de expostos, sendo o primeiro capitulo dedicado á historia desses estabelecimentos de assistencia e caridade. Nos capitulos subsequentes examinou os problemas de utilidade da instituição humanitaria para a criação das creanças abandonadas, de hygiene alimentar e de aleitamento artificial.

Concluidos os seus estudos scientificos, fixou residencia na cidade natal onde permaneceu, no exercicio da clinica e collaborando em jornaes, ate 1875, quando se transferiu para o Rio de Janeiro.



Durante a phase academica foi membro effectivo da Academia de Philosophia, socio effectivo da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, membro honorario do Ensaio Philosophico Paulistano e escreveu o livro de poesias "Sombras e sonhos".

No *Correio Mercantil*, numero de 1.º do Dezembro de 1859, encontra-se o discurso que elle proferiu como orador da turma de doutorandos.

Por decreto de 24 de Março de 1876 recebeu a nomeação para o cargo de chefe de secção de manuscriptos da Bibliothca Nacional e no mesmo anno coordenou os subsidios existentes para o estudo da questão de limites do Brasil pelo Oyapock, publicados em folheto 19 annos mais tarde.

No anno seguinte publicou o segundo volume de versos "Myosotis" e abandonou quasi o genero poetico, devotando-se a estudos de historia patria, litteratura nacional e bibliographia.

Fez-se socio do Instituto Historico Brasileiro, onde desempenhou os cargos de 1.º Secretario e redactor da "Revista Trimensal".

Na Bibliothca Nacional, além do trabalho mencionado, escreveu a monographia "Campos dos Goytacazes em 1881", para a exposição de historia, sendo o seu trabalho publicado no tomo 49.º da Revista do Instituto Historico e em volume á parte, numa edição de 50 exemplares. Escreveu ainda a memoria sobre "Limites do Brasil com a Confederação argentina", os estudos sobre Claudio Manuel da Costa e Laurindo Rabello, publicados nos *Annaes* da Bibliothca, onde tambem reproduziu o catalogo das biblias existentes na collecção brasileira.

Na "Revista do Instituto Historico", além do que foi citado, escreveu as biographias do dr. Joaquim Caetano da Silva, Barão de Villa Franca, Conselheiro J. Bernardino Baptista Pereira de Almeida e o relatorio dos trabalhos annuaes de 1889 a 1890.

Quando a esquadra chilena veio prestar homenagens ao Brasil, no porto do Rio de Janeiro, o Instituto Historico realisou, em homenagem á respectiva officialidade, uma sessão solemne, sendo publicado um livro commemorativo que encerra o trabalho de Teixeira de Mello: — "Traços biographicos de littertas e estadistas chilenos".

Em 1895 foi nomeado director da Bibliothca Nacional, cargo que desempenhou até 1900, quando mereceu aposentadoria. Durante esse periodo publicou relatorios expondo as occorrencias no importante estabelecimento e organisando interessantes estatisticas.

Deixou-nos a "Gazeta Litteraria", de que foi redactor, prestando inestimaveis serviços ás letras no Brasil.

Como poeta pertenceu á geração de Casimiro de Abreu, Machado de Assis, Luiz Delfino, Pedro Calasans, Franklin Doria, Bittencourt Sampaio, Bruno Seabra, Luiz Guimarães e tantos outros.

Induzido pela correcção da metrica e o apuro da fórmula, Sylvio Romero considerou-o, ao lado de Machado de Assis e de Luiz Guimarães Junior, como um dos precusores dos parnasianos.



Os seus versos são simples, as imagens que compõe são inspiradas e affectam os moldes do lyrismo brasileiro, sempre impeccavel na fórmula e inspirado nas concepções.

Apresenta o cunho idealista e a feição dos que amam a natureza, tanto em "Sombras e sonhos", como em "Myosotis". A delicadeza dos sentimentos e o naturalismo das scenas descriptas predominam nas paginas dos seus livros, imprimindo-lhes a característica da verdadeira poesia. E' sempre calmo e sentimental, de uma placidez que requeira momentos felizes, de um poder affectivo que revela a extrema bondade do seu coração.

Não se salientou entre os contemporaneos nem se impoz aos posteros, por dous motivos: a simplicidade de processos, a par de emoções tranquillias, e a modestia em exaggero.

Quando, em 1877, deu á publicidade o segundo livro "Myosotis", assim justificou a sua deserção:

"Estes versos são — o adeus de despedida — á minha mocidade: pudese eu tel-a passado toda para elles... morreria satisfeito de haver vivido.

Dei-lhes o nome que levam, porque, como aquellas flôrinhas vivem á sombra e com pouco sol murcham e seccam, assim terão elles de morrer á luz vivissima da publicidade.

São, além disso, fructos extemporaneos: quando cantam Machado de Assis, Luiz Delphino, Luiz Guimarães, Pedro Luiz, Joaquim Serra, Narcissa Amalia, Bernardo Guimarães, Gonçalves Crespo, e o senador F. Octaviano empunha de novo a lyra melodiosa para nacionalisar os cantos melancolicos de Selma e os sublimes arroubos do orgulhoso bardo de Albion — devo limitar-me a ouvil-os e a extasiar-me".

Fóra dos dominios da poesia, elle dedicou-se a assumptos de historia patria, rebuscando nos archivos de manuscriptos os documentos que deviam pleitear os nossos direitos a territorios contestados, servindo de base á argumentação de Joaquim Nabuco e do Barão do Rio Branco.

Com a paciencia evangelica dos que se dedicam ao culto do passado, coordenou factos e datas, feitos e glorias, vultos e herões, e traçou, dia a dia, na *Gazeta de Noticias*, as "Ephemerides nacionaes" que foram mais tarde reunidas em volume.

Até hoje os estudiosos que buscam themas nacionaes, consultam as notas colligidas pelo paciente investigador do nosso passado, para illustrar memorias, precisar datas e esclarecer pontos duvidosos.

No Instituto Historico desenvolveu Teixeira de Mello acção proficua estudando individualidades merecedoras de gratidão das gerações que lhes succederam e assumindo attitude saliente entre os socios compenetrados dos seus deveres.

Mas onde se evidenciou o seu trabalho benedictino foi na Bibliotheca Nacional, sob a penumbra da modestia, preferindo a obscuridade do mineiro que descobre as bétas e vieiras nas rochas, aos esplendores do artifice que burila as joias de fino lavor.

Consultava manuscritos, catalogava livros raros e antigos, facilitando a pesquisa alheia, desentranhava do olvido assumptos preciosos como atestados do nosso valor.

E ahí estão, para corroborar a minha affirmativa, os relatorios que deixou e os estudos impressos nos "Annaes". Entre varios destacam-se os trabalhos sobre Claudio Manuel da Costa e Laurindo Rabello.

O unico descanço que consegui, proporcionou-lhe a viagem á Europa, durante os annos de 1892 e 1893.

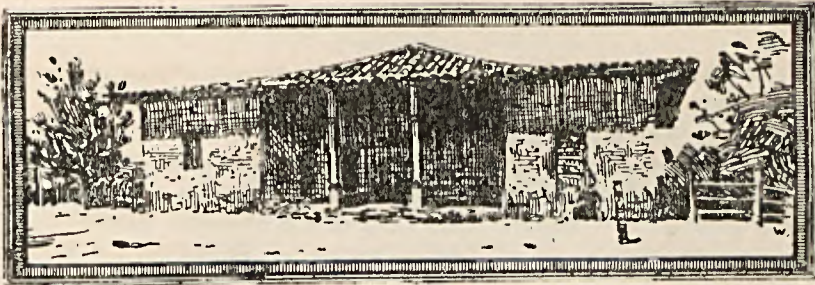
Morreu Teixeira de Mello, com 74 annos de idade, a 10 de Abril de 1907 e legou á posteridade um padrão eloquente de dedicação ao trabalho e amor á Patria.

Summario para um estudo completo

Sua actividade durante a phase academica — O poeta romantico — A geração a que pertenceu e o logar que occupou — Rebuscando o passado — Vida consagrada aos livros — Seus estudos litterarios — Como integrador do nosso territorio — Além das nossas fronteiras — Quasi obscuro — Perante a critica.

ARTHUR MOTTA.





AUTOGRAPHOS

UMA CARTA DE SILVEIRA MARTINS
A ANDRADE FIGUEIRA

Meu caro compadre:

Hilario mandou pedir poderes para o Eduardo Prado poder contrahir um empréstimo para a revolução. Lá foram, ainda que nisso pouco confie. A revolução da esquadra, que podia ser decisiva se o Saldanha a tivesse dirigido, foi fatal á revolução do Rio Grande pelo elemento comtista, que apoderou-se do Mello e do governo de Santa Catharina. Afinal, como em janeiro lhes annunciiei, deram com tudo no barro e vieram acolher-se ao Rio Grande como unica esperança de salvação. Está eliminado da revolução esse elemento, mas não extincto, continúa perturbando, intrigando, já que outra coisa não pôde fazer. São sectarios, intransigentes, e não se desprenderão da Republica, para provar sua gratidão a S. M. o sr. D. Pedro II, que os plantou, cultivou, e os fez medrar sustentando com sua influencia de imperador Benjamin Constant na Escola Militar. A questão rio-grandense, que aspira ser nacional, é um governo livre apoiado na opinião publica, pelo regimen parlamentar. Sem duvida, a Republica parece mais precaria do que a Monarchia, mas esta tambem tem os seus contras — os representantes do principio nada fazem por si, querem que lhes caiam do céu as cotovias assadas, e que os pobres diabos se degolem, se devorem, para terem depois a satisfação de verem no throno D. Isabel, que poz fogo no estopim do canhão revolucionario, explorando a ambição dos homens, obrigando o ministerio coúservador não a fazer uma reforma mas uma revolução, destruindo-se a si mesmo, derrocando o throno, e precipitando a patria no abysmo da anarchia. A Republica é a obra do throno no Brasil! Por minha parte não terei mais satisfação do que obe-

decer á vontade nacional se esta quer a monarchia — que seja restaurada; se quer a Republica, não reconheço em ninguem direito de decretar o contrario. Eu não tenho com nenhum partido compromissos, só tenho deveres para com a patria. Com a liberdade, sem a qual não ha patria, aceito Republica ou Monarchia parlamentar. Muitas saudades a minha comadre, e dá ordens ao

comp.e e velho am.º e collega

G. Silveira Martins.

B. Ayres, 1.º de 8bro — 94.





FRUCTA DO MATTO — *Afranio Peixoto* — *Livraria Francisco Alves* — Rio 1920.

Si ha livros que resgatam toda a existencia incolor e improductiva de uma geração este é, por certo, um delles.

Termino a sua leitura com uma imprecisa e formidavel impressão de conjuncto e sinto o meu espirito nervoso, crispado numa ancia dolorosa como só m'a deixou igual, ha bem annos, esse extranho *Crime e Castigo*, de Dostoiwsky.

Paginas de um intenso fulgor emotivo incendeia-as o caprichoso espirito de um escriptor mui difficil de definir. Na musica de sua prosa tersa e burilada perpassam os sons de tantas cantigas já escutadas, e a vóz de tantos cantores já ouvidos. E de nenhum delles, por mais que a attenção se apure e o espirito se concentre, fica-nos a impressão bem clara de que seja de Euclides ou de Raymundo Corrêa, de Pompêa ou de Machado de Assis. Elle funde-os, os typos representantes verdadeiros de nossa cultura, num estylo seu, pessoalissimo, maneiroso e suave, de onde reçuma um scepticismo *raisonable* e sadio.

Acima de tudo apparece frizada — frizadissima aliás — a tendencia

de nossos prosadores modernos. Do ponto de vista do purismo classico, o estylo das nossas mais recentes producções nacionaes d'uma mescla barbara: é em *Urupês*, na *Floresta da Agua Negra*, em Juca Mulato, é até em *Saudade*, a obra didactica, destinada ás escolas primarias, de Thales de Andrade. E' assim tambem em *Fructa do Matto*: ha alli a mescla de nossa linguagem commum, producto do meio actuando 400 annos sobre o organismo vivo do vernaculo e o remanescente da lingua de Camões, aquillo que, arcabouço fundamental, não pôde ser alterado.

Explorado conscienciosa e prudentemente pelos escriptores modernos, elle tem sido um veio riquissimo para o brilho do estylo brasileiro. *Fructa do Matto* é assim: atravessam-n'a as vehementes rajadas de rythmos barbaros, estonteanes, é cheia de coruscações imprevisas, de reverberos, de fulgores, tão vivos, tão fortes, tão ao nosso paladar nacional que a gente não pôde deixar de reconhecer, mesmo quando por *parti-pris* grosseiro o não quizesse, que está diante de uma obra prima.

Attentem para a differença que separa este trecho de qualquer des-

cripção santificada pelas anthologias :

“Um enorme buraco de treva... um grande hiato de silencio... depois a penumbra que a vista accommodada parecia divulgá e o ruído eterno da vida, lá fóra, guinchos, trilos, piados, garganjos que me chegavam em surdina; gritos, besouros, roedores, aves penadas, que fazem o cantochão das noites sertanejas. Dominava um tan-tan de sapo ferreiro, compassado, atraz da casa, no brejo... Puz-me a querer discernir todas essas vozes dispersas e já confusas, quando adormeci...”

Bem pensado, isso representa, para o nacionalismo, um acontecimento de nossa independencia de bem mais alto valor que o proprio 7 de Setembro. Sim, porque, o brado do Ypiranga nos deu apenas a liberdade e a autonomia politica, deixando-nos jungidos á Metropole pelo sem numero de todas as outras ligações. Ao passo que neste improviso romper com o passado, exigindo na língua escripta a documentação viva de nosso falar, ha um pouco mais, ha a integração formal de um povo, definitivo e differente de todos os outros.

Fruca do Matto não é propriamente um romance, como nos habituámos entendel-o, á moderna. Os nossos romances, hoje, são mais novellas que outra cousa, porque estudam sempre uma unica personagem. Quando muito duas: Elle e Ella. São monographias e de ordinario “puent le medicin”.

Fruca do Matto, encarada dessa forma, é uma galeria de typos, todos

inconfundiveis e todos magistralmente e differentemente traçados.

Ha-os talhados no marmore, audazes e violentos, como o Onofre, alma tragica de bandido, torturado por dois aguilhões ferozes: a sua paixão por Joaninha e o seu odio ao branco e ao negro, que o engendraram mulato. Ha-os estylizados em granito, typos de alma que se alimenta de odio, como o Lião, o Benedicto, a Sinhá Velha e o Corre-Costa. Ha-os recortados á tesoura da caricatura, impagaveis de graça e de chiste, como o juiz de direito dr. Espiridião e o tabellião Zoroastro. Ha-os aguarellados suavemente como a infeliz Firmina, que apparece, no livro, aureolada pelo martyrio. Ha-os ainda modelados em argila plastica e viventes, comtudo, como a Gracinha, o dr. Virgilio, o Eliziario, a Salvina. E ha, especialmente, a Joaninha, esse assombro de perversidade humana, que se não sabe dizer si é modelado, descripto, pintado, ou fundido no bronze, esse inferno feito mulher, encanto e desespero, fructa do matto, acida e corrompente, mas deliciosamente tentadora. É o dr. Virgilio que a descreve assim:

“Eu gostaria della, com extase e com pena, com medo e com admiração. É para ser amada com fervor e com demencia; doce e venenosa. Dizem que a glycerina, um liquido untuoso e assucarado, dá explosivos tremendos: por esta comparação venho a comprehender como presença tão gentil pode ser acompanhada de effeitos tão estonteadores, certamente funestos”.

Domina o livro a philosophia, eminentemente sceptica, que é sincera, sem deixar de ser aguda e percucien-



te, do dr. Virgilio, atraz de cuja figura se esconde a penna do autor.

Mas de entremeio a essa, que lembra, ás vezes, o rictus frio e sarcastico de Machado de Assis e a ironia impiedosa de Carlos de Laet, expandem-se os repentines da philosophia popular, maximas tiradas dessa profunda mestra que é a experiencia da vida, vivas, certas, opportunas, pungentes ás vezes, ás vezes chocarreiras e que demonstram o poder de observação do autor e a sua capacidade emocional de sentir e pensar com as almas dos outros.

Não posso e nem quero pensar em sumir o romance. Elle é pejado de episodios, todos partes integrantes do entrecho. São sempre optimamente contados, alçam-se a miudo a excellentes e attingem a esse raro cume que é o sublime. A confissão de Onofre, na prisão, chega até lá muita vez. Si eu quizesse tentar o resumo, encheria paginas de papel, sem, ao cabo, ter contado nada. Melhor, nesse capitulo, é mandar o leitor directamente ao livro.

Mas como, afinal, isto é critica e é preciso documentar as affirmativas que acima ficaram, mostrarei alguns traços de algumas personagens principaes, traços colhidos não ao acaso no livro, mas de accordo com as minhas preferencias.

O dr. Virgilio de Aguiar, que escreve a historia e se autobiographa, é um typo interessantissimo, que pontilha as suas observações e as suas analyses, com graciosas piadas, cheias de uma ironia indulgente e zombeteira.

Retrata-se a si mesmo:

“Uma mulher é por mim desejada e desejavel até o momento em que

sinto que me escapa ainda ou ainda me é indifferente. Si se inclina para mim, não se perde commigo, perde-me para si, porque sou eu quem se desinteressa della. Aos outros occorre isso por saciação ou decepção; a mim por antecipação. Nunca terei as honras do triumpho; minhas victorias serão as descontadas nos planos certos do estado-maior.

Eu vencerei no fim, si até lá proseguisse. Esse fim me desinteressa, se é previsto e fatal, ao alcance da minha intelligencia e de minha vontade. No theatro não assisto ao ultimo acto, se o prevejo; o livro acabo-o antes da ultima pagina, se é certa a terminação. O melhor negocio, eu o desfarei ao assignar a escriptura; levantaria o cerco de uma praça, se soubesse da rendição no dia immediato; colham os outros os fructos e os proveitos... que me importam? Basta-me ter roteado o campo, semeado, tratado, podado, admirado a flor, antegosado o fructo que desdenhei. No amor, creio que uma cabeça desejada e por fim caida no meu hombro, me impediria de a beijar... Casar-me-ei talvez com uma mulher de quem receio seja capaz de me dizer um “não” no altar; amal-a-ei certamente, se tiver de a conquistar sem treguas, se receber, de longe, a possibilidade de perdel-a...”

Citei, propositalmente, este trecho, porque entre este discretar analysta de Virgilio e o seu modo de agir ha uma differença.

Viram o typo ideal de mulher que elle deseja? Pois bem, Joanhina, a *Fructa do Matto*, ainda que perversa, realiza tal typo e, numa occação, tentou-o. E elle, de medo, fu-

giu. Houve, pois, uma trinca no estudo psychologico de seu caracter...

Mas, o estudo das trincas do caracter, que geram os conflictos e resaltam os contrastes, não é talvez, elle só, o pabulo eterno, e o perno gyrotorio de todas as literaturas de todos os tempos?

Foi nisso, com certeza, que o autor se estribou para lhe frizar o flagrante.

Tambem é só nesse ponto que Virgilio se contradiz. Nos outros actos, mostra-se, sempre, um apaixonado cultor de desejos.

Num passeio pelo campo, com Joaquina e Eliziario, elle tem esta :

“Quando o trilho era estreito iam os dois um após o outro, Eliziario em frente, ella ao meio, eu fechando a marcha, como se costuma nos caminhos da roça. Podia nestas occasiões, com vagar, olhal-a á vontade, é exacto que de costas, o que, pela liberdade, dava compensação ao pouco que via...

Ha caminhos faceis, agradaveis, que entretanto são como provações: Tantalos não experimentou o caminho da roça...”

Em outro ponto, encontrando-se com a Gracinha, que elle desprezara e que, por isso, despeitada, fugira com um pobre diabo, o Pulcherio, o dr. Virgilio se revolta de novo:

“No desamparo em que me vi, fugi daqui para longe. O pensamento me levou para lá, junto da outra, que me era tambem vedada, que entretanto me sorria e me affrontava com o Eliziario, como esta me sorria e me affrontara com o Pulcherio...”

Consciencia, e escrupulo, honesti-

dade... está a que me reduzistes... ter inveja de dois pobres diabos...

É a vida !”

Onofre e Joaquina demandariam espaço para os pintar convenientemente. Uma passagem, entretanto, uma das mais bellas, mostra-lhes a ambos o caracter.

O mulato, irmão de criação e mesmo aparentado com Fructa do Matto, amou-a perdidamente, e apesar de seu genio bravo e violento, preso do encanto da moça, elle servia-a submisso: “Aquella tinha feitiço desde pequena. Não ha gente que pega cobra peçonhenta com a mão ?”

Quando Joaquina contractou casamento com o Americo, o mulato exasperou-se e no seu odio prometeu matar o noivo. A moça conhecia-o capaz disso e na vespera dos esponsaes, alta noite, seguida pela Umbelina, a mucama fiel, foi á casa do rapaz:

“Onofre, eu preciso lhe falar... Umbelina, assente aqui na porta e me espere.

Entrou dentro de casa, entramos e ella fechou a porta... O gallo cantava a primeira vez quando eu torci a tarameilla, para ella sair. Umbelina, cansada de esperar, ferrara no somno sentada no bante.

Eu fiquei só. Fiquei desarmado de meu proposito, porque jurei não offender ao moço e deixar que elles partissem...

Que me importavam mais ? Minha vingança estava tirada. Fiquei comprado pelo maior preço que existe, o que o ouro inteiro do mundo não paga, comprado sem preço, satisfeito

no meu odio, que nesse momento era maior que a minha paixão... Por isso é que eu os deixei se irem embora.

Si eu procedia assim, não era melhor ter morrido, nesta noite? Seria feliz... Só me lembrei disto mais tarde, quando tudo tinha passado. Muitas vezes chorei, arrependido, outras de raiva, desesperado de meu erro, como menino pequeno que não quer se consolar. E só vivi para a desforra desse engano... para isso que Vmçê vê...

Ah l si eu morresse naquella noite... Seria feliz l"

Pena que estes leves commentarios criticos não comportem um estudo demorado e consciencioso do capitulo VII, innegavelmente dos mais bellos, sinão o mais bello de todo o romance.

Em livros nacionaes, não conheço paginas de maior relevo e de mais accentuado vigor no contraste da indole do jagunço, fusão barbara de lyrismo suave e merencoreo e de banditismo heroico. Ha uma ingenuidade tocante naquellas scenas, mesmo no desfecho tragico em que descamba a porfia á viola. E' que ellas reflectem a alma cabocla, innocentemente sincera no amor, estupidamente sincera no odio.

Decididamente, o anno começou mal para os literatos.

Fructa do Matto é um estalão penoso : imital-o não ha de ser cousa facil, igualal-o... não sei, mas parece-me obra para tentar mui poucos engenhos.

Afranio Peixoto toca aqui o apogeu de sua grandeza. E' duvidoso

que elle seja sobrexcedido e, talvez, que elle se sobrexceda a si mesmo.

E caso curioso : os nossos autores, em regra geral, são precoces, estream sempre pela obra prima. Afranio, em literatura, estreou, já membro da Academia, com um romance onde ha qualidades bem vincadas, mas que, intrinsicamente, pouca cousa ficou acima do mediocre. *Esphyngé*, si denuncia um futuro romancista de valor, não entreluz, absolutamente, essa gloriosa ascensão que remata agora em *Fructa do Matto*.

S. M.

THABOR — *Plinio Salgado* —

Typ. da "Secção de Obras do "O Estado" — S. Paulo, 1919.

E' *Thabor* um bello livrinho de versos, o primeiro talvez que o sr. Plinio Salgado elaborou, reunindo os melhores poemas de sua composição. Com cerca de cem paginas magnificamente impressas, *Thabor* apresenta, entre esses trabalhos poeticos, que todos têm seu merito particular, algumas composições onde se revelam accentuadas qualidades de verdadeiro poeta, sabedor do seu officio. Poesias de varia emoção, sem obedecerem a uma unidade philosophica especial, nellas vasou o A. ora o seu entusiasmo pelas cousas altas e bellas da vida, ora simples emotividade artistica, ante um episodio das chronicas, como neste soneto :

EXTASE

THURYBULOS de prata balouçados
ante o altar, espiraes de myrrha e incenso
soltam leves pelo ar. Sons inflammados
põem todo o povo extatico e suspenso.



Santa Thereza, de olhos exalçados, num arroubo contempla o Deus immenso; e de braços abertos, levantados, freme e depara num prazer intenso.

Passam no ar perfumado, estridulando, notas breves de rapida volata, e ora o som tem um quê de doce e brando...

E na humana delicia desse gozo, a Santa, á luz das lampadas de prata, desfallece, num sonho vaporoso!

FACTOS E PERFIS DA CIRURGIA BRASILEIRA — *A. Guimarães Porto* — *Imp. Nacional* — *Rio de Janeiro* — 1919.

Conferencia realisada em 1917 na Bibliotheca Nacional e na qual o A. estuda o desenvolvimento dessa arte no Brasil, desde o seu inicio, traçando os perfis dos seus mais notaveis representantes, até hoje.

PROPHYLAXIA DO IMPALUDISMO — *Em Villa Americana. Nova Odessa, Carioba e Salto Grande* — *Dr. Francisco Junior* — *Typ. Weisflog Irmãos S. Paulo* — 1919.

Nono fasciculo da serie de publicações congeneres editada pelo Serviço Sanitario do Estado de S. Paulo, contem mais de 100 paginas excellentemente impressas e ornadas de nitidas photogravuras, nas quaes o A. faz completa resenha das condições topographicas e sanitarias das regiões ennumeradas, relatando os trabalhos de prophylaxia já executados e os ainda em andamento, promovidos por aquelle departamento administrativo.

BELGICA COROADA DE ESPINHOS — *Marcondes Cesar* — *S. Paulo* — 1919 — Versos.

ANTONINA PREHISTORICA — *Ermelino A. de Leão* — *Imp. Nacional* — *Rio de Janeiro* — 1919.

Separata dos Archivos do Museu Nacional. Contem uma monographia em que o autor estuda os documentos deixados pelos primitivos habitantes da costa meridional do Brasil, conhecidos vulgarmente pela denominação de Sambaquis.

A CONJURAÇÃO MINEIRA — *Placido e Silva* — *Typ. João Haupt & Cia.* — *Corityba* — 1918.

Conferencia litteraria realisada pelo A. no dia 21 de Abril de 1918, na séde da Associação Coritybana dos Empregados no Commercio.

DISTRIBUIÇÃO E FREQUENCIA DA LEISHMANIOSE EM S. PAULO — *Dr. Romeu Carlos da Silveira* — *Casa Mayença* — *S. Paulo* — 1919.

These de Doutoramento apresentada á Congregação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo e pela mesma approvada com distincção.

THE MEAT & CATTLE INDUSTRY OF BRASIL — *Roberto Cochrane Simonsen* — *Ind. Publicity Service Ltd.* — *Londres* — 1919.

Monographia publicada pelo A. em sua viagem á Inglaterra, a convite dos Industriaes e Comerciantes britannicos, e versando assumptos da pecuaria e suas possibilidades no Brasil.

O IMPOSTO TERRITORIAL —
Marcos Konder — Itajahy —
 1919.

Neste folheto, de cerca de trinta paginas, colligiu o A. uma interessantissima serie de artigos, muitos dos quaes de sua propria autoria, visando todos enunciar e propagar as vantagens que a solução pelo Imposto Territorial traz ao problema da libertação do trabalho individual. Bem coordenado e escolhido, sem demasias de rhetoricas innocuas, o texto do presente opusculo offerece leitura proveitosa a quantos o manuseiem, apresentando com clareza conveniente as theorias que versa, pelo que muito é de recomendar-se.

**EPISODIOS DRAMATICOS DA
 INQUISIÇÃO PORTUGUEZA.**

— V. I — Antonio Baião —
Ed. "Renascença Portuguesa"—
 Porto — 1919.

A empresa "Renascença Portuguesa", que já tantas obras interessantes tem dado a lume, no seu empenho de trazer ao estudo e á consideração dos contemporaneos as pessoas, as obras e as vidas dos vultos por quaesquer titulos consideraveis da historia lusitana — teve a boa inspiração de editar a obra emprehendida pelo sr. Antonio Baião, de que é o presente o primeiro volume que apparece.

Ha mais de tres lustros, conservador do Archivo da Torre do Tombo, de Lisboa, teve o A. enesejo de averiguar a vastidão e copia de documentos de alto valor litterario ou historico e até hoje com-

pletamente ignorados dos estudiosos ou delles conhecidos imperfeitamente, atravez de extractos ou transcripções defeituosas. Entre esses, chamaram-lhe a attenção os documentos deixados pelo Santo Officio, dos longos annos em que a celebre instituição vigorou em Portugal.

O sr. Baião reproduz nesta sua compilação, todos os autos e sentenças dos inquisidores, nos processos movidos a personalidades de algum destaque na historia das letras ou das armas portuguezas, illustrando-as com informações criteriosamente angariadas e illuminando as paginas do seu livro com a reproducção, em *fac-simile*, das assignaturas das personalidades em questão e dos rostos e particularidades curiosas das obras porventura publicadas pelos accusados naquelles tempos embryonarios da industria graphica.

Assim, este livro representa um bello serviço prestado tanto pelo A. como pela E. ás letras e á historia portuguezas, senão ás humanidades em geral, pois nelle se encontram materiaes valiosos para mais de uma ordem de estudos philosophicos.

NATAL — *B. Querido — Typ. Rabello — Taubaté — 1919.*

Natal é uma palestra, realisada no Centro dos Operarios Catholicos de Taubaté e na qual, em prosa rimada, A. desfia, singelamente, innumeradas tiradas de muito chiste e leveza, a proposito da data christã, sendo a sua leitura, no elegante folheto em que foi editada, entrete-

nimento extremamente agradável para todos os espiritos.

A REVOLTA DO IDOLO —
Benjamin Lima — Comedia —
Ed. Jacintho Ribeiro dos Santos
— Rio de Janeiro — 1919.

O sr. Benjamin Lima sacrificou um conto bastante original e muito interessante, para alargar-lhe os contornos e desdobrar-lhe a acção, fazendo d'elle peça de theatro. Andou malavisadamente, pois a obra só teve de perder com isso, dando uma serie de replicas morosas e longas, em que, cada personagem, por sua vez, mas todos com o mesmo estylo do autor, diz uma parte da narração, entremeando-a de conceitos critico-philosophicos, que muito mal sabem num trabalho do genero.

Falta-lhe, assim, para que "A Revolta do Idolo" fosse uma regular peça de theatro, maior animação ás scenas, de par com mais accentuada individualisação das personagens sem o que, qualquer trabalho desta escola se arrisca a ser o que constitue muitas das peças de Bernstein — um rosario de pequenas conferencias, recitadas alternativamente por meia duzia de sujeitos a quem o autor incutiui uma especie de mania de dissertação.

Para comprovar o que attribuímos á pouca experiencia do A. em materia de theatro, que, aliás, mais demanda esperteza e malícia do que engenho — basta considerar a replica final, de que transcrevemos um bocado, com as respectivas rubricas, e em que o heroe da acção, por espaço de... duas paginas e tanto, põe remate á comedia:

"CARLOS

Silencio, pequenina scelerada! (Suas mãos convulsivas estenderam-se para o gesto vingador. Mas no simples esboçar da violencia, o impeto animal se lhe dilúe, enquanto Maria, acovardada, certa da inutilidade de qualquer reacção, cõe de joelhos, aniquilando-se.) Não quero que aggravas, com uma dissimulação inefficaz, esse nefando crime. É preciso que haja medida em tudo até mesmo na degradação. (Contemplando Maria que lhe permanece cahida aos pés, numa especie de total dissolução da personalidade) Prefiro vêr-te assim, como que demolida pela abjecção consciente, e preparada para o castigo singular que me inspirou, muito naturalmente, a singularidade de tua infamia. Ah! seria muito commodo que vivesses a meu lado — condição essencial para que tua vaidade exultasse eternamente —, e secretamente me infligisses a mais cruel das affrontas, e fizesses descer sobre mim a onda conspurcadora do mais formidavel dos ridiculos!"

É de imaginar-se a perplexidade do ensaiador e do contra-regra, quando pretendessem obter dos actores os efeitos imaginados pelo A, a quem, entretanto, não fallecem dotes de imaginação e mesmo de estylo para a elaboração de optimos contos, novellas ou romances.

PARQUE ANTIGO — Galeão Coutinho — Saraiva & Cia. — S. Paulo — 1920.

Quem, abrindo este livro e lendo um só verso que seja, não irá até o



fim, sentindo n'alma o doce enlevo que só a verdadeira poesia é capaz de proporcionar? Nada de artifício, de preciosismo, de requintes amaneirados. Nada desse malabarismo de vocabulos — corcoveio engenhoso de sonoridades que muitos comprehendem como poesia. Palavras emprega-as Coutinho com o fim exclusivo de expressar a sensação poetica, e emprega-as do modo mais correntio e singelo, a geito de não perturbar a transmissão da idéa. E consegue-o superiormente. O que elle sentiu ao escrever, o leitor o sentirá ao ler. Após á leitura, terminada a sua funcção humilde de intermediarios de um pensamento, voltam os vocabulos para o livro, quietinhos, não ficando um só grudado ao cerebro do leitor como exotismo rebuscado e importuno. O leitor fica apenas com a sensação poetica — e é uma coisa deliciosa isso! O seu estylo é perfeitamente limpido, filtrado de todos os defeitos da empola e do máu gosto da moda. É fluente como um veio d'agua. É vernaculissimo. E para maior encanto é resaibado de uma leve tonalidade do bom portuguez de Portugal — Portugal dos bons tempos, reino, Anthero, João de Deus. Mas melhor que nossas palavras dirão de Coutinho umas breves transcripções. Vêde-lhe o correntio:

Teu nome hei de calar nos versos que
[componho
Como um altar vedado á multidão im-
[pura:
Doce luz a alumiar meu caminho medonho,
Scrás, eternamente, humilde flor
[obscura.

Vêde agora a riqueza da imagem, a boa qualidade da "poesia":

Anda agora o luar a ungir as alamedas
Do velho parque abandonado...
Ouves? Vae pela relva um roçagar de
[sedas...
Supponho que hão de ser acenos do
[passado.

Hã de ser certamente, a sombra frigidia
De uma dama taful que outr'ora aqui
[vivia
E que em noites assim, brancas e si-
[lenciosas,
la lá em baixo ouvir o queixume das
[rosas.
Pelas noites em que a lua esparge os seus
[alvores,
Poetas que ides a sonhar
Não prestcis attenção a esses vagos
[rumors...
São fiandeiras do amor que velam, a tiar.

Para exemplificar cada qualidade de poetica do A. não é preciso citar uma poesia differente. Basta uma só, que elle sabe reunir em cada verso preciosas qualidades que raro soem apparecer reunidas. Para remate desta noticia transcreva-se a joia que é a

BALLADA Á PRINCEZA ISABEL

Seja ao som doce do alaude,
Em rythmo suave, embalador,
Que eu venha em verso menos rude
Entoar um regio, alto louvor!
E que tal gesto encantador
Não dê motivos a extranheza,
Pois eu me fiz vosso cantor
Porque inda sois nossa Princeza.

A ingratição vulgar não mude
Em desespero nossa dôr;
Antes maior torne a virtude,
Mais viva a fé, mais forte o amor.
Sêde, no exilio, como a flor,
Fanada embora de tristeza,
A conservar o mesmo ardor,
Porque inda sois nossa Princeza

Demais, me deu a solidude
A recompensa do valor;
Serenidade em que se escude
Vossa velhice sem terror,
O antigo escravo soffredor,
O vosso vulto de nobreza
Num halo evoca de esplendor
Porque inda sois nossa Princeza

Offerta

Em vossas mãos venho depor,
Na minha humilde singeleza,
Desta Ballada o aureo penhor,
Porque inda sois nossa Princeza.

Se isto não é poesia, não ha mais poesia no mundo.

ARITHMETICA ELEMENTAR.

*G. A. Buchler — Ed. Weisflog
Irmãos — S. Paulo — 1919.*

Os srs. Weisflog Irmãos, que iniciaram a publicação de uma valiosa série de obras didacticas, acabam de prestar mais um optimo serviço ás letras desse genero, do Brasil, editando com o esmero graphico que lhes é peculiar, a presente obra do sr. Buchler, a qual constitue um optimo auxiliar dos professores no ensino da arithmetica ás creanças. Formam o volume 25 lições, orientadas segundo o methodo intuitivo, de accordo com os mais avançados e proficuos processos pedagogicos, e magnificamente illustradas, o que lhes accrescenta, sob o ponto de vista infantil, um grande attractivo, elemento consideravel em se tratando do ensino elementar.

O volume, que encerra mais de 200 paginas, é o primeiro de uma serie de tres, com os quaes qualquer professor bem orientado fará o ensino da disciplina em questão com grande suavidade e aproveitamento dos seus alumnos e poupando-se a fatigantes compilações e preparações previas de lições para as suas aulas diarias.

HISTORIA DE UM FOGO-MOR-

TO — *José Caldas — Ed. "Renascença Portuguesa" — Porto — 1919.*

É este outro volume de grande interesse e valor, que a conhecida empresa de publicações historicas vem divulgando, enriquecendo assim as letras portuguezas e facultando aos estudiosos de Portugal e Brasil mais largo campo para os seus labores intellectuaes.

Consiste esta obra, que forma um bello volume de mais de 800 paginas, na historia da actual cidade portugueza de Vianna do Castello. Expondo-a, o A. offerece á curiosidade do leitor um sem numero de documentos curiosissimos, ordenando-os sob um criterio philosophicamente notavel e entremeiando-os de judiciosas e cruditas considerações, tudo numa linguagem corrente e desembaraçada, sem o tom massudo dos chronistas impertinentes, nem os malabarismos dos historiadores — literatos de que actualmente ha por toda a parte farta copia. Prendendo-se a historia da vetusta cidade lusitana a quasi todos os successos principaes da de Portugal, desde os seus primordios como nação, a leitura do trabalho do sr. José Caldas, sobre ser de muito proveito quanto ao seu objectivo immediato, traz igualmente grande mèsse de esclarecimentos referentes á historia geral do Reino, para cujo estudo constitue não vulgar contri-buição.

Recebemos:

MANUAL DO CODIGO CIVIL
— José Eduardo da Fonseca — Ed.
Henrique Velho & Comp. — Rio
de Janeiro — 1919.

Artigos insertos no "Diario de
Minas" e no "Jornal do Commer-
cio", em Setembro de 1918.

— ANEMIA BRASILEIRA—Dr.
Belisario Penna — *Typ. d' "O Se-
ricultor"* — Barbacena — 1919
— Conferencia realisada em Bar-
bacena, a 28 de Setembro de 1919.

— DISCURSO, proferido pelo
agronomo Gentil Ferreira da Silva,

em Piracicaba, em 1918. *Typ. Pocaí
& Comp. S. Paulo* — 1919.

— ALMANACK DO BIOTONI-
CO PARA 1920 — Ed. Fontoura &
Serpe — S. Paulo — 1919.

Publicação de propaganda dos pro-
ductos do Instituto "Medicamen-
ta", de S. Paulo.

— AMAZONAS MEDICO —
Orgam official da Sociedade de
Medicina e Cirurgia do Amazonas
— Anno II, Vol. II — N. 7 — Im-
prensa Publica — Manaus — 1919.





COISAS D'ANTANHO

Era um jury de sensação, mão de empenho de um dos mais temidos potentados da terra. Por um dos seus numerosos crimes, todos impunes, respondia famoso valentão daquela redondeza, chefe de numeroso, activo e bem armado cangaço, conhecido e respeitado em toda a zona sertaneja, de Pernambuco até os confins do Piauí.

Ahi está porque a villa de XXX, na provincia do Rio Grande do Norte, amanhecera com aquelle desusado aspecto de animação quasi festiva, o seu aspecto dos domingos e dias santos de guarda. Tirante dos forasteiros, de maior ou menor distancia, que haviam chegado na vespera, cavalgatas mais ou menos numerosas e grupos de gente a pé haviam entrado pela manhã. Na feira, nas principaes casas de commercio e pelas immediações da casa da Camara, havia gente em quantidade, com caras e roupas de circumstancia.

A's 10 horas o sino municipal tocou reunir dos srs. jurados e estes foram chegando, dentro das suas farpellas das grandes occasiões, alguns soffrendo a incomparavel tortura das botas novas...

Passemos á organização do tribunal, á leitura do processo e aos debates. Tudo isso era, naquelle logarejo e naquelle tempo, como era na corte e como é, ainda hoje, na capital da Republica, na fórmula e no fundo, salvo pequenas differenças para melhor e... para peor.

A sala, cheia de gente, da qual se destacavam pela imponencia o mandachuva protector do réo e os seus sequa-

zes, apresentava aspecto ameaçador, e de longe percebia-se a coacção do tribunal. O juiz de direito e o promotor mostravam-se superiores ás injuncções das circumstancias, mas os srs. do jury não pareciam nada resolvidos a affrontar as consequencias da condemnação, a que, aliás, obrigavam as provas insophismaveis contra o réo.

Formulados os quesitos, ao retirarem-se os jurados para a sala secreta, recommendou-lhes o juiz togado que, a qualquer duvida que tivessem, batessem na porta que sua senhoria iria esclarecel-os.

De facto, por duas vezes, no primeiro quarto de hora, o juiz foi consultado. Mas, depois, o jury parece que ficou de tal modo esclarecido, que não deu mais signal de si na sala secreta.

Passaram-se mais de duas horas, depois da ultima consulta e nem o jury voltava da sua deliberação nem da sala onde deliberava chegava o minimo ruido. Mais alguma espera e o official de justiça foi bater á porta. Silencio; nenhuma resposta; a inspecção pelo buraco da fechadura não logrou divulgar ninguém lá dentro; e, arrombada a porta, encontraram-se os quesitos do juiz sem resposta, tinta, papel e canctas, algumas pontas de cigarros e... ninguém lá dentro...

Já desembargador aposentado, o juiz presidente dessa celebre sessão, com grande indignação, relatou-nos esse episodio dos annaes judiçiaris.

Conselheiro AYRES.

(D' "O Jornal", Rio).

A FOME UNIVERSAL

Por insistencia de T. Steeg, director de "L'Action Nationale", Charles Andler reuniu agora, em Paris, os artigos politicos e economicos que publicou antes da guerra, e que eram, como os factos demonstraram, verdadeiras prophcias de apostolo. A catastrophe de 1914 foi tão violenta, que revolucionou as altas regiões da economia politica, perturbando a marcha natural dos phenomenos estudados; Charles Andler foi, porém, tão previdente, ou, antes, tão clarividente, que se realisaram os seus prognosticos, mesmoo aquelles que eram feitos, então, á revelia de leis economicas aparentemente invariaveis.

Nesse conjuncto de estudos de interesse geral, um existe, entretanto, em que se revela, claramente, o destino do Brasil, o que devia ser meditado pelos homens que traçam, no tempo e na terra, a trajectoria da nossa prosperidade. E' aquelle em que Andler accentúa a transformação progressiva dos povos agricolas em povos, industriaes, de accordo com o aphorismo de List, e os perigos de fome que ameaçã o mundo com a industrialização continua das populações.

Ante da guerra, os povos industriaes possuíam os seus celeiros, que eram já discriminados geographicamente por Gerhard Hildebrand, em 1912. A França possuía a Africa; a Inglaterra tinha a Índia e o Canadá; e a Allemanha, a Russia, a Hungria, o Brasil e a China. Pouco a pouco, porém, os paizes que forneciam o cereal e a materia prima para as industrias alheias, foram se tornando, tambem, manufactores. E o desequilibrio economico proveniente dessa transformação é formidavel, por dois factores essenciaes: pela redução agricola, em virtude da transformação do lavrador em operario, e pelo emprego da materia prima no proprio logar de origem. Andler aponta como exemplo o movimento de exportação dos Estados Unidos, que não só restringiam de anno a anno as suas exportações de materia prima e de cereaes, como reduziam a importação de artigos manufacturados, preparando para a Europa, com isso, uma situação desesperadora.

O economista desses estudos, prevendo a industrialização dos grandes paizes agricolas, como a Russia, o Brasil, a China e a India, imagina um recurso artificial que impeça a marcha desse phenomeno. E esse recurso, que constituiria uma violencia em proveito da humanidade, seria conservar, quanto possivel, como regiões puramente agricolas, isto é, como celeiros universaes, essas grandes regiões de tres continentes. Por esse modo, a fome, que ameaça o mundo, seria, talvez, evitada, ou adiada, assegurando-se, ao mesmo tempo, a riqueza pacifica dos paizes agricolas e dos povos industriaes.

Tudo isso é, porém, impraticavel. As sociedades, como os rios de grande curso, podem ser detidas momentaneamente, mas não regressam á fonte. A fome universal ha de vir, e com ella a anarchia e a barbaria, de onde brote, depois, uma civilização nova, purificada no soffrimento. A humanidade é uma grande arvore que se estruma com as proprias fohas. E' preciso que as de hoje caiam e apodreçam, para que ella rebente, amanhã, em novas flores e em novos fructos.

MICROMEGAS.

(D' "O Imparcial", Rio)

A ENGUIA E OS SEUS HABITOS

O mysterio da vida da enguia só ha poucos annos nos foi revelado. Hoje a historia desse animal constitue um assumpto de grande interesse na sciencia natural, pois que a enguia é um dos mais mysteriosos animaes que existem.

Encontramos ás vezes a enguia num riacho, um pequeno lago ou até em qualquer velho pôço, e imaginamos que deve sempre lá ter vivido. A enguia é, pelo contrario, uma arrojada viajante que, antes de vir estabelecer-se nessas aguas tranquilas, conheceu do Oceano Atlantico profundidades inacessiveis ao homem. Os antigos suppunham que esses peixes nasciam por geração espontanea no lodo dos rios; ninguem vira com effeito jámais ovos de enguia, como ninguem os viu tambem agora.

No ultimo quarto do seculo, os homens de sciencia conseguiram descobrir a pouco e pouco alguma coisa dos seus curiosos habitos; e, ajuntando as noções

fragmentares, como num paciente trabalho de mosaico, conseguiram dar-nos a esse respeito uma informação completa.

As enguias effectuam uma emigração em massa dos rios para o mar; se encontram um obstaculo qualquer ao longo dessa via, sobem para as margens e, através campos e fossos, dirigem-se para o mais proximo curso d'agua, cuja presença lhes é revelada graças ao seu infallivel instincto. Estas jornadas por terra têm logar de noite; e no seu caminho as enguias dão caça ás rãs, aos ratos e ás vezes até a patos pequeninos, para satisfazerem o seu appetite voraz.

A natureza forneceu-lhes um aparelho maravilhoso, que lhes permite viver muito tempo fóra d'agua. Com effeito, a enguia pode distender a pelle da cabeça de ambos os lados, formando duas especies de bolsas, nas quaes conserva uma certa quantidade de liquido, de modo a manterem os bronchios em estado de continua humidade. Tirando-se uma enguia do seu elemento natural e deixando-se durante algum tempo num logar enxuto se em seguida se immerge a cabeça do animal num recipiente d'agua, observa-se que elle sorve immediatamente o liquido a grandes tragos, para encher novamente o seu reservatorio

Quando a enguia chega á foz de um rio, não pára, mas prosegue na sua viagem até centenas de millhas de distancia da costa; mantendo-se sempre junto ao fundo do mar, abi põe os seus ovos sob a pressão enorme da agua sobrejacente, debaixo da qual um homem ficaria reduzido a pó. Nessas profundidades o ovo abre-se á vida. Mas — outro facto maravilhoso, ha pouco tempo descoberto — os dessa criação não são enguias, mas sim entzinhos chatos da fôrma de folhas de arvore, e quas: tão transparentes como o vidro. Mesmo contra a luz, num recipiente cheio de agua, é difficilimo distinguil-os, tal é a transparencia.

Os homens de sciencia conheciam ha já bastante tempo estes animaculos, mas nunca lhes passára sequer pela idéa estabelecer uma relação qualquer entre elles e as enguias adultas; julgavam que elles pertencessem a um genero á parte ou a uma familia qualquer e haviam-lhe

dado o nome de *leptocephalos*, ou peixe de cabeça aguda.

Aconteceu porém uma vez que um naturalista, observando um leptocephalo num aquario em França, o viu tornar-se a pouco e pouco mais comprido e mais opaco, até adquirir a forma completamente cylindrica; como por uma sorte de prestidigitador desappareceu o leptocephalo e apresentou-se a enguia.

Esta noticia espalhou-se com vertiginosa rapidez pelo mundo scientifico que emprehendeu novas investigações sobre o surpreendente caso. Ficou dahi a pouco demonstrado que o leptocephalo não era um peixe especial, mas simplesmente uma enguia na primeira phase da sua existencia; assim como o gyrino é uma rã pequena e o bombyx uma borboleta em formação.

CHARLES BAY

(Do "*Chamber's Journal*", Londres).

NOS DOMINIOS DE JULIO VERNE

Os scientists britannicos e a imprensa em geral mostram-se grandemente interessados pelas suggestões feitas pelo engenheiro italiano Guglielmo Marconi, inventor da telegraphia sem fios, de que é possivel que outros planctas estejam procurando enviar á Terra signaes por meio da telegraphia sem fios.

Em uma entrevista publicada pelo "*Dailly Mail*" o sabio Italiano declara que desde algum tempo os operadores de telegraphia sem fios têm sido surpreendidos por estranhas interrupções. Essas interrupções são aparentemente uma combinação de letras sem sentido. Marconi afasta a possibilidade de serem essas interrupções causadas por operadores amadores de telegraphia sem fios, porque têm occorrido interrupções identicos em estações radiographicas de mais de um continente.

"Nós já obtivemos, por vezes, uns sons radiographicos estranhos que podem ter sido originados fóra da Terra", disse o inventor italiano.

"Já registrámos desses sons na Inglaterra e na America. Nota-se nas interrupções que certas letras occorrem com maior frequencia do que as outras, especialmente a letra "S" do nosso co-

digo. Ainda não apanhamos coisa alguma que pudesse ser traduzida para uma mensagem definida, porém, a intensidade é idêntica em Nova York e Londres e indica que a sua origem está situada a grande distancia desses dois pontos.

"As interrupções podem ser concebidas como devidas a perturbações naturais, originadas a grande distancia, taes como as erupções no Sol, que causam perturbações electricas, porém eu não afasto a possibilidade de que outros planetas estejam procurando se communicar com a Terra. Eu quero investigar profundamente esse assumpto, aventurando uma explicação definitiva".

O publico aqui aceita um argumento sobre o assumpto e acha-se disposto a conceber que Marte ou a Lua talvez estejam procurando se communicar com a Terra.

O "Evening News" diz ser possível que essas interrupções sejam devidas a perturbações electricas causadas pelo Sol, que "é também possível que sejam os esforços de certos habitantes intelligentes de algum outro planeta que estejam procurando falar connosco".

"Se assim for, nós estamos na imminencia de descobertas que tornarão os feitos de Colombo triviaes e insignificantes", acrescenta o jornal.

"Nós nem ousamos imaginar que novos mundos poderão cair dentro do nosso alcance".

O "Globe" accentua a importancia das declarações de Marconi a respeito da repetição constante de tres pontos, o signal da letra "S", com a mesma intensidade em diferentes estações radiotelegraphicas do mundo.

O jornal pergunta se os séres de um outro planeta poderiam ter adoptado caracteres arbitrarios, taes como os tres pontos, representando um triangulo, para se communicar com a Terra.

Os astrónomos geralmente ridicularizam as suggestões de Marconi de que outras planetas estão procurando se communicar com a Terra, chamando-as de absurdas e monstruosas.

O sr. Wesley, secretario da Royal Astronomical Society, declarou que mesmo muito poucos astrónomos mantiveram a crença de que séres intelligentes habitassem outros planetas e que nenhu-

ma razão foi ainda descoberta que pudesse indicar que qualquer dos planetas fosse habitado, mas por outro lado, muitas razões têm sido descobertas mostrando a impossibilidade de serem habitados os outros planetas.

Declara-se que o unico proeminente advogado da theoria da habitabilidade dos outros planetas foi o fallecido professor Lowell, que baseava a sua crença na idéa de que os canaes de Marte talvez fossem construidos por séres intelligentes. O professor Lowell teve poucos adeptos.

Discutindo o assumpto, o secretario Wesley declarou:

"Que eu saiba, os canaes de Marte foram a unica razão que até agora pôde induzir a se acreditar que esse planeta é habitado, ao passo que existem uma duzia de razões provando o contrario de tal idéa. Entre ellas estão as provas de um frio intenso e a ausencia de atmospheria e de agua. Do mesmo modo, não ha nada que indique que as ondas, taes como as que os instrumentos Marconi puderam registrar, possam ser transmittidas fóra da atmospheria da Terra, que, segundo se calcula, é apenas de algumas dezenas de milhas de espessura. Affirma-se que as ondas radiographicas não poderiam tranpor os 40.000.000 de milhas que nos separam do planeta mais proximo.

CHARLES MC. CANN

(D"O Paiz, Rio).

A ILHA DE ROBINSON

Como appareceu o "Robinson Crusoe" — A vida de Daniel de Foe — O fidalgo "Domingo" e o semi-selvagem de Juan Fernandez — O novo Robinson suizo.

Como successo de livreria diz o sr. G. Lenotre no "Temps",—não ha nada melhor do que a prodigiosa fortuna de "Robinson Crusoe", publicado em 1719, e cujo bicentenario se celebra este anno. E' curioso notar que todos os livreiros de Londres haviam se recusado a editar esse grande livro, que, segundo o seu diagnostico, "não seria vendavel". Foi preciso que um amigo do autor se inte-

ressasse por elle, para que William Taylor consentisse, por caridade, em pagar "dez libras" por aquelle manuscrito desprezado. Entretanto, não era essa a estréa do autor: longe disso, Daniel de Foe tinha já escripto mais do que escreveram Voltaire e Dumas reunidos, e só os titulos das suas obras cncbem 28 paginas in-folio. Mas a sorte não o protegia. Foe era modesto, escrupuloso e tímido. Além disso, a sua honestidade confinava com a candura, e a Fortuna, cujas olhadellas não se dirigem senão para os temerarios, desdenbava esse moço esperançoso, amedrontado e reservado. Elle tinha feito tudo para conquistal-a: fabricante de "bonnets", politico, banqueiro, negociante, jornalista. Com isso tudo não conseguira enriquecer, e chegára apenas á bancarrota. Tanto que, para fugir aos seus credores, elle deixou Londres e refugiou-se em Bristol. Ahi se quedou elle, discreto sobre os seus caiporismos. Ninguém, nem mesmo o seu hospedeiro, sabia o seu nome ou o seu passado. Durante a semana, não sahia do quarto, mas aos domingos, elle passeava pelas ruas, da manhan á tarde; viam-no em todos os quarteirões, vestido de preto, com uma longa perruca, uma espada inofensiva e longos punhos de rendas. Entrava nas tabernas, frequentava de preferencia aquellas cuja clientela se constituia de operarios e marinheiros, e á tarde, quando soavam as sete horas, elle se sumia a todos os olhares, para reaparecer sómente dabi a sete dias. Por isso, toda a gente o conbecia por este appellido: o "Gentilhomem Domingo".

Um dia — um domingo, naturalmente, — como elle estivesse a almoçar na Hospedaria do "Leão Vermelho", no Castle Street, viu-se entrar na sala um homem, cujo vestuario se compunha apenas de pelles de cabras: bonet pontudo, casaco, calças, sapatos, tudo grosseiramente arranjado e costurado com grandes pontos de barbante. O homem exprimia-se com grande difficuldade, e tinha muito trabalho em combinar as suas palavras. O fidalgo Domingo, tendo muito poucas distracções, familiarisou-se com esse semi-selvagem, soube que elle se chamava Alexandre Selkirk, serviu-lhe de interprete, interrogou-o discretamente e conheceu as-

sim uma historia pouco banal. Alguns annos antes, esse Selkirk, originario de Lasgo, no condado do Fife, na Escossia, embarcára aos 27 annos, no navio "Os Cinco Portos", com destino ao Chile. Sujeito desmiolado, Selkirk teve uma rixa, durante a travessia, com o capitão. E como o navio passava á vista da ilha de Juan Fernandez, rochedo deserto, meio verdejante e meio esteril, elle pediu que o desembarcassem ahi, jurando que preferia a solidão á vida de bordo. O capitão deu-lhe vestes, uma barraca, uma espingarda, uma libra de polvora, balas, fumo, uma faca, e uma Biblia, e continuou a sua rota — a sua rota para a morte, porque pouco tempo depois o navio naufragava e perecia toda a equipagem.

Selkirk, ignorando essa catastrophe, arrependeu-se logo do que fizera. Resignára-se a alguns dias de solidão, esperando que não havia de tardar a apparecer um navio que o repatriassc. Mas viu logo que não passavam navios pela ilha, e que lhe era forçoso ter muita paciencia. Viveu assim durante cinco annos, até que o vento levou ás proximidades da ilha o navio inglez "Duke", e elle poude ser recolhido.

O Gentilhomem Domingo, a quem a reclusão de sete dias parecia já muito dura, interessou-se apaixonadamente pela historia desse desgraçado que ficara 1.800 dias sem ver um ser humano. Conversou muitas vezes com Selkirk, esforçava-se em fazel-o falar, e, voltando á casa meditava durante toda a semana. "Robinson Crusó" nasceu dessas meditações e desse recolhimento. A solidão é uma admiravel condição de trabalho. Ninguém imagina o que a literatura perdeu com a abolição das prisões por dividas, aborrecimento a que estão muito sujeitos os homens de letras, e graças ás quaes elles teriam um isolamento e uma tranquillidade hoje impossiveis de se obterem. Foi talvez por isso que "Robinson" sabiu uma obra perfeita, Daniel de Foe teve uma gloria immortal e a ilha Juan Fernandez a sua inapagavel celebridade.

Esse rochedo, perdido no Pacifico, a 676 kilometros das costas da America, teve, graças ao romance, uma fama extraordinaria. Como Santa Helena, essa ilha teve os seus exploradores, os seus peregrin-

nos, os seus historiadores. Todos a descreveram como um sitio encantador, criado para o idyllo e digno de rivalisar com o Paraiso de Adão. Quando o hespanbol Juan Fernandez a descôbriu, em 1566, as phocas eram ahi em numero extraordinario. Fernandez destruiu as phocas, com as quaes fazia oleo, e importava cabras. Cento e quarenta annos mais tarde, quando o marinheiro Selkirk ahi aportou, as cabras pullulavam.

Depois da partida de Selkirk, o rochedo ficou deshabitado até 1750, data em que os hespanhóes o transformaram em prisão. Em 1837 Juan Fernandez foi de novo abandonada durante trinta annos, no fim dos quaes o governo chileno tomou posse da ilha e annunciou pelos jornaes que a arrendaria. Só em 1877, porém, é que um europeu se offereceu para arrendala: era um suiso, então nos seus 44 annos, e chamado Alfredo de Rodt. Grande viajante, sempre com projectos aventureiros, fatigado da vida commercial e fervoroso admirador de "Robinson", Rodt formára o plano de viver como o seu heróe cujas maravilhosas aventuras encantaram a sua infancia, e propoz-se pagar 1.500 dollars por anno pela ilha, cuja superficie é de 95 kilometros quadrados. Os primeiros tempos foram deliciosos — e arduos. Nas duas Americas corria o boato de que o locatario da ilha era nada menos que o archiduque da Austria, João Orth, cuja mysteriosa desappareição fóra assignalada por esse tempo. Alfredo de Rodt não se incommodou com isso. Trouxera comsigo alguns colonos e gado numeroso. Iniciou logo as plantações, mas como desde os hespanhóes as cabras haviam desaparecido, e no seu logar existiam apenas ratos, — ratos numa quantidade colossal — Rodt teve de dar cabo delles. O novo Robinson era não só governador da ilha, como director do correio; director da estação meteorologica, mestre-escola, juiz, official do registo civil, administrador do serviço funerario e capitão do porto. A sua frota compunha-se de um navio, a que foi dado, como era natural, o nome de "Robinson". Apesar das suas absorventes occupações, Rodt achou tempo para se casar: escolheu para isso uma hespanhola, que lhe deu cinco filhos.

Alfredo de Rodt ahi morreu a 4 de Julho de 1905, e a sua viuva e os seus cinco filhos ainda habitam essa ilha longinqua, com a qual têm sonhado todas as imaginações infantis, desde que um romancista, perseguido pelos seus credores, ha dois seculos se refugiou em Bristol, e ahi se cntreteve a escrever a maravilhosa historia que as gerações não se cansarão de ouvir.

(D' "O Estado de S. Paulo").

AS MULHERES SUL-AMERICANAS

"Estou fallando, ás mulheres norte-americanas, da mulher sul-americana como a encontrei. Ella não precisa nem de professores nem de prégadores nossos. Tem educação. Ha collegios lá que estavam trabalhando quando nós estavam usando cabanas como escolas.

E ella está cansada de sermões... Tudo o que de nós precisa é de iniciativa na organização". A oradora foi mrs. Ira Clyde Clarke, collaboradora da "Pictorial Review".

Sua opinião sobre as mulheres sul-americanas foi formada pela convivencia entre ellas durante uns seis ou sete mezes. Mrs. Clarke voltou agora de sua viagem. As palavras escriptas acima foram ditas ás mulheres de Dallas, ha alguns dias passados. Interessado como sou em tudo que diz respeito ao meu paiz, tenho prazer em repetir as palavras de mrs. Clark e tambem adicionar algumas observações.

Uma vez perguntaram-me si as mulheres sul-americanas sabiam fazer outra cousa além das suas orações á Virgem Maria e dos quitutes que cozinham para o marido.

Talvez existam muitas — não sómente na America do Sul, porém em outras partes do mundo — que o não saibam.

Acreditem-me, mas ha muitas mulheres na America do Sul que sabem fazer muitas outras cousas além dos quitutes que cozinham para o marido e das orações que fazem á Virgem Maria e Santo Antonio — o santo favorito das moças e das solteironas. Algumas dellas se esqueceram da Virgem Maria e do miraculoso Santo Antonio e são membros de egrejas evangélicas de livros pensadores.

Isto é assombroso? Será talvez para aquelles que imaginam que a mulher sul-americana é sem ideal, ignorante e supersticiosa. Porém o observador quanto mais meticoloso é das condições das mulheres sul-americanas, mais cousas admiráveis encontra.

"Muitas qualidades que descobri na mulher sul-americana me assombraram" disse mrs. Clarke.

A mulher sul-americana é progressista porém não se esquece de que cosinhar o jantar do marido é uma das suas obrigações. Ella não se descuida dos seus afazeres no lar. E' a mais extremosa das mães, a mais carinhosa das irmãs e creio — a experiencia o confirmará — a esposa mais dedicada do mundo.

Garibaldi, o heroe italiano, assim se expressou quando tomou por esposa uma brasileira.

Um inglez — sabem como os inglezes antipathisam os estrangeiros — depois de visitar o Brasil, escreveu que achou a dona da casa brasileira "raras vezes desdenhando revestir o avental e dirigir pessoalmente os trabalhos na cosinha; muitas vezes tambem servindo os pratos com as suas proprias mãos e não consentindo que elles viessem da pastelaria de defronte".

A moça sul-americana é educada num collegio catholico ou particular. Talvez ella não adquira uma boa educação completa. Muito cuidado é dedicado ás linguas, musica, bordados, e outras cousas são negligenciadas. O ensino scientifico da sciencia domestica é negligenciado nas nossas escolas de moças. Porém estamos começando a dar a essas cousas praticas a devida attenção.

Hontem recebi uma carta de uma amiga minha no Brasil, uma joven americana, (*) diplomada pela Universidade de Colomhia, na qual ella fala da brilhante perspectiva da escola domestica que dirige em Natal. Moças das familias mais distinctas do estado estão procurando aquella escola.

Nas universidades e collegios profissionais encontram-se moças preparando-se para serem doutoras, dentistas, professoras, stenographas, etc. Já existem mulheres profissionais activas nas grandes cidades sul-americanas.

"Encontrei mulheres tomando parte em toda a sorte de actividade", disse mrs. Clarke, em Dallas.

Tem sido o costume de paes ricos mandar suas filhas ás escolas europeas. A algumas das nossas moças o governo dá subvenções para irem á Europa estudar bellas-artses. Para exemplo citarei a senhorita Celia Torre, eximia violinista argentina, cujo talento foi maravilha para os criticos musicas de Paris e Bruxellas.

Lemhro tambem que uma das maiores pianistas do mundo actualmente, d. Guiomar Novaes — a "divina Guiomar", como alguns gostam de chamal-a — é brasileira.

Outras mulheres sul-americanas têm triumphado nos centros artisticos da Europa — como musicistas e, pintoras, esculptoras e cantoras de opera. Alguns dias antes de deixar a minha cidade natal para vir a New-York tive o prazer de jantar com uma das mais brilhantes pintoras, d. Fedora Monteiro, cujos trabalhos têm sido grandemente elogiados por criticos parisienses.

No mundo das letras, especialmente em novellas e no jornalismo, a mulher sul-americana não fica atraz. Um dos mais celebres novellistas do nosso continente hoje, é uma senhora, d. Julia de Almeida. D. Albertina Bertha, do Rio, publicou recentemente uma novella á D'Annunzio que tem sido um successo. A serie de artigos que uma minha prima, d. Regina de Carvalho, publicou num jornal brasileiro, tratando de problemas sociaes, seria lida com interesse por qualquer estudante de taes assumptos neste paiz.

No theatro algumas mulheres sul-americanas têm se salientado. Mencionarei somente d. Italia Fausta e d. Alice Fisher, amhas do Brasil.

Mrs. Clarke falou a verdade quando disse que a mulher sul-americana está tomando parte em todas as actividades. E isto é uma surpresa para aquelles que pensam que ella nada pôde fazer a não ser suas orações á Virgem Maria e aos Santos e cosinhar para o marido. Ella pôde ir além.

(*) Miss Leora James, directora da Escola Domestica, em Natal.

Gilberto Freyre.

(Diario de Pernambuco).

CURIOSIDADES POSTAES

Ha annos, no tempo em que havia ainda a Administração dos Correios do Districto Federal e Estado do Rio de Janeiro, um agente de correio do interior mandava sempre as malas de papel fechadas, lacradas, mas sem que estivesse impresso no lacre o sinete da agencia.

A antiga 8.^a Secção (boje 4.^a) recebendo as malas assim não sinetadas, communicava o facto em officio ao Administrador, o velho Theodoro, que mandava officiar ao agente, chamando-lhe a attenção para a irregularidade.

O agente, bom homem simples do interior, respondeu a esse primeiro officio, desculpando-se com uma razão forte: — não sinetava as malas porque não tinha... sinete. Recebera a agencia do antigo serventuario sem esse utensilio indispensavel ao fechamento e segurança das malas, e como não podia reter a correspondencia, ia mandando as malas sem sinetar, até que a Administração lhe fornecesse o sinete já pedido, ha quasi seis mezes, logo depois da sua posse.

E as malas da agencia iam chegando diariamente á antiga 8.^a Secção, sempre não sinetadas; e o antigo chefe dessa Secção — parece que o Sr. Mesquita Soares, rispido e enurgico — ia diariamente reiterando ao Administrador os seus officios em que reclamava contra a grave falta commettida pelo agente numa reincidência de todos os dias.

Afinal, um bello dia, o velho Theodoro já arreliado com tantas reclamações do chefe Mesquita, mandou lavar portaria multando o agente por inobservancia do art. tantos do Regulamento e mais pela desobediencia formal em não acatar as ordens da Administração.

A 1.^a Secção fez o officio communicando ao agente que havia sido multado por aquella falta: a teimosia de querer mandar sempre as malas não sinetadas.

O agente respondeu. Seu officio era um modelo de obediencia, de acatamento e de ironia. Aqui vae reproduzido como uma verdadeira curiosidade postal:

“Sr. Administrador:

Recebi o seu officio em que me comunica que eu fui multado por causa de

mandar as malas sem estarem sinetadas. Esse officio e essa noticia da multa, recebi.

Agora o que ainda não recebi foi o sinete que estou pedindo a V. S. desde que tomei posse desta agencia, ha mais de seis mezes.”

O velho Theodoro achou graça na ironia bonachona do agente, em que se fazia uma critica formidavel ao serviço de fornecimento de material. Menos generoso fosse o agente e teria tambem mandado multar o Administrador por lhe não ter fornecido o sinete.

O velho Theodoro achou graça. Mandou declarar sem effeito a portaria de multa e fornecer immediatamente o sinete ao agente. — BOCH — (*União Postal* — Rio).

A DATA DE HONTEM

Houve quem commemorasse hontem, em phrasas dithyrambicas, o primeiro anniversario da entrada do Brasil na guerra. Para esse conbecido escriptor, que não bota prego sem estopa, a entrada do Brasil na grande guerra foi o maior facto historico, politico, financeiro, economico e até moral dos ultimos tempos no nosso paiz. Esquece-se esse conspicio cidadão de que a nossa declaração de guerra á Allemanha foi apenas um arranjo financeiro realisado para favorecer meia duzia de espartalhões franco-luso-anglo-americano-brasileiros. Dizer que entramos na guerra por motivos idealistas, como quer o nosso pitoresco Dr. Nilo Peçanha, é mentir, mas mentir descaradamente. O Sr. Nilo empregou essa expressão — *por motivos idealistas* — quando respondeu á pressão que nos fazia o embaixador dos Estados Unidos, de combinação com a Inglaterra, afim de que confisicassemos toda a propriedade de allemães existentes no Brasil. Foi então que o Sr. Nilo, gingando, com aquelle seu fino sorriso diplomatico de Tayllerand cahinda, meneando as lunetas, declarou haver o Brasil entrado na guerra por motivos idealistas, e que esse confisco exigido pelas potencias aberrava das nossas tradições de povo culto, etc., etc. Reamente seria o cumulo da ladrocira legal chegarmos nós um bello dia aos allemães e dizer-lhes: — Olhem. Essa casa, essas fabricas, essas

lavouras e essas machinas vocês conseguiram ganhar com o seu suor. Mas os norte-americanos, os inglezes e os francezes querem tudo isso para elles. Vocês vieram para aqui, suppondo ser este um paiz civilisado, uma terra policiada, não? Enganaram-se. O Brasil é um velhacouto de aventureiros, dominados por inglezes, norte-americanos, francezes e até de gente vinda de paizes pequeninos que não têm a menor importancia no universo. As terras que vocês cultivaram vão passar para os norte-americanos, que dellas precisam para localisarem os negros dos Estados Unidos, cuja permanencia lá elles não querem mais...

Seria isso positivamente muito interessante. O governo, porém, não quiz satisfazer aos nossos inclytos senhores nessas suas tão honestas aspirações e com isso ficou profundamente convencido de ser um governo honrado. Apenas, esqueceu-se o governo de que, si roubar fabricas e terras é crime, roubar navios tambem é crime. Os navios allemães estavam nos nossos portos, confiando na lealdade da nossa bandeira positivoido, quando um bello dia resolvemos applicar-lhes uma coisa chamada *posse fiscal*. Depois de certo tempo, sem mais nem menos, resolvemos arrendal-os á França, sob a condição desta nos comprar café e cereaes! Agora a França entende que os navios são della e não nossos. Eis ahi a situação gloriosa em que ficamos com a guerra declarada á Allemanha. Roubamos para os francezes. Roubar para si é crime; mas roubar para dar aos outros, além de crime, é estupidez, salvo melhor juizo...

ANTONIO TORRES.

(Da "Gazeta de Noticias", Rio).

AMERICANADAS

Conta Jean Richepin que, durante a sua viagem á America, foi lá escripturado por um emprezario para ir fazer uma conferencia em Boston. Apenas firmado o contracto, o emprezario entregou-lhe a somma pactuada, dizendo-lhe:

— Tome lá; visto ter o dinheiro comigo, mais vale entregar-lh'o já.

— Muito bem — respondeu Richepin — a paga antecipada é optima para tornar a voz mais clara... Mas não lhe pa-

rece isto um pouco imprudente da sua parte?

— Sei muito bem que não faltará ao seu compromisso. O seu nome é demasiadamente conhecido!

— Agradeço-lhe a boa opinião que tem de mim — respondeu Richepin. Supponha, porém, que eu morra antes de chegar a Boston...

— Oh — declarou friamente o Americano — isso pouca importancia teria. Já calculei que lucraria muito mais com a exhibição do seu cadaver!

Outro grande escriptor enropeu, Rudyard Kipling, refere tambem o seguinte episodio como documento do espirito pratico dos Americanos:

"Por desastramento de um moço do hotel onde estive nos primeiros dias da minha chegada a Nova York, um dos meus bahu's cahira do *camion*, ficando arrombado e, o que era mais grave, ficando estragados uns objectos de grande valor que esse bahu' continha. Escrevi ao Director do hotel expondo-lhe o facto e pedindo uma indemnização. Não recebi resposta. Uma segunda carta que lhe escrevi, teve o mesmo resultado. Decidi-me, em vista disso, de ir pessoalmente fazer a minha queixa, e recebi delle a seguinte extraordinária explicação: "Vendi a um colleccionador de autographos a sua primeira carta por vinte cinco dollars: a segunda por cincoenta. Estava á espera que o sr. continuasse a escrever-me para lhe poder pagar a indemnização a que tem direito, sem desembolso da minha parte!" Kipling achou tanta graça á engenhosa combinação do dono do hotel, que se contentou com 75 dollars

Digno de menção tambem aquelle medico americano chamado para tratar de um individuo atacado de somnambulismo e que depois de escrever a sua receita a manda levar á mais proxima loja de ferragens

— O sr. dr. quer dizer á mais proxima pharmacia — observa um membro da familia do doente.

— Qual pharmacia! Não vê que receitei um kilo de pregos?

— De pregos!

— Sim senhor, de pregos. Espalhe-os pelo chão, no quarto de cama do seu somnambulo e verá se não lhe passa de-



pressa a vontade de andar a passear á noite, de pés descalços!

Finalmente, para terminar venha a historia do gago de Nova York que conseguiu encontrar uma boa fonte de receita mediante uma especialissima profissão por elle imaginada. Quando acontece alguma desgraça na grande metropole, como por exemplo, se um individuo qualqucr foi transportado para um hospital por ter quebrado uma perna, ou por ter sido atropelado por um carro, o acima mencionado gago recebe logo o encargo de ir prevenir á familia do desgraçado, não tendo para isso de tomar os necessarios resguardos, visto que a propria gaguez lhe permite annunciar a má noticia sem as indispensaveis precauções oratorias...

(Do "Jornal do Commercio", Rio)

CANHÕES HISTORICOS

Os dois canhões que se encontram enterrados em duas esquinas formadas pelo jardim publico da praça Frei Baraúna, são duas reliquias historicas de Sorocaba. E é muito lamentavel que as duas peças aã estejam como que abandonadas, servindo de "frades de esquina", quando dignas eram de figurar em qualquer museu, ou, pelo menos, de ser distribuidas pelos dois Grupos Escolares locais, pois muito teriam os professores que ensinar a seus discipulos a respeito dellas, que relembram não só um dos factos mais notaveis de Sorocaba, senão tambem um dos acontecimentos importantissimos da historia do segundo imperio brasileiro: a revolução de 42, chefiada na então provincia de S. Paulo pelo brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar.

Fizeram taes canhões parte de um parque de artilharia fundido no Ipanema pelo engenheiro Bloem, e destinavam-se á defesa da cidade ameaçada pelas forças

de Caxias, encarregado de debellar a revolução liberal.

O parque foi collocado na parte mais alta da praça hoje denominada dr. Fajardo, dominando a ponte. Por ali devia passar Caxias com suas forças, pois até então só a estrada de rodagem ligava S. Paulo á capital, procedencia daquelle militar.

As peças, entretanto, não chegaram a ser utilizadas, pois ao avistar as forças de Caxias, o artilheiro, aterrorizado como tantos outros sodados da revolução que debandaram logo após o desastre do Pirajussára, abandonou o seu posto, procurando na fuga a sua salvação.

Depois da tomada da cidade pelas forças imperiaes, depois da fuga de Tobias para o sul, quando já extincta a revolução, foram os canhões enterrados junto á ponte servindo de "frades" no tempo das feiras, e dali, mais tarde, foram transportados para o logar em que se encontram.

A praça em que foi collocado o parque chamava-se naquelles tempos, "Largo das Tropas", por ser o logar em que as tropas das feiras se reuniam para a contagem e pagamento de impostos de barreira. Depois do facto atrás narrado passou a ter o nome pomposo de "Praça da Artilharia". depois, em homenagem á mãe de Tobias, residente na ultima casa da rua da Ponte, numa esquina, actual n.º 39, foi chamada "Praça Santa Gertrudes", nome substituido pelo de "Praça Dr. Fajardo", homenagem de gratidão que o povo de Sorocaba prestou ao insigne medico.

Os canhões historicos enterrados de boca para baixo na praça Frei Baraúna, são um symbolo altiloquente do espirito nacional: amordaçado pela ignorancia e pelo desprezo das tradições patrias.

L. A. W.

(Annuario do Gabinete Sorocabano de Leitura).

REVISTA DO BRASIL
CARICATURAS DO MEZ

GENTE FELIZ



— Então? Que ha de novo lá por baixo?
 — Tudo velho e sem importancia; só se fala na crise de casas e no aumento dos alugueis...

Raul (O Jornal — Rio)



Scenas da época

— Algum sultão "camoufê" ?
 — Não ; um simples açambarcador ac-
 cumulante...

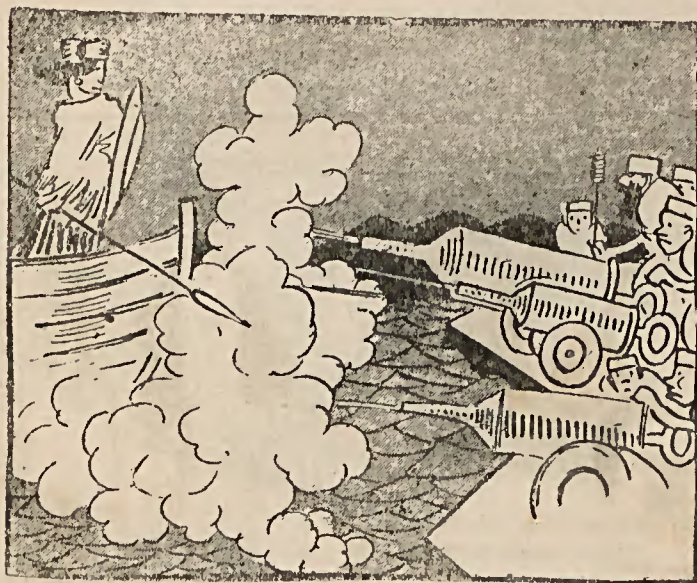
Araujo (D. Quivote — Rio)



A Allemanha, bancando o jogo, perdeu para todos; mas o Brasil
perdeu para a Allemanha. Já é pezar!

Kalixto (D. Quilrote — Rio)

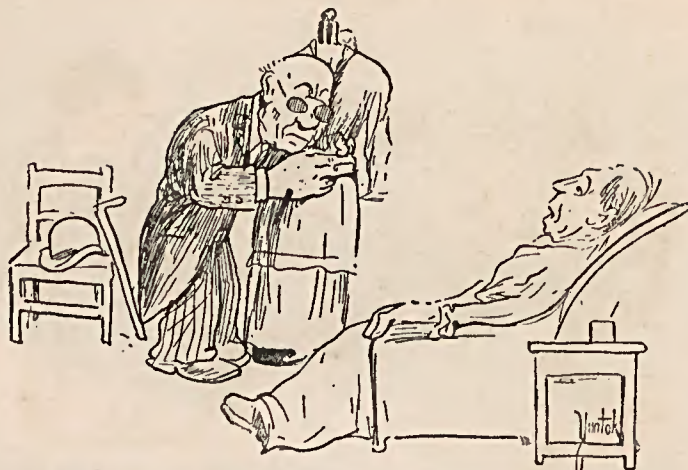
A NOVA OFFENSIVA HESPANHOLA E A
HEROICA RESISTENCIA DO SERVIÇO
SANITARIO



— Vae embora! Aqui não entra!

Voltolino (Pasquino)

DISTRACÇÃO



O doutor (distrahido, ausculta o manequim) — O caso é grave, minha senhora; o seu corpo não funciona, os órgãos estão endurecidos; só a autopsia poderá mostrar do que se trata.

Yantok (D. Quixote — Rio)

VIAGEM A SECCO

O governo americano proibiu o uso de bebidas alcoolicas a bordo dos navios.



— Então, commandante, nem uma gotta?
— Nada! em materia de vicios, contentem-se com o jogo... do navio.

Kalixto (D. Quixote — Rio)

ESTÁ CHEGANDO A HORA



Fritz (D. Quixote — Rio)

A Situação (preta): — Vae botando ether nos olhos desse palerma, enquanto eu vou abafando os casos...

ORGULHO PATERNO



— Minha mulher, esse Juquinha tem futuro! Comeu o doce do irmão e depois bateu-lhe. Ha de dar um bolshevik de primeira ordem!

Manolo (D. Quixote — Rio)

HONESTIDADE PRÁTICA



— Perdão, cavalheiro, o dinheiro que perdi, era uma nota de 200\$000.

— Sim... mas é que eu já a troquei para facilitar a gratificação.

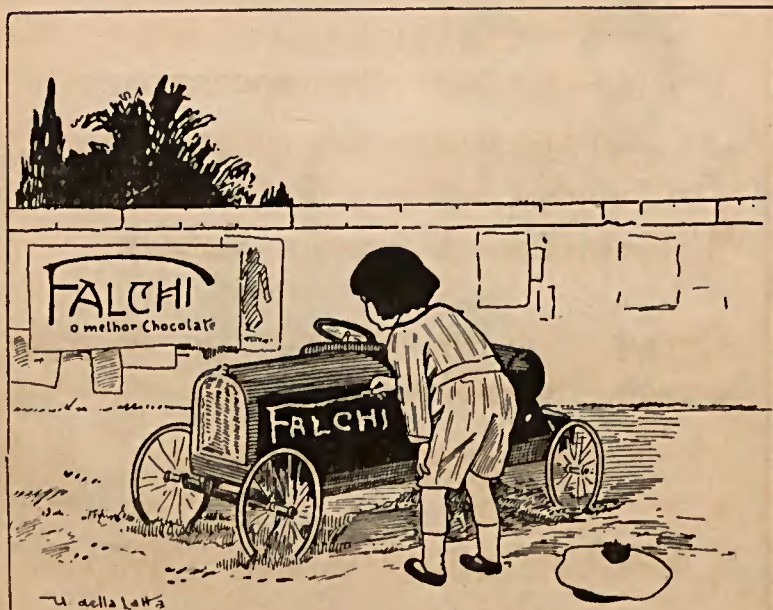
UM ESCANDALO



— Mataram alguém?...

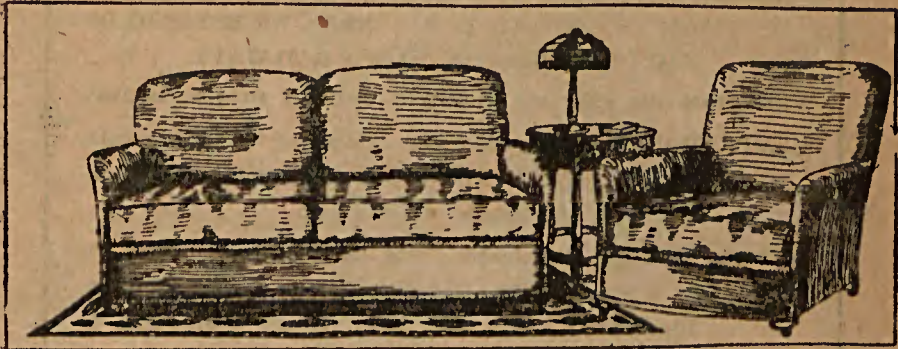
— Não... Uma mulher que apareceu vestida!!

Storni (D. Quixote — Rio)



MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

MOVEIS DE COURO



Fabricamos estes moveis pelo mesmo systema usado para os sofás e poltronas dos "Clubs" Londrinos. — São empregados couros dos melhores cortumes inglezes e todos os outros materiaes, de primeira qualidade.

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES

R. S. BENTO, esq. R. DIREITA — S. PAULO

PEREIRA IGNACIO & CIA.

Industriaes

FABRICA DE TECIDOS "PAULISTANA" E "LUSITANIA"
NESTA CAPITAL, E "LUCINDA", NA ESTAÇÃO DE
SÃO BERNARDO, (S. PAULO RAILWAY).

VENDORES DE FIOS DE ALGODÃO CRUS E MERCERISADOS.

COMPRADORES de Algodão em caroço em grande escala,
com machinas e AGENCIAS nas seguintes localida-
des todas do Estado de S. Paulo.

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Tieté, Avaré, Itapetininga, Pi-
rajú, Porto Feliz, Conchas, Campo Largo, Boituva,
Pyramboia, Monte Mór, Nova Odessa, Bernardino de
Campos, Bella Vista de Tatuhy.

GRANDES NEGOCIANTES de algodão em rama neste e nos
demais Estados algodoeiros, com Representações e
filiaes em Amazonas, Pará, Pernambuco, Bahia, Rio
de Janeiro, Rio Grande do Sul.

ESCRITORIO GERAL EM S. PAULO:

RUA DE SÃO BENTO N.º 47

TELEPHONES: 1536, 1537, 5296 - CENTRAL

CAIXA POSTAL, 931.

Proprietarios da conhecida "PLATINA"
Agua Mineral

Cognominada a Vichy Brasileira — A melhor Agua de
mesa — Acção Medicinal — A Platina cuja Fonte Cha-
padão, está situada na estação da Prata, é escrupulosa-
mente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbo-
natada sodica como a Vichy e é, como esta agua franceza

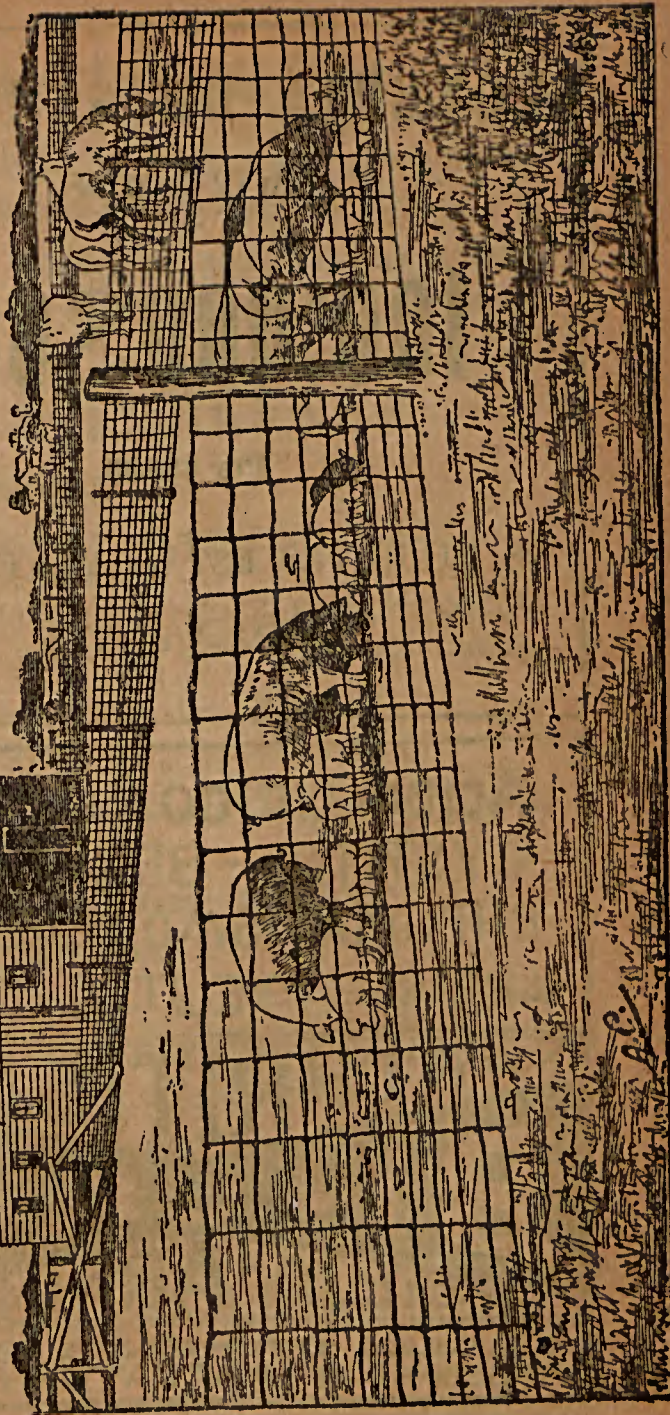
Vendida em garrafas escuras.

Cerca de Tecido "PAGE"

Peçam informações aos fabricantes:

Soc. Industrial e de Automoveis
BOM RETIRO

RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 12 — S. PAULO



LOTERIA DE S. PAULO

Em 12 de Março

100:000\$000

Por 6\$500

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM
TODA A PARTE

ACIDO URICO - URICEMIA
CYSTITES - BEXIGA-RINS
RHEUMATISMO - CALCULOS
AREIAS - PYELITIS - UREMIA

ARTHRITISMO

BI-UROL

SILVA ARAUJO

GRANULADO EFFERVESCENTE Á BASE DE "
FOLHAS DE ABACATEIRO. 00

SAUDADE

Optimo livro didactico para creanças e gente grande,
pelo conhecido Prof. Thales C. Andrade. —

Preço, pelo Correio, 3\$300. — Pedidos á RE-
VISTA DO BRASIL — Caixa, 2-B. S. PAULO.

JOÃO DIERBERGER

FLORICULTURA

SEMENTES, PLANTAS. BOUQUET,
DECORAÇÕES.

ESTABELECIMENTO DE PRIMEIRA ORDEM.

S. PAULO - Caixa Postal, 458. Telephones: Chacara,
Cidade 1006. Loja, Central 511.

LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A.

CHACARA: Alameda Casa Branca, (Avenida
Paulista).

FILIAL: Campinas. Guanabara.

PEÇAM CATALOGOS

Joaillerie -- Horlogerie -- Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent -
Bronzes et Marbres d'Art - Services en
Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

INDICADOR

ADVOGADOS:

Drs. SPENCER VAMPRE' SOARES DE ARAUJO, JAYME, NILO e CEZAR DE VASCONCELLOS — Rua Direita, 35, São Paulo — Rua do Rosário, 85, Rio de Janeiro.

Drs. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala, 3).

Dr. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clínica medica, especialmente das creanças. Res.: Rua Bella Cintra, 139. Cons.: Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

Dr. SALVADOR PEPE — Especialista em molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 o das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9, Telephone, 2296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua Boa Vista, 58.

CORRETORES:

GABRIEL MALHANO — Corrector official, cambio e titulos — Escriptorio: Travessa do Comercio, 7 — Telephone, 393.

Dr. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Comercio, 5 — Tel. 323 — Res.: Rua Albuquerque Lins, 58. Tel. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal, 174. End. Tolg. "Leonidas", São Paulo. Telephone, 626 Central. — Rua Aivares Penteado — São Paulo.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. — EMILIO ROCCO — Novidades om casemira ingleza — Importação directa. Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 3333 Cidade — S. Paulo.

Livraria Drummond Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura-Revistas-Mappas-Material Escolar.

ED. DRUMMOND & CIA.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPHONE, NORTE 5667 — Endereço Telegr.: "LIVROMOND". — CAIXA POSTAL, 785. RIO DE JANEIRO.

Peçam á "REVISTA DO BRASIL" os Annaes de Eugenia, grosso volume com todos os trabalhos, conferencias e estudos da Sociedade Eugénica de S. Paulo. - Preço: 8\$000, incluido o porte.

DESCONTO DE 20 % AOS ASSIGNANTES E REVENDEDORES.

LACTIFERO

ESPECIFICO IDEAL DAS MÃES

Preciosa, descoberta da Pharmaceutica STAMATO BERGAMO



Marca Registrada

O LEITE MATERNO é o unico e verdadeiro alimento da criança. Qualquer outra alimentação traz perigos alarmantes ás vezes fataes. Se a senhora NÃO TEM LEITE ou tem LEITE FRACO ou de MA' QUALIDADE, use o LACTIFERO, porquo além de estimular a secreção das grandulas mamarias produzindo um leite sadio e abundante, exerce tambem um effeito surprehendente quer na saudo das mães, quer na dos filhos. Poderoso fortificante, restabelece a circulação e produz uma nova energia vital. Muito util ainda durante a gravidez, depois do parto e contra o rachitismo das crianças.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias e no deposito geral:
PHARMACIA BERGAMO, Rua Conselheiro Furtado, 111 —

S. Paulo — Telephone, Central, 1108

PEÇAM PROSPECTOS GRATUITOS

Depositarios no Rio de Janeiro:

RODOLPHO HESS — Rua 7 de Setembro N.º 61. —

Importantes certificados que confirmam
o grande valor do LACTIFERO:

Prezadissimos Snrs. STAMATO & BERGAMO
Cidade — Rua Cons. Furtado N.º 111.

Gratissimo fiquei pelos dois frascos de vosso optimo preparado "LACTIFERO", experimentado com resultado surprehendente, e felicissimo por minha senhora, a qual, para os outros dois filhos teve quo recorrer ao aleitamento mercenarj e artificial, e agora pela primeira vez pôde ella mesma amamentar o seu terceiro filho.

Rogo-vos enviar-me mais dois frascos para a continuação da cura.

Creio cumprir um acto humanitario recommendando aos meus clientes a vossa preciosa preparação e renovando os sentimentos de meu reconhecimto e com estima sou vosso devotissimo

Dr. FRANCISCO FINOCCHIARO.

S. Paulo, 4 do Agosto de 1918.

LACTIFERO

ESPECIES NOVA

DE

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...



AGUA INGLEZA
 TONICA
 FEBRIFUGA E APPERITIVA
GRANADO
 INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,
 IMPALUDISMO E CONVALESCENÇAS

EXIJAM A NOSSA MARCA  **RECUSEM AS IMITAÇÕES**



QUINIUM, CARNE,
 LACTO PHOSPHATO DE CAL,
 PEPSINA E GLYCERINA.

VINHO RECONSTITUINTE GRANADO

TONICO E NUTRITIVO
 Na tuberculose,
 anemia, fraqueza
 neurasthenia, etc.




EXIJAM A NOSSA MARCA

HEMO - KOLA GRANADO

LIQUIDA E GRANULADA

Formula do *Dr. Faria Lobato* — Poços de Caldas

TONICO RECONSTITUINTE, VITALISANTE
 ENERGICO, ANTINEURASTHENICO, ANTIANEMICO.

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. -----

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encaimentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO



REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO do n.º 52 — Abril, 1920

O Momento	REDACÇÃO	287
A Arte religiosa no Rio	M. MORAES DE ANDRADE	289
Bucho-de-piaba	ALBERTO RANGEL	294
Philosophia de J. Ingenieros	HENRIQUE GEENEN	303
Um episodio da Revolução Pernambucana em 1824	MARIO MELO	307
Na India	NAVARRO DE ANDRADE	311
Paiz de Ouro e Esmeralda	J. A. NOGUEIRA	321
Mães, por decreto	HERMES FONTES	325
Versos	S. GALEÃO COUTINHO	329
Aframio Peixoto	JACKSON DE FIGUEIREDO	332
Estudos da lingua portugueza	FRANCISCO ASSIS CINTRA	338
Academia Brasileira de Letras	ARTHUR MOTTA	344
Bibliographia	REDACÇÃO	356
RESENHA DO MEZ — Nota politica (<i>J. A. Nogueira</i>) — Aves de arribação (<i>Octavio Brandão</i>) — A aguia e o aviador — Lenine: o politico e o orador Idéas de governo (<i>A. Chateaubriand</i>) — Os reis dum dia (<i>João do Norte</i>) — Uma velha questão academica (<i>João Ribeiro</i>) — Geca Tatú, pesca- dor (<i>Adhemar Vidal</i>) — As taboetas em ver- naculo — Curiosa collecção zoologica (<i>R. v. I.</i>)		364
Caricaturas do mez		377

S. Paulo

1020

Rio

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director: MONTEIRO LOBATO.

Secretario: ALARICO F. CAUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: José Maria Bello.

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.

Paraná: Seraphim França, Coritiba.

Amazonas: João Baptista de Faria e Souza, Manáos.

Rio Grande do Norte: Henrique Castriciano, Natal.

Parahyba: Alcides Bezerra, Parahyba.

ASSIGNATURAS

Anno 15\$000

Numero avulso 1\$500

Assignatura sob registro no correio: mais 2\$400 por anno.
As assignaturas começam em qualquer tempo e terminam
sempre em junho ou dezembro.

Os originaes não serão devolvidos

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 — SÃO PAULO

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Central



BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes, Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO

LARGO DA MISERICORDIA, 4

ETABLISSEMENTS

:: Société
Anonyme

Bloch

au Capital de 4.500.000 francs. ———

**FAZENDAS
E TECIDOS**

RIO DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega

S. PAULO - Rua Libero Badaró N. 14

—— PARIS - 26, Cité de Trévise ——

Officinas e Garage Modelo

DIAS CARNEIRO & C.



UNICOS IMPORTADORES DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

Grande stock de accessorios para
automoveis.

**DEPOSITO PERMANENTE DOS
PNEUMATICOS "FISK"**

**Mechanica — Pintura — Sellaria
Carrosserie — Vulcanisação —
Electricidade.**

**Executa-se qualquer encommenda com
rapidez**

TELEPHONES:

ESCRITORIO Ct. N. 3479

GARAGE Cd. 5411

CAIXA POSTAL N. 534

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38

AV. SÃO JOÃO Ns. 18 e 20

São Paulo

CANTO LIBERO BADARO'

The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz:

4, Moorgate Street-LONDRES.

Filial em S. Paulo: RUA S. BENTO, 44.

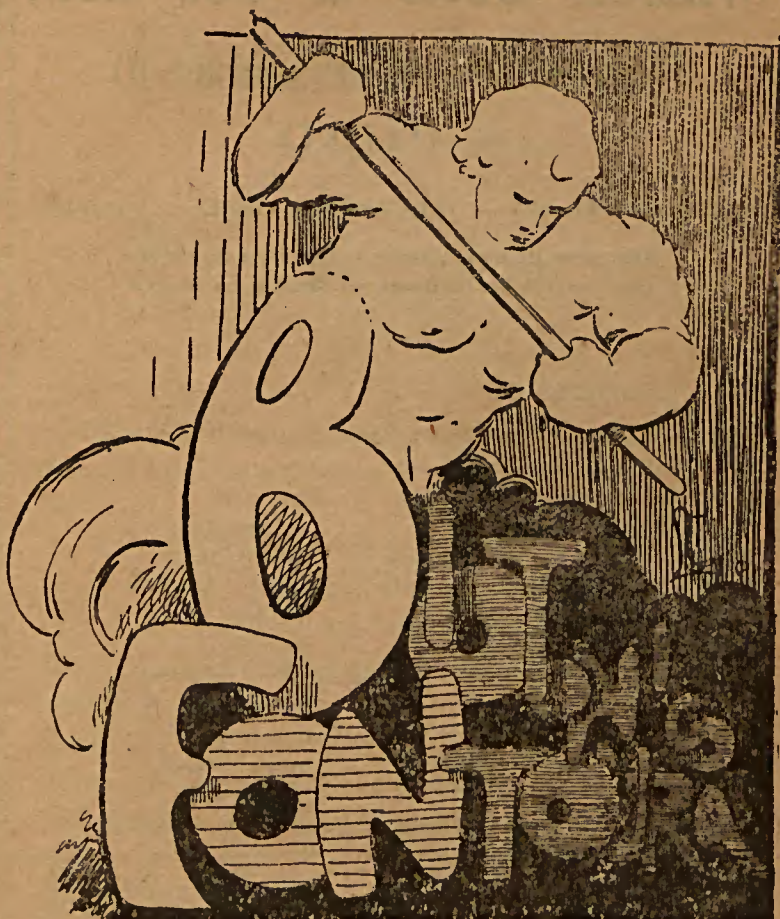
Capital Subscrito £ 2.000.000	SUCCURSAES : - Manchester, Bahia, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Montevidéo, Rosario de Santa Fé e Buenos Aires.
Capital Realizado £ 1.000.000	
Fundo de Reserva £ 1.000.000	

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se de compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação de cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA
CORRENTE E A PRAZO FIXO, ABO-
NANDO JUROS CUJAS TAXAS PODEM
SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.

COMO VENUS SAHIU DAS ONDAS.
O VIGOR SAHE DO "BIOTONICO"



Eminentes medicos affirmam que o BIOTONICO é o mais completo fortificante. Exerce acção benéfica sobre todos os órgãos, produzindo sensação de bem estar, de vida, de saúde.

O BIOTONICO cura todas as fórmulas de anemia.

Cura a fraqueza muscular. Cura fraqueza nervosa. Augmenta a força e a resistência. Torna as mulheres bellas e os homens viris. Infunde novo vigor aos organismos gastos ou enfraquecidos por molestias, por excesso ou por qualquer outra cousa.

E' notavel sua acção nos organismos ameaçados pela tuberculose.

WILSON SONS & CO., LTD.

Rua B. Paranapiacaba, 10
S. PAULO

CAIXA POSTAL, 523 — ENDEREÇO TELEGR.: "ANGLICUS"

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão
com desvios particulares no Braz e na Moóca.

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . .	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull	Creollina
T. B. Ford Ltd., Loudwater	Mataborrão
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres . .	Chá da India
Read Bros. Ltd., Londres	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburg . . .	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne	Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne.	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull	Preservativo de Madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres . .	Dynamite
Ghotham Co. Ltd., Nottingham . . .	Gesso estuque
P. Virablan & Cie., Marselha	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York . . .	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia .	Ferro em barra e em chapas

UNICOS DEPOSITARIOS DE

SAL LEGITIMO EXTRANGEIRO PARA GADO MARCA
"LUZENTE". SUPERIOR POLVORA PARA CAÇA MARCA
"VEADO", EM CARTUCHOS E EM LATAS. ANIL "AZU-
LALVO", O MELHOR ANIL DA PRAÇA.

IMPORTADORES DE

FERRAGENS EM GERAL, TINTAS E OLEOS, MATERIAES
PARA FUNDIÇÕES E FABRICAS, DROGAS E PRODUCTOS
CHIMICOS PARA INDUSTRIAS, LOUÇA SANITARIA, ETC.

MACHINAS E ACCESSORIOS

Fabricação e Importação

FABRICAMOS MACHINAS

PARA A LAVOURA E AS INDUSTRIAS, COMO SEJAM :

Machina "Amaral" de beneficiar café, o maior successo da industria mechanica nacional; machinas completas para o beneficio de arroz e de algodão; idem para a fabricação de farinha de mandioca; idem para a fabricação de oleos de mamona; machinas completas para serrarias; ditas para cylindrar sola.

Importamos todas as classes de machinas. Temos sempre em deposito todos os artigos consumidos na lavoura. Os nossos oleos lubrificantes e as nossas corrêas para machinas são os mais praticos e efficientes. Quando o sr. lavrador ou sr. industrial precisarem de alguma cousa, peçam-nos preços e informações, sem compromisso.

Martins Barros & Co. Limitada

CAIXA POSTAL, 6

END. TELEGRAPHICO: "PROGREDIOR"

Rua Lopes de Oliveira N.º 2 a 10

Rua Boa Vista, 46

SÃO PAULO



PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

Casa franceza de
L. GRUMBACH & CIA.

Rua de São Bento N.º 89 e 91
SÃO PAULO

REVISTA DO BRASIL

O MOMENTO

O PROJECTO ROLLO

O concurso aberto em S. Paulo para um monumento commemorativo da Independencia serviu para nos revelar a existencia de um peregrino artista. Nicolo Rollo, na casa dos vinte annos ainda, é já um esculptor completo, da mais alta envergadura. E' dessas organizações privilegiadas que rompem as tradições, não repisam as sendas trilhadas, e dão "algo nuevo" ao mundo. Um creador de belleza, em summa. Seu projecto de monumento é em si um monumento mais que sufficiente para, de um jacto, alçar-o á plana desses sublimes manipuladores do barro, que, á semilhança de Deus, tiram de sua massa informe as mais radiosas linhas, as mais perturbadoras formas.

Que vida, que força inaudita naquelles "bouquets" de musculos humanos, retesados na defesa, dos dois grupos lateraes! Que vigor victorioso de concepção, que elance magnifico no tom geral da obra, que harmonia na fusão das partes para o realce do conjuncto! Elle é um vencedor. Arrasta, e nos espectadores provoca o fremito da belleza pura. Não será, talvez, escolhido o seu projecto. Outros mais habeis saberão com truques manhosos apanhar a palma da victoria. Não importa. A victoria com V grande é sua, está declarada já no olhar de quantos param um momento deante do seu trabalho, e saem dalli com a retina impregnada da festa de belleza que elle é. E a cidade de

S. Paulo, infestada de Zagos indecorosos, sente-se orgulhosa de ter em seu seio, a levantar o vôo, um artista cujo nome está predestinado a circular pelo mundo, livre de fronteiras, como um eleito da Gloria.

A "Revista do Brasil", livre e desassombrada que é, vota com orgulho no seu projecto e faz preces a Apollo para que, uma vez na vida, o genio tenha sua recompensa.





A ARTE RELIGIOSA NO RIO

POR

M. MORAES DE ANDRADE

A sociedade colonial no Rio de Janeiro jámais attingiu o brilho bahiano, nem com a chegada dos vice-reis, nem mesmo com o repouso de pomba foragida que ahi tomou D. João VI. A riqueza era menor e a instrucção menos desenvolvida. A cidade alongava-se fina, no littoral, banhada pelo mais radioso dos sóes, na mais tediosa apathia. Nem siquer uma grande abastança incitava a eclosão calma duma arte.

A architectura, propriamente dita, não apparecia sinão, com rarissimas excepções, nos templos. Debret apresenta-nos typos de casas do Rio, em 1820, duma simplicidade grosseira.

Um beneditino allemão, Frei Ricardo do Pilar, foi o introductor da pintura no Rio, já na agonia do seculo 17. No mosteiro de S. Bento ha um Christo seu. Esse monge, divergem os autores sobre si deixou discipulos ou não. Eduardo Prado, em artigo sobre arte, inserto no "Le Brésil" de Sant'Anna Nery, affirma que sim; o snr. Laudelino Freire, no discurso de recepção no Instituto Historico Brasileiro o contradiz. O snr. Affonso de Taunay tem apenas uma phrase vaga a esse respeito. E' porém certo que o seguiram de perto José de Oliveira, a quem se deve o optimo tecto de S. Francisco da Penitencia; Leandro Joaquim, João de Souza, Manoel da Cunha, Brasiliense, Solano e outros ainda. Todos esses artistas — alguns dos quaes estiveram em Portugal e mesmo Oliveira Brasiliense em Roma — dedicaram-se com especialidade á pintura religiosa.

A sua unica fonte de lucro era a decoraçao das igrejas e das capellas. Não só as mansões dos ricos, mas o proprio palacio do rei-musico apresentavam-se em completa nudez ornamental: as igrejas apenas forneciam um campo, aliás vastissimo, á actividade da arte impubere. Mas o interesse das pinturas desses homens não é apenas historico, como determina um autor: têm ellas algum valor artistico, tambem. Os primitivos de Florença e de Siena, não valem apenas com serem o inicio de escolas nobilissimas, mas porque se lhes descobre entre o desenho incorrecto e o colorido ingenuo, algo de ideal, de inspirado, de puro — um vago perfume de arte, emfim. Todos esses artistas cariocas são para nós como outros tantos primitivos duma escola que, sejamos francos, ainda não attingiu uma real magnificencia.

Na esculptura citariamos um Gaspar Ribeiro, um Simão da Cunha e outros ainda, mas sobre todos avulta a figura de Mestre Valentim.

Filho de portuguez, contractador de diamantes e de crioula, Valentim da Fonseca por incidentes de fortuna veio de Minas aposentar-se no Rio de Janeiro. Pouco se sabe da sua vida. Nasceu paria, viu Portugal — sonho doirado dos nossos patricios de então —; conquistou, em cambullhada, notoriedade, mulheres e o futuro; conheceu o fastigio, intitulado-se amigo do vice-rei Luiz de Vasconcellos, a quem aconselhava; e morreu pobre, como todos os artistas, numa viella que tinha o hygienico, mas pouco decorativo nome de rua do Sabão, no dia primeiro de Março de 1813. A unica data certa da sua vida é a da sua morte... Por uma ironia sem fineza quiz mostrar a Ventura que só uma coisa é certa, a morte, mesmo para os que vivem na admiração e na saudade dos vindouros. O seu corpo lá está, nas catacumbas da capella do Rosario. De toda a sua obra de esculptura, quasi que unicamente decorativa, a parte religiosa sobreleva de muito a profana. Si em Chagas a feitura da imagem é a especialidade do seu talento, si no Aleijadinho une-se ao genio do esculptor o genio do architecto, para o Mestre Valentim é a obra de talha que o enternece.

A Capella do Noviciado, na igreja de S. Francisco de Paula e todas as entalhaduras da Cruz dos Militares são exemplos do mais admiravel churriqueresco. Nota-se todavia na concepção artistica do celebre mulato uma certa propensão para a ordem e uma orientação mais educada que o levam a produzir obras mais pensadas e mais nobres sem a exaltação dos obreiros de S. Francisco na Bahia de S. Bento, no Rio. O Rococó na França não produziu trabalho mais gracioso, não



direi mais avultado, que a Capella de S. Francisco de Paula. A obra do autor do chafariz das Marrecas tem grande importancia artistica, comquanto tenha sido deprimida por um romaneista patricio de firme nomeada. E' que o digno historiographo, levado talvez por um respeitavel amor aos seus avós, quiz formar da nossa situação artistica, anterior á vinda de Lebreton e companheiros, um segundo plano eseuero, á Rembrandt, para que nelle resaltassem as figuras sympathicas de Grandjean de Montigny, de Taunay, de Debret. Gonzaga Duque, critico de arte dum impressionismo delicado e de fino gosto, escrevia de mestre Valentim que para o elevar "á conta de um grande artista, temos a sua obra de talha, todo esse sumptuoso poema barroco que se eternisa na Capella do Noviciado no tecto e paredes da Cruz dos Militares e que seria duma offuscante belleza si o ouro o recammasse, como o exigia o estilo em que foi concebido e executado". Si o esculptor foi imperfeito, si o Le Nôtre do Passeio Publico foi deselegante, o entalhador das molduras, o einzeilador dos alampadarios eleva-se a uma culminancia notavel — e a França que celebra nos seus livros de arte o humilimo artesão da grade de Niece, celebral-o-hia tambem. Mas Valentim da Fonseca nasceu mulato e brasileiro...

A architectura religiosa no Rio, embora não se tenha mostrado tão exuberante como na Bahia, nem tão original como a mineira, apresenta-nos alguns typos de belleza inconteste e uma obra-prima: a Cruz dos Militares.

De inspiração classica seria a Igreja do Morro do Castello si não fosse suspensa a sua construeção com o desaparecimento mysterioso dos seus empreiteiros em 1759.

Sob as ruinas das suas arearias incompletas, entre as suas columnas corinthias, numa atmosphaera fantastica de lenda, vaga a figura esfingica de Pedro Franzini, aureolada de ouro, pisando sobre montões de moedas de ouro, sopesando nas mãos recurvas as vinte e quatro oitavas do diamante maravilhoso... Ha ainda interessantes ou notaveis: a igreja da Gloria, faceira e donairoza, quasi bi-secular; o convento de Santo Antonio, S. Bento, S. Francisco da Penitencia, o Carmo, N. S. da Candelaria. Fôra impossivel dar-vos uma apreciação de todas ellas; permittir-me-eis algumas sobre as mais celebres. O mosteiro de S. Bento e a igreja de S. Francisco obedecem a uma quasi que identica estesia. Si fizesse um parallelo entre os dois templos, começaria por comparar a urbanidade com que fui recebido pelo sachristão de S. Francisco e o trato anguloso do monge do mosteiro. Desde ahi appareceria a inferioridade deste para com o delicioso

igrejó. S. Bento é formidavel, germanico: o entalhe que recobre totalmente as suas paredes é duma audacia germanica; as suas tres naves são dum mysticismo germanico; os dois admiraveis anjos com tocheiros são de estrutura germanica; assim como os anjinhos de madeira das paredes são de uma feiura germanica. Tremendo no ar frio do templo, pisando o esqueleto de D. Victoria de Sá que lá repousa desde 1667, vendo correr por aquellas arcarias douradas toda uma corea tenebrosa de figuras tortas de Cranach e de tetricos seres sobrenaturaes de Dürer, só a medo pude observar as interessantes pinturas da capella-mór, extasiar-me ante os dois grandes anjos do arco-cruzeiro, tão vivos, tão cheios de mystica exaltação, e a obra de talha geralmente representando folhagens e flores estylisadas, duma grande belleza, por onde deslisavam cherubins feiosos, verdadeiros entes de Sabbat. Fugi. Fui respirar o ar carinhoso, brasileiro de Guanabara. O sol esplendia, doirando aqui e além o verde liquido das aguas; todo um rumor de vida alacre subia da urbe; campanarios apontavam ao longe para um céu claro onde habitava o Deus de Bondade... Então, olhando sorrateiro as tres largas portadas por onde sahira do negror do templo, estremeçi. Menos parecia o casarão sinistro a custodia do Deus de Bondade que a caverna dos Nibelungos.

S. Francisco não: apesar de totalmente doirada, é affectuosa, é alegre, tem um ar familiar de quem diz: "Sente-se. A casa é sua". E' encantadora ao mesmo tempo que é bella. Ligada ao convento de Santo Antonio, a cujo flanco se apoia, é-lhe infinitamente superior. A' Ordem fundada por Luiz de Figueiredo e sua mulher, os religiosos do Convento cederam pequeno chão, para que nelle construíssem a sua capella; e a capellinha ainda lá está, separada da nave do convento por uma grade de ferro, com a sua Immaculada Conceição tri-secular, guardando no silencio do seu isolamento os restos mortaes do príncipe D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança. S. Francisco tem um aspecto exterior bisonho e desageitado. E' positivamente feia. Sem torre que a elevem, com um frontão exotico, infelicitará-na ainda mais, quando numa das ultimas reformas que soffreu, a heresia de pintamonos idiotas cobriu-lhe o marmore do portal e das janellas de espessa camada de oleo!! Mas quem penetrar-lhe o interior, descortinará uma das obras mais sumptuarias que é possível imaginar-se. Toda a igreja é recoberta de entalhes doirados e de pinturas. Francisco Xavier foi o tarentico que immortalisou o seu nome, cinzelando com uma perfeição sublime todos aquelles panejamentos, flores, folhas, buzios,



anjos; José de Oliveira ligou o seu ás pinturas do tecto. A obra de talha, toda revestida de folhas de ouro, mandadas vir de Lisboa, é uma das mais perfectas que tenho visto. Nem as entalhaduras de Campinas, nem o altar-mór de Caeté, nem toda a capella-mór da matriz de Ouro Preto a superam em delicadeza e acabado. Poderá ser menos abundante em pormenores, menos rica de inspiração, menos audaciosa nos recortes: em nenhuma outra se depara tanto carinho no acabado, tanta graça e principalmente tanta perfeição nos anjos. Sobremodo notavel é a theoria dos anjinhos duma belleza ideal, celestiaes, purissimos, quasi que unica excepção em todo o entalhe nacional. Os nossos artistas em madeira representaram sempre mal a figura humanizada dos anjos; são como arabes pacientes na invenção dum motivo de decoração, mas incapazes quasi sempre de obter a belleza, esculpindo uma carinha de serafim. S. Francisco adianta-se muito, nesse terreno, das suas irmãs; e lá vi feições duma pureza tão irreal, que soffreriam confronto com os anjinhos dos mestres — seja Della Robbia ou Donatello, Rubens ou Raphael. Não exaggero. Comparo anjos com anjos: e buscareis em vão entre os cherubins do Presepio de Della Robbia ou entre as crianças da Ronda de Donatello belleza mais innocente que essa sublime carinha de madeira doirada que entesta o tumulto do Bourbon, na capella primitiva da Ordem.

Poderia ainda falar sobre a Cruz dos Militares e a Candelaria... Que me baste assignalar naquella a fachada classica em que o seu desenhista, o brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, autor tambem da Cathedral de Buenos Aires, realizou o milagre de ser gracioso e severo, sem feminilidade e pretensão. Dentro guarda, hediondamente pintada de branco, a obra de mestre Valentim. A Candelaria, talvez hoje o templo mais custoso do Brasil, tem em Portugal uma irmã: a basilica da Estrella de Lisboa. Attribuem-na a um certo Marcelino, revoltado alumno de mestre Valentim, porém Marques Pinheiro affirma ser o projecto do engenheiro portuguez Francisco João Rocio.

Seja-nos permittido fazer agora uma pequena rectificação ao snr. Ricardo Severo, quando diz “espelhar-se” a Candelaria na igreja lisboeta. A estrutura das duas responde a um typo commum no Renascimento; ou então a Basilica da Estrella é que se espelharia no templo nosso, porquanto a Candelaria iniciava suas obras no dia 6 de Junho de 1775, ao passo que o templo d'além-mar começou a construir-se quatro annos mais tarde.

(Continúa)



BUCHO - DE - PIABA

POR

ALBERTO RANGEL

Pelo meio d'essa areia sequiosa e sapesal mesquinho, torrados de sol, situou-se, quem o dissera? o porto da villa historica, onde se carregavam as canoas e falúas para levar ao oceano, que é o grande absorvedouro para a transformação das riquezas, os amarrados de couro, as caixas de assucar, os paus de tinturaria e as barras de ouro... Haviam-no em verdade dotado de um cães e de uma rampa, que por signal nunca foram definitivos, tendo enriquecido os chefetes locais nos consecutivos reparos da construcção official e precaria. A pedra teria dado consistencia á obra e era toda a polpa de um cerrote proximo; mas, preferira-se a madeira, porque tinha esta a vantagem de apodrecer, sendo preciso uma vez por outra com proveito eleitoral substituir ou emendar as vigas mestras ou os pranchões do taboleiro...

Tão zelosos d'esse melhoramento deixaram no entretanto apagar-se o rio, que se vingara atulhando e engulindo o porto, — um velho ganglio onde se entrelaçavam os interesses da producção e do commercio, cruzando as suas palpitações de vida vascular.

Do almotacé colonial ao superintendente municipal de hoje, julgavam todos dever a agua prestativa ser eterna na obrigação de passar, e na devida conta, irrigando o feudo dos Tavares, dos Mendes e dos Gonzagas, arrastando as cargas e renovando a gordura dos lenteiros. Inattendendo-se as legitimas considerações de progresso, as quaes estavam mais nos cuidados distribuidos ao talvegue e ás nascentes, que na estacada e vistosa plataforma de um apeadeiro, o resultado foi minguar o rio desamparado, esclerosar-se e seccar, fugindo com a sua

lympa fecundativa a fortuna e bôa estrella da antiga e prospera localidade.

Quando a visitei, nella havia numerosos moradores, mas quasi todos pauperrimos e malacafentos, pois tinham os mais ricos e ambiciosos se deslocado para outros pontos, fugindo á agonia do burgo viuvo da sua agua corrente. Extenuada e entupida a arteria fluvial, as casas melhores desmoronaram nas taipas, cujo escalavro ninguem mais susteve, e proliferaram na mesquinhez e tristura os mocambos onde se exinania o habitante entre os mucifos e a cuia da manema para a jacuba quotidiana. A "malicia" e o carrapicho cresceram nas ruas, as roças importantes viraram jurubebaes...

A igreja foi a unica que guardou a compostura de se conservar a mesma com o peso dos annos. Construcção de caçadores de diamante e ouro, no pouso em caminho do bateio, dêram-lhe os aventureiros das minas hombros fortes de grauto e caipuna para enfrentar o Tempo aliado ao relaxamento dos homens e ao rigor das intemperies... Os santos dos tres altares mantinham-se ainda a pé firme, pimponeando as sedas puidas dos mantos e as cravações vasias onde scintillaram as joias pouco a pouco desaparecidas... Certa imagem tinha um alfange de lado a lado no pescoço e sorria o bemaventurado ainda assim, com o ferro que se lhe atravessava nas goélas...

Informou-me da historia da capella e escassos recursos da freguezia o sacristão, conhecido pela antonomazia de Bucho-de-Piaba, estrabico, sexagenario e coxo, dado á costa nessa igrejola de interior, depois de rolar pelo mundo, tal um mastro de mezena arrebatado pelo temporal para a majestade da amplidão, o balanço na vaga e o encalhe na praia... Um d'esses mestiços de tres sangues, em que se pôde prefinir o typo do brasileiro futuro, absorvido no caldeio do seu cruzamento integral.

Fadario verdadeiramente extravagante obrigara-o a todas as profissões: coringa de barçaça, boiadeiro, estivador e cabo de policia, tendo-se visto mesmo cafuleteiro num contracto de baleias no Itapuan, fazedor de barbaquá em Guarapuava, depois sambaqueiro em Iguape; armara violas em Sant'Anna dos Ferros e trançara balaies em Dores do Rio Verde. Estava reduzido a "coroinha" na baixada fluminense, mas campeara nos mondongos e terroadas de Marajó, almocrevara no Assú, apanhara salsa no Xarayes, lavrara turmalinas cafungando-se no baixo Arassuahy, chincara rezes e fôra peão de contrabandistas na Serrilhada...

Onceiro desabusado, indo atrás de um sussú-tunga, topara na chapada dos Veadeiros uma onça-tigre a qual lhe arrancara uns lapos do joelho, não se livrando a féra de ir morrer mais longe com o ferro, que elle, o suruganga e zagaieiro, tivera a tenencia de lhe embutir entre as cerneiras. D'alli por diante não houve mézinha que lhe servisse. A perna encurtara de vez e fizera o caiongo sómente bom para sacudir as teias de aranha que ensanefavam os nichos das imagens e varrer a bosta dos morcegos na toalha, na sacra e nos castiças do altar. No entretanto essa perna inservível, por tolhida e sêcca, fôra conhecida no meio da jagunçada pela "canella de ferro". Bicho com effeito servira alguns annos de estafeta em Itabaiana, onde batia vinte leguas de sol a sol, levando um pouco de passôca no fundo do patuá. E ligeiro como um saiará. Alli, como o via, estava um sambango; só prestava mesmo para tatú comer...

Do insulamento no interior ás perdições de contagio nas praias maritimas, tão diversos recursos de vida e variedade de adaptações o levaram a bem comprehender a vastidão do seio onde pudera mexer-se á vontade sem acotovelar os outros... Penetrara todo o paiz e aspira-o por assim dizer por todos os póros, educando-se na angustia e revolta contra a carga insupportavel de males sociaes, que a terra não merecia.

A pelle rija e tanada de matteiro experimentara a variedade dos climas, envergando no norte o peitoral de couro e no sul atando nas entrepernas a baeta colorada do chiripá. O coração do andejo gastara-se no attrito com todas as classes do paiz, do senador ao babaquara do sertão, do preto de ganho á Sua Excellencia o Governador, tendo-lhes annotado as divergencias, os preconceitos e incapacidade, e soffrido de seus abusos e inconsequencias.

Na ignorancia de analphabeto abrira-se-lhe comtudo o grande livro das cousas, com o qual o seu espirito aquilalara de todos os interesses e miserias da sociedade disputante e desvinculada em que vivera. Comprehendendo-lhe os defeitos acceitara a possibilidade de certos remedios, pela advinhação do senso commum, na pratica dos annos corridos a todos os ventos e ao sabor de todos os contactos.

Os legisladores não dispunham da sciencia de Buchode-Piaba. Tinham lido e "andado na praça" mas não tinham visto... Citavam Quinto Curcio, Nieburh, Tarde, Novicow, Le Bon e outros; com essa poetagem não tinham sahido dos meios fios das avenidas e constituíam-se os directores do mundo que ignoravam, guieiros barbatando á frente do re-



banho esparso de que ignoravam a constituição, a marcha e os destinos...

Bucho-de-Piaba não pertencia á galeria dos privilegiados do Ensino Official, dos doutores dos Congressos, dos sabiões das Academias e Laboratorios e grão-mogóes do Fisco e da Administração. Elle, o bucuva, era simplesmente o povo que soffria e procurava a cura, mesmo que fosse na fumaça de um pagé, no esconjuro de algum mina catimbauseiro... — Anda tudo torrado. Um verõesão damnado! Os milhos todos chôcharam e os pastos que é só rozeta e guanxuma, dizia-me elle, puxando a perna e batendo com os tamancos de tatibuia nos degraus carunchados e oscillantes da escada do campanario. Vossa senhoria ficará contente de olhar de cima...

Nesse razo de baixada a torresinha mal caiada da igreja de Santa Pulcheria dava ao sacristão um par de azas de andorinha. Morcegos chirreavam nas traves de socanga do tecto, inquietos por sacudirem em rapidos torneios na meia treva da casa de oração os trapos das negras cartilagens. Pela abertura do arco onde se pendurava o sino, a villota apparecia poetica e tristonha, salpicada de espadasas carregadas das purpuras das flôres. E assim se derramava na vargem, que por sua vez morria longe, ao pé das linhas diffusas de uma serra bem serrilhada e azul.

Bucho-de-Piaba, ensoffrego por dar a lingua, ia indicando os accidentes da paisagem ,espetando-os com o dedo grosso e entrevado de gotta, sob a saia de bronze do sino, que lhe servia ás palavras de reforço acustico numa caixa de ressonancia.

O sobradinho azul, de varanda em derredor, vizinho ás guabirobeiras, pertencia ao coronel Gervasio Gonzaga, senhor de todos os campos, roçados, capoeiras e mattos virgens que iam se perder na lagoa da Estiva e nas vertentes do Caçuritiba. Era esse individuo que mandava chover desde as Tres Cordas até o Pau da Onça. Ninguem mais senão elle tocava nos dinheiros da receita dos impostos. O suor do povo sumia-se naquelle precipicio. Das suas coleras e antipathias não havia nem appellação nem agravo. Persequindo o antagonista, fazia-o morrer de fome ou trocar de municipio. Intervinha nos processos judiciarios e no preço dos mercados. A cadea publica era-lhe uma dependencia das fazendas, uma succursal dos seus armazens e invernadas. Empurrava para dentro d'ella a quem não lhe respeitasse o codigo das imposturas. Juiz que lhe resistisse, ou dêsse sentença sem o ouvir, não tinha quem lhe vendesse uma cuia de farinha. Usava por

igual do suborno e da violencia. Para fundar a olaria ou botar a moenda, tinha-se que pedir licença ao "seu" Coronel; quem desejasse vadiar fosse para junto d'elle guardar-lhe o toucinho do costado. Votar no governo e dizer-lhe amen aos caprichos e rapinanças, seriam as obrigações de quem lhe respirasse a aura. A "influencia" do interior era o estrago do Brasil, os matapaus que arrocham e não deixam viçar as madeiras que prestam... O Coronel Gervasio gostava de fallar sempre nas leis, mas era apenas para se dar os ares importantes de um arbitro severo da sua penosa applicação. Elle as conhecia, porque as encommendava, quando não as fazia; não seria bobo de pear a si mesmo... É o Bucho despedia, dentre os cilios, raios que pareciam arrancar chispas ás vidraças do sobradinho das guabirobeiras, incendidas pelo sol da tarde.

Em veia de eloquencia persuasiva e flagelladora, elle continuou a expôr os males em que se degradava a povoação, onde, por signal, se lhe findavam os dias entre nauseas e revoltas.

No poente ajuntavam-se as nuvens em manchas de vermelhão esmagado a golpes furiosos de espatula, no fundo de uma tela azul ferrete.

— Está enxergando acolá naquella volta de estrada, onde está parado um cavallo debruado, á sogá num pé de pinhão de purga?

Era a venda do Saturnino, onde se vendia a canna, a outra má sorte d'esse povo: — o caxixi, a pinga amaldiçoada, a mangereba reimosa, a piloia, a sinhaninha, a tiúba, o restillo, a geritiba, que vilificava os freguezes e amadores, o mata-bicho que assassinava o bicho homem. Nos fundos d'essa bicoca corria o quino até amanhecer. A bisca e o solo eram altos privilegios do Vigario, dos Intendentes e do Collector; o truque, o vispora, o bozó e a vermelhinha, o emprego dos vadios e viciosos mais réles, com as fichas, os cartões, os dados ou baralho seboso de mão em mão. A jogatina na decrepitude da villa alastrava mais que a bouba, o amarellão e a bexiga. O mau passatempo devorava tudo. Ainda havia gente nas festas do arraial porque a Camara dava licença para o "jaburú" e o "pinguelinho". Andava-se a morrer de fome e sem um pedaço de niagem para cobrir as partes, sonhando-se com o numero da loteria ou seguindo o "aliphante". O Vigario ria-se quando Bucho-de-Piaba lhe lembrava que Deus poderia mandar chover polvora tres dias e depois mandar um raio em cima para limpar os crimes da terra. Dizia o tonsurado que elle não se importasse com os outros, que tratasse de pôr verde-paris nos cupins, que não consentisse

a cachorrada dos matutos urinar nos portaes, que o deixasse socegado á sésta sem defunto para encommendar... O mais era isso mesmo. Nosso Senhor haveria de perdoar se não desse um geito... E o malandrão, á boquinha da noite, afundava na casa da Chica Mingau, a se empazinar dos quitutes d'esse coirão... Não era atôa que o chamavam Bucho-de-Piaba; não guardava cousa alguma, sabendo ia publicando... Antigamente o povo dissipava, retornou o velho acolyto, hoje não só gastava o que tinha, ia mais longe, era o archi-prodigo, empenhando até a mulher e os filhos se encontrasse a quem. A vara de apagador ia nesse revoltado á maneira do baculo dos primeiros bispos...

Assim outra desgraça lhe apparecia materialisada no cinematographo. E o coixo e zanaga, mostrando de face ás mararaías de umâ praça enfeitada de bandeirolas, lanternas e cartazes, um barracão de empanada, irrompeu furibundo. Toda a mocidade da roça andava a estragar-se com essa marmota de biralhas estrangeiras, dansando e amostrando os peitos, aos abraços e gatimanhas de descaradas... Gente que nunca vira cousa alguma nessas brenhas ficava gira de entusiasmo, deslumbrada com o maleficio. E o recato acabara-se e todas as sinhásinhas se metteram a imitar as comicas das invenções vagabundas d'essa perdição. Elle não via maior destroço. Era a praga do luxo e dos modos desabusados, acabando o juizo nos homens, a innocencia nas crianças e a seriedade nas mulheres. Ninguem protestava contra a machina de corromper o povo nessa vertigem de enganar os olhos. Mesmo o senhor vigario já tinha imaginado aproveitar d'essa endromina na semana santa. Cruzes! Tibi! Vou-te! Abrenuncio! O cinema estava acabando de apodrecer o mundo com as micagens de uns saltimbancos impalpaveis e mudós. O Tinhoso não podia ter descoberto cousa mais aperfeiçoada para tentar as consciencias e perder os fracos. A "machinage" do Tentador tinha a astucia de não fallar e de dizer tudo o que não prestasse e pegava nas eras e as ajuntava a bobinal-as numas horas de funcção e ia pelos ares fóra mettendo mares, terras e céos nuns covados de téla animada por um raio de luz corrido da fresta do moinho, que o proprio Cafute movia com as unhas e o rabo. Não se podia matar ou roubar pessoa alguma, mas tinha-se licença de ir mostrando o modo de fazer mal aos outros! Bucho embirrava com esse "adivertimento damninhador", que estava afrouxando o resto da vergonha e do socego do mundo. Essas goyabeiras, além, por detrás d'aquelles muros de fundação do hospital, que não fóra avante por ter-se sumido o patri-

monio com a fuga do thesoureiro da Camara, podiam contar que elle não mentia. Bucho-de-Piaba sabia de tudo. Era um caco velho, um caxerenguengue, mas d'esse cantinho enxergava mais que um urubú-rei, voando "por riba" do Itatyiaia...

Fallando sempre para descontar os silencias, a que seria constantemente obrigado na sua vida de retiro e de quaresma, o sacristão discorria sobre outro cancro que, segundo seu parecer, roia a povoança. E elle informava coruscante e solícito. Pegado aquelle cuitéseiro estava um copé de pindoba. Era o mocambinho do preto Geraldo, tocador de urucungo. Quanta gente consultava o velho mandraqueiro! Todos corriam atrás da gallinha preta e do sapo esturricado que o embusteiro ia benzendo, junto de um calunga mais repulsivo que a Rita Perereca, e no qual o intrujão espetava um papel de agulhas e outro de alfinetes. Nessa esbromação os donativos iam enchendo o panacú do bruxeiro.

— Meu amigo! Quem der cabo d'essas miserias e flagellos salvará o melhor povo do globo, disse, batendo no hombro do capenga, para dar-lhe uma certa pausa á furia moralista que o congestionava.

Descarnado e alto, com a pelle do rosto repuchada nas saiencias malarés, os olhinhos vesgos que pareciam de louça branca embutida dos grãos negros e luzentes do crubixá, os pêlos compridos e repontados da pêra em cerdas de caitetú enfurecido, Bucho tinha a expressão de um idolo boscarejo e totemico, qualquer cousa de curupira e de ariranha.

Elle espevitou as sedas asperas do queixo e foi contando:

— Depois de ter causado muito damno, nas lingadas e saiveiros do cães do Rio de Janeiro, um preto malê, mandingueiro em Caririnha, descobriu que eu possuia mau olhado. Verifiquei depois os maleficios. Fui botando os olhos no gato de estima de nhâ Bemvinda do Varjão e o bicho morreu logo alli de um engasgo; o ultimo pinto da ninhada da comadre Rufina fui eu que matei, a barulhada dos meus passos espantou o papagaio, que deixou cahir um restolho de milho mesmo na cocuruta do coitadinho... 'tá provado, cousa em que boto o "oio" "seu" doutor está perdida. Se prospera, vem a rebordosa; dá logo a cafanga e se acaba. E discriminando as razzias de seu poder destructor, Bucho tinha um quê de bruxo e de cervical. Passo aqui até de madrugada, olhando para vêr se lhes veuço a damnificação com o meu azar. Ouvi lêr numa folha que as ondas da tal telegraphia sem fio marcham melhor de dia que de noite, com a influencia dos olhos da gente para o tangro-mangro hade ser tambem a mesma cousa. Vigiano horas e horas durmo pouco e aproveito o

tempo, adeantou mais o Piaba. Fumo á vontade e atijo os bugalhos para acabar com essas calamidades... Referia-se á Policia, ao Jogo, á Bebida, á Superstição e Devassidão, ás cinco cabeças do Vicio nacional, ervas damninhas que elle acabava de localisar e tentaria extirpar, atacando-se aos seus orgãos de proliferação pelos dotes especiaes e rarissimos de aniquilamento centralizados nas pupilas de urucubaca.

Até quando o sol allumia no cabeça d'aquelles penedos faço o possivel, continuou o coxo sacristão. Vejo entretanto o mal prosperar, meus olhos de cuíca parece que perderam a prenda, mas "ateimo"... Não risco ser preso, porque ninguem acredita que eu possa vencer a maldade com a biruanha. Estou fazendo obra do Altissimo, "seu" doutor. Assim elle fizesse mesmo que o meu poder de encangar e acabar com a "sevan-dije" servisse p'ra cousa mais importante que rachar os vidros; dar a gomma nas plantas e o mal dos cascos no gado alheio...

Anoitecera sem os meios tons precusores do crepusculo. Deliam-se encolhidos na obscuridade, como temendo a sagrada irritação do Bucho-de-Piaba o sobradinho do Coronel, a taverna do Saturnino, o antro dos feitiços do Geraldo e o cinema "Ideal".

E o fero sacristão a agachar-se, espipando os olhos zarelhos e encarapuçado pelo bojo do sino, tomava a attitude de uma gargula na torre. Elle que nunca ouvira fallar do *Libro del Aojamiento o Fascinologia* de Henrique de Vilhena, apromptava-se á operação mysteriosa de metapsychose, em que se acreditava o possivel agente de um bemdito demonio, capaz de armar a exterminação dos orgãos do Despotismo, da Embriaguez, da Ignorancia e da Corrupção, projectando os raios ignotos das pupilas tristes, onde se lhe dependurava toda a alma protestataria contra os dissolventes sociaes de sua terra amada.

— Outra gente recomporia tudo, encorajei-me a afirmar, dispondo-me a descer do observatorio d'esse João Baptista vociferante e **jettatore**.

— De onde, "seu" doutor, suspirou enlanguescido o apontador das lazeiras patrias, voltando para mim a face que era uma mascara de vincos.

— Talvez da China ou da Nigricia, respondi, alargando fóra de conta a chorographia do meu interlocutor.

Bucho-de-Piaba, a fio comprido na soleira da arcada, balançou a cabeça de gavião-panema:

— Vosmincê 'stá mamparreando... Só se fôr d'aquelle foguinho de pito acceso no escurão. E apontou o rubinete de um astro pendente lá pelos altos da treva.

— Demorei-me a olhar a noite sacudida dos vãos dos caborés. Repentinamente um clarão desabrochou no seio fusco da çaria em roda; e logo uma, duas e mais linguas de fogo saltaram cada vez mais extensas, franjando-se na lambedura do céu. Grossas pelotas de fumo abafaram-nas um instante, depois as chammas irromperam innumeraveis no bulcão do incendio e foram diminuindo, até morrerem entre espiraes pardacentas, cada vez menos espessas e alongadas.

— E' o cinema! T'arrenego, mardição!... Foi o meu azar! Figas, canhoto! Estavas jurado! Apre! Esconjuração do diabo! Bravo! Bravo! Ahi, cousa ruim!...

Fôra esse o tom da litania exclamatoria do Bucho-de-Piaba, louvando a torra da casa de diversão. E emquanto a fogueira illuminou e deu cinza, saudaram-na essas apostrophes do provocador á distancia d'aquelle auto de fé e de fascinio.

Em vez de dobrar o sino do rebate, cuja corda lhe tocava as espadas, o Bucho frenetico batia palmas...



w.



Noite de Natal em S. Paulo

(Phot. de Achtschm)

EMI SANTOS



Tirando a rede

(Phot. de Achschinn)



PHILOSOPHIA DE J. INGENIEROS

POR

HENRIQUE GEENEN

Expuzemos em artigo anterior os pontos de contacto entre o philosopho argentino e o brasileiro. Vejamos agora os pontos de divergencia.

CONCEITO DA METAPHYSICA EM FARIAS BRITO

O philosopho brasileiro acceta o conceito tradicional da metaphysica e a define como "a intuição que se forma do mundo interpretando o sentido real e racional da existencia". Na *Base Physica do Espirito* diz que "é a sciencia do sêr emquanto sêr, a indagação das primeiras causas e dos primeiros principios", é a concepção do todo, a synthese do todo, o conhecimento e a solução do problema do universo seja qual fôr o sentido em que o tomemos. Metaphysica é a concepção segundo a qual o mundo se interpreta como manifestação exterior do pensamento divino, como igualmente é a concepção segundo a qual tudo se resolve em materia e se explica pela evolução da materia. Escreve Binet nessesentido: "O materialismo é a metaphysica dos que a não querem fazer".

Se seguirmos a idéa de Horacio: *Quem penes arbitrium est et juset norma loquendi*", nem o mesmo Ingenieros poderá contestar essa definição. Assiste-lhe apenas o direito de considerar chimerico esse conceio da metaphysica, por lhe não corresponder realidade nenhuma. E' o que elle faz.

CONCEITO DA METAPHYSICA SEGUNDO INGENIEROS

O philosopho argentino, com sua habitual independencia de espirito, rompe, de viseira erguida, contra a definição tradicional.

“E’ necessario, diz elle, substituir o velho lexico incomprehensivel por outro comprehensivel”.

O Esganarelo do *Medico á Força*, de Molière, respondia a Geronte que se admirára de ver o coração collocado do lado direito: “Nous avons changé tout cela”. E’ nesses termos que Ingenieros responderia a quem lhe exprobase o haver mudado o sentido do termo *metaphysica*.

“Significava esse termo, diz elle, um mosaico de inexactidões proprias da poesia, ou a simples synthese das sciencias, ou uma vaga adivinhação do que transcende ás sciencias. Doravante será a *systematisação das hypotheses inverificaveis, extra experimentaes*”.

“Obra da imaginação creadora, elaborada por homens que evoluem num ambiente que evolue, representa um equilibrio instavel entre a experiencia que cresce e as hypotheses que se rectificam. Tem methodos, não tem dogmas.

E’ perfectivel, universal, anti-dogmatica, impessoal”.

Para que não lhe falte o ouropel das denominações mirabolantes, accrescenta que será a *metaphysica* um *systema de hyperhypotheses que, partindo do logico experimental, explicará o meta-logico que transcende ao experimental*.

Desenvolve essas idéas em sua ultima obra “Proposiciones”, á qual enviamos o leitor curioso.

Não escapou á agudeza de espirito de Ingenieros que tal conceito seria alvo dos ataques, tanto dos philosophos dogmaticos de todas as escolas, como, por motivos diametralmente oppostos, dos positivistas comtianos.

Denegarão, os primeiros, a Ingenieros, o direito de chamar “*metaphysica*” a um *systema philosophico* donde a certeza está excluida. Ainda que nem tudo na philosophia seja verificado, nem verificavel, o philosopho só acceta certos riscos, diz Bergson, porque ha cousas de que se sente inabalavelmente certo. E nisso Bergson é o porta-voz de todos os philosophos dogmaticos, quer intellectualistas, quer intuicionistas.

Ora, Ingenieros reconhece que onde só ha hypotheses não pode haver certeza. Está, pois, a certeza, excluida do seu *systema*.

Ha mais. Falando do modo especial pelo qual Deus manda no céo, disse Dante: “In tutti parti impera ivi regge”.

E’ o que os philosophos applicam á intelligencia, em se tratando do seu dominio na *metaphysica*. Manda em todos os conhecimentos, mas na *metaphysica* exerce ella o seu dominio proprio. Como, pois, não lhes causaria extranheza, e invencivel reprovação, o ter Ingenieros arrancado o sceptro á razão, nos seus proprios dominios, para o confiar á imaginação creadora ?



Para os dogmaticos, de todas as escolas, o monumento que Ingenieros erigiu á metaphysica se assemelha a um monumento funerario. Quiz insuflar-lhe vida, mas seu sopro foi de morte. Quiz fazer obra de reconstrucção, mas, só demoliu.

Attendendo ao acatamento que merecem a Ingenieros as sciencias, á certeza que lhes reconhece, ao valor que lhes tributa, estes philosophos dirão delle, o que já o sophista grego Gorgias de Leoncio dizia dos materialistas: que, pretendente á mão da rainha Penelope, (no caso vertente, Metaphysica) só lhe corteja as criadas (as sciencias).

Desnecessario se torna observar que subscrevemos esse veredicto sob a reserva, comtudo, de nos cingir ao sentido consagrado dos termos, do qual o philosopho argentino não faz grande caso.

Convir-lhe-ia, talvez, que renunciasse a denominar metaphysica ao seu systema. Assim fazem Ardigó, Le Dantec e outros; ou seria, por ventura, essa denominação, um ardil dos que o autor descreve no seu bello livro "*Simulacion nella Lucha pela Vida*", escolhido acinte para dar á sua doutrina maior probabilidade de medrar?

Quanto aos positivistas. Estes hão de incriminar a Ingenieros, não mais o scepticismo, que aliás não lhe parece ir com a indole e cuja declaração explicita não lhe levarão em conta, mas sim o dogmatismo disfarçado. E não seria caso virgem. Relata Sylvio Romero, no livro "*A Philosophia no Brazil*", que Luiz Pereira Barreto, nos seus "*Ensaio de Philosophia*" publicados em 1874 e 1877, já lançou esse esconjuro contra os monistas evolucionistas. Sylvio Romero, filiado a essa corrente philosophica, defende-se disso e francamente se defende mal. Appella para o elogio que Comte faz da hypothese em geral, lembra que os positivistas tambem acceitam mais de um dado extra experimental, e reclama para o seu monismo evolucionista o nome de verdadeira doutrina positiva; mas não se purga da suspeita de dogmatico, de que fôra acimado.

Não possuímos, infelizmente, a obra do Dr. L. P. Barreto, nem sabemos se elle ainda professa a doutrina alli explanada, já lá vae meio seculo, quasi; mas achamos em outro positivista a expressão clara e nitida do motivo que leva o comtista a incriminar de metaphysica dogmatista a doutrina dos partidarios do monismo evolucionista, aceito por José Ingenieros.

Eis o que Hervé Blondel escreve a este respeito em "*Les Approximations de la Verité*": "E' pelo subtil rodeio das hypotheses extra-experimentaes que muitos, tomando como base o desconhecido que fica além das sciencias, voltam á antiga metaphysica. Nenhuma experiencia vindo contrariar as hypotheses inverificaveis, todas virão confirmal-as, dando-lhes, por impercepti-

vel circulo vicioso, ares de dogmas inconcussos, não obstante o rotulo, que trazem, de hypotheses”.

Não nos parece desprovido de fundamento esses temores: pelo contrario, no caso particular da doutrina de Ingenieros, de que nos occupamos, parece-nos sobremodo justificados.

Seu scepticismo se nos afigura antes logico do que psychologico. No capitulo VII de suas “*Proposiciones*”, estende-o abusivamente a toda a metaphysica, quando só se legitima no caso de ser a metaphysica apenas um systema de hypotheses. Confessa que andou, e anda ainda, preocupado com a applicação á philosophia do calculo de probabilidades, tão bem estudado por Henry Poincaré. Terá essa applicação o fim evidente de nos obrigar a reconhecer nas suas hypotheses uma probabilidade que se aproxima ou se equipara á certeza moral, a unica de que são susceptiveis muitos conhecimentos incontestaveis e incontestados.

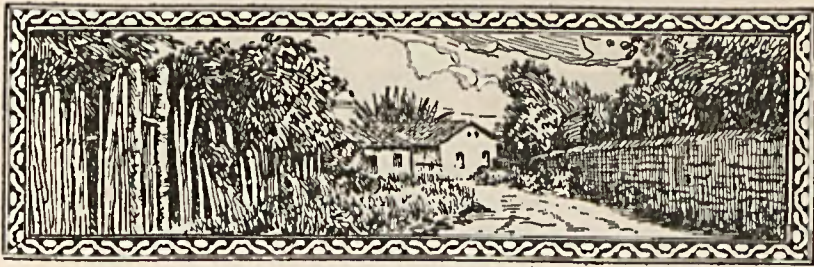
Não hesita em affirmar que os resultados mais geraes das sciencias convergem para demonstrar as hypotheses fundamentaes do seu systema que é um monismo evolucionista e determinista.

Já vimos que para as distinguir das simples hypotheses scientificas, sempre duvidosas, emquanto não forem confirmadas por experiencias ulteriores, inventou para as designar o nome, algo estrambotico, de *hyper hypotheses* o que suppõe que haja tambem *hypohypotheses*!

Advinha-se-lhe a tendencia mal sopeada de alija-las, tanto do *hyper* como do *hypo*, para denomina-las simplesmente theses. Resolva o que resolver, será algo difficil a Ingenieros evitar a escolha, que se impõe, entre o positivismo, que só accete certeza nos estreitos limites das sciencias exactas renunciando a toda a metaphysica, no sentido tradicional do termo, e o dogmatismo monista.

Não padece duvida que o philosopho argentino procura de-veras avantajarse aos demais philosophos e que envida todos os esforços para defrontar-se com os mais arduos problemas, desdenhando seguir trilhas já palmilhadas. Mas do confronto do seu Monismo evolucionista determinista com o Dualismo creacionista de Farias Brito resaltarão que isso não é mais do que deitar vinho velho em odres novos.

Tentaremos este confronto em trabalho subsequente.



Um episodio da Revolução Pernambucana de 1824

Passagem da ponte de Afogados

POR

MARIO MELO

Pernambuco tem primado na historia pela sua irrequietação, pelos seus movimentos de insubmissão, pelos seus sonhos de independencia, de republicanismo. Em 1654, sacudio do Brasil o jugo hollandez, contra a politica de Portugal, concorrendo para que a nossa pátria se estenda do Amazonas ao Rio Grande do Sul; em 1710, antes de qualquer movimento da América do Norte, fez uma revolução com carácter de independência e de republicanismo, sendo na câmara de Olinda erguido o primeiro brado de república na América; em 1801, tentou novamente constituir um govêrno independênte, dando-se a fusão de alguns patriotas; em 1817, instituiu de facto o primeiro govêrno republicano que houve no Brasil, sendo a liberdade afogada em sangue; em 1821, antes da proclamação da independência, antes do glorioso feito que a Bahia commemora sempre a 2 de Julho com tanto orgulho, expulsou revolucionariamente o último capitão general lusitano que o governou, e fez regressar á colônia o batalhão portuguez aqui estacionado, e em 1824, após a fundação do primeiro império, constituiu-se em república federativa, nas mesmas bases da de 1889.

O movimento de 1817 teve o seu historiador, tão sincero e desapaixonado, tão fiel em suas narrativas e na apreciação dos factos, que um século depois, Oliveira Lima preferio annotar a história escripta pelo revolucionário Muniz Tavares, do que escrever outra, porque quasi nada achou a corrigir e muito pouco a acrescentar, limitando-se a esclarecer os factos com os documentos que appareceram depois.

O mesmo não se pode dizer da Confederação do Equador. A sua história ainda está por escrever, apesar dos capitulos esparços que por ahí andam, dos depoimentos raros que têm apparecido.

Há na *Revista do Instituto histórico brasileiro* um estudo de Pereira Pinto. Mas nesse trabalho os republicanos não estão julgados com a devida justiça. Nem outra cousa se poderia esperar, porque o autor submetteu sua narrativa á apreciação de d. Pedro II, cujo pae dera causa ao movimento e mandara derramar o sangue dos que sonhavam com a liberdade.

Fóra disso, o que há de mais importante é um depoimento do major José Maria Ildefonso Jácome da Veiga Pessoa, publicado na *Revista do Instituto archeológico pernambucano* e commentado pelo desembargador Adelino de Luna Freire, depoimento por sua vez incompleto e quasi restrictamente pessoal.

Em traços rápidos, o movimento de 1824 se originou da dissolução da primeira constituinte. Pernambuco não fêz nova eleição, dizendo que seus deputados continuavam a merecer inteira confiança. A junta governativa de que fazia parte o morgado do Cabo, sentindo-se sem forças, demittio-se. O eleitorado do Recife e de Olinda elegeu nova, da qual foi Manuel de Carvalho Paes de Andrade escolhido para presidente. O imperador nomeou o morgado do Cabo presidente da provincia e mandou uma divisão naval para o empossar. A junta recusou dar-lhe posse. Manuel de Carvalho foi prêso por uma revolução e libertado da fortaleza de Brum por um contra-movimento. O imperador nomeou outro presidente extranho á junta. Não foi accedido. Enquanto se davam esses acontecimentos, estava sendo concertada a forma republicana com as provincias do norte, até que a 2 de Julho de 1824 o presidente eleito pelo povo proclamou a Confederação do Equador, adoptou provisoriamente a constituição da Colômbia, preparou o edificio da assembléa que deveria receber os representantes das provincias adherentes para a discussão da carta constitucional, mobilisou forças de terra e mar, encommendou armamento, creou a nova bandeira da Confederação, etc.

A reacção não se fez esperar pela côrte que enviou forças da marinha e do exército, para combater os revolucionarios e chame-os ao aprisco. O exército legalista era commandado pelo general Lima e Silva. Compunha-se de tres batalhões de caçadores do Rio de Janeiro, quatro de Pernambuco e dois de Alagoas, um corpo de cavallaria e outro de artilharia de Pernambuco e um esquadrão de cavallaria do Rio. Essas tropas invadiram a provincia pelo sul e avançaram pouco a pouco até a ponte



do Motocolombó, sobre o riacho Giquiá, no extremo sul da cidade do Recife, onde chegaram na tarde de 12 de Setembro de 1824.

O exército republicano, chefiado pelo coronel José de Barros Falcão de Lacerda — revolucionário de 1817 e um dos heróis de Pirajá — compunha-se de um batalhão de caçadores comandado por José Gomes do Rego Casumbá, do batalhão dos Henriques (negros) commandado pelo major Agostinho Bezerra Cavalcanti, do batalhão do major Benício Mandurucú, do corpo de artilharia do major José Maria Ildefonso, de duas guerrilhas de matutos bisonhos. Havia mais forças revolucionárias ao sul, na Barra Grande, e Falcão tentara juntar-se a elas para impedir o avanço de Lima e Silva, o que não conseguira.

Vae travar-se o combate da parte do Motocolombó, na freguezia dos Afogados, antes da entrada dos legalistas no Recife.

O major Ildefonso, indignado com a marcha victoriosa do inimigo, toma um batalhão que se acha nos montes Guararapa e uma peça de artilharia, e corre para os Afogados, por dentro de matas.

Quando chegou á ponte, já havia rompido o fogo entre os republicanos que guarneciam a cidade e os legalistas, que se aproximavam.

Ouçamol-o no seu depoimento, a que nos referimos:

O major mandou estender o batalhão á esquerda da ponte e que todas as praças se deitassem, porque as balas já choviam sobre os mangues proximos; e, por ter sido prêso pelos adversarios o official que lhes mandou com bandeira parlamentar, entendeu que nada mais tinha a esperar e principiou a agir.

“Colocou na entrada da ponte a peça que havia conduzido, em opposição ás duas das forças do governo, assentadas do lado da povoação, e começou um fogo mortifero. Os liberaes tiveram alguns mortos e muitos feridos; dos que guarneciam a peça escaparam illesos apenas cinco ou seis e maior não foi a destruição pela impericia dos artilheiros dos contrarios.

“Muito maior foi a perda do lado das forças imperiaes, por serem certos os disparos dos revolucionarios”.

Os republicanos luctaram ainda quatro dias consecutivos nos bairros do Recife, Santo Antonio e Boa Vista, até a madrugada de 17 de Setembro, quando Lima e Silva se apoderou das fortalezas do Brum e do Buraco e da cidade de Olinda.

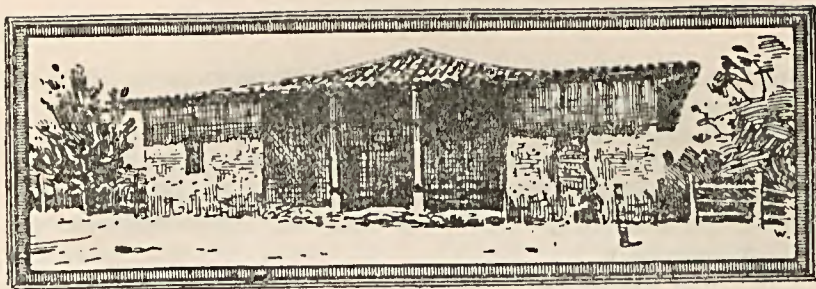
Manuel de Carvalho asilou-se a bordo de uma canhoneira ingleza, expatriou-se, e mais tarde foi senador do império.

O restante das forças seguiu para o norte, juntou-se aos revolucionarios da Parahyba e do Ceará, e rendeu-se no engenho

do Juis, na terra de Alencar, depois das promessas mais garantidoras.

O epilogo é conhecido. O solo pernambucano foi mais uma vez irrigado pelo sangue dos martyres, em cujo meio se achava a figura gloriosa de frei Canéca, o heróe dos heróes, que teve de ser arcabuzado ao pé da fôca por não haver carrasco ou prêso, que mesmo a coice d'armas, quizesse garroteal-o.





NA INDIA

POR

NAVARRO DE ANDRADE

Do livro no preto "A VOLTA DO MUNDO"

PELO INTERIOR DE BENGALA

A's dez da noite de 23 de setembro parti para Goalundo, ponto terminal da Eastern Bengal Railway, a 150 milhas de Calcutta, proximo á confluencia do Ganges com o Brahmaputra, onde cheguei ás 5,20 da manhã. Alli, passei para bordo do "Buzzard" que, ás seis, partiu para vencer as 105 milhas que nos separavam de Naraingang. A viagem é feita, em grande parte, pelo Ganges, que dalli em diante toma diferentes nomes, como Padma e Meghna. Em Goalundo o Ganges é formidavel e com grande difficuldade se distingue a sua margem opposta. A viagem é agradabilissima e com trechos verdadeiramente imponentes.

A's 12,45 chegava a Naraingang, onde me esperava o Sr. N. S. Nahapiet, tio do nosso consul em Calcutta e a quem ia recommendado. Em poucos minutos, numa lancha de gasolina, fizemos o percurso até a casa do sr. H. M. Sirchore, gerente de uma das maiores empresas de juta de Bengala, onde me hospedei. O sr. Sirchore, typo do perfeito "gentleman", obrigou-me a ficar dois agradabilissimos dias em sua casa, acompanhando-me e fazendo-me acompanhar por um de seus irmãos na visita á sua fabrica e aos terrenos cultivados com juta nos arredores de Naraingang. Devido ás inundações, as nossas excursões foram todas feitas na lancha de gasolina, atravez de enormes plantações da preciosa fibra. Visitei em Ullookholá (Logar de cupins) um mercado indigena de juta, mostrando-me o sr. Sirchore todos os processos

empregados pelos hindus para augmentar o peso da fibra e, assim, enganar os compradores europeus.

Pela estrada de ferro deixei Naraingang com destino a Dolaingang, onde, em companhia do sr. Nahapiet, visitei outra grande fabrica de juta. A' tarde, partimos de automovel para Dacca, a antiga capital de Bengala, hospedando-me no "Dak Bungalow".

Os "dak bungalows" são modestos hoteis, ou hospedarias estabelecidas pelo governo em todas as localidades importantes e entregues ao cuidado de hindús que, geralmente, estiveram ao serviço de officiaes inglezes e que cobram preços fixados pelo governo pela hospedagem.

O "dak bungalow" de Dacca era bastante confortavel e contava entre os seus hospedes, quando alli estive, o rajah de Bogra.

Dacca, que teve grande importancia, conta hoje pouco mais de 100.000 habitantes e é actualmente a séde do governo de Bengala Oriental e Assam. A parte antiga é muito interessante e pittoresca; a parte moderna possui edificios magnificos, grandiosos mesmo, como, por exemplo, o da Secretaria de Agricultura. A região circumvizinha vive inundada nesta epocha do anno e é o centro de uma grande cultura de juta. Levou-me á Dacca a sua Estação Experimental de Juta, a cargo do sr. R. S. Finlow, considerado o mais distincto especialista da India. Visitei-a demoradamente e alli obtive indicações preciosas para a minha missão.

Visitei em Dacca a igreja de Nossa Senhora do Rosario, construida pelos portuguezes em 1677. Recebeu-me um padre portuguez, de Goa, muito amavel, que me pediu desculpas de preferir falar-me em inglez. A igreja é pauperrima e está mal conservada, o que é de lastimar.

Tendo que partir para Mymensingh ás sete da manhã, tratei, na tarde anterior, de desencantar o magistrado inglez que devia conceder-me a necessaria licença de partida. Andei por Secca e Mecca, falei a meio mundo e todos me diziam que nada tinham com o caso e que me dirigisse ao sr. Fulano. Nisto perdi, seguramente, duas horas e muita paciencia. Sómente ás seis e meia consegui pôr a vista em cima do verdadeiro magistrado, rubro de calor e de whisky, a quem me queixei do immenso tempo que me faziam perder com todas essas exigencias tolas e descabidas, fazendo-lhe vêr que eu era o representante de um governo alliado, em missão official. Disse-me muito sériamente, que aquillo tudo era feito mais no intuito de proteger-me do que de incommodar-me, para evitar que eu fôsse tomado por allemão, mettido na ca-



deia, etc., etc. Respondi-lhe que, se me prendessem e fuzilassem summariamente, me dariam muito menos incommodos e aborrecimentos do que com toda a protecção que me queriam dispensar. O homem enguliu em secco, coisa, a que, parece, estava pouco habituado, e, na propria licença que me fôra concedida em Calcutta, escreveu: "Mr. Andrade appeared before me and states he is leaving Dacca on 28.9.18 en route to Mymensingh."

A's sete da manhã tomei o trem de bitola estreita para Mymensingh, a 74 milhas de Dacca, onde cheguei ás 11,30, sob um calor infernal, mais morto que vivo. Mymensingh é o centro da região em que se produz a melhor juta da Índia, quasi toda em cultura secca, o que muito me interessava. Hospedei-me no "dak bungalow", á margem do Brahmaputra, em que havia muito tempo não pisava viva alma. O encarregado da hospedaria andava longe e deu-me um trabalho enconral-o e conseguir que me arranjasse alguma coisa para comer. Escolhi o melhor quarto, com um enorme terraço sobre o rio, de onde se gosava um panorama estupendo. A' tardinha, começou o meu quarto a ser invadido por toda a sorte de insectos, ávidos de sangue humano. Passei tormentos.

Vistas as principaes culturas da região e a cadeia, cujos presos andavam a cortar juta, raspei-me, ás 3,30, da tarde do dia seguinte, para Jagganathgang, a 50 milhas de distancia, onde deveria tomar o vapor para, pelo Brahmaputra abaixo, alcançar Serajang, outro centro importantissimo de juta. A viagem de 23 milhas pelo rio é lindissima, apesar de feita de noite. Além de um luar admirável, o vapor levava na prôa um poderoso holophote.

Passei a noite no "dak bungalow", infecto e miseravel, por não ter querido ir, áquella hora da noite, incommodar o sr. J. M. Sirchore, a quem ia recommendado.

Tive um trabalho insano para conseguir, em Mymensingh, o visto do "district collector" na minha licença de viagem.

Estive em Serajgang dois dias e dali, por outro caminho, regressei a Calcutta, afim de tomar folego para nova excursão.

A 67 milhas de Calcutta, em Burdwan, ha outra estação experimental de juta, que, pela facilidade de transporte, visitei innumeras vezes. Apesar de poder sahir pela manhã e voltar á noite a Calcutta, tendo todo o dia disponivel em Burdwan, nunca me foi permittido fazer tal excursão sem prévia licença da policia. Pedi-lhe que me fornecesse um salvo conducto valido por uma ou duas semanas, mas nada consegui. Como sómente me davam permissão para a ida, eu era, todas as



vezes, forçado a perder varias horas em Burdwan para conseguir a licença de volta, o que me impediu muitas vezes de regressar no mesmo dia a Calcutta. Que se diria do nosso paiz, do seu governo, de nós todos se a um subdito inglez, em missão official do seu governo, se fizesse o que a mim innumeradas vezes fizeram? Felizmente, no Brasil, tal não se dá e, infelizmente, em taes casos fornecem as nossas autoridades passes e todas as commodidade a esses figurões, quando não destacam funcionarios especiaes para acompanhá-los nas suas passeatas.

Burdwan é uma cidade pequena e antiga e que, além da estação experimental, só tem de interessante o palacio do marajah, com uma bella collecção de elephantes e camelos.

Ainda nas proximidades de Calcutta, em Chinsurah, existe outra estação experimental para a mesma fibra, que tambem visitei varias vezes, com eguaes difficuldades. Chinsurah pertenceu, durante 180 annos, aos holandezes que a cederam aos inglezes em troca de Sumatra. Fresco negocio! Tem apenas interessante a antiga igreja holandez.

DARJEELING

A excursão ao Himalaya foi a mais difficil de quantas fiz na India. Foram taes as exigencias da policia para me conceder a necessaria licença para realizá-la que estive quasi, quasi, a supprmil-a do meu programma. Em Calcutta, o funcionario indiano que me attendeu, na policia, fez questão fechada de que eu lhe declarasse para que hotel iria em Darjeeling, sem o que não me daria a indispensavel permissão. Embora eu lhe dissesse que nunca lá havia estado e que ignorava por completo os nomes dos hotéis, o homenzinho teimou e só m'a concedeu quando me suppoz convencido a ir para o Hotel Belle Vue, que elle indicava, o que, porê, não impediu que eu fôsse para o Mount Everest.

O melhor trem parte de Calcutta ás 4,42 da tarde. Até as onze e meia da noite, quando se chega a Santahar, viaja-se em bitola larga e dalli a Siliguri, no dia seguinte ás seis da manhã, em bitola estreita, de um metro. Em Siliguri, tomase a estrada de sessenta centimetros, unica capaz de vencer as formidaveis rampas e curvas para chegar a Darjeeling. A continuar nestas mudanças e nesta escala, não admiraria que acabassemos carregando as malas ou empurrando o trem, como na anedocta.



A distancia de Calcutta a Darjeeling é de 621 kilometros e a viagem até Siliguri pouco tem de interessante, se exceptuarmos a travessia do Ganges numa das maiores pontes da India. Antigamente, a travessia de Damudkia, na margem direita, para Sara Ghat, na esquerda, era feita em ferry-boat e levava 20 minutos. Disseram-me que a ponte havia custado dois milhões de libras e que as suas fundações foram feitas 45 metros abaixo d'agua.

Siliguri está a 120 metros de altitude e dali a Dargeeling, ou melhor, á estação de Ghoom, que é o ponto mais alto da linha, sobe-se até 2.225 metros, numa média de 400 metros por hora.

Eramos 92 passageiros de primeira classe e respectivos criados, de modo que foi preciso dividir o trem em quatro partes, tendo-me cabido logar na terceira. A linha é tudo quanto se possa imaginar de mais extraordinario, com rampas fortissimas, zig-zags e curvas apertadissimas, de que muitas têm apenas 17 metros de raio.

Em Siliguri, tem-se a primeira vista do Himalaya, lindissima. A chegada a Darjeeling foi ás duas da tarde, atrasada, devido á quantidade de passageiros e á demora na estação de almoço. Hospedei-me no "Mount Everest Hotel", estupidamente situado a cerca de cinquenta metros acima da estação. O serviço de transporte de bagagens é feito exclusivamente por mulheres do Thibet, baixas e atarracadas, fortissimas, feias, com enormes turquezas nas orelhas. A minha mala pesava razoavelmente e eu, confesso, hesitei em dal-a a uma mulher para levar-m'a ao hotel, embora o seu physico me autorizasse a excluil-a do sexo fraco. A rampa para o hotel é fortissima e eu não pude deixar de admirar a facilidade com que essas pobres creaturas a venciam carregando malas pesadissimas, ás costas.

Quando cheguei ao hotel, nada, absolutamente nada, se via do Himalaya, inteiramente coberto pelas nuvens. Passei a tarde nos arredores do hotel, até que o frio me fez caminhar para um fogão da sala de entrada do "Mount Everest". A's cinco da tarde, difficilmente se aguenta a temperatura ao ar livre, principalmente si se acaba de chegar da infernal Calcutta. Darjeeling está a 27 grãos do equador e numa altitude média de 2.000 metros acima do nivel do mar, de modo que nada admira que um pobre mortal alli trema de frio, como a mim aconteceu. Dormi com dois cobertores de lã de cabras do Thibet, a 600 kilometros de Calcutta!

Alli, como em quasi em todo o Oriente, janta-se tardissimo e o hotel, para tornar menos desagradavel a longa espe-



ra, organisa espectaculos, concertos, danças, etc. Na primeira noite que alli passei, representaram a Cavallaria Rusticana e varios artistas da Companhia italiana cantaram trechos de operas. Um delles cantou a barcarola de Salvator Rosa, que foi muito applaudida.

No dia seguinte, ao levantar-me, cedo, o meu primeiro cuidado foi ir para a varanda do hotel admirar a vista do Himalaya, que se mostrava, nitidamente, em todo o seu esplendor. E'-me completamente impossivel descrever a sensação que tive ao contemplar, coberto de neve, sob os raios de um sol lindissimo, o Himalaya, de que se destacavam os soberbos picos do Kinchinjanga, do Jannu, do Kabru e do Randim. Foi a coisa mais imponente, mais estupenda, mais magestosa, que vi em toda a minha vida. Nunca contemplára belleza semelhante, nunca imaginára espectaculo tão grandioso. Todas as fadigas das viagens, todos os tormentos deste Oriente em tempo de guerra estavam fartamente compensados pela estupenda belleza que me era dado admirar. Não sei quanto tempo me quedei pregado á varanda do hotel na contemplação do maravilhoso espectaculo. E durante toda a manhã conservou-se assim, estupendamente illuminado, o gigantesco Himalaya.

Nos dois dias que me demorei em Darjeeling sómente ás tardes fiz passeios pelos arredores, sempre com o receio de perder de vista os picos cobertos de neve. Visitei o mercado da localidade^a muito interessante com os seus typos thibetanos e os seus trabalhos de cobre e latão; o templo budhista e o jardim botanico, com admiraveis collecções da flora himalayana e onde pude admirar varios eucalyptos, que, supponho, são os que se encontram a maior altitude em todo o mundo.

Voltei a Calcutta pezaroso, duplamente pezaroso por abandonar todas estas maravilhas e por ir, de novo, supportar aquella temperatura infernal.

Com a minha viagem a Darjeeling fiquei conhecendo a India, na sua parte oriental, de ponta a ponta, desde o extremo sul, no estreito de Manar, até o Himalaya. Do extremo sul a Siliguri são tres mil kilometros de uma planicie immensa, riquissima, admiravelmente irrigada por formidaveis rios e canaes, coberta nesta parte do anno de arrozaes e sómente arrozaes. E ha dezenas de annos que esta terra é continuamente cultivada, sem o mais pequeno descanso. Bem dizia o grande épico:

“Aguas do Gange, e a terra de Bengala,
Fertil de sorte que outra não lhe eguala,”



BENARES

Em cerca de um mez dei eu conta do recado que me levára á India, mas tive de alli ficar exactamente dois pela falta de meios de transporte e pela serie enorme de difficuldades a vencer para a sahida daquelle paiz. Em outubro, terminada a colheita da juta e nada mais me restando a fazer, procurei visitar algumas regiões e conhecer as principaes cidades da India. Custava-me deixal-a sem fazer uma excursão a Benares, a Roma do hiduismo, ardente desejo de todo o hindú. De Calcutta á cidade santa a distancia é de 772 kilometros e a viagem faz-se commodamente num trem bastante confortavel até Moghal Sarai e dalli, em 20 minutos, num ramal mais ordinario. Tendo partido de Calcutta ás 8 da noite, cheguei a Benares ás 9,15 da manhã. Hospedei-me no Hotel Clark, modesto, mas excellente e um dos mais sympathicos da India. Alli me indicaram como guia um hindú sympathicissimo e que acudia ao sonoro nome de Juggernath Prasad, cujos serviços nunca me arrependerei de haver accitado.

Benares, em hindú Kashi, a Esplendida, é uma cidade de 200.000 habitantes, onde, felizmente, não se encontra nem um unico mahometano, mas cuja população fluctuante deve ser de outros tantos. E' a capital religiosa da India desde tempos immemoriaes, o grande centro de adoração de Shiva, visitada annualmente por mais de um milhão de peregrinos, de todos os pontos do immenso imperio. Visitar Benares e alli banhar-se nas sagradas aguas do Ganges é o desejo ardente, o anhelos supremo de todos os hindús. Os peregrinos além de visitarem todos os logares santos, devem fazer o circuito de Panch Kosi, á volta do territorio sagrado da cidade, numa extensão de 45 milhas. A peregrinação dura seis dias suppõe-se que primeiramente a cidade fôra edificada onde é hoje Sarnath, a seis kilometros de distancia de Benares actual, onde Buddha prégou, e que era um dos logares mais florescentes da India seis seculos antes da nossa éra.

Iniciei a minha peregrinação pelo Templo de Durga, tambem conhecido pelo Templo dos Macacos, devido á quantidade espantosa de taes animaes que alli vivem e são alimentados pelos sacerdotes encarregados da guarda do templo, enormemente auxiliados pelos pacotes de amendoim que todo o visitante lhes leva. Dalli, fui ao tumulo de marmore do grande asceta Bhaskaranand, tido por santo e como tal enterrado, em vez de ser reduzido a torresmos como succede a todos os hindús. Passei depois ao Templo de Ouro, onde está o poço da sabedoria, com uma agua infecta, mas que

todo o mundo bebe, não morre e fica igualmente estúpido. Tive ganas de trazer dalli alguns garrafões para uso dos homens de governo. E, assim, fui percorrendo a Mesquita de Aurangzed, o Templo de Annapura, o Sakhi Binayak, vi o boi sagrado e, num dos templos, uma verdadeira vaccaria.

As horas de maior calor passei-as no interessantissimo Bazar de Benares, onde se vendem os celebres trabalhos de cobre e latão, uma das especialidades da terra. Benares é afamada tambem pelos seus trabalhos em seda e bordados em ouro e prata, de uma perfeição inacreditavel.

A' tardinha, pela fresca, fui para as margens do Ganges. A cidade está edificada na margem direita flanqueada por monumentaes escadarias de pedra, que descem até a agua e onde se agglomera uma multidão de crentes, num vai-vem continuo.

Tomei um bote e fui percorrer o Ganges, lentamente, admirando o mais interessante espectáculo da minha vida. Ao longo do rio, nas immensas escadarias, milhares de hindús fazem as suas orações, silenciosamente. Quasi todos os rajahs da India fizeram construir ao longo do Ganges estupendos palacios em que se abrigam os peregrinos das diversas regiões do imperio.

Passei tres horas inolvidaveis percorrendo o Ganges e não pude resistir ao desejo de na manhã seguinte, ainda muito cedo, vir installar-me novamente num bote para apreciar o banho sagrado e outras praticas religiosas que me entretiveram longuissimo tempo, sem que eu o sentisse.

O sol nasce na margem opposta á cidade e é um espectáculo indescrível vel-o dardejar os seus raios sobre as escadarias de pedras coalhadas de dezenas de milhares de hindús! Junto ao rio vêm-se centenas de enormes guarda-soes abertos, sob os quaes personagens de categoria fazem as suas orações.

Deixei por momentos o meu bote para ir visitar o templo nepalez, em cujo exterior se podem admirar (e todo o mundo admira) os celebres "carving" immoralissimos. Um sacerdote leva a sua santidade ao extremo de se despojar de reproduções photographicas que possui para cedel-a aos visitantes... ávidos de sensações novas. Santa creatura!

Demorei-me algum tempo no Burning Ghat, o crematorio da cidade, igualmente, como tudo, á beira d'agua. Dezenas de cadaveres, envoltos em lençoes de varias côres (disseram-me que variam com o sexo, estado civil, idade, etc.), aguardavam a sua hora. Em baixo, junto ao rio, varios barbeiros tosquiavam esposos e outros parentes dos mortos.





Ilustração dos "Urupês"

(Desenho de Zimmermann)



Paisagem

(Óleo de T. Bassi)



Piranguinha

(Óleo de T. Bassi)

Fazem-se grandes pilhas de lenha, sobre as quaes collocam os cadaveres, largam fogo á pilha e... só lhes falta "o Corro a salvarti" do Trovador. Em Benares, talvez devido ao envoltorio, o espectaculo é menos impressionante do que em Calcutta, onde o vi em toda a sua hediondez. Alli, no Burning Ghat á beira do Ganges, abrem uma pequena cova no chão, pouco funda e do comprimento de um homem sobre a qual empilham artisticamente lenha, servindo a cova para facilitar a tiragem. Quando a pilha tem setenta centimetros de altura, collocam sobre ella o cadaver completamente nú, besuntam-lhe a cara de gordura, para activar a combustão, cobrem-n'o com mais lenha, até ficar a pilha com cerca de dois metros cubicos. Um sacerdote deita arroz sobre a cara do cadaver e põe-lhe ao lado uma serie de pratinhos de barro com toda a sorte de alimentos para a grande viagem. Começam dois hindús a girar em volta da pilha, com dois feixes de hervas incendiadas na mão, esguelando-se a cantar umas orações e, finalmente, largam fogo á pilha, que arde com uma rapidez espantosa. O fumo que se levanta é insupportavel, como intolleravel é o cheiro de carne assada. O cadaver arde muito mais lentamente do que se imagina e, quando é de algum cidadão edoso e, por isso mesmo, de cabeça mais rija, os dois hindús que lançaram fogo á lenha não vacillam e mettem-lhe o porrete sem dó nem piedade, até lhe rebentar o craneo, facilitando assim a cremação. Quando se rompe o ventre e surgem as visceras, o espectaculo é horripilante, macabro. Os parentes assistem impassiveis a esta scena toda! e são, em geral, os que recolhem as cinzas para lançal-as ao Ganges sagrado, caminho segurissimo do céo!

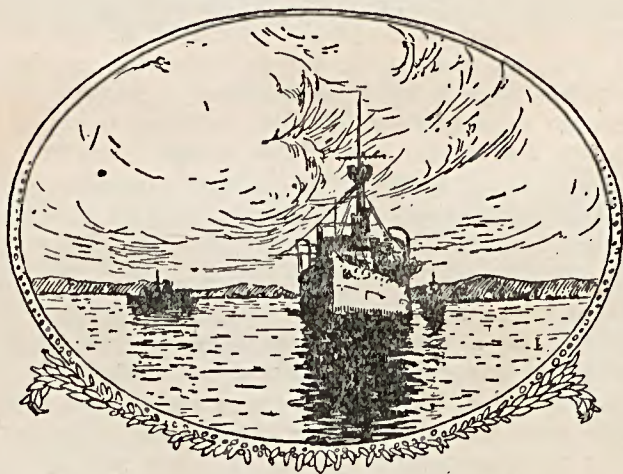
A India conta mais de duzentos milhões de habitantes hindús, em que a mortalidade deve ser enorme. Calculando-se em dois metros cubicos de lenha por cadaver, o consumo deve ser espantoso. Se por alli vegetassem sociedades agricolas, do teor patriotico das nossas, quantos protestos não teriam já surgido contra a devastação das mattas!

No Ganges, juntamente com os hindús, banham-se vaccas, bois, porcos, numa promiscuidade assombrosa. Todos estes animaes alli fazem as suas dejecções, o que não impede que, logo abaixo, milhares de hindús façam religiosamente as suas abluções, lavem a bocca e bebam varios goles dessa agua suja, barrenta, infecta, que, entretanto, até hoje não matou ninguém. Quem passeia de bote pelo Ganges fica horrorisado deante da quantidade de cadaveres de animaes que nelle boiam e da immensidade de immundicies que vão pelo rio

abaixo. E nas margens, indifferentes, os hindús ingerem essa agua infecta e nauseabunda.

Ao voltar para Calcutta, passei de dia pela enorme ponte sobre o rio Son, affluente do Ganges, com duas milhas de comprimento! Pelo que estou a vêr, é este o paiz das pontes monumentaes. E falamos nós no peso do jugo inglez quando ha mais de uma dezena de annos que andamos a pensar na construcção de uma ponte ligando S. Paulo a Matto Grosso, sem nunca a construir, é claro.

Se a ponte sobre o Ganges, com uma milha de extensão, no caminho de Darjeeling, custou dois milhões de libras, quanto teria custado esta do Son, duas vezes maior ?





PAIZ DE OURO E ESMERALDA

POR

J. A. NOGUEIRA

XXX

O dr. Pinto da Silva morava á avenida Celso Garcia. Não havia necessidade de voltear pelo centro da cidade. O auto passou da Luz ao Braz em esfusiada de sonho. A taes horas nenhuns obstaculos demoravam a marcha, pelas ruas pouco animadas. De vez em quando a sereia despedia uma serie de gritos lamentosos, a tempo que Angelo, distrahido, via bailarem-lhe na imaginação, á semilhança de dois diamantes negros e acerados, os olhitos irrequietos do advogado.

O medico Pinto da Silva fôra muito amigo de seu pae, que em occasião de eleições, mandava votar com elle todo o operariado da vidraria. Recebeu-o por isso com extremos de amabilidade, censurando-o por não se ter lembrado logo logo de o procurar. Que diabo ! Pois não sabia que tinha nelle um amigo ? Esperasse um pouco. Ia pôr o sobretudo e o chapéo. Havia de fazer o possivel pelo pobre do rapaz. Comprehendia bem a cousa. Exploração vergonhosa em torno do nome e da fortuna do moço. Estava visto.

Quando entraram no automovel e o doutor mandou tocar para a policia central, Angelo suggeriu:

— Não achava melhor irmos a casa do delegado com quem corre o inquerito ?

O politico sorriu em toda a corpulencia bonacheirona.

— Nada... já é tarde e ninguem sabe onde pára o Mendonça...

O italiano olhou com admiração para aquelle barbaças risonho, que parecia tão seguro de obter tudo o que quizesse.

Pelo caminho pouco falaram no assumpto que motivára tal diligencia, a deshoras. Apenas o medico perguntou sem grande interesse se Leonardo era casado e affirmou, algumas ruas adiante, que era clara a illegalidade da prisão por não ter havido flagrante. Depois fez descansadas observações ácerca do clima de S. Paulo, maldisse sem nenhuma colera da *garôa* e da influencia malefica do nordeste — até que arribaram ás portas da grande repartição veladora da segurança publica.

Entraram. Informou-os um guarda de que o delegado de noitada estava dormindo num quarto á esquerda, bem para o fundo. Era o Sousa Castro, o sujeitinho amavel de quem Angelo tinha obtido licença para falar com o irmão.

— O senhor pôde esperar-me, disse o politico sempre tranquillo e remansado. E desapareceu, acompanhado por um empregado solícito, que tinha accorrido.

Aqui foi como um golpe de magica. Não eram passados dez minutos quando surgiu Leonardo, olhos espantados, como se não acreditasse ainda que estava realmente livre.

— Não ha duvida... Falo amanhã com o Mendonça... obtemperava o medico, sahindo do apartamento do fundo. E aproximou-se risonho, levantando a gola do amplo sobretudo:

— A noite está esfriando, meus amigos, observou á guisa de cumprimento.

Os dois irmãos precipitaram-se-lhe para as mãos, em signal de inenarravel gratidão.

Oh! doutor, não sabemos como agradecer-lhe...

— Nada... nada... E foi mudando de assumpto: — Está um friozinho dos diabos... Hein? Este clima!

E dirigiram-se juntos para o auto, que os esperava já taralhando ruidosamente, prestes para a corrida.

Ganharem a Varzea do Carmo, atravessarem-n'a e metterem-se pela larga avenida que só vae expirar em pleno campo, rumo da Penha, foi obra de breves minutos, tão desatada ia a velocidade. As triviaes amabilidades trocadas de caminho mal disfarçavam a commoção dos Orsini, a cujos olhos o bonançoso homemzarrão assumia as proporções de providencia juntamente bondosa e omnipotente.

Desceram em frente á casa delle e solícitos acompanharam-n'ó até a porta. Ahi redobraram de sinceras effuzões.

— Nada, meus amigos... Sempre a seu dispôr, atalhava despedindo-se. Quando precisarem não façam cerimonia... Incommodo nenhum...

Instantes depois chegaram ao portão do *chalet*.

Ao entrarem no jardim deparou-se-lhes um operario vizinho, muito amigo de Leonardo, que os esperava para contar-lhes que



Pataracchi partira para o Rio levando consigo Gina, de quem occultamente se tornára amante, algum tempo antes, — depois de se ter previamente certificado no registro civil de que a rapariga já havia cumprido os seus vinte e um annos...

XXXI

Maré de desillusões. Após a desillusão de Leonardo veio a de Viriato. Desillusão suprema, absolutamente irremediavel.

A lingua, a sua lingua patria era para elle uma verdadeira creação divina, um santo-dos-santos, uma arca sublimada em que seria monstruoso sacrilegio tocar com intenções subalternas e despreziveis. Devia ser venerada por si mesma, pela sua belleza intrinseca e mysteriosa, pela opulencia e vetustez de suas palavras, pelo esplendor de seu lexicon ou a musica dos seus sons. Chegava ás vezes ao absurdo de achar, senão de dizer, ao menos de sentir, que o fazer della vehiculo de conceitos e juizos, meio de communicações, de permuta de idéas e sentimentos era rebaixal-a e prostituil-a... Suas expressões, seus torneios de phrase, seus vocabulos constituíam para elle o objecto de um culto tão absoluto, que cada periodo prinunciado o obrigava a uma genuflexão da alma, que tinha o condão de paralyzar-lhe o curso do pensamento e a impôr silencio ás mais sinceras e fortes commoções...

Essa lingua divindade, que era a sua paixão, elle a fallava e escrevia mal, muito mal mesmo sob o ponto de vista mesquinho segundo o qual é a mesma ordenada a traduzir o que se passa na alma, a approximar os homens, — mas superiormente por certo á luz desse sentido mysterioso, commummente ignorado, que enriquecia a sua natureza humana com a superposição ou hypostase singularissima de uma natureza indefinivel que não se sabe como qualificar — apanagio ou monopolio, que é de grammaticos e philologos.

Por todas essas razões o professor votava ogeriza a tudo o que era moderno ou tinha nome desconhecido dos seiscentistas. O cinema era uma dessas birras. Detestava-o cordialissimamente pelo neologismo da denominação e pelo angolez das legendas. Gostava, entretanto, de "ver moverem-se na tela lindas figuras de lanterna magica..." E graças a esse engenhoso circumloquio ia ás vezes de fugida e á socapa espreitar na marmota criminosa das modernices os peccados do tempo presente. Mas sahia sempre arreliado e doente. Os *capolavoros* e outras macarronices linguisticas pegavam-lhe fôgo abrazador no velho coração de jurista intransigente. Renunciára por isso á distracção e ia já em dois annos que não punha os pés em taes açougues do castiço idioma.

Sucedeu, porém, que, por desgraça, se deixára ultimamente vencer da tentação. Levavam o *Quo-Vadis*. Primeiros tempos do christianismo... Reconstituição muito gabada... O pobre ancião andava muito doente e já banzando. "Perdeu a cabeça", perdeu-a, com deliquios de quem cae em francezia, e foi...

Foi ao cinema e voltou arrasado. Assistiu nada menos do que ao MASSACRE dos christãos, no circo...

Ante esse crime linguistico o professor estremeceu como uma torre abalada em seus fundamentos. Era demais.

De regresso a casa repetia como que num estupor:

— *Massacrados*, não! Os christãos não podiam ser *massacrados*... Assaltados, mortos, atassalhados, sim, sim, sim... *Massacrados*, nunca!

E cahiu num pesadelo incongruente onde se baralhavam todas as idéas, se subvertiam as ultimas luzes, deixando á tona, quaes restos de um naufragio, os vestigios apenas do seu grande amor na vida

— *Massacrados*, não! Os christãos não podiam ser *massacrados*...

Era a desgraça das desgraças. *Massacrados!* Não, o misero professor nunca mais se levantará. Eram pesadelos sobre pesadelos, terribilissimas visões em que, do fundo da sua decrepitude e enfermidade, não fazia mais do que ver e sentir, a cada momento, estrebuchando e vasquejando numa arena sanguinolenta impressionantes grupos humanos, pobres magotes de velhos, mulheres e creanças a debaterem-se entre multidões assassinas de barbarismos, gallicismos e solecismos, que lhe appareciam sob todas as formas hostis que se possam imaginar — punhaes, facas, estyletes, aspas, crurifragios, equuleos, vivicomburios, potros, um inferno inteiro de supplicios inominaveis. E no meio de tudo isso os primeiros christãos morriam uma morte estranha, entre todas horrivel e nunca sonhada — morriam em mão portuguez.

(*Continúa*).





MÃES, POR DECRETO...

POR

HERMES FONTES

Ao mesmo tempo que se crêa em Paris o “Alto Conselho da Natalidade”, reúne-se em Genebra o Congresso do “Tende filhos!” — nova proclamação gravada ao estandarte dos que, numa oportuna cruzada de acção pratica, querem refazer o equilibrio censitario do planeta, estrondosamente desfalcado com a ceifa da grande-guerra.

No velho mundo, pelo menos, o problema da repopulação é bem uma coisa seria — bem mais seria do que o decreto que acaba de crear o “Alto Conselho” e o Congresso que acaba de re-proclamar o “Tende filhos!”

Na Europa os Congressos são, aliás, muito differentes dos ajuntamentos americanos, pretextos de convescote internacional, ou de *viagem gorda* facilitada pelo Estado a nullidades risonhas e hem fadadas. Não ha ali dinheiro, nem tempo, a esbanjar com salamaleques e phraseologias.

Mesmo em Paris, que, apesar das mutações *post bellum*, continua a ser uma cidade amavel, especie de *demi-vierge* ao mesmo tempo usuraria e pródiga, mesmo em Paris ninguem perde tempo a ouvir promessas e reclamos. E é preferivel perder tempo a fazer *triolets* do que a lavrar decretos innocuos.

Por isso, — o decreto de fomento á Natalidade (*honny soit !*) não pode ser simples fórmula, simples theoria governamental. A iniciativa do governo é, aliás, tardia, e corresponde, reflexamente á iniciativa privada. . Em França, por exemplo, já existe uma Liga, afanada em provêr aos interesses nacionaes de amanhã, tanto que, preocupada com o alarmante decréscimo da *civitas*, adia, para quando houver tempo, as sessões congratulatorias e entra no terreno da propaganda e da acção immediata.

Um telegramma recente informa-nos que um joven francez endinheirado — o sr. Fernand Boverat — não acha meio mais nobre de empregar a fortuna do que esse de tornar realidade o renascimento da sua gente e da sua terra pelo combate, vivo e assiduo á insufficiencia de natalidade.

Para isso, adianta o telegramma, serão distribuidos cartazes — acalmem-se os scepticos ! — e, além dos cartazes, serão distribuidos premios e pensões aos casaes prolificos, na proporção de 60 francos por casal de mais de tres filhos, etc., etc.

Com as medidas tomadas, parece que “era uma vez a doutrina de Malthus”. O *tende filhos* vae ser um factio. O novo *forceps* maravilhoso é o velho argumento auro-sonante: o Dinheiro.

Bem assim que ha capitalistas que protegem a criação de galinhas de raça, teremos agora, na esphera humana, o proteccionismo ás gallinhas poedeiras.

Estou que será cumprido á risca o programma do Alto Conselho da Natalidade: não lhe ha de faltar a alliança da mulher franceza. E tudo se pode esperar da *petite-femme*, essa antiga boneca magica, essa voluvel heroina capaz de todos os milagres — capaz de incendiar Paris, para salvar o seu *apache* e capaz de incendiar o mundo, para salvar o seu Paris.

A proposito, por me referir eu com certa vibração a esses pequenos typos de heroínas e comediantes que são, ao mesmo tempo, o capim da *sociedade* humana e o cimento da *nacionalidade* franceza, perguntam-me, á queima-roupa, si ha identidade assignalavel entre a *petite-femme* parisiense e a “affectadinha” carioca, essa a que deslambidos chronistas, na sua meia-lingua de onanistas das idéas, chamam, não sei bem porque — “melindrosa” — termo que teve flagrancia e actualidade, applicado, quando o foi por um delles, homem de talento que, por displicencia, faz, tambem, mundanismos.

A’ indecisão da resposta, enfiam-me nova pergunta: si a mulher carioca é a synthese da mulher brasileira, na sua linhagem ethica.

De momento, fico engasgado. Seria melhor fazer-se uma *enquête*. A Quaresma é epoca de *enquêtes* carnavalescas. Não seja essa uma de menos...

Peço misericordia. Misericordia é como quem diz — *habeas-corpus* celestial. Peço *habeas-corpus*.

Prefiro ler ás noticias do “Tende filhos!” e das generosidades do sr. Boverat, o grande proteccionista da industria de carne e osso, o novo propugnador da “intensifique-se a cultura genesica”.

Que identidade descobrir entre a boneca franceza e a carioca? Do ponto de vista mimético, todas as mulheres do mundo são bonecas francezas. Principalmente, as brasileiras.

Do ponto de vista de certas possibilidades — as possibilidades de heroísmo e pundonor, nada tem a ver a mulher brasileira com o actual desengonçamento feminino do Rio — o almofadismo de ambos os sexos.

Nem se ha de comparar a *petite-femme*, a boneca de carne e osso, polvilhada de *esprit*, com a “affectadinha” improvisada, boneca de algodão e papelotes, polvilhada de *pó de arroz* falsificado.

O Rio, aliás, não é o que transparece das chroniquetas elegantes. Nem mesmo no conceito da elegancia e da belleza. Qualquer das nossas classes, qualquer dos nossos bairros são cheios de mulheres formosas e harmoniosas.

Ha, porém, uns dez ou doze nomes, muito discutíveis, que apparecem sempre e são uma especie de *stock* de garantia dos chronistas sem assumpto. São, em geral moças e rapazes *camouflés*, que querem forçar casamentos ricos e situações commodas e que, por necessidade de verosimilhança, acambulha com os seus nomes os de pessoas em destaque pela fortuna facil ou pelo brilho ephemero.

Todos sabemos e repetimos que o Lar “é a pedra angular da sociedade”. E’ um lugar-commum digno de entrar para as phrases feitas do positivismo, de tão exacto e immutavel que é.

Ora, essa gente que anda a se arvorar em *leader* da sociedade, não tem base no lar, — vive na rua.

O “instantaneo” das melindrosas é feito, á porta das lojas, dos *chás*, dos cinemas e, ás vezes, á porta das casas de tolerancia, algumas das quaes escapam dessa expressão por só tolerarem as coisas platonicamente.

Pois então essas meninas que não sabem escrever uma carta soffrível em nosso idioma e batem lingua destarreladamente em *argot* internacional; essas meninas que não sabem bater dois ovos para uma *omelette*, mas sabem bater no teclado a *valsa brune*, pois então, representam ellas a mulher brasileira, a admiravel mãe de familia, heroica, destemida, laboriosa e modesta?

Deixemol-as, as pequeninas *pierrettes* do permanente carnaval que é o nosso chamado *smart set*.

Deixemos que, contaminadas pela moda de cima, as proprias pretinhas cosineiras, em folga dominical, tomem ares de bonequitas importantes, recém-sahidas da caixa de papelão.

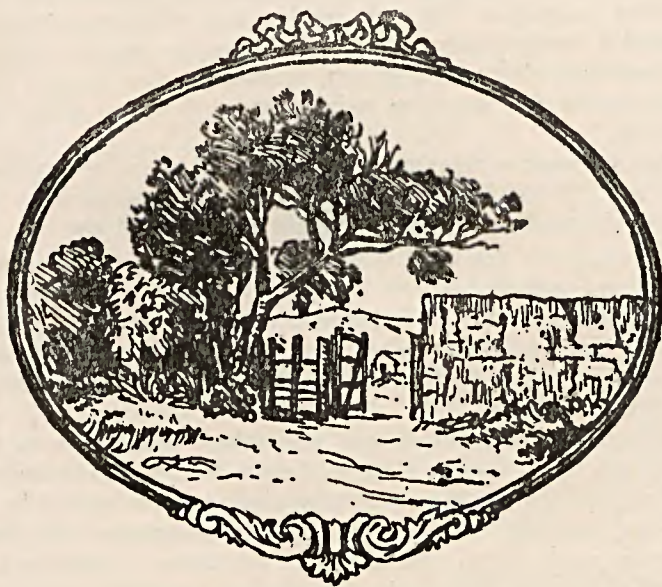
O Brasil é dos poucos paizes em que, no bom sentido, pode haver feminismo, porque ha mulheres: Mulheres — que se fazem para casar, e casam para proliferar.

Nos sertões, ha mães com quinze e vinte filhos, algumas com vinte e cinco... Ainda mesmo no littoral, uma mediazinha de seis a oito não é conta exaggerada.

Emquanto a França reclama, por decreto, mães de familia, nós creamos o melindrosissimo e renovamos, com meio seculo de atrazo, o genero *fanfrelouche*.

Mas o Brasil não é o Rio, nem o Rio é o "Alvear".

Fiquem-se os *manicures* da Arte e da Imprensa a cantar e encarecer o seu dedal de agua. O Brasil tem o oceano Atlantico...





ROMANCE BUCOLICO

S. GALEÃO COUTINHO

I

*Foi na simplicidade virgiliana
Destes montes que o tempo envelheceu,
Longe da turba hypocrita e profana,
Que o nosso amor, outr'ora, floresceu.*

*Nunca a mais leve sombra de tristeza
Nos enturvara os olhos sonhadores...
Occulto andava Deus na natureza,
Vigilante, a espreitar nossos amores.*

*Pelas devezas aromaes e rudes,
Despreocupada, sem temores vagos,
Ias colher á margem das paludes
As flores venenosas dos nyctagos.*

*Toda esplendias de lyrical frescura!
Para a minha visão sentimental
Era vestida d'ouro e seda pura
Que ias sempre ás missas do arraial.*

*Nem me viessem dizer os positivos
Que castellan não eras, suave e loira;
Que não viam, tambem, torreões altivos
Na tua humilde casa de lavoira.*

*Porque, ao grande em que eu vivia,
Ardente cavalleiro enamorado,
Na singeleza deste amor havia
O meu sonho de glorias realizado.*

*Eram-me encantos minimas frioleiras
Dos teus ingenuos modos e falar:
Lá na fonte, a ajudar as lavadeiras...
De roca e fuso, nos serões, a fiar...*

*E poeta, mas affeito ao duro trato
Dos campos, forte plano eu concebia:
Que o idealista julga-se sensato
Quanto mais entretece a phantasia.*

*Breve, as encostas onde só medrava
O matagal bravio, inutilmente,
Ostentariam, á soalheira flava,
A victoria da seara florescente.*

*Já então serias moça e, já-casados,
Daqui contemplariamos, nós dois,
Lá em baixo, na extensão dos verdes prados,
Serenos, a pastar, os nossos bois.*

*E que bom eu andar, o dia inteiro,
No moirejo da ceifa e do plantio,
Sem temer os rigores de janeiro
Quando é mais forte e causticante o estio.*

*Emquanto, na domestica simpleza,
Indifferente a vans tafularias,
Atarefada, a mil cuidados presa,
Do nosso-lar modesto cuidarias...*

*A recordar as primitivas eras
Das afoitas zagalas e zagaes,
Eu comporia, ao vir das primaveras,
Inspiradas canções e pastoraes.*

*E os meus versos seriam repetidos
Na melopéa triste dos amores,
Que sempre, á tarde, entoam, commovidos,
Os pobres e cansados lavradores.*

*Patriarchaes, morreriamos velhinhos.
Na calma destes rusticos logares
Resariam por nós todos os ninhos,
Teriamos a benção dos luares.*

II

*Tudo isso não foi mais que um desatino,
Inocuos idealismos, illusões...
Deu-nos contrarios rumos o Destino
Aos oppressos, afflictos corações.*

*Ao envez do que sonhara, esperançoso,
Rebanhos nos vergeis, verdes latadas,
Venho encontrar neste longinquo pouso
Terras incultas, desaproveitadas.*

*Nem meus olhos vislumbram, laboriosa,
Continuamente a trabalhar, a azenha;
A propria agua do arroio, rumorosa,
Não mais sobre o lagedo se despenha.*

*Volvendo agora o olhar pelas alturas,
Como por accrescer a minha dor,
Vejo as penhas mais hispidas e duras
E mais apavorante o seu negror.*

III

*Não sei que extranho philtro propinado
Me foi por mão perversa e mysteriosa,
Que a longes terras fui, a sós, levado,
D'outras chimeras a alma desejosa.*

*Foram-se os annos e hoje, nesta plaga,
Nem o vestigio dos teus pés existe...
Como sombra fatidica, presaga,
Na minha angustia, partirei mais triste.*

*Partirei sem saber onde encontrar-te,
Como quem vae de uma illusão empós,
A presentir teu vulto em toda a parte,
Em toda a parte ouvindo tua voz.*



AFRANIO PEIXOTO

POR

JACKSON DE FIGUEIREDO

II

Afranio Peixoto, ao entrar o templo das letras, já vem armado cavalleiro e é com os dêdos de ferro da sciencia que lhe bate ás portas de oiro.

De facto, seu nome apparece, pela primeira vez, chamando a attenção geral, sobre a capa de uma thése de doutoramento, mas esta que lhe sahe das mãos para o julgamento dos mestres, não é — vê-se logo — o agrupamento ridiculo de meia duzia de paginas mal traduzidas, sobre um assumpto qualquer. E' um livro em todo o rigor da palavra, um livro que não pôde ficar nas prateleiras de um Archivo de Faculdade. Mal se faz conhecido o seu trabalho sobre "Epilepsia e Crime" e já, pela recommendação das nossas maiores autoridades em tal materia, tem o joven scientistista renome compensador e editor para o livro (1).

(1) Prefaciam-no então Nina Rodrigues e Juliano Moreira e este assim fala do successo obtido pelo novel scientistista: "Da primeira tiragem desta monographia, exemplares foram enviados a varios scientististas do velho mundo. De lá não se fez tardar ao auctor a salutar incitação a novos empreendimentos. O sa'bio professor Enrico Morselli, director da clinica psiquiatrica de Genova, Benedikt, o emérito professor de neuropathologia em Vienna, Ch. Feré, o illustre medico da *Bicêtre*, Lacassagne, o notavel professor de medicina legal, Gabriel Tarde, o emerito jurista, Jules Christian, medico de *Charenton*, Charlin, do *Salpêtrière*, Ed. Toulouse de *Villejuif*, Miguel Bomharda, professor em Lisboa e director do hospital de Rilhafolles, enviaram ao Dr. Afranio Peixoto autographos que o honram. O Professor Clovis Bevilacqua, os Drs. Franco da Rocha e Viveiros de Castro tambem não lhe regateiaram louvôres. Este ultimo em uma excellente sentença publicada no "Jornal do Commercio" encomiou este estudo fundamentando razões em trechos daqui extrahidos". Pref. de "Epilepsia e Crime", pag. III — Bahia — Oliveira & Comp. Ed. 1898.

Dahi em deante, sente-se que todo o esforço de Afranio Peixoto se fixou no desejo de dar ao Brasil um verdadeiro Tratado de Medicina Social, de que "Epilepsia e Crime" e outras monographias como "A herança do adulterio" (tambem de 1898) e "Thanatoscopia Judiciaria" (1901) não são mais do que dados esparsos do estudo dos males sociaes, estudo que, evidentemente, devia ser feito para que se firmasse a autoridade de quem desejava apontar meios de cura.

A mim não me cabe julgar destes livros a parte puramente scientifica (pois o meu diletantismo a tanto não se affoita) senão as ideas resultantes das falhas de um systema materialista, de que o autor não percebe o illogismo.

Se além do ataque convulsivo outros signaes evidenciam a existencia do mal sagrado, se multiplica, se una a epilepsia, se degeneração, se molestia, quaes as suas causas mecanicas provocadoras, se o genio desaparece ou não sob a acção progressiva do mal, se Lombroso teve ou não razão na sua milionesima these, casando a epilepsia ao crime nada disto me interessa, de facto. São problemas que quase só se ligam á parte exterior da psychologia e, ao ultimo delles, no que contem de intenção materialista, dá o proprio Afranio golpe decisivo.

Interessa-me muito mais a verificação de que Afranio Peixoto, por isto mesmo que escolheu, em tal epoca da sua vida, semelhante these para a sua meditação, dava sem querer, sobre a escarninha face da vida, o traço definitivo da sua personalidade de imaginativo por excellencia.

De facto, nenhuma das realidades do mundo, que não seja o amor, aliás tão de mistura sempre com o crime (1), mais do que este fere a imaginação e é causa de espantosos momentos em que a vida interior acolhe todas as côres do inferno e é varrida pelas chammas furiosas de hallucinações sobre hallucinações. Terrivel circulo este em que debate a consciencia, entre o relevo do criminoso, desafiando natureza e leis, com o seu mysterio, e a fragilidade de nosso juizo.

Uma penitenciaria resume tão poderosamente as feições infinitamente diversas da vida, que a sua só presença deante de uma consciencia viva será sempre motivo que explique a loucura. Um homem preso, encarcerado, temido de outros homens, como se fôra

(1) "L'amour qui tient une si grande place dans la vie et dans la litterature, en occupe une de plus en plus considerable dans les affaires criminelles et dans la statistique des suicides. Pendant que les romanciers et les poetes celebrent les vertus et les beautés de l'amour, les magistrats chaque jour les bonts, les desesperés, de fous et d'assassins; il n'est pas qui conduise autant de malheureux et de coupables á la Morgue, á l'asile d'aliénés et á la cour d'assises" L. Proal — *Le crime et le suicide passionnels*.

um animal selvagem, veste toda a nossa miseria, não a sua somente, mas até a daquelle mesmo a que não chega o echo de seu soffrimento. A grande sombra de nosso mysterio, do mysterio que somos sobre a face da terra, d'elle deriva como deriva do coração de um santo, d'elle, do mais rude, do mais cynico, do mais temivel dos condemnados, distendendo-se sobre a terra de pólo a pólo e alcançando-nos a todos.

Eis porque a philanthropia de uns e o sentimento juridico de outros, nos agitados dias que antecederam e succederam á Revolução Franceza, foram buscar no fundo das prisões motivos de gloria e de maiores dores para o coração atormentado do homem.

Rousseau lançara já o germen, inquietante do romantismo, e o imperialismo deste, digamos assim, a paixão substituindo a theoria, passando pouco a pouco por cima de todo bom senso, acabou por dominar tambem a sciencia, em todas as suas ramificações. O romantismo scientifico foi somente mais tardio e, assim como o outro, ainda resiste ás investidas da critica, apesar de lhe não ser favoravel o terreno em que, inexplicavelmente, se implantou. A antropologia, por exemplo, agitada por tal espirito, maximé nos dominios de excepção, deu mostras das mais ridiculas ensenações possiveis de imaginar. Dentro della, o tumulto foi igual (senão maior) ao que notou Afranio Peixoto no seio da Hygiene (1).

Quem recebeu dar tal ou qual origem ao homem, quem não buscou ligar o proprio nome a um qualquer fundamento da sociedade? Então, nos dominios de excepção, como disse, nos dominios da genialidade, do crime, da loucura, teve o homem interpretes taes e tantos que já não é mais possivel enumeral-os. Simão Bacamarte que Machado de Assis encarcerou em Itaguahy foi, de facto, em certo momento, um typo universal.

Do que dizia respeito ao crime, facil foi esquecer-se que a miseria não é só do criminoso mas do homem em geral, e no afan de proteger-se aquelle, chegou-se, por fim, a desculpal-o e até justifical-o, tudo isto em nome da sciencia a quem cabia tudo resolver neste mundo. Reformadores accorriam de todos os lados e o philanthropismo scientifico poudo chegar a taes extremos de carinho pelo homem que ferira a sociedade e por ella fôra repellido, que Carlyle, um romantico, aliás, porem de feição mais rude e

(1) "Com o advento da era pastoreana — diz Afranio — a causa-germen se estabeleceu com uma notavel precisão, dando á Higiene as suas primeiras noções scientificas. Em campo tão fértil e de tantas seduções o exagero era facil: no laboratorio o ponto de honra era descobrir, ao menos, um micróbio novo, na clinica era inventar uma doença desconhecida. O *bacteriologismo* foi moda, uma transição, como outras... O solo, a agoa, o ar... tudo tinha um aspecto calamitoso, recheiado de bactérias, contados, cultivados, classificados, colleccionados, possibilidades de perigo, senão ameaças ou já aggressões, por toda parte..." (V. *Higiene* 2.ª edição pag. 8).

verdadeira, não se conteve que não protestasse, pugnando em favor do sofrimento maior que estava fóra das cadeias, mais desprotegido do que dentro dellas... Puis Malherbe vint... veio o diluvio, como dizia o bom velho Mello Moraes, isto é, veio Lombroso e á sua arca tantos foram os anthropologos, os sociologos, de todos os matizes, que o crime, no meio delles, perdeu para sempre talvez a sua physionomia repugnante, passando a ser ephebo maravilhoso, cuja filiação se ignora e uns dizem ser filho da lua, outros do sol e até ha quem o faça neto da Justiça.

Afranio Peixoto, aqui, nestes brazis, tambem colheu seu ramo de esperança e partiu em busca de Noé.

Não supportou muito tempo a bebedeira do patriarcha, mas se enfeitou tambem com as folhas do parreiral do velho sabio... Depois sahiu em companhia de outros, criticando-lhe os modos desabusados, sem reparar, porem, que aquella teimosia de "generalisar catalogações de minudencias", tambem lhe ficara como véso do espirito. A paixão materialista se lhe entranhara no coração, e é muito pouco a ambição do materialista deante da verdade. Basta-lhe parecer original... Assim, Afranio Peixoto, que nos dominios da pura sciencia, pudera verificar que, no epileptico, não se apaga, de todo a consciencia, mesmo sob o guante mais pesado da crise — facto este que só pode dar força ás theorias espiritualistas — tem no seu primeiro livro, como idéa defensavel, a da normalidade do criminoso, a que Albretch e Hamon tambem, se não me engana, já haviam dado fóros de cousa digna de ser ouvida e discutida.

Para chegar a esta asserção, ferido o bom senso, de modo tão impiedoso, se comprehende que o espirito não se cance em malabarismos, que lhe salvem o desejo de originalidade, e a differença estabelecida por Afranio Peixoto entre normalidade biologica e normalidade sociologica, deixa no ar quem interrogue o porque em taes dominios os mesmos factos têm caracteres diversos, o porque taes dominios, elles proprios, entre si se differençaram e se destacaram do fundo nebuloso da vida. Claro é que, para um evolucionista, taes problemas deveriam ter importancia capital.

Idéa de character muito mais serio e mais digna de ser analysada é, com certeza, a que expõe Afranio Peixoto na monographia "Herança do adulterio", — a herança social, idea a que Pio Viazzi, nos *Archivos de Lombroso*, em 1899, chamou genial.

De facto, posto de lado o *jargon* materialista, sociologico, se a verdadeira philosophia, baseada no dogma da queda, não póde desconhecer os phenomenos de hereditariedade biologica (1), nem

1) Mercier — *Cours de philosophie*, vol. III — *Psychologie* t. I *Exposé du naturalisme vitaliste des scolastiques* — *Confirmation de la conception finaliste de la vie.*



tambem a influencia do meio, que predispõe (1), nem tambem a mesma influencia do temperamento sobre o character (2), não ha duvida que pôde ser discutida a idéa de uma herança social, em que, aliás, não fiquem esquecidos os casos de excepção, ou da reacção da livre vontade do homem. Em um meio familiar, absolutamente pervertido, é bem possivel que as gerações se succedam pervertidas, afundadas no mal, mas não impossivel a excepção gloriosa, que faz o heroismo ou o romance obscuro de uma alma. E o caso opposto da maldade que, repentinamente, se desenvolve em um meio que lhe é desfavoravel tambem não falta.

A verdade é que são, ante a razão, mysteriosas as leis que regem os nossos destinos, como é mysteriosa a nossa origem.

A fé somente nos illumina e nos dá a intuição do plano divino em que nos desenvolvemos. Um determinista, um materialista, como Afranio Peixoto o era, só tem dos factos uma visão toda exterior e descontinua. Palavra insuspeitissima é a de Haeckel neste caso: "Os naturistas da eschola exclusivamente empirica, dominados por uma estranha illusão, lisonjêam-se de poder construir o edificio inteiro da historia natural com factos isolados, sem os ligar philosophicamente entre si, e com simples noções isoladas, sem lhes perceber o sentido.

Sem duvida, todo systema puramente especulativo, absolutamente philosophico, que não se basêa no fundamento inabalavel dos factos empiricos, é um mero castello de cartas, que a primeira experiencia lançará por terra; mas tambem toda obra scientifica, puramente empirica, composta unicamente de factos, será, quando muito, um montão de pedras, nunca um edificio. Os factos são por si *aridos* e, como os apresenta a experiencia, são apenas materiaes grosseiros; se não forem fecundados pelo pensamento e ligados pela philosophia, nunca poderão constituir uma sciencia... um lamentavel antagonismo entre as sciencias naturaes e a philosophia, um empirismo grosseiro, que a maior parte dos naturalistas contemporaneos desgraçadamente proclama como *sciencia exacta* — taes são as causas de tantas e tão grandes faltas de logica, e da impotencia absoluta para tirar dos factos as conclusões mais elementares..." (3).

Haeckel é dos que erram por muito serem em si proprios mas, ao menos, reconhece que nem tudo, em materia de conhecimento, é accumular factos sobre factos.

1) Sortais — *Traité de philosophie* — t. I — *Psychologie experimentale*, 470.

2) Sortais — Obr. cit. 560 — Th. Sinibaldi — *Elementos de philosophia* — II — 164 n.

3) *Hist. de la creation* — *Inconvenients de l'empirisme*.

Quando se desconhece a natureza livre do homem, taes factos pesam sobre as theorias particulares, afundando-as no erro mais grosseiro. Nada mais logico, realmente, que ser levado um determinista a dar o criminoso como homem normal, isto é, como um puro organismo que como "a immensa maioria dos organismos destroe, pilha, assassina e faz em uma palavra, tudo o que sabe e póde fazer por seu proprio proveito e beneficio sem cuidar de que o que faz é nocivo ou pernicioso para os outros organismos que o cercam".

Afranio Peixoto não generalisa tanto e tem mais pudor o seu materialismo, mas, é, por isto mesmo, illogico. Mais logico é, sem duvida, o proprio Albrecht, sujeitando tudo ao conceito da lei biologica, materialista.

Se o proprio Afranio apresenta o criminoso como um typo natural (1), que importa que haja outros typos naturaes não criminosos? Como reconhecer entre elles superioridade? Esta, terão aquelles que, obedecendo á lei natural da selecção, mais se fizerem valer sobre a face da terra, e ninguem poderá dizer que a humanidade actual não é mesmo o conjuncto de seres criminosos já vencedores em grande parte e em breve, talvez, totalmente victoriosos na lucta contra typos naturaes mais delicados...

Saia deste circulo quem quiser, ou melhor, quem pudér e vá espiar de cima do Corcovado que fazem na praça publica codigos, leis, moralidades e bons sensos... Cuidado, que não caia lá de cima.

(Continúa).

1) Epilepsia e Crime — 80.



ESTUDOS DA LINGUA PORTUGUÊSA

POR

FRANCISCO ASSIS CINTRA

1) UM PSEUDO-BRASILEIRISMO

Dizem os grammaticos da lingua portugûesa que a expressão *VI ELLE* é um brasileirismo. E que é brasileirismo? Apprendamos o ensinamento dum grande mestre:

— “*Brasileirismos são termos e phrases peculiares ao portuguez fallado no Brasil*”. (Ed. Carlos Pereira, *Gram. Exp.*, 1918, pg. 264).

E o mestre, entre os exemplos, cita esse — *VI ELLE*. Essa expressão, entretanto, não é um brasileirismo, embora seja apontada como tal por todos os grammaticos de nossa lingua. Foi empregada por escriptores notaveis de Portugal, anteriores e contemporaneos ao descobrimento do Brasil.

O uso do pronome *elle* como completamente directo não é uma criação viciosa do povo brasileiro, como informam os grammaticos d'aquem e d'além mar. As obras mais notaveis da idade pre-classica (1200-1520) são as *Chronicas de d. Pedro, de d. João e de d. Fernando*, escriptas por Fernão Lopes. E para que se não diga que esse escriptor foi um obscuro, cujo depoimento carece de valor, aqui reproduzimos o juizo que, a seu respeito, formularam tres illustres criticos, de nacionalidades differentes: o brasileense João Ribeiro, o portugûes Francisco de Almeida e o francês Ferdinand Denis.

Diz o primeiro que a figura de maior realce da idade pre-classica da litteratura portugûesa é Fernão Lopes, “o verdadeiro criador da prosa e do estyo da Historia em Portugal”.

Assevera o segundo que Fernão Lopes não foi sómente um optimo escriptor portugûes, mas tambem um dos mais illustres historiadores da idade média.

Proclama o terceiro que o auctor da Chronica de D. João I, além de mestre respeitavel de sua lingua, foi “un historien véritablement supérieur à son siècle”.

Vejamos, agora, os exemplos desse admiravel escriptor antigo, cuja fama transpoz as raias das terras portuguezas, impressionando criticos illustres da França. Por essas transcripções, obteremos a prova flagrante e irrecusavel de que, em absoluto, os grammaticos de Portugal e do Brasil carecem de razão para ensinar que — *o emprego do pronome elle como complemento directo é um brasileirismo, vicio de lingoagem nascido no Brasil.*

Si dizemos *VI ELLE* e outras expressões equivalentes, para a analyse, nada mais fazemos que repetir um velho lusitanismo. *Brasileirismo* é que não. Os primeiros portuguezes, os primeiros colonos aqui aportados, certamente usavam essa expressão. E os caipiras, seus descendentes, ainda hoje a repetem. Tal syntaxe, aliás permittida no latim, conforme vimos em Arnobius e nas numerosas transcripções da *Portugaliae Monumenta Historica* (por Herculano) e *Espanña Sagrada* (por Flôres) foi proscripta no fallar portuguez após a publicação das primeiras grammaticas de nossa lingua: a de Fernão de Oliveira (1536) e a de João de Barros (1540).

Esses dois grammaticographos, que são os mais antigos da lingua camoniana, reduziram os pronomes *elle* e *ella* ao caso recto sómente, tirando-lhes, portanto, a faculdade de serem complemento, como no latim.

Dos muitos exemplos encontrados nas obras de Fernão Lopes, aqui apresentamos os seguintes:

1) — E el-rei, sabendo isto, houve mui grande pesar e deitou-o logo fóra de sua mercê por sempre, e *degradou elle e os filhos* a dez leguas de onde quer que elle fosse”. (Fernão Lopes, Chronica de d. Pedro I, cap. V, pg. 28, ed. Luciano).

2) — E ás horas que o infante veiu foi recebido por uma mulher de sua casa, e levado escusamente onde d. Maria estava; e elle, quando entrou, *viu ella* e seus corrigementos assim dispostos para o receber por hospede que parecia que cada corrigento o rogava que ficasse alli aquella noite”. (Id., Chronica de d. Fernando, cap. 100, pg. 141, ed. Luc.).

3 — “E mestre D. Martin Eannes veiu alli olhar como ia a hoste, trazendo já comsigo muitos máis do que dantes trouvera, e *nomeamos elle*, mais que nenhum dos outros, porque elle, principalmente, era o que fazia fazer estas esporadas”. (Id., Chronica de d. João I, parte 2.ª, vol. V, pg. 7, cap. 55).

E, como esses, muitos outros exemplos poderíamos citar. Ora, Fernão Lopes morreu em 1460, quasi meio seculo antes do descobrimento do Brasil. Si elle escreveu — *viu ella, nomeamos elle* e outras phrases syntacticamente equivalentes, foi, certamente, porque esse modo de dizer era, em seu tempo, corrente em Portugal. Nos *Cancioneiros*, na *Demanda do Graal* e no *Amadis* os exemplos tambem são abundantes, Entretanto foram escriptos dois seculos antes do descobrimento do Brasil! E si o povo e os escriptores portuguezes, anteriormente a 1500, usavam a expressão *vi elle*, é claro que isso não é um brasileirismo e sim, podemos dizer-lo, um legitimo lusitanismo, trazido para o Brasil. Tal é a verdade,

E quem duvidar que manuseie as obras de Lopes, esse *encantador escrivão do rei d. Duarte*, no dizer de Luciano Cordeiro: esse *paê da Historia Portuguesa*, no expressar de Alexandre Herculano; esse *homem de descomunal sciencia e auctoridade*, no juizar de Gomes de Azurara.

2) EPOCHA OU EPOCA?

O grego *epokhe* deu ao latim classico o termo *epocha*. A letra *h* ainda encontra adversarios em certos grammaticos, principalmente alemães, que se obstinam em não a reconhecer como verdadeira letra. Realmente, o *h* é mais um simples signal do que uma letra. Qual o seu som? Não se explica. Apposto a uma outra letra elle lhe imprime um som guttural. Vorepierre diz que é um simples signal etymologico ou um signal alphabetico auxiliar. No alphabeto grego primitivo nunca, realmente, o representavam na aspiração e sim, exactamente, como excepcional articulação guttural. Mais tarde, pensaram os grammaticos gregos na criação dum symbolo do espirito rude e então recorreram ao *h* para tal fim. E como representasse dois *e e* breves deram-lhe o nome de *eta*. Essa transformação do *h*, de mero signal a letra, foi attribuido por Plinio ao poeta Simonide no anno 448 antes de Christo. Diversas inscrições provam ainda que antes da invenção da letra grega *psi* e do *X* os gregos representavam essas consoantes por meio do *pi* e do *kappa*, seguidos de *h*. Os latinos a principio conservaram a letra *h* como consoante guttural. Depois foram, aos poucos, transformando o *h* em outras consoantes (*septem* de *hepta*, *serpo* de *herpo*, etc.). A ultima tendencia latina foi pela eliminação do *h* nas palavras em que se não fizesse a aspiração, como, por exemplo, em *epoca*, *caro*, *carta*, *escola*, que se encontram com *h* no latim classico (epocha, charo, charta, eschola) e sem *h* no baixo latim e no latim popular. Consulte-se, a respeito, o *Mediae et Infinae Latinitatis*, de Du-Cange, e o *Thesaurus Inscriptio-num*, de Gruter.

Diz Dupiney de Vorepierre que os latinos "dans beaucoup mots qu'ils écrivaient dans le principe avec le signe d'aspiration H, ils prirent l'habitude de le supprimer". (Encyclopedie, vol. II, pg. 95). E cita, como exemplo, a palavra *arupe-x*, que os classicos latinos escreviam *harupe-x*.

Na *Espanha Sagrada*, de Flores, ha muitas passagens latinas em que se encontram epocha, carta, escola, caro, sem *h*.

Si no latim classico já havia a tendencia para a elliminação do *h* ou para a transformação em outra consoante, si no latim barbaro encontramos o *h* elliminatório em palavras como *carta*, *caro*, *escola*, *epocha*, porque o conservarmos em português?

Demais, o *chi* (*X*) grego que entra nessas palavras tem como unicos equivalentes o *c* ou o *k* do português. E' um som aspero, que nem o *c*, nem o *k* representam.



Nem tampouco o *ch*. Escreva-se, epoca (sem h) e epocha (com h). Mande-se qualquer letrado lêr ambas as graphias e elle as lerá do mesmíssimo modo: *epoca*, sem aspiração alguma. Assim, esse *ch* é inexpressivo no caso vertente. E, por tanto, não deve subsistir.

Pelo exposto, concluímos que o correcto é *epoca*, sem *h*, bem como carta, escola, caro, e não charta, charo, eschola. Quem escrever *epocha* com *h*, escreverá, por coherencia, charta, charo, eschola.

3) SARACENOS OU SARRACENOS?

O dictionario Aulete ensina que a palavra sarraceno origina-se do vocabulo *scharkin* (oriental). E a escreve com dois *r*. Nada mais disparatado... Tal affirmação é até ridicula. O vocabulo sarraceno, explica José Assemani na dissertação *De Arabum Origine* (fim do tomo XVIII da Historia Bysantina), derivou-se de Saraça, terra da Arabia, donde surgiram os primeiros conquistdores arabes. A formação da palavra se fez com o suffixo da baixa latinidade *enus* que entrou na constituição de quasi todas as lingoas europças. Deu-se, pela syncope, a queda do *a*: Saraça + *enus* = *saraçenus* = *saracenos*.

O *r* não pôde, nem deve ser pronunciado asperamente. E assim, o correcto é escrever-se e dizer-se *saracenos* e não *sarracenos*, como o dictionario Aulete registrou erradamente. O termo *scharkin* é que não gerou *sarracenos*.

Leoni, no Gcnio da Lingoa, 1858, vol. I, pg. 89, reconta a origem da palavra, consoante o *De Arabum Origine*.

4) MATTO E MATTA OU MATO E MATA?

Mato e mata originam-se do germanico. No fallar dos godos havia o vocabulo *maît* que significava cousa inculta, espessa, basta. A um fogo de chammass largas, movediças, altas, diziam os godos e visigodos: *bras-maît*. Quando queriam exprimir a acção de enredar, diziam — *maïten* (appondo o suffixo verbal *en*). Para exprimir o contrario, isto é, desbatar, diziam — *maïtan* (appondo o suffixo verbal privativo *an*).

Assim, tanto *mato* como *mata* apenas tem um *t*, porque se derivam do gothico *maît*, observando-se a queda do *i* medio pela syncope e o acrescimo da terminação substantiva *o*, *a*.

$$\text{gothico — maît} \left\{ \begin{array}{l} \text{mat} = \text{mat} + \text{o} = \text{mato} \\ \text{mat} = \text{mat} + \text{a} = \text{mata} \end{array} \right.$$

No latim barbaro já se encontra, de proveniencia gothica, a palavra escripta com um só *t*, como se poderá verificar no vol. I, pg. 374, da *Por-*

tugaliae Monumenta Historica, numa doação de Affonso Henriques:

— “et intra in illa aqua de ladeia usque iso illo ulmar et fert in mata furata.

5) CHAMEI-O SABIO OU CHAMEI-LHE SABIO?

O correcto é *chamei-lhe sabio*. O verbo chamar, no sentido de appellar, foi empregado pelos classicos como intransitivo. Vem do latim *clamare*, mudando-se o *cl* em *ch*, como em *clavis* que gerou o português *chave*. No sentido de fallar para alguém vir, é transitivo:

— Chama o rei os senhores a conselho

E propõe-lhe as figuras da visão.

(Camões, *Lusiadas*, IV, 76).

No sentido de appellar ou dar nome é intransitivo:

— “Avia hum corregedor da côrte a que chamavam Lourenço Gonçalves”. (Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro I*, cap. 8).

— “E elle se soltou entom contra El Rei em desonestas e feas palavras, chamando-lhe treedor”. (Id., id. cap. 31).

— “Pozerom o dito arcebispo na cadeira chamando-lhe Urbano sexto”. (Id., *Chronica de D. Fernando*, cap. 107)..

— “A ella chamavam Maria”,

— “E ao pastor Chrisfal (Obras de Christovão Falcão, 1871, vol. I, pg. 1).

— “Eu sou aquelle occulto e grande Cabo,

A quem chamaes vós outros Tormentario”. (Camões, V, 50).

— “Vivia por estes tempos em Lisbôa hum dos nobres do Reino, de aquella ordem a quem os portugêses chamam Fidalgos”. (Francisco Manoel de Mello, *Epanaphoras*, pg. 8).

Diremos, pois: *chamei-lhe burro, sabio, feio, bonito, bom, máo, etc.*

6) EU ME PARECE...

Alguém, certa vez, inquinou de feia erronía a phrase: — *eu me parece que acertei*. Entretanto, o conhecedor do vernaculo não encontrará erro em tal proposição e sim um bellissimo *semitismo*. A lingua hebraica permite esse modo de dizer e quiça pela influencia judaica em Portugal ganhou a expressão fóros litterarios no fallar português.

Latino Coelho (Elogios Academicos, vol. I, pag. 56-60), *Julio Ribeiro* (Grammatica, 1.º ed., pg. 257, n.º 457), *Candido de Figueiredo* (Lições Practicas, vol. I, pg. 124), *Ruy Barbosa* (Replica, pg. 65, nota), *João Ribeiro* (Grammatica, 1904, curso superior, pg. 212) entendem que o *semitismo* constitue uma belleza da lingua portugêsa. Perfilhou-o duplamente o povo e acceitaram-no os classicos. Bluteau, em seu magnifico *Vocabulario*, que foi a fonte pura dos vocabularios modernos, transcreve varios bro-

cardos populares, nos quaes, patentemente, surge o semitismo. Entre os muitos exemplos classicos colhidos, aqui apresentamos os seguintes que, em vernaculo, são como ouro de lei:

1) — “*Eu de hũa parte parece-me graça a sua opinião*”. (*Jorge Ferreira, Eufrosina, act. IV, sc. 1*).

2 — “*Eu que cair não pude neste engano
Encheram-me com grandes abundanças
O peito de desejos e esperanças*”. (*Camões, Lusíadas, canto II, est. 54*).

3) — “*Nós, o restante do mundo, é-nos licito não reconhecer...*” (*Castilho, Colloquios, pg. XI*).

4) — “*Ora, eu parece-me que desta sentença não ha sensatamente recurso*” (*Ruy Barbosa, Replica, pg. 64, n.º 36*).

Exemplos como esses encontram-se fartamente na livraria classica. Podem sêr centuplicados. Em virtude do exposto, concluímos que é correctissima a expressão: — *eu me parece que acertei*.



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



W.

ARTHUR JACEGUAY

Successor de Teixeira de Mello na cadeira n. 6, eleito a 28 de Setembro de 1907, tomou posse em 9 de Novembro do mesmo anno, sendo recebido por Affonso Arinos. Nasceu a 26 de Maio de 1843, em S. Paulo e falleceu no Rio de Janeiro a 6 de Junho de 1914.

Bibliographia

1 ORGANISAÇÃO NAVAL — artigos — 369 paginas, Rio, Typ. Leuzinger, 1896.

2 O DEVER DO MOMENTO — carta a Joaquim Nabuco — 56 pgs. Rio, Typ. Leuzinger 1897.

3 QUATRO SECULOS DE ACTIVIDADE MARITIMA — (Portugal e Brasil) — 258 pags. Rio, Imprensa Nacional — 1900.

4 MARINHA — memoria inserta no Livro do Centenario pags. 71 a 147 do 2.º vol. — Rio, Imprensa Nacional — 1901.

5 ENSAIO HISTORICO SOBRE A GENESIS E DESENVOLVIMENTO DA MARINHA BRASILEIRA (é a edição em separado da memoria do livro do Centenario) — 207 pags. Rio, Typ. Leuzinger, 1903.

6 DE ASPIRANTE A ALMIRANTE — memorias — 5 vols. — 610, 404, 481, 598 e 300 pags. — Rio, Typ. do "Jornal do Commercio", 1909, 1910, 1913, 1917 e 1906.

Escreveu no *Correio Mercantil* onde publicou a correspondencia, quando em viagem de instrucção na corveta Bahiana, aos 18 annos de idade; No *Jornal do Commercio*; em *O Paiz*; na *Revista Maritima Brasileira*; na *Revista Brasileira* (3.ª phase): A nossa marinha de guerra, tomo VI pag. 268; A primeira missão brasileira á China, tomo XII pags. 74, 169, 193; na *Revista da Academia Brasileira de Letras*: discurso de entrada, n.º 5, pag. 97; no *Almanack Garnier* (1908): Batalha naval de Riachuelo.

Fontes para o estudo crítico

- 1 *Arthur Jaceguay* — De aspirante a almirante — Discurso em o n.º 5 da Revista da Academia B. de Letras.
- 2 *Affonso Arinos* — Discurso de recepção n.º 5, Revista da Academia.
- 3 *José Verissimo* — Estudos de litteratura brasileira, vol. III, pag. 115 — Revista Litteraria do Jornal do Commercio de 28 -1-907.
- 4 *Victor Orban* — Littérature brésilienne, pag. 341.
- 5 *Pereira de Carvalho* — Os membros da Academia Brasileira em 1915.
- 6 *G. P.* — Revista Brasileira — Bibliographia, tomo XI, pag. 187.
- 7 *Goulart de Andrade* — Discurso na Academia (elogio) — Revista Americana.

Noticia biographica e subsidios para um estudo crítico

O primeiro capitulo do volume I "De aspirante a almirante" é a copia da fé de officio de Arthur Jaceguay, cujo nome de familia era Arthur Silveira da Motta.

Filho legitimo do senador Conselheiro José Ignacio Silveira da Motta, nasceu na antiga provincia de S. Paulo e, agraciado com o titulo de Barão de Jaceguay, mudou o nome no fim da existencia.

Não se coaduna com o caracter destas ligeiras noticias a reproducção dos factos e episodios mencionados em sua fé de officio. Esse genero de biographia é detalhado em demasia, chegando a minucias que destoariam do caracter de esforços traçados com referencia a escriptores civis.

Satisfeitas as exigencias legais, Arthur Silveira da Motta teve praça de aspirante a guarda-marinha no dia 4 de Março de 1858.

Concluiu o curso de official de marinha em fins de 1861 e emprehendeu algumas viagens de instrucção. Em 1863 foi nomeado professor de hydrographia a bordo da corveta Bahiana.

Tomou parte, como official da conhoeira Mearim, no bloqueio do porto do Salto Oriental e foi, no posto de 1.º tenente, secretario e ajudante de ordens do Almirante Tamandaré, commandante das forças navaes em operações no Rio da Prata, 1865. Em 1867, como capitão-tenente, foi nomeado commandante do encouraçado Barroso e distinguiu-se em varios combates, revelando competencia e bravura, o que lhe valeu nova promoção.

Desempenhou, terminada a guerra do Paraguay, muitas commissões importantes, com o posto de capitão de mar e guerra, e recebeu medalhas e condecorações.

No anno de 1880 foi encarregado de uma missão diplomatica perante a China e dous annos mais tarde foi-lhe concedido o titulo de conselheiro.

Por decreto de 3 de março de 1883, depois de exercer varios cargos

militares, foi promovido ao posto de chefe de esquadra e no anno immediato foi agraciado com o titulo de Barão de Jaceguay. Attingiu ao posto de almirante a 8 de Outubro de 1902.

Falleceu em 1914, aos 71 annos de idade, deixando um nome glorioso na carreira militar onde se impoz como valente nas batalhas do Paraguay, como official de rara competencia e muito tirocinio.

A fé de officio do militar abrange 50 paginas do livro mencionado.

A sua eleição para a Academia de Letras onde conseguiu 23 votos, foi uma homenagem prestada ao bravo militar e ao patriota, prevalecendo o criterio de se permittir a representação de varias classes sociaes e de se render um preito de honra aos mais elevados expoentes das profissões intellectuaes do paiz. Não foram os seus meritos de escriptor nem os serviços prestados á litteratura nacional que lhe abriram as portas da Academia, como successor de Teixeira de Mello.

Tudo o que elle escreveu: livros, memorias, cartas e artigos; assumptos concernentes á historia naval e á technica militar; tudo está encerrado na obra a que denominou "Minha fé de officio documentada", como sub-epigraphe do titulo principal "De aspirante a almirante", de cinco alentados volumes.

O primeiro encerra, alem da fé de officio de onde extrahi os dados biographicos, o relatorio do professor de hydrographia (1863-64), o diario da campanha oriental do Uruguay (1864-65), o *fac-simile* de autographos de personagens notaveis na guerra do Paraguay, as cartas que recebeu e escreveu (1865-66), o extracto de um diario e as ordens e boletins de varios generaes.

O segundo contem as occurrencias durante o periodo de 1867 a 1870, em que o autor exerceu commando de alguns navios de guerra; a poesia "Primus inter pares" que José Bonifacio dedicou ao joven official, heroe da guerra; as cartas que lhe dirigiram varios amigos, os seus retratos em differentes épocas e algumas outras curiosidades.

O terceiro abrange a recordação do seu casamento; os artigos que publicou no "Jornal do Commercio" sobre a lei de promoções da armada; tres conferencias sobre artilharia raiada, bem como os artigos de imprensa por ellas motivados; *fac simile* de autographos de brasileiros illustres; o commentario sobre a commissão hydrographica no Prata e as cartas que lhe escreveram de 1867 a 1874.

O quarto reúne a carta a Joaquim Nabuco — "O dever do momento" —, antes publicada em folheto e no *Jornal do Commercio* (1897); "Organisação naval", collecção de artigos publicados na *Revista Brasileira* e no *Jornal do Commercio* (1896), tambem divulgada em volume; "A primeira missão brasileira á China", publicado antes na *Revista Brasileira* (1897); "Guerra do Paraguay", reflexões criticas sobre as operações combinadas da esquadra brasileira e exercito alliado (1900), parte integrante do livro; "Quatro seculos de actividade maritima"; e o projecto de tratado do Vice-rei Li-Hung-Chang.

O quinto, finalmente, collige "Duas questões de organização naval", artigos publicados no *Jornal do Commercio* e *Revista Maritima* e reunidos em folheto de restricta edição (100 exemplares); os trabalhos impressos na *Revista Maritima* nos annos de 1897, 1899 e 1900; diversas publicações em *O Paiz* e no *Jornal do Commercio*; e o ensaio historico "Formação da armada brasileira até o fim do seculo XIX", memoria publicada no Livro do Centenario, em collaboração com Carlos Vidal de Oliveira Freitas, sob o titulo "Marinha", e depois editada no volume "Ensaios historicos sobre a genesis e desenvolvimento da armada brasileira até o fim do seculo XIX".

A sua obra é, como se vê, especializada e inteiramente consagrada a assumptos navaes.

A collectanea "De aspirante a almirante" não tem o sabor das memorias que legam á posteridade muitos escriptores illustres. E' um verdadeiro culto de *egoismo*, preocupando-se exclusivamente com os meritos do autor, sob um caracter muito pessoal. Encerra, é verdade, assumptos de comprovada utilidade, principalmente os que merecem a publicação em volumes separados.

"Organização naval" reúne os artigos que elle escreveu sobre themas referentes á reforma ou aperfeiçoamento da marinha de guerra brasileira. E' um trabalho de technica naval que revela a competencia do profissional.

Lendo "Balmaceda" de Joaquim Nabuco, lembrou-se de fazer-lhe um appello para reintegral-o nas funcções politicas, afim de prestar ao Brasil inestimaveis serviços á altura do talento e dos meritos do illustre publicista. Realçou-lhe as ideias liberaes e argumentou com a impossibilidade de se manter a monarchia no paiz, depois de decretada a abolição.

Nssa carta desenvolvida deixou-nos uma interessante pagina da nossa historia: a descripção dos ultimos momentos do velho e virtuoso imperador do Brasil.

A sua obra de maior valor é incontestavelmente a que escreveu com a collaboração de Vidal de Oliveira: "Quatro seculos de actividade maritima".

E' uma excellente contribuição para o estudo da Historia do Brasil, alem de se prestar, com muita propriedade, ao fim destinado, qual seja o de instruir os nossos officiaes de marinha, mostrando-lhes a importancia do poder maritimo na historia, como o fez o Capitão Mahan nos Estados Unidos da America do Norte.

A parte que coube ao Almirante Jaceguay desenvolver, refere-se á guerra do Paraguay, em a qual, além do trabalho de coordenação dos factos conhecidos, elle prestou o seu depoimento pessoal, narrando com vivacidade os feitos da nossa esquadra e a bravura dos nossos marinheiros. Acompanhou a successão de episodios com opportunos commentarios e apreciação critica de um technico competente.

São modelos no genero as paginas que escreveu sobre as batalhas do Riachuelo e de Humaytá, narrativas animadas e de colorido intenso que serviram de argumento aos propugnadores de sua admissão na Academia.

Outro livro do mesmo genero, mas subordinado a intuitos differentes, é o "Ensaio historico sobre a genesis e desenvolvimento da armada brasileira", memoria escripta para commemorar o 4.º centenario do descobrimento do Brasil.

Com o mesmo collaborador que tomou a si a parte referente a Portugal, o autor condensa a evolução do nosso poder naval, desde os tempos coloniaes até fins do seculo XIX, tendo apenas em vista definir a efficiencia e os elementos de nosso aparelhamento para a defesa maritima.

Já eu disse que a sua entrada na Academia obedeceu ao criterio de se render homenagem aos homens de valor que se distinguem em varias classes sociaes. Foi essa a opinião geral e a intenção da Academia, segundo o consenso dos que lhe deram os votos, inclusive o do proprio almirante que disse em seu discurso de recepção: "A que poderia eu dever tamanha distincção a não ser á circumstancia de pertencer a esse pequeno numero, cada dia mais reduzido, dos veteranos da campanha do Paraguay,..." E proseguindo: — "Demais, pertenço a uma classe que é objecto do carinho e da especial sympathia de todos os povos em que ella tem existencia historica. Sou um marinheiro!... E é-me grato reconhecer que em minha mediocre pessoa, no meu apoucado nome, quizestes render preito á Armada Nacional em cujo rôl figuro ha meio seculo!"

Para corroborar a minha affirmação, lembro a circumstancia de haver elle, perante o cenaculo, confessado ignorar a vida e a obra do seu predecessor, destoando das praxes academicas ao se excusar de tecer o elogio de Teixeira de Mello. Não era admissivel semelhante desistencia, porque facil seria ao almirante lêr parte das obras do antecessor e compulsar os livros que delle se occuparam. Preferiu, porem, render-se ao culto do egotismo, esboçando a sua auto-biographia, porque nunca admitiu que *le moi fosse haïssable*. Teve o máo gosto de bordar o proprio panegyrico, embora não lhe escasseiasse a cultura indispensavel para conceber o discurso sob molde diverso.

Elle havia lido Lamartine, Castilho e Alvares de Azevedo na adolescencia; narrou episodios da Illiada, quando descreveu as batalhas do Paraguay; conhecia os principaes classicos da litteratura universal e a geração romantica no Brasil e era muito versado em historia.

Affonso Arinos confessou os intuitos da Academia e soube compôr um discurso de recepção muito a caracter para o successor de Teixeira de Mello.

Refere-se José Verissimo ao periodo em que se reuniam os nossos homens de letras nas palestras da *Revista Brasileira* e narra a impressão



que lhe causou o Almirante Jaceguay: "Conversador dos mais agradáveis, variado, interessante, cheio de espirito e intelligencia, conhecendo não só o navio e a marinha, mas o gabinete de estudo, os salões, os livros, a poesia e as artes; um marinheiro forrado de um intellectual, um soldado homem de sociedade e homem de cultura, com uma vasta erudição technica e geral, sabendo nas suas minucias a historia naval do mundo...".

Durou sete annos a sua permanencia na Academia onde a sua figura permaneceu apagada, em penumbra discreta, sem que tivesse ensejo de justificar o criterio dos seus eleitores, como si tivesse vida artificial em estufa.

Summario para um estudo completo

A carreira de um marujo — Patriotismo e glorias — Depois de consagrado heróe — De aspirante a almirante — O dever do momento — Historia naval brasileira — O technico — Sua eleição para a Academia — Ultima phase — Jaceguay perante a classe e fóra do seu meio.





GOULART DE ANDRADE

Successor de Arthur Jacquay na cadeira n. 6. Nasceu em Jaraguá, porto de Maceió, no Estado de Alagoas, a 6 de Abril de 1881. Foi eleito para a Academia a 22 de Maio de 1915, por 21 votos, contra 9 conferidos ao príncipe D. Luiz de Orléans-Bragança, e tomou posse a 1 de Outubro de 1916, sendo recebido por Alberto de Oliveira.

Bibliographia

- 1 POESIAS, 1.^a serie (Livro bom — Livro prohibido — Livro intimo), 162 pags. — Rio, H. Garnier, 1907.
- 2 THEATRO, 1.^a serie (Depois da morte — Renuncia — Sonata ao luar — Jesus) — 169 pgs. Rio, H. Garnier 1909.
- 3 THEATRO, 2.^a serie (Os Inconfidentes, peça 4.^a) 133 pgs. Rio, H. Garnier — 1910.
- 4 POESIAS, 2.^a serie (Nevoas e flammaz) — 84 pgs. Rio, H. Garnier, 1911.
- 5 ASSUMPÇÃO — romance (1.^o milheiro) — 244 pgs. — Rio, Francisco Alves & Companhia, 1913, (publicado antes no "Correio da Manhã" do Rio).
- 6 NUMA NUVEM — fantasia romantica em 2 episodios, 77 pags. — Rio, Jacintho Silva.
- 7 A GLORIA DE D. RAMIRO, traducção do romance de Enrique Larreta, 421 pgs., Rio, Livraria Francisco Alves — 1914.
- 8 DISCURSO PRONUNCIADO NO CENTRO ALAGOANO — Primeiro centenario da Emancipação politica de Alagoas, folheto de 42 pgs. — Rio, Typ. Veritas — 1917.

Conserva ineditas algumas conferencias litterarias de fino lavor, como "Balladas e vilancetes", "Mestre Valentim", "Gil Vicente", o estudo sobre Casimiro de Abreu e outros mais. Traçou o perfil de

Arthur Jaceguay, no discurso de recepção da Academia, além de outras produções litterarias. Tem collaborado assiduamente em "A Noite" do Rio, no "Correio Paulistano" e já escreveu no "Correio da Manhã" e na "Careta", revista illustrada do Rio.

O seu discurso sobre Jaceguay foi publicado pela "Revista Americana" (n. de Novembro de 1916), em cujo primeiro numero se encontra a poesia "A procellaria". No "Almanack Garnier", de 1909, appareceu pela primeira vez a poesia "Farandola das horas".

O seu retrato tem sido reproduzido em varias revistas illustradas.

Fontes para o estudo critico

1 JOSE' VERISSIMO — Revista Americana — anno 3.º ns. 5-6, pag. 502.

2 MARIO DE ALENCAR — Idem, 2.ª phase, tomo I, fasc. 2, pg. 87.

3 PEREIRA DE CARVALHO — Os membros da Academia em 1915.

4 ELYSIO DE CARVALHO — As modernas correntes estheticas na Litteratura Brasileira, pag. 153.

5 ALBERTO DE OLIVEIRA — Discurso de recepção na Academia, n.º de Novembro de 1916, da Rev. Americana.

6 GUSTAVO DE AGUILAR PANTOJA — Almanack Garnier (1908) pag. 203.

Sei que outros escreveram sobre o poeta alagoano: José Verissimo ("J. do Commercio"), Coelho Netto, Alcides Maya, Arthur Azevedo, Victor Viana, João do Rio, Castro Menezes, Pereira da Silva, etc.

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico.

Incrível parece afirmar que as primeiras velleidades do poeta das "Nevoas e flammás" fossem refugadas, por denotarem carencia de vocação artistica. Pois foi o que succedeu ao joven José Maria Goulart de Andrade, quando, aos 16 annos de idade, enviou ao irmão, destinados ao "Guttenberg" de Maceió, doze sonetos de sua lavra.

Havia logrado a publicação do primeiro — "Collo", — no jornal de Euzebio de Andrade, mas quando ensaiou o vôo mais ousado, outro irmão, Aristhêo de Andrade, o poeta do "Noivado", cortou-lhe as azas, aconselhando-o a tentar outra cousa, pois lhe faltava a intuição poetica indispensavel á sua pretensão.

Occorreu esse facto em 1897, primeiro anno de sua permanencia no Rio de Janeiro e de frequencia na Escola Naval.

Goulart de Andrade completou os estudos primarios em Maceió, sob os cuidados do professor Agnello Barbosa e, mais tarde, do tio Francisco de Barros Pimentel Goulart.

Ainda no seu estado natal concluiu o curso preparatorio ou de humanidades, com assistencia do professor Adriano Augusto de Araujo Jorge e, aos 16 annos de idade, matriculou-se na Escola Naval onde fez o denominado curso previo, de 3 annos, com excepção de uma cadeira.

Não se distinguiu como aspirante de marinha, mas soffreu alguma perseguição, por haver sido hospede de Floriano Peixoto.

Abandonando a Escola da Ilha das Enxadas, empregou-se na Prefeitura Municipal, primeiro como auxiliar de escripta e mais tarde como ajudante extranumerario de engenheiro.

Nasceu em Jaraguá, porto de Maceió, a 6 de Abril de 1881.

Seu pae, Manoel Candido Rocha de Andrade, fôra official de marinha e, quando exercia o cargo de engenheiro de Obras publicas do Estado de Alagôas, casou-se com d. Leopoldina Pimentel Goulart de Andrade. Desse consorcio houve sete filhos varões, dos quaes tres vivos: Euzebio Francisco de Andrade, senador federal, jornalista e advogado; Joaquim Goulart de Andrade, director da Escola de Aprendizes Artifices de Alagôas, advogado e jornalista, e o poeta.

Casou-se o autor de "Assumpção" a 3 de Outubro de 1906 com D. Luiza, filha do dr. Araujo Lina, e, depois de contrahir nupcias, obteve o diploma de engenheiro geographo pela Escola Polytechnica, do Rio, prevalecendo-se dos exames que prestára na Escola Naval.

Só lhe vieram duas filhas, Leticia e Sylvia, desse matrimonio.

Goulart de Andrade trabalhou nas obras novas de reforço do abastecimento d'agua do Rio de Janeiro, sob a direcção do dr. Sampaio Corrêa, é engenheiro da Prefeitura Municipal, redactor dos debates da Camara dos Deputados e director do Gymnasio Pio Americano.

A sua obra litteraria é ainda restricta; mas o poeta tem outros volumes em preparo e a entrar no prélo: "Plenitude", poesias, 3.^a serie; "Transfiguração", romance; "Discursos e conferencias"; "Redempção", romance "S. Francisco de Assis". O seu ultimo livro data de 1914 e elle tem mantido actividade litteraria, escrevendo na imprensa e cuidando de augmentar a sua producção de character definitivo.

Destacam-se tres feições no escriptor: a do poeta, que é a predominante, a do dramaturgo e a do romancista.

Goulart de Andrade reconstituiu a ballada classica do tempo de François Villon e Clément Marot, adoptando o molde de tres decimas e uma quintilha, em versos decasyllabos. Cultiva tambem, com rara felicidade, essa especie de ballada conhecida sob o nome de canto real, contendo cinco estrophes de onze versos e o offertario, esse imponente systema lyrico da versificação franceza, tão bem adaptado á poesia brasileira. E tambem rejuvenesceu o rondó, o rondel e o vilancete.

Foi o poeta das "Nevoas e flammas" classificado pela critica como parnasiano. E' indubitavel que elle participou do influxo de Banville, Prudhomme, Leoconte de Lisle e outros, que determinaram o apuro da forma e a riqueza do verso, em Bilac, R. Corrêa, Alberto de Oliveira e os modernos poetas brasileiros. Mas, é esse o seu merito principal, Goulart de Andrade manteve uma feição propria e original, assimilando tambem a influencia dos symbolistas, bem como de varios poetas primazes de matizes distinctas, e conservando o lyrismo proprio e expontaneo, com adornos e atavios.

Manifesta preferencia pelos themes, antigos: quadros historicos, descripções architectonicas e assumptos medievaes, quando se afasta dos ternos cantos de amor ou de lyrismo suave que interpreta a alma humana. E nessa feição caracteristica dos meridionaes perpassa um sopro ardente de sensualismo, impregnando as suas imagens de um perfume capitoso e inebriante que nos incute a illusão da mocidade eterna.

Como exemplos, destaco "Ascensão perigosa", "Esteril não serás", "Soror Clara" e muitas outras dos dous volumes de versos.

O feitio de parnasiano se manifesta em "Ouro", "Forte abandonado" e quasi todas dos livros; o sainete symbolista se divisa em "A Gloria", "Luar", para somente citar as mais accentuadas. Mas confesso a minha predilecção pela reconstituição das fórmulas antigas, das balladas e dos cantos reaes, tão bem acclimados na poesia brasileira.

No genero theatro, Goulart de Andrade continua a ser o poeta estimado entre os contemporaneos, apreciado pelos intellectuaes, sempre expontaneo, imaginoso, sem as preoccupações da technica da litteratura dramatica.

Seja em "Depois da morte" e, principalmente, em "Renuncia" e "Sonata ao luar"; seja em "Jesus" ou em "Os inconfidentes" e, mais frisante, em "Numa Nuvem", resaltam a inspiração do poeta, o estro dos talentos privilegiados, o lyrismo imaginoso e ductil, como qualidades predominantes. Do consorcio da poesia com o drama, sobrepuja o elemento feminino, governando o esposo, com a primazia da intellectualidade e da indole.

As peças de Goulart de Andrade adquirem realce na leitura e exigem bons actores dramaticos, para que se não offusquem á luz da ribalta.

Não desejo que se estiole a faculdade do poeta em produzir dramas em verso; julgo que se lhe deve estimular a pertinacia, afim de realçar um genero quasi abandonado em a nossa litteratura. O viço do seu talento de escól, a esthetica de aprimorado artista e sobretudo, a sua capacidade imaginativa, podem supprir a carencia de vocação.

O mesmo phenomeno se tem observado em muitos autores dramaticos que externam de preferencia os requisitos de poeta, quando se iniciam em composições theatraes. E' o caso, entre varios, de Victor Hugo, Banville, Gautier, Catulle Mendés, D'Annunzio e mesmo de Ed. Rostand e Zamacois. Como elles, Goulart de Andrade muitas vezes prejudica o effeito theatral, a intensidade dramatica, pela exhuberancia de expressão poetica, amplificação das imagens e das ideias, vigor das anthitheses e das comparações, abundancia de sentimentalidade e predicados excessivos de poeta inspirado.

A fôrma prejudica a emoção, a fluencia do verso e os effeitos de sonoridade encobrem os pensamentos e o caracter dos personagens.

A feição do romancista, esboçada em "Assumpção" e agora continuada nos romances ineditos, veio-lhe de um capricho ou quiçá de uma provocação. Percebe-se a narrativa de um caso pessoal, atravez das paginas do romance.

O poeta Sylvio, no lar, seduzido pelo brilho intellectual, fulgor de seducção, deixa-se attrahir pelo fóco luminoso, como incauta mariposa que busca a morte na chamma. E todo o romance desenvolve-se, accentuando a lucta entre o dever conjugal, o apego á companheira de longos annos de vida em commum, a amizade á esposa virtuosa e dedicada, e uma esphinge diabolica, mixto de volupia e de encantos, a desenvolver uma força hypnotica de seducção.

E ainda uma vez a fortaleza do sexo de Adão, é derrocada pela astucia de Eva; a força indomavel de Sansão se abate perante o dominio das caricias de Dalila.

Eis o thema do romance "Assumpção" que requeria o Bourget do tempo de "Un crime d'amour" ou a subtiliza de Marcel Prevost, para melhor accentuar o temperamento de Martha.

A delicadeza do poeta das "Nevoas e flammaz" não se coaduna com a função de escarpello moral capaz de desvendar os mysterios da alma feminina, quando a intelligencia arguta, a vibratilidade de um systema nervoso e o cultivo do cerebro conseguem disfarçar sentimentos e simular attitudes.

O romance de Goulart de Andrade offerece ao leitor muitas paginas do bello estylo descriptivo, mas não lhe empresta a emoção exigida que talvez o autor a sentisse com sinceridade, sem que a pudesse transmittir.

Ainda uma vez sente-se a falta de adaptação do artista, ávido de patentear o seu talento pujante, esquecendo-se de haver adquirido individualidade litteraria no dominio da poesia.

Não deve permittir que se lhe evolem da memoria as palavras proferidas por Alberto de Oliveira, no discurso com que o acolheu na Academia:

"O escriptor em vós, sr. Goulart de Andrade, é primacial e essencialmente o poeta. Outras partes se louvam em vossa penna, desde



a de autor de composições theatraes ás do chronista e romancista, as quaes todas vos têm propiciado occasião a vos revelardes verdadeiro homem de letras. Aquella, porém, a de poeta, a qualidade, apollinea por excellencia, é o titulo mais bello, o vosso mais alto pregão de escriptor.”

“Ao Sol não é preciso o conduzam ao meio do céu para que o vejam todos em sua luz”.

Tambem dos seus livros escriptos em verso, inclusive as peças theatraes, não se faz mister transcrever excerptos demonstrativos do valor que assume Goulart de Andrade na poesia brasileira.

Summario para um estudo completo

Notas biographicas — A estreia do poeta — O caracter da poesia de Goulart de Andrade — A sua predilecção para a litteratura dramatica — Conflictio entre o poeta e o dramaturgo — O romancista — A sua esthetica — Como orienta o seu futuro.

ARTHUR MOTTA.





JÉCA TATÓ E MANÉ CHIQUE-CHIQUE. — ILDEFONSO ALBANO — Livraria Araujo — Rio.

“O chique-chique, explica o A. é um cardo da patria de Mané. Nasce e prospera em qualquer terreno bom, mediocre ou ruim; mas, sobrio, resistente, tenaz e rude, prefere a todos a pedraria, a rocha dura. Allí, onde parece impossivel a vida, onde qualquer planta estiolaria e outra semente encontraria a morte, allí se firma, allí encontra seus elementos de vida: a atmospheria clara e limpida, cheia de luz e batida pelos ventos geraes; a agua, que cae dos céos e sempoça em cima da pedra, e a humidade, que sinfiltra na rocha; para alimento, algum detricto vegetal, que o vento lhe traga, e os productos mineraes, que seu proprio esforço vae buscar nas fissuras da rocha. Si lhe falta o alimento, gasta as reservas; si a agua sevapora, as raizes penetrantes senfiam por uma brecha na rocha dura e vão buscar a lymphia vivificadora, onde ella estiver. O chique-chique nunca perde sua roupagem verde, quer

no inverno diluvial, quer na secca a mais tremenda. Filha extraordinariamente; corte-lhe o caule em dezenas de pedaços: de cada um, qualquer que seja o tamanho e a posição, em que caia, nasce uma nova planta. Depois de uma secca brotam com mais exuberancia os rebentos, parecendo que a natureza se apressa em preencher os claros, que abriu...”.

Pois, segundo o A., o caboclo que prolifera em o Nordeste do paiz representa, zoologicamente, o papel interessante dessa planta “sem-vergonha”. Tambem resiste a todas as calamidades meteorologicas dominantes no seu habitat. Dahi a alcunha com que, neste volume, o apresenta á admiração do paiz — Mané Chique-Chique.

O caracter e os hábitos de Mané Chique-Chique são assim:

“Si ha fartura, Mané come bem. Dimenhãsinha toma sua chicara de café, de uma só mão, adoçado com rapadura, quando ha; aperta o cós da calça e sae para o roçado. Quando o dia 'stá bem alto, elle almoça; si o legume 'stá vasqueiro, satisfaz-se com uma banda de rapadura, um

punhado de farinha de pau e uma caneca d'água. Si nem isso traz no alforge, elle é o mesmo homem, aperta inda mais o cós da calça e continua no trabalho, debaixo dos raios calcinantes do sol tropical, até apontar no horizonte a papa-ceia. Quando elle chega em casa, já se destacam no firmamento o Sete-Estrello, as Tres Maria e, de horizonte a horizonte, o Carreiro de S. Thiago.

Franco, de mãos abertas, sempre prompto a soccorrer o miseravel, Mané foge da usura, pois elle sabe que "Da pataca do usurario o diabo tem tres 'tões e dé réis".

Hospitaleiro, Mané reparte com o viandante, seja elle quem fôr, a sua mesa, farta ou parca, e para dormida lhe offerece a sua tipoia mais alva e o melhor recanto da casa. O perseguido lá encontra franco agasalho e protecção. "Snr. moço, o que vomincê quinzé, aqui tendo, não se apouque não!"

Mané Chique-Chique falla pouco, mas age muito. "Fallá é fol'go, trabaia é sustança!"

O sol ardente bronzeou-lhe a face. A labuta honrada callejou-lhe as mãos. O solado dos pés é endurecido, nelles não fazem massa as pedrinhas da estrada, nem os offendem os espinhos do caminho.

O tempo de Mané é precioso; elle dorme pouco. "Drumí munto, esbilita."

Tal como ahi se pinta, Mané, que o A. dá como o irmão vali-

do de Jéca Tatú, merece-lhe a mais larga e commiserada sympathia. E a tal ponto é d'elle entusiasta, que chega a emprestar-lhe a autoria de todos os feitos celebres da historia patria:

"Quem deu o exemplo a Pedro I? Quem precedeu a Isabel, a Redemptora? Quem se adeantou a Deodoro?..."

Foi Mané Chique-Chique!

Quem venceu Riachuelo, Tutuhy e Campo Grande? Quem desbravou a Amazonia?...

Foi Mané Chique-Chique!"

E como, apesar de todas as benemerencias, Mané lá jaz esquecido e abandonado, emquanto governos sobre governos só se occupam de encher a barriga vadia de Jéca, felizardo parasita do Sul, o sr. Ildefonso Albano escreveu a epopéa do primeiro, afim de que, lendo-a, os homens que tudo podem e mandam debaixo do cruceiro, se resolvam a desviar para aquelle, uma pouca que seja da publica pecunia.

O que seria justa recompensa ao seu civismo pois, se é dos governos esquecido, na parte que lhe toca, "politico arregimentado, Mané é filiado a um partido, porém com independencia elle aprecia a acção dos homens publicos do Estado. O retrato dos politicos, que lhe são sympathicos, é cortado dos jornaes e das revistas e pregado á porta da sala ou guardado em uma lata de flandre, juntamente com a patente de Guarda Nacional, os papeis, documentos e cartas importantes. Mané decora trechos de

discursos parlamentares, está ao par do movimento político da Nação, conhece os vultos salientes e sabe critical-os com espirito. "O marechá Herme entrou na tenda, mas não aprendeu o offiço".

SERTÃO EM FLOR — Catullo da Paixão Cearense. — Liv. Castilho — Rio de Janeiro — 1919.

O caboclismo é, evidentemente, o "chique-chique" da literatura nacional. Corrida daqui, acossada dali, requeimada acolá, é baldado dar-lhe a critica com os seus conceitos e theorias: o caboclismo, cortado cerce, rebrota, com o primeiro chuvisco, e deita folhas e flores... Enfesadinho, tolhido, enrugado, contrafeito — mas vivo. E' praga que não se extirpa.

Prova-o o alarido indignado que se levanta onde quer que alguém ouse dizer que o caboclo é madracento, é supersticioso é... um elemento inutil como factor economico-social. Prova-o o variegado e abundante da producção literaria caboclophila que annualmente despejam as typographias.

Victima desse andaço de caboclismo graçante pelo Brasil afora é o sr. Catullo da Paixão que, como já tivemos ensejo de dizer, seria um notavel poeta se, ante os motivos estheticos e emocionaes que o seu paiz lhe offerece, cuidasse de interpretal-os pura e simplesmente, em linguagem de gente...

Mas o caboclismo dominante obliterou a noção que da arte ainda relevava o sr. Catullo no seu livro

anterior a este. Havia naquelle, debaixo dos andrajos linguisticos a que se convencionou emprestar fóros de dialecto, uma pouca de poesia. Mas como, ao que parece, do que mais gostou o povo foi dos andrajos, mal attentando para o que debaixo delles vinha, o poeta, seguindo um pendor muito humano, ao elaborar livro novo carregou a mão, resultando do feito que já agora só se topam os farrapos, que não mais encobrem coisa nenhuma.

De facto, que diabo de poesia haverá nisto:

"Uma sumana depois,
cahí doente de cama.

O cumpade do Mironga
mandou chamá p'ra me vê
um doutô de munta fama.

O doutô pôz um canudo
aqui prú riba do peito l...

Mandou ispirrá, tussí;

bateu cum as ponta des dêdo
na bocca do istombo... aqui,
e ao depois, cum munto geito,
me preguntando se eu éra
sortêro ou pai de famia,
me disse que era percizo
eu fazê minha viagem
dentro de dois a trez dia,
apois eu táva soffrendo
d'um má, que não tinha cura,
chamado: lertzão cardia.

Apreparada a bagage,
abraçei seu Dizidéro
e lá do Rio partí
prá matá minha saudade,
e morrê, mais á vontade,
cá nos matto onde eu naci!" ?

E para que se não diga que de má fé truncámos o pensamento do poeta, aqui o deixamos completa-



do: o caipira deixa o Rio e volta para a sua terrinha, onde, afinal, vem a verificar, rijo e são, que a tal lesão não era lesão: era saudades da supradita terrinha.

Ora, não vemos poesia alguma nesse caso. Verdadeiro, apenas revela elle a pouca mestria ao diagnostico, do esculapio que ao caicã deu a consulta.

OS POSTULADOS DA GUERRA

— Santos Netto — Typ. Baptista de Souza — Rio — 1919.

Diz o proprio A. no Prefacio apposto ao seu presente volume, que:

“São muito raros os que, em face do formidavel conflicto, conservando uma linha serena, como que se mostram collocados a uma longa distancia delle, perquirindo-lhe as causas, explicando-lhe os motivos, sem intenções preconcebidas”.

Realmente, espiritos dotados dessa superior faculdade de afastar-se para um ponto de vista convenientemente distante e infenso ás refracções dos apriorismos sentimentaes — são espiritos que raramente se encontram. E, em face da ultima guerra, a escassez chegou quasi á mingua completa, tal a paixão que esse facto, pelas suas proporções desusadas, logrou despertar em toda a gente.

Mas, com não se avistarem observadores naquelles pinaros

quasi inacessiveis da impessoalidade perfeita — nem por isso se poderá dizer que todo o mundo para ahi se tenha constituido em paladino ou arauto de sublimidades alheias e problematicas. Sempre ficaram alguns que, não attingindo a imparcialidade absoluta, conservaram, comtudo, boa dose de independencia mental, subtrahindo-se aos influxos dos patriotismos telegraphicos com que propagandistas de Pariz e de Londres alliciavam recrutas pelos quatro ventos do orbe.

Entre esses o sr. Santos Netto, que acaba de publicar, neste seu livro — **Postulados da Guerra**, o que verdade lhe pareceu durante os annos em que varias parcellas da humanidade se degladiaram na Europa. Possuidor de cultura muito acima da vulgar, dispondo de uma singular faculdade de synthese e manejação proficientemente a lingua, o sr. Santos Netto elaborou, neste volume, um livrinho que ficará distinctamente salvaguardado, pelo muito de solido que encerra, de ser arrastado na enxurrada do tempo de permeio com outros mil e um calhamaços de ardentes inanidades que têm inundado as livrarias nacionaes á custa das heroicidades com que se convencionou aureolar a das facções ha pouco em rixa.

Neste livro, deixou o A. muito reduzida a parte reservada ás declamações enthusiasticas; pelo que a sua leitura se faz agradável e, até avançado ponto, convincente. Estudando a evolução social e politica da Allemanha,

pela Historia abaixo, mostra como é digno da admiração dos que sóem admirar coisas, um paiz como aquelle, que conseguiu, contra todos os obices interiores e externos, chegar á homogenea unidade progressista e culta que ostentava até os primeiros annos da contenda. E, isso, fel-o o A. sem deixar um momento sequer, a compostura de uma apreciavel serenidade, que o livrou de recorrer, para a sua argumentação, aos improperios, ás metaphoras, ás apostrophes e demais logares communs que são vezo da maioria dos que, em sentido inverso, têm tratado por aqui e por toda a parte, do assumpto.

Não que o A. seja indifferente em face dos dois grupos combatentes. E' clara e lealmente ostentada a sua admiração pelo bloco germanico. Mas tão pequenina é a acção desse sentimento no desenvolver as theses que se propôz, que é quasi como se fosse imparcial. E' o que faz deste livrinho, elegantemente elaborado, typographicamente, um bello trabalho, que ha de ter cada dia maior numero de leitores e, quando a moda da eloquencia balofa, que felizmente vae já passando, estiver acabada de vez, figurará em todas as estantes criteriosas.

LIÇÕES DE MECHANICA ELEMENTAR — Marcos Lindenberg — Ed. Weisflog Irmãos — S. Paulo, 1919.

O presente trabalho, que versa a materia apenas de accordo com os programmas dos gymnasios offi-

ciaes do Brasil, sem ser, porisso, um tratado completo que a esgotasse, destina-se a preencher satisfactoriamente os fins que se propôz o A. ao elaboral-o, isto é, evitar os estudantes daquelles cursos a fadiga de compilar, de compendios escriptos para cursos superiores, as noções de que necessitam para fazer galhardamente os seus exames.

E' um compendio organizado com muita clareza, em que as noções se apprehendem com a maior facilidade compativel com a natureza da materia e forma um elegante volume, solidamente cartornado e impresso com esmero e nitidez em optimo papel.

VIDA ELEGANTE — Raul de Azevedo — Liv. Ed. Antonio Maria Pereira — Lisboa — 1913.

"Vida Elegante" abre com o capitulo "Mascaras", que é um episodio dialogado, cuja primeira personagem, Genoveva, vem caracterizada na seguinte rubrica:

"(Genoveva de L. tem sessenta annos. Ha quarenta devia ter sido uma bella mulher. Rosto encarquilhado, ainda tem vida nos olhos negros, d'um brilho raro. E' alta, de fórmias desenvoltas, e a sua mocidade tempestuosa arruinou-a physicamente, ha muito. Tem uma grande paixão, não correspondida, por Mauricio V., bello rapaz, vinte annos, solteiro)."

Pois essa Genoveva, que assim arruinada physicamente por uma tempestuosa mocidade, ainda consegue dar mostras de ter sido uma linda pessoa ha quasi meio seculo,



em lugar de ir para uma igreja, a rezar, ou para uma varanda, a pontear um pé de meia — essa Genoveva abre o debate nestes termos:

“Genoveva — O carnaval ! Elle ahí está alegre e endiabrado ! Como eu adoro a Folia, e que saudades d'aquelles bellos tempos ! Tão distante... N'aquella epoca tudo prazeres, e os homens mendigavam um sorriso meu. Hoje... Eu era a primeira nos bailes entusiastas e frementes. A primeira ! Reminiscencias adoraveis...”

“A's armas, povo heroico ! A's armas, oh Francezes !
Vinde todos salvar, a patria e a dignidade !
E' chegada a *revanche*, e que a vil crueldade,
Seja agora vingada e os antigos revezes !

Para a gloria marchae, já tida tantas vezes !
Recordae o passado e vêde a gravidade :
Periga o solo patrio e vossa liberdade !
A's armas, cidadãos, oh ! bravos, oh ! Gaulezes !

E tendo despertado a *revanche* esperada
Ide tirar das mãos dos barbaros Prussianos
A provincia chorosa e que foi usurpada !

Morrei, filhos da patria oppressa ha tantos annos,
E do paiz natal expulsae os profanos,
Que morrer com a victoria é morte desejada !”

Amostra da indignação :

“Contempla agora, Monstro, a atroz devastaçào,
O flagello que augmenta ao trôar do canhão ;
Contempla a avida morte estendendo seu manto
Sobre a terra que chora inconsolavel pranto ;
Contempla o incendio acceso em mais de cem cidades,
A desapariçào das prosperas herdades ;
Contempla a mãe buscando o idolatrado filho
Que pela phantasia immunda de um caudilho
Se atira ao turbilhão sangrento do exterminio
E se perde e confunde ali no morticinio !

Caduquices da velhota, evidentemente.

A FORÇA E O DIREITO — Augusto Hygino Filho — Typ. do “Jornal do Commercio” — Rio — 1919.

O poeta d’“A Força e o Direito” é daquelles que se entusiasmam pelo Direito e se indignam diante da Força. Esse Direito e essa Força, todo o mundo o sabe, depois de 1914, são, respectivamente, os alliados e os seus adversarios.

Amostra do enthusiasmo :

Contempla ainda, Matoide, as creanças innocentes
 Decepidas as mãos, os bracinhos pendentes;
 Mulheres pelo chão, assassinadas, núas,
 Outras, com o ventre roto, estendidas nas ruas;
 Virgens postas ao fogo, ardendo as carnes castas,
 De teus homens saciando as vontades nefastas;
 Velinhos nos jardins pelos sabres crivados,
 Alguns inda com vida em muros apregados;
 Invalidos que têm as palpebras cortadas,
 As orbitas em sangue, escuras e vasadas;
 E por fim, e por fim — oh! verdades fataes —
 Ultrajado até Deus em suas cathedraes!”

VANA — José Lanes — Typ. Piratininga — S. Paulo — 1920.

Vana é um lindo livrinho que contém mais de cem paginas de fina poesia. O sr. José Lanes é um moço dotado de todos os predicados de um excellent poeta: cultura, sentimento, medida e

equilibrio. Este seu primeiro volume é solida promessa de muitos outros livros optimos que se podem esperar ainda da sua penna. Todas as composições são alli labores caprichosos, onde, ao lado de suave emoção lyrica, predomina o acurado da fórma. Leia-se, por exemplo, o soneto

DA CARTEIRA DE UM TISICO

Numa estranha alameda, á luz bizarra e fria
 de um roxo plenilunio e onde ninguem passasse,
 numa estranha alameda é que eu desejaria
 que esta cançada vida em breve me deixasse...

Ah! como me ensombra a alma esta melancholia!
 Como seria bom que esse exodo chegasse!
 Numa estranha alameda, após suave agonia,
 sem hyssope, sem cruz, sem *requiescat in pace*...

Na quietude feral das noites estrelladas
 sonharia, feliz, meus sonhos de outros mundos,
 tendo perto de mim, como guardas paradas,

dois renques lateraes de palmeiras sem palmas,
 altas, quasi tocando o azul dos céos profundos
 para onde embalde vò a esperança das almas...

O volume, que está magnificamente impresso, apresenta na capa uma bella allegoria, a côres, assignada por Paim.

Recebemos:

ASSUMPTOS DE DIREITO. —

Dr. Costa Filho — Conferencia
— Imp. Official — Aracaju —
1919.

**FARIAS DE BRITO E O MO-
VIMENTO PHILOSOPHICO
CONTEMPORANEO. —** Carlos
da Veiga Lima — Conferencia

— Typ. do "Jornal do Com-
mercio" — Rio — 1920.

**FACTOS E PERFIS DA CI-
RURGIA BRASILEIRA. —** A.
Guimarães Porto — Monogra-
phia — Imp. Nacional — Rio
— 1919.

DO QUE PRECISA S. PAULO.
— Milciades Porchat — Casa
Duprat — S. Paulo — 1920.





NOTA POLITICA

Annunciaram ha dias os jornacs que o governo mineiro adquiriu uma fazenda para localisação de immigrants. Li a noticia e entrei a meditar no que não viriam a ser as gloriosas Minas dos nossos antepassados, se essa pequenina medida, á primeira vista insignificante, se ampliasse e multiplicasse até o ponto de o grande Estado central, tão maravilhosamente dotado de riquezas naturaes, abraçar francamente o programma de Albierdi, programma transfigurador que em breve espaço levou a Argentina da barbarie ao imperialismo: — governar é povoar. Nessas palavras está sem duvida alguma redempção economica e mesmo ethnica do nosso paiz. Porque, uma vez que sabemos defender e guardar a nossa lingua e as nossas melhores tradições, nada perderiamos, — antes só teriamos a ganhar com uma larga transfusão de sangue rico e puro.

Ha a proposito duas orientações oppostas e irreconciliaveis, — a dos que vêm a patria no passado e querem a todo custo conservá-lo intangivel e a dos que a desejam e estremeçam mais no porvir dos filhos dos nossos filhos do que no brevisimo e confuso decurso da nossa historia.

Esta ultima attitude, que já se projectou em nossa liberalissima constituição graças á desafogada visão de um Tannay, ha de ser fatalmente a triumphant pela força mesma dos acontecimentos. Assim é que a grande naturalização e ou-

tras disposições que dão preponderancia ao jus soli sobre o vetusto jus sanguinis, acceito ás nações antigas, já assignalam nos altos horizontes da magna carta brasileira a unica direcção consentanea com a nossa grandcaza futura, soberbissima rota de alvorada e oiro vivo em cuja entrada, á guiza de fachada, rutila o grande asserto de Ruy Barbosas "A America é da humanidade".

Verdade é que o genial Alberto Torres se arremessou com inaudita vehemencia contra essa politica sem medo com que Sarmiento, á maneira de um titan demiurgo, remodelou no minuto de alguns decennios a população de seu paiz, sem todavia dissolver-lhe a alma nacional... Não é menos verdade, porém, que nas proprias obras do sociologo patricio se encontram elementos maravilhosos de um magnifico sonho de futuro que de nenhuma sorte se compadece com a estreiteza do primeiro movimento. Quem foi que prophetizou uma época de grandes migrações humanas, época em que o Brasil seria uma especie de prazo-dado universal, onde todos os povos poderiam encontrar a Canaan, a terra promettida que Réclus julgou descobrir em nossas plagas, e isto sob o imperio de uma só lingua, de uma só alma collectiva, máo grado a diversidade de raças e estirpes?

Não tenhamos horror ás renovações. Transfiguração é cousa muito diversa de dissolução. Assim multipliquem os dirigentes mineiros, sem nenhuma vacillações, as medidas tendentes a povoar os vastos desertos das uberribas geraes. Se-

jam como esses homens de que nos falla Maximo Gorki — que não se arreceiam de olhar de frente o sol que nasce. ...

J. A. NOGUEIRA

AVES DE ARRIBAÇÃO

Como as nubias infelizes que, atravessando os areiaes amplissimos, abandonam as terras escaldantes do Nilo Branco, em busca das paragens menos crueis do Nilo Azul, todos os annos desce uma alluvião de moços nortistas para as menos barbaças terras centraes e meridionaes.

Que os acossa?

... Todo um entrelaçamento de factores ciada qual mais implacavel.

Esboçemol-os. Estas linbas são uma denuncia.

Nasce o idéalista; e com o "quebrar de barras" das suas esperanças, alvorece um grande amor pela terra e um maior amor pelos homens. Quer eleva-la, engrandecel-os. Estuda. Batalha. E cada gesto da maldade bumana encontra na sua alma um protesto grandioso.

Começam dahi as ameaças, primeiro, vagas, depois, intensificando-se cada vez mais, surgem em seguida as perseguições, até que um dia o batalhador comprehende que é demais na sua terra. E com o coração cheio de dor, a abandona aos abutres insaciaveis. Parte. Vae em busca do Rio ou das planicies do sudoeste.

Tal é a tragedia nas suas linhas geraes.

O Norte despovoa-se.

Toda uma mocidade gloriosa vendo suas energias sopitadas, abafado o seu infinito aneio de elevação, obrigada a sujeitar-se ás olygarohias dominadoras, emigra para terras longinquas.

Ora, este facto é profundamente grave, sendo um attentado contra a vitalidade do septentrião brasileiro.

Porque lá o que predomina é o truão discursador, vasio e inepto; é o politico, symbolo das nacionalidades crepusculares; é a multidão fanatizada; é o natural espurio que se allia aos capitalistas estrangeiros, devoradores do torrão nortista; é a alta burocracia espoliadora do pequeno funcionalismo que por sua vez explora os pequenos burguezes; é o chefe dos municipios, especie de *hamba* ou regulu africano, senhor de pendão e cal-

deira que dispõe á farta das vidas de todos os subditos, patrão do bacharel, um pobre diabo que, após um batalbar de muitos annos vae ganhar a miseria de pouco mais de 100\$ mensaes, sujeitando-se a esses capadocios politicos.

Eis a curiosa aristocracia nortista.

Quaes os typos que compõem o povo?

Vejamos alguns: os trabalhadores ruraes, mendigos sem esperanza de melhorar de sorte; os vaqueiros devassadores das catingas; os pescadores que desafiam as marctas lagunarias; os praieiros que em jangadas frageis se lançam no alto mar, deixando os farilhões de nadreporas ou de arenito do litoral; os cortadores de pipiriri ou de madeiras. Tudo, gente miseravel.

E párias tambem como estes, os moços trabalhadores, litteratos ou empregados do commercio, que não podem mais supportar o meio e deixam a terra natal, acossados pela prepotencia dos poderosos, pela falta de emprego, pela estreiteza do horizonte, pela inadaptação á atmospheria de covardia, de imbecilidade, de banditismo legalizado.

E estes, como aquelles, são typos heroicos do Septentrião.

O Norte é a terra desses heroismos anonymos. Dos sertanejos aos praieiros lateja um grande sopro de energia, por aquellas almas.

Mas, coitadas!

Após um batalhar de dezenas de annos, a conclusão cruel é a seguinte: têm de abandonar o meio ou de resignar-se á derrota. E' um dilemma terrível.

Que isto fique bem accentuado: depois de annos de lutas heroicas, quando em outros lugares o combatente vae gozar o fructo de tamanho labor, pois bem: no Norte elle cae vencido, esmagado pelo antagonismo do meio.

Por isso, comprehendendo toda a crueldade do ambiente, os moços cieios de esperanças estão abandonando as terras septentrionaes e vindo para as centraes e meridionaes.

Preciso gritar hem alto: O Norte despovoa-se, incaracteriza-se pelo abandono forçado de todos os seus filhos de valor, aves de arribação, *curáus* de nova especie.

Ora, isto necessita uma reacção formidavel: é imprescindivel desde já emprehender um combate violento pela

penna contra as sanguessugas políticas; ataca-las, desmoraliza-las; mostrar que aquelle recanto glorioso do Brasil está entregue a uma quadrilha de saltadores e mediocres; revelar o desespero cada vez maior daquellas populações sobrecarregadas de impostos; contar os roubos e assassinatos; denunciar todas as misérias — a physica, a moral, a economica, a intellectual; provar que a terra é um portento, mas que o homem é uma irrisão.

A quem compete isto?

Aos filhos do Norte, que se viram obrigados a deixal-o.

Cumpre á mocidade gloriosa moralizar o Norte.

E' o grito da minha alma.

OCTAVIO BRANDAO

(D' "A Noticia", Rio).

A AGUIA E O AVIADOR

Voando recentemente, de Paris a Madrid, um official britannico pilotava uma machina Scout, para uma pessoa, passando sobre os Pyreneus, ao amanhecer de um bello dia de outomno O aparelho corria com uma velocidade approximada de cem milhas por hora. Uma aguia enorme perseguiu o aviador, esforçando-se por alcançal-o.

"Parecia que a ave me estivesse desafiando — disse o aviador — porém, o sorriso morreu em meus labios quando eu pensava que um encontro com o passaro-monstro, em pleno ar, poderia esmagar o aparelho contra as rochas que se achavam debaixo de mim.

A aguia vôou em torno de mim, numa velocidade de noventa milhas por hora, lançando-se precipitadamente ao mesmo nivel do aparelho, quando nos observamos, mutuamente. O ar era então, limpo como um crystal e eu pude distinguir perfeitamente a mais pequena penna do passaro, quando nos encontramos como dois adversarios acima da frente occidental.

A aguia partiu elevando-se e eu a seguí depois, passo a passo. Incapaz de resistir por mais tempo, atirei-me precipitadamente para baixo, fazendo um circulo em torno della. O animal fez grande esforço para agarrar o appare-

lho, o que lhe fez perder a resistencia. As suas azas deram então uma fraca batida e com toda a apparencia de um acroplano attingido por um disparo, deixou-se cair. Segui-a em sua queda de 1.200 pés, vendo-a aterrada perto de uma aldeia, ao pé de uma montanha, completamente exausta".

(Do "Correio da Manhã", Rio).

LENINE: O POLITICO E O ORADOR

Pequeno mas de hombros largos, o gesto brêve e sem graça, Lenine gira como um pião, no estrado reservado aos oradores. E sua cabeça quasi completamente despida de cabellos é solidamente plantada sobre um pescoço muito curto; sobre a vasta face de mongol, pequenos olhos, curiosos, scintillando maliciosamente, e uma nuvem de desprezo para os que o cercam lhe dá alguma coisa de inquietante. A sua elocução é um pouco monotona, mes elle a eleva desde que fala de seus inimigos, por inflexões de voz terrivelmente incisivas, entrecortadas de rizinhos sarcásticos. A sua linguagem não têm o menor artificio oratorio. Elle é primitivo, ao alcance de todos: as mesmas phrases, as mesmas idéas se repetem no correr do discurso quasi nos mesmos termos, e, se comprehende que o orador o faz scientemente, que elle quer "enterrar o prégo", na cabeça dos seus ouvintes. As formulas são breves, muito claras, já-mais pittorescas. Um camponez astuto, teimoso, sabendo o que quer, intratavel quando preciso, maneiroso na apparencia, prompto a esquivar-se sem que o notem: tal é o homem, segundo uma testemunha que o ouviu falar em varias reuniões publicas, e no comité central dos Soviets, tal é o chefe do governo holchevista.

Lenine é um primitivo. Desde que adoptou a doutrina da luta das classes, elle rejeitou de proposito deliberado toda investigação scientifica e moral. Elle não vê, não quer ver, outra coisa na sociedade actual, e qualquer que seja o acontecimento que se dê ante seus olhos, por complexo que seja, com um simplismo scрено, elle o disseca, sem dar atenção aos incidentes, até encontrar ou acredite encontrar um dos aspectos da luta das classes.

Com este exercicio quotidiano elle se



consumiu singularmente e espantaria ao mais sceptico pelo seu racionalismo elemental. Elle só vê na vida a relação das forças, banhi de suas preoccupações toda idéa de justiça ou de moral e, só observa mesmo a força do ser materialista em tudo; tornou-se cynico e cruel, senão na vida privada, pois, na vida privada elle é muito affavel, marido e filho exemplar, mas seguramente na vida publica. Completamente fechado, aliás, a todas as manifestações de arte, e apesar de seus esforços nunca pôde comprehender a musica ou a literatura. Nas obras de Tolstoi só viu a luta de classes.

Elle evolue com mais facilidade no dedalo da politica interior.

Lenine é um politico. Tem faro. Sabe desfazer muitas vezes com uma precisão admiravel as linhas geraes da politica interior do seu paiz. Esteve quasi só no seu partido a preconizar o golpe de Estado que o guindou ao poder, e, quando se lê, a dois annos de intervallo, suas séries de artigos, nos quaes expunha com toda publicidade os pontos fracos do regimen Kerensky, e as probabilidades de exito de uma nova revolução, fica-se verdadeiramente sorpreso de sua lucidez.

Depois que tomou o poder faz prodigios de equilibrio para nelle manter-se. Ora, lisonjeia e protege uma camada da população, os "proletarios", por exemplo, contra uma outra, os camponezes ricos; ora, ao contrario, por medidas apropriadas, attrae os camponezes ricos contra aquelles que elle defendia hontem, e tudo com uma arte incontestavel. É verdadeiramente o maior opportunistas da politica russa. E' a sua qualidade essencial de homem politico.

Lenine tem uma vontade de bronze. No exilio era sempre o chefe ou antes, o dietador de um grupo, e, entre os socialistas russos no estrangeiro, ninguem ignorava que, na fracção leninista, era preciso submeter-se ou demittir-se. Considerava sempre os homens que o seguiam peões de um xadrez.

Quando não podia servir-se de alguem, desinteressava-se completamente delle, a menos que esta pessoa não se tornasse um adversario politico perigoso. E' preciso fazer-lhe esta justiça que, ao contrario

de Trotsky, fundamentalmente máo e vingativo, Lenine não guarda rancor.

O seu fim supremo era alcançar o poder, afim de fazer uma grande "experiencia social" — a palavra é delle — e é por isso que se agarra nelle e apesar da rigidez apparente de seus principios, não recua de nenhuma palinodia para continuar a ser o chefe do governo.

Em summa, Lenine não enriqueceu o pensamento humano com idéa alguma nova. Procurar-se-á, em vão, em suas obras escriptas, antes e durante a revolução, outra coisa além de commentarios mais ou menos engenhosos da these de Karl Marx. Mesmo quando escreveu, em 1908, sobre a pretendida superioridade do regimen dos soviets, não achou outro argumento em favor de sua these senão citações tiradas das obras de Marx, das quaes está cheio o seu livro. Aliás, a pobreza de pensamento é a característica de toda revolução russa, em todos os seus periodos.

Os bolchevistas pretendem que Lenine é o unico discipulo de Karl Marx, que tenha guardado em toda a pureza, a doutrina. E, Lenine, têm em grande conta esta fama. Mas, em theoria, como na vida, a habilidade de politico o torna menos intransigente.

Calculado e frio, elle tolera, senão encorajado, os crimes de seus subordinados. Chefe de uma oligarchia, muito mais afastado do povo na realidade que os socialistas que elle persegue, visceralmente russo, Lenine não pôde vencer a autocracia antiga, senão inaugurando uma autocracia nova.

(D' "O Jornal", Rio).

IDÉAS DE GOVERNO

.....

A proposito de commentarios da imprensa parisiense em torno de individualidades e de assumptos sul-americanos, me vem sempre á mente um curioso episodio, que me narrou illustre politico paulista, ha tempos. São Paulo tinha interesse, na victoria de um nome á presidencia da Republica. Nos Campos Elyseos conversava-se em dado momento, na necessidade da imprensa européa tratar do problema da successão brasileira, exaltando o candidato das sympathias do

grande Estado. Partiu para a Europa, na occasião, um senador amigo do governo e a quem foi dada a incumbencia de provocar os commentarios desejados. Levava 20 mil francos para as despesas. Primeiro elle esteve no *Temps*. Queria, disse ao secretario, um artigo de 1.^a columna, sobre a individualidade do politico brasileiro X. O secretario lhe respondeu que as encommendas de editoriaes sobre o assumpto eram tratadas diariamente com a Agencia Havas. O senador foi ao escriptorio dessa empresa telegraphica, e combinou o preço do artigo. No dia seguinte, o boletim do estrangeiro era uma joia sobre o vulto brasileiro, cujo elogio fóra até modicamente pago.

Satisfeito com o exito da primeira parte da missão, dirigiu-se elle ao *Matin*. Bastaria o pronunciamto de dois orçãos da grande imprensa parisiense: o *Temps*, a tradição politica e conservadora; o *Matin*, o boulevard, esse mesmo boulevard cujo espirito está em tomar o sul-americano como marchante e Queiroz. No *Matin*, o serviço foi mais limpo. O corrector de transacções procurou o secretario e expoz-lhe o fim da sua visita. Com o mais amavel dos sorrisos, o bommem levantou-se, fazendo-lhe um gesto: *passsez á la caisse!* O senador foi a caixa. Ali se discutia e ajustava o preço das idéas que iam dirigir a opinião. O caixa logo o surprehendeu com a lista de colaboradores do jornal. Por qual delles queria fosse escripto o artigo?

Elle não sabia opinar, porque, vivendo afastado do commercio da imprensa, desconhecia o valor individual, a autoridade dos jornalistas parisienses, em geral, e muito menos dos que escreviam no *Matin*. Imperturbavel, como se jogasse com sul-americanos muitas vezes aquella scena comica, o caixa ia lendo os nomes dos escriptores da sua folha. De repente, elle gritou um, que veiu impressional-o:

— *M. Camille Pelletan, ancien ministre!*

— Sim, este serve. O artigo escripto pelo sr. Pelletan nos conviria.

O caixa passou a mão á cabeça, e disse, um pouco vexado:

— O diabo é que M. Pelletan não está ahí. Foi para as aguas, e o sr. tem urgencia do artigo... Mas não faz mal, observou depois de breve hesitação. Este

contratempo póde ser corrigido perfectamente, porque o secretario do nosso colaborador lhe imita o estylo muito bem. Vamos ao preço.

O ajuste foi concluido. No dia seguinte, Camillo Pelletan, antigo ministro da marinha, se occupava da politica brasileira e da crise da nossa successão presidencial, com uma subtilza e um conhecimento de causa incomparaveis. O seu secretario escrevera e assignara o artigo por elle, que só teve no caso uma surpresa, aliás amavel: a remessa de um cbeque, na estação de aguas onde se achava, por aquelle artigo extra, em que gentilmente, a redacção lhe puzera a assignatura.

A. CHATEAUBRIAND

(Do "*Correio da Manhã*", Rio)

OS REIS DUM DIA

Nos ominosos tempos da corrupta e decrepita monarchia, como lá dizia o outro, era velho uso colonial e patriarchal fazer todos os annos o Rei dos Congos e o Imperador do Divino. Para a maior gloria de taes soberanos momentaneos e apalhaçados, de mãos dadas concorriam particulares e poderes publicos civil e religioso. O Rei dos Congos, escolhido pela escravaria, e o Imperador do Divino, que devia ir sob o pallio da procição do Espirito Santo, eram os verdadeiros monarchas do dia e tinham até o direito de arranjar a graça dos condemnados.

O costume não era original do Brasil. Vinha de longe, da idade média, em que o Papa dos Loucos mandava, durante um dia, na cidade em que era eleito; dos reis de Carnaval da Roma antiga e de semelhantes habitos orientaes ainda mais velhos e já perdidos na noite dos tempos. Entre nós, com a Republica, cujo começo foi o dominio do positivismo ridiculo, que quiz matar todas as nossas tradições, desapareceram o rei preto e o imperador menino. Na França, entretanto, as instituições republicanas não conseguiram assassinar a velha "Reine des Halles", que Napoleão já respeitava.

Não só sobre a terra se verifica a existencia da antiga usança de dar um

dia de plena liberdade aos bomens de condição inferior, não qual elles possam gozar plenamente as delicias de se não sentirem sob as ordens de outro chefe, senão daquelle que elegeram por livre e espontanea vontade, podendo julgar-se iguaes aos que os commandavam até aquelle dia e após elle continuarão a commandal-os.

Sobre o mar tambem existe o rei dum dia, mais poderoso até que o cocheiro-chefe da facção vencedora, azul ou verde, no antigo hippodromo de Bysancio, cujas rixas faziam ás vezes perder o throno o basileus pallido que as assistia do alto do Cathisma ornamentado como a tampa dum relicario.

Neptuno, rei do mar, das sereias, dos polypos, dos monstros marinhos e dos navios, é um marinheiro escolhido pelos seus pares, no dia em que o barco no qual vivem atravessa o Equador. Não é tão antigo como o Papa dos Loucos ou o Rei do Carnaval, o soberano do mar, porque é relativamente recente a data em que começaram os navios a passar além da linha equatorial, avisando o surgir do fundo do oceano, como o lembrou Heredia, a multidão das novas constellações: a Lyra, o Centauro, o Escorpião e, "abrindo os braços de luz", o Cruzeiro do Sul.

Certamente, não encontraremos esse costume nas naves phenicias ou punicas nem nas tirremes gregas. Ainda não o acharemos nos galeões grossos de Veneza ou nas palandrias bysantinas de velas côr de purpura antiga. Mas já o veremos nas náos da Índia e nas caravellas que partiam de Palos, de Sagres e do Tejo, com os velachos, os trauctes, as mesenas e os latinos enfundados, como as azas brancas das gaivotas. Depois, nunca mais houve embarcações que transpuzessem a linha, que não tivessem a bordo as scenas tradicionais de Neptuno e Amphitrite presidindo o baptismo dos neophytos, isto é, daquelles que nunca atravessaram o Equador.

O vapor matou as velas brancas, mas berdou o habito que se creára com ellas e a bordo dos transatlanticos ou encouraçados nunca se deixou de eleger o rei do mar nem de se realizar o baptismo tradicional.

Mesmo a presença de hospedes illustres a hordo não impede que a maruja se divirta do mesmo modo. Quando o "Northumberland" demandava Santa Helena, com Napoleão prisioneiro, a scena nepturiana se passou na presença do vencido de Waterloo, cujo olhar vago mal pousou na face pintada a vermelho de Neptuno caricatural e cujos labios pallidos nem sorriram diante das cambalhotas desastradas dos baptisandos na tina dagua suja.

A cerimonia da passagem da linha obedece a ritos estatuidos desde longa data. Na vespera, a maruja elege Neptuno, escolhendo Amphitrite e os demais membros da côrte, entre os que já atravessaram o Equador. Quasi sempre, Neptuno é o marinheiro que já passou a linha o maior numero de vezes. A' tarde, o secretario do deus apparece no tombadilho a communicar ao commandante a chegada do seu soberano no dia seguinte ás tantas horas, sendo recebido com todas as formalidades da pragmatica militar ou simplesmente maritima, conforme o navio é de guerra ou mercante.

No dia seguinte, á bora determinada, Neptuno surge no convéz, seguido de sua côrte, na qual figuram Amphitrite e suas damas, o seu almirante, o general das suas tropas, o seu chefe de navegação, carrascos, barbeiros, escribas e sereias, todos marinheiros, disfarçados de modo engraçado e curioso. No meio da embarcação, ha, estendida, uma linha vermelha. Neptuno corta-a com uma grande tesoura. Está transposto o Equador.

Desde sua chegada a bordo, é elle o Papa dos Loucos da marinagem, o Rei dos Congos, o Imperador do Divino daquelle dia. Todo o mundo lhe obedece, desde o commandante até o derradeiro taifeiro. Na verga do mastro grande, iça-se a sua bandeira e elle pára ou governa o navio ao seu bel prazer. Tem guarda de honra, toques de corneta, armas apresentadas e pôde mesmo fazer perdoar os marinheiros que estão de castigo. Depois de sentar-se no throno que lhe preparam, começam seus carrascos a ensaboar e dar banho, com mergulhos e outros trotes, em todos os neophytos.

Essa velha tradição terrestre e marítima dos reis dum dia, máo grado o materialismo dos tempos que correm e o esquecimento constante das velhas cousas, ainda não morreu. Hontem, assisti, a bordo deste encouraçado americano, o maior do mundo, á chegada de Neptuno com o cerimonial da praxe antiga, recebido pela officialidade de espada e luvas, pela guarnição formada. Vinha seguido de toda a sua côrte, içou a bordo o seu pavilhão, commandou o navio, perdoou tripulantes de castigo e fez baptisar na piscina de natção, pelos seus carrascos e sercias, officiaes e marinheiros que ainda não tinham atravessado a linba. E por meio dia me julguei a bordo das náos antigas, cujas velas alvas corriam sobre o mar, roçando as vagas espumantes como as azas brancas das gaiotas...

JOAO DO NORTE

(*Da Gazeta de Noticias*, Rio)

UMA VELHA QUESTAO ACADEMICA

A reforma da orthographia

Parece que d'esta vez a Academia brasileira vae dar uma solução definitiva á velha questão da orthographia.

Vae fazel-o na ultima sessão d'este anno, por uma proposta assignada pela maioria dos socios d'aquelle instituto.

A proposta revoga todas as disposições anteriores da reforma graphica e faz voltar a questão ao "statu quo", desinteressando-se de todos os systemas e theorias dos neographos da actualidade. Reconbece, pois, a existencia e a generalidade evidente da graphica antiga ou usual que tem resistido aos pruridos de reforma phonetica.

É um acto de tolerancia, de liberalidade, e de bom senso, que exonera os academicos da obrigação (aliás quasi nunca observada), de seguir um systema de escripta repudiado da opinião publica e de todos os brasileiros que escrevem.

Acresce que á nossa educação latina, quasi exclusivamente feita pela França, e á nossa longa e uniforme tradição litteraria, repugna a alteração das antigas imagens com que se vestiram as nossas idéas.

Mas, acima de tudo, a experiencia demonstrou a inutilidade da tentativa.

A imprensa brasileira não prestou ouvidos á deliberação academica.

Uma grande folha de S. Paulo, tendo a infeliz lembrança de adoptar a reforma portugueza, recebeu logo a advertencia (e não sem prejuizo de vulto), de que não podia proseguir no caminho. E logo voltou atraz. Essa questão orthographica que ha mais de um decennio agita as duas academias litterarias, a do Brasil e a de Portugal, volta, pois, de novo na melhor oportunidade, a preoccupar a attenção.

Acreditamos que está inteiramente morta a tendencia simplificadoradora que produziu, cá e lá, varias reformas ou revisões supplementares, estereis, em pura perda.

Realmente, a orthographia deve ser um trabalho nacional que reuna e não disperse, que unifique e não fragmente as tendencias communs.

Não pode ser a combinação clandestina ou a especie de cabala em que se comprazem algumas sociedades restrictas, sem echo na opinião.

A verdade é que a experiencia, que não faltou, de quasi vinte annos, deixou evidente a repulsa e até a repugnancia da imprensa, de auctores e amanuenses por uma forma de escripta que parecia impertinente e inoportuna.

Não a quizeram os escriptores, não a quiz o publico, nem a quiz a imprensa. Alguns solitarios seguidores do systema restaram "vozes clamantes in deserto". E estes mesmos simplistas não guardaram inteira disciplina e fizeram reservas acerca de certas particularidades.

De modo que o pequenino grupo de fieis se contaminou de inconsequencia e de anarchia.

Os mesmos que baviam contribuido para a reforma reconbeceram a tempo a inutilidade da empreza que tomaram a hombros. E não só a reconheceram, verificaram que na pratica as coisas eram diversas e fugiram á toleima da logica ou da coherencia com o absurdo.

Estimulado provavelmente pela reforma da nossa Academia, o governo portuguez nomeou uma commissão de homens doutos que por sua vez elaborassem a nova —



Orthographia decretada, como era justo e natural, para "Portugal e suas colonias".

Fizeram a promessa de uma consulta illusoria á Academia brasileira, do que, por fim, prescindiram.

Desde logo, o lusismo inveterado de uma parte dos nossos letrados viu naquelle decreto uma taboia de salvação que vinha a proposito no naufragio da reforma phonetica.

Buscaram adherir á reforma portugueza, que mantinha os mesmos defeitos e ainda maiores inconvenientes sobre os das nossas tentativas.

Alguns professores primarios de S. Paulo pediram a adopção da orthographia do governo portuguez. A essa primeira e imprudente manifestação, respondeu a nossa Academia com alevantado protesto, defendendo a nossa injusta diminuição inexplicavel deante da displicencia geral pela neographia academica.

O presidente de São Paulo, Rodrigues Alves, teve o bom senso de indeferir o pedido dos professores paulistas.

Continuava, entretanto, em surdina, mas pertinaz, ainda que raro e pouco significativo, o espirito de submissão ao decreto portuguez.

Foi por um periodo silencioso da Academia (em que só figuravam oito ou dez academicos para quarenta do seu numero), que alguns lusophilos da incoercivel tempera consumaram a submissão desejada, fazendo passar como nossa a reforma portugueza, revogando o antigo protesto de que foi orgão por escolha da companhia o saudoso José Verissimo, e annullando todas as disposições anteriores discutidas, acceitas e votadas na materia.

D'esta arte, dez academicos puzeram termo á questão, sem audiencia do maior numero, e adoptaram o decreto portuguez, "ipsis verbis et ipsis literis".

Não sei se isso cairia em desagrado ou em ridiculez. Caiu em meio ainda peor, caiu no vacuo absoluto.

Ninguem tomou nota ou reparou sequer n'essa resolução anodyna, disparatada e secreta. Nem, ao menos, conseguiu a agitação do outro tempo.

A imprensa, a literatura, os auctores, continuaram indifferentes áquella fermentação serodia e improductiva.

Os fieis ainda eram os mesmos sujeitos, discordes, anarchicos, em qualquer caso raros e rarissimos.

Convém dizer que em Portugal as coisas seguiam com proporcional indifferença ou indisciplina. As publicações officiaes, os livros didacticos, apparecem, de facto, escriptos segundo a neographia official e obrigatoria; mas varios escriptores guardam inteira independencia. Aqui mesmo, temos registrado e criticado livros portuguezes, como os do conde de Sabugosa, que não seguem a orthographia official e adoptam a usual, e a antiga. Outros, como Lucio de Azevedo seguem naturalmente a graphia official nas publicações da Academia de Sciencias, mas quando publicam trabalhos sem o bafejo ou os auspicios d'aquella instituição (por exemplo a, — Historia de A. Vieira —), recobram a liberdade de escrever, e seguem a orthographia tradicional e antiga.

Assim, tanto em Portugal (onde a neographia phonetica é lei da Republica), como no Brasil, onde é apenas a tenaz impertinencia de meia duzia de excentricos amadores de singularidade ou de exotismo, estão inteiramente mortas de inanição as cacographias academicas e phoneticas.

Se ninguem as quer! e que coisa peor poderia haver para ellas, que o não serem queridas!

Pouco adianta lembrar ou discutir os varios aspectos da questão. A mania (outro nome não merece) que fez dar a essa convenção de alguns estudiosos portuguezes o titulo de "obra scientifica" não desperta mais que um commentario jovial.

A neographia simplificadoradora nem é sonica nem etymologica nem tradicional. Só por não ser tradicional deixa de ser scientifica, porque toda a sciencia da linguagem é essencialmente historica e trabalha sobre a tradição.

É um "volapuk", ou "esperanto", graphico qualquer, que parece corresponder, um momento, ás conveniencias de brevidade e facilidade stenographica.

É o ultimo vestigio na civilização portugueza das virtudes crematorias dos autos de fé.

Não era preciso ir tão longe no incendio das effigies e das imagens. A iconoclastia phonetica podia abster-se de tão criminosos excessos.



Nos ultimos tempos a meticulosidade dos estudos phoneticos parecia reclamar imagens mais fiéis.

Em geral, os anatomicos não veem a alma e tomam o esqueleto pela vida.

Pensam, talvez, na commodidade dos caixeiros viajantes, da gente cosmopolita que não sente a profundidade do tempo e se contenta da presença do espaço e da paisagem actual.

O que ha atraz d'isso não lhes interessa.

A tendencia phonetica em verdade, é na escripta uma aspiração antiga que só é possível realizar, em todas as linguas, por uma acção superficial, moderada, diuturna, longa, discreta e limitada e pequenas alterações successivas e accumuladas.

Aqui, como alhures, a theoria ou o systema das catastrophes é contraproducente, sobre falsa e inutil. Não é da noite para o dia, como na semana da Creação, que se transforma sete vezes a face do mundo.

A Academia avaliou mal e erradamente as suas forças e suppoz que as indicações microscopicas do seu sismographo, familiar iriam subverter n'um terremoto a supposta inercia de coisas antigas e longevas.

Agora (de Philippe a dormir para Philippe acordado) a Academia mais completa em seu "quorum", por grande e experiente maioria e não por dez vezes reunidas eventualmente, irá dizer effectivamente se lhe convem sair na via publica com mascaras a perguntar pelas outras... que se deixaram ficar em casa.

A verdade logo se tornou evidente desde o começo da reforma phonetica. Machado de Assis submetteu-se disciplinadamente, mas logo entregou a um revisor habil o cuidado das palavras ao seu parecer, picadas de variola ou da traça do futuro desfiguradas e irreconheciveis.

Outros (e pessoalmente me conto n'este numero) tentaram a experiencia difficil e ingrata, e ainda guardam a lembrança horrivel dos vocabulos em mangas de camisa, despidos, desnudos, sem chapéo ou sem sapatos.

Por evitar a etymologia que os levava aos trajes do Lacio, agora a phonetica os atirava á longinqua indumentaria do Paes Adão.

Em geral, nas pessoas e nos espiritos de insegura educação classica, o passado não resurge, a tradição é uma nevoa informe e silenciosa, sem linhas e sem vozes. D'ahi a facilidade de "tabula rasa" com que tudo acceptam.

A maior parte, porem, ainda que ignore o passado, conserva em si o "inconsciente" que é o maior quinhão, o mais indispensavel do espirito, e é o que poderiamos chamar a physiognomia da especie. O individuo é sempre uma alteração infinitesimal sobre essa invencivel e obscura massa da vida.

O individuo propõe, mas a especie dispõe.

As tradições humanas, litterarias ou de qualquer ordem, arruinam-se lentamente por esfoliações granulares e imperceptiveis. A obra orthographica é, de natureza, secular.

As imagens e os hieroglyphos apagam-se de extincção propria quando lhes minua vitalidade.

Este é o momento e o outomno das coisas.

Os allemães quizeram, de uma feita, supprimir com enorme discreção e parcimonia alguns poucos "h" "h" incommodos do meio de varias palavras e assim o fizeram. Mas logo perceberam que "ruhm", gloria "rhum" caxaca, ficavam reduzidos a uma unica imagem. E logo decidiram que a "gloria" pelo menos merecia não a forca, mas a gravata inutil de um "h".

Hoje a falta da gloria dispensaria talvez a ohnoxia excepção.

E, entretanto, a reforma não passava de minusculas alterações litterarias.

Na França, como na Inglaterra a attitude — excessiva dos reformistas não tem conseguido mais nem melhor que algumas regras de tolerancia na complicação insolita dos particípios. E o pouquissimo que lá se tem feito em uma ou outra circumstancia, temos cá a pachorra de o ir copiando elegantemente, insensivelmente, franciezmente.

No inglez, os absurdos phoneticos chegariam a desesperação. Segundo o dito popular, em inglez, a palavra "chá" lê-se "café" e significa "chocolate".

Repetiu-o Candido de Figueiredo.

A gente hritannica cultiva o esplendido isolamento; e todo inglez, como dizia Novalis, é uma ilha.

Chá, ou chocolate, "con su pan se lo coma".

Resta a Hespanha que se não creou lentamente uma graphia etymologica foi porque não temia a ameaça portugueza. E foi de facto, por patriotismo e anti-liberismo que Portugal a pouco e pouco latinizou desde o seculo XVI a sua escripta.

Quando o Brasil começou a ter uma litteratura regional (e foi naquelle seculo) de herança recebeu a ortographia etymologica.

Conservemol-a, como traço differencial e imagem familiar e domestica. Não convem extirpar as coisas inuteis e superfluas que tanta belleza dão a utilidades grossas e expropriaveis.

JOÃO RIBEIRO.

(Do "Diario de Pernambuco").

GECA TATÚ, PESCADOR...

Era a vez primeira que realizava uma travessia perigosa, isto á mingoa de energia, ou talvez por amizade a uma creatura de minba estima, a quem, desde os dias mais louros da infancia, me sinto ligado por estreitos laços duma irresistivel sympathy mental. Fui. A canôa, muito comprida, já gasta por um serviço continuado, deslisava calmamente sobre as aguas do Sanbauá.

Sentados, eu e o meu amigo, dr. Henrique de Almeida Filho, divagavamos sobre o destino das coisas, ambos senhores de horisontes philosophicos mais ou menos oppostos, cada qual blindado nos conhecimentos que a vida proporcionára num breve curso, quando o pescador, caboclo baixo, ainda joven, cara picada pela bexiga, calcanhares rachados e unhas comidas pelo sal marinho, nos chamou a attenção, entre delicadeza e timidez, indicando com o labio inferior:

— Alli fica o Boqueirão, mais adiante a Iba dos Coqueiros, além a Stuart, depois o Tiriry! Ha cinco annos que não venho a essas bandas. Não encontro differença, acreditem.

Voz de cerimonia o nosso amavel Géca Tatú, meio enfiado com a espontaneidade de sua franca expansão, affigurava-se-me tal qual o typo que a ardente imaginação de Monteiro Lobato déra tintas de ridiculo, criticando-o com o seu claro tino de escriptor elegante e definitivo.

— E' verdade. Que lindo panorama! Jámais imaginára que a minha terra, aqui bem perto, ás suas barbas, possuísse tanta natureza jubilosa, tanta formosura, tanta harmonia, tantas riquezas inteiramente abandonadas á sorte de tempos meliores...

O rio estava calmo na serenidade de sua belleza. Atirei, então, com violenta caricia, uma pequena pedra que tinha ás mãos. A agua, ferida, arripiou-se, formando um circulo ondulante, que se alargou, ampliando-se, crescendo até morrer...

Assim á direita, os *sapateiros* se agitavam ao vento nordeste, que soprava tepidamente. Os carangueijos corriam de patas abertas, emquanto o *chama maré* se abanava negligentemente, num rythmo de quem sente calor, deseja viver e ausentarse das vistas humanas.

— E os coloridos de negro e encarnado?

— São os aratús. Que *ponche* bom, meu mocinho! As vezes, quando não consigo pescar fóra, venho até aqui e, munido de dois páus, a bater um no outro, assobiando alto, arrebanho o maior numero possivel, levando-os para casa em cordas pezadas. Que *ponche!*

— E' assim, hein?

— Quando ha carinho, que nunca vem, fica até uma delicia, sem haver necessidade de tempeiro algum.

— E você vive mal com sua esposa?

— Qual! Esse *povo* não me faz falta. Tenho a minha mãe velhinha, e bastante doente, para dar de comer.

— Mas, isto não lhe impede de procurar uma companheira fiel.

— Não, não *magino* em mulheres, pois a venda do Tiburcio cada dia que se passa mais careira fica. Um horror, um fim de mundo.

— Ha-de melhorar. O inverno vae ser de fevereiro a outubro.

O pescador, suspirando, continuou a remar, exhibindo forças, em vista dos largos elogios propositaes que faziam aos seus musculos sêccos e lustrosos.

A expressão é tudo... Via naquella alma de analfabeto intelligente, feliz na escuridão de sua completa ignorância, a photographia de milhares e milhões de outras semelbantes, tão desoladoramente espalhadas no littoral e no vasto *hinterland* brasileiro. A minba tristeza cresceu, tornando vulto...

—Trabalho de sol a sol, meus mocinhos, e, abaixo de Deus, este Sanhauá é o meu pae e o meu patrão.

— Ganba muito...

— Nem sempre. Amanheço muita vez sem sentir o *cheiro* dum vintem. Não ha movimento de vapores. As barcaças chegam de mez em mez.

— O porto vae ser feito e você, então, ha-de vêr muito dinheiro ao seu alcance. Os homens estão fazendo tudo para que seja brevemente construído um amplo caes. A Parahyba vae ficar rica, brilhante e ninguém mais terá dificuldades...

— Ah, Deus querendo!

— E você acredita nelle?

— Ora, nem se pergunta. Dependemos de Deus, que nos governa com superioridade, justiça e sabedoria. Os homens não valem nada. Aparecem na terra e *um dia* vão voltando de olhos fechados. Não tenho, a falar positivo, nenhuma confiança nas suas promessas.

— Então para que vae ás eleições?

— Quem disse que eu sabia lêr? Também não mantenbo lá essas amizades com gente branca, que não conheço e não vejo nunca.

— Sabe, porém, quem é o presidente do Estado...

— Não senhor.

— E o da Republica?

— ! ? !

Fez-se mudo. Depois meneou levemente a cabeça, sorrindo, impulsionando os braços com o remo, dizendo-me num tom de ingenuidade:

— Quer divertir-se commigo. Sou *sarado*... Pensa que acredito no que está a dizer. O moço bem comprehende que para mim só existe um homem, e esse é o meu padrinho, o commendador Santos Coêlho.

— Sei quem é...

— Pois.

Havíamos atravessado o rio, que começava a encher, encrespando-se chispante á luz solar, enorme, parecendo áquellas horas vespertinas, o mar esverdeado que afaga ás nossas praias num perenne sus-surro de queixa e amor.

Saltámos, enfim, na Ilha Stuart e, alargando os olhos desmesuradamente, depa-rava-se-nos a capital lá em cima: uma viva perspectiva de chacara erguida com elegancia no apice duma colina, a ostentar o

esplendor duma esmeralda vegetativa, que o labyrintho de mangues e ilhotas fornava uma como intensa palpitação de forças telluricas e eternas.

ADHEMAR VIDAL.

(Da "União", Parahyba do Norte).

AS TABOLETAS EM VERNACULO

A muito nobre Edilidade
Desta mui pobre capital
Quiz dar-lhe prova de amizade,
Melhor: — de amor, intenso e leal.

Pois que entre gente bem nascida
Habito é velho e de bom tom
A offerta, á dama preferida,
De um mimo, em dia de anno bom,

Por um vilão porque a não tomem
Dar o seu mimo tambem quer;
(Em tempo: a Edilidade é homem,
Pezar do nome de mulher...)

Pensa no mimo que daria,
Em dez, em vinte, em trinta, em cem;
Mas que presente agradaria
A' filha audaz do velho Mem?

Palacios novos de architectura
"Virzi, Maria!" os pés para o ar?
Lenções immensos de verdura,
Seccando ao sol, á beira mar?

Acceita a idéa e approvada,
Entre palmas effusivas,
Acclamações, urrahs, vivas
Foi logo em lei transformada.

O prefeito sancionou-a
E o mesmo fez o Zé Povo,
Que applaude tudo que é novo,
Mesmo coisa que lhe dóa.

Por isso a *Notre Dame* já boje a vemos
Mudada em *Nobre Doma de Paris*
Na *Maison Chic* a *Mesa Chica* temos;
E o *Paradis* cbrismou-se; é — *O Pará* diz!

E' a *Red Star*, — *Arreda Estrodo*; o *Parc*
E' o "*Par que...*" vae ás compras. *La*
[*Poupée*

E' "*a Poupada*". Que tudo se remarque
Conforme a traducção que melhor dê.



Petit Marché traduz-se, facilmente,
O *Petit do Marquez*. A *Light* é a *Lata*
Que atada ao rabo leva eternamente
Esta nobre cidade, nobre gata!

O melhor mimo, portanto,
Para a cidade amantíssima,
Será uma lei urgentíssima
Que passe sem discussões:
Hale em cada canto
Se imponha o dizer immaculo
Do purissimo vernaculo
Do Sór Luiz Vaz de Camões.

Seja a "lei das Taboletas"
Seja a lei taboletifera
Contra essa invasão pestifera
De francez, inglez ou chim!
Em letras grandes, bem pretas
Em lingua luza, castilica
ou, quando muito, brasilica,
Bororó ou tupiniquim,

Sejam graphados os nomes
Em typos simples ou artisticos
Nas taboletas, nos disticos
Do commercio grosso ou não:
Haute Gomme? — *O outro Gomes* —
Sem mais aquella, traduz-se;
e *Le Grand Palais* reduza-se
A um termo só — Palação.

Novas, modernas avenidas,
De norte a leste, oeste a sul,
Cortando o mappa? e mais compridas
Que as pernas finas do Raul?

Novas estradas suburbanas
A Guaratiba, a Camboatá,
Para o intercambio das bananas
E o alto commercio do fubá?

"Mas que alto dom, galante e regio,
Far-te-emos nós, pobres edis?
Se tu já tens o privilegio
De fazer figas a Paris?!

Mas eis que uma voz se escuta
Entre os edis. Fala trémula:
"Nós, esta cidade, vemol-a
Só no aspecto material.
E nisso ella é, sem disputa,
A mais linda, não da America,
Mas de toda a crosta espherica
Deste mundo espheroidal.

Encaremol-a, senbores,
Não pelo seu lado esthetico,
Porém, de um modo syntbetico
Pelo moral, mais subil;
Que vemos? Negros horrores!
As taboletas, os disticos,
Com dizeres cabalisticos,
Escriptos em linguas mil!

CURIOSA COLLECÇÃO ZOOLOGICA

Alem da zoologia official, dos natura-
listas, ha uma zoologia profana, criada
pelo povo para o seu uzo e que não cabe
nos compendios dos sabios.

A guiza de "panopticum" vamos inau-
gurar aqui um museu creado pela lin-
guagem popular e, de accordo com a
praxe uzada por occasião de inaugura-
ções de institutos semelbantes, pedimos
escusas aos visitantes por abrimos as
portas de colleções ainda tão pobres
quando sabemos que ha por abi tantos
especimens não representados nas vitri-
nes. Os curiosos são desde já convidados
a collaborar nesta collectanea que, des-
pida de outros meritos, ao menos pôde
ser taxada de bem curiosa.

Entrando na sala dos mammíferos de-
frontamos logo com o *macaco* (não o de
Darwin, dito nosso antepassado) sob for-
ma de um aparelho engenhoso, que ser-
ve para levantar grandes pesos, espe-
cialmente carruagens, etc.

Segue-se o *cavallo*, que aqui é o tron-
co de qualquer especie vegetal, e que
leva um enxerto nobre. Vemos ain-
da o *burro*, de uso dos alumnos vadios,
os quaes, só com seu auxilio conseguem
traduções primorosas. O *cão* figura na
espingarda, o *gato* nos trabalbos typo-
graphbicos de mão compositor; a *porca*
está na rosca de um parafuso, o *carneiro*
no cemiterio; o *bóde* é um simples mu-
lato, o qual ao mesmo tempo pôde ser
onça si é valente, e *cabra* se é "esco-
vado".

A sala das aves é menos rica: temos
apenas a *andorinha* que faz as mudan-
ças de mobillarios, o *tico-tico*, serra muito
fina armada entre as duas pontas de um
arco de ferro; o *gallo*, apezar de preoc-
upar bastante o seu proprietario, pouco
interessa os clinicos, porque é apenas
consequencia passageira de uma pancada

na cabeça. Ha duas especies de *papa-gaios*, sendo que ambos são de papel; mas um é brinquedo innocente das creanças que o "empinam" ao passo que o da outra especie é um documento de divida que ao menos o credor considera cousa muito seria; mas em geral poucos gostam de receber taes aves, para não serem considerados *araras*, especimen que tambem figura nas nossas vitrines.

Das outras classes de vertebrados podemos mostrar apenas as seguintes: o *sapo* dos jogadores, onde este animal é de facto amphibio, porque é sapo sómente emquanto é "de fóra", deixando de o ser logo que entra para a roda. Durante a sua mocidade, como *sapinho*, esse curioso animal pertence á collecção medica, como mal das creanças de peito. O *jacaré* é da gyria dos ferroviarios, tendo como parte principal a agulha dos desvios.

O salão dos arthropodes contem: o *carangueijo*, especie de tenaz com alavanca, que serve para segurar o arame que se quer bem esticado; a *aranha* é um typo de vehiculo ligeiro de duas rodas, de especial predilecção dos italianos mais abastados que ainda não querem ou não podem sustentar o luxo de um automovel. Entre os insectos notamos: o *percevejo*, vulgo tacha de desenhista, o *grillo*, terrivel classe de usurpadores de terras

alheias; *borboleta* companheira da "porca", mas provida de duas azas que facilitam a acção de apertal-a.

Da *mosca* ha duas especies, congengeres, pois ambas são destinadas a enfeitar o rosto humano — o sexo barbado temna sempre abaixo do labio, ao passo que as moças criam-na em qualquer parte do rosto, hoje aqui amanbã acolá, pela simples applicação de um pedacinho redondo de tafetá preto; o *gafanhoto* é bicho de origem ainda recente e designa o menor retalho dos bilhetes de loteria.

Na classe dos seres inferiores encontramos especies de subido valor — são os *solitarios*, não vermes, mas diamantinos e que tem parentes bem mais pobres, que são as *bichas*. A *concha* faz as vezes da colher.

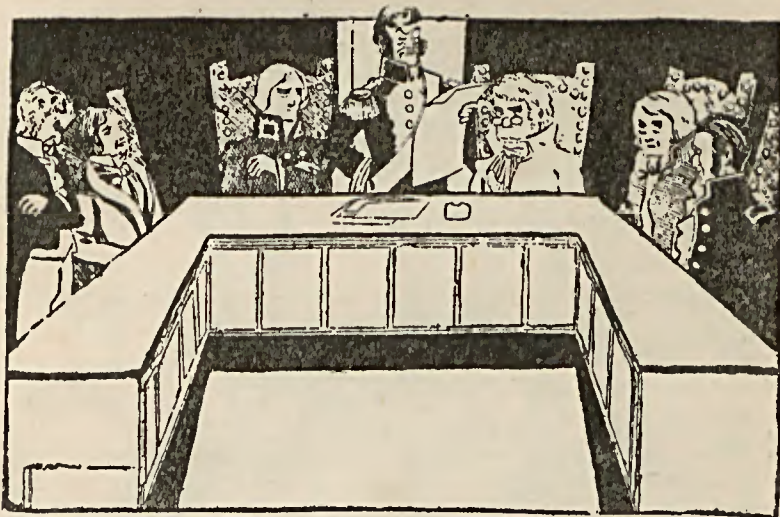
Em uma sala especial o director do museu reuniu todos aquelles seres infelizes que por qualquer motivo especial soffreram o vexame de serem comparados a certos homens. Ahi estão: o *porco*, o *burro*, o *camello*, *zebra*, *cabra*, *onça*, *bôde*, *rato*, *arara*, *lesma*; outros são apenas lembrados pelas suas qualidades: *leonina*, *abelhuda*, *viçerina*.

Felizmente todos esses animaes ignorarão para sempre esse juizo que delles fazemos...

R. v. I.



CARICATURAS DO MEZ



A inauguração da Academia dos Esquecidos, em 7 de Março de 1724, segundo um desenho da época

Por ser um dos mais modestos colleccionadores de cadeixos, alguém da "A Rua" lembrou-se de explorar a minha paciência em beneficio da curiosidade de outros, e isso só porque os doutos e profissionaes de nossa "fossilograpbia" não podem dispensar, em vespéras do primeiro centenário de nossa independéncia, as energias que lhes exigem as obras monumentaes que no momento preparam.

Como sou um desconhecido amator de nossa historia medica não me envergonbo de satisfazer em momento de apuro, a curiosidade alheia, desde que possam ser solucionadas por meus libricos.

Sem possibilidade de ser algum dia douto ou profissional "fissilograpbo", não excavo senão para leitores leigos, o que quer dizer que copilo sem commentar.

Pedem-me noticias sobre a primeira sociedade literaria fundada no Brasil, isto é sobre a Academia Brasilica dos Esquecidos, que por iniciativa de D. Vasco Fernandes Cezar de Menezes, vice-rei do Brasil, foi creada na cidade da Babia na tarde do dia 7 de Março do anno de 1724.

A essa sessão preparatoria, realizada no palacio do vice-rei, compareceram, convidados por D. Vasco Fernandes Cezar de Menezes, o padre Gonçalo Soares de Franca, o desembargador Caetano de Brito Figueiredo, o desembargador Luiz de Siqueira da Gama, o dr. Ignacio Barboza Machado, o coronel Sebastião da Rocha Pita, o capitão João de Brito Lima e José da Cunba Cardozo, os quaes discutiram e combinarão as bases da nova sociedade.

A Academia dos Esquecidos, continuando a funcionar no palacio do vice-rei, realisava a sua sessão inaugural a 23 de Abril do anno de sua fundação.

A existencia da Academia dos Esquecidos foi epemera, pois, após ter realizado algumas sessões quizenaes, dissolvía-se com a ultima, que teve logar a 4 de Fevereiro de 1725.

Entre os trabalhos apresentados a essa sociedade, que tinha como principal objectivo o estudo da historia brasilica, posso citar: "Dissertação da Historia Ecclesiastica do Brasil" pelo padre Gonçalo Soares de Franca.

Os principais academicos da Academia dos Esquecidos faziam isso de pseudonymos, assim é que vemos os sete que acima mencionamos usarem os seguintes appellidos: *obsequioso*, *nubiloso*, *ocupado*, *laborioso*, *infeliz*, *venturoso*, e *vago* que se reservava para o historiador Sebastião da Rocha Pita.

A Academia Brasilica dos Esquecidos, ainda que não primasse, pelos elogios mutuos, foi bem uma sociedade, onde os encomios ao vice-rei chegaram ao ridiculo e em suas sessões, o fito historico era quasi sempre afastado para dar logar á expansão da musa *engrossativa* dos esquecidos que se esforçaram por se fazerem lembrados do vice-rei.

Com as informações que acima dou, creio satisfazer, dentro de meu programma, a curiosidade alheia. — A. G. ("A Rua", Rio).

OS NAVIOS ALLEMAES



Mas se aos pombaes as pombas todas voltam,
Elles ás nossas mãos não voltam mais!

B. B. (Kosmos, S. Paulo)

E' PRECISO ESCLARECER...



— Um medico de Strasburgo affirma que a dyspepsia é uma scisma; e cita casos de individuos dispepticos que foram para a guerra e não mais se queixaram do mal.

— Mas, elle dá os nomes dos individuos, os numeros dos regimentos e diz em que combates morreram?

Oswaldo (O Jornal, Rio).

ESTRAGANDO A PAIZAGEM



— Quem seria capaz de nos adivinhar aqui?

— Cala-te, filha! Sabes lá de quanto é capaz um "cadaver"?

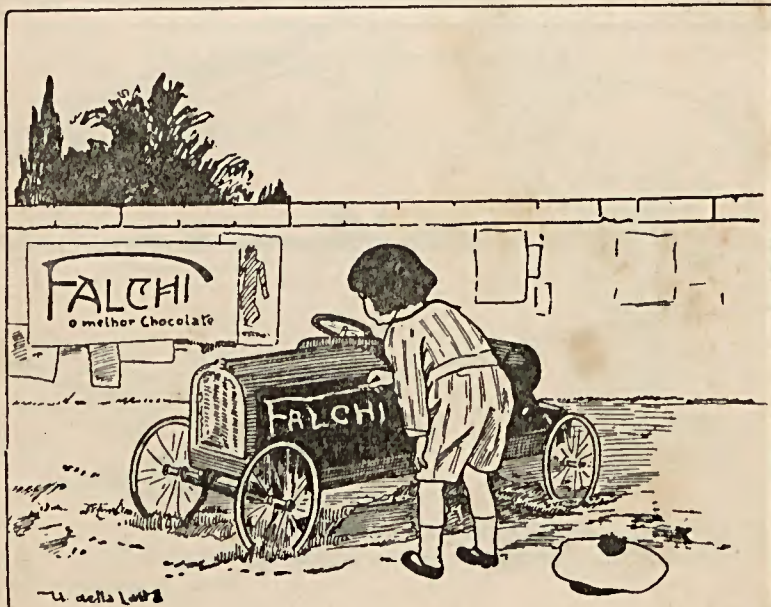
Fritz (D. Quirote — Rio).

O TRATADO DE PAZ COM A TURQUIA



A... systematização do Imperio Ottomano.

Voltolino (Pasquino, S. Paulo).



INDICE GERAL DO VOLUME XIII

N. 49 — Janeiro, 1920

	PAG.
<i>O Momento</i> , Redacção	3
<i>A arte religiosa no Brasil</i> , M. Moraes Andrade	5
<i>Magua que rala</i> , Lima Barreto (conclusão)	13
<i>Versos</i> , Carvalho Aranha	21
<i>Coisas de Espanha</i> , Martim Francisco	25
<i>Do archivo de Ubaldino do Amaral</i> (cartas de Salvador Mendonça e Prudente de Moraes)	34
<i>Paiz de ouro e esmeralda</i> , J. A. Nogueira	38
<i>A philosophia de J. Ingenieros</i> , H. Geenen.	44
<i>Na bacia do prata</i> , Alipio de M. Ribeiro	50
<i>Academia de Letras</i> , Arthur Motta	55
<i>Bibliographia</i> , Redacção	71
<i>Resenha do mez</i>	80

N. 50 — Fevereiro, 1920

<i>O Momento</i> , Redacção	93
<i>A arte religiosa no Brasil</i> , (II), M. Moraes de Andrade	95
<i>Tio Euzebio</i> , Albertino Moreira	104
<i>Dr. Ricardo G. Dauni</i> , C. Magalhães Azeredo	111
<i>Paiz de ouro e esmeralda</i> , J. A. Nogueira	116
<i>Coisas de Espanha</i> (II), Martim Francisco	121
<i>Os taboleiros alagoanos</i> , Octavio Brandão	132
<i>Na bacia do Prata</i> (II), Alipio de M. Ribeiro	137
<i>Versos</i> , Thales de Mello	144
<i>O segredo de Mauer</i> , R. Roquette-Pinto	147
<i>Academia de Letras</i> , Arthur Motta	152
<i>Bibliographia</i> , Redacção	165
<i>Resenha do mez</i>	169

N. 51 — Março, 1920

<i>O Momento</i> , Redacção	189
<i>Educação republicana</i> , Noé de Azevedo.	191
<i>O romance do Chupim</i> , Monteiro Lobato	196

	PAG.	
<i>Página relida</i> , C. Magalhães Azeredo	204	
Versos {	Paulo Setubal	212
	Basilio Magalhães	215
	Milton de Assis	217
<i>Afranio Peixoto</i> , Jackson de Figueiredo	218	
<i>Paiz de ouro e esmeralda</i> , J. A. Nogueira	229	
<i>Archipelago de Fernando de Noronha</i> , Yvon.	235	
<i>Calcutta</i> , Ed. Navarro de Andrade	241	
<i>Academia de Letras</i> , Arthur Motta	248	
<i>Autographos</i> , Silveira Martins	259	
<i>Bibliographia</i> , Redacção	261	
<i>Resenha do mez</i>	272	
<i>Caricaturas do mez</i>	282	

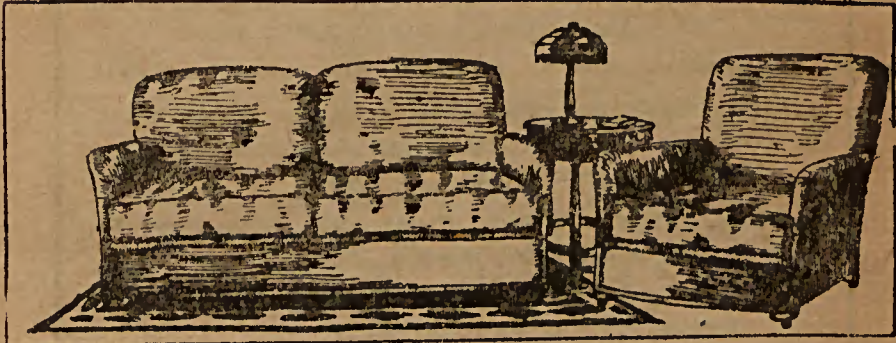
N. 52 — Abril, 1920

<i>O Momento</i> , Redacção	287
<i>Arte religiosa no Rio</i> , M. Moraes de Andrade.	289
<i>Bucho-de-Piaba</i> , Alberto Rangel	294
<i>A philosophia de J. Ingenieros</i> , H. Geenen	303
<i>Um episodio da Revolução Republicana de 1824</i> , Mario Mello	307
<i>Na India</i> , Ed. Navarro de Andrade.	311
<i>Paiz de ouro e esmeralda</i> , J. A. Nogueira	321
<i>Mães, por decreto...</i> , Hermes Fontes	325
<i>Versos</i> , Galeão Coutinho	329
<i>Afranio Peixoto</i> , Jackson de Figueiredo	332
<i>Estudos da lingua portugüesa</i> , Prof. F. Assis Cintra	338
<i>Academia de Letras</i> , Arthur Motta	344
<i>Bibliographia</i> , Redacção	356
<i>Resenha do mez</i>	364
<i>Caricaturas do mez</i>	377



MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

MOVEIS DE COURO



Fabricamos estes moveis pelo mesmo systema usado para os sofás e poltronas dos "Clubs" Londrinos. ———

São empregados couros dos melhores cortumes inglezes e todos os outros materiaes, de primeira qualidade.

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES

R. S. BENTO, esq. R. DIREITA — S. PAULO

PEREIRA IGNACIO & CIA.

Industriaes

FABRICA DE TECIDOS "PAULISTANA" E "LUSITANIA"
NESTA CAPITAL, E "LUCINDA", NA ESTAÇÃO DE
SÃO BERNARDO, (S. PAULO RAILWAY).

VENDORES DE FIOS DE ALGODÃO CRUS E MERCERISADOS.

COMPRADORES de Algodão em caroço em grande escala,
com machinas e AGENCIAS nas seguintes localida-
des todas do Estado de S. Paulo.

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Tieté, Avaré, Itapetininga, Pi-
rajú, Porto Feliz, Conchas, Campo Largo, Boituva,
Pyramboia, Monte Mór, Nova Odessa, Bernardino de
Campos, Bella Vista de Tatuhy.

GRANDES NEGOCIANTES de algodão em rama neste e nos
demais Estados algodoeiros, com Representações e
filiaes em Amazonas, Pará, Pernambuco, Bahia, Rio
de Janeiro, Rio Grande do Sul.

ESCRITORIO GERAL EM S. PAULO:

RUA DE SÃO BENTO N.º 47

TELEPHONES: 1536, 1537, 5296 - CENTRAL

CAIXA POSTAL, 931.

Proprietarios da conhecida
Água Mineral

"PLATINA"

Cognominada a Vichy Brasileira — A melhor Agua de
mesa — Acção Medicinal — A Platina cuja Fonte Cha-
padão, está situada na estação da Prata, é escrupulosa-
mente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbo-
natada sodica como a Vichy e é, como esta agua franceza

Vendida em garrafas escuras.

INDICADOR

ADVOGADOS:

Drs. SPENCER VAMPRE' SOARES DE ARAUJO, JAYME, NILO e CEZAR DE VASCONCELLOS — Rua Direita, 35, São Paulo — Rua do Rosario, 85, Rio de Janeiro.

Drs. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala, 3).

Dr. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clínica medica, especialmente das creanças. Res.: Rua Bella Cintra, 139. Cons.: Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

Dr. SALVADOR PEPE — Especialista em molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9, Telephone, 2296.

TABELLIAES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua Boa Vista, 58.

CORRETORES:

GABRIEL MALHANO — Corrector official, cambio e titulos — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Telephone, 393.

Dr. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corrector official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 — Tel. 323 — Res.: Rua Albuquerque Lins, 58. Tel. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal, 174. End. Telg. "Leonidas", São Paulo. Telephone, 626 Central. — Rua Alvares Penteado — São Paulo.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. — EMILIO ROCCO — Novidades em casemira ingleza — Importação directa. Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 3333 Cidade — S. Paulo.

Livraria Drummond

Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura-Revistas-Mappas-Material Escolar.

ED. DRUMMOND & CIA.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPHONE, NORTE 5667 — Endereço Telegr.: "LIVROMOND". — CAIXA POSTAL, 785. RIO DE JANEIRO.

Peçam á "REVISTA DO BRASIL" os Annaes de Eugenia, grosso volume com todos os trabalhos, conferencias e estudos da Sociedade Eugénica de S. Paulo. - Preço: 8\$000, incluido o porte.

DESCONTO DE 20 % AOS ASSIGNANTES E REVENDEDORES.

Vôo nupcial

Interessantissimo romance de costumes mineiros, por
Albertino Moreira.

Brochado - 3\$000

Pedidos á REVISTA DO BRASIL — Caixa, 2-B
S. PAULO.

Lampadas Electricas

DE FILAMENTO METALICO E MEIO WATT, PARA
TODAS AS VOLTAGENS.

Material para installação

Bombas com motores electricos

CASA DODSWORTH — COSTA CAMPOS & MALTA

RUA BOA VISTA, 44.

CAIXA, 962

SÃO PAULO.

Joallerie -- Horlogerie -- Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfévreries - Argent -
Bronzes et Marbres d'Art - Sérvices en
Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

AGUA INGLEZA
 TONICA
 FEBRIFUGA E APPERITIVA
GRANADO
 INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,
 IMPALUDISMO E CONVALESCENCAS

EXIJAM A
 NOSSA MARCA 
 RECUSEM AS IMITAÇÕES



QUINIU, CARNE,
 LACTO PHOSPHATO DE CAL,
 PEPSINA E GLYCERINA

VINHO
RECONSTITUINTE
GRANADO

TONICO E NUTRITIVO
 Na tuberculose,
 anemia, fraqueza,
 neurasthenia, etc.




 EXIJAM A NOSSA
 MARCA

HEMO - KOLA GRANADO

LIQUIDA E GRANULADA

Formula do *Dr. Faria Lobato* — Poços de Caldas

TONICO RECONSTITUINTE, VITALISANTE
 ENERGICO, ANTINEURASTHENICO, ANTIANEMICO.

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. -----

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.
DIRIGIR-SE A

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO



